

JORGE DORFMAN KNIJNIK

**FEMININOS E MASCULINOS NO FUTEBOL
BRASILEIRO**

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia
da Universidade de São Paulo como
requisito parcial para obtenção do grau de
doutor em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia Social e
do Trabalho.

Orientador: Prof. Dr. Esdras Guerreiro
Vasconcellos

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
SÃO PAULO - 2006

PROLEGÔMENOS À PESQUISA

Corra atrás quando sempre

Dessa lúdica fiança

Conviver entre as mulheres

Dá aos homens mais confiança

(Xandão).

Este é um projeto em que abordo quatro temas que, de diversas formas, foram se somando, se articulando e se entrelaçando em minha vida esportiva, profissional e acadêmica. Destaco agora estas temáticas sem nenhuma ordenação que não seja aquela da cronologia em que, por um lado fui me interessando por elas, e por outro, da maneira como foram se somando e do modo em que fui percebendo a sua articulação. São elas: o futebol, as relações de gênero na sociedade e no esporte, o stress nas pessoas e nas inter-relações humanas, e os direitos humanos.

Se aqui estes temas aparecem numa seqüência possivelmente lógica, em capítulos, talvez a “culpa” seja de nosso sistema linear de escrita, que, nos dizeres de Adorno, não permite representar vivamente a forma de nosso pensamento: uma forma circular, de idas e vindas, em que quase sempre as idéias surgem em conjunto, embaralhadas, e não na ordenação pressuposta por tal linearidade da escrita.

De fato, na minha reflexão, todos estes temas se articulam entre si, possuem não apenas pontos de contato e intersecção, mas sim estão em constante diálogo. É o que procuro pesquisar ao longo deste trabalho. Antes, contudo, algumas palavras para narrar de que modo estas temáticas apareceram, como comentado anteriormente, em minha vida, e como decidi fazer delas o tema deste projeto.

O futebol, e aqui deliberadamente assumo o risco de fazer esta grande generalização, faz parte da vida de todo o brasileiro. Da minha em particular, fez e continua parte integrante. Zagueiro central combativo (e medíocre) do Yuracan F.C. – “famoso” clube de futebol de praia do litoral sul paulista em décadas passadas -, sigo vibrando com os gols aos domingos, com o futebol tanto jogado no campo, como quanto possibilidade de pensar a cultura e a sociedade brasileiras.

Já do meu trabalho como técnico esportivo de handebol (algo a que me dediquei durante 14 anos), foi com equipes femininas que obtive minhas maiores vitórias e meus títulos mais importantes, chegando a fazer parte de comissões técnicas de selecionados nacionais. Deste envolvimento derivou-se o interesse pelas condições psicológicas e sociais de mulheres - atletas submetidas muitas vezes a treinos e esforços extenuantes.

Imbuído desta preocupação, ingressei no programa de mestrado em Educação Física, e fiz uma análise sobre o corpo da mulher atleta de handebol¹. Neste trabalho, diversas questões foram aprofundadas, como a história da mulher no esporte, o corpo da mulher atleta e sua relação com o público, entre outras, derivando daí um livro². No entanto, alguns pontos que propus e percebi durante aquele estudo, ficaram em aberto, para serem aprofundados e pesquisados ulteriormente.

Um deles, indubitavelmente se relaciona com a categoria *gênero*. Estudando a mulher, percebi claramente – e parece que este caminho foi também seguido por diversos teóricos – que, para efetivamente compreendê-la em diversos contextos sociais, e no esporte não poderia ser diferente, seria necessário estudar os aspectos relacionais dos gêneros, como eles se integram e são representados em nossa sociedade.

Estudando as mulheres no esporte destacou-se também a questão do stress, este que tem sido apontado como o *mal du siècle*. Nos últimos anos, estudos variados compararam e indicam que o stress, em sua faceta negativa (distress), tem sido mais cruel com as mulheres do que com os homens. Não é de hoje também que se aponta e se pesquisa a presença do stress nas várias dimensões do esporte, quer seja este em

¹ KNIJNIK, J. D. *Ser é ser percebido: uma radiografia da imagem corporal das atletas de handebol de alto nível no Brasil*. Escola de Educação Física e Esporte da USP, 2001.

² KNIJNIK, J.D. *A mulher brasileira e o esporte: seu corpo, sua história*. São Paulo, Editora Mackenzie, 2003.

nível educacional, infantil, ou de rendimento. E se o stress é um fato no esporte, se compararmos homens e mulheres, a balança penderia mais negativamente para estas? E se isso acontecer, em que as representações de gênero presentes no futebol brasileiro contribuiriam para mais esta dificuldade feminina no esporte?

Por fim, a presença dos direitos humanos, temática que sempre se colocou na minha trajetória de educador, diretamente ou como pano de fundo, horizonte normativo das ações e estudos. Menciono a educação por ser esta a minha formação original e primeira (sou licenciado em Educação Física), e mesmo a minha principal motivação à época do ingresso na Universidade. Assim, a educação esteve presente, sob diversas formas e de maneira ininterrupta, na minha carreira e projetos acadêmicos. E dentro do universo educativo, o direito à educação é um ponto crucial, que vem sendo amplamente discutido e colocado nos diversos fóruns, declarações e convenções de direitos humanos. A este direito, somam-se diversos outros, dos quais sublinho o direito ao aprendizado da cultura corporal de cada país e comunidade – e, no interior desta cultura corporal, o esporte ganha cada vez mais um papel de destaque. Aprender e ter acesso a uma prática esportiva saudável, sem preconceitos ou discriminações, é um direito humano inalienável, inserido no quadro do direito à educação como um dos direitos humanos de segunda dimensão, um direito social e cultural.

E como foi na educação formal, trabalhando em escolas como professor, que iniciei a minha carreira profissional, continuamente me encontrei defendendo, nas disciplinas sob minha responsabilidade, a prática esportiva como um direito de todos, e não apenas de alguns privilegiados – fossem estes privilégios de qualquer natureza ou forma.

E foi nesta contextura pedagógica, de defesa e luta pelo direito ao esporte, que fui percebendo as dificuldades que ocorriam para a implementação de programas esportivos. Primeiramente, para crianças, e o quanto estas eram submetidas a programas esportivos com características adultas, que desrespeitavam o desenvolvimento próprio de cada faixa etária, gerando casos absolutamente evitáveis de stress negativo e abandono da prática esportiva. Ou seja, em última análise, um aviltamento do direito daquelas crianças a uma prática esportiva sadia e alegre.

Ainda como professor, participei nas escolas de reuniões e debates com demais colegas, coordenadores, diretores, pais, em que ocorreram discussões infundáveis e pugnas pedagógicas homéricas, nas quais penei, nem sempre de maneira exitosa, para conseguir fazer com que minhas alunas, meninas em geral entre 10 e 15 anos, tivessem o direito e pudessem realizar as mesmas atividades físicas e esportivas que os meninos. Comumente, o centro destas querelas era o futebol, jogo que, em nossa sociedade, era (ainda é?) exclusividade do sexo masculino, o qual detinha não só o direito de jogá-lo, mas também de fazê-lo nas melhores quadras, por mais tempo e em melhores condições.

Posteriormente, como técnico e dirigente esportivo, me vi envolto em dificuldades diversas para aprofundamento dos programas esportivos competitivos para as mulheres, em virtude da hierarquia de gênero, e dos estereótipos, preconceitos e discriminações decorrentes desta. Em suma, de uma série de desrespeitos e atitudes que cerceavam o direito das mulheres a uma prática esportiva competitiva.

Deste modo, é a partir deste percurso resumidamente exposto, que pretendo estudar, pesquisar e discutir os temas deste projeto, procurando suas relações, por meio tanto de extensa revisão de literatura científica, bem como através de pesquisa empírica, que possam demonstrar as possíveis conexões das temáticas para além das minhas idéias, e contribuir efetivamente para a ampliação dos estudos nestes campos.

Com a finalidade de aprofundar os temas e clarear os procedimentos de pesquisa, o projeto foi dividido em partes, e estas em capítulos.

Introduzo o texto abordando genericamente a importância do futebol na cultura e na identidade nacional, a ausência das mulheres neste contexto, e apresentando as linhas gerais do projeto de pesquisa empírica que será efetivado.

Em seguida, na primeira parte do projeto, trago uma revisão de literatura inicial sobre as temáticas que abordo no trabalho. Esta primeira parte começa com um capítulo acerca da temática de gênero na sociedade, trazendo para tal diversos autores e autoras com visões complementares, por vezes conflitantes. Apesar de uma parte significativa desta literatura ser escrita por mulheres, há autores homens que discutem esta temática, bem como tanto homens quanto mulheres discorrendo sobre

mulheres, mas também sobre homens, e principalmente a respeito de masculinidades e feminilidades, e as variadas linhas daí decorrentes.

O capítulo a propósito do tema *gênero* tem uma subdivisão importante, que traz a discussão sobre relações de gênero na conjuntura a qual me dedico especificamente, que é o esporte. Aqui, mais do que em qualquer parte, a mulher será abordada, uma vez que foram décadas de ausência, o que resultou nos últimos anos em uma profusão de estudos e artigos acerca da mulher no esporte. Como sub-item deste capítulo abordo brevemente as dimensões antropológicas e sociais, bem como a importância do futebol na cultura nacional –e especificamente a mulher no futebol, tema ao qual venho me dedicando há alguns anos e que já conta com algumas contribuições de nossa parte. Neste item, inseri a discussão sobre os direitos humanos relativos à questão de gênero, e especificamente dentre eles, o direito ao esporte e os direitos das mulheres.

No capítulo seguinte, discuto as teorias sobre as representações sociais, pois a partir destas pretendo fazer as inferências necessárias à interpretação dos dados coletados; no item que se segue, me aprofundo nas teorias sobre o *stress*, do criador do conceito aos dias atuais, e da presença do stress nos organismos vivos de diferentes tipos. Também faço uma outra subdivisão para abordar o stress no esporte.

Na segunda parte do projeto, apresento, da forma mais detalhada possível, como se desenrolaram as coletas de dados vinculadas à pesquisa empírica aqui proposta, e todos os procedimentos e aspectos éticos aí envolvidos. Detalho os instrumentos que foram adotados, justifico o emprego destes e não de outro instrumental, assim como descrevo e discuto as suas respectivas metodologias e formas de análise.

Enfim, este projeto procura dar conta e ampliar questões e reflexões, sobre quatro eixos os quais, como mencionado anteriormente, possuem no meu entender grandes conexões entre si quando vistos em conjunto: as relações de gênero no esporte, o futebol, o stress e os direitos humanos. Fazer estas conexões, aliás, é um trabalho que se assemelha àquele da criação da fórmula matemática, tão bem descrito pelo matemático e pensador Henri Poincaré, no início do século XX:

Para que um novo resultado apresente valor, deve unir elementos há muito conhecidos, embora até então dispersos e, aparentemente, estranhos um ao outro, além de, subitamente, introduzir ordem, onde reinava a aparência de desordem. Ele, assim, nos permite ver, de relance, cada um dos elementos no lugar que ocupa no todo. Não só o fato novo é valioso por si, mas ele, sozinho, confere valor aos velhos fatos que une. Nossa mente é frágil como nossos sentidos. Perder-se-ia na complexidade do mundo, se essa complexidade não fosse harmoniosa. Como míopes, ela veria apenas os pormenores, e se condenaria a esquecer cada um deles, antes de examinar o seguinte, por se mostrar incapaz de considerar o todo. São dignos de nossa atenção somente os fatos que introduzem ordem na complexidade, tornando-a assim acessível a nós. (POINCARE, 1952, p.75)

A este processo de síntese e resíntese dos acontecimentos e pensamentos que aparentemente não possuem relação entre si, o psicanalista inglês W.R Bion (1966) chamou de “fatos selecionados”, ou seja, a capacidade de aglutinar e compor um conjunto a partir de elementos inicialmente até certo ponto ou mesmo totalmente alheios entre si.

Desta forma, e a partir de minhas vivências acadêmicas e profissionais, tentarei neste projeto elaborar uma seleção de fatos, idéias, autores e metodologias de pesquisa empírica que respondam a esta missão de unir estes fatos, colocando “ordem onde reina uma aparente desordem”.

1 INTRODUÇÃO

O futebol, no Brasil, não é um esporte. É o jogo da bola, da malícia e do drible. É o jogo que reflete a própria nacionalidade dominada pela paixão da bola. No espaço do jogo, o futebol brasileiro é capaz de esquecer o próprio objetivo do gol, convicto de que a virtude sem alegria é uma contradição. Ganhemos a Copa ou não, somos os campeões da paixão despertada pela bola! (Betty Milan).

O futebol é, indubitavelmente, “coisa nossa”. Um esporte maior que todos os outros, orgulho da brasiliade³, o futebol, mais do que qualquer greve geral pára o país, está absolutamente imbricado no seio das diversas culturas nacionais, é parte integrante e simbólica de manifestações culturais de norte a sul do Brasil.

Entretanto, mesmo sendo alvo do interesse e preocupação de milhões de brasileiros, nesta terra futebol é coisa de homem. Não tem conversa. Quando a mulher sabe o que é a lei do impedimento, palmas para ela! Nas discussões dos bares, nas escolhas dos times, na pelada do sábado antes da feijoada...Depois disso, a ida ao estádio (quem vai cuidar das crianças?), as mesas redondas na TV de domingo à noite (motivo, penso eu, de várias desavenças e brigas entre casais...), a escolha do time dos filhos...Em todos estes ambientes, a predominância é totalmente masculina.

É marcante desta “masculinização” da modalidade em nosso país um recente depoimento feito por René Simões (técnico da seleção brasileira feminina de futebol nos Jogos Olímpicos de Atenas (2004), com quem a equipe conquistou o vice – campeonato, sua melhor colocação na história da competição): às vésperas do jogo decisivo contra a seleção norte-americana, o escolhido técnico pediu desculpas

³ E agora, voltamos ao topo do mundo, com o pentacampeonato!

perante as câmeras de televisão para as suas filhas – é pai de três mulheres - por nunca tê-las presenteado com uma bola de futebol, nem as ensinado a jogar.

Algumas reflexões que procuraram ver o lado humanista do esporte, também enxergaram o futebol como uma exclusividade masculina. O professor de literatura Flávio Aguiar, em um ensaio acerca do futebol como uma situação dramática, descreve – o como

(...) um reduto masculino, em que este persegue o feminino ausente – o oco que rola docemente pela grama, que se atira e se estira de encontro às redes (...) (AGUIAR, 1987, p. 151)⁴.

E o autor prossegue, comentando que o ser humano se insere, com o futebol, num plano onde anteriormente reinava apenas a divindade. No entanto, esta inserção é “(...) bastante primitiva: presença total do masculino, concentração ausente do feminino” (p. 152). E o autor conclui o drama, afirmando que, com o surgimento de outros esportes, tais como o voleibol, “praticado por homens e mulheres” (p. 166) o futebol deixa de ser soberano entre os esportes, “(...) a virilidade se domestica, e o feminino se reconhece como presença” (p. 166).

Porém, ao se observar o esporte e sua evolução no Brasil um pouco mais detidamente, o que se constata é que as mulheres em nosso país sempre estiveram, de uma forma ou outra, envolvidas com o futebol. Seja competindo, atuando nos bastidores, torcendo fanaticamente, praticando jogos entre elas, no recreio das escolas, enfim, as mulheres possuem uma vasta história de relacionamento com a modalidade.

Salles, Silva & Costa (1996), por exemplo, em estudo sobre a presença da mulher no futebol, e seus significados simbólicos, documentam a existência de muitas equipes de mulheres jogando futebol nas praias cariocas nas décadas de 1960/70. Esta prática, entretanto, via-se cerceada por dois fatores: em primeiro lugar, pela própria legislação esportiva brasileira, que por meio do antigo Conselho Nacional de Desportos (CND) *proibia as mulheres de jogarem futebol* no Brasil, lei

⁴ O texto de Flávio Aguiar ‘Notas sobre o futebol como situação dramática’, de 1987 e publicado no livro *Cultura Brasileira – temas e situações*, organizado pelo professor Alfredo Bosi, é de um lirismo absolutamente maravilhoso e comovente sobre o jogo de futebol – mas enxerga neste um reduto masculino como que impenetrável às mulheres.

datada do Estado Novo e que, segundo Pereira (1984) foi revogada apenas em 1979; e depois, a própria a regulamentação que a antiga CBD (Confederação Brasileira de Desporto, antecessora da CBF, e que controlava o futebol no país) impunha aos jogos das mulheres, vetando-os em grandes estádios e somente os liberando sob forma de “festivais” e não de competições.

No entanto, mesmo o desvelamento da história feminina no esporte em geral, e no futebol em particular, somada às boas atuações dos selecionados femininos brasileiros de futebol em competições internacionais (as equipes sempre estão presentes entre as quatro primeiras colocadas em campeonatos mundiais e Jogos Olímpicos, sendo vice-campeã nos Jogos de Atenas/2004), nada disso foi suficiente para alçar as mulheres a uma posição de destaque maior no cenário futebolístico. Na verdade, o que permanece no imaginário social do brasileiro é a visão “biológica” sobre a modalidade, como se algo inerente ao sexo da pessoa – alguma herança genética diretamente ligada aos cromossomos que definem se um bebê será menina ou menino - determinasse se ela é, ou não, capaz de jogar futebol, uma atividade amplamente difundida e como já dito acima, presente em quase todos os contextos culturais da vida brasileira.

Desta forma, no sentido de ampliar cada vez mais a compreensão do fenômeno social do esporte, entendido como um terreno ímpar para se compreender a dinâmica das subjetividades da vida e cultura humanas, é propósito deste projeto estudar as relações de gênero no futebol brasileiro. Este estudo será realizado por meio de metodologia predominantemente qualitativa, dividida em dois instrumentais: de um lado, observação etnográfica extensa no meio do futebol de mulheres. Somando-se a estas observações, realizarei entrevistas com mulheres que jogam futebol de campo no Estado de São Paulo, sendo esta entrevista do tipo estruturada, que será aplicada a partir de um roteiro pré-determinado, e realizada com a maior parte das atletas.

Com esta pesquisa, se pretende contribuir, para que, a partir de um maior conhecimento da realidade que cerca a mulher futebolista, alarguem-se as mentalidades no sentido da superação de preconceitos e estigmas que denigrem a imagem da própria mulher brasileira, abrindo as portas para que se consolidem novos espaços futebolísticos, esportivos e educativos para as meninas e mulheres de nosso

país. Espaços que, antes de serem extremamente competitivos, sejam em sua maioria projetos e programas esportivos que reforcem o sentido comunitário das envolvidas, auxiliando-as a se conhecerem a se integrarem de forma cada vez mais harmônica em suas comunidades e sociedades – objetivo, aliás, que é uma das prioridades do esporte de massa.

Outro objetivo que este projeto pretende atingir é o de trazer a reflexão sobre os paradigmas de gênero fortemente presentes em nossa cultura, especialmente na área esportiva. Ao abrir espaço para que as atletas falem, ao recompor e analisar as suas próprias representações sobre a sua atividade, considerada ainda hoje como “masculina”, este projeto tem a finalidade de refletir e reverberar na área de educação de gêneros, por uma educação não – sexista, no sentido de superar as desigualdades no trato que os diferentes sexos recebem na sociedade, na educação e no próprio esporte. Acredito que desvelar a história e os processos educativos (formais e não formais) pelos quais passaram as atletas de futebol pode ser decisivo para a construção de novos paradigmas educacionais, co-educativos.

Assim, a reflexão sobre a prática de futebol por parte das mulheres pretende também discutir um novo modelo para o exercício do futebol e do esporte no Brasil, abrindo novos campos para a participação esportiva de todos, sem discriminações baseadas em argumentos ditos naturais, mas que, conforme coloca Fraser (2002), acabam por esconder preconceitos enraizados em

(...) um padrão institucionalizado de valor cultural que privilegia traços associados com a masculinidade, assim como desvaloriza tudo o que seja qualificado como ‘feminino’, paradigmaticamente – mas não somente – mulheres. Padrões de valores androcêntricos, *que tendem a ser constantemente institucionalizados, acabam criando amplos sulcos de interação social* (p. 64/5, grifo nosso).

2 METAS E OBJETIVOS DA PESQUISA.

O *objetivo principal* que orienta esta pesquisa é estudar as relações de gênero no futebol.

Objetivos complementares se integram a este:

- Averiguar as representações sociais que as futebolistas fazem de sua prática;
- Avaliar as situações que as atletas consideram como as mais stressantes em sua carreira esportiva, do ponto de vista do gênero, preconceitos e valores;
- Examinar em que medida as representações antagônicas de gênero estiveram e estão presentes na vida futebolística das jogadoras de futebol;
- Incentivar e provocar a tomada de consciência pelos formuladores de políticas esportivas no que tange à criação de novos espaços esportivos – reais e simbólicos - em que mulheres e homens não sejam discriminados, contribuindo deste modo para a formação de programas educativos não –sexistas, integrando-se assim ao esforço mundial conhecido como “Projeto do Milênio”, coordenado pela Organização das Nações Unidas (ONU), e encampado por todos os 191 países - membros desta organização. Este Projeto traçou, em 2002, os *oito objetivos do milênio*⁵ - que deverão ser cumpridos pelos signatários do

⁵ Os oito objetivos do milênio são, em resumo: erradicar a extrema pobreza e a fome; atingir o ensino básico universal; igualdade entre os sexos; redução da mortalidade infantil; melhoria da saúde materna; combater o HIV/AIDS e outras doenças; garantir a sustentabilidade ambiental; estabelecer parcerias mundiais para o desenvolvimento.

projeto até o ano de 2015 - dentre os quais se encontra aquele de “promover a igualdade entre os sexos e a autonomia das mulheres”.

3 REVISÃO DE LITERATURA.

3.1 GÊNERO: UM DEBATE QUE NÃO QUER CALAR

3.1.1 Identidades Humanas

“Tupy or not tupy – that is the question” (Oswald de Andrade)

Refletir sobre *gênero* é pensar também sobre identidades, ou acerca das definições que os humanos fazem de si próprios, e, mais ainda, dos outros. É secular, por exemplo, a curiosidade sobre o sexo de um bebê que está sendo esperado – a partir deste conhecimento, uma série de medidas são tomadas para se construir a identidade daquela criança, muitas vezes por intermédio de símbolos de gênero (cores, brinquedos, roupas) que reafirmem a identidade sexual.

Em várias sociedades, nos mais diversos momentos da história humana, as mudanças de identidade sexual momentânea (muito antes das operações para câmbio definitivo) através de travestimentos com roupas e símbolos “pertencentes” ao outro sexo – seja no teatro *kabuqui* japonês, ou em desfiles carnavalescos em Pernambuco - revelam que a identidade pessoal passa, indubitavelmente, pela definição da identidade sexual, e que esta, por sua vez, vem quase sempre mesclada aos símbolos, atitudes e normas de gênero.

Louro (1997), ao discutir como o gênero veio a ser introduzido nos Estudos Feministas, afirma que esta categoria é constituinte da identidade dos sujeitos, sendo mesmo elemento não somente que constitui, mas sim que institui a própria identidade, tal como a etnia, a classe social, a nacionalidade, entre outros.

Nas sociedades ocidentais, contudo, em alguns períodos históricos, até mesmo no início do século XX, as identidades eram mais fixas, e permaneciam razoavelmente estáveis ao longo do percurso da vida – as pessoas tinham destinos traçados previamente, pela sua própria situação social, ou pela sua família, e correntemente se amoldavam a estes. E aqui não menciono apenas as identidades sexuais ou de gênero, mas sim a identidade pessoal, social, comunitária e até profissional.

Em meados do século XX, porém, esta pré-destinação passou a ser questionada e desmontada, em razão de diversas mobilizações sociais, e de mudanças históricas que se refletiram por toda a sociedade ocidental. Tradições refutadas, novas ideologias, negação das religiões tradicionais; revoluções sociais e de costumes; movimentos históricos, que aos poucos foram transformando o modo de vida das pessoas destas sociedades, tornando-o mais flexível e aberto, em contraste aos séculos e mesmo décadas passadas.

Se em períodos e anos anteriores, como afirmado, em decorrência de uma menor mobilidade social, as identidades permaneciam mais imutáveis, a partir de toda esta evolução social e histórica, elas passaram a ser menos rígidas, mais variáveis, num fenômeno, nos dizeres de Berger, Berger e Hansfried, denominado de “pluralização das formas e modos de vida” (1983, p. 169). Os autores descrevem e analisam como, nas sociedades ocidentais, os seres humanos ampliaram a sua vivência social para além de grupos restritos e fechados, passando a viver em diversos círculos de pessoas, nos quais, a cada momento, têm a possibilidade de assumirem novas identidades. Gênero, como se verá adiante, é um conceito que se desenvolveu exatamente no bojo de toda esta mudança social, que trouxe novos paradigmas para a questão da identidade.

Desta forma, antes de se aprofundar no debate de gênero propriamente dito, é necessário se debruçar, mesmo que brevemente, sobre a temática da identidade e de sua construção.

3.1.1.1 As Identidades São Naturais?

In fact, the whole discussion of innate sexual differences is itself heavily shaped by cultural factors

(Barbara Ehrenreich, 1992)⁶

Definir a própria identidade, em contraposição ao outro, e mesmo poder encaixar o “outro” em alguma identidade reconhecível, parece ser uma ambição humana de longa data. Historicamente, contudo, este desejo vem repleto de idéias e pré-conceitos que atribuem grande rigor à identidade de um recém – nascido, a partir de suas características inatas. Dentre estas, os caracteres sexuais assumem um peso muito grande.

Ou seja, dentro deste trabalho de criação, afirmação e negação de identidades, a identidade sexual joga um papel crucial – muitas vezes até maior do que as identidades sociais, comunitárias, profissionais. Ter claro quem é homem ou mulher, em posição binária, oposta, excludente e geralmente em hierarquia vertical parece tranquilizar a alma humana, colocar ordem e segurança neste contexto identitário. E esta suposta clareza sempre é proveniente do corpo, matriz da socialização e da construção de identidades sexuais, sem se dar conta que o próprio corpo não é somente natural ou biológico, mas um elemento que no humano passa também por toda uma construção social, sendo assim usado, vestido e travestido de forma diversa em culturas diferentes.

Geralmente, contudo, na busca pela hipotética identidade sexual binária e universal não basta somente a definição inscrita nos corpos, tampouco a conclusão do que demarca biologicamente as fronteiras entre o macho e a fêmea. Nesta procura pela identidade, faz-se necessário também atribuir a estes dois seres distintos, com corpos dessemelhantes, diferentes papéis e funções na cultura e na sociedade - atuações e possibilidades (ou impossibilidades) estas que estariam ligadas àquilo que seus corpos trazem como características genéticas e imutáveis. Assim, *grosso modo* e a título de exemplo simplificado e simplista, os corpos mais fortes de machos

⁶ Citada por Fausto-Sterling (1992, p. 223)

deveriam executar tarefas que requeressem brutalidade – a fragilidade do corpo de fêmea deveria se resguardar para atividades que carecessem de delicadeza.

Partindo-se destes pressupostos, extremamente vinculados à biologia humana, e levando-os ao extremo, chega-se a um determinismo notável, se produzindo um verdadeiro amálgama entre o sexo biológico da pessoa e os seus papéis sociais, e mesmo possibilidades de vida. Mais do que isso, no entanto, esta visão puramente biológica do corpo humano acaba por tirar as atribuições da própria cultura humana, ao trazer consigo a negação de que o corpo, assim como o humano, são sempre produtos de sua cultura, são socialmente construídos e marcados, inexoravelmente, pelo meio e modo em que vivem e se desenvolvem.

Um jeito de pensar o humano estritamente determinista e biologizante também não considera que este humano, tal como a sua biologia, não possui características que o conduzam *sine qua non* a um destino. Ao contrário, o ser humano é marcado pela enorme flexibilidade e grande potencialidade de se adaptar às condições ambientais extremamente inóspitas, e a meios sócio – culturais os mais variados possíveis.

Na verdade, o que a Psicologia Social e mesmo os Estudos Culturais vêm demonstrando é que as identidades não são unitárias tampouco fixas, e sim constituídas de múltiplas facetas – religiosas, sexuais, étnicas, profissionais, nacionais, lingüísticas, de classe – que se contrapõem, por vezes se contradizem, que estão em constante mudança, sendo produzidas pelas diversas instâncias sociais das quais o sujeito participa, e às quais ele está sujeito. Neste contexto, o gênero se mostra um elemento crucial desta identidade, uma vez que estas diversas instâncias, instituições, práticas, espaços, códigos e linguagens são repletos de simbologias de gênero, que produzem hierarquias e relações de poder entre estes (LOURO, 1997).

3.1.1.2 Como Acontece o Humano?

"Mire, veja, o mais importante e bonito, do mundo, é isto:

que as pessoas não estão sempre iguais,

ainda não foram terminadas

mas que elas vão sempre mudando.

Afinam ou desafinam "

(palavras de Riobaldo, personagem central do livro

Grande Sertão Veredas, de Guimarães Rosa).

Berger e Luckmann (1976), em trabalho clássico das ciências humanas, no qual tratam do modo como as várias sociedades humanas e suas comunidades constroem a sua realidade social particular, as suas verdades e tradições, e as transmitem aos seus membros e as suas novas gerações, deixam claro que o corpo humano, diferentemente do corpo dos animais, não é especializado para exercer otimamente uma função. Se ele não tem um potencial específico que o faça experto em uma atividade, em comparação a outros animais – não é veloz como um guepardo ou uma pantera, por exemplo, ou forte como um urso – por outro lado ele possui uma maleabilidade que o permite aplicar-se a um amplo leque de atividades, com mutações quase infinitas e, melhor, com possibilidades de variações e mudanças de toda ordem.

Para os autores,

apesar dos evidentes limites fisiológicos estabelecidos para a gama de possíveis e diferentes maneiras de tornar-se homem nesta dupla correlação com o ambiente, o organismo humano manifesta uma imensa plasticidade em suas respostas às forças ambientais que atuam sobre ele. Isto é particularmente claro quando se observa a flexibilidade da constituição biológica do homem ao ser submetida a uma multiplicidade de determinações sócio-culturais. (BERGER; LUCKMANN, 1976, p. 71/2).

Ou seja, os autores creditam ao ser humano ('homem', como coloca o texto deles, significando 'ser humano', como escrevo propositadamente, a fim de incluir as mulheres nesta categoria) uma notável possibilidade de dirigir seus esforços no sentido de adaptar-se e se moldar às estruturas sociais na qual está inserido.

A própria dor física, uma das manifestações mais agudas do e no corpo humano, pode servir de exemplo a esta afirmação. Foi Lévi-Strauss, ao prefaciar a obra de Mauss (1974) sobre as técnicas corporais, quem colocou:

Os limiares da excitabilidade, os limites de resistência são diferentes em cada cultura. O esforço 'irrealizável', a dor 'insuportável', o prazer 'indizível' são mais critérios sancionados pela aprovação ou desaprovação coletiva do que a função de particularidades individuais. Cada técnica, cada conduta tradicionalmente aprendida e transmitida, fundamenta-se em certas sinergias nervosas e musculares que constituem verdadeiros sistemas, solidários com todo um contexto sociológico (LÉVI-STRAUSS, in MAUSS, 1974, p. 4).

Assim, os próprios potenciais do corpo, e até os seus limites e dificuldades, expressos seja em técnicas corporais ou mesmo em processos dolorosos, são relacionados aos sistemas sociais.

Berger e Luckmann (1976) também afirmam que se tornar humano é um desenvolvimento complexo que vai muito além de nascer e possuir um corpo biologicamente com características desta espécie. "Converter-se" num ser humano passa, sobretudo, pelo processo que cada comunidade produz e reproduz com seus membros. Segundo estes autores,

é um lugar comum etnológico dizer que as maneiras de tornar-se e ser humano são tão numerosas quanto as culturas humanas. A humanização é variável em sentido sócio-cultural. Em outras palavras, não existe natureza humana no sentido de um substrato

biologicamente fixo, que determine a variabilidade das formações sócio-culturais. (BERGER; LUCKMANN, 1976, p.71)

Seguindo nesta linha, os autores afirmam que a propalada natureza humana está vinculada aos construtos culturais da espécie, muito mais do que a uma invariabilidade biológica. Esta natureza, aí sim, tem sua invariabilidade na capacidade do ser humano em produzir cultura estando agrupado em sociedade. Para Berger e Luckmann, (1976, p. 72):

Há somente a natureza humana, no sentido de constantes antropológicas (...) que determina e permite as formações sócio-culturais do homem. Mas a forma específica em que esta humanização se molda é determinada por essas formações sócio-culturais, sendo relativas as suas numerosas variações.

Deste modo, os autores identificam não uma natureza humana imutável, determinada a partir de uma essência biológica, mas sim uma natureza humana em potencial, que será construída de acordo com as experiências que aquele corpo, e aquele humano específico, experimentar, durante a sua vida em determinado grupo social, ou em uma série de agrupamentos sociais. Diferentemente dos animais, que a partir de uma dada constituição biológica, a sua natureza, têm um destino quase que traçado, os humanos não possuem uma natureza fixa. Berger e Luckmann (1976, p. 71/2) contribuem deste modo para o grande debate acerca da natureza humana ao afirmarem que “embora seja possível dizer que o homem tem uma natureza, é mais significativo afirmar que o homem constrói a sua própria natureza, ou, mais simplesmente, que o homem se produz a si mesmo.”

Trazendo as afirmações destes clássicos para o debate sobre identidades sexuais e de gênero, tem-se claramente que tratar esta identidade como única, fixa e imutável, exclusivamente determinada pela natureza biológica dos corpos, é incompatível com a flexibilidade e maleabilidade extrema do ser humano de que falam Berger e Luckmann (1976) e mesmo Lévi-Strauss (in Mauss, 1974).

Não se trata aqui de negar a importância que os corpos possuem na formação da identidade e no processo de socialização, processos que perpassam e mesmo ocorrem sobre e nos corpos. No entanto, o corpo, assim como o ser humano integralmente, não possui uma natureza fixa e imutável – o que faz com que não possam ter uma definição apriorística, pois sua essência é exatamente se construir conforme o seu meio social e o seu aprendizado os instrumentalize, e como a própria pessoa perceba e se relacione com este meio. Assim, pensar que esta natureza imutável determinaria os papéis sociais de homem e mulher, que estes teriam funções sociais diferenciadas e decretadas de forma rígida e inexorável pela sua biologia, vai de encontro com os próprios elementos que a antropologia fornece, ou seja, que sobre o dado biológico corporal o ser humano produz infinitas variações, e até mesmo a dor corporal (como afirma LÉVI-STRAUSS, in MAUSS, 1974) é sentida de forma diferente de acordo com os contextos sociais, e das formas que as sociedades valorizam a experiência corporal.

Some-se a isto o fato que, nem sempre a ‘identidade sexual’ indicada seja pelo sexo biológico da pessoa, ou por suas práticas e escolhas, corresponder a sua identidade de gênero⁷. A própria formação dos corpos, e a sua leitura por parte das diversas culturas humanas, tecem uma rede simbólica de significados, que são constituintes do sistema de gêneros, separado do sistema de sexos. Aliás, o grande esforço teórico empreendido nas últimas décadas (e que será aqui revisitado) foi exatamente procurar descolar a categoria *sexo* (seja biológico ou mesmo a atividade sexual) daquela de *gênero*.

Neste quesito, o próprio surgimento e desenvolvimento dos estudos sobre as relações sociais de gênero indicam que, para além e distintamente das possíveis

⁷ Uma divisão estrita e unicamente biológica e determinista de macho e fêmea, homem e mulher, acaba por não contemplar as grandes, e hoje em dia cada vez mais aceitas e conhecidas, possibilidades de atividade sexual praticadas pelo ser humano. Caso cada ser humano fosse determinado biologicamente a cumprir rigidamente seu papel de macho ou fêmea na atividade sexual, não veríamos na história e na contemporaneidade tantas e tão diversas formas de se relacionar com, e de se praticar a atividade sexual. Berger e Luckmann (1976), debatem esta questão, ao afirmar que “embora o homem possua impulsos sexuais comparáveis aos de outros mamíferos superiores, a sexualidade humana caracteriza-se por um grau muito alto de flexibilidade. Não só é relativamente independente dos ritmos temporais, mas é flexível tanto no que diz respeito aos objetos a que se dirige quanto em suas modalidades de expressão. As provas etnológicas mostram que em questões sexuais o homem é capaz de quase tudo”. (BERGER; LUCKMANN, 1976, p. 72).

hierarquias de sexo existentes nas sociedades, existem também outras representações, que, por serem de ordem diferente das anteriores, conformam novas relações, que dão origem à outra categoria empírica e analítica para pensar os indivíduos e as sociedades – *o gênero*, que, no entender de Louro (1996, p. 12), “(...) não pretende significar o mesmo que sexo, ou seja, enquanto sexo se refere à identidade biológica de uma pessoa, gênero está ligado a sua construção social como sujeito masculino ou feminino”.

Assim, é esta construção social que está na raiz do conceito de gênero, e que, enfrontada na educação dos homens e mulheres desde o seu nascimento, enseja por um lado, uma série de estigmas na visão de mundo dos indivíduos e, de outro lado, cria divisões hierárquicas que atravessam as sociedades como um todo.

3.1.2 Feminino (s) e Masculino (s)

*“Ser um homem feminino
Não fere o meu lado masculino
Se Deus é menino e menina
Sou masculino e feminino “.*

(Pepeu Gomes)

Caso consideremos como *revolução* toda grande transformação social ocorrida em curto período de tempo, veremos que o movimento feminista, e todas as mudanças que ele conquistou nos papéis e, sobretudo nos direitos das mulheres nas sociedades ocidentais, pode ser considerado uma verdadeira revolução. Ao efetivar, em menos de trinta anos, mudanças sociais de enormes proporções, conquistando diversos direitos de igualdade para as mulheres; ao colocar no centro dos debates sociais questões como a presença da mulher no mercado de trabalho, e o trabalho sub-valorizado dela, a violência contra a mulher, a participação das mulheres em governos e outros órgãos essenciais às democracias; ao questionar o papel sexual das mulheres, e mesmo destas no interior dos relacionamentos, casamentos e da própria família, construindo assim novas formas de vida para as mulheres, o feminismo

efetuou uma verdadeira ebulação de costumes que, com reflexos em todos os campos sociais (trabalho, família, maternidade, economia, lazer, entre outros), pode ser considerada uma das maiores revoluções do século XX.

Esta revolução teve suas origens no final do século XIX e início do XX, quando mulheres brancas de classe média realizaram um movimento em prol do direito de voto da mulher, e ficaram conhecidas como *sufragistas* (LOURO, 1997). O sufragismo alastrou-se por diversos países ocidentais, com distintos pesos e resultados, mas ficou conhecido como a “primeira onda” do feminismo, tendo o movimento arrefecido e se acomodado após a conquista desta sua principal reivindicação.

As feministas, ao mesmo tempo em que formaram e militaram em diversos movimentos sociais de grande repercussão, também se mantiveram atuantes no interior da academia e da pesquisa universitária, notadamente no campo das ciências sociais e humanas. Elas constituíram, nos anos de 1960/70, um grande campo de estudo (existente até hoje em diversas universidades e institutos de pesquisa), chamado de *estudos da mulher*.⁸

No entender de Louro (1996), os estudos da mulher foram formados em virtude da segunda onda do feminismo, das décadas de 1960/70, a qual por sua vez foi a expressão pública de lutas que vinham acontecendo em décadas anteriores e que agora tomavam vulto – o impulso forte destas lutas foi dado, em termos da academia, por autoras como Simone de Beauvoir (*O segundo sexo*, de 1949), ou Betty Friedman (*A mística do feminino*, de 1963) que viam na sociedade estruturas de poder patriarcal que negavam espaço para as mulheres.

Para Louro (1996), muitas das militantes dos movimentos sociais e feministas se inspiraram nestas fontes, e também estavam presentes nas universidades; por isso, as pesquisas, mais do que análises traziam descrições e eram utilizadas como meio de denúncia de diversas formas de opressão as quais as mulheres estavam submetidas. Assim, as militantes – pesquisadoras acabaram por se tornar fomentadoras de estudos que procuravam tirar as mulheres do rodapé da

⁸ Os *women's studies*, linha de ação e pesquisa teórica presente em diversas universidades americanas e europeias desde meados do século XX até hoje.

história – “(...) mais do que isso, pretendia-se constituí-la como *objeto* dos estudos” (LOURO, 1996, p. 12).

Na verdade, o grande objetivo era dar visibilidade à presença da mulher na história, nos diversos campos sociais, rompendo e quebrando a idéia que a esfera feminina era a do lar, a esfera privada.

Tornar visível aquela que fora ocultada foi o grande objetivo das estudiosas feministas desses primeiros tempos. A segregação social e política a que as mulheres foram historicamente conduzidas tivera como consequência a sua ampla invisibilidade como sujeito – inclusive como sujeito da Ciência. (LOURO, 1997, p. 17)

Segundo Louro (1997), a partir e concomitantemente a esta segunda onda do feminismo, e também juntamente com os Estudos Feministas, surgem núcleos, grupos e espaços para tratar das questões da mulher. Politicamente engajados estes agrupamentos jamais se preocuparam em produzir estudos neutros – ao contrário, denunciaram a suposta neutralidade de estudos históricos e sociológicos como uma forma de opressão sobre a mulher, deixando-a a margem e escondida dos acontecimentos. E a este engajamento político-acadêmico muitas mulheres se entregaram com fervor, produzindo peças de História da Mulher, Psicologia da Mulher, entre tantas outras.

A crítica atual que se faz a estes estudos, no entanto, é que, apesar de sua importância histórica ao tirar as mulheres das notas de rodapé da ciência e as transformarem em sujeitos centrais, acabaram por circunscrevê-las a estes espaços de estudos das mulheres, e a estas características exclusivamente próprias a elas, num contraponto binário ao homem, mantendo a noção de “(...) um universo feminino separado” (LOURO, 1997, p. 18).

E este mundo feminino apartado continuou fornecendo argumentos para aqueles que queriam embasar e justificar as desigualdades sociais a partir das diferenças biológicas, notadamente, as distinções morfológicas ligadas aos aparelhos sexuais.

Desta forma, durante as décadas de 1970/80, surgem pensadoras que discutem o quanto, acima das diferenças visíveis (e por vezes nem tão óbvias assim) entre os sexos, as definições de masculino e feminino serão dadas pelo modo como estas distinções e variações são interpretadas, concebidas e estimadas, ou depreciadas, por cada cultura e cada sociedade, a cada período histórico. Ou seja, para Louro (1997), não basta se observar o sexo de homens e mulheres, mas sim o que se pensa e se constrói socialmente a partir das representações sobre os sexos. A estas construções, com a finalidade inclusive de se contrapor ao termo *sex* (vinculado mais aos aspectos biológicos) que nesta época as feministas americanas passaram a empregar o termo *gender*, indicando e demonstrando, por meio da linguagem, os aspectos sociais das diferenças sexuais. Isto é, “a palavra indicava uma rejeição do determinismo biológico implícito no uso de termos como sexo, ou diferença sexual” (SCOTT, 1995, p. 72).

O termo gênero foi tomando vulto por trazer embutido em si a idéia de que muitas das diferenças aparentemente biológicas são de fato histórica e socialmente construídas. Esta categoria de análise seria, em contraposição ao sexo, aquela que melhor representaria o que as diversas sociedades e culturas humanas construiriam e representariam como masculino ou feminino, a partir das diferenças corporais – representações estas que, se originárias do corpo, acabam por se tornar simbolicamente muito maiores do que aquilo que a natureza constituiu.

De acordo com a historiadora Louise Tilly (1994), a socióloga Ann Oakley, já em 1972, redigiu uma diferenciação muito clara entre sexo e gênero. Para Oakley, (1972⁹, apud TILLY, 1994, p. 42)

‘Sexo’ é uma palavra que faz referência às diferenças biológicas entre machos e fêmeas (...). ‘Gênero’, pelo contrário, é um termo que remete à cultura: ele diz respeito à classificação social em ‘masculino’ e ‘feminino’(...). Deve-se admitir a invariância do sexo tanto quanto se deve admitir a variabilidade do gênero.

⁹ OAKLEY, Ann. *Sex, Gender and Society*. New York, Harper Colophon Books, 1972, p16

A difusão do conceito de *gênero* causou uma certa confusão e mesmo agitação no cenário intelectual, pois, dada a sua abrangência, muitas das feministas pensaram que ele seria uma nova armadilha para obnubilar a mulher dos estudos, colocando-a em referência ao homem, e no contexto de um cultura científica androcêntrica (LOURO, 1996).

Porém, esta categoria foi se impondo no cenário dos estudos, até por conta de feministas que se apropriaram desta terminologia, para aprofundar a compreensão deste conceito nas análises históricas e sociológicas. Conforme Tilly (1994, p. 43/4), diversos pesquisadores/as se apropriaram deste conceito, afirmando que as

(...) distinções dicotômicas exageram as diferenças, minimizam as características comuns, definem e estabelecem hierarquias. Utilizando o gênero como categoria conceitual, elas exprimem um engajamento político no sentido de promover a igualdade dos gêneros e o acesso das mulheres tanto à autonomia individual quanto ao poder político e econômico. (...)

Para Tilly, estas pesquisadoras, ao sublinharem “(...) mais as variações do que as oposições”, se ativeram mais aos processos de transformação, do que à descrição do estado das coisas; ao utilizarem, como variável fundamental, a categoria de gênero e não do sexo, elas recusaram todas as análises reducionistas. (TILLY, 1994, p. 44). Ou seja, o objetivo de se empregar o termo e a categoria de gênero era, fundamentalmente, não isolar a mulher na história, mas perceber que esta última é feita de relações recíprocas entre grupos sociais, incluindo aí as relações entre homens e mulheres.

Desta forma, Tilly (1994) cita e comenta diversas pesquisas sócio-históricas que descrevem e se propõem a analisar a vida de trabalhadores e trabalhadoras em diversos ramos da indústria da Inglaterra e dos Estados Unidos no século XIX: tabaqueiros/as, fiadores/as de algodão, tapeceiros/as, e sua vida nos sindicatos, suas formas de organização e de lazer, o papel da dupla jornada para as mulheres, as relações sociais que se estabeleciam em torno dos grupos de trabalho, etc; para Tilly (1994, p. 47) “esses estudos utilizaram brilhantemente o conceito de gênero”,

fornecendo uma contribuição decisiva para a compreensão dos problemas e da história para além do mundo específico e isolado daquelas mulheres.

Neste texto, cujo original data de 1990, Louise Tilly também comenta criticamente a metodologia desconstrucionista do trabalho da historiadora norte-americana *Joan Scott* - o qual certamente é um dos mais influentes na história e mesmo dentro da conceitualização do termo *gênero*. Como neste tópico não ambiciono discutir enfoques metodológicos, e sim me aprofundar sobre os aspectos conceituais, não pretendo lançar os olhos sobre estas críticas¹⁰; cabe sim conhecer melhor o trabalho da própria Scott.

Joan Scott (1995), especializada na história do movimento operário e também na história das mulheres, foi uma das que mais contribuiu para o avanço da compreensão da categoria *gênero*, ao propor que esta seja uma *categoría analítica* para se compreender as estruturas históricas – e no processo de compreensão, desconstruir a história e as interpretações que até então se mantinham como hegemônicas e oficiais. Ao colocar que não “(...) se poderia compreender qualquer um dos sexos por meio de um estudo inteiramente separado” (SCOTT, 1995, p. 72), ela critica a tendência da formação de uma *herstory* (história *delas*, das mulheres, isoladas do contexto histórico global e geral).

A autora localiza a importância do termo *gênero* no fato deste indicar que as informações sobre as mulheres também, e necessariamente, informam sobre os homens, posto que, ao empregar este termo, fica nítido que o universo das mulheres faz parte e é criado e existe no mundo dos homens.

¹⁰ No entanto, torna-se interessante referir-se ao texto da francesa Eleni Varikas (1994), que analisa a polêmica entre Tilly e Scott, concluindo que o dilema da escolha de metodologias (história social *versus* desestruturação) pode ser superado, pois as potencialidades da problemática do gênero são a de se “(...) imiscuir sub-repticiamente nas mais intransponíveis fortalezas da História (e de outras disciplinas)” (VARIKAS, 1994, p. 84).

Em texto da década de 1980¹¹, a autora se pergunta como o gênero poderia ser uma categoria crucial na compreensão e resignificação da história da humanidade:

De que forma o gênero dá um sentido à organização e à percepção do conhecimento histórico? As respostas dependem do *gênero como categoria de análise*. (SCOTT, 1995, p. 72, grifo nosso).

Ou seja, Scott (1995) propõe que o gênero sirva como categoria chave para a análise histórica da investigação das relações entre os sexos - isto é, da própria história das diversas sociedades humanas. Ela enxerga no uso do termo gênero uma rejeição das interpretações históricas que sustentam a existências de esferas separadas entre homens e mulheres, pois a história comprova que as experiências de um sexo sempre possuem relação com a história do outro, que a humanidade, historicamente, sempre se constituiu da relação entre ambos, por mais que esta fosse assimétrica em determinados contextos sócio-históricos.

A antropóloga Jeffrey Weeks (1999) concorda com Scott, ao propor que o gênero seja sempre levado em consideração nas análises históricas, e que sirva como base para se compreenderem as relações de poder que se construíram ao longo da história das várias sociedades, e que inescapavelmente passam pelo convívio e contatos entre homens e mulheres.

Scott (1995) coloca o gênero como uma categoria social atribuída sobre um corpo sexuado, porém em determinado contexto histórico, sob dadas condições de socialização. Por ser uma categoria social, para a autora *gênero* está imbricado nas relações de poder, e deve-se entender as relações de gênero para se estudar aquelas do poder.

¹¹ O texto referido intitula-se *Gender: a useful category of historical analysis*, publicado primeiramente na American Historical Review 91 (5), em 1986. Aqui utilizei uma versão brasileira publicada na Revista Educação e Realidade, em 1995. Esta versão tornou-se uma das mais citadas nos estudos sobre a mulher e sobre o gênero no Brasil, sendo um verdadeiro clássico para quem trabalha academicamente nesta área. Em virtude desta importância, procuro aqui investigar mais detidamente as propostas da autora.

Scott (1995) comunga com o pensamento de Berger e Luckmann (1979), ao também afirmar que não existe um processo único de socialização para o mesmo dado biológico, isto é, homens nascidos em contextos sociais diferentes (países distintos, ou mesmo bairros de uma mesma cidade, mas socialmente muito diferenciados) são socializados de forma dessemelhante, e assumirão a sua masculinidade, a sua identidade de gênero também de modo diferente. Ou seja, para Scott (1995, p. 75), o emprego da categoria gênero

(...) rejeita explicitamente explicações biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum para diversas formas de subordinação feminina, nos fatos de que as mulheres têm a capacidade para dar à luz e de que os homens têm uma força muscular superior. Em vez disso, o termo “gênero” torna-se uma forma de indicar “construções culturais” – a criação inteiramente social de idéias sobre papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres.

Scott (1995) enxerga no gênero uma forma primária de se configurarem relações de poder, uma vez que a ideologia dominante sobre gênero afirma existirem categorias binárias (masculino↔feminino) opostas entre si, sendo que a primeira é valorizada em detrimento da outra.

Scott (1995) anota que a sua própria definição de gênero é complexa, composta por duas partes, as quais possuem diversos elementos que as constituem. Inicialmente, ela escreve que

o núcleo essencial da definição baseia-se na conexão integral entre duas proposições: o gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma primeira forma de significar relações de poder (SCOTT, 1995, p. 86).

Referente à primeira destas proposições (“o gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos”), a autora afirma existirem quatro elementos que se inter-relacionam, a saber (SCOTT, 1995, p. 86/7, compilação não-literal):

- a) os símbolos culturalmente disponíveis, e freqüentemente contraditórios ou opostos binariamente entre si, tais como luz/escuridão, inocência/ corrupção;
- b) os conceitos normativos que interpretam estes símbolos, e que procuram limitar as suas possibilidades metafóricas, e que são expressos em doutrinas religiosas, educativas, jurídicas, e que afirmam de maneira fixa e binária os significados simbólicos do masculino e do feminino – e que precisam rejeitar e reprimir as possibilidades alternativas;
- c) o papel político da pesquisa histórica ao destruir a fixidade e a aparente natureza atemporal das representações binárias de gênero;
- d) a identidade subjetiva, conformada pelas relações de gênero.

Aludindo à segunda parte de sua definição (“o gênero é uma primeira forma de significar relações de poder”), Scott (1995) afirma que esta é a parte teórica de seu construto, uma vez que, se o gênero não é o único campo no qual as relações de poder se estabelecem, “(...) ele parece ter sido uma forma persistente e recorrente de possibilitar a significação do poder no ocidente, nas tradições judaico-cristãs e islâmicas” (SCOTT, 1995, p. 88). A autora afirma que as representações e conceitos de gênero organizam e estruturam a vida concreta e alegórica das sociedades, uma vez que edificam repartições de poder e de acesso diferenciado aos bens materiais e simbólicos daquele agrupamento social.

Scott (1995) relata diversos momentos históricos em que o gênero foi empregado para legitimar o *status quo* de dominação de grupos sobre os outros. Ela mostra que regimes autoritários (o stalinismo, o nazismo, mesmo em momentos críticos do jacobinismo durante a Revolução Francesa) empregaram códigos de leis

que identificavam os seus poderes soberanos a símbolos masculinos, aproximando os inimigos e subversivos dos signos femininos daquelas sociedades. A autora alega que “o gênero é, portanto, um meio de decodificar o sentido e de compreender as relações complexas entre diversas formas de interação humana” (SCOTT, 1995, p. 89).

Retomando as proposições de Joan Scott, quando afirma que gênero é uma categoria social que se impõe sobre um corpo sexuado, a também historiadora Linda Nicholson (2000) traça uma profunda análise do desenvolvimento histórico do conceito de gênero, mostrando que este conceito possui suas raízes na soma e na articulação de “(...) duas idéias centrais do pensamento ocidental moderno: o da base material da identidade e a da construção social do caráter humano” (NICHOLSON, 2000, p. 10).

A autora discorre que as feministas dos países de língua inglesa, no final dos anos 1960, se valeram da ampliação dos significados do conceito de gênero – que até então era empregado, sobretudo para apontar diferenças quanto às formas femininas e masculinas na linguagem - para contradizer e questionar o conceito de “sexo”, que traduzia representações que apoiavam a imutabilidade das diferenças entre homens e mulheres, pois seriam claramente calcadas na biologia.

Estas ativistas, segundo Nicholson (2000) se valeram da segunda idéia central do pensamento moderno – a que sustenta que o caráter e personalidade humanos são construídos socialmente – para ampliar o conceito de gênero, diminuindo assim a abrangência do termo “sexo”, tornando-se um complemento deste – àquela época, não se propunha que “gênero” pudesse substituir “sexo”, pois ainda se pautava a agenda das construções e distinções sociais sobre um fundamento de diferenças biológicas. Ou seja, conforme afirma Nicholson (2000), simultaneamente ao enfraquecimento das concepções estritamente biológicas dos comportamentos e papéis femininos e masculinos, baseadas nas diferenças biológicas sexuais, estas eram invocadas pelas feministas “(...) como a base sobre a qual os significados culturais são constituídos” (NICHOLSON, 2000, p. 11). Assim, naquele momento histórico (final dos anos 1960 e meados dos anos 1970), se propunha que o caráter seria uma formação social, mas o dado biológico era de fundamental importância para o seu estabelecimento, a base fisiológica seria o local

(...) no qual as características específicas são “sobrepostas”, um “dado” que fornece o lugar a partir do qual se estabelece o direcionamento das influências sociais. A aceitação feminista dessas proposições significava que o “sexo” ainda mantinha um papel importante: o de provedor do lugar onde o “gênero” seria supostamente construído (NICHOLSON, 2000, p. 11).

Nicholson (2000) analisa esta postura e a denomina de *fundacionalismo biológico*, uma vez que esta ideologia comungaria com o determinismo a aceitação de invariantes biológicas que seriam responsáveis por dadas características sociais; ao mesmo tempo, o fundacionalismo se diferenciaria do determinismo ao propor possibilidades de diálogos entre a biologia e o comportamento psicológico e social, com vistas a pequenas aberturas para algumas mudanças de comportamento apesar da natureza biológica.

Esta posição, segundo Nicholson (2000), trouxe algumas vantagens teóricas para as feministas, uma vez que elas passaram a aceitar certo determinismo entre a biologia e as constantes sociais, ao mesmo tempo em que permitiu que estas se posicionassem pela alteração de algumas invariantes sociais, e vislumbrassem “(...) a entrada de algum elemento social na construção do caráter” (NICHOLSON, 2000, p. 13).

Para esta autora, apesar da posição fundacionalista ser um avanço em face daquela determinista, ao permitir este acesso do social no mundo biológico, ela acaba ainda sendo limitada, pois acredita que da biologia proviriam aspectos comuns aos homens e às mulheres, e que estes seriam os gêneros socialmente estabelecidos. Já Nicholson (2000, p. 14) assume uma postura extrema, conhecida como *construcionista*, e sustenta que “não há aspectos comuns emanando da biologia”, pois os seres humanos não se diferem entre si apenas nos aspectos ideológicos e comportamentais; as próprias concepções de corpo diferem entre as variadas sociedades. Para esta posição, somente o fato de se pensar sobre o corpo já mostra uma operação do humano, e por isto mesmo, seria um construto social, uma vez que o ser humano é construído e se constrói socialmente. A visão construcionista não

entende um corpo natural, separado do mundo social no qual ele está imerso e onde sofre e apõem influências.

Seguindo nesta trilha, a professora de biologia e de *women's studies* Anne Fausto-Sterling¹² (2001/2002) desafia a concepção tão arraigada ao redor dos dualismos e categorias fixas de sexo e gênero. Ela levanta a idéia de que são falsas as dicotomias correntemente aceitas por diversas vozes progressistas, de que o sexo é natural e real, e de que o gênero constitui categoria culturalmente construída (ela ilustra isto de um jeito muito simples e pueril: segundo este pensamento dicotômico, “ter um pênis ou vagina é uma diferença de sexo; o desempenho superior dos meninos em relação às meninas em provas de matemática é uma diferença de gênero”). (FAUSTO – STERLING, 2001/02, p. 16).

A autora inicia seu questionamento colocando que em muitos recém-nascidos os órgãos genitais não são claramente definíveis, o que provoca confusões sobre qual seria o verdadeiro sexo daquela criança, uma vez que estes órgãos deveriam ser os marcadores visíveis, inquestionáveis e claros do sexo, e assim determinarem o gênero.

A partir destas constatações, Fausto-Sterling (2001/02), tal como Nicholson (2000) pondera que as feministas da década de 1970, ao deixarem de lado o território físico do sexo – este seria dado pela anatomia e a fisiologia do corpo, enquanto gênero seriam as forças sociais e psicológicas e culturais que conformam o comportamento – continuaram aceitando que, essencialmente, algumas diferenças de desempenho eram naturalmente provenientes das diferenças sexuais, e que certas aptidões cognitivas, por exemplo, eram naturais por estarem embutidas nas conexões cerebrais. Ou seja, para estas feministas, as mulheres seriam naturalmente diferentes – “(...) e esta diferença constitui a base tanto da desigualdade quanto da superioridade social”. (FAUSTO – STERLING, 2001/2, p. 18).

¹² Esta pesquisadora possui uma trajetória ímpar; é bióloga de formação, lecionando esta disciplina na Universidade de Brown (USA), onde também leciona no programa de *women's studies*; também é ativista social e feminista, já tendo atuado em questões tradicionais desta seara, como casos de direitos reprodutivos, igual acesso de mulheres à universidade, entre outras.

Entretanto, para a autora, os corpos humanos são demasiadamente complexos para que, por meio de simples oposições, obtenham-se respostas claras e certas. O que fica evidente neste debate, é que a categoria sexo não é puramente física, mas sim já está totalmente impregnada pelas concepções de gênero existentes na sociedade. Para Fausto-Sterling (2001/02, p. 19), “aqueles sinais e funções corporais que definimos como masculinos e femininos já vêm misturados em nossas idéias sobre o gênero”.

Uma das ciências humanas que mais vem contribuindo para colocar em xeque aquilo que o pensamento ocidental toma por “natural”, é a antropologia cultural. E o conceito de gênero, por ser originário do campo da cultura (HEILBORN, 1994), ecoou e estabeleceu diálogos e interfaces com outras áreas destas ciências humanas, as quais debatem e questionam firmemente noções de determinismo ou mesmo de fundacionalismo biológico.

A antropóloga Henrietta Moore (1997) propõe uma desconstrução completa da representação que sustenta que as diferenças entre homens e mulheres sejam de natureza biológica. Para a autora, esta representação ideológica é tão bem aceita em nosso meio social, como se fosse *natural* - em destaque, pois o termo *natural*, neste contexto, acaba adquirindo dupla significação: *natural* de proveniente da natureza, biológico, e natural de absolutamente comum e aceitável, como é “natural” o menino jogar bola e a menina brincar de boneca na infância.

Colocando-se no lado oposto do determinismo biológico – o qual propõe que os diferentes papéis sociais de homens e mulheres são fruto de suas diferenças biológicas e assim, são imutáveis - Moore (1997, p. 04), a partir de sua posição calcada no *construcionismo social*¹³ afirma que

o modelo nativo ocidental de reprodução(...) assume que a diferença entre homens e mulheres é natural, dada na biologia, logo pré-social, e que embora se elaborem construções sociais a partir dessa diferença, ela em si não é vista como uma construção social. [Mas para a autora] (...) tanto o sexo quanto o gênero (e não

somente o gênero – Nota do Redator) são socialmente construídos, um em relação ao outro. Corpos, processos psicológicos e partes do corpo não têm sentido fora das suas compreensões socialmente construídas.

A também antropóloga Caroline Vance (1995, p. 10), por seu lado, demonstra que a evidência histórica e antropológica acabou com a crença que os papéis femininos – que apresentavam uma diversidade enorme nas sociedades – pudesse ser determinados inevitavelmente pela força natural “(...) da sexualidade e da reprodução humanas aparentemente tão uniformes”.

Esta autora também afirma que, ao se desvendar a ideologia predominante na ciência percebeu-se a grande “(...) conexão histórica entre a dominação masculina, a ideologia científica e o desenvolvimento da ciência e da biomedicina ocidentais” (VANCE, 1995, p. 10). Os quais por sua vez formaram um tripé de sustentação de diversas crenças que obstaculizaram a presença feminina em diversos campos sociais, inclusive no esporte.

Nicholson (2000) reitera que não existe um corpo que possua uma essência universal, sem estar contextualizado histórica e culturalmente. Ela propõe que é preciso se ampliar esta conceituação, olhando-se para o corpo não apenas como mero instrumento já dado pela natureza, e sobre o qual as inúmeras culturas dispõem os seus padrões de gênero. A autora demonstra que é necessário aprofundar-se estas meras e limitadas anotações sobre os

estereótipos culturais de personalidade e comportamento, mas também as formas culturalmente variadas de se entender o corpo. (...) O que acontece é que as diferenças no sentido e na importância atribuídos ao corpo de fato existem. Estes tipos de diferença, por sua vez, afetam o sentido da distinção masculino/feminino. A consequência é que nunca temos um único conjunto de critérios

¹³ Construcionismo social, teoria radicalmente oposta ao determinismo biológico, propõe, a grosso modo, que todo o comportamento humano só existe, tem sentido e é fruto da cultura e, para ter significação, deve ser contextualizado histórica e socialmente.

constitutivos da ‘identidade sexual’ (NICHOLSON, 2000, p. 14-15)

Tendo esta concepção como base, Nicholson (2000) afirma que o próprio corpo é uma variável social, e não uma constante sobre a qual se constroem as diferenças – o corpo, e as distinções masculino/feminino já são mutáveis e se encontram historicamente em transformação – o corpo, para a autora é um elemento potencialmente importante nas diferenciações masculino/feminino, mas estas são feitas de acordo com o pensamento e a cultura de cada sociedade, os quais são contextualizados, históricos, e não podem ser alvo de generalizações, sob o risco de se perderem suas riquezas específicas.

Para a antropóloga brasileira Maria Luiza Heilborn (1994, p. 1), o conceito de gênero se origina exatamente da noção de cultura – e foi resultado de uma estratégia corrente nas ciências humanas, de “(...) recortar e definir as dimensões da realidade humana e social (...).” A autora afirma que a noção de cultura da qual o conceito de gênero é fruto,

aponta para o fato da vida social, e os vetores que a organizam – como por exemplo, tempo, espaço ou a diferença entre os sexos – são produzidos e sancionados socialmente através de um sistema de representações. (...) A cultura composta de conjuntos ideacionais específicos apresenta-se como um todo integrado; cada domínio pode ser objeto de concepções peculiares. Eles mantêm entre si, contudo, uma tessitura que não é de simples justaposição; ao contrário, integram um sistema interdependente que provê a coerência de uma determinada visão de mundo. (HEILBORN, 1994, p. 1).

Desta maneira, o sistema sexo/gênero, como produto mas também produtor de determinada cultura, faz parte de um todo complexo que procura manter a unidade de uma visão de mundo específica. Porém, em virtude da própria complexidade deste sistema, advinda dos questionamentos que o conceito de gênero teceu e infiltrou nas

representações sociais do pensamento ocidental, a necessidade da polarização rígida das estruturas de gênero se faz necessária para se manter a coerência de toda um sistema de compreensão e significação do mundo.

Esta rigidez de pensamento é apontada pela socióloga e educadora Claudia Pereira Vianna (1999), quem avança na leitura que faz sobre os significados de gênero presentes em nossa sociedade. A autora nota que os significados masculinos e femininos vêm sendo tratados, na pesquisa histórica, de forma polar e excludente, sem que se realize com correção a análise da diversidade com que estes aspectos surgem na vida social. Ao investigar as diversas dicotomias apontadas no interior dos movimentos sociais coletivos, polaridades estas que reservam à mulher o tradicional papel da esfera privada, “negando-lhe” a dimensão da participação pública, a autora pondera que, longe de serem elementos imutáveis e estanques,

as condições masculinas e femininas são, portanto, frutos de uma constante construção histórica marcada por muitas formas de apropriação – individual e coletiva – dos significados masculinos e femininos presentes na sociedade. (VIANNA, 1999, p. 62).

Outra educadora e feminista, Daniela Auad (2002/2003, p. 142) percorre e aprofunda esta linha de pensamento, ao anotar que os significados sociais de gênero, se aplicados como categorias universais, criam significações e “(...) símbolos que caracterizam e diferenciam, opondo, o masculino e o feminino”. A autora propõe então que se utilize a categoria gênero para se

compreender também as relações sociais entre os sujeitos (...) e para compreender as relações sociais entre os significados masculinos e femininos,também aplicado às instituições. (AUAD, 2002/2003, p. 142).

A autora sugere que se empregue o gênero não apenas como categoria analítica, mas também, como categoria *empírica*, para se observar como os

significados masculinos e femininos se manifestam em cada contexto, sem que modelos analíticos de significações de gênero, concebidos aprioristicamente, engessem a capacidade de observação do que realmente ocorre no campo.

Das diversas concepções de gênero aqui discutidas, alguns pontos em comum se destacam: inicialmente, de que o sistema sexo/gênero precisa ser discutido, desnaturalizado, historicizado, desconstruído e, sobretudo, contextualizado. A idéia de que gênero comporta os símbolos, valores e significações de masculino e feminino formulados a partir das diferenças percebidas entre os sexos, tece também a necessidade de se compreender as relações de poder que a partir daí são engendradas socialmente; ou seja, mais do que pensar exclusivamente em gênero, deve-se levar em conta as relações de gênero, e de que modo estas constroem e articulam o poder internamente às sociedades e às instituições sociais.

Este debate sobre o gênero, no entanto, pode parecer redundante ou até dilettante. Afinal, em uma época em que se constroem robôs, na qual se discute a implantação de células - tronco, num momento histórico no qual as telecomunicações, e toda a tecnologia aí empregada parecem dominar o mundo, para que nos pertermos em discussões teóricas sobre os papéis femininos e masculinos em nossa sociedade?

Porém, um olhar mais apurado nos ajuda a perceber que a cada dia que passa, estas mesmas tecnologias telecomunicativas influenciam a globalização do mundo, transmitindo imagens e modos de vida que habitam os quatro cantos do planeta – e que potencializam a criação e a difusão de signos que acabam por permear, organizar e mesmo construir a realidade simbólica da sociedade. E o imaginário simbólico social, ao se permitir pensar ou não sobre novas possibilidades de “ser e estar no mundo” acaba por admitir, ou vetar, certos comportamentos concretos, que traduzem a vivência simbólica de cada cultura - e nos diversos imaginários de cada sociedade, as relações sociais de gênero a cada dia mais possuem um espaço relevante.

Assim, uma primeira razão para se estudar o gênero, segundo Louro (2000) é a notoriedade que este assunto tem na agenda dos diversos discursos da contemporaneidade. Para a autora

esses são temas ou questões que estão por toda a parte: na mídia, nos discursos médicos, religiosos, jurídicos, educacionais...As muitas formas de ser mulher ou homem, as várias possibilidades de se viver prazeres e desejos corporais são constantemente sugeridas, anunciadas, estimuladas, condenadas reguladas ou mesmo negadas. (LOURO, 2000, p. 121).

Exemplo de uma recente e grande polêmica envolvendo o gênero ocorreu no último mês de janeiro, quando o presidente da prestigiosa Universidade de Harvard, Lawrence Summers, explicitou em discurso numa cerimônia pública, que os resultados inferiores em matemática e física que as mulheres tinham em face dos homens, certamente teriam raízes genéticas. Muitas professoras se retiraram do auditório em meio à fala desta autoridade, o assunto ganhou as páginas dos meios de comunicação do Brasil e do mundo; o sr. Summers vem, desde então, pedindo desculpas pelo “mal-entendido”.

O jornalista Nelson Ascher, ao comentar o assunto na Folha de São Paulo, em texto intitulado “Talentos masculinos e femininos”, escreveu que

Atualmente mulheres pilotam jatos comerciais e militares, fazem esportes radicais, realizam cirurgias complicadas, ensinam as mais variadas disciplinas nas principais universidades do planeta, administram multinacionais e, nas horas vagas, continuam gerando rebentos, aleitando-os, cuidando de sua educação. Não há mais nenhuma razão para comparar desfavoravelmente as mulheres aos homens (ASCHER, 2005, p. E8).

Ele continua afirmando que, apesar das insistentes chacotas que as mulheres são vítimas ao dirigir, por exemplo, as estatísticas comprovam que elas causam menos acidentes que os homens. O jornalista reitera, ao mencionar a questão da paridade legal e profissional que isso nem deve ser motivo de discussão, pois “qualquer sociedade que se queira democrática tem o dever sagrado de assegurar sua

igualdade, bem como o mesmo pagamento pelo mesmo trabalho” (ASCHER, 2005, p. E8).

Este caso ocorrido no ambiente acadêmico norte-americano é um dos inúmeros exemplos que podem ser colhidos no cotidiano, e que ilustram o quanto as concepções e relações de gênero estão presentes e geram interesse nas pessoas como um todo, pois elas remetem em questões profundas que envolvem a subjetividade de cada um, e as representações sobre como ser humano, homem ou mulher, de todo o sistema social; enfim, o gênero traz à tona assuntos da vida diária dos diferentes grupos da sociedade.

Desta forma, é possível concordar com Louro (2000), quando ela afirma que, caso as razões para se estudar as relações sociais de gênero se restringissem tão somente a “fama midiática” destes assuntos, estes motivos realmente poderiam ser tidos como frívolos, sem profundidade para o desenvolvimento da humanidade. Para a autora, entretanto, a fama e a notoriedade dos assuntos vinculados ao gênero (corpos, sexualidades, novos padrões de existência de homens e mulheres, entre outros) apenas ocorre porque existem condições tanto objetivas – de cunho político-econômico e social – quanto subjetivas – de caráter cultural e existencial – que possibilitam que estes temas permaneçam constantemente na crista da cena. Estes motivos, para a pesquisadora, estão vinculados

(...) às profundas e aceleradas transformações das mais diversas ordens que têm, nos últimos tempos e de forma intensa, desestabilizado certezas, desarranjado formas de convivência entre os sujeitos; implodido noções tradicionais de tempo, de espaço, de ‘realidade’; transformações que têm alterado formas de nascer, crescer, gerar, amar, ou morrer (...). As novas tecnologias reprodutivas, as possibilidades de transgredir categorias ou fronteiras sexuais, as articulações corpo-máquina desafiam aqueles e aquelas que insistem em colocar a biologia fora da história e da cultura. (LOURO, 2000, p. 122).

Estas são algumas das razões primordiais que justificam o grande interesse por este projeto, e todo o debate teórico que se trava em diversos campos da ciência sobre o tema das relações sociais de gênero durante as últimas décadas, debate que possui inevitáveis desdobramentos e consequências nas esferas culturais, educacionais, sociais e políticas da sociedade.

Vejamos, pois como esta discussão se articula e qual a sua importância dentro de uma área que vem se consolidando como o grande fenômeno do mundo do entretenimento dos últimos anos: o esporte de competição.

3.2 RELAÇÕES DE GÊNERO NO ESPORTE

Paraíba masculina,

Muié macho, sim sinhô,

Eita, eita,

Muié macho sim sinhô

(Luiz Gonzaga).

O esporte enquanto fenômeno global foi se afirmado durante o decorrer do século XX, e a partir da segunda Guerra Mundial, foi paulatinamente tomando conta dos corações e mentes dos povos por todo o planeta.

Na atualidade, o esporte é protagonista dos eventos que mais mobilizam espectadores, ouvintes e leitores pelo planeta: chega à casa dos bilhões o número de pessoas assistindo aos Jogos Olímpicos, as Copas do Mundo, às finais da NBA, ou do *Superbowl* e da Eurocopa. Com esta imensa difusão e penetração por todas as classes sociais, culturas e faixas etárias, o esporte há muito deixou de ser uma competição envolvendo somente equipes de clubes, locais ou países diferentes; mas sim, tornou-se um forte veículo propagador de mensagens para aqueles que torcem e acompanham as imagens e façanhas físicas e corporais de seus times prediletos, e de seus heróis olímpicos. Mensagens que na atualidade cada vez mais são comerciais, mas que também difundem valores associados aos corpos, às atitudes e comportamentos dos e das atletas, ideários de modos de ser e estar no mundo de

acordo com atletas muitas vezes considerados paradigmas de perfeição corporal e mobilização física.

Ao se estudar a história do esporte, no entanto, percebe-se que este tem sido apontado e tratado, no imaginário social, como uma arena predominantemente masculina. Às mulheres - que foram vítimas da exclusão radical dos primeiros Jogos Olímpicos em virtude da negativa dos membros do Comitê Olímpico Internacional, notadamente de seu presidente, o Barão de Coubertin, em aceitarem com naturalidade o esporte feminino¹⁴ - restou a necessidade, existente até hoje, de provarem que eram realmente mulheres para poderem competir.

Se, de acordo com Fausto- Sterling (2001/02), até 1968 as mulheres olímpicas desfilavam nuas perante uma banca de examinadores que decidia sobre a sua verdadeira feminilidade, a partir desta data diversos testes científicos foram criados e realizados, a fim de provar, sem sombra de dúvida, a identidade feminina das competidoras. Para a autora, entretanto, esta prova se fazia (e se faz) necessária sobretudo em função das concepções de gênero existentes na sociedade, que ainda não admitem plenamente a presença feminina no esporte. A autora afirma que

Os funcionários das Olimpíadas se apressavam a certificar a feminilidade das mulheres cuja participação permitiam, porque o ato mesmo de competir parecia implicar que elas não podiam ser mulheres de verdade. No contexto da política de gênero, o policiamento do sexo fazia todo sentido. (FAUSTO-STERLING, 2001/02, p. 14).

Hult (1994), uma importante historiadora do esporte nos Estados Unidos, cita uma declaração do presidente Roosevelt, ao final do século XIX, que tratava desta questão. Segundo Hult (1994), o então presidente norte-americano se encontrava preocupado com aquilo que ele chamava de ‘afrouxamento’ e mesmo de “suavização” do caráter dos homens americanos, e declarava que

¹⁴ Este nobre francês, idealizador no século XIX dos Jogos Olímpicos da era moderna, traduzia o pensamento corrente de sua época, afirmindo que mulheres praticantes de esportes contrariavam as leis da natureza.

somente esportes agressivos, poderiam criar ‘a musculatura, a vivacidade e a camaradagem dos homens’. O campo de futebol americano é o único local em que a supremacia masculina é incontestável. (HULT , 1994, p. 84).

Um campo da sociologia do esporte que se iniciou na década de 1970 percorreu as décadas seguintes, se mantendo ativo até hoje, é repleto de estudos que chegaram a conclusões semelhantes em relação ao estreito vínculo entre o esporte e a masculinidade, ou a um certo tipo de masculinidade.

Sheard e Dunning (1973), em clássico estudo sobre o rúgbi na década de 1970, descreve este espaço como uma reserva de “machos”. Dunning (1986), realizou um grandioso trabalho sobre as fontes da masculinidade, enxergando que o esporte era uma das principais searas nas quais certo tipo de masculinidade se afirmava.

Mais recentemente, Dunning e Maguire (1997, p. 321), enxergaram os esportes e os contextos esportivos como

(...) lugares socialmente aceitos para o ensino, a expressão e a perpetuação dos *habitus* (ou maneiras de ser), das identidades, do comportamento e dos ideais masculinos.

Na atualidade, como relatam Knijnik e Simões (2000), não é possível se questionar a presença da mulher no esporte, a qual é visível e crescente. Mas o que se pode, e se faz freqüentemente, é fazer com que as mulheres ainda sejam julgadas, avaliadas e mesmo afastadas do esporte, a partir de critérios que não se relacionam em momento algum com as suas habilidades esportivas, e que remontam a valores sobre a condição feminina que se imaginavam superados.

Conforme estudo de Knijnik e Vasconcellos (2003a), envolvendo o futebol das mulheres em São Paulo, a Federação Paulista de Futebol (FPF) fez questão, no ano de 2001, de estabelecer, para que uma atleta participasse de seus campeonatos,

que ela apresentasse signos de feminilidade, como cabelos compridos, corpo mais delicado e com curvas, entre outros. Para os autores

A FPF considera, como pressuposto para a participação no campeonato feminino de futebol, dogmas construtores dos papéis sociais do feminino de pelo menos um século atrás no Brasil, em plena pós-modernidade! Ou seja, apesar dos novos paradigmas que surgem nas relações dos humanos, a FPF continua tentando efetivar realizações dissonantes com o seu tempo, ao abordar como central a questão da imagem da atleta, acima até de sua técnica... (KNIJNIK; VASCONCELLOS, 2003a, p. 85).

Isto é, a questão das relações entre os gêneros, dos significados de gênero parece continuar pautando o mundo do esporte, que é por excelência um mundo absolutamente corporal – e estes significados opostos persistem em criar ideologias de exclusão do feminino e das mulheres das arenas esportivas. Para Knijnik (2001), a partir do corpo atlético, diversos signos de gênero são “atirados” à sociedade, num processo que muitas vezes cristaliza preconceitos, ao invés de quebrá-los...¹⁵

Um caso muito rumoroso e recente no esporte nacional trouxe à tona novamente a questão da relação entre os sexos no esporte. A jogadora de voleibol Érika, atualmente na seleção brasileira, quando tinha 17 anos, foi ameaçada de suspensão da Liga Nacional da modalidade, pois seus exames laboratoriais haviam apontado indícios de masculinidade.

Lembranças dos depoimentos nos jornais da época mostram que a jogadora sofreu um abalo psicológico muito grande, passou algumas semanas sem jogar, o que foi apontado pelo então técnico da equipe (e da seleção brasileira de voleibol), o Bernardinho, como um complô, uma manobra para desestabilizar emocionalmente a sua equipe, que era uma das principais postulantes ao título.

A atleta, realmente possuidora de um ataque fortíssimo com a bola – sua potência de ataque era tamanha que muitos adversários duvidaram de sua feminilidade, afirmando que apenas um homem poderia ter tamanha força. – foi

levada para a seleção nacional pelo próprio Bernardinho, que a aconselhou a deixar seus cabelos crescerem, a se enfeitar e passar a usar maquiagem, enfim, estampar no visual de seu corpo alguns signos que denotassem a sua feminilidade.

De fato, Érika se viu forçada a se submeter a uma ressocialização corporal e de estilos, construindo uma nova identidade de gênero que reforçasse ou mesmo que fosse condizente com aquilo que se espera da aparência de uma mulher, dentro de determinados padrões.

A antropóloga Caroline Vance teceu análises sobre situações semelhantes àquelas vividas por Érika. Afirmando que o corpo que parece natural na verdade é fruto de um longo aprendizado sobre como atuar e se comportar e construir uma identidade de gênero adequada aos padrões sociais, a autora ajuda a compreender como vêm sendo construídos, socialmente e especificamente no esporte, os corpos e seus signos. Vance (1995) afirma que

(...) o que parecia ser um corpo marcado naturalmente pelo gênero era um produto na verdade mediado por uma persistente socialização com respeito aos padrões de beleza, linguagem corporal e maquiagem. (VANCE, 1995, p. 11).

Ou seja, no caso de Erika, não bastava que ela jogasse bem, ela teve que se *ressocializar*; ela já sabia bater forte na bola, entretanto, para poder atuar sossegada teve que aprender a ser mulher, conforme determinados cânones.,

Estas atitudes e visões preconceituosas e discriminatórias em relação às mulheres no esporte são recorrentes no âmbito da competição esportiva. Grenfell & Rinehart (2003), ao estudarem os direitos humanos na patinação artística sobre o gelo, concluíram que em diversos esportes a mídia continua reforçando imagens femininas preconcebidas .

Estes (...) padrões estereotipados femininos servem para reforçar as diferenças, naquilo que Mesner e Duncan notaram que ‘ quando a

¹⁵ Como diria Einstein, “triste época em que é mais fácil se quebrar um átomo que um preconceito”.

sexualidade é objetivada desta forma, as mulheres simbolicamente estão subordinadas aos desejos eróticos dos homens'. As mulheres também são infantilizadas – tratadas pelos seus primeiros nomes e reduzidas a um *status* de criança, enquanto estão competindo já num ambiente de atletas adultos....). É irônico, pois o fundamento dinâmico da patinação artística, o qual cria uma permanente tensão entre força e beleza, entre manifestação artística e física, pode também ser um veículo que reforça a opressão feminina. (GRENfell; RINEHART 2003, p. 94).

Vasconcellos (2002), em estudo sobre como o stress se manifesta na vida de mulheres atletas que por diversos fatores assumiram participar de modalidades cujas características são tidas e havidas como masculinizantes, denominou estas atletas de “yangyin”, ou seja, mulheres cuja feminilidade (o lado *yin* do humano) é posta à prova pelos aspectos mais agressivos e vinculados àquilo que se chama de masculino (*yang*) numa relação de constante tensão.

O autor considera que, embora existam modalidades esportivas as quais, por suas características e demandas inerentes – de um lado alguns esportes pedem mais sensibilidade, leveza, destreza de movimento (*Yin/feminino*), ao passo que outros exigem qualidades como força, impulsividade, agressividade (*Yang/masculino*) - possam ser vinculadas mais a um gênero que a outro, isso não significa de forma alguma uma mistura com a vida sexual do ou da atleta. O autor pondera que

Assumir as características de gênero de uma modalidade, não significa automática e necessariamente se filiar a algum tipo de sexualidade que estaria como que “colada” nesta modalidade. Ao contrário, praticar esporte, cada vez mais, sobretudo em alto nível, não pressupõe nenhuma atividade sexual em si – mas sim requer um grau de controle e atenção corporal que significa e embeleza os movimentos e o próprio corpo. (VASCONCELLOS, 2002, p. 102).

Seguindo nesta linha, tentaremos agora abordar como no futebol – que no Brasil cresceu e ainda se desenvolve como um reduto masculino – as relações de

gênero manifestas e latentes no esporte se acentuam, e como estas podem se transformar em relações de poder, ampliando ou ao contrário, negando ou restringindo a prática para determinado grupo de pessoas, em virtude de seu sexo.

3.2.1 Relações de Gênero no Futebol, Educação e Direitos Humanos

Futebol se joga no estádio?

Futebol se joga na praia,

Futebol se joga na rua.

Futebol se joga na alma.

(*Carlos Drummond de Andrade*).

Lima Barreto, cronista e romancista brasileiro que viveu e escreveu no final do século XIX e início do século XX, não acreditava e não gostava de futebol. O autor de *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, entre tantas outras obras marcantes da literatura nacional, sempre se posicionava contra o esporte, satirizando os jogadores, escrevendo que seu próprio físico lembrava “certos ancestrais do homem”, e que os jogadores, por não possuírem qualidades estéticas ou intelectuais para atraírem as mulheres, davam pontapés em bolas e empurões e socos uns nos outros. Certa feita, em 1918, Lima Barreto desacreditado totalmente do futebol, escreveu em uma crônica de jornal: “Não acredito que um jogo de bola, e sobretudo jogado com os pés, seja capaz de inspirar paixões e ódios”¹⁶.

Como é facilmente perceptível, a previsão do excelente e inesquecível romancista não se concretizou, e mesmo seus pares, escritores e jornalistas, se apaixonaram pela prática. Segundo Couto (2005, p. D3),

¹⁶ Conforme José Geraldo Couto, na crônica “A bola fora de Lima Barreto”, Folha de São Paulo, p. D3, 05 de fevereiro de 2005

Só nas décadas seguintes a importância cultural do futebol se tornaria incontestável e o esporte das massas ganharia adeptos no primeiro time das letras nacionais, como Gilberto Freyre, José Lins do Rêgo, Nelson Rodrigues e João Cabral de Melo Neto.

Entretanto, como “qualquer um” sabe desde ‘sempre’, apesar desta enorme e “incontestável importância cultural” desta prática no país, nos campos de futebol do Brasil, os homens são “autorizados” socialmente a praticarem, e as mulheres ficam à deriva, sem a possibilidade de atuarem. Ou, quando atuam, que é o que vem ocorrendo com uma freqüência cada vez maior, enfrentam estigmas de toda ordem – sobretudo aqueles vinculados a sua sexualidade. O mal para as mulheres futebolistas, entretanto, não pára por aí. Os preconceitos advindos desta estigmatização da modalidade concorrem para gerar também discriminações impeditivas, atentatórias inclusive aos direitos culturais das mulheres¹⁷.

Aparentemente é um exagero falar-se que, ao não poderem ou mesmo quando são preteridas no futebol, as mulheres estão sofrendo atentados contra os seus direitos. Ora, é “apenas” um jogo, podem comentar.

O que se quer mostrar aqui, contudo, é que o futebol no Brasil é mais que um jogo. É o *jeito brasileiro de ser*, conforme o título do último livro do jornalista inglês Alex Bellos¹⁸. Para o autor,

futebol é como o mundo vê o Brasil, e como os brasileiros vêem-se a si mesmos. Ele simboliza a harmonia racial, a malemolência, a juventude, a inovação e a habilidade – é também o microcosmo social do maior país da América Latina, e contém todas as suas contradições (BELLOS, 2002, p. 1).

¹⁷ Lembro aqui do fato ocorrido recentemente em São Paulo, que já citei anteriormente: a Federação Paulista de Futebol, com todo o seu poderio financeiro e penetração na mídia, organizou um campeonato no qual somente aquelas que tivessem certas qualidades estéticas e idade entre 17 e 23 anos podiam atuar. Assim, diversas atletas com enorme potencial técnico foram excluídas por não possuírem os quesitos de beleza que os dirigentes achavam fundamentais para embelezar a modalidade...

¹⁸ Em seu recente livro chamado *Futebol: The Brazilian way of life*, Alex Bellos traça um surpreendente e emocionante retrato do futebol jogado no país de norte a sul, com suas figuras e histórias fabulosas e bem-humoradas.

E são diversos os autores, de variadas áreas, que associam o futebol com a raiz antropológica do Brasil. Roberto Pompeu de Toledo¹⁹ (2002, p. 134), ao escrever sobre diversas metáforas futebolísticas utilizadas em pronunciamentos públicos por autoridades nacionais (do presidente Lula ao ministro das Relações Exteriores, passando por outros políticos e celebridades), emprega outra destas metáforas, comentando que

se não fosse o futebol, como nos entenderíamos? Se não fossem os provérbios do futebol, as frases célebres, as metáforas nele inspiradas, nós nos veríamos, para nos comunicar uns com os outros, mais indefesos que goleiro na hora do pênalti, mais perdidos que time tomado olé.

Pela importância e magnitude que possui o futebol no Brasil, que vai muito além dos campos e estádios, atingindo até a nossa comunicação cotidiana, este deveria ser um fenômeno em que todos, sem distinções de espécie alguma, pudessem fazer parte – e não o que acontece atualmente, quando as meninas e mulheres se vêem sistematicamente alijadas da prática futebolística.

Fraser (2002, p. 62), ao discutir as lutas pela igualdade de gênero na última década do século XX, afirma que, se em períodos anteriores as lutas de gênero eram basicamente centradas nas questões de trabalho e violência contra a mulher, na última década elas passaram também a analisar e mirar o seu foco “(...) na identidade e na representação, assim causando a subordinação das lutas sociais às lutas culturais, e das políticas de redistribuição às políticas de reconhecimento”.

Ou seja, segundo a autora houve uma ampliação do próprio conceito de justiça de gênero: às questões *distributivas* se somaram problemas de *reconhecimento*, representação, identidade e diferença. Para FRASER (2002),

¹⁹ Cronista que ocupa a última página da Revista *Veja* semanalmente.

o resultado indica um grande avanço em relação aos paradigmas economicistas redutivistas, que tinham dificuldades em conceituar os danos enraizados, não na divisão do trabalho, mas sim em *padrões androcêntricos de valor cultural* (FRASER, 2002, p.62, grifo nosso).

Particularmente no esporte, o valor androcêntrico é enraizado, este sempre foi visto como uma arena masculina, ou de valores simbólicos masculinos.

Já Pitanguy (2002, p. 111) discute que a nova visão de Direitos Humanos que emergiu nos últimos anos se dá conta que estes só existem em contextos históricos, e somente se concretizam e adquirem “(...) existência social quando enunciados em normas, legislações e tratados (...). Ou seja, segundo a autora não é mais possível se vislumbrar aquele homem abstrato e ideal, sobre o qual se construiria e seria titular de uma série de Direitos Humanos: o ser humano é um ser social e histórico, diverso e múltiplo em todos os seus contextos, e é sobre este ser que os direitos devem se debruçar, e se erigir.

Assim, para a autora, uma das principais conquistas dos movimentos sociais, e de suas lutas travadas em toda a evolução mundial dos Direitos Humanos, notadamente no interior da ONU, foi a “(...) emergência de um novo conceito de humanidade, no interior do qual a diversidade ocupa papel central”. (PITANGUY, 2002, p.112). Ou seja, nos últimos cinqüenta anos, em diversas arenas políticas, foi se desenvolvendo um novo conceito de Direitos Humanos, que ao mesmo tempo em que procura universalizar estes direitos, especifica cada vez mais quem são os sujeitos portadores de cada direito, reconhecendo e reafirmando a humanidade como um grande mar de diversidade.

Nas palavras da autora,

Ao alargarem o campo dos direitos humanos, afirmando que as relações sociais que se estabelecem a partir de determinadas características como sexo, raça e etnia, faixa etária, orientação sexual, configuram esferas de desigualdades social, esses

movimentos desempenharam papel crucial na criação de novas identidades coletivas, enquanto sujeitos de direitos diante de violações e discriminações específicas “(p. 112/3)

Assim, ao fazermos uma leitura atenta do artigo 1º da *Convenção sobre a Eliminação de todas as formas de Discriminação contra a Mulher*²⁰, poderemos perceber que, ao serem boicotadas, afastadas, menosprezadas, humilhadas e mesmo discriminadas ao tentarem participar daquele que é, indubitavelmente, um elemento central da vida cultural brasileira, as mulheres sofrem sim um atentado contra os seus direitos culturais específicos, categoria de direitos tão essencial para a dignidade da pessoa humana, das comunidades e das sociedades, como os demais direitos políticos, civis e sociais. Diz o artigo supracitado que

para os fins da presente Convenção, a expressão “discriminação contra a mulher” significará toda a distinção, exclusão, ou restrição baseada no sexo e que tenha por objeto ou resultado prejudicar ou anular o reconhecimento, gozo ou exercício, pela mulher, independentemente do seu estado civil, com base na igualdade do homem e da mulher, dos direitos humanos e liberdades fundamentais nos campos político, econômico, social, cultural e civil ou em qualquer outro campo.

Desta forma, este projeto também tenciona, de forma pioneira, lançar as bases na direção da formação de uma nova consciência dentro do esporte que se encaminhe para a defesa e promoção dos direitos humanos de todos, e não apenas da metade da população.

Com o aprofundamento da discussão sobre as relações de gênero no interior da instituição *esporte*, mais especificamente no futebol brasileiro, pretende-se

²⁰ Conhecida como CEDAW, esta Convenção foi adotada pela assembléia geral da ONU em dezembro de 1979, vigorando a partir de março de 1981, tendo sido ratificada com reservas pelo Brasil em fevereiro de 1984. As reservas brasileiras referentes a esta Convenção foram retiradas em junho de 1994.

contribuir com a reflexão a respeito de programas educativos que empregam atividades exclusivas para um sexo.

Ainda hoje é comum, encontrarmos escolas e instituições com programas para crianças, que mantém o antigo e estereotipado esquema de atividades separadas, sendo que as meninas fazem aquelas menos ativas, e aos meninos é dada a chance de correr, subir, jogar bola... Ou seja, é imprescindível que todos possam brincar igualmente, e “sonhar, em ser jogadores, de futebol!”²¹.

Sustentando esta prática, Connell (1995, p. 200) reafirma que a idéia global nos novos programas educativos, não é abolir os elementos de gênero, mas sim torná-los acessíveis a qualquer pessoa. “Nas escolas, por exemplo, é um objetivo bastante comum ‘expandir opções para as garotas’ (...”).

Dentro deste ponto, percebe-se que o esporte joga um papel importantíssimo, pois, como aponta Knijnik (2003) é uma arena tradicional e historicamente ocupada e dominada pelos homens, espaço que inúmeros dirigentes políticos e esportivos faziam questão de preservar com exclusividade, pois apenas nele poderia se afirmar a “verdadeira” masculinidade.

Tão crucial é o papel do esporte no desenvolvimento das pessoas e na educação infantil, que a CEDAW, em seu artigo 10²², reserva um item inteiro (o item g) para a questão do esporte, destacando que os Estados que ratificaram aquela Convenção deverão assegurar, em condições de igualdade entre homens e mulheres, “as mesmas oportunidades para participar ativamente nos esportes e na educação física”.

Deste modo, o estudo das relações de gênero no futebol pode somar forças na abertura de novas possibilidades para meninas e mulheres praticarem esportes, especificamente o futebol no Brasil, inserindo-se assim no quadro de uma luta democrática por ampliação dos direitos humanos das mulheres, facultando que todos,

²¹ Neste sentido, Daniela Auad, ao final de seu recente livro *Feminismo: que história é essa?* propõe vinte sugestões para quebrar este círculo vicioso de atividades separadas por estereótipos de gênero, dentre as quais destaco “incentivar igualmente meninos e meninas para as práticas esportivas e para as atividades de ciências, matemática, arte, música (...)” (p. 96).

²² Este artigo trata especificamente da educação, afirmando que “Os Estados – Parte adotarão todas as medidas adequadas para eliminar a discriminação contra a mulher, a fim de assegurar-lhe a igualdade de direitos com o homem na esfera da educação (...”).

sem distinção de espécie alguma , tenham acesso, vivenciem, conheçam e desfrutem este bem cultural valioso e primordial no Brasil, que é o futebol.

Como os direitos, nos dizeres de Hannah Arendt, “não são um dado, mas sim um construído”, eles podem inicialmente se construir como uma representação social, para se estabelecer formalmente posteriormente. Desta forma, no item que se segue, procurei elaborar uma discussão inicial sobre o conceito das representações sociais, o qual, em virtude de sua própria definição como algo maleável e em permanente construção e desconstrução, favorece que se estabeleça um amplo diálogo com as temáticas aqui apresentadas.

3.3 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

A teoria das representações sociais é proveniente da abordagem clássica de Durkheim, no campo da investigação sociológica. Em escritos datados de 1898, Durkheim (1970), afirma que as idéias e representações comuns e compartilhadas por determinadas coletividades não são internas às consciências dos componentes destas comunidades, pois não são provenientes diretamente dos indivíduos enquanto seres isolados. Ao contrário, são frutos da cooperação das consciências, e que o resultado final, a idéia – matriz resultante das consciências, apesar de contar com a parte que cada indivíduo apôs, é a combinação de todos estes, não sua mera justaposição. Desta forma, Durkheim descreve que

Em consequência dessas combinações e das alterações mútuas que dela decorrem, eles [os “sentimentos privados” que se tornam sociais, as representações - NR] se transformam em outras coisas. Uma síntese química se produz que concentra e unifica os elementos sintetizados e, por isso mesmo, os transforma. Uma vez que essa síntese é obra do todo, é o todo que ela tem por ambiente. A resultante, ultrapassa, portanto, cada espírito individual, assim como o todo ultrapassa a parte. Eis aí em que sentido ela é exterior em relação ao particular. Por certo, cada um contém qualquer coisa

dessa resultante: mas ela não está inteira em nenhum. (DURKHEIM, 1970, p. 39).

Esta linha de investigação de Durkheim foi resgatada na década de 1960 pela psicologia social européia, notadamente por Serge Moscovici, e é a partir e com esta teoria e abordagem psicossocial que esta tese pretende estabelecer seus diálogos.

Segundo Spink (1993), pelo fato das representações sociais serem produzidas e estruturadas no âmbito das trocas e diálogos sociais, elas possuem características flexíveis e dinâmicas, sendo permeáveis, portanto, a influências externas, alimentadas pelas visões de mundo de cada época histórica, sofrem reinterpretações conforme as ideologias e mesmo do pertencimento do indivíduo a determinado grupo social. Estas características e possibilidades “mutantes” das representações sociais que as distinguem, conforme Moscovici, citado por Spink (1993)²³, da proposta de representações coletivas enunciada por Durkheim, e também da idéia mais rígida da existência de representações culturais proposta por Sperber.

Em linhas gerais, o pressuposto básico da teoria das representações sociais é que o pensamento é um fato social, tal como a língua na visão de Ferdinand de Saussure²⁴. Assim, o pensamento dos membros de uma comunidade é decorrência daquilo que é possível pensar em determinados contextos históricos e sociais, ou seja, o pensamento é uma externalidade, ninguém *possui* um pensamento, ele é consequência de diversas trocas sociais que ocorrem incessantemente. Deste modo, empregando-se a linha de Saussure, o pensamento coletivo seria uma espécie de segundo idioma, matizado e construído a partir do meio social em que se vive.

Para Mourão (1998, p. 24), os trabalhos de Moscovici constataram que existe um saber “de caráter prático, instrumental, do conhecimento produzido pelos

²³ MOSCOVICI, S. Des représentations collectives aux représentations sociales. In: JODELET, D. (org). *Les représentations sociales*. Paris, PUF, 1989, p. 62-86.

²⁴ O lingüista francês, no seu clássico *Cours de Linguistique Générale*, afirmava que a língua é expressão do pensamento, e mostra viva de que este é fruto de uma cultura, de um ambiente social. Assim, por exemplo, os esquimós possuem 17 vocábulos para descrever um floco de neve, enquanto que os brasileiros apenas um; por outro lado, os brasileiros possuem diversas qualificações para um chute no futebol (“de peito de pé”, “de chapa”, “de trivela” entre dezenas de outros), ao passo que um desconhecedor do jogo deve generalizar e conhecer somente o “chute”.

membros dos diferentes grupos pesquisados no seu cotidiano.” Para a autora, Moscovici, em seu clássico trabalho sobre a representação social da psicanálise²⁵,

Demonstrou que esse conhecimento, relativamente homogêneo e consensual, se constituía, no povo, pelos mecanismos de apropriação do conhecimento produzido pelo corpo profissional dos psicanalistas e dos teóricos da psicanálise. (MOURÃO, 1998, p. 24/5).

Ou seja, segundo esta proposta, a representação social poderia ser conhecida também, grosso modo, como a “teoria do senso comum”, isto é, as diversas teorias que as pessoas constroem no seu cotidiano, sobre os mais diversos assuntos, objetivando organizar e dirigir sua vida diária e coloquial. Segundo Lefèvre e Lefèvre (2000, p. 13), um modo amplo e não - exclusivo de se entender as Representações Sociais é concebê-las como “(...) a expressão do que pensa ou acha (ou pode pensar e achar) determinada população sobre determinado tema”.

Moscovici (1978) distingue dois universos de conhecimento: aquele que chama de *consensual* – ou seja, o conhecimento desenvolvido pelo senso comum, e que se aplica a dar sentido, guiar, justificar e organizar as ações cotidianas; e o denominado de *reificado*, que são os conhecimentos técnicos, possuídos e dominados pelo corpo de especialistas de um assunto. Moscovici (1985) se mostra interessado em discutir o conhecimento consensual, os saberes, teorias e conhecimentos emanados e que permeiam o cotidiano do povo em geral, constituindo o denominado senso comum sobre os diversos fatos do mundo. Para o autor, estas sabedorias são essenciais para que as coletividades possam agir e atuar no seu dia a dia.

Giacomozzi e Camargo (1999) ao discutirem as representações sociais de mulheres casadas sobre como se prevenir contra a AIDS, reiteram que a representação social não é apenas o reflexo automático daquilo que a comunidade ou

²⁵ MOSCOVICI,S. *La psychanalyse: Son image et son public*, de 1961. Neste trabalho, será utilizada a versão brasileira desta obra.

algum grupo social pensa ou sente a respeito das coisas do mundo; para os autores, uma representação social é

(..) uma entidade organizadora dessa realidade, que rege as relações dos indivíduos com seu meio físico e social, determinando suas práticas. Além disso, ela orienta as ações e as interações sociais, pois determina um conjunto de antecipações e expectativas. (GIACOMOZZI; CAMARGO, 1999, p. 34)

Interessante ressaltar um ponto crucial, o de que as pessoas, apesar de manifestarem diferentes representações sociais, e organizarem muitas vezes seu pensamento a partir das possibilidades que estas representações permitem ou cerceiam, se relacionam, se conformam ou modificam estas - ou seja, tal como na língua, na qual um falante, apesar de ser condicionado a pensar e a formar os seus discursos nela, possui liberdade parcial de agir sobre esta, moldá-la e reestruturá-la, inclusive ressignificando-a a partir da criação de novos vocábulos, ou de novos usos para aqueles já conhecidos; deste modo, nos dizeres de Lefèvre e Lefèvre (2002, p. 20) as pessoas

(...) são, ao mesmo tempo, estrutradoras das representações e estruturadas por elas. Em outras palavras, enquanto seres pensantes ou ‘teóricos do senso comum’, geram e são gerados pelo seu meio ambiente ideológico, com o qual interagem dialeticamente na medida em que o dito ambiente é ao mesmo tempo externo (enquanto ‘meio’) e interno (porque os indivíduos também fazem parte do meio).

Spink (1993, p. 303), discutindo o conceito das representações sociais na esfera da Psicologia Social, concorda com as afirmações anteriores, ao destacar o quanto estas representações sociais são “(...) estruturas estruturadas e estruturantes”. Ou seja, as representações, enquanto elementos construídos em dado

contexto social e histórico, condicionam o pensamento individual, ao mesmo tempo em que se mostram permeáveis a novos construtos e modificações. Para a autora,

(...) a representação é uma construção do sujeito enquanto sujeito social. Sujeito que não é apenas produto de determinações sociais nem produtor independente, pois que as representações são sempre contextualizadas, resultados das condições em que surgem e circulam. (SPINK, 1993, p. 303).

Nesta perspectiva de Spink (1993), o sujeito é concomitantemente obra de seu meio, e “obreiro”, “operário” e elaborador deste ambiente, que é a obra que o constituirá, num processo contínuo e interminável. Desta forma, a autora se posiciona num lugar que, sem contestar a importância do momento histórico e de suas determinantes, não encara este como um absoluto, mas sim pode relativizá-lo, abrindo espaço para as forças simbólicas e criativas da subjetividade. Assim, na visão de Spink (1993, p. 304), a Psicologia Social procura suplantar as dicotomias existentes entre mundo objetivo *versus* mundo subjetivo, indivíduo *versus* sociedade, psicologismo *versus* sociologismo, ao visualizar

(...) o indivíduo e suas produções mentais como produtos de sua socialização em um determinado segmento social. A individualidade, nesta perspectiva, emerge como uma estrutura estruturada que tem potencial estruturante.

Com esta visão não restrita das representações sociais é que aqui pretendo trabalhar, observando as atletas e o mundo do futebol de mulheres pela ótica de que estas, ao mesmo tempo em que atuam em uma atividade a respeito da qual diversas representações existentes na sociedade consideram impróprias para mulheres, produzem novos perfis de mulher a partir de sua própria prática, mostrando a possibilidade de se criarem outras representações sobre mulher em nossa sociedade, alargando o leque de perspectivas para meninas que crescem em meio a

representações várias – e consequentes opções diversas – de como ser mulher, e não apenas uma.

No entanto, ao desenvolverem sua prática futebolística, ao questionarem padrões e representações, estas mulheres também sofrem implicações psicológicas por vezes graves e prejudiciais a sua saúde física e mental. Um destes efeitos pode ser o stress, um dos grandes problemas que vem atravessando a vida humana no último século, e que certamente está presente na vida esportiva, com seu ambiente de rivalidades extremas e de representações enrijecidas sobre homens e mulheres, vencedores e perdedores.

3.4 STRESS

O habitante de metrópoles brasileiras definitivamente incorporou o termo *stress* em seu vocabulário cotidiano. As pessoas comentam que “sofreram forte stress” em virtude do trânsito, ou que “estão estressadas” por causa do trabalho, ou ainda que o último ano da faculdade “está o maior stress”; em determinada situação de atrito entre duas ou mais pessoas em um grupo, fala-se que “rolou um stress danado entre elas”. Há marcas e camisetas que propõem uma vida tranquila, propagandeando o *slogan* “no stress”. A mais recente moda dos turistas que voltam do Ceará é usar uma camiseta na qual se lê “no aperreio”, sendo que “aperrear-se”, é o termo típico que os nordestinos empregam como sinônimo de ficar estressado em seu “dialeto”.

Para Vasconcellos (2002), as pessoas conhecem intuitivamente, e por viverem na própria pele, o que é o stress. Conforme o autor, todos já sentiram, mais de uma vez, diversas implicações ruins de terem ido além de suas fronteiras físicas ou psicológicas. O que não se sabe, todavia, é que os diversos fatores que denominamos como stress (violência urbana, pressões trabalhistas, separações, perdas e frustrações, entre outras), e que são usualmente identificados como sendo o próprio fenômeno do stress, são de fato os fatores causadores de stress, ou *stressores* – que é o termo apropriado em linguagem científica, para “(...) designar o agente estimulante ou a

situação que está desencadeando a excitação do organismo” (VASCONCELLOS, 1998, p. 140).

Desta forma, o autor destaca que sempre é necessário ter em mente se, em determinada ocasião ou texto, o termo stress está sendo empregado no sentido popular – aqueles citados acima, que são de fato os stressores – ou na sua acepção científica. Nesta última, segundo Vasconcellos (1998), stress é o processo psicofisiológico em que se encontra o organismo em virtude de uma excitação causada por um agente stressor.

Um dos pioneiros do estudo deste fenômeno, Hans Selye (1974) estudou o stress a partir do conceito de homeostase - definido como o estado de equilíbrio funcional de um organismo, e que se mantém por intermédio de uma série de auto-regulações e de sistemas proprioceptivos. Assim, este estado de equilíbrio homeostático garantiria ao organismo o seu funcionamento regular, normal. Para Selye (1974), o stress é o processo que desequilibra este estado, causando uma superação dos índices normais de sobrevivência, obrigando a estrutura viva a ter reações muito mais intensas e intrincadas do que aquelas típicas da homeostase.

Assim, durante o processo de stress no ser humano, uma aguda reação hormonal, que ocorre sobretudo por intermédio do eixo hipotálamo-hipófise e glândulas supra-renais se instala no corpo (SELYE, 1974). Dezenas de hormônios são liberados na corrente sanguínea, e para Vasconcellos (1998), este processo biológico de stress independe da vontade psíquica do indivíduo, mas pode, “(...) todavia, sofrer a intervenção de nosso aparelho psíquico” (VASCONCELLOS, 1998, p. 145). Esta interferência pode ser, segundo o autor, efetuada em níveis corticais ou mesmo em planos mais primitivos do sistema nervoso humano, tais como o sistema límbico, o tálamo e o hipotálamo.

Para Lazarus e Folkman (1984), o stressor pode ser avaliado psicologicamente em três estágios: a “avaliação primária”, ocorrida nos já citados sistemas límbico, tálamo e hipotálamo, que promovem uma reação mais elementar, resquício da evolução e própria da espécie, dividindo o estímulo stressor em categorias duais básicas, como “perigo”, “desafio”, etc.; em segundo lugar, em havendo necessidade, há uma “avaliação secundária”, que se dá em níveis cognitivos superiores, que preparam as possíveis respostas ao stressor, elaborando estratégias de

reação, as quais são denominadas de *coping*; por fim, ainda segundo Lazarus e Folkman (1984), há uma “reavaliação” do stressor, também em níveis cognitivos, conscientes, a qual se baseia no acerto ou no erro da estratégia de coping empregada.

Para estes autores, o processo de stress se estabelece somente quando na avaliação primária se identifica algo como “perigoso”, “danoso” ou “desafiador”; se porém na avaliação secundária já se consegue estabelecer uma tática em que se consiga o controle do stressor (isto é, fazer o coping da situação), o processo de stress é drasticamente reduzido, ou mesmo é anulado; porém, é na fase de reavaliação que aquela experiência será classificada de não-stressante, perdendo aquele caráter nocivo que primariamente havia lhe sido conferida – e assim ela não mais se encaixará em classificações de stressora, tampouco desencadeará novamente no organismo toda esta intensa reação psicofísica.

Vasconcellos (1998, p. 147) enfatiza que os stressores podem ser tanto extrínsecos – como os já citados anteriormente – como intrínsecos, tais como “(...) traumas, conflitos, idéias, lembranças, fobias, neuroses, sentimentos, pensamentos, pulsões, necessidades afetivas (...)”, e que ambas as formas desencadeiam o processo de stress. Como pode ser causado por todos estes fatores, o stress atualmente é compreendido como um processo psicofisiológico, em que o ser humano, de forma integrada, procura a resposta mais adequada possível a um, ou a um conjunto de stressores, sejam estes de ordem externa ao organismo, ou de ordem interna. Estas respostas, segundo Lazarus e Folkman (1984), são denominadas de “coping”, ou seja, a soma das ações comportamentais que são desenvolvidas com a finalidade de diminuir, com sucesso, o nível de ativação, tornando mínimo ou mesmo anulando uma situação considerada ruim ou ameaçadora. Já Anshel (1990) define coping como um processo que é antes de tudo consciente, e direcionado para o controle, a diminuição ou mesmo o desenvolvimento de mecanismos de tolerância a situações tipicamente stressantes.

Segundo a *International Stress Management Association* (ISMA-BR), cerca de 70% dos paulistanos sofrem com algum sinal negativo de stress, denominados por Vasconcellos (1998), como “reações de stress”, e que variam desde a ansiedade,

irritação e nervosismo a taquicardia, passando por alterações na pressão arterial, problemas gastrintestinais, dificuldade para dormir e dores de cabeça²⁶.

3.4.1 Stress no Esporte

O esporte competitivo é indubitavelmente uma fonte em potencial de situações geradoras de stress. A cobrança pessoal, da torcida, de técnicos e de parentes; a luta constante pela superação e pela vitória; os sacrifícios, as contusões, a arbitragem, todos estes são fatores que poderão vir a ser stressores de atletas, independente de seu nível de habilidade, idade ou sexo. (DE ROSE JR et all, 2004). Some-se a isso o fato do esporte a cada dia que passa ser mais organizado e profissionalizado, o que exige que o atleta, para chegar a altos níveis competitivos, aceite virar peça de uma grande engrenagem com uma hierarquia absolutamente definida.

Conforme Pearlin (1982, p. 375), contextos institucionais altamente hierarquizados são fontes potenciais de stress psicológico. Segundo o autor,

(...) as sociedades, para sobreviver, precisam organizar suas atividades e estruturar as relações entre suas coletividades, (...) através de organizações sociais. E, em uma perspectiva social, o stress psicológico é fruto do engajamento em instituições sociais cuja estrutura e funcionamento pode engendrar e manter padrões de conflito, confusão, e stress.

De fato, quais os níveis de stress a que estariam homens e mulheres submetidos quando jogando uma competição de futebol? E quais destes, se é que existe esta diferença, seriam mais aptos a realizarem o coping das diversas situações stressantes que a modalidade oferece?

²⁶ Revista da Folha, Folha de São Paulo, 25/01/2004.

De acordo com Belle (1982, p. 498),

muitos dos estudos sobre stress psicológico estão focados exclusiva, ou predominantemente, em pesquisas em populações masculinas (...). Comparações entre os gêneros são raramente relatadas, e os inventários padrão sobre eventos de vida causadores de stress incluem um número desproporcional de questões que se aplicam mais freqüentemente aos homens que às mulheres (...)

Podemos afirmar que, em razão de trabalhos mais atuais, inclusive no esporte, a primeira parte desta afirmativa de Belle (1982) seria posta em questão. Pesquisas e trabalhos têm sido efetivados nos últimos anos, e a questão das diferenças e semelhanças entre os sexos, vem sendo levada em consideração – nem sempre, todavia, através do ponto de vista das relações sociais de gênero.

No entanto, especificamente no campo do futebol, pesquisas com mulheres ou sob a ótica de gênero não tem sido levadas a cabo em quantidade suficiente no Brasil.

Recentemente, Vasconcellos (2002) considerou que a vida esportiva é, *per si*, stressante. O autor pensa que ela deveria se manter *eustressante*²⁷, porém, em função dos efeitos colaterais da alta competitividade existente neste meio na contemporaneidade, ele alega que os benefícios que a prática esportiva proporciona freqüentemente têm sido suplantados pelos efeitos negativos, gerando o *distress*.

Ao fazer uma extensa análise geral a propósito do fenômeno do stress no esporte, sob uma perspectiva de gênero, o autor nos ilumina o caminho a se percorrer nestes estudos no interior do campo esportivo. Em sua contribuição, ao analisar o stress da mulher atleta, ele afirmou que,

De uma forma geral, nos últimos tempos as pesquisas vêm apontando níveis de stress mais altos para as mulheres do que para

²⁷ No texto, o autor refere-se a algumas categorias de *stress*, sendo o *eustress* uma “(...) situação emocional avaliada como boa, agradável, prazerosa (...)” e o *distress* uma situação avaliada como desagradável, desafiadora a nível insuperável (...)” (VASCONCELLOS, 2002, p.100).

os homens. Está ocorrendo uma inversão da curva tradicional – onde o gênero masculino predominava – e nela o gênero feminino tem despontado com graus mais elevados de ansiedade, medo e stress. Temos observado isso em pesquisas com as mais variadas temáticas. O que quer dizer que, independente do que se pesquise, se o tema envolve os dois gêneros, é bem provável que a balança pese mais gravemente para o lado da mulher. (VASCONCELLOS, 2002, p. 99).

Ora, esta tendência enfatizada pelo autor é mais um suporte de quanto o *gênero* é um fenômeno contextualizado historicamente e socialmente, pois neste período de décadas (pois se subentende a “curva tradicional” que ele cita como estudos que mensuraram o stress ao longo do século XX) não houve mutações biológicas na espécie humana. O que sim ocorreram foram grandes mudanças nas formas e relações de gênero neste período, a conquista de diversos direitos por parte das mulheres, a entrada maciça delas no mercado de trabalho e em diversos campos da vida social. E estas pesquisas citadas por Vasconcellos (2002), acabaram por detectar que esta revolução nos clássicos papéis de gênero, trouxe também graves consequências psicológicas para as mulheres, como um aumento em seus níveis de stress, por razões diversas - como o aumento da tensão natural quando se sai de casa para o mundo público, ou mesmo a pressão maior decorrente da luta contra as representações de gênero que ainda consideram a mulher como incapaz e inferior ao homem – entre outros motivos que as pesquisas vêm desvelando.

3.5 OS JOGOS OLÍMPICOS DE 2004 E O FUTEBOL DAS BRASILEIRAS – breve relato e decorrências da medalha de prata.

Nos últimos Jogos Olímpicos, realizados na cidade grega de Atenas em 2004, de um total de 245 atletas na delegação brasileira, 122 eram mulheres, uma marca recorde e histórica – com mais uma mulher, o número destas seria igual ao de homens atletas. Esta quantidade significativa de mulheres na representação do Brasil significou um crescimento de aproximadamente 30% em relação ao número destas nos Jogos anteriores (Sidney, 2000), enquanto a delegação masculina cresceu somente cerca de 10%.

Deve-se relativizar estes números, sobretudo o que compara a quantidade de atletas homens e mulheres, ao se considerar que os homens não conseguiram a classificação em algumas modalidades coletivas, como o basquetebol e o futebol, “perdendo” assim quase 40 representantes, ao passo que nestas modalidades as equipes femininas brasileiras estavam presentes.

Mas foi no futebol olímpico que ocorreu um fenômeno curioso: segundo o jornalista esportivo Paulo Calçade (2004), a trajetória da equipe feminina foi inusitada. Para Calçade (2004, p. 13).

nossas meninas, como sempre, estavam relegadas ao clássico abandono do esporte bretão disputado por mulheres. Não fosse o fracasso dos homens em conseguir vaga para Atenas, seguiriam o curso normal destinado a elas: o desprezo e o pouco caso. Apesar de todos saberem que “futebol é coisa para homem”, “é coisa de macho”, nossas valentes meninas passaram meses sob o comando do treinador René Simões, pai de três filhas que, numa percepção muito interessante da realidade, diz ter se sentido “um pouco Chico Buarque para entender o universo feminino”

Mas o final da história todos que acompanharam os resultados das atletas brasileiras conhecem. As atletas e a equipe de futebol foram crescendo durante a

competição, mostrando um bom conjunto tático, bom preparo físico e uma técnica aprimorada perante as adversárias. Chegou à final, contra o time norte – americano – composto por “monstros sagrados” do futebol das mulheres, como Mia Hann – e perdeu apenas na prorrogação, após colocar duas bolas na trave.

A televisão transmitiu ao vivo, muita gente acompanhou e torceu pelo time – claro que os comentários chauvinistas se mantinham, como observador atento não pude deixar de anotar o quanto os homens telespectadores gritavam quando uma atleta caía no chão, após uma entrada mais violenta: “Ué, não quer jogar futebol? Então, seja homem, levanta logo, deixa de frescura...!”. Será que homens atletas não se machucam? E, quando caídos sem sofrer praticamente nada, não utilizam expedientes de “cera” ou “catimba” quando seu time precisa?

No entanto, o resultado desta campanha, uma medalha de prata surpreendente e inédita, trouxe vibração ao país todo, um clamor televisivo dos narradores, como o conhecido narrador de esportes Galvão Bueno da TV Globo, que insistia com que estas atletas fossem valorizadas, e que agora os dirigentes deveriam dar mais atenção às mulheres futebolistas, que jogavam sem a menor condição, sem salários dignos, entre outros problemas.

Acabados os Jogos Olímpicos, a TV continuou dando destaque ao feito, os dirigentes, comentaristas, técnicos exaltavam o fato, e a necessidade de se estruturar o futebol das mulheres no país; cogitou-se uma seleção permanente, uma liga nacional, a cobertura maior da televisão... O tempo passou, e as promessas não foram cumpridas.

As atletas olímpicas, porém, de volta ao Brasil, insistiram junto aos dirigentes que algo fosse feito, para que as jogadoras que estavam no país pudessem atuar – pois muitas das olímpicas conseguiram contratos para atuar em ligas de futebol em outros países. Conforme depoimentos de atletas, as olímpicas formalizaram esta insistência em carta aos presidentes da Confederação e Federações de futebol, na qual perseveraram na necessidade de competições de futebol para mulheres no Brasil, e que estas não fossem excludentes, não selecionassem atletas pela idade ou beleza – ao contrário, as futebolistas olímpicas pediam para que aquelas jogadoras da “antiga geração”, atualmente com mais de 30 anos, tivessem seus lugares nos clubes.

Somando estes pedidos à sensibilidade esportiva do secretário de Esportes do Estado de São Paulo, o ex-atleta olímpico de vela, Lars Grael²⁸, um campeonato foi organizado neste estado, nos meses de novembro e dezembro de 2004, com toda a estrutura técnica e logística sendo financiada pela secretaria de Esportes do Estado de São Paulo, com um apoio restrito da Federação Paulista de Futebol.

Com pouco tempo de divulgação e inscrição de equipes – o campeonato foi anunciado no esquema “boca a boca” no meio de outubro, em meio aos Jogos Abertos do Interior, para se iniciar já na primeira semana de novembro - este campeonato paulista contou com a presença de 32 equipes de mulheres, totalizando quase cerca de 1.000 atletas, que foram organizadas em menos de duas semanas para atuarem. Na verdade, as equipes já existiam, espalhadas por dezenas de cidades do estado, e esperavam uma oportunidade para atuarem e mostrarem o seu futebol.

3.6 RELEMBRANDO OS OBJETIVOS

Antes de adentrar na explanação a respeito da metodologia desta pesquisa, cabe aqui retomar rapidamente os objetivos deste estudo, inclusive para poder se analisar se esta é compatível com aqueles. De forma breve, o *objetivo principal* que orientou esta investigação foi estudar as relações de gênero no futebol, examinando em que medida as representações antagônicas de gênero estiveram e estão presentes na vida das jogadoras de futebol. Em segundo lugar, também se pretendeu analisar as situações stressantes na prática das futebolistas, do ponto de vista do gênero e dos preconceitos e valores associados a esta questão. Por fim, como meta de longo prazo, esta pesquisa objetivou provocar a tomada de consciência pelos formuladores de políticas esportivas no que tange à criação de novos espaços esportivos – tanto reais, físicos, quanto simbólicos - em que mulheres e homens, meninos e meninas, não

²⁸ Segundo depoimento de um funcionário da Secretaria de Esportes, responsável geral pelo evento, conversa esta ocorrida à beira do gramado durante a competição, o secretário Lars Grael ficou sensibilizado com a situação de muitas atletas que viu atuando nos Jogos Abertos, e que após aquela competição ficariam desempregadas, só retornando aos seus clubes no início de março. Assim, para garantir a manutenção do vínculo destas atletas (e consequentes pagamentos de ajudas de custo, alimentação, moradia), o secretário resolveu criar este campeonato.

sejam excluídos tampouco discriminados, contribuindo deste modo para a formação de programas educativos não-sexistas, integrando-se assim ao esforço mundial conhecido como “Projeto do Milênio”.

No afã de perseguir estes objetivos, nesta pesquisa pretendeu-se selecionar sujeitos envolvidos com a modalidade, bem como procedimentos e instrumentos que se acreditaram adequados para esta tarefa.

4 METODOLOGIA

4.1 SUJEITOS

Os *sujeitos* desta pesquisa foram 33 atletas que disputaram o campeonato paulista feminino de futebol de 2004, com idades que variavam entre 16 e 27 anos, com as mais diversas experiências no futebol, desde aquelas que iniciaram suas carreiras meses antes deste campeonato, até outras que já atuaram pela seleção brasileira internacionalmente.

4.2 INSTRUMENTOS E METODOLOGIAS DE ANÁLISE

Uma vez que pretendi estudar as relações de gênero no futebol por meio das representações sociais dos grupos que interagem neste esporte, sobretudo da comunidade das mulheres futebolistas, os instrumentos eleitos a fim de se cumprirem os objetivos desta pesquisa foram de ordem *qualitativa* - o que não impediu a realização de determinadas mensurações e tratamentos dos dados de forma quantitativa, pois uma das principais ferramentas metodológicas de análise destes dados, como se verá mais adiante, possibilita estas medidas, ampliando o potencial de descrição e interpretação dos elementos coletados.

A escolha de um instrumental preponderantemente qualitativo deve-se ao fato de que as questões que orientaram este trabalho foram de ordem qualitativa, isto é, almejava-se descobrir os pensamentos, os sentimentos e as crenças (enfim, as representações sociais) da comunidade envolvida com o futebol de mulheres no Estado de São Paulo. Uma vez que estas representações sociais são veiculadas sob

forma de discurso²⁹, a maneira mais adequada de se aproximar desta realidade informada por estes discursos é analisá-los sob forma de não eliminar as suas peculiaridades, não procedendo a quantificações daquilo que não pode ser enumerado, mas sim procurando estabelecer generalizações por meio do próprio discurso advindo das representações.

Este discurso surge da própria pesquisa, ou seja, apesar das idéias gerais já estarem nas cabeças de quem se pretende entrevistar, as representações e os discursos aparecem durante as entrevistas, uma vez que a própria pesquisa qualitativa, ao perguntar a opinião das pessoas sobre determinado assunto, envolve a cognição e os afetos dos entrevistados (Lefèvre e Lefévre, 2002) – e sendo futebol o nosso tema, as mobilizações dos processos emocionais e cognitivos tendem a serem ainda maiores. Por não serem universais nem pré-existentes à coleta de dados, as representações e os discursos daí surgidos não são comparáveis a tabelas numéricas já definidas (Lefévre e Lefèvre, 2002). Para estes autores, as representações não são mera

(...) secreções simbólicas de grupos de indivíduos, *mas discursos que, a despeito de terem indivíduos na sua origem, são relativamente autônomos dos emissores individuais na medida em que constituem produtos simbólicos de natureza coletiva que não são somas matemáticas de pensamentos de pessoas consideradas como unidades discretas equivalentes.* (LEFÈVRE e LEFÈVRE, 2002, p. 19, grifo dos autores).

Assim, o instrumental para se atingir os objetivos deste projeto será:

- a) Entrevistas estruturadas, que foram realizadas a partir de um roteiro previamente estabelecido (ANEXO I) e descritas e analisadas por meio da metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC – LEFÉVRE e LEFÉVRE, 2000), com o apoio do programa de computador (software)

²⁹ Spink (1993) já propõe que o termo “representação social” dê lugar à expressão “práticas discursivas”, uma vez que o conhecimento advindo destas aparece sempre como forma de discurso – falado, escrito, grafado, entre outras possibilidades.

denominado QualiQuantisoft (2004) desenvolvido por Sales e Pascoal Informática, com base na metodologia do DSC; este tipo de entrevista foi empregado com as 33 atletas mencionadas anteriormente. Estas entrevistas objetivam conhecer uma boa quantidade de representações que todas estas atletas fazem da prática feminina de futebol. Os diversos passos da construção do DSC³⁰ são:

1) Elaboração do questionário, que não pode contar com perguntas que induzam a resposta, ou incompreensíveis, ou mesmo cuja resposta não enseje discurso, seja somente afirmativa ou negativa; para tal, deve-se trabalhar em grupo, discutindo os objetivos de cada questão, o que se quer conhecer com ela, aplicando o questionário em pilotos. Nesta pesquisa, o questionário foi bastante discutido com os membros do GEPECS³¹, que opinaram e reformularam as questões, até que este ficasse a contento.

2) O segundo passo é a coleta de dados propriamente dita, na qual alguns cuidados devem ser tomados, entre os quais não repetir o mesmo questionário duas ou mais vezes para o mesmo entrevistado, a fim de não obter respostas muito refletidas. Todo o material coletado, mesmo que só apareça uma vez, é fonte de estudos e representações – desta forma, a amostra deve ser a maior possível, para que se analisem representações variadas; contudo, Lefèvre e Lefévre (2002) alertam para o fato de que é impossível se chegar a todas as representações de uma dada comunidade, mas que estas acabam se repetindo internamente ao grupo.

³⁰ O DSC, diferentemente de outras metodologias de análise de discurso (como a categorização, o mapeamento, ou a contagem de palavras), faz com que se torne possível a expressão do pensamento coletivo sob forma de discurso. Assim sendo, a entrada, o *input* da “máquina de processamento de discursos” são os discursos obtidos nas entrevistas, mas o *output* também é um discurso, o Discurso do Sujeito Coletivo, que assume a forma de um “eu coletivo” – em seu formato final, o DSC mostra uma coletividade discursando, falando, como se fosse um indivíduo. É o que os autores chamam de “o falar da realidade” (LEFÉVRE e LEFÉVRE, 2002). Durante todo o processo, é a realidade do discurso que fala por si, e não o pesquisador falando pela realidade; apesar de em determinados passos ocorrerem recortes do discurso pelo pesquisador, estes são explicitados a todo o momento, bem como o discurso original é mantido ao final do trabalho para que o leitor possa analisar se estes recortes são coerentes com as análises feitas.

³¹ Grupo de Estudos em Esporte, Cultura e Sociedade, composto por alunos e professores da Faculdade de Educação Física da Universidade Presbiteriana Mackenzie, e coordenado pelo autor desta pesquisa.

3) O terceiro passo é a transcrição completa e total de cada entrevista, a qual sofrerá recortes e intervenções do pesquisador, mas que, de acordo com os criadores da metodologia, ao final deverá ser apresentada na íntegra para que o leitor possa fazer as suas próprias interpretações;

4) A seguir, devem-se eleger as *expressões-chave* (ECH), que são, nos dizeres de Lefèvre e Lefévre (2002, p.11), “(...) pedaços, trechos ou transcrições literais do discurso, que devem ser sublinhados, iluminados, coloridos, pelo pesquisador, e que revelam a essência do discurso ou da teoria subjacente” Neste mesmo passo, e a partir das expressões-chaves dos discursos, estabelecem-se as *Idéias Centrais (IC)* de cada trecho de ECH, que são nomes ou expressões que, de forma sintética, mostram o teor principal daquele discurso; neste passo ainda, pode-se tentar descobrir possíveis *ancoragens* do discurso, nem sempre presentes neste, as quais revelam nítidos marcadores ideológicos e tomadas de posição. Para Lefèvre e Lefévre (2000), se quase todo o discurso possui um alicerce ou um pressuposto ideológico, no caso das análises discursivas mais refinadas, as ancoragens somente são destacadas e consideradas quanto os discursos apresentam-nas claramente, sob forma de marcas lingüísticas inequívocas, que explicitem a teoria ou a ideologia que se manifesta naquela fala.

5) Na seqüência, compararam-se as diversas Idéias Centrais, agrupando aquelas que possuem teores semelhantes sob uma mesma *Categoria*, ou seja, diversos discursos que possuam caráter mais homogêneo estarão classificados em uma mesma categoria.

6) Este último passo é a construção em si do DSC, que será feito na “1^a pessoa do singular do coletivo”, com uma estrutura narrativa, como alguém falando, expressando as idéias daquela comunidade. O DSC é um

conjunto de expressões-chave, reunidas sob a mesma bandeira de uma categoria homogeneizadora de idéias centrais. No entanto, ao se realizar o DSC, o pesquisador intervém no texto, fazendo “operações estéticas”, no sentido de limpar o discurso, tirando gagues, palavras repetidas,etc; o pesquisador também pode fazer “operações retóricas” no texto, a fim de deixá-lo mais inteligível, colocar alguns conectivos que na fala não apareceram, por exemplo. Estas operações se chamam *desparticularização do discurso* (LEFÈVRE e LEFÉVRE, 2002), e servem para se montar um discurso coerente que realmente representa o que aquela comunidade pensa sobre o assunto em questão. No entanto, como aposto anteriormente, este processo é minorado pela presença de todas as entrevistas nos anexos, para que qualquer interessado conheça o discurso real, e as operações e recortes que se fizeram sobre este. Em relação aos recortes, Lefèvre e Lefévre (2002) sugerem que sejam feitos em grupo, no sentido de diminuir a arbitrariedade da seleção do discurso, sobretudo no quarto passo, quando da eleição das expressões-chave – procedimento este já adotado aqui, com os alunos e membros do GEPECS.

- b) O outro instrumental aqui empregado foram observações de campo com viés etnológico, conforme proposto por Molina Neto (2004). Esta etapa, serviu na verdade para o pesquisador conhecer melhor o mundo do futebol de mulheres em São Paulo, durante a realização do campeonato feminino de 2004. Foi composta de observações participativas em meio à comunidade que competia e organizava os jogos; também foram estabelecidas diversas conversas informais - nas quais mais ouvi que falei - com atletas em geral, alguns técnicos e técnicas, torcedores, funcionários da organização; durante este período, executei registros detalhados de como os dias se desenrolavam, o clima e os acontecimentos antes, durante e depois dos jogos, e nos momentos de folga. Estes registros enriqueceram sobremaneira e ampliaram a compreensão do universo que se pretendia estudar – o das mulheres praticantes de futebol em São Paulo. Este conhecimento é de fundamental importância quando se pretende analisar as representações

sociais destes grupos de mulheres que jogam futebol; apreciar o contexto sócio-histórico de onde emanaram as representações sociais que permeiam a história do futebol das mulheres.

4.3 LIMITES ÉTICOS DA PESQUISA

Todos os procedimentos aqui adotados foram realizados com o máximo rigor requerido para pesquisas de opinião com seres humanos.

Todas atletas, sem exceção, receberam explicações antes do início de sua participação sobre todos os procedimentos a serem adotados – bem como foram informadas a qualquer hora em que necessitaram. Todas elas tiveram total liberdade para se submeter ou não a qualquer uma destas atividades e instrumentos de pesquisa, devendo manifestar a sua concordância por escrito, por meio da assinatura de um *termo de consentimento livre e esclarecido para a pesquisa*. Nenhum procedimento aqui proposto possuiu caráter invasivo. Todas foram esclarecidas novamente sempre que tiveram necessidades de novos contatos, pois, para Paiva (1996, p.61), deve-se levar em consideração “(...) o peso das normas de gênero, e a ansiedade gerada diante de tais temas” .

Foi realizado um contrato e um compromisso ético com as participantes das entrevistas, bem como se assegurou às participantes que todos os dados obtidos com as entrevistas e questionários foram para uso exclusivo de pesquisa, que seus dados pessoais não seriam informados a ninguém sem o seu expresso consentimento, assim como elas teriam e terão acesso a estes dados individuais caso os solicitem.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 OBSERVAÇÃO DE VIÉS ETNOGRÁFICO

De acordo com o que escrevi anteriormente, estas anotações foram integralmente realizadas durante minhas observações *in locco* no campeonato, quando também estabelecia contatos com atletas e técnicos, a fim de agendar novas visitas em treinamentos, para realizar as entrevistas deste projeto. Estes primeiros contatos foram absolutamente essenciais para a consecução das entrevistas posteriormente, uma vez que passei a ser reconhecido no ambiente do futebol de mulheres, as atletas e técnicos me viram acompanhando jogos, comentando detalhes, discutindo as jogadas, as derrotas, as classificações... Assim, quando retornei para as entrevistas, não era um pesquisador surgido “do nada”, um estrangeiro no meio, as pessoas sabiam quem eu era e o que fazia lá, algumas manifestavam interesse no assunto, queriam contribuir e informar, talvez querendo desabafar, outras se sentindo importantes em participar de uma pesquisa sobre a sua prática esportiva, enxergando aí uma valorização desta.

Alguns importantes e recentes estudos sobre futebol de mulheres empregaram metodologias semelhantes a esta. Cox e Thompson (2000), por exemplo, ao estudarem o futebol de mulheres na Nova Zelândia, realizaram o que elas chamam de observação – participante

O primeiro estágio desta pesquisa envolveu participação-observação das jogadoras, durante jogos e treinos, nos vestiários (...) durante o período de cinco semanas durante a temporada de 1997. (COX e THOMPSON, 2000, p. 9)

Somente após as primeiras semanas, elas conseguiram realizar as entrevistas aprofundadas. Note-se que estas autoras levavam algumas “vantagens” em relação a esta pesquisa que aqui se descreve. Além de serem mulheres, e não estarem interditadas, em virtude do sexo, de acessarem vestiários, quartos, etc, uma delas, Bárbara Cox, também é jogadora de futebol, e ao passar a freqüentar seguidamente os jogos de uma mesma equipe, passou a eventualmente ser reconhecida como dirigente, ou mesmo técnica de alguma equipe, que estaria estagiando (COX e THOMPSON, 2003).

Menesson e Clément (2003), que estudaram as atletas futebolistas francesas, também empregaram a metodologia de visitar clubes em treinos ou mesmo em jogos, antes de iniciarem suas entrevistas. Como relatam as autoras

cada entrevista foi precedida de uma longa fase de observação da vida dentro de dois times da primeira divisão, visitados aproximadamente por duas temporadas. O período de observação foi essencial para este estudo, tanto por ajudar a melhor compreender a natureza das interações como para ganhar a confiança das atletas. (MENESSON e CLÉMENT, 2003, p. 314.)

No Brasil, Altmann (1998), em sua dissertação de mestrado, e com a finalidade de estudar as interações entre estudantes de ambos os sexos que jogavam futebol, também trabalhou com observações de campo seguidas de entrevistas. Ela relata sua metodologia em artigo posteriormente publicado, e da seguinte forma:

A prática do futebol por meninos e meninas em uma escola é o tema deste artigo. Ele toma como base resultados de uma pesquisa realizada em uma escola municipal de Belo Horizonte, na qual foram observadas aulas de Educação Física de quatro turmas de 5º série – estudantes entre 11 e 15 anos - , os Jogos Olímpicos Escolares, recreios, festas, algumas aulas de outras disciplinas, conselho de classe e reuniões de professores e professoras. Também foram realizadas entrevistas com os alunos e alunas, com

a professora responsável pela turma e o coordenador pedagógico (ALTMANN, 2002, p. 89)

Embásado nestas idéias, passei seis finais de semana, entre novembro e dezembro de 2004, acompanhando os jogos do campeonato paulista feminino de futebol, assistindo a 30 jogos no total. As rodadas do torneio, que se iniciavam na sexta à tarde e terminavam no domingo após o almoço, eram realizadas em várias sedes espalhadas em algumas cidades do Estado de São Paulo (Cotia, Americana, Campinas, Santos, Araraquara, entre outras); cada cidade-sede recebia outras três equipes, as quais se hospedavam em hotéis ou alojamentos previamente arranjados pelas cidades – sede, sendo que todas as equipes ficavam nos mesmos locais.

Durante estas observações, pude realizar uma série de registros sobre o decorrer do campeonato, escrevendo também opiniões gerais sobre a competição, os jogos, a torcida, os parentes e amigos, anotando expressões, vendo as atletas se concentrando no vestiário ou antes das partidas, entre uma série de registros que descrevo agora. De fato, fiz uma espécie de caderneta sobre os ocorridos no campeonato que pude observar, somados aos meus sentimentos e percepções sobre os fatos observados.

Cada rodada do campeonato (as quais ocorriam, conforme descrito, concomitantemente em várias cidades do interior paulista que as sediavam), portanto, possuía quatro equipes que jogavam entre si, em turno único todas contra todas. A cada rodada, duas equipes eram eliminadas, e as duas melhores classificadas daquela sede se qualificavam para disputar a próxima fase – o que certamente contribuía para o clima de tensão do torneio, pois a cada jogo as atletas sabiam que poderiam estar definindo a sua saída do torneio, sendo eliminadas e consequentemente, rumando para o desemprego até o reinício das atividades do clube, após o carnaval do ano seguinte.

As rodadas eram organizadas com jogos todos os dias, em seqüência, ou seja, as equipes jogavam as sextas à tarde, depois aos sábados após o meio dia, e aos domingos pela manhã, a fim de retornarem para as suas cidades após o almoço. As atletas e técnicos comentavam e reclamavam bastante desta dinâmica sacrificante - com jogos disputados sem respeito às normas mínimas de descanso recomendadas

pela FIFA³², muitas vezes jogados sob o sol escaldante do mês de novembro no interior de São Paulo, às 11h00, ou às 14h00.

Muitos com quem conversei eram extremamente críticos, questionando o modo das coisas serem feitas, clamando contra quem havia montado este esquema, pois ele gerava muitas contusões, e geralmente não eram as melhores equipes que ganhavam e se classificavam, mas aquelas com menos jogadoras lesionadas, ou mesmo com um maior banco de reservas. Uma das melhores atletas de uma equipe, jogadora inclusive vice-campeã olímpica naquele mesmo ano, comentou comigo em um sábado que, devido a um problema crônico em seu joelho esquerdo, ela nunca poderia jogar sem um intervalo mínimo de 48 horas entre um jogo e outro, inclusive em virtude de recomendação médica; desta forma, a sua comissão técnica escolhia o jogo mais difícil para ela participar naquela rodada, aquele em que sua equipe em princípio mais precisaria dela, sendo que ela não atuava em dois dos três jogos das rodadas – e isto a deixava visivelmente transtornada e irritada, questionando duramente os organizadores do evento, pedindo mais verbas e maior organização.

Mas também havia aquelas atletas e técnicos que entendiam o que estava sendo feito, e diziam que era o único jeito da “coisa sair”, e então se submetiam ao sacrifício, pois era melhor ter aquilo do que não ter nada, e haviam sido feitas promessas de um futuro melhor, em curto prazo. De fato, os representantes da Coordenadoria Estadual de Esportes, braço do governo estadual que pagou pelas despesas e organizou este campeonato de 2004, prometeram aos times que este seria um primeiro campeonato, com a finalidade de, entre outras, ranquear as equipes em duas divisões para que no ano seguinte fosse feito um campeonato mais racional e organizado, com duas divisões, sendo que a primeira teria 16 times, e a segunda divisão (de acesso) teria outras 20, e que os jogos seriam realizados aos finais de semana (isto de fato ocorreu em 2005, o campeonato foi extenso, durou de maio a novembro, com jogos aos finais de semana somente, com uma pausa apenas de quinze dias durante a realização dos Jogos Abertos do Interior).

³² FIFA- *Football International Federation Association*, entidade que dirige o futebol internacionalmente, e que recomenda minimamente um intervalo 72 horas entre um jogo e o próximo; as atletas deste campeonato jogavam, conforme a organização das rodadas, com intervalos menores do que 20 horas entre um jogo e outro.

Geralmente, com o intuito de evitar despesas com hospedagem (uma vez que os alojamentos e hotéis estavam disponíveis apenas nos dias de jogos), as equipes convidadas saíam de suas cidades de ônibus na quinta-feira à noite, passavam a madrugada na estrada, chegavam nos alojamentos, descansavam o quanto podiam, e iam para os jogos, acumulando o cansaço da viagem com o *stress* do jogo da própria sexta-feira, e a perspectiva de jogar no dia seguinte, debaixo do sol. Desta forma, com este calendário desgastante, a rodada de domingo, a terceira em seguida, realizada normalmente debaixo de um sol escaldante – eu mesmo não peguei nenhum dia de chuva ou tempo fechado nestes finais de semana que convivi com as equipes - tinha jogos geralmente com um péssimo nível técnico, com as atletas literalmente “se arrastando” em campo, posto que elas já estavam fatigadas, mal conseguiam correr e acompanhar o ritmo naquele grande espaço que ocupa o gramado de futebol de campo (um retângulo de 110x60 metros).

Como mencionei anteriormente, durante estes dias de observação, tive a oportunidade de conviver com as atletas, técnicos e técnicas, dirigentes de equipes, organizadores do evento, antes e depois dos jogos, conhecendo a todos um pouco melhor, percebendo o clima da competição e entre as pessoas envolvidas no futebol de mulheres neste período, conversando com árbitros e torcedores, ouvindo preleções de técnicos/as antes dos jogos, ou nos intervalos e mesmo broncas após derrotas. Transportei familiares e mesmo algumas atletas em meu carro algumas vezes, viabilizando que elas pegassem conduções públicas em pontos menos isolados

Conversei longamente com alguns técnicos, muitas vezes enquanto assistíamos ao primeiro ou ao segundo tempo de uma partida de outras equipes (o que totaliza cerca de 50 minutos), e eles aguardavam as suas atletas se aquecerem para o seu jogo, ou se arrumarem nos vestiários, ou então tomarem banho após uma partida. Nestas conversas, em clima absolutamente informal – isto é, eu não estava gravando tampouco tomando notas - discutíamos desde temáticas próprias as situações táticas dos jogos, a planos estratégicos de como melhorar a situação do futebol feminino; eles e elas também me contavam, muitas vezes com detalhes, os seus planos profissionais, sua história no futebol, seu orgulho por possuírem formação acadêmica (em registros não – formalizados, anotei somente um dentre treze técnicos que não era graduado em Educação Física); algumas vezes, tocávamos

nas questões menos transparentes que envolvem a modalidade no feminino, isto é, conversávamos sobre a aparência das atletas e mesmo o homossexualismo entre as mulheres no futebol.

Técnicos me revelaram que hoje em dia já costumam pedir veementemente, ou mesmo forçar que as atletas tenham cabelos compridos, e uma aparência considerada por eles mais feminina. De certo modo, eles têm afastado ou evitado atletas com uma aparência mais masculinizada, no sentido de procurarem o que eles chamam de profissionalismo, melhorar a imagem da modalidade, e algumas coisas não “pegam bem”, como por exemplo garotas com bermudões, cabelo curto, camisetas, com muitas tatuagens à mostra.

Em relação a questões envolvendo a sexualidade das atletas, não ouvi nenhum comentário sobre uma possível educação neste ponto, pouco se fala do assunto, de trabalho de prevenção de gravidez ou doenças sexualmente transmissíveis – o que ao meu ver seria excelente, uma vez que é um grupo de jovens que vivem juntas, facilitando sobremaneira trabalhos dinâmicos educativos sobre a sexualidade, como já vi ocorrerem em outras modalidades, como o voleibol, o handebol, no futebol de homens, etc. Os técnicos homens não abordaram nenhuma vez este assunto, ou não se manifestavam, ou muitos declaravam que não gostavam de saber nada sobre a vida sexual das atletas, diziam que isso seria um problema particular delas – sem perceber o potencial que um técnico esportivo possui para desempenhar um papel importante neste nível, levantando questões sobre afetividade, prevenção, dentre uma série de tópicos que são fundamentais de serem abordados entre jovens, sobretudo com um dos grupos etários presente neste estudo, aquelas entre 16 e 21 anos.

Tiba (1994), ao refletir sobre o papel da orientação sexual em grupos de adolescentes na escola, já percebia o enorme potencial que o professor de Educação Física tem para ser um agente que acompanhe o oriente os jovens no que tange a sua vida sexual, suas dúvidas e primeiras experiências. Tratando especificamente da escola, mas com uma percepção que pode se estender para outras práticas ligadas à área de Educação Física, tal como o esporte, o autor coloca que

Hoje a educação sexual é indiscutível e nenhuma escola para adolescentes deixa de abordá-la. A questão, agora, não é decidir se trata ou não do assunto, mas sim saber como lidar com ele. Por enquanto, a maioria das escolas deixa o assunto nas mãos dos professores e não tem muito controle sobre o que eles falam em classe ou conversam nos corredores com os alunos. E os alunos muitas vezes escolhem professores de outras matérias (não o escolhido pela escola) que se mostram mais abertos à aproximação. É um aspecto importante: apesar de a escola decidir, o aluno é quem escolhe, nos intervalos, quem vai orientá-lo. Nesses casos, o aluno tende a eleger quem lida com o seu corpo, como o professor de Educação Física. (TIBA, 1994, p. 108).

Já duas das técnicas com quem mantive contato, foram bem mais receptivas quando o tema foi a sexualidade. Uma delas foi clara, contando logo na primeira abordagem que ela fazia sim um trabalho educativo, discutia temáticas sobre gravidez, prevenção, relacionamentos abertos e fechados, bissexualidade, homossexualidade, promiscuidade, como obter prazer com o seu corpo, entre tantos outros. Ela comentou que isto era facilitado pela convivência de todas em um mesmo local, e que muitas vezes as atletas novas que chegavam estranhavam o clima daquelas discussões, sempre francas. Esta treinadora contou que procurava material sobre assuntos relacionados à sexualidade e entregava para as atletas (livros, panfletos), passava vídeos e organizava reuniões de discussão, entre outras atividades. No entanto, ela estava consciente das relações homossexuais entre as “meninas”, e dos problemas que isto poderia causar, dos ciúmes, das brigas de casais, das “caras amarradas”, e que ela tentava intervir sempre que possível, para evitar que os climas e desentendimentos amorosos atrapalhassem o rendimento da equipe.

Entretanto, e ela admitia, a homossexualidade era um fator presente no futebol de mulheres, que não podia ser ignorado, e os grupos se formavam ao redor desta questão, as fofocas e comentários estavam sempre presentes, o time tinha histórias de casais que exigiam ficarem juntos em um mesmo quarto, ou até de uma atleta que havia recusado uma convocação para a seleção brasileira, em virtude de outra não ter sido convocada, e elas não quererem se afastar.

A questão da homossexualidade como princípio estruturante das equipes de futebol de mulheres foi bem descrita por Menesson e Clément (2003), que em seu estudo com equipes francesas perceberam que os subgrupos dentro dos times eram formados de um lado, por “heteros”, e de outro, por “homos”, criando parcialmente duas realidades sociais distintas, freqüentando em suas horas livres locais diferentes (enquanto estas últimas procuravam boates e bares especializados, as primeiras iam a locais públicos e “normais”). A própria distribuição dos quartos de hotéis e lugares nas mesas das refeições obedecia a esta norma. E até as histórias de amor entre as mulheres, segundo Menesson e Clément (2003), faziam parte da memória daquela equipe

Em um dos times que nós entrevistamos, todas as jogadoras riem muito, contando a histórias de como, durante um jogo, uma jogadora deixou a sua posição para ir ao encontro de sua amiga, que estava machucada, deixando o campo totalmente aberto para o adversário – que fez o gol em virtude desta atitude. Real ou fabricada, este tipo de história reforça a singularidade da socialização do time, ao mesmo tempo em que fornece argumentos para os detratores da atividade. (MENESSON e CLEMENT, 2003, p. 320).

A outra técnica começou a se abrir mais comigo após um segundo encontro, enquanto eu dava carona para ela no trajeto entre o estádio e o alojamento em que pernoitavam – um tempo de cerca de meia hora. Na verdade, ela começou a tocar no assunto comigo quando comentei que havia participado da organização de um fórum de debates sobre mulher e esporte – ocorrido na Escola de Educação Física e Esporte da USP em setembro de 2004 –, e ela ficou muito satisfeita com isso, pois também tinha acorrido ao evento, e acabou se identificando comigo, resolvendo bater um papo “a sós”, entrando no meu carro e mandando a equipe em seu próprio ônibus.

No carro, depois de falar sobre assuntos gerais, e pessoas mutuamente conhecidas, começamos a abordar o assunto, fiz algumas perguntas, e ela começou a me responder que aconteciam sim, namoros e relações homossexuais entre as atletas,

e isto não era incomum. Perguntei para ela o que achava daquilo que muitos falavam, isto é, de uma certa pressão sobre as atletas mais novas, que para participarem do grupo do futebol teriam que entrar no grupo homossexual, fazer sexo com algumas líderes deste grupo, ou mesmo mostrar que “eram uma delas”.

Sobre esta questão, ela usou diversos subterfúgios, sem falar diretamente no ponto. Disse, por exemplo, que organizava algumas atividades sociais, umas festinhas entre as atletas, e que quando o clima começava “a esquentar”, alguma delas fazia um passo mais ousado, um requebrado maior, ela acabava com a festa. Contudo, esta técnica não quis dar maiores detalhes sobre a problemática do homossexualismo no futebol, mas deixou entrever que não considerava isto um problema, e que lidava com ele sempre que os conflitos surgiam – discreta e rapidamente, ela citou três atletas envolvidas em um triângulo amoroso, e que acabaram por trocar de equipe, sendo que uma delas havia voltado para casa, a pedido de seus familiares.

No entanto, ao passar algumas vezes nos alojamentos e hotéis, percebia que, nos momentos de folga, muitas atletas tinham comportamentos que indicavam a presença de um forte relacionamento físico entre elas, e uma possível homossexualidade: andavam de mãos dadas, viviam aos abraços, sentavam-se no colo umas das outras. Apesar destes comportamentos também serem encontrados entre adolescentes declaradamente heterossexuais, o que mais me chamou a atenção foram algumas atletas que rumavam em duplas para lugares mais ermos e solitários; presenciei também nos corredores alguns reencontros entre atletas que já haviam no passado atuado na mesma equipe, e os abraços e comentários e beijos eram muito intensos.

A maior parte de minhas observações revelou que o futebol de mulheres é um fenômeno estreitamente vinculado às classes populares de nosso país. As anotações que seguem reforçam estes apontamentos – religiosidade, baixos salários, estruturas físicas e profissionais precárias, familiares, tudo isto faz crer que as equipes de mulheres são formadas por “gente do povo”, atletas que vêm no futebol uma possível oportunidade de mudar de vida. Nada do clima profissional de um futebol masculino de primeira, ou mesmo de segunda divisão no Brasil está presente.

Percebi e anotei um clima de forte religiosidade envolvendo as atletas, com orações em grupo antes dos jogos, atletas e comissões técnicas em círculo antes dos jogos, de mãos dadas e cabeças abaixadas, orando e pedindo proteção para a disputa. A maior parte das equipes realmente possuía uma identidade tribal, um grupo fechado, com sinais típicos e repetidos, gritos de guerra, formações em comum para entrada em campo e aquecimento. São verdadeiras equipes, as quais, pelo que pude constatar, existem às dezenas pelo interior do estado, em sua grande parte vinculadas às prefeituras municipais, que subsidiam estas equipes, sobretudo para representar estas cidades em Jogos Regionais e Jogos Abertos do Interior.

A estrutura das equipes (com exceção das quatro finalistas) é absolutamente amadora, com atletas morando longe de casa, em alojamentos comuns, e recebendo uma parca ajuda de custo para competir, nada maior do que um salário mínimo. O ambiente amador é reforçado pelos próprios técnicos/as, que acumulam funções do tipo “faz tudo”, carregando bolas, remédios, água, agindo como “médicos”, dirigentes, pais e mães, entre outras funções necessárias.

Em virtude inclusive deste amadorismo, anotei que os jogos eram disputados em estádios pobres do ponto de vista estrutural, estádios que servem para sediar jogos dos campeonatos masculinos da terceira divisão, ou mais inferiores. Espaços muitas vezes cobertos com bandeirinhas de papel coloridas, resquícios de longínquas festas juninas que ainda não haviam sido limpos e recolhidos (quem iria limpar e cuidar do estádio? O poder público, evidentemente, faz o mínimo necessário para manter aquele espaço em condições de receber uma competição). Na verdade, este clima amador, misturado às bandeirinhas, à torcida, me lembrou que aquele futebol das mulheres era uma verdadeira festa popular, uma manifestação cultural popular. Esta impressão foi reforçada ao observar as pessoas que freqüentavam os jogos, torcendo nas arquibancadas – cabe lembrar que, como torneio amador, não havia cobrança de ingressos, e os jogos eram franqueados a quem quisesse assisti-los, os estádios permaneciam com os portões abertos durante todo o decorrer do jogo.

Ao subir para as arquibancadas para viver o clima da torcida durante jogos emocionantes, decididos nos minutos finais, registrei que a maior parte dos torcedores eram familiares das atletas, filhas pequenas das mesmas, pais e mães, irmãs e amigas; pelas vestimentas, trejeitos, pela falta de veículos próprios (eu

mesmo lotei meu carro fornecendo diversas caronas para familiares que precisavam voltar para São Paulo, Embu, Carapicuíba e outras localidades) ou mesmo pelos carros velhos que estacionavam perto dos estádios, enfim, por toda observação daqueles torcedores/as, e inclusive pelas conversas que eu estabeleci, confirmei o quanto aquelas atletas pertencem a classes mais populares, desfavorecidas social e economicamente³³

Também tive a chance de, em virtude de contatos e conhecimentos prévios de atletas - que já haviam sido minhas alunas outrora - ou mesmo de técnicos já conhecidos, de passar três dias alternados (sem pernoitar) nos locais (alojamentos e hotéis) nos quais as equipes se hospedavam durante a realização das rodadas. Isto favoreceu bastante a minha observação e contato com esta comunidade das mulheres que jogam futebol em São Paulo - e atualmente, quando se fala de futebol de mulheres em nosso país, se pensa no Estado de São Paulo, praticamente o único na qual esta prática permanece viva, mesmo que com inúmeras dificuldades³⁴.

Por fim, vale registrar uma conversa que tive com um senhor, funcionário de carreira da coordenadoria de esportes do estado, que se proclamava como um dos funcionários mais antigos daquele departamento, com quase 30 anos de casa. Ele era, juntamente com outro funcionário comissionado, o representante oficial da Secretaria de Esportes em uma das cidades – sede.

³³ Um encontro emocionante que tive numa destas observações de campo foi com a goleira da equipe de Cotia, que havia sido minha atleta em uma equipe de handebol há oito anos. Lembrava-me desta moça, canhota, como alguém muito batalhadora, pobre, e sua história atual confirmava isto. Tinha atualmente 28 anos, já viúva e com uma filha de dois anos, cujo pai e ex-marido desta moça havia morrido, pela versão preliminar, em um “acidente”, que algumas horas mais tarde, com o aprofundamento da conversa, se revelou um assassinato em um assalto no qual ele era um protagonista. Esta moça, ao ver meu carro, contou-me que também tinha uma *Doblô*, e que usava o carro em seu trabalho: era motorista de uma lotação que fazia diariamente o trajeto Diadema - Guarujá, no litoral paulista, saindo às cinco da manhã, realizando diversas viagens, e parando no final da tarde para ir treinar futebol até altas horas da noite. Quando eu a chamei pelo nome, ao longe, ela sorriu e ficou muito feliz: “nossa, você lembrou de mim?”, como se não merecesse aquela atenção especial que aquele “professor importante” que lá estava dispensava para ela– sim, pois eu já havia me tornado uma referência naquela rodada, as atletas me rondavam, queriam saber o que eu fazia, pegando telefones e contatos, querendo saber de tudo, me identificando como “o professor que estuda a gente”.

³⁴ O Rio de Janeiro, em 2005, vem conseguindo reorganizar o seu futebol feminino, por meio da COPA ONU, que conta com apoio desta entidade, e de autoridades como a ministra Nicea Freire, entre outras.

A função deste senhor era recolher as carteiras de identidade das atletas, a relação dos nomes que os técnicos apresentavam para os jogos, com as respectivas numerações das camisas das atletas, e preencher manualmente a súmula do jogo, levando-a para a equipe de arbitragem. Desta forma, enquanto ele fazia este preenchimento, durante várias vezes conversamos sobre aspectos variados. Ele ficou muito curioso com a minha presença, achou muito interessante alguém da USP estar presente lá, mencionou vários nomes de professores que dizia serem seus contemporâneos. Cabe notar que ele sempre falava comigo olhando para baixo, para o que escrevia, sem jamais olhar no meu rosto.

Em uma destas conversas, ele começou a me relatar um caso, que em seus dizeres, era “um absurdo”: uma menina de 12 anos, no campeonato colegial de futebol que a coordenação organizava todos os anos, resolveu jogar em uma equipe de meninos. Ao descobrir isto, a secretaria vetou a sua participação, pois o campeonato era para meninos. Este senhor havia sido o responsável pela proibição, a qual gerou inclusive uma reclamação judicial da garota e de sua família à justiça, pois nada no regulamento do campeonato dizia que ele era somente para meninos. Este funcionário, indignado, queria saber a minha opinião sobre o assunto, pois ele me dizia que “após 25 anos fazendo este campeonato, agora só posso atuar nos bastidores dele, e tivemos que escrever no regulamento que era só para meninos, você já viu isto, professor?”.

O caso ao qual ele se referia era o de Thais Priolli, uma garota de 12 anos, moradora de Itapetininga, no interior do Estado de São Paulo, que teve que entrar na justiça para garantir o seu direito de atuar em sua equipe em um campeonato no qual nada ou nenhum ponto do regulamento falava que era exclusivamente para garotos. A Folha de São Paulo de 19 de setembro de 2003 reportou o caso, com o seguinte título: “Thaís Priolli, 12, ganha na justiça o direito de jogar em time de meninos no Paulista”

Este acontecimento tem inclusive raízes históricas. Xavier Breuil (2004), historiador da FIFA e professor da Universidade de Neuchâtel, na Suíça, ao estudar as possibilidades de mistura de sexos no futebol, relata um caso na Inglaterra, em 1978, de uma menina de origem india que, aos 12 anos, processou a Federação

Inglesa por ter sido proibida de disputar um torneio em uma equipe de meninos. Argumento central de seu processo: discriminação sexual³⁵.

O mais interessante, contudo, é que o funcionário em questão jamais percebeu o quanto as suas atitudes poderiam ser discriminatórias; ao contrário, baseado no peso da tradição, que pregava mais de 20 anos organizando o mesmo torneio, ele estava indignado de ter sido silenciado sobre o caso. Havia tirado dele o poder decisório do campeonato intercolegial do estado, ele fazia tarefas burocráticas, e não podia sequer atender a imprensa para dar a sua versão dos fatos.

A segunda parte desta pesquisa, bem mais extensa, foi a realização das entrevistas estruturadas, e a análise destas por meio deste novo referencial metodológico, que é o Discurso do Sujeito Coletivo.

5.2 ENTREVISTAS ESTRUTURADAS

Empregando o referencial teórico do Discurso do Sujeito Coletivo (LEFÈVRE e LEFÈVRE, 2000), procurei, com as ferramentas digitais que o programa Qualiquantisoft disponibiliza, destrinchar as representações dos discursos daquelas 33 atletas. O processo é feito a cada pergunta, ou seja, haverá um DSC para cada uma das categorias que as falas das atletas respondentes propiciarem – caso a resposta da pergunta 1 acabe aparecendo posteriormente na pergunta 3, esta resposta deve ser transportada para o campo da pergunta 1 (LEFÈVRE e LEFÈVRE, 2002). O programa é interessante e prático porque, além de permitir quantificações *a posteriori* (cadastro dos entrevistados, com diversas opções, como idade, escolaridade, nível de renda, sexo, entre outros), permite que todas aquelas operações que anteriormente eram feitas “à unha” – como a seleção de expressões-chave, idéias centrais, ancoragem – sejam agora realizadas no interior do programa, para que afinal se produza o DSC referente àquela questão. Ou seja, como já afirmado, esta metodologia possibilita que se entre no programa com a resposta (o *input* é o

³⁵ Theresa Bennett, em 1978, foi banida pela *Football Association* (FA) de uma liga local onde jogava com meninos. O tribunal do caso “Theresa Bennett versus a Football Association” decidiu a favor da FA, tornando-se uma lei que impedia que meninas de 12 anos ou mais jogassem futebol com os meninos (informação obtida no rascunho de um *paper* ainda no prelo, “A feminist analysis of selected incidents in women’s football”, de J. Caudwell e S. Scraton.).

discurso) de cada atleta, e que ao final também se obtenha discurso – o DSC – e não números ou categorias isoladas. Isto facilita muito o processo de análise e interpretação destes dados, dos discursos coletivos. O programa, assim, ajuda na descrição dos dados, e não em sua análise, a qual é realizada a partir do referencial teórico do pesquisador.

Nas páginas seguintes, apresento as operações que resultaram nos DSC das diferentes categorias surgidas a partir de cada uma das perguntas. Mostro as **expressões-chave** dos vários discursos das atletas, a **idéia central** destas falas, como estes se tornaram **categorias** com teores semelhantes, e os **discursos coletivos** provenientes das categorizações feitas pelo pesquisador; apresento também os **relatórios quantitativos** da força que cada categoria possui no interior do quadro de respostas da mesma pergunta; deve-se notar também que, por vezes, o item “número de respostas” é diferente da quantidade de atletas entrevistadas - isto porque em certas ocasiões algumas atletas apresentam duas idéias centrais na mesma fala (o que ocasiona o surgimento ou enquadramento em categorias diferenciadas), ou mesmo elas não apresentam idéia alguma, não sabem e assim não são computadas no quadro daquela resposta; as **ancoragens**, quando presentes no discurso, também foram submetidas ao mesmo processo de análise. (ver QUADROS 1 e 2)

Expressões-chave	Trechos que revelam a essência dos discursos
Idéia central	Síntese das expressões-chave.
Categoria	Agrupamento de idéias centrais ou de ancoragens com teores semelhantes e classificadas sob uma bandeira homogeneizadora
Discurso do Sujeito Coletivo	Estrutura narrativa baseada na “primeira pessoa do singular do coletivo”, formada pelo conjunto de expressões-chave reunidas em uma mesma categoria de idéia central ou ancoragem, a qual expressa as idéias daquela comunidade
Relatório Quantitativo	Relatório fornecido pelo Qualiquantisoft o qual quantifica a força, em termos percentuais e visuais, de cada categoria no interior de cada pergunta feita.
Ancoragem	Ideologia explicitamente apresentada no discurso.

QUADRO 1- Síntese dos termos empregados na apresentação dos resultados (Fonte: LEFÈVRE e LEFÈVRE, 2000)

1. Divisão das faixas etárias → 2. Discurso da atleta para cada pergunta → 3. Seleção das Expressões-chave → 4. Síntese das Idéias Centrais de cada expressão-chave → 5. Classificação das Idéias Centrais em Categorias unificadoras → 6. Quantificação das categorias → 7. Elaboração do Discurso do Sujeito Coletivo de cada categoria de idéias centrais, feito a partir de suas expressões-chave. (O mesmo processo foi realizado com as ancoragens, quando encontradas nos discursos.)

QUADRO 2 – Etapas das operações às quais os discursos das atletas foram submetidos

Particularmente no caso das ancoragens, deve-se ler com atenção os resultados quantitativos, pois nem sempre um discurso fornece ou possui um teor altamente ideologizado; desta forma, as ancoragens nem sempre estão presentes, e quando se encontram, dificilmente ocorrem em todas as falas, o que faz com que muitas vezes seus resultados apontem para percentuais altos que ancoraram (por vezes até cem por cento) seu discurso naquele ponto ideológico – mas certamente isso se deve a apenas uma ou duas atletas ter aquele pensamento mais marcado.

No interior dos resultados demonstrados, as respostas foram subdivididas em dois grandes blocos etários, conforme sugerido pela banca avaliadora do projeto na fase da qualificação deste, a profa. Dra. Yvette Piha Lehmann e o prof. Dr. Afonso Antonio Machado Esta sugestão – dentre inúmeras outras contribuições que a banca forneceu - proveio da idéia de que haveria possibilidades de reflexões e consequentes representações diferenciadas, a partir da idade das atletas e de seu próprio tempo de prática e experiência no futebol. Desta forma, os dois grandes blocos foram compostos por *vinte* atletas entre 16 e 21 anos, e por *treze* atletas entre 22 e 27 anos de idade, quantidades que se revelaram extremamente eficazes para as inferências realizadas.

Como já mencionado, os resultados são apresentados a cada pergunta e sempre em dois blocos, sendo que primeiro aparecem os resultados do bloco etário mais novo e a seguir, os resultados do outro bloco de idade. Por diversas vezes, as categorias nos quais se enquadram as idéias centrais das falas das atletas, e que reunidas formaram os DSCs de ambos os blocos se mostraram extremamente semelhantes, o que favoreceu uma discussão conjunta dos dados obtidos. Já algumas vezes, os resultados dos blocos etários se mostraram muito díspares, o que permitiu uma análise em separado e mesmo possíveis comparações entre as categorias. Vale ressaltar que os nomes de atletas que aparecem nos quadros de idéias-chave bem como em qualquer local desta pesquisa, são totalmente fictícios, e foram colocados a partir de novas denominações que dei às jogadoras, seguindo uma ordem alfabética e criando nomes dentro desta ordem, em cada categoria.

<p>Quadros e figuras apresentados como resultados a cada pergunta da entrevista sempre separados entre as faixas etárias:</p>			
16 a 21 anos		22 a 27 anos	
Idéias Centrais	Resumo e Categorias das Idéias Centrais	Resumo e Categorias das Idéias Centrais	
	Resultados Quantitativos das Idéias Centrais	Resultados Quantitativos das Idéias Centrais	
	Discurso do Sujeito Coletivo das Idéias Centrais	Discurso do Sujeito Coletivo das Idéias Centrais	
Ancoragens	Resumo e Categorias das Ancoragens	Resumo e Categorias das Ancoragens	
	Resultados Quantitativos das Ancoragens	Resultados Quantitativos das Ancoragens	
	Discurso do Sujeito Coletivo das Ancoragens	Discurso do Sujeito Coletivo das Ancoragens	

QUADRO 3 – Esquema explicativo da apresentação dos resultados

5.2.1 Pergunta 1 – *Conte como você começou a jogar futebol*

5.2.1.1 Pergunta 1 - Resultados (16-21 anos)

A) Resumo e categorias das Idéias Centrais

RESUMO DAS IDÉIAS CENTRAIS (16 A 21 ANOS)

1- Conte como você começou a jogar futebol

	Expressões Chave	Idéia Central	
Célia	Eu iniciei no meu condomínio, é até engraçado porque minha irmã me levava para jogar, jogava com os meus primos, com os moleques do condomínio, cresci jogando com homens dentro do condomínio.	Eu iniciei no meu condomínio, jogava com os meus primos, com os moleques do condomínio.	A
Dulce	Bem, eu comecei jogando em Lorena, comecei como quase todas as meninas, no meio dos homens e da molecada.	Comecei como quase todas as meninas, no meio dos homens e da molecada	A
Fátima	Iniciei porque na rua de casa onde eu morava só tinha menino, e não tinha menina para brincar. Então eu sempre estava no meio dos meninos jogando bola.	Iniciei na rua de casa onde eu morava, eu sempre estava no meio dos meninos jogando bola.	A
Keila	Eu comecei a jogar bola com 13 anos já no meio da molecada, só eu de menina mesmo numa escolinha.	Eu comecei a jogar bola no meio da molecada, só eu de menina mesmo, numa escolinha.	A
Mônica	Comecei como toda menina, sempre joguei na rua com os moleques.	Sempre joguei na rua com os moleques.	A
Sara	Eu comecei mesmo porque só tinha irmão, só tenho irmãos homens, então eu não tinha com quem brincar, aí a gente sempre brincava de futebol. Eu sempre brincava na rua.	Eu comecei porque só tenho irmãos homens, então a gente sempre brincava de futebol. Eu sempre brincava na rua.	A

Vanda	Eu comecei mais ou menos aos 8 anos de idade, a gente sempre começa jogando na rua, porque o futebol feminino não é tão reconhecido assim, Então, eu comecei jogando com a molecada na rua, na cidade onde eu moro.	Eu comecei jogando com a molecada na rua.	A
Bruna	Comecei na escola, na 5ª série. Sempre teve campeonato escolar, daí o meu professor de educação física montou um time do bairro e eu comecei a jogar na cidade.	Comecei na escola	B
Paula	Eu comecei jogando no colégio. No sul eu nunca joguei em clube.	Eu comecei jogando no colégio.	B
Rute	Comecei na escola, comecei a treinar, participar de campeonato da escola, depois comecei a treinar no clube.	Comecei na escola	B
Zélia	Eu comecei em centro comunitário, joguei também na escola.	Joguei também na escola	B
Lúcia	Minha mãe não aceitava, mas eu brigava e comecei a jogar, eu tinha uns 12 anos. Aí eu comecei a correr atrás, daí os técnicos iam me buscar, eu não tinha condições de ir, às vezes eu ia para o treino a pé, era uma hora e meia de caminhada, depois eu chegava, voltava e andava outra hora e meia e ia pra escola, era muito corrido.	Minha mãe não aceitava, mas, eu brigava, eu não tinha condições de ir, às vezes eu ia para o treino a pé, era uma hora e meia de caminhada	C
Eva	Desde pequena, com os meus 11 anos comecei no time das meninas lá da minha cidade, me chamaram para jogar.	Comecei no time das meninas lá da minha cidade	D
Tais	Comecei jogando lá na minha cidade, eu tinha 13 anos, e fui jogar em Três Lagoas-MG. Também tinha um time lá, depois eu voltei para a minha cidade, onde eu jogava só nos finais de semana.	Fui jogar em Três Lagoas-MG, tinha um time lá.	D
Alice	Eu jogava futsal e daí o técnico lá do meu bairro formou um time e a gente participou de um campeonato, e o técnico de outro time me viu jogar e me chamou para jogar futsal no time dele.	Eu jogava futsal.	E
Geni	Comecei com 10 anos mais ou menos em São José mesmo, jogando salão, era uma equipe	Comecei jogando salão.	E

	adulta e só tinha eu que era mais nova.		
Hilda	Eu comecei a jogar mesmo foi com 12 anos lá na cidade que eu moro em São José, lá têm centros comunitários em todos os bairros aí, eu comecei a jogar salão.	Eu comecei a jogar salão.	E
Ivone	Eu jogava futsal e dei um toque para o professor para ele ver que eu queria prosseguir nesta carreira, para jogar na equipe dele. Então, ele gostou do meu futebol e me levou para o time de campo dele, e eu continuo aqui.	Eu jogava futsal.	E
Juçara	Eu comecei a jogar aqui aos 15 anos e antes disso só jogava salão na minha cidade, e ia disputar joguinhos escolares e campeonatinhos regionais.	Antes jogava salão na minha cidade.	E
Nair	Comecei com uma brincadeira e aos poucos fui evoluindo e querendo jogar mais a sério.	Comecei com uma brincadeira.	F
Sara	No começo, eu levava mais como brincadeira, uma vontade que eu tinha, jogava bola, mas não levava tão a sério.	No começo, eu levava mais como brincadeira.	F

CATEGORIAS DAS IDÉIAS CENTRAIS DA PERGUNTA 1 (16 A 21 ANOS)

A - INÍCIO NO ESPAÇO PÚBLICO COM MENINOS

B - INÍCIO NA ESCOLA

C - INÍCIO COM CONFLITOS E DIFICULDADES

D - INÍCIO EM CLUBE COMPETITIVO

E - COMEÇOU NO FUTEBOL DE SALÃO (FUTSAL)

F - COMEÇOU COMO BRINCADEIRA

QUADRO 4 – Resumo e categorias das Idéias Centrais da pergunta 1 (16 a 21 anos)

B) Resultados quantitativos (percentuais por categoria e gráfico ilustrativo) das Idéias Centrais

RESULTADOS QUANTITATIVOS DAS IDÉIAS CENTRAIS (16 A 21 ANOS)

1- Conte como você começou a jogar futebol

A INÍCIO NO ESPAÇO PÚBLICO COM MENINOS	7	33,33 %
B INÍCIO NA ESCOLA	4	19,05 %
C INÍCIO COM CONFLITOS E DIFICULDADES	1	4,76 %
D INÍCIO EM CLUBE COMPETITIVO	2	9,52 %
E COMEÇOU NO FUTEBOL DE SALÃO (FUTSAL)	5	23,81 %
F COMEÇOU COMO BRINCADEIRA	2	9,52 %
TOTAL DE RESPOSTAS DA PERGUNTA	21	

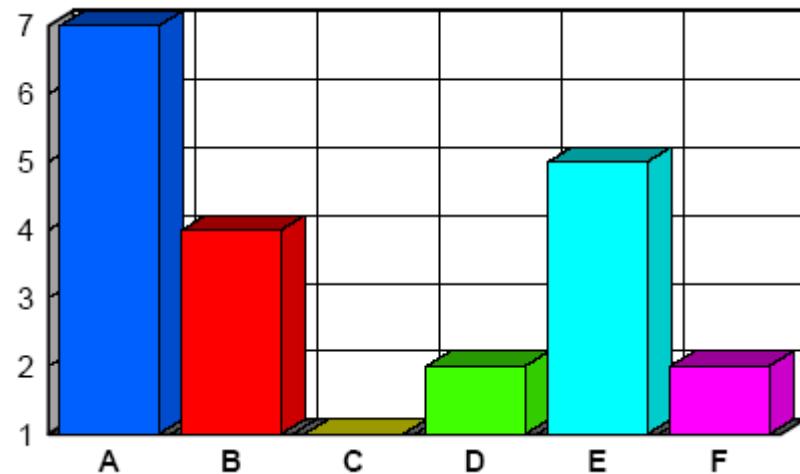


FIGURA 1 – Resultados quantitativos das Idéias Centrais da Pergunta 1 (16 a 21 anos)

C) Discurso do sujeito coletivo das categorias formadas pelas Idéias Centrais

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DAS IDÉIAS CENTRAIS (16 A 21 ANOS)

1- Conte como você começou a jogar futebol

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA A - INÍCIO NO ESPAÇO PÚBLICO COM MENINOS

Eu comecei mesmo porque só tenho irmãos homens, então eu não tinha com quem brincar, aí a gente sempre brincava de futebol. E sempre brincava na rua, porque na rua de casa onde eu morava só tinha menino, e não tinha menina para brincar. Então eu sempre estava no meio dos meninos jogando bola. Como toda menina, sempre joguei na rua com os moleques, até engracado, jogava com os meus primos, com os moleques do condomínio, cresci jogando com homens, como quase todas as meninas no meio dos homens e da molecada.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA B - INÍCIO NA ESCOLA

Comecei na escola, na 5^a série. Comecei a treinar, participar de campeonato da escola. Sempre teve campeonato escolar, daí o meu professor de educação física montou um time do bairro e eu comecei a jogar na cidade. No sul eu nunca joguei em clube.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA C - INÍCIO COM CONFLITOS E DIFICULDADES

Minha mãe não aceitava, mas, eu brigava e comecei a jogar, eu tinha uns 12 anos. Eu comecei a correr atrás, os técnicos iam me buscar, eu não tinha condições de ir, às vezes eu ia para o treino a pé, era uma hora e meia de caminhada para ir para o treino, depois eu voltava e andava outra hora e meia e ia para a escola, era muito corrido.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA D - INÍCIO EM CLUBE COMPETITIVO

Desde pequena, com os meus 11 anos comecei no time das meninas lá da minha cidade, me chamaram para jogar. Depois fui jogar em Três Lagoas-MG. Também tinha um time lá, onde eu jogava só nos finais de semana.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA E - COMEÇOU NO FUTEBOL DE SALÃO (FUTSAL)

Eu jogava futsal e daí o técnico lá do meu bairro formou um time e a gente participou de um campeonato, e o técnico de outro time me viu jogar e me chamou para jogar futsal no time dele. Eu só jogava salão na minha cidade, e ia disputar joguinhos escolares e campeonatinhos regionais, jogando salão.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA F - COMEÇOU COMO BRINCADEIRA

Comecei com uma brincadeira, eu levava mais como brincadeira, jogava bola, mas não levava tão a sério.

QUADRO 5 – DSC das Idéias Centrais da pergunta 1 (16 a 21 anos)

D) Resumo e categorias das Ancoragens, E) Resultados quantitativos (percentuais por categoria e gráfico ilustrativo) das Ancoragens e F) Discurso do sujeito coletivo das categorias formadas pelas Ancoragens

Nesta questão, as atletas desta faixa etária não apresentaram Ancoragens³⁶ em seus discursos.

³⁶ Para Lefèvre e Lefèvre (2000, p.17) “(...) um discurso está **ancorado** quando é possível encontrar nele traços lingüísticos explícitos de teorias, hipóteses, conceitos, ideologias existentes na sociedade e na cultura e que estes estejam internalizados no indivíduo”. Sem a presença destes traços, na metodologia do DSC não se devem apontar as ancoragens, pois estas poderiam ser subjetivas e arbitrárias, decorrentes da pura interpretação do pesquisador e não da realidade informada pelo discurso.

5.2.1.2 Pergunta 1 - Resultados (22-27 anos)

A) Resumo e categorias das Idéias Centrais

RESUMO DAS IDÉIAS CENTRAIS (22 A 27 ANOS)

1- Conte como você começou a jogar futebol

	Expressões Chave	Idéia Central	
Ana	Eu comecei com 14 anos. Eu jogava pelada com a molecada na escola, na rua, participava de campeonato de salão, sempre joguei no meio de meninos.	Eu jogava pelada com a molecada na escola, na rua, participava de campeonato de salão, sempre joguei no meio de meninos.	A
Carla	Aos 13 anos eu jogava pelada na rua com os moleques, jogava futebol só com os moleques, daí o pessoal falava ainda mais que eu jogava só nos meios dos meninos.	Aos 13 anos eu jogava pelada na rua com os moleques, jogava futebol só com os moleques.	A
Elza	Comecei com 8 anos de idade com os moleques na rua, meus coleguinhas. A gente brincava de esconde-esconde, pega-pega e tal, aí inventaram de jogar futebol e me convidaram, eu fiz o gol e gostei.	Comecei com 8 anos de idade com os moleques na rua, eu fiz o gol e gostei.	A
Gabi	Futebol eu comecei brincando na rua e na escola, desde pequena eu já gostava. No entanto, no meu bairro a única mulher que jogava era eu, e eu achava uma coisa normal, eu entrava e brincava com os meninos. Comecei assim, encontrava uma turminha e íamos jogar.	Comecei assim, encontrava uma turminha e íamos jogar, eu entrava e brincava com os meninos.	A
Kelly	Começou como brincadeira de criança na rua com os meninos, eu jogava assim, brincava com eles. Depois eu fui para o Colégio e entrei no time da escola, desde então eu comecei a jogar, daí o professor teve o interesse maior e ele me indicou para um time de salão, e depois, eu fui para um time de campo.	Começou como brincadeira de criança na rua com os meninos.	A
Bia	Comecei com 9, 10, 12 anos na escolinha do Rivelino e no colégio, e depois comecei jogar	Comecei com 9, 10, 12 anos na escolinha	B

	mais sério no clube Pinheiros.	do Rivelino e no colégio.	
Flávia	Comecei com 15 anos numa escolinha de futebol do Rivelino.	Comecei com 15 anos numa escolinha de futebol do Rivelino.	B
Julia	Iniciei em 1998, em escola de futebol feminino, logo depois fiz teste e olheiros me indicaram para o São Paulo, onde me firmei.	Iniciei em 1998, em escola de futebol feminino.	B
Carla	Eu comecei com 13 anos, eu jogava pelada na rua com os moleques, meu pai não queria porque ele achava que futebol feminino não era divulgado e o pessoal falava muito, tinha muito preconceito no começo, até que meu treinador foi lá pedir para o meu pai, falou que eu jogava bem, daí meu pai aceitou.	Tinha muito preconceito no começo.	C
Deise	Na escola eu jogava basquete e futebol. No futebol as coisas já foram acontecendo muito rapidamente. Três meses depois que eu coloquei pela primeira vez a chuteira no pé eu estava no time do São Paulo, aí eu treinei um período neste time do São Paulo, aí eles me encaixaram na USP. Eu comecei a jogar futebol, o meu primeiro campeonato foi a Paulistana de 1998 pela equipe da USP, que foi uma equipe bem fraca.	No futebol as coisas já foram acontecendo muito rapidamente. Três meses depois que eu coloquei pela primeira vez a chuteira no pé eu estava no time o São Paulo.	D
Iara	Comecei jogar futebol meio tarde, eu tinha já uns 17 anos pra 18 anos, comecei no Pinheiros quando começou a ter futebol feminino.	Comecei jogar futebol meio tarde, eu tinha já uns 17 anos pra 18 anos, comecei no Pinheiros.	D
Laura	Já joguei pelo Santos.	Já joguei pelo Santos.	D
Helen	Desde pequena eu jogava futebol. Agora, praticar futebol, competir, só comecei há 6 anos lá em São José onde eu jogava futsal e continuo até hoje.	Comecei há 6 anos lá em São José onde eu jogava futsal.	E
Miriam	Comecei mais ou menos com 15 anos jogando futsal num time de um clubinho perto da minha casa. Fiz um teste, passei, e depois comecei a jogar futebol de campo.	Comecei mais ou menos com 15 anos jogando futsal num time de um clubinho perto da minha casa.	E

CATEGORIAS DAS IDÉIAS CENTRAIS DA PERGUNTA 1 (22 A 27 ANOS)

- A - BRINCADEIRA NA RUA COM OS MENINOS**
- B – COMEÇOU NA ESCOLA DE FUTEBOL**
- C - PRECONCEITO NO INÍCIO**
- D - INÍCIO EM CLUBE COMPETITIVO**
- E - COMEÇOU NO FUTEBOL DE SALÃO (FUTSAL)**

QUADRO 6 – Resumo e categorias das Idéias Centrais da pergunta 1 (22 a 27 anos)

B) Resultados quantitativos (percentuais por categoria e gráfico ilustrativo) das Idéias Centrais

RESULTADOS QUANTITATIVOS DAS IDÉIAS CENTRAIS (22 A 27 ANOS)

1- Conte como você começou a jogar futebol

A - BRINCADEIRA NA RUA COM OS MENINOS	5	35,71 %
B – COMEÇOU NA ESCOLA DE FUTEBOL	3	21,43 %
C - PRECONCEITO NO INÍCIO	1	7,14 %
D - INÍCIO EM CLUBE COMPETITIVO	3	21,43 %
E - COMEÇOU NO FUTEBOL DE SALÃO (FUTSAL)	2	14,29 %

TOTAL DE RESPOSTAS DA PERGUNTA **14**

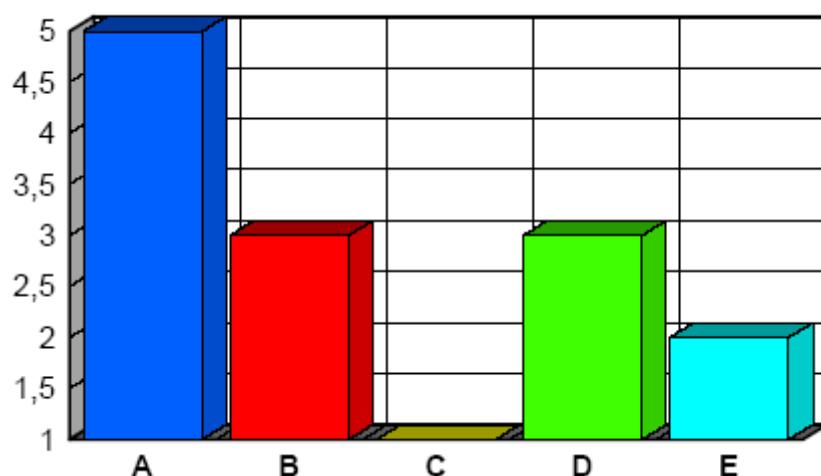


FIGURA 2 – Resultados quantitativos das Idéias Centrais da Pergunta 1 (22 a 27 anos)

C) Discurso do sujeito coletivo das categorias formadas pelas Idéias Centrais

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DAS IDÉIAS CENTRAIS (22 A 27 ANOS)

1- Conte como você começou a jogar futebol

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA A - BRINCADEIRA NA RUA COM OS MENINOS

Começou como brincadeira de criança na rua com os meninos, desde pequena eu já gostava, eu jogava assim, brincava com eles, eu jogava só nos meios dos meninos. A gente brincava de esconde-esconde, pega-pega, aí inventaram de jogar futebol e me convidaram, eu fiz o gol e gostei. No entanto, no meu bairro a única mulher que jogava era eu, eu achava uma coisa normal, eu entrava e brincava com os meninos, eu jogava pelada na rua com os moleques, jogava futebol só com os moleques. Comecei assim, com os moleques na rua, meus coleguinhas. Encontrava uma turminha e íamos jogar.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA B - COMEÇOU NA ESCOLA DE FUTEBOL

Comecei em escola de futebol feminino, numa escolinha de futebol do Rivelino.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA C - PRECONCEITO NO INÍCIO

Eu comecei com 13 anos, eu jogava pelada na rua com os moleques, meu pai não queria porque ele achava que futebol feminino não era divulgado e o pessoal falava muito, tinha muito preconceito no começo.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA D - INÍCIO EM CLUBE COMPETITIVO

Comecei jogar futebol meio tarde, eu tinha já uns 17 anos, as coisas já foram acontecendo muito rapidamente. Três meses depois que eu coloquei pela primeira vez a chuteira no pé eu estava no time do São Paulo.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA E - COMEÇOU NO FUTEBOL DE SALÃO (FUTSAL)

Praticar futebol, competir, só comecei há 6 anos lá em São José onde eu jogava futsal e continuo até hoje, comecei jogando futsal num time de um clubinho perto da minha casa.

QUADRO 7– DSC das Idéias Centrais da pergunta 1 (22 a 27 anos)

D) Resumo e categorias das Ancoragens

RESUMO DAS ANCORAGENS (22 A 27 ANOS)

1- Conte como você começou a jogar futebol

	Expressões Chave	Ancoragem	
Carla	Falavam que futebol não era para mulher, o preconceito era muito grande. Quando eu chegava em casa eu apanhava do meu pai. O pessoal falava muito, até que ele foi se acostumando e o futebol foi evoluindo, o feminino, graças a Deus.	Falavam que futebol não era para mulher, o preconceito era muito grande. Quando eu chegava em casa eu apanhava do meu pai.	A
Gabi	Atualmente as coisas melhoraram bem de quando eu comecei até agora, mas nunca foi fácil, aconteceu muita coisa, muito preconceito sabe quando eu comecei mesmo era assim, o pessoal falava: ah! Ela joga futebol! Pronto já sabe, já olhava com outros olhos, era bem complicado na época.	Nunca foi fácil, aconteceu muita coisa, muito preconceito, quando eu comecei o pessoal falava: ah! Ela joga futebol! Pronto, já olhava com outros olhos.	A

CATEGORIAS DAS IDÉIAS CENTRAIS DA PERGUNTA 1 (22 A 27 ANOS)

A - PRECONCEITO NO INÍCIO

QUADRO 8 – Resumo e categorias das Ancoragens da pergunta 1 (22 a 27 anos)

E) Resultados quantitativos (percentuais por categoria e gráfico ilustrativo) das Ancoragens

RESULTADOS QUANTITATIVOS DAS ANCORAÇÕES (22 A 27 ANOS)

1- Conte como você começou a jogar futebol

A - PRECONCEITO NO INÍCIO	2	100,00 %
---------------------------	---	----------

TOTAL DE RESPOSTAS DA PERGUNTA	2
--------------------------------	---

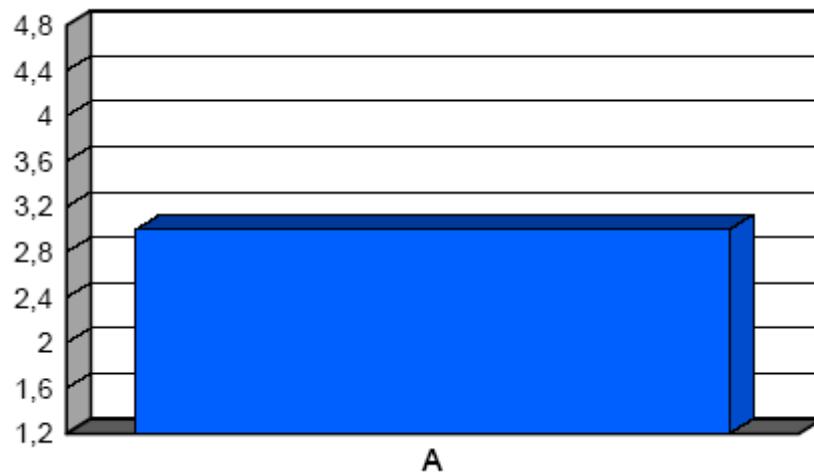


FIGURA 3 – Resultados quantitativos das Ancoragens da Pergunta 1 (22 a 27 anos)

F) Discurso do sujeito coletivo das categorias formadas pelas Ancoragens

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DAS ANCORAGENS (22 A 27 ANOS)

1- Conte como você começou a jogar futebol

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA A - PRECONCEITO NO INÍCIO

Falavam que futebol não era para mulher, o preconceito era muito grande. Quando eu chegava em casa eu apanhava do meu pai. O pessoal falava muito, nunca foi fácil, aconteceu muita coisa, muito preconceito, quando eu comecei mesmo era assim, o pessoal falava: ah! Ela joga futebol! Pronto, já sabe, já olhava com outros olhos, era bem complicado na época.

QUADRO 9– DSC das Ancoragens da pergunta 1 (22 a 27 anos)

5.2.1.3 Pergunta 1 – Discussão

*Não fazia roupa de boneca
Nem tampouco comidinha com
as garotas do meu bairro
O que era natural
Subia em poste e soltava
papagaio
Até os meus 14 anos
Era esse o meu mal
(Pereira da Costa e Milton
Villela)*

A leitura destes resultados traz à tona diversas questões. A primeira delas traduz, com a força inclusive dos números (13 respostas entre as mais novas, e cinco das mais velhas se referem de um modo ou outro a este ponto), que o futebol no Brasil, diferentemente de outras modalidades esportivas (como basquetebol, handebol, e mesmo o voleibol), é parte da cultura dos jogos infantis, é uma grande brincadeira para as crianças, e que as meninas que começam a se interessar pela modalidade, e a jogá-la, o fazem em um espaço que se propõe democrático - a escola - ou então num espaço público, a rua - mas nesta, sempre entre os meninos, conquistando o seu lugar junto a eles.

Bellós (2003, p. 153) relata que “os brasileiros jogam futebol em qualquer lugar” – e descreve inúmeros campos inusitados, no qual os homens disputam jogos, desde a praia até campos inundados na Amazônia, ou sobre estacas, ou mesmo cercados em navios e plataformas oceânicas. O espaço do futebol é diverso, variado, polimorfo, é “a rua” também, onde as meninas iniciam as suas práticas, ressaltando que estas são sempre “entre os moleques”, “com os irmãos e primos”, ou em lugares “em que só tinha menino e não tinha menina para brincar”. Ou seja, é necessário que a menina tenha que ganhar espaço e autoridade entre os meninos para jogar futebol nestes ambientes e entre eles. E que tenha que enfrentar dificuldades, comentários dos vizinhos, falta de aceitação dos pais (“minha mãe não aceitava”) para fazer a sua brincadeira na rua, ou entre os colegas.

Já Altmann (2002) que conduziu pesquisa etnográfica sobre as práticas esportivas de meninos e meninas em seu tempo livre na escola (os recreios), descreve

e analisa o quanto o futebol, enquanto uma das mais queridas dentre estas práticas, ocorre de forma apartada, pois os meninos e as meninas jogavam juntos, em equipes mistas, uma série de atividades esportivas (queimada, vôlei, por exemplo), mas preferiam e sempre jogavam futebol em equipes unissex.

Para a autora, as habilidades esportivas são genereficadas, isto é, de um lado construídas para cada gênero, mas também construtoras das identidades de gênero. Exemplo disto é a citação que Altmann (2002) faz do voleibol, jogo que foi introduzido no ambiente escolar na década de 1950, para ser praticado por mulheres, pois seus gestos e habilidades eram considerados femininos demais para que meninos o praticassem.

Por outro lado, o futebol foi se constituindo como atividade masculina também no ambiente escolar. Neste mesmo estudo, Altmann (2002), cita as enormes dificuldades que meninos e meninas, que realizavam outras atividades físicas juntos, tinham em jogar futebol conjuntamente: estas dificuldades sempre eram explicadas, pelos meninos em razão da falta de habilidade das meninas, o que inclusive as deixava violentas, distribuindo chutes na canela, que nunca eram punidos pelos professores, por serem debitados na conta da própria falta de habilidade feminina; por outro lado, as meninas não gostavam de realizar, na escola, esta prática em conjunto, porque reclamavam que, “(...) além da violência dos meninos, (...) eles não passavam a bola, impedindo-as de jogar” (ALTMANN, 2002, p. 91).

Percebe-se assim que mesmo estes espaços de iniciação ao futebol são locais em que as meninas precisam batalhar para conquistarem e serem reconhecidas. Por outro lado, entretanto, deve-se pensar o quanto as normas de gênero pesam sobre os meninos, sobretudo no que tange à prática esportiva. E provavelmente eles, no interior destas e também no discurso sobre elas, já lutem a ferro e fogo para preservarem um espaço que tradicionalmente pertence ao masculino, seja fisicamente – mais tempo de quadra, mais treinamentos – mas principalmente, simbolicamente, pois no imaginário coletivo o esporte sempre foi e continua sendo associado ao homem e ao masculino.

À época da minha graduação em Educação Física na USP (final dos anos 1980), havia professores que defendiam a separação entre meninos e meninas em diversas atividades esportivas, a fim de proteger os rapazes de possíveis humilhações

em caso de derrotas perante às moças. Um destes professores, infelizmente já falecido, foi o simpático, profundo conhecedor de lutas e mestre internacional de judô, Carlos Catalano Calleja, quem, em artigo de 1970, questionando se as mulheres deveriam praticar o judô, manifesta que, em seu ponto de vista, esta modalidade possui não só um viés competitivo, mas também educativo e formativo do caráter da criança praticante. Ele considera que seria excelente para as meninas também terem acesso a esta prática, porém em situações especiais e longe da competição, pois “às vezes, as ‘tigrinhas’ embaraçam os rapazes” (CALLEJA, 1970, p.16). Citando reportagens de jornais da época, o autor comenta um fato que deixou abismado o público presente ao Torneio de Judô da III Olimpíada Infanto Juvenil da Cidade de São Paulo, no qual uma menina (Maria Nunes de Abreu, de 10 anos) conquistou o terceiro lugar, ocasionando discussões acaloradas entre os organizadores, e deixando desesperados os progenitores dos “coitadinhos” dos meninos que, aos prantos, observavam a premiação da “judoquinha”. Este fato bastou para que a Prefeitura, em suas competições, vetasse a participação do ‘terrível sexo fraco’ (CALLEJA, 1970). Logo adiante, o autor coloca que

Acreditamos, inclusive, que as meninas possam receber instrução junto com os meninos, e se fosse o caso de separar-se os sexos, talvez os mais beneficiados fossem os segundos. Perder de meninas é um tanto vexatório e pode ocasionar uma problemática que iria afetar a personalidade em formação do menino. É verdade que são poucas as meninas que o praticam, contudo, fazem tanta sombra aos rapazinhos que, devido aos problemas psicológicos que podem advir aos perdedores das ‘tigrinhas’, e por outros motivos, a Federação Paulista de Judô resolveu proibir a participação do sexo feminino em todos os torneios e campeonatos por ela organizados. Logicamente, depois dos onze anos as meninas não têm aquela condição de vencer os rapazes por mais bem dotadas que sejam. (CALLEJA, 1970, p. 17).

Apesar destes eventos terem ocorrido na “distante” década de 1970, muitas concepções sobre gênero, mesmo que em mudança, ainda carregam consigo um peso

enorme na formação das mentalidades, nas representações sociais acerca de meninas e meninos e na construção cultural das diferenças entre os sexos, desde a infância. Altmann (1998) e Darido (2002) refletiram e observaram o quanto a presença de meninas jogando futebol na escola, ou entre os meninos, representava muito mais que uma novidade, ou um desafio para estes, mas sim uma ameaça para a construção de padrões e formas de masculinidade mais aceitas em suas comunidades. Segundo Darido,

A expectativa dos alunos de que práticas e espaços esportivos são dominados por meninos colocava-os, de certa forma, numa obrigação de ser superiores às meninas, as quais eram, *a priori*, consideradas más jogadoras, necessitando demonstrar o contrário se quisessem jogar com eles. *Ainda assim, jogar com as meninas não era um desafio para os meninos, pois um bom desempenho contra elas não lhes creditava qualquer mérito especial, e jogar pior do que elas era um vexame*, pois ia contra a expectativa de superioridade masculina nesse universo. (DARIDO, 2002, p. 47, grifo nosso).

Percebe-se, a partir destes comentários, o quanto o espaço da brincadeira de futebol, ou mesmo o futebol na escola, é simbolicamente associado ao masculino. A luta ferrenha que se trava, dentro mas também a partir desta modalidade, tem como pano de fundo normas de gênero rigidamente fixadas, que colocam o futebol como um ícone da masculinidade em nosso país. Assim sendo, tão difícil quanto as meninas conquistarem aí o seu espaço, em meio aos meninos, é estes conseguirem abrir espaço, ceder terreno para estas, sem passarem por “vexames” que colocariam em xeque a sua masculinidade em construção. Ou seja, estas bipolarizações das regras de gênero, esta *genereficação* acentuada do futebol acaba por deixar tanto meninas quanto meninos na “corda bamba” na busca de sua própria identidade, sobretudo no que tange à identidade de gênero, a qual é um constituinte essencial da identidade do ser humano.

As jogadoras mais velhas, no quadro desta pergunta, possuem em seu discurso aspectos semelhantes aos das mais novas. Vê-se por exemplo que em ambos os casos, a categoria “E” mostra que muitas atletas começaram a sua prática futebolística no futsal (nova denominação do futebol jogado em quadras menores, o antigo futebol de salão). As atletas declararam que “eu só jogava salão na minha cidade”, ou mesmo que ainda permanecem nesta prática “eu comecei há seis anos lá em São José onde eu jogava futsal e continuo até hoje”.

Além de mostrar a possibilidade do futsal enquanto porta de entrada para o futebol de campo, esta prática do futsal - como é possível se detectar no discurso, e mesmo em conversas informais que travei durante a pesquisa - se mantém até hoje: as atletas, com a finalidade de mostrar o seu futebol, ou de arrecadarem mais recursos em forma de prêmios e ajudas de custo, ou até por força de contratos (representar a sua cidade, sua universidade, seu clube) permanecem atuando nas duas modalidades. Durante o Campeonato Paulista Feminino aqui em análise, houve casos de equipes universitárias que atuaram com suas jogadoras reservas, uma vez que as titulares foram disputar uma partida de futsal no mesmo horário, em campeonato considerado prioritário pelos dirigentes do time.

Isto talvez se explique, como já comentado, pelas necessidades e desejos das atletas, mas também pela carência numérica de jogadoras de futebol em nível competitivo em cada clube, o que ocorre, por sua vez, por esta ainda ser uma prática restrita para as mulheres no Brasil. Pode- se enxergar claramente isto nas falas de atletas que aqui declaram que começaram a jogar futebol com uma idade mais avançada, já em clubes competitivos, como demonstrado na categoria “D” desta questão: as próprias atletas reconhecem que iniciaram “a jogar futebol meio tarde, eu tinha uns 17 anos” – o que não deixa de ser *sui generis*, considerando-se a importância do futebol no Brasil e que ele, entre tantas inserções culturais, também pertence ao rol das brincadeiras infantis brasileiras.

Também se pondera que o futebol é uma prática recente para as mulheres no Brasil. Salles, Silva e Costa (1996) reportam que foi na década de 1970, mais precisamente no ano de 1976, que ocorreram as primeiras partidas de futebol de praia entre equipes femininas no Rio de Janeiro. Já segundo Toledo (2000), a prática do futebol por homens data do final do século XIX, por meio dos filhos da elite, “(...)

que tomaram contato com as manifestações esportivas nas escolas européias, onde geralmente eram educados” (TOLEDO, 2000, p. 09). Já Aquino (2002) afirma que, embora jogos similares ao futebol ocorressem no país já na década de 1870 – há registros de partidas entre marinheiros ingleses e brasileiros em 1874, ou mesmo de jogos no Colégio São Luís, de Itu, em 1872 – foi com o retorno ao Brasil do filho de pais ingleses, Charles Miller, em 1894, carregando em sua bagagem duas bolas de couro, uniformes e chuteiras, e as modernas regras do jogo, que a modalidade teve um grande impulso entre os homens brasileiros, até porque às mulheres a vida social naquela época era muito circunscrita - até mesmo o estudo da medicina era vedado para as mulheres no Brasil, e mesmo a validação de diplomas obtidos por estas no exterior era proibida (FARIA JR.,1995). Desta forma, a prática esportiva e de atividades físicas para elas também era absolutamente cerceada, tendo como justificativas, segundo Knijnik (2003), desde a “teoria da incapacidade menstrual” do influente médico britânico Herbert Spencer até “os conceitos arraigados das limitações biológicas da mulher para praticar esporte, dos malefícios da prática feminina e, ao contrário, dos benefícios que só os homens alcançavam fazendo esportes (...)” (KNIJNIK, 2003, p. 49).

Assim, as mulheres começaram a jogar futebol de forma organizada quase cerca de 80 anos depois dos homens em nosso país. Some-se a este início tardio e relativamente recente, os contratemplos e o grande preconceito que enfrentavam e ainda enfrentam as futebolistas, vê-se que dificilmente haveria uma grande quantidade de mulheres jogando futebol competitivamente no país, e que as equipes de futsal e futebol de campo precisam ser compostas muitas vezes pelas mesmas atletas.

Aliás, o problema do preconceito percorre os discursos das futebolistas entrevistadas em quase todas as perguntas, inclusive ancorando diversos destes pensamentos e falas. Já na primeira questão, as atletas mais velhas revelam o que pensam sobre este preconceito, dizendo que desde o início da prática ele existia, que o pai não aceitava, pois o “pessoal falava muito, tinha muito preconceito no começo”. A ancoragem que reforça e sustenta este discurso é evidentemente marcada pela percepção de preconceito que as atletas possuem, pois elas revelam que “Falavam que futebol não era para mulher, o preconceito era muito grande (...) eu

apanhava do meu pai. o pessoal falava muito, nunca foi fácil (...) era bem complicado na época.”

O preconceito, manifestação de repulsa e negação daquele que se mostra diferente, ou que não corresponde minimamente à expectativa que o seu grupo social apõe sobre si – isto é, aversão sobre quem foge da norma social e coletiva - pode se revelar de diversas formas, sejam estas castigos e punições físicas, ou mesmo causar e infligir sofrimentos morais e psicológicos, ou então sanções sociais, como o desprezo, o afastamento do grupo e até a proposital falta de reconhecimento.

Piovesan (2003) destaca que, malgrado os grandes avanços na legislação nacional e mesmo internacional, os quais foram motivados pelos anseios das mulheres contemporâneas, a sociedade brasileira ainda possui enraizados em seu pensamento e formas culturais, atitudes sexistas e preconceituosas contra a mulher. Para a autora,

os avanços constitucionais e internacionais, que consagram a ótica da igualdade entre os gêneros, têm a sua força normativa gradativamente pulverizada e reduzida, mediante uma cultura que praticamente despreza o alcance destas inovações, sob uma perspectiva discriminatória, fundada em uma dupla moral, que ainda atribui pesos diversos e avaliações morais distintas a atitudes praticadas por homens e mulheres. Isto é, os extraordinários ganhos internacionais e constitucionais não implicaram, automaticamente a sensível mudança cultural que, muitas vezes, adota como referências os valores da normatividade pré - 1988(...) (PIOVESAN, 2003, p. 226).

Ora, ainda hoje a prática do futebol é visto sob a ótica da norma masculina. Ainda que não exista mais qualquer barreira legal que impeça a mulher de praticar o futebol ou outro esporte qualquer (como havia até 1979), da história à prática profissional, dos espaços físicos, quadras em escolas e em bairros, campos na periferia a estádios profissionais, passando pelos espaços em todas as mídias, os treinamentos, o palavreado, os esquemas táticos, os *experts* técnicos e comentaristas,

os times escolares, de rua, na praia ou competitivos, os próprios uniformes, tudo parece pertencer ao mundo masculino. Ou, nos dizeres de Faria Jr. (1995),

No futebol, as habilidades motoras, os comportamentos do jogo, a aparência física, os uniformes e os maneirismos dos jogadores masculinos constituem a norma. Por isto, ao observarmos o futebol feminino, percebemos como masculinos essas habilidades, comportamentos, aparências, uniformes e maneirismos, pois são associados à norma do futebol praticado pelos homens (FARIA JR, 1995, p. 27).

Assim, a mulher que quer entrar neste mundo é imediatamente vista sob forma preconceituosa, é a diferença num mundo que quer permanecer igual, porém sem igualdade. Darido (2002) relata a história de Pretinha, uma das maiores jogadoras da seleção brasileira, que já disputou três Jogos Olímpicos: sua mãe não permitia que ela jogasse futebol, ela inclusive levava safanões de irmãos e vizinhos por jogar – mas conseguiu se manter na prática durante longo tempo, driblando não só os adversários mas também os preconceitos, em virtude de sua semelhança física com os meninos – “(...) só quando os seios começaram a apontar sob a camiseta suada é que os rapazes descobriram que aquele garoto driblador e de chute certeiro era, na verdade, uma menina” (DARIDO, 202, p. 46). Ou seja, a atleta se apresentava com a norma, fingia estar de acordo com esta, pois parecia um menino, e conseguia assim subterfúgios para jogar o seu adorado futebol³⁷.

³⁷ Não deixa de ser irônico que hoje em dia, esta atleta (segundo depoimento de atleta olímpica coletado nas entrevistas semi-estruturadas a serem apresentadas posteriormente) sustente a mãe e os irmãos que lhe batiam, e por meio de seus proveitos de futebolista.

5.2.2 Pergunta 2 - *Como você se enxerga sendo mulher e futebolista?*

5.2.2.1 Pergunta 2 – Resultados (16-21 anos)

A) Resumo e categorias das Idéias Centrais

RESUMO DAS IDÉIAS CENTRAIS (16 A 21 ANOS)

2 - Como você se enxerga sendo mulher e futebolista?

	Expressões Chave	Idéia Central	
Rute	Me sinto bem praticando esse esporte, faz muito bem para mim.	Me sinto bem praticando esse esporte.	A
Sara	Eu me sinto muito bem.	Eu me sinto muito bem.	A
Zélia	Eu jogo futebol porque eu gosto muito de jogar futebol, eu gosto mesmo.	Eu jogo futebol porque eu gosto muito.	A
Alice	Mulher e futebol... tem um preconceito sobre a gente... Eu acho que não tem importância se você é mulher, tem que ser outro esporte? Para mim é normal, eu me cuido, essas coisas não tem nada a ver.	Tem um preconceito sobre a gente... Para mim é normal.	B
Bruna	Olha, eu sou normal, me vejo normalmente, como se praticasse um esporte qualquer. Mas é futebol, e aqui, tem muito preconceito...	Vejo-me normalmente, mas é futebol, e aqui, tem muito preconceito...	B
Eva	Ah! Eu nunca imaginava que iria ter futebol feminino, apesar de ter muito preconceito, eu me enxergo normal.	Apesar de ter muito preconceito, eu me enxergo normal.	B
Célia	Acho que no futebol algumas pessoas perdem muito a feminilidade com o futebol. Eu não, eu me enxergo bem mulher, ao contrário de algumas...	Eu me enxergo bem mulher, ao contrário de algumas...	C

Tais	Ah! Vejo-me uma mulher normal, uma mulher que gosta apenas do esporte, sigo todas as regras de sempre da mulher e me vejo também, uma pessoa mais humana, não só jogadora ou mulher.	Vejo-me uma mulher normal, sigo todas as regras de sempre da mulher.	C
Ivone	Normal, sem preconceito nenhum. Eu acho que é um esporte e a mulher tem o direito de praticar o esporte que gosta e ser feliz da maneira que quer.	Normal, sem preconceito nenhum. Acho que a mulher tem o direito de praticar o esporte que gosta.	D
Tais	Eu acho que a mulher tem que ter a liberdade de fazer o que quiser, o que gosta, eu me sinto bem jogando, adoro, amo mesmo.	Eu acho que a mulher tem que ter a liberdade de fazer o que quiser.	D
Nair	Não tem essa, acho que futebol é para todo mundo.	Futebol é para todo mundo.	D
Nair	Sei lá, é diferente, mulher não é muito bem recebida no futebol.	Diferente, mulher não é muito bem recebida no futebol.	E
Dulce	Normal, para mim é só um esporte, não tem mais nada.	Normal, para mim é só um esporte.	F
Fátima	Ah! Normal eu acho super legal.	Normal.	F
Keila	Para mim é uma coisa normal, todo mundo me olhando, é o que eu gosto de fazer e o que eu pretendo fazer. Sendo sincera, eu não sei fazer outra coisa a não ser jogar bola.	Para mim é uma coisa normal.	F
Juçara	Nossa sociedade é muito machista, mas eu encaro numa boa até porque é uma paixão e a gente tem de correr atrás de um sonho. Isto é o principal, correr atrás de um sonho. O restante a gente deixa de lado.	Eu encaro numa boa até porque é uma paixão e a gente tem de correr atrás de um sonho.	G
Lúcia	Nossa às vezes, eu me enxergo, eu luto muito, penso que você é aquilo que você deseja ser. Acho que se eu desejo ser uma boa jogadora, basta-me crer e lutar, me aperfeiçoar nos meus erros.	Eu luto muito.	G
Paula	Eu amo jogar futebol, sempre joguei desde pequena, nunca tive muito apoio mas sempre lutei por isso, eu amo jogar futebol.	Sempre lutei por isso, eu amo jogar futebol.	G

	Para mim é uma maneira de viver, porque a gente vive para isso, só pensando nisso, acorda e vai treinar e vai dormir.	Para mim é uma maneira de viver.	H
Vanda	Acho que é a coisa melhor que eu sei fazer, futebol pra mim acho que é tudo no meu ponto de vista, acho que é a única coisa que eu sei fazer de melhor.	É a coisa melhor que eu sei fazer.	H

CATEGORIAS DAS IDÉIAS CENTRAIS DA PERGUNTA 2 (16 A 21 ANOS)

A - GOSTO PELO FUTEBOL

B – NORMAL, APESAR DO PRECONCEITO

C - EXISTEM REGRAS PARA SER UMA MULHER NORMAL

D - A MULHER TEM DIREITO AO ESPORTE

E - DISCRIMINAÇÃO DA MULHER NO FUTEBOL

F - NÃO VÊ CONFLITO

G - LUTAR PELO DESEJO

H - MODO DE VIDA

QUADRO 10 – Resumo e categorias das Idéias Centrais da pergunta 2 (16 a 21 anos)

B) Resultados quantitativos (percentuais por categoria e gráfico ilustrativo) das Idéias Centrais

RESULTADOS QUANTITATIVOS DAS IDÉIAS CENTRAIS (16 A 21 ANOS)

2 - Como você se enxerga sendo mulher e futebolista?

A - GOSTO PELO FUTEBOL	3	15,00 %
B – NORMAL, APESAR DO PRECONCEITO	3	15,00 %
C - EXISTEM REGRAS PARA SER UMA MULHER NORMAL	2	10,00 %
D - A MULHER TEM DIREITO AO ESPORTE	3	15,00 %
E - DISCRIMINAÇÃO DA MULHER NO FUTEBOL	1	5,00 %
F - NÃO VÊ CONFLITO	3	15,00 %
G - LUTAR PELO DESEJO	3	15,00 %
H - MODO DE VIDA	2	10,00 %

TOTAL DE RESPOSTAS DA PERGUNTA **20**

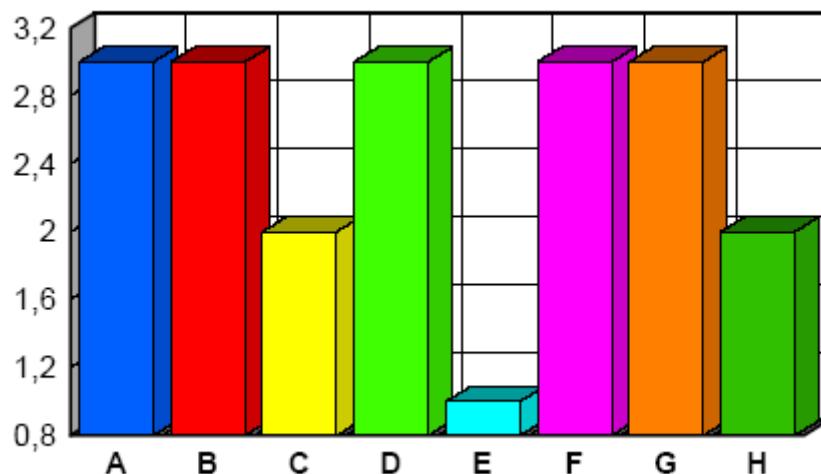


FIGURA 4 – Resultados quantitativos das Idéias Centrais da Pergunta 2 (16 a 21 anos)

C) Discurso do sujeito coletivo das categorias formadas pelas Idéias Centrais

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DAS IDÉIAS CENTRAIS (16 A 21 ANOS)

2 - Como você se enxerga sendo mulher e futebolista?

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA A - GOSTO PELO FUTEBOL

Eu jogo futebol porque eu gosto muito de jogar futebol, eu gosto mesmo, me sinto bem praticando esse esporte, faz muito bem para mim.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA B – NORMAL, APESAR DO PRECONCEITO

Mulher e futebol... tem um preconceito sobre a gente... Eu acho que não tem importância se você é mulher, tem que ser outro esporte? Apesar de ter muito preconceito, eu me vejo normalmente, como se praticasse um esporte qualquer. Mas é futebol, e aqui, tem muito preconceito.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA C - EXISTEM REGRAS PARA SER UMA MULHER NORMAL

Ah! Vejo-me uma mulher normal, uma mulher que gosta apenas do esporte, sigo todas as regras de sempre da mulher. Acho que algumas pessoas perdem muito a feminilidade com o futebol. Eu não, eu me enxergo bem mulher, ao contrário de algumas...

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA D - A MULHER TEM DIREITO AO ESPORTE

Eu acho que é um esporte e a mulher tem o direito de praticar o esporte que gosta e ser feliz da maneira que quer, a mulher tem que ter a liberdade de fazer o que quiser, acho que futebol é para todo mundo, sem preconceito nenhum.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA E - DISCRIMINAÇÃO DA MULHER NO FUTEBOL

É diferente, mulher não é muito bem recebida no futebol.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA F - NÃO VÊ CONFLITO

Normal, para mim é só um esporte, eu acho super legal, todo mundo me olhando, é o que eu gosto de fazer e o que eu pretendo fazer.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA G - LUTAR PELO DESEJO

Eu luto muito, penso que você é aquilo que você deseja ser. Eu amo jogar futebol, sempre joguei desde pequena, nunca tive muito apoio mas sempre lutei por isso, eu amo jogar futebol, é uma paixão e a gente tem de correr atrás, o restante a gente deixa de lado. Isto é o principal, correr atrás de um sonho, se eu desejo ser uma boa jogadora, basta-me crer e lutar, me aperfeiçoar nos meus erros.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA H - MODO DE VIDA

Para mim é uma maneira de viver, porque a gente vive para isso, só pensando nisso, acorda e vai treinar e vai dormir. Futebol é tudo no meu ponto de vista é a coisa melhor que eu sei fazer.

QUADRO 11 – DSC das Idéias Centrais da pergunta 2 (16 a 21 anos)

D) Resumo e categorias das Ancoragens

RESUMO DAS ANCORAGENS (16 A 21 ANOS)

2 - Como você se enxerga sendo mulher e futebolista?

	Expressões Chave	Ancoragem	
Juçara	Isto é o principal, correr atrás de um sonho. Meu sonho mesmo é poder ver o futebol feminino profissionalizado, poder ver as minhas companheiras, e as futuras meninas que estão vindo por aí, poder chegar um dia e ser profissional, ter uma carteira e poder mostrar, eu tenho uma profissão de atleta.	Isto é o principal, correr atrás de um sonho.	A
Lúcia	Acho que se eu desejo ser uma boa jogadora, basta-me crer e lutar, me aperfeiçoar nos meus erros.	Acho que se eu desejo ser uma boa jogadora, basta-me crer e lutar.	A
Keila	É o que eu gosto de fazer e o que eu pretendo fazer, sempre vai estar na minha vida, no que eu faço, eu não sei fazer outra coisa a não ser jogar bola.	Eu não sei fazer outra coisa a não ser jogar bola.	B
Mônica	A gente vive para isso, só pensando nisso, acorda e vai treinar e vai dormir.	A gente vive para isso, só pensando nisso.	B
Vanda	Futebol pra mim é tudo no meu ponto de vista, acho que é a única coisa que eu sei fazer de melhor. A minha opção foi jogar futebol e acho que é o que melhor eu sei fazer.	A minha opção foi jogar futebol e acho que é o que melhor eu sei fazer.	B
Tais	Eu acho que a mulher tem que ter a liberdade de fazer o que quiser, o que gosta.	Eu acho que a mulher tem que ter a liberdade de fazer o que quiser, o que gosta.	C
Nair	Mas não tem essa, acho que futebol é para todo mundo, os outros acham que tem aquele negócio, a mulher joga futebol... Mas não tem essa não, é para todo mundo.	Futebol é para todo mundo .	C

CATEGORIAS DAS ANCORAÇÕES DA PERGUNTA 2 (16 A 21 ANOS)

A – DESEJO E SONHO

B – VIDA NO FUTEBOL

C – DIREITO AO ESPORTE

QUADRO 12 – Resumo e categorias das Ancorações da pergunta 2 (16 a 21 anos)

E) Resultados quantitativos (percentuais por categoria e gráfico ilustrativo) das Ancoragens

RESULTADOS QUANTITATIVOS DAS ANCORAÇÕES (16 A 21 ANOS)

2 - Como você se enxerga sendo mulher e futebolista?

A – DESEJO E SONHO	2	28,57 %
B – VIDA NO FUTEBOL	3	42,86 %
C – DIREITO AO ESPORTE	2	28,57 %

TOTAL DE RESPOSTAS DA PERGUNTA	7
---------------------------------------	----------

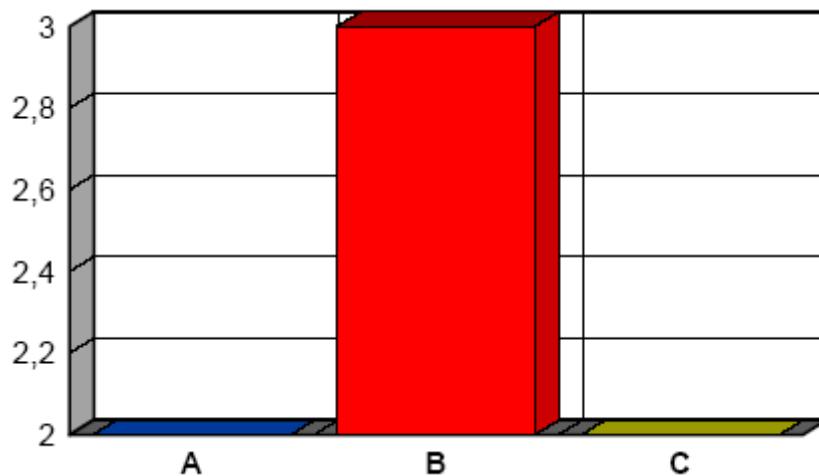


FIGURA 5 – Resultados quantitativos das Ancoragens da Pergunta 2 (16 a 21 anos)

F) Discurso do sujeito coletivo das categorias formadas pelas Ancoragens

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DAS ANCORAGENS (16 A 21 ANOS)

2 - Como você se enxerga sendo mulher e futebolista?

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA A – DESEJO E SONHO

Acho que se eu desejo ser uma boa jogadora, basta-me crer e lutar. Agora, meu sonho mesmo é poder ver o futebol feminino profissionalizado, poder ver as minhas companheiras, e as futuras meninas que estão vindo por aí, poder chegar um dia e ser profissional, ter uma carteira e poder mostrar, eu tenho uma profissão de atleta.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA B – VIDA NO FUTEBOL

Futebol para mim é tudo, acho que é a única coisa que eu sei fazer de melhor. A minha opção foi jogar futebol e acho que é o que melhor eu sei fazer, é o que eu gosto de fazer e o que eu pretendo fazer, sempre vai estar na minha vida, no que eu faço, eu não sei fazer outra coisa a não ser jogar bola. Eu vivo para isso, só pensando nisso, acordo e vou treinar e vou dormir.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA C – DIREITO AO ESPORTE

Os outros acham que tem aquele negócio, a mulher joga futebol... Eu acho que a mulher tem que ter a liberdade de fazer o que quiser, o que gosta, acho que futebol é para todo mundo.

QUADRO 13 – DSC das Ancoragens da pergunta 2 (16 a 21 anos)

5.2.2.2 Pergunta 2 – Resultados (22 a 27 anos)

A) Resumo e categorias das Idéias Centrais

RESUMO DAS IDÉIAS CENTRAIS (22 A 27 ANOS)

2 - Como você se enxerga sendo mulher e futebolista?

Expressões Chave		Idéia Central
Ana	Eu me vejo feliz no futebol, aprendi muita coisa que eu não sabia. Eu me vejo muito feliz no futebol, eu gosto de fazer o que eu faço de paixão, se eu não gostasse, não estaria aqui.	Eu me vejo feliz no futebol, eu gosto de fazer o que eu faço de paixão. A
Bia	Futebol eu tenho no sangue desde criança, e é difícil, no começo é muito difícil a mulher jogar futebol.	Futebol eu tenho no sangue desde criança, e é difícil, no começo é muito difícil a mulher jogar futebol. B
Gabi	Hoje eu vejo que é uma coisa diferente é um dom na verdade, porque acho que para mim futebol não é coisa de homem, hoje futebol é para quem sabe. Mas eu me sinto assim privilegiada, porque é uma coisa que nem todas as mulheres têm, não é um dom que todas têm, principalmente por ser mulher e ser um esporte mais masculino do que feminino... eu me vejo assim me sinto privilegiada.	É um dom na verdade, eu me sinto assim privilegiada, porque é uma coisa que nem todas as mulheres têm, não é um dom que todas têm. B
Ana	Meio diferente porque as mulheres... é um dom , um dom que Deus deu para gente, cada um tem um dom e o que Ele me deu foi o futebol.	É um dom , um dom que Deus deu para gente, cada um tem um dom e o que Ele me deu foi o futebol. B
Carla	Dentro de campo eu sou uma pessoa, fora eu sou outra. Dentro de campo eu procuro ajudar minhas companheiras, fora eu sou mulher como todas as outras.	Dentro de campo eu sou uma pessoa, fora eu sou outra, sou mulher como todas as outras. C
Deise	Ah! Eu já tive problemas. Porque não era nada do que eu até então vivenciara. Eu jogava basquete, as pessoas são totalmente	Ah! Eu já tive problemas. Hoje mudou, vejo que sou C

	<p>diferentes, os grupos, é bem diferente. Eu tinha até um certo preconceito, porque a gente vê homem jogando na TV, e a gente compara, eu tinha preconceito com o fato da mulher jogar pior. Hoje mudou, vejo que sou uma defensora da mulher poder jogar futebol, pode jogar e fazer o que quiser, porque não vai deixar de ser mulher só porque pratica um esporte, não é um esporte como qualquer outro. O baque de jogar futebol está relacionado ao fato das mulheres que jogam futebol serem mais duras, mais firmes. Eu achava que queriam e pareciam com os homens</p>	<p>uma defensora da mulher poder jogar futebol, pode jogar e fazer o que quiser, porque não vai deixar de ser mulher só porque pratica um esporte. O baque de jogar futebol está relacionado ao fato das mulheres que jogam futebol serem mais duras, mais firmes.</p>	
Gabi	<p>Quando você começa a conhecer o povo que trabalha no futebol feminino... Para mim hoje futebol é para quem sabe e não é mais coisa de homem, principalmente por ser mulher e ser um esporte mais masculino do que feminino... antigamente eram algumas só e hoje são muitas que jogam de igual pra igual.</p>	<p>Hoje futebol é para quem sabe e não é mais coisa de homem, principalmente por ser mulher e ser um esporte mais masculino do que feminino... antigamente eram algumas só e hoje são muitas que jogam de igual pra igual.</p>	C
Elza	<p>As mulheres sabem que quando tem união, uma entende a outra. Coitado do técnico, porque imagina 22 TPMS... É bom. Nada a ver, é como um outro qualquer.</p>	<p>Coitado do técnico, porque imagina 22 TPMS...</p>	D
Flávia	<p>Eu acho muito legal fazer um esporte que tem um grande preconceito, pois assim eu me sinto bem em falar que eu jogo futebol e mostrar que mulher também pode jogar futebol.</p>	<p>Eu me sinto bem em falar que eu jogo futebol e mostrar que mulher também pode jogar futebol.</p>	D
Helen	<p>Acho que você pode levar as duas coisas normalmente, eu jogo futebol porque é um esporte legal, acho que é um esporte bonito, bom para o corpo, eu gosto de praticar e ao mesmo tempo nada me impede de ser mulher, nada me impede de cuidar de mim, cuidar da minha beleza.</p>	<p>Eu jogo futebol porque é um esporte legal, um esporte bonito, bom para o corpo, eu gosto de praticar e ao mesmo tempo nada me impede de ser mulher, nada me impede de cuidar de mim, cuidar</p>	D

		da minha beleza.	
Iara	Eu acho interessante. Acho que todo mundo vê como sendo uma coisa diferente acho que é um desafio para a gente jogar futebol e ser mulher ao mesmo tempo, num país que ainda tem muito preconceito.	Um desafio para a gente jogar futebol e ser mulher ao mesmo tempo.	D
Julia	Eu me vejo normalmente, apesar de saber que o espaço conquistado pela mulher no futebol é muito pequeno ainda.	O espaço conquistado pela mulher no futebol é muito pequeno ainda.	D
Kelly	Acho uma coisa natural, mas que a sociedade ainda discrimina muito. É natural	Acho uma coisa natural, mas que a sociedade ainda discrimina muito.	E
Miriam	É meio difícil, todo mundo fala que futebol é para homem. Eu gosto.	É meio difícil, todo mundo fala que futebol é para homem.	E
Laura	Para mim não existe isso, é tudo igual.	Para mim não existe isso, é tudo igual.	F

CATEGORIAS DAS IDÉIAS CENTRAIS DA PERGUNTA 2 (16 A 21 ANOS)

A - MUITA FELICIDADE NO FUTEBOL

B – NASCEU COM O DOM DE JOGAR FUTEBOL

C - CONFLITO DE IDENTIDADE DA MULHER NO FUTEBOL

D - CRIAÇÃO DA IDENTIDADE DA MULHER NO FUTEBOL

E - DISCRIMINAÇÃO DA MULHER NO FUTEBOL

F - NÃO VÊ CONFLITO

QUADRO 14 – Resumo e categorias das Idéias Centrais da pergunta 2 (22 a 27 anos)

B) Resultados quantitativos (percentuais por categoria e gráfico ilustrativo) das Idéias Centrais

RESULTADOS QUANTITATIVOS DAS IDÉIAS CENTRAIS (22 A 27 ANOS)

2 - Como você se enxerga sendo mulher e futebolista?

A - MUITA FELICIDADE NO FUTEBOL	1	6,67 %
B – NASCEU COM O DOM DE JOGAR FUTEBOL	3	20,00 %
C - CONFLITO DE IDENTIDADE DA MULHER NO FUTEBOL	3	20,00 %
D - CRIAÇÃO DA IDENTIDADE DA MULHER NO FUTEBOL	5	33,33 %
E - DISCRIMINAÇÃO DA MULHER NO FUTEBOL	2	13,33 %
F - NÃO VÊ CONFLITO	1	6,67 %

TOTAL DE RESPOSTAS DA PERGUNTA **15**

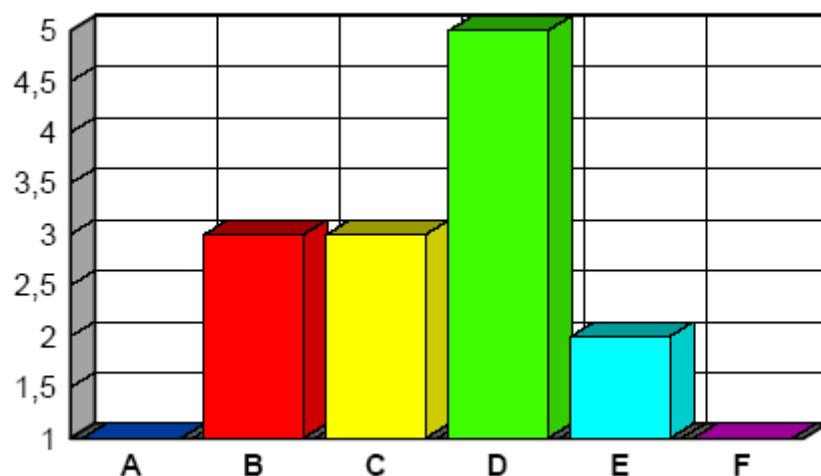


FIGURA 6 – Resultados quantitativos das Idéias Centrais da Pergunta 2 (22 a 27 anos)

C) Discurso do sujeito coletivo das categorias formadas pelas Idéias Centrais

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DAS IDÉIAS CENTRAIS (22 A 27 ANOS)

2 - Como você se enxerga sendo mulher e futebolista?

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA A - MUITA FELICIDADE NO FUTEBOL

Eu me vejo feliz no futebol, aprendi muita coisa que eu não sabia. Eu me vejo muito feliz no futebol, eu gosto de fazer o que eu faço de paixão, se eu não gostasse, não estaria aqui.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA B – NASCEU COM O DOM DE JOGAR FUTEBOL

Futebol eu tenho no sangue desde criança. Hoje eu vejo que é uma coisa diferente, é um dom na verdade, é um dom , um dom que Deus deu para gente, cada um tem um dom e o que Ele me deu foi o futebol. Hoje futebol é para quem sabe. Eu me sinto assim privilegiada, porque é uma coisa que nem todas as mulheres têm, não é um dom que todas têm, principalmente por ser mulher e ser um esporte mais masculino do que feminino... eu me vejo assim me sinto privilegiada.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA C - CONFLITO DE IDENTIDADE DA MULHER NO FUTEBOL

Dentro de campo eu sou uma pessoa, fora eu sou outra. Dentro de campo eu procuro ajudar minhas companheiras, fora eu sou mulher como todas as outras. Mas ah! Eu já tive problemas, não é um esporte como qualquer outro. Eu jogava basquete, as pessoas são totalmente diferentes, os grupos, é bem diferente. Eu tinha até um certo preconceito, e quando você começa a conhecer o povo que trabalha no futebol feminino... As mulheres que jogam futebol são mais duras, mais firmes, eu achava que queriam e pareciam com os homens, não era nada do que eu até então vivenciara. Hoje mudou, vejo que sou uma defensora da mulher poder jogar futebol, pode jogar e fazer o que quiser, porque não vai deixar de ser mulher só porque pratica um esporte. Hoje futebol é para quem sabe e não é mais coisa de homem, principalmente por ser mulher e ser um esporte mais masculino do que feminino

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA D - CRIAÇÃO DA IDENTIDADE DA MULHER NO FUTEBOL

Eu acho interessante. Acho que você pode levar as duas coisas normalmente, eu jogo futebol porque é um esporte legal, acho que é um esporte bonito, bom para o corpo, eu gosto de praticar e ao mesmo tempo nada me impede de ser mulher, cuidar da minha beleza Acho que todo mundo vê como sendo uma coisa diferente, é um desafio para a gente jogar futebol e ser mulher ao mesmo tempo, num país que ainda tem muito preconceito. Mas eu acho muito legal fazer um esporte que tem um grande preconceito, pois assim eu me sinto bem em falar que eu jogo futebol e mostrar que a mulher também pode jogar futebol, apesar de saber que o espaço conquistado pela mulher no futebol é muito pequeno ainda.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA E - DISCRIMINAÇÃO DA MULHER NO FUTEBOL

É meio difícil, todo mundo fala que futebol é para homem, eu gosto, mas a sociedade ainda discrimina muito.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA F - NÃO VÊ CONFLITO

Para mim não existe isso, é tudo igual.

QUADRO 15 – DSC das Idéias Centrais da pergunta 2 (22 a 27 anos)

D) Resumo e categorias das Ancoragens

RESUMO DAS ANCORAGENS (22 A 27 ANOS)**2 - Como você se enxerga sendo mulher e futebolista?**

Expressões Chave		Ancoragem	
Bia	Futebol eu tenho no sangue desde criança.	Futebol eu tenho no sangue desde criança.	A
Gabi	Hoje eu vejo que é uma coisa diferente, é um dom na verdade. Eu me sinto privilegiada, porque é uma coisa que nem todas as mulheres têm, não é um dom que todas têm.	É um dom na verdade, nem todas as mulheres têm, eu me sinto privilegiada.	A
Ana	Meio diferente porque as mulheres... é um dom, um dom que Deus deu para gente, cada um tem um dom e o que Ele me deu foi o futebol.	É um dom , um dom que Deus deu para gente.	A
Deise	Sou uma defensora da mulher poder jogar futebol, pode jogar e fazer o que quiser, porque não vai deixar de ser mulher só porque pratica um esporte, mas ela vai jogar contra outras mulheres, não é um esporte como qualquer outro. O baque de jogar futebol está relacionado ao fato das mulheres que jogam futebol serem mais duras, mais firmes, então, eu achava que queriam e pareciam com os homens, isto a princípio, hoje eu vejo naturalmente.	Sou uma defensora da mulher poder jogar futebol, porque não vai deixar de ser mulher só porque pratica um esporte O baque de jogar futebol está relacionado ao fato das mulheres que jogam futebol serem mais duras, mais firmes, então, eu achava que queriam e pareciam com os homens.	B
Iara	É um desafio para a gente jogar futebol e ser mulher ao mesmo tempo num país que ainda tem muito preconceito, de que o lugar no campo é dos homens e não das mulheres.	O lugar no campo é dos homens e não das mulheres.	C

CATEGORIAS DAS ANCORAÇÕES DA PERGUNTA 2 (22 A 27 ANOS)

A – TEM QUE TER DOM PARA JOGAR FUTEBOL

**B – QUESTIONAMENTO SOBRE A IDENTIDADE DA MULHER NO
FUTEBOL**

C – LUGAR DE MULHER NÃO É NO CAMPO

QUADRO 16 – Resumo e categorias das Ancorações da pergunta 2 (22 a 27 anos)

E) Resultados quantitativos (percentuais por categoria e gráfico ilustrativo) das Ancoragens

RESULTADOS QUANTITATIVOS DAS ANCORAÇÕES (22 A 27 ANOS)

2 - Como você se enxerga sendo mulher e futebolista?

A – TEM QUE TER DOM PARA JOGAR FUTEBOL	3	60,00%
B – QUESTIONAMENTO SOBRE A IDENTIDADE DA MULHER NO FUTEBOL	1	20,00 %
C – LUGAR DE MULHER NÃO É NO CAMPO	1	20,00 %

TOTAL DE RESPOSTAS DA PERGUNTA	5
--------------------------------	----------

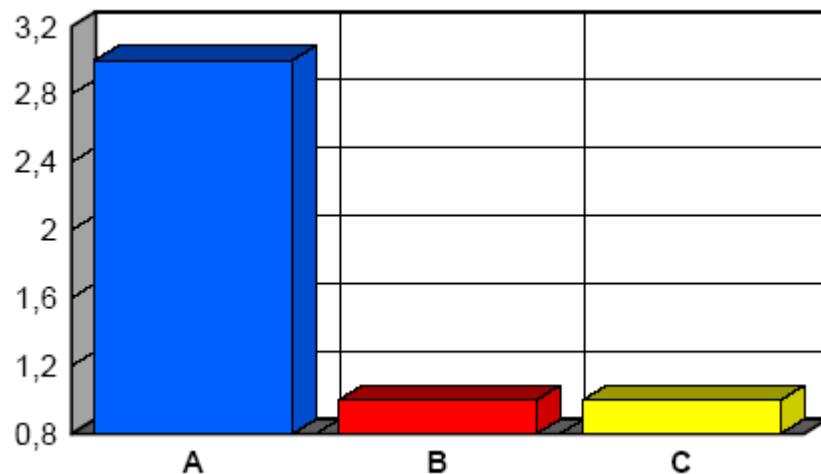


FIGURA 7 – Resultados quantitativos das Ancoragens da Pergunta 2 (22 a 27 anos)

F) Discurso do sujeito coletivo das categorias formadas pelas Ancoragens

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DAS ANCORAGENS (22 A 27 ANOS)

2 - Como você se enxerga sendo mulher e futebolista?

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA A – TEM QUE TER DOM PARA JOGAR FUTEBOL

Hoje eu vejo que é uma coisa diferente, é um dom na verdade, eu me sinto assim privilegiada, porque é uma coisa que nem todas as mulheres têm, não é um dom que todas têm. Eu tenho um dom, um dom que Deus deu para a gente, cada um tem um dom e o que Ele me deu foi o futebol, eu tenho futebol no sangue desde criança

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA B – QUESTIONAMENTO SOBRE A IDENTIDADE DA MULHER NO FUTEBOL

Sou uma defensora da mulher poder jogar futebol, pode jogar e fazer o que quiser, porque não vai deixar de ser mulher só porque pratica um esporte, mas ela vai jogar contra outras mulheres, não é um esporte como qualquer outro. O baque de jogar futebol está relacionado ao fato das mulheres que jogam futebol serem mais duras, mais firmes, então, eu achava que queriam e pareciam com os homens, isto a princípio, hoje eu vejo naturalmente.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA C – LUGAR DE MULHER NÃO É NO CAMPO

É um desafio para a gente jogar futebol e ser mulher ao mesmo tempo num país que ainda tem muito preconceito, de que o lugar no campo é dos homens e não das mulheres.

QUADRO 17 – DSC das Ancoragens da pergunta 2 (22 a 27 anos)

5.2.2.3 Pergunta 2 – Discussão

*Quando nesta brincadeira,
além da fronteira a gente põe o
pé... salve salve salve! o
coração do homem, a alma da
mulher (Moraes Moreira)*

Nestes discursos referentes à segunda questão do questionário (*Como você se enxerga sendo mulher e futebolista?*), tanto no grupo mais novo quanto naquele com mais idade, há uma diversidade de idéias e representações, que revelam aquilo que fui percebendo ao longo da pesquisa: apesar das tentativas de se diminuir, estereotipar e de se discriminhar o futebol “feminino”, classificando e rotulando as mulheres futebolistas, sobretudo com estigmas ligados a sua sexualidade, existe no meio destas uma grande diversidade de posicionamentos sobre o futebol e principalmente sobre o modo de ser mulher. Ou seja, fica muito difícil, para não se dizer impossível, se pensar ou se representar a “mulher futebolista brasileira”, quando de fato, existem mulheres futebolistas, com uma gama variada de opiniões e experiências no futebol, e mesmo estilos de viver a própria feminilidade muito diversos. E isto, longe de ser algo negativo, contribui para o enriquecimento da modalidade, assim como da própria mulher futebolista e do esporte brasileiro como um todo.

Comparato, no prefácio à obra de Flávia Piovesan (2003), ao comentar a distinção entre desigualdade e diferença, coloca que se a primeira atenta contra a dignidade básica do ser humano, a diversidade no interior das sociedades humanas, tem sido mostrada como fonte e expressão

(...) de sua inesgotável capacidade criadora. As civilizações, como os sistemas biológicos, são tanto mais vigorosas quanto mais complexos e variados os grupos humanos que as compõem. A homogeneização das espécies vivas é o caminho fatal de sua extinção. Por isso mesmo, a discriminação fundada na diferença de sexo, raça ou cultura não ofende apenas os discriminados: ela

fragiliza a sociedade como um todo (COMPARATO in PIOVESAN, 2003, p. 21).

Desta forma, e a partir do paradigma da diversidade, é que se pretende aqui analisar as múltiplas respostas das atletas ao refletirem sobre o fato de serem mulheres e futebolistas. Aliás, no próprio campo da produção teórica sobre a educação física e o esporte, já há alguns anos se discute a questão da diversidade e da sociedade multicultural.

Um dos pioneiros destas reflexões, o professor Alfredo Faria Jr. (1995), escreve que somente em meados da década de 1990, a literatura especializada no Brasil começa a apresentar evidências de trabalhos que tratam das questões de gênero. Ao citar algumas destas pesquisas, entretanto, o autor considera este conjunto muito incipiente para dar conta de uma “(...) educação física apropriada para uma *sociedade culturalmente diversificada*” (FARIA JR. 1995, p. 19).

O autor ainda observa que mesmo as práticas das mesmas atividades físicas e esportivas assumem formas diversificadas no interior de nossa sociedade. Assim, para o autor,

a expressão *diversidade cultural* usualmente refere-se a diferenças associadas a gênero, raça, etnia, nacionalidade, classe social, religião, idade e habilidade motora (diferenças na). Todavia, em seu sentido lato, pode incluir, por exemplo, diferenças na orientação sexual, personalidade, aparência física, estado civil e *status familiar* (FARIA JR, 1995, p. 19).

Assim, as atletas do grupo entre 16 e 21 anos constituíram oito categorias diferenciadas de idéias centrais de suas falas, formando oito DSCs diferentes a respeito de sua visão sobre ser mulher e futebolista.

Há aquelas que não enxergam nenhum conflito neste fato, se vêem normalmente, para elas não passa de um esporte gostoso de se jogar. Seu discurso manifesta uma leveza incomum (“eu acho superlegal”), tanto entre as atletas mais

novas quanto entre aquelas mais velhas. Estas representações ensejam significados transparentes, ou seja, que estas moças pensam simplesmente em fazer uma atividade esportiva, se consideram “normais”, isto é, mulheres heterossexuais e femininas, não assumindo ou grudando em si todos os estereótipos que o futebol “feminino” carrega. Estes significados, por sua vez, ajudam a jogar por terra uma velha armadilha da discussão sobre sexualidade e gênero, formulação teórica esta que consistia em “colar” a identidade sexual na identidade de gênero. Segundo Person (1998, p. 174), “durante muito tempo, a opinião psicanalítica, bem como a geral, era de que a escolha de objeto sexual e identidade de gênero se acompanhavam automaticamente”. Ou seja, que a partir de uma escolha homossexual ou heterossexual, a pessoa simplesmente escolheria ter uma postura mais masculina, agressiva, assertiva, dominante (no caso de homens heterossexuais ou de mulheres homossexuais), ou ao contrário, no caso de mulheres heterossexuais ou de homens homossexuais, suas atitudes seriam femininas, passivas, inibidas.

Ao discutir identificações masculinas em mulheres heterossexuais, Person (1998) afirma que

a idéia da congruência entre sexo, sexualidade e gênero deveria ter sido suspeitada desde o momento em que foi proposta pela primeira vez. A homossexualidade apresenta um desafio a qualquer formulação deste tipo, na medida em que nem todos homens homossexuais são femininos, e nem todas as lésbicas masculinas. Nem ainda, é claro, todos homens heterossexuais são masculinos ou todas as mulheres heterossexuais femininas. (PERSON, 1998, p. 174).

E esta discussão, da confusão e da mistura entre identidade sexual e de gênero irá permear uma série de depoimentos e de DSCs ao longo deste trabalho. Outra categoria, a “B” que aparece ainda nesta questão toca novamente no assunto, pois a atleta reconhece a existência do preconceito, mas garante que se enxerga sem conflitos, pois “apesar de ter muito preconceito, eu me vejo normalmente, como se praticasse um esporte qualquer”. Ou seja, o futebol, para a mulher, não é um “esporte

qualquer”, está carregado de signos de masculinidade, e a mulher que o pratica sabe, por ter sentido na pele, o quanto estes signos podem gerar de preconceito contra si mesma. Tanto é assim que ao se afirmar como uma pessoa e uma mulher normal, ela quer se mostrar seguidora da norma socialmente aceita tanto no que tange às dimensões e símbolos culturais de uma construção hegemônica do gênero feminino (comportamento mais suave, cabelos compridos, um certo jeito de andar e de se vestir, um olhar mais sedutor, entre tantos outros), quanto da norma no que se refere à sexualidade, ela é heterossexual, só por jogar futebol, não mudaria a sua escolha, “para mim não existe isso”.

Mesmo a categoria “C” das mais novas, ao falar que se vê como uma mulher normal, enfatiza que segue “todas as regras de sempre da mulher”, reconhecendo que existem regras (de gênero) a serem seguidas para que se ande dentro do estreito espectro do que se convencionou chamar de mulher “normal”. Assim como este DSC percebe que há no futebol algumas mulheres “que perdem a feminilidade”, embutindo aí uma crítica, pois ela é “bem mulher, ao contrário de algumas...”. Assim, para este tipo de pensamento, existe uma só forma de ser mulher, e ela segue à risca as regras para tal, não contemplando, ao menos no discurso, a possibilidade de existirem outros jeitos de ser mulher.

Knijnik e Cruz (2004), ao discutirem as representações, os avanços e os recuos da prática de surfe entre as mulheres no litoral brasileiro, e após entrevistarem dezenas de moças surfistas, concluíram que o surfe, e o esporte como um todo, se por um lado e historicamente, tem sido espaços de reafirmação de normas e modelos de gênero bipolares e hegemônicos, ao mesmo tempo também tem proporcionado espaços de reconfiguração destas mesmas normas e modelos, pois ele possibilita, “(...) que, aos poucos, surjam novos modelos e imagens de mulher, comprometidas com atitudes positivas e guerreiras” (KNIJNIK e CRUZ, 2004, p. 274).

Scranton, Fasting, Pfister e Bunuel (1999), em longo estudo³⁸ conduzido no interior de quatro culturas européias (alemã, inglesa, espanhola e norueguesa) com mulheres futebolistas de alto nível, escrevem que, a partir das análises da formação das redes de poder, dominação e subordinação feitas por Michel Foucault,

³⁸ O artigo das autoras (*It's still a man's game?*) tem sido, nos últimos cinco anos, dos três mais lidos e citados mundialmente, na área de sociologia do esporte.

diversas análises pós-estruturalistas enfatizam o esporte como uma importante arena para a desconstrução das oposições binárias entre masculinidade/feminilidade, e de emergência de formas potencialmente transgressoras de feminilidades esportivas (...). No entanto, neste campo não há somente evidências simplesmente de transgressão ou de ruptura com as tradicionais fronteiras de gênero; os dados também envolvem demonstrações de conformidade e contradição de algumas mulheres que aparentemente cumprem com certas “normas” da feminilidade tradicional. (SCRATON et al, 1999, p. 100).

Desta forma, a “normalidade” apregoada por este discurso, a tentativa de se seguir “todas as regras de ser mulher” é uma contradição que para uma futebolista não se sustenta, uma vez que ela mesma participa, voluntariamente, de equipes e de um esporte no qual diversos tipos de mulheres, “normais e anormais”, mas que disputam todas sob a bandeira do esporte “feminino”, ajudam a estabelecer outros critérios ou mesmo a sacudir as fronteiras do que é o feminino na sociedade brasileira contemporânea.

Ainda nesta resposta, temos discursos que se referem a um modo de vida futebolístico, a um cotidiano amarrado e vivido exclusivamente no e para o futebol. Atrelado a este, há DSCs que confirmam o gosto e mesmo o amor desmedido pelo futebol, o desejo ardente de lutar para se aperfeiçoar continuamente na modalidade (categorias H, A e G, respectivamente, sendo que todas são confirmadas por meio do suporte que lhes fornecem os DSCs que ilustram as categorias de ancoragens A e B destas respostas). De fato, de acordo com Bellos (2002), o futebol não é somente um esporte muito praticado no mundo, e o Brasil não é só o melhor do mundo neste esporte: para os brasileiros, futebol é um jeito de viver, um modo de vida, que desperta paixões. Para o autor, inglês radicado no Brasil, qualquer que seja o nome empregado para o futebol brasileiro, seja “beautiful game” como querem os ingleses, ou mesmo “futebol-arte” como muitos brasileiros o denominam,

nada no esporte internacional tem o mesmo apelo (...). Amamos o espetáculo. Amamos seus torcedores, tão exuberantemente alegres. Amamos suas estrelas e seus apelidos – como se fossem amigos pessoais. Amamos sua seleção porque representa uma harmonia racial utópica. Amamos suas consagradas camisas amarelo-ouro. Amamos o Brasiiiiiiil! (BELLOS, 2002, p. 9/10).

Como demonstra o autor, a paixão pelo futebol é parte do brasileiro, e da brasileira. Claro que outras atividades, inclusive esportivas, podem prender e serem tão apaixonantes como o futebol, fazendo que a pessoa tenha um modo de vida ligado umbilicalmente àquela atividade, como o são as atletas que produziram estas falas. No entanto, o futebol é a única destas atividades que já veio do “berço”, que é constituinte da nacionalidade brasileira, do ser “nativo” deste país. Afinal, questiona Bellos (2002, p. 10), “como algo assim tão singelo como um esporte de equipe tornou-se o maior fator de unificação do quinto maior país do mundo?”. Assim, amar e viver do futebol, ter paixão por isto, acordar e dormir pensando na bola, lutar para ser reconhecida como profissional no país da bola, são sonhos e atitudes extremamente condizentes com o que de fato estabelece o modo de vida e mesmo para que se “faça” um brasileiro: o futebol.

Por fim, ainda discutindo os DSCs produzidos pelas jogadoras mais novas a partir da pergunta 2 (*Como você se enxerga sendo mulher e futebolista?*), adentramos naqueles discursos que se encaixam na categoria da discriminação e do direito ao esporte (categoria de Idéias Centrais “E” e “D”, respectivamente), e como discursos eminentemente ideológicos, sustentam-se na ancoragem “C”, relativa ao direito ao esporte.

Temáticas também recorrentes nos vários discursos produzidos em todas estas entrevistas, a questão da discriminação e do direito ao esporte é latente nas representações sobre sua prática que fazem as futebolistas entrevistadas. Falas como “a mulher tem o direito de praticar o esporte que gosta e de ser feliz da maneira que quer”, ou mesmo “a mulher tem que ter a liberdade de fazer o que quiser”, mostram o quanto as atletas estão conscientes que precisam lutar para ampliar seus direitos, uma vez que estes, parafraseando Hannah Arendt, “não são um dado, mas um

construído”, isto é, precisam de mobilização para serem conquistados. E esta articulação social, se não aparece claramente entre as atletas, mostra-se ao menos no campo do seu discurso denunciador de discriminações “é diferente, mulher não é muito bem recebida no futebol”. Ao mesmo tempo, e ainda citando Hannah Arendt (1965), uma vez que se vive na “era dos direitos”, é importante e fundamental a tomada de consciência por parte destas atletas que elas possuem o “direito de ter direitos”. Ou como coloca Jelin (1994), para quem o primeiro passo na luta pelos direitos é a tomada de consciência que o direito se refere ao próprio cidadão, à própria vida e não a outrem,

essa perspectiva auto-referencial das noções de direitos e de cidadania apresenta consequências importantes para a prática da luta contra a discriminação e a opressão: o conteúdo das reivindicações, as prioridades políticas e os âmbitos de luta podem variar, desde que se reafirme o direito de ter direitos e o direito ao debate público do conteúdo de normas e leis (JELIN, 1994, p. 120).

Desta maneira, é absolutamente cabível e pertinente a colocação do direito de se jogar futebol, sobretudo naquele que internacionalmente é reconhecido como o país do futebol. Ter oportunidades boas e igualitárias para praticar a modalidade que é a própria cara da nação, e assim sentir-se membro desta comunidade brasileira é um direito fundamental, o direito de pertencer e ser reconhecido como parte integrante de uma comunidade. Esta é uma reivindicação que as atletas já tomam consciência, e desta forma já estão aptas para partirem para um próximo momento nesta luta pelos direitos sociais de praticarem esporte com boas condições, sem preconceitos e discriminações.

Ao fazer um longo apanhado sobre os direitos humanos específicos das mulheres, Jelin (1994) afirma que um outro momento de luta pelos direitos destas passa pelas questões de batalha pela igualdade.

A demanda social oriunda das “diferentes” (inferiores), no caso as mulheres, apresenta uma primeira modalidade de expressão na reivindicação por igualdade, manifestada ao longo das últimas décadas através das demandas por acesso a lugares e posições antes vedadas às mulheres (desde clubes exclusivos até ocupações tradicionalmente masculinas), de denúncias de discriminação (dificuldades de acesso a posições hierárquicas no mundo do trabalho e da política, por exemplo), e de desigualdades (“para o mesmo trabalho, o mesmo salário”). (JELIN, 1994, p. 124).

Mesmo absolutamente favorável às lutas por igualdade, a autora deixa claro que a busca pela mesma não deve omitir ou deixar invisíveis as diferenças que existem entre grupos, e mesmo no interior de grupos aparentemente específicos, entre as pessoas destes. Se os seres humanos, na linguagem dos direitos humanos de primeira dimensão (aqueles que tratam dos direitos civis e políticos), são por natureza iguais, ao se destrarinhar as diferentes culturas e as diversas realidades sociais – e com isso se construirão os direitos de segunda dimensão, de ordem econômica e sócio-culturais -, encontra-se o outro lado da moeda, isto é,

os indivíduos não são todos iguais, e em última instância ocultar ou negar as diferenças serve para perpetuar o subentendido de que há duas categorias de pessoas essencialmente distintas, as “normais” e as “diferentes” (que significa sempre “inferiores”). (...) [há um movimento contraditório], por um lado a reivindicação por direitos iguais aos dos homens e um tratamento igualitário; por outro, o direito a um tratamento diferenciado e à valorização das especificidades da mulher. Esse é um segundo conflito inevitável, entre o princípio da igualdade e o direito à diferença. (...) De fato, a crítica à universalização da visão “masculina” corre o risco de cair em simplificações perigosas (...). O perigo reside em responder à supremacia machista com uma supremacia feminina/feminista. (JELIN, 1994, p. 125).

No caso específico do futebol, percebe-se que as mulheres não estão se opondo a um mundo masculino, mas sim querendo ter o direito de, enquanto mulheres e portanto, diferentes, participarem igualmente – com direito à mídia, a remuneração justa, à profissionalização, a campos e a treinos, e, sobretudo, o direito de não serem vítimas de preconceitos e discriminações que as alijem da prática.

As atletas mais velhas também produzem, em determinados momentos, DSCs cujas idéias e categorias se assemelham àquelas das mais novas. Desde aquelas que não vêem conflito algum entre o ser mulher e a sua prática futebolística (e que já foram comentadas acima), passando por aquelas que gostam da sua atividade, mas declaram que é muito difícil praticá-la, pois “a sociedade discrimina muito”, e ainda ancoram o seu discurso ao comentarem que existe um pensamento social muito forte que enfatiza cotidianamente que o “o lugar de mulher não é no campo”.

Para discutir esta questão eminentemente particular e específica da mulher, à luz dos instrumentos de direitos que apóiem a luta contra a discriminação tão presente no discurso das atletas, é imprescindível que se perceba como se deu, a partir de uma declaração de abrangência universal, a constituição destas ferramentas mais peculiares a cada população vitimada em seus direitos, ou discriminada.

Depois que se deu a Declaração Universal dos Direitos Humanos, proclamada em 1948, o movimento internacional dos direitos humanos criou um sistema normativo que de um lado prevê e é composto por instrumentos de alcance geral e universal (como os pactos internacionais) e por outro lado produz um outro tipo de instrumental que é de alcance específico, como as Convenções, que pretendem dar respostas à questões particulares de privação de direitos, como a violência contra a criança, a discriminação racial e da mulher, entre outras (PIOVESAN, 2003). É neste quadro das respostas particulares que o sujeito passou a ser visto não somente como detentor de direitos universais, mas também como possuidor de *direitos específicos e concretos* (o que em linguagem jurídica se chama a *especificação do sujeito do direito* - PIOVESAN, 2003). É a partir desta configuração que as mulheres começaram a ser enxergadas em suas especificidades e peculiaridades, e que em 1979 as Nações Unidas aprovaram a Convenção pela Eliminação de todas as formas de Discriminação Contra a Mulher, a qual foi ratificada pelo Brasil em 1984 – CEDAW, é sua sigla em inglês.

Segundo Piovesan (2003), esta Convenção se assenta no duplo objetivo de eliminar a discriminação e assegurar a igualdade. Posteriormente, em 1993, a ONU adota a Declaração sobre a Eliminação da Violência contra a Mulher, entendendo como agressivo qualquer “(...) ato de violência baseado no gênero que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher” (PIOVESAN, 2003, p. 214).

É sobre este referencial teórico e histórico que se pode refletir a respeito da exagerada discriminação que as atletas mencionam dentro do campo de futebol, o qual, segundo elas, não seria, no imaginário popular, um local no qual a mulher pudesse entrar. Para aquelas que são apaixonadas pelo futebol, e dedicam a vida a este, não poupando esforços na sua luta para melhorar o próprio jogo, certamente é uma grande violência, e um sofrimento psicológico intenso ser discriminada após anos de treinamento e sacrifícios para se dedicar ao esporte que tanto amam.

Por fim, e a partir do questionamento sobre sua visão como mulheres e futebolistas, estas atletas com mais idade levantam a questão da identidade da mulher que pratica futebol, ora colocando-se em conflito com esta identidade, ao afirmar que “dentro de campo eu sou uma pessoa, fora eu sou outra” (categoria “C”, três atletas), outras vezes mostrando que também no futebol a mulher pode criar uma identidade própria, diferenciada, colocando que “é um desafio para a gente jogar futebol e ser mulher ao mesmo tempo, num país que tem um grande preconceito (...), mas eu acho muito legal (...), pois assim eu me sinto bem em falar que eu jogo futebol e mostrar que a mulher também pode jogar futebol (...)” (categoria “D”, cinco respostas). E ambas ancoram seus discursos num pensamento que por um lado questiona a identidade da mulher no futebol, mas que finaliza por aceitá-la, ao dizer que “não vai deixar de ser mulher só porque pratica um esporte (...), mas o baque de jogar futebol está relacionado ao fato das mulheres que jogam futebol serem mais duras, mais firmes, então eu achava que queriam e pareciam com os homens, isto a princípio, hoje eu vejo normalmente” (ancoragem “B”).

Assim sendo, as atletas creditam ao futebol um potencial muito forte de criar a identidade da mulher, mas simultaneamente propõe, no seu discurso, que a identidade da mulher não é unificada, é posta à prova quando esta joga futebol. Por isso ser uma dentro e outra fora do campo, ou mesmo mostrar que a mulher também

joga futebol e permanece mulher; e que aquelas mais masculinizadas já podem ser vistas com bons olhos, como mulheres “normais”, só ficaram um pouco diferentes em virtude dos movimentos do futebol, mas não há problemas nisto.

Woodward (2000) ao discutir o conceito de identidade social, afirma que freqüentemente esta conceitualização envolve e reivindica aspectos essencialistas – no caso do futebol “feminino”, haveria na natureza um ser cuja essência é feminina, a mulher – mas como então algumas, ao jogarem futebol seriam outras, ou talvez “outros”, parecem homens sem sê-lo, uma vez que a sua natureza é de mulher? Esta contradição se explica na separação das esferas, mulher e futebol, as quais criam, segundo Woodward (2000), símbolos sociais diferenciados e diferenciadores. Mas, sobretudo, deve-se ater ao fato que as identidades não são únicas tampouco unificadas, mas sim variadas e múltiplas, ou seja, há a identidade feminina, que pode se associar, mas nem por isso ser a mesma da identidade da futebolista, e ambas estão em construção constante, e por vezes podem até ser conflitivas, mas as pessoas

(...) assumem suas posições de identidade e se *identificam com elas*. (...) O nível psíquico também deve fazer parte da explicação; trata-se de uma explicação que, juntamente com a simbólica e a social, é necessária para uma completa conceitualização da identidade (WOODWARD, 2000, p. 15).

Certamente o que estes discursos traduzem é que a criação da identidade da mulher no futebol gera uma grande tensão entre a feminilidade - da qual as atletas parecem possuir clareza – o ser mulher e o parecer/virar/ser masculino ou homem, o que gera o preconceito que as vitimiza. E nesses discursos, geralmente, deixa-se transparecer que há vários níveis de mulheres futebolistas: há o “nós mulheres *apesar* de no campo jogarmos futebol de homem”, e há “aqueelas que *por causa* do futebol já são ou parecem ou viraram homens”. Desta forma, as atletas acabam se enxergando como futebolistas, mas fazendo questão de manter uma identidade atrelada a um ou outro grupo, evitando que se caracterize uma identidade fixa da “futebolista” – “em campo sou uma, fora sou outra”.

Esta tensão, ou mesmo este dinamismo entre a identidade individual e aquela que se faz necessária para se criar um “nós” atuante enquanto grupo, é analisada por Dubar (1997) que explora como a socialização, tanto a primária como as novas e constantes ressocializações que o indivíduo passa ao adentrar novos grupos, conferem à identidade um caráter estável, mas concomitantemente mutante

A identidade não é mais do que o resultado simultaneamente estável e provisório, individual e coletivo, subjetivo e objetivo, biográfico e estrutural, dos diversos processos de socialização que, em conjunto, constroem os indivíduos e definem as instituições (DUBAR, 1997, p. 105).

Sendo assim, as atletas de futebol estão num processo permanente de construção, reconstrução e questionamento de sua identidade de mulher enquanto jogadoras de futebol, pois possuem a noção, por vezes mínima e outras vezes muito clara, desde que se iniciaram no esporte, que o futebol é uma atividade, além de construída e moldada para um gênero – masculino – mas que também constrói novas identidades de gênero (ALTMANN, 2002). E para elas, o pior pesadelo muitas vezes é o de serem confundidas com uma identidade que não é a delas, a identidade masculina.

5.2.3 Pergunta 3 - *Como os outros a enxergam sendo mulher e futebolista?*

5.2.3.1 Pergunta 3 – Resultados (16 a 21 anos)

A) Resumo e categorias das Idéias Centrais

RESUMO DAS IDÉIAS CENTRAIS (16 A 21 ANOS)

3 - Como os outros a enxergam sendo mulher e futebolista?

	Expressões Chave	Idéia Central	
Alice	Tem umas que criticam, ah! Mulher jogando futebol? Daí eu falo, ‘nada a ver’, é a mesma coisa que homem, só que diferente um pouco, homem tem mais ritmo de jogo, habilidade, agora mulher não, mulher já é mais centrada, calma e é assim.	Tem umas que criticam, ah! Mulher jogando futebol?	A
Bruna	Na TV sempre mostra o masculino, aí o pessoal pensa que futebol é coisa só para homem.	O pessoal pensa que futebol é coisa só para homem.	A
Célia	Com a mulher rola bastante preconceito, bem forte, não deixam de me enxergar como mulher mas tem o preconceito no futebol de quem joga tem preferência pelo mesmo sexo...	Rola bastante preconceito, bem forte.	A
Paula	Não gostavam muito, diziam que futebol não é coisa para mulher, mulher não deve jogar futebol.	Diziam que futebol não é coisa para mulher.	A
Keila	Tem preconceito, muito preconceito. Tem muita gente falando que futebol é para homem, confundem muito as coisas, por mulher jogar bola com outras do mesmo sexo, acham que gosta de alguém do mesmo sexo.	Tem muito preconceito. Tem muita gente falando que futebol é para homem.	A
Nair	Acho que eles pensam que não é um esporte para mulher mesmo, que toda mulher que joga futebol é meio macha.	Acho que eles pensam que não é um esporte para mulher.	A
Tais	Os leigos que não conhecem muito bem o futebol, falam que isso não é coisa pra	Falam que isso não é coisa pra mulher, que	A

	mulher. Eles deveriam parar de falar coisas que eles não conhecem e, primeiro ver o que é o futebol feminino. Falam que mulher não joga, que isso não é um serviço de mulher, que jamais uma mulher vai jogar igual a um homem, e isso não é verdade é uma coisa que já vem de preconceito mesmo, essa não é a realidade.	mulher não joga, que isso não é um serviço de mulher, que jamais uma mulher vai jogar igual a um homem.	
Dulce	Meus pais torcem bastante por mim, sempre estão ligando para saber os resultados dos jogos, como que eu estou, estão sempre me acompanhando.	Eles torcem bastante por mim, estão sempre me acompanhando.	B
Eva	Eles dão apoio, dão tudo para mim graças a Deus, as meninas me deram apoio para vir até aqui, eu tenho muito apoio.	Eu tenho muito apoio.	B
Fátima	O pessoal sempre me apoiou muito na minha família, porque meu pai sempre teve o sonho de ser jogador, meu irmão ama jogar bola quer ser jogador e todo mundo sempre me apoiou. Só o meu namorado que não gostava muito, mas agora ele está apoiando.	O pessoal sempre me apoiou muito na minha família.	B
Geni	O que é muito importante é o apoio dentro de casa, a minha mãe me apóia muito, ela corre comigo para lá e para cá, tem jogo, tem treino, ela está lá, e sempre me incentivando.	O que é muito importante é o apoio dentro de casa, a minha mãe me apóia muito.	B
Hilda	Na minha família o pessoal todo apóia, eles gostam, a gente têm uma família muito grande então, os meus irmãos todos gostam, falam "nossa que legal que você joga em um time", às vezes sai na imprensa, sai no jornal alguma coisa assim e é importante, isso é legal e o pessoal gosta.	Na minha família o pessoal todo apóia, eles gostam.	B
Mônica	Na minha família tem pessoas que apóiam bastante, meu pai e minha mãe sempre acreditaram em mim, tanto é que meu pai me apóia desde os 7 anos para jogar bola.	Na minha família tem pessoas que apóiam bastante, meu pai e minha mãe sempre acreditaram em mim.	B
Rute	Minha família sempre me apoiou, minha mãe, meu irmão, ninguém me criticou, foi tudo bem.	Minha família sempre me apoiou.	B

Sara	A minha família me trata como uma pessoa normal, até tem uma certa idolatria por mim, pelo o que eu faço, não só a minha mãe, meus tios, meus irmãos, é uma certa idolatria por eles não chegarem onde estou.	A minha família me trata como uma pessoa normal, até tem uma certa idolatria por mim, pelo o que eu faço.	B
Tais	Minha família sempre apoiou, minha mãe é que me levava para jogar, sempre apoiou nunca discriminou nada, o povo da faculdade também adora, acham legal, bacana, vão assistir os jogos.	Minha família sempre apoiou, o povo da faculdade também adora.	B
Vanda	A família, acho que é a família que eu pedi a Deus, porque sempre me apóia, eles não podem estar junto comigo em todos os jogos mas, onde eles podem ir eles estão lá me apoiando, me ajudando.	É a família que eu pedi a Deus, porque sempre me apóia.	B
Zélia	Na minha família, todos me apóiam, tem jogo, eles sempre perguntam, "ah você ganhou?" "como que foi?" Eles sempre me apóiam.	Na minha família, todos me apóiam.	B
Bruna	Em casa, há brigas, meu pai e irmão pegam no meu pé... mas acabaram aceitando, mas é muita pressão em cima deles, também, meu tio fala muito, e ele mora ao lado de casa, comenta com os vizinhos.	Em casa, há brigas, meu pai e irmão pegam no meu pé...	C
Paula	No começo assim eu não tinha apoio, mas os meus amigos, a minha família mesmo nunca me apoiou. Não gostavam muito.	A minha família mesmo nunca me apoiou.	C
Dulce	Minha mãe não gosta muito, me manda procurar outra coisa. Meu pai me incentivava mais, mas como ele viu que futebol feminino tem pouco apoio, então, ele começou a falar para eu procurar outra coisa, não viver só em função do futebol.	Minha mãe não gosta muito, me manda procurar outra coisa. Meu pai começou a falar para eu procurar outra coisa, não viver só em função do futebol.	C
Célia	Tem o preconceito no futebol de quem joga tem preferência pelo mesmo sexo... Não é todo mundo que tem, mas rola bastante.	Quem joga tem preferência pelo mesmo sexo... Não é todo mundo que tem, mas rola bastante.	D

Ivone	Não vejo preconceito nenhum, quer dizer, na verdade tem um certo preconceito, o futebol é um esporte muito estúpido, dizem que para homem, mas acho que as mulheres estão aí pra mostrar que o futebol não é só para os homens e sim para as mulheres também.	As mulheres estão aí pra mostrar que o futebol não é só para os homens e sim para as mulheres também.	E
Juçara	Eu já sofri muito preconceito, mas hoje em dia, graças a Deus, isso está mudando, até mesmo graças à seleção feminina que foi medalha de prata nas Olimpíadas. Isso tem mudado um pouco a cabeça das pessoas, mas o preconceito sempre existe em qualquer profissão, qualquer lugar que a gente vá.	Eu já sofri muito preconceito, mas hoje em dia, graças a Deus, isso está mudando.	E
Sara	Acho que na sociedade o tema está mais aceito, mas antes era barra meio pesada, mas hoje em dia se encara com naturalidade.	O tema está mais aceito, hoje em dia se encara com naturalidade.	E
Lúcia	Ah! Alguns amigos falam que eu não tenho nem jeito de jogar bola. Porque eu sou muito feminina, sempre uso sainha.	Falam que eu não tenho nem jeito de jogar bola porque eu sou muito feminina.	F

CATEGORIAS DAS IDÉIAS CENTRAIS DA PERGUNTA 3 (16 A 21 ANOS)

A - PRECONCEITO CONTRA A MULHER FUTEBOLISTA

B - TEM O APOIO NECESSÁRIO

C - CONFLITOS NA FAMÍLIA

D - HOMOSSEXUALISMO NO FUTEBOL FEMININO

E - PRECONCEITO EM TRANSIÇÃO

F - CONTRADIÇÃO DE GÊNERO ENTRE SER MULHER E JOGAR FUTEBOL

B) Resultados quantitativos (percentuais por categoria e gráfico ilustrativo) das Idéias Centrais

RESULTADOS QUANTITATIVOS DAS IDÉIAS CENTRAIS (16 A 21 ANOS)

3 - Como os outros a enxergam sendo mulher e futebolista?

A - PRECONCEITO CONTRA A MULHER FUTEBOLISTA	7	26,92 %
B - TEM O APOIO NECESSÁRIO	11	42,31 %
C - CONFLITOS NA FAMÍLIA	3	11,54 %
D - HOMOSSEXUALISMO NO FUTEBOL FEMININO	1	3,85 %
E - PRECONCEITO EM TRANSIÇÃO	3	11,54 %
F - CONTRADIÇÃO DE GÊNERO ENTRE SER MULHER E JOGAR FUTEBOL	1	3,85 %

TOTAL DE RESPOSTAS DA PERGUNTA **26**

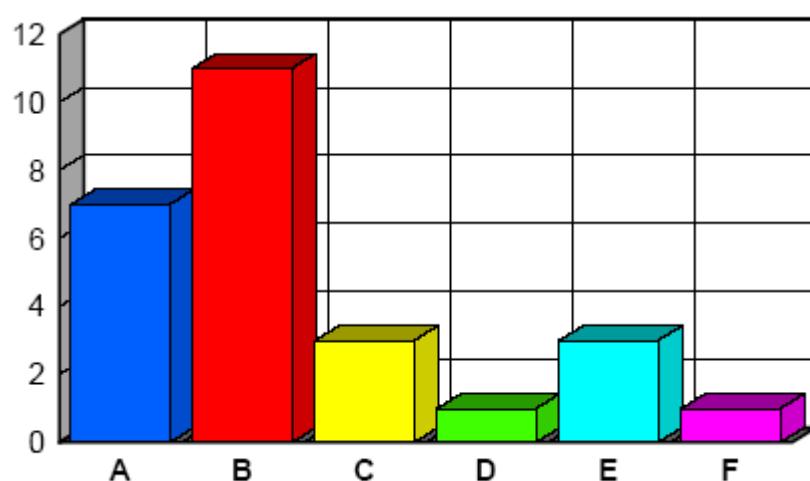


FIGURA 8 – Resultados quantitativos das Idéias Centrais da Pergunta 3 (16 a 21 anos)

C) Discurso do sujeito coletivo das categorias formadas pelas Idéias Centrais

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DAS IDÉIAS CENTRAIS (16 A 21 ANOS)

3 - Como os outros a enxergam sendo mulher e futebolista?

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA A - PRECONCEITO CONTRA A MULHER FUTEBOLISTA

Tem preconceito, muito preconceito. Tem muita gente falando que futebol é para homem. Tem umas que criticam, ah! Mulher jogando futebol? Com a mulher rola bastante preconceito, bem forte, não deixam de me enxergar como mulher mas tem o preconceito no futebol, confundem muito as coisas, por mulher jogar bola com outras do mesmo sexo, acham que gostam de alguém do mesmo sexo, que toda mulher que joga futebol é meio macha, que tem preferência pelo mesmo sexo.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA B – TEM O APOIO NECESSÁRIO

O que é muito importante é o apoio dentro de casa. O pessoal sempre me apoiou muito na minha família, porque meu pai sempre teve o sonho de ser jogador, meu irmão ama jogar bola quer ser jogador e todo mundo sempre me apoiou. Eles torcem bastante por mim, sempre estão ligando para saber os resultados dos jogos, como que eu estou, estão sempre me acompanhando. A minha mãe me apóia muito, ela corre comigo para lá e para cá, tem jogo, tem treino, ela está lá, e sempre me incentivando, sempre apoiou, nunca discriminou nada. A gente tem uma família muito grande então, os meus irmãos todos gostam, falam "nossa, que legal que você joga em um time". Às vezes, sai na imprensa, sai no jornal alguma coisa assim e é importante, isso é legal e o pessoal gosta, até tem uma certa idolatria por mim, pelo o que eu faço, não só a minha mãe, meus tios, meus irmãos, é uma certa idolatria por eles não chegarem onde estou.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA C – CONFLITOS NA FAMÍLIA

No começo eu não tinha apoio, mas os meus amigos, a minha família mesmo nunca me apoiou. Não gostavam muito. Minha mãe não gosta muito, me manda procurar outra coisa. Em casa, há brigas, meu pai e irmão pegam no meu pé... mas acabaram aceitando, mas é muita pressão em cima deles, também, meu tio fala muito, e ele mora ao lado de casa, comenta com os vizinhos, e como hoje tem pouco apoio, sempre teve pouco apoio, então, ele começou a falar para eu procurar outra coisa, não viver só em função do futebol.

**DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA D –
HOMOSSEXUALISMO NO FUTEBOL FEMININO**

Tem o preconceito no futebol de quem joga tem preferência pelo mesmo sexo... Não é todo mundo que tem, mas rola bastante

**DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA E – PRECONCEITO
EM TRANSIÇÃO**

Acho que na sociedade o tema está mais aceito, mas antes era barra meio pesada, eu já sofri muito preconceito, mas hoje em dia graças a Deus isso está mudando, se encara com naturalidade, até mesmo graças à seleção feminina que foi medalha de prata nas Olimpíadas. Isso tem mudado um pouco a cabeça das pessoas, mas o preconceito sempre existe em qualquer profissão, mas acho que as mulheres estão aí pra mostrar que o futebol não é só para os homens e sim para as mulheres também.

**DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA F – CONTRADIÇÃO
DE GÊNERO ENTRE SER MULHER E JOGAR FUTEBOL**

Ah! Alguns amigos falam que eu não tenho nem jeito de jogar bola. Porque eu sou muito feminina, sempre uso sainha.

QUADRO 19 – DSC das Idéias Centrais da pergunta 3 (16 a 21 anos)

D) Resumo e categorias das Ancoragens

RESUMO DAS ANCORAGENS (16 A 21 ANOS)**3 - Como os outros a enxergam sendo mulher e futebolista?**

Expressões Chave		Ancoragem	
Célia	Com a mulher rola bastante preconceito, bem forte, não deixam de me enxergar como mulher mas tem o preconceito no futebol de quem joga tem preferência pelo mesmo sexo...	Rola bastante preconceito, bem forte.	A
Tais	Falam que isso não é coisa pra mulher. Falam que mulher não joga, que isso não é um serviço de mulher, que jamais uma mulher vai jogar igual a um homem, e isso não é verdade é uma coisa que já vem de preconceito mesmo, essa não é a realidade.	Falam que isso não é coisa pra mulher, que mulher não joga, que isso não é um serviço de mulher, que jamais uma mulher vai jogar igual a um homem, isso não é verdade é uma coisa que já vem de preconceito.	A
Alice	Mulher jogando futebol? Daí eu falo, nada a ver, é a mesma coisa que homem, só que diferente um pouco, homem tem mais ritmo de jogo, habilidade, agora mulher não, mulher já é mais centrada, calma.	Homem tem mais ritmo de jogo, habilidade, mulher já é mais centrada, calma.	B
Keila	Ai que está, tem preconceito, muito preconceito. Tem muita gente falando que futebol é para homem, e com isso tem outras pessoas que também confundem muito as coisas, por mulher jogar bola com outras do mesmo sexo, acham que gostam de alguém do mesmo sexo, acho que misturaram muito as coisas.	Por mulher jogar bola com outras do mesmo sexo, acham que gostam de alguém do mesmo sexo.	C
Nair	Eles pensam que não é um esporte para mulher mesmo, que toda mulher que joga futebol é meio macha, meio não sei o quê, acham que é mais para homem.	Toda mulher que joga futebol é meio macha.	C
Célia	Tem o preconceito no futebol de quem joga tem preferência pelo mesmo sexo...	Quem joga tem preferência pelo mesmo sexo...	C

Geni	A minha mãe me apóia muito. Acho isso importante porque você não se perde, pois você está querendo traçar um objetivo, seguir um caminho e tem uma pessoa ali te guiando, não deixando você se dispersar e fazer alguma coisa ruim e eu estou seguindo. Eu acho que quando se tem um apoio, você faz com mais empenho e principalmente, quando você faz o que você gosta que é o mais importante.	A minha mãe me apóia muito. Acho isso importante porque você não se perde, tem uma pessoa ali te guiando.	D
Vanda	Acho que esse é o apoio fundamental, se a família apóia acho que é o começo de tudo, você vai para frente cada vez mais, se você tem um incentivo maior que é da família acho que tudo há de dar certo.	Acho que esse é o apoio fundamental, se a família apóia acho que é o começo de tudo, você vai para frente cada vez mais.	D
Zélia	É bom para a gente fazer alguma coisa para não ficar pensando em outras coisas, e eu jogo futebol para isso, para ter um objetivo, para não ficar fazendo outras bobeiras, porque hoje em dia você praticando algum esporte, você esquece. Tem tanta gente que usa droga, que faz coisa errada, eu acho que se estivesse praticando um esporte esqueceria um pouco isso.	Tem tanta gente que usa droga, que faz coisa errada, eu acho que se estivesse praticando um esporte esqueceria um pouco isso.	E

CATEGORIAS DAS ANCORAGENS DA PERGUNTA 3 (16 A 21 ANOS)

A - PRECONCEITO CONTRA A MULHER QUE JOGA FUTEBOL

B - DIFERENÇAS DE GÊNERO E HABILIDADES ESPORTIVAS

C - IDENTIDADE DE GÊNERO COLADA A IDENTIDADE SEXUAL

D - APOIO FAMILIAR PARA GUIAR AO OBJETIVO

E - ESPORTE NÃO É DROGA: PRATIQUE

E) Resultados quantitativos (percentuais por categoria e gráfico ilustrativo) das Ancoragens

RESULTADOS QUANTITATIVOS DAS ANCORAGENS (16 A 21 ANOS)

3 - Como os outros a enxergam sendo mulher e futebolista?

A - PRECONCEITO CONTRA A MULHER QUE JOGA FUTEBOL 2 22,22%

B - DIFERENÇAS DE GÊNERO E HABILIDADES ESPORTIVAS 1 11,11%

C - IDENTIDADE DE GÊNERO COLADA A IDENTIDADE SEXUAL 3 33,33%

D - APOIO FAMILIAR PARA GUIAR AO OBJETIVO 2 22,22%

E - ESPORTE NÃO É DROGA: PRATIQUE 1 11,11%

TOTAL DE RESPOSTAS DA PERGUNTA 9

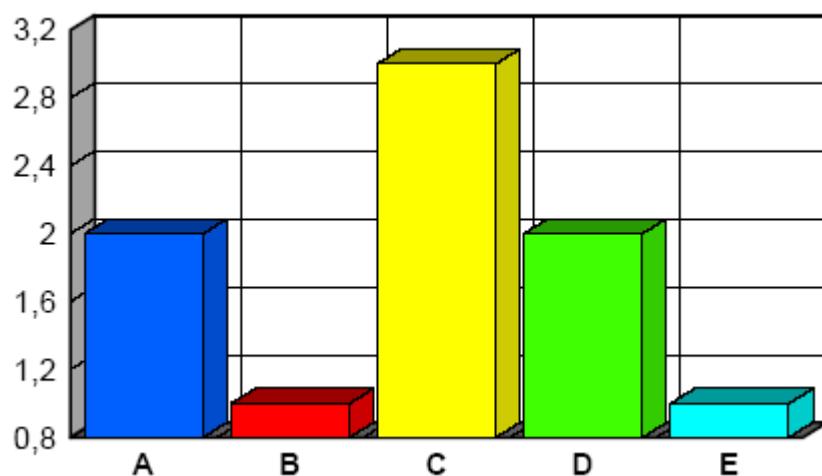


FIGURA 9 – Resultados quantitativos das Ancoragens da Pergunta 3 (16 a 21 anos)

F) Discurso do sujeito coletivo das categorias formadas pelas Ancoragens

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DAS ANCORAGENS (16 A 21 ANOS)

3 - Como os outros a enxergam sendo mulher e futebolista?

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA A – PRECONCEITO CONTRA A MULHER QUE JOGA FUTEBOL

Não deixam de me enxergar como mulher mas tem o preconceito no futebol de quem joga tem preferência pelo mesmo sexo... rola bastante preconceito, bem forte. Falam que isso não é coisa pra mulher, que mulher não joga, que isso não é um serviço de mulher, que jamais uma mulher vai jogar igual a um homem.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA B – DIFERENÇAS DE GÊNERO E HABILIDADES ESPORTIVAS

Mulher jogando futebol? Daí eu falo nada a ver, é a mesma coisa que homem, só que diferente um pouco, homem tem mais ritmo de jogo, habilidade, agora mulher não, mulher já é mais centrada, calma e é assim.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA C – IDENTIDADE DE GÊNERO COLADA A IDENTIDADE SEXUAL

Tem o preconceito no futebol de quem joga tem preferência pelo mesmo sexo... que toda mulher que joga futebol é meio macha, meio não sei o quê. Tem preconceito, muito preconceito. Tem muita gente falando que futebol é para homem, e com isso tem outras pessoas que também confundem muito as coisas, por mulher jogar bola com outras do mesmo sexo, acham que gostam de alguém do mesmo sexo, acho que misturaram muito as coisas.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA D – APOIO FAMILIAR PARA GUIAR AO OBJETIVO

A minha mãe me apóia muito. Acho isso importante porque você não se perde, pois você está querendo traçar um objetivo, seguir um caminho e tem uma pessoa ali te guiando, não deixando você se dispersar e fazer alguma coisa ruim e eu estou seguindo. Acho que esse é o apoio fundamental, se a família apóia acho que é o começo de tudo, você vai para frente cada vez mais.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA E – ESPORTE NÃO É DROGA: PRATIQUE

É bom para a gente fazer alguma coisa para não ficar pensando em outras coisas, e eu jogo futebol para isso, para ter um objetivo, para não ficar fazendo outras bobeiras, porque hoje em dia você praticando algum esporte, você esquece. Tem tanta gente que usa droga, que faz coisa errada, eu acho que se estivesse praticando um esporte esqueceria um pouco isso.

QUADRO 21 – DSC das Ancoragens da pergunta 3 (16 a 21 anos)

5.2.3.2 Pergunta 3 – Resultados (22 a 27 anos)

A) Resumo e categorias das Idéias Centrais

RESUMO DAS IDÉIAS CENTRAIS (22 A 27 ANOS)

3 - Como os outros a enxergam sendo mulher e futebolista?

	Expressões Chave	Idéia Central	
Ana	Ah! É muito preconceito, às vezes influi na família também, muitos dos meus tios não apoiavam, eles falavam: "A sua filha poderia fazer balé, jogar vôlei, mas justo futebol?" Inclusive a minha mãe falava: "Mas foi o que ela escolheu! É o destino!" O que os outros escolhem a gente não tem que se intrometer e as pessoas têm muito preconceito. Ficam falando muita coisa.	Ah! É muito preconceito, às vezes influi na família também, muitos dos meus tios não apoiavam, as pessoas têm muito preconceito. Ficam falando muita coisa.	A
Bia	Hoje está bem melhor, mas tem um certo preconceito, tipo "futebol é coisa de homem, mulher não tem resistência para agüentar".	Tem um certo preconceito, tipo "futebol é coisa de homem, mulher não tem resistência para agüentar"	A
Deise	Nossa! Isso não é tão natural, não é totalmente natural. Você fala para uma pessoa principalmente, de certa idade, que você joga futebol, ela vai te olhar e perguntar de novo, não vai compreender de imediato, é porque não é ainda tão natural.	Nossa! Isso não é tão natural, não é totalmente natural.	A
Elza	Hoje qualquer um vê que ainda tem aquele preconceito todo... mulher jogando futebol! Sempre vai ter...	Hoje qualquer um vê que ainda tem aquele preconceito todo... mulher jogando futebol!	A
Flávia	Num primeiro momento sempre houve muito preconceito, mas hoje as pessoas torcem, gostam, entendem e me apóiam. Mas sempre no primeiro momento rola um preconceito.	Sempre no primeiro momento rola um preconceito.	A

Iara	Ainda tem muito preconceito, aos poucos vai melhorando, mas ainda existe muito preconceito, principalmente dos homens. As mulheres geralmente incentivam, os homens nem tanto.	Ainda existe muito preconceito, principalmente dos homens. As mulheres geralmente incentivam, os homens nem tanto.	A
Miriam	Aí é o tal do preconceito, futebol é para homem, mulher tem que guiar um fogão, arrumar a casa, aquele coisa meio machista que os homens fazem.	Aí é o tal do preconceito, futebol é para homem, mulher tem que guiar um fogão, arrumar a casa, aquele coisa meio machista que os homens fazem.	A
Gabi	Lá onde eu moro, o pessoal adora. Quando eu jogava com os homens lá do meu bairro todo mundo ia assistir, dava apoio, minha família maravilhosa dá apoio total. Minha mãe, meu pai adora que eu jogue futebol, primeiro que o esporte faz bem para a saúde. Eu tenho apoio dos meus patrões também, porque eu trabalho hoje e eles me deixaram vir até aqui, eles gostam e acham legal.	Lá onde eu moro, o pessoal adora. Minha família maravilhosa dá apoio total. Eu tenho apoio dos meus patrões também, eles gostam e acham legal.	B
Helen	Já os demais, eu não ligo, podem falar o que quiserem, em casa me apóiam, o resto eu não preciso.	Em casa me apóiam, o resto eu não preciso.	B
Kelly	A minha mãe sempre apoiou, ela é daquela que fala "você faz o que você acha e o que você realmente gosta, se você gosta de coração não tem porque não fazer". Ela sempre me apoiou, meus familiares também, todo mundo dá total apoio.	A minha mãe sempre apoiou, meus familiares também, todo mundo dá total apoio.	B
Miriam	Desde pequena eu jogo e meu pai sempre me incentivou, até hoje incentiva, se puder estar nas cidades comigo ele vai. Minha mãe também, minha família toda incentiva.	Meu pai sempre me incentivou, até hoje incentiva. Minha mãe também, minha família toda incentiva.	B
Julia	A mulher demorou muito para conquistar seu espaço no futebol, o respeito das pessoas, era muito criticada, que o lugar da mulher era na	A mulher já tem um espaço dentro do futebol e ainda pode	C

	cozinha, lavando roupa. E hoje a mulher está provando o contrário, pois a mulher já tem um espaço dentro do futebol e ainda pode fazer e conquistar muitas coisas.	fazer e conquistar muitas coisas.	
Ana	O preconceito das pessoas é assim, porque no futebol muitas são lésbicas, então as pessoas pensam assim, só porque você está no meio, você também é, e não é bem por aí. Têm muitas que não são. O futebol só não vai pra frente por causa desse preconceito. Você sabe, é o que cada uma escolheu para si, ninguém tem que criticar, ninguém tem que prejudicar. Deus que é Deus não julga, quem somos nós para julgarmos o próximo? Deus nos deu dois caminhos. O caminho certo e o caminho ruim, agora se você quiser seguir o caminho ruim, é o caminho que você escolheu pra você. Agora deu uma maneirada, porque tem time que não quer jogadora de cabelo curto, se você tiver cabelo curto, eles não te aceitam.	O preconceito das pessoas é assim, porque no futebol muitas são lésbicas, então as pessoas pensam assim, só porque você está no meio, você também é, e não é bem por aí.	D
Carla	As pessoas ...eu entro em campo e faço meu trabalho que eu gosto, tipo fora ... eu sou uma pessoa normal que nem todas...	Eu sou uma pessoa normal que nem todas...	E
Laura	Para mim não existe isso, é tudo igual.	Para mim não existe isso, é tudo igual.	E

CATEGORIAS DAS IDÉIAS CENTRAIS DA PERGUNTA 3 (16 A 21 ANOS)

A - PRECONCEITO CONTRA A MULHER FUTEBOLISTA

B - TEM O APOIO NECESSÁRIO

C - FUTEBOL: CONQUISTA DA MULHER

D - HOMOSSEXUALISMO NO FUTEBOL FEMININO

E - NÃO VÊ CONFLITO

QUADRO 22 – Resumo e categorias das Idéias Centrais da pergunta 3 (22 a 27 anos)

B) Resultados quantitativos (percentuais por categoria e gráfico ilustrativo) das Idéias Centrais

RESULTADOS QUANTITATIVOS DAS IDÉIAS CENTRAIS (22 A 27 ANOS)

3 - Como os outros a enxergam sendo mulher e futebolista?

A - PRECONCEITO CONTRA A MULHER FUTEBOLISTA	7	46,67 %
B - TEM O APOIO NECESSÁRIO	4	26,67 %
C - FUTEBOL: CONQUISTA DA MULHER	1	6,67 %
D - HOMOSSEXUALISMO NO FUTEBOL FEMININO	1	6,67 %
E - NÃO VÊ CONFLITO	2	13,33 %

TOTAL DE RESPOSTAS DA PERGUNTA **15**

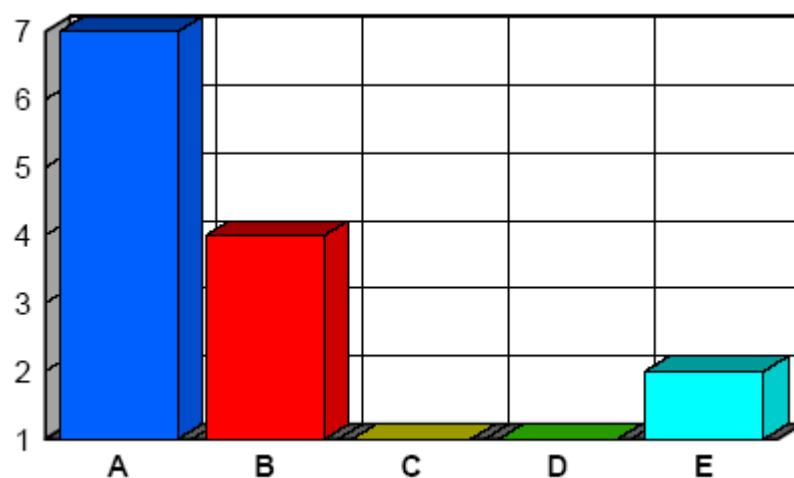


FIGURA 10 – Resultados quantitativos das Idéias Centrais da Pergunta 3 (22 a 27 anos)

C) Discurso do sujeito coletivo das categorias formadas pelas Idéias Centrais

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DAS IDÉIAS CENTRAIS (22 A 27 ANOS)

3 - Como os outros a enxergam sendo mulher e futebolista?

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA A - PRECONCEITO CONTRA A MULHER FUTEBOLISTA

Aí é o tal do preconceito, é muito preconceito, futebol é para homem, mulher tem que guiar um fogão, arrumar a casa, aquele coisa meio machista que os homens fazem, ainda existe muito preconceito, principalmente dos homens. As mulheres geralmente incentivavam, os homens não tanto, às vezes influí na família também, muitos dos meus tios não apoiavam, eles falavam: "A sua filha poderia fazer balé, jogar vôlei, mas justo futebol?" Inclusive a minha mãe falava: "Mas foi o que ela escolheu! É o destino!" o que os outros escolhem a gente não tem que se intrometer e as pessoas tem muito preconceito. Ficam falando muita coisa, tipo "mulher jogando futebol! futebol é coisa de homem, mulher não tem resistência para agüentar".

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA B – TEM O APOIO NECESSÁRIO

Lá onde eu moro, o pessoal adora. Quando eu jogava com os homens lá do meu bairro todo mundo ia assistir, dava apoio, minha família maravilhosa dá apoio total. Minha mãe sempre apoiou, ela é daquela que fala "você faz o que você acha e o que você realmente gosta, se você gosta de coração não tem porque não fazer". Ela sempre me apoiou, meus familiares também, todo mundo dá total apoio. Meu pai adora que eu jogue futebol, primeiro que o esporte faz bem para a saúde, meu pai sempre me incentivou, até hoje incentiva, se puder estar nas cidades comigo ele vai. Eu tenho apoio dos meus patrões também, porque eu trabalho hoje e eles me deixaram vir até aqui, eles gostam e acham legal.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA C - FUTEBOL: CONQUISTA DA MULHER

A mulher demorou muito para conquistar seu espaço no futebol, o respeito das pessoas, era muito criticada, que o lugar da mulher era na cozinha, lavando roupa. E hoje a mulher está provando o contrário, pois a mulher já tem um espaço dentro do futebol e ainda pode fazer e conquistar muitas coisas.

**DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA D -
HOMOSSEXUALISMO NO FUTEBOL FEMININO**

O preconceito das pessoas é assim, porque no futebol muitas são lésbicas, então as pessoas pensam assim, só porque você está no meio, você também é, e não é bem por aí. Têm muitas que não são. O futebol só não vai pra frente por causa desse preconceito. Você sabe, é o que cada uma escolheu para si, ninguém tem que criticar, ninguém tem que prejudicar. Deus que é Deus não julga, quem somos nós para julgarmos o próximo? Deus nos deu dois caminhos. O caminho certo e o caminho ruim, agora se você quiser seguir o caminho ruim, é o caminho que você escolheu pra você. Agora deu uma maneirada, porque tem time que não quer jogadora de cabelo curto, se você tiver cabelo curto, eles não te aceitam.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA E - NÃO VÊ CONFLITO

As pessoas ...eu entro em campo e faço meu trabalho que eu gosto, tipo fora ... eu sou uma pessoa normal que nem todas... é tudo igual.

QUADRO 23 – DSC das Idéias Centrais da pergunta 3 (22 a 27 anos)

D) Resumo e categorias das Ancoragens

RESUMO DAS ANCORAGENS (22 A 27 ANOS)**3 - Como os outros a enxergam sendo mulher e futebolista?**

	Expressões Chave	Ancoragem	
Bia	Hoje está bem melhor, mas tem um certo preconceito, tipo "futebol é coisa de homem, mulher não tem resistência para agüentar"	Tem um certo preconceito, tipo "futebol é coisa de homem, mulher não tem resistência para agüentar"	A
Elza	Hoje qualquer um vê que ainda tem aquele preconceito todo... mulher jogando futebol! Sempre vai ter.	Tem aquele preconceito todo... mulher jogando futebol! Sempre vai ter.	A
Flávia	Num primeiro momento sempre houve muito preconceito, mas sempre no primeiro momento rola um preconceito, achar que mulher não vai jogar, mas no final a gente mostra o que é e faz.	No primeiro momento rola um preconceito, achar que mulher não vai jogar	A
Iara	Ainda tem muito preconceito, aos poucos vai melhorando, mas ainda existe muito preconceito, principalmente dos homens.	Ainda tem muito preconceito, aos poucos vai melhorando, mas ainda existe muito preconceito, principalmente dos homens.	A
Ana	O futebol só não vai pra frente por causa desse preconceito, porque as pessoas vêm uma coisa sendo que não é. Vêm e já ficam falando, então não é por ai. Atrapalha muito, porque tem muita mulher jogando, tem umas que cortam o cabelo do jeito delas, é o estilo, a vida que ela escolheu de ter o cabelo curto, e andar que nem homem. É o que está matando, as aparências enganam, o mundo esta perdido.	O futebol só não vai pra frente por causa desse preconceito, porque as pessoas vêm uma coisa sendo que não é.	A

CATEGORIAS DAS ANCORAÇÕES DA PERGUNTA 3 (22 A 27 ANOS)

A – PRECONCEITO CONTRA A MULHER QUE JOGA FUTEBOL

QUADRO 24 – Resumo e categorias das Ancorações da pergunta 3 (22 a 27 anos)

E) Resultados quantitativos (percentuais por categoria e gráfico ilustrativo) das Ancoragens

RESULTADOS QUANTITATIVOS DAS ANCORAÇÕES (22 A 27 ANOS)

3 - Como os outros a enxergam sendo mulher e futebolista?

A –PRECONCEITO CONTRA A MULHER QUE JOGA FUTEBOL	5	100,00%
---	---	---------

TOTAL DE RESPOSTAS DA PERGUNTA	5
--------------------------------	---

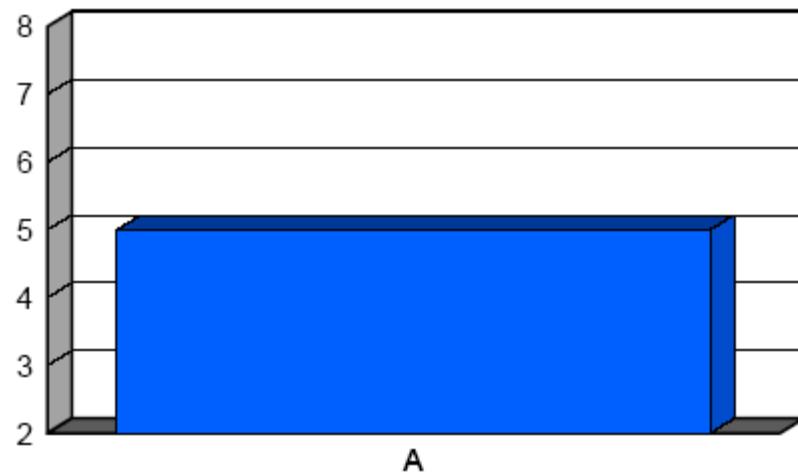


FIGURA 11 – Resultados quantitativos das Ancoragens da Pergunta 3 (22 a 27 anos)

F) Discurso do sujeito coletivo das categorias formadas pelas Ancoragens

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DAS ANCORAGENS (22 A 27 ANOS)

3 - Como os outros a enxergam sendo mulher e futebolista?

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA A – PRECONCEITO CONTRA A MULHER QUE JOGA FUTEBOL

Ainda tem muito preconceito, ainda existe muito preconceito, principalmente dos homens, tipo "futebol é coisa de homem, mulher não tem resistência para agüentar". Futebol só não vai pra frente por causa desse preconceito, porque as pessoas vêem uma coisa sendo que não é. Vêem e já ficam falando, então não é por ai. Atrapalha muito, porque tem muita mulher jogando, tem umas que cortam o cabelo do jeito delas, é o estilo, a vida que ela escolheu de ter o cabelo curto, e andar que nem homem.

QUADRO 25 – DSC das Ancoragens da pergunta 3 (22 a 27 anos)

5.2.3.3 Pergunta 3 – Discussão

Mas há fronteiras nos jardins da razão? (Chico Science)

Nesta pergunta - que questiona as atletas o modo como “os outros”, (que elas são livres para interpretar, para algumas é a sociedade, ou a família, talvez os amigos) as vêem enquanto mulheres jogadoras de futebol - muitas atletas trazem na ponta da língua o termo *preconceito*. Dentre as mais novas, um pouco mais de um quarto (26,92%) afirma existir preconceito contrário à participação da mulher no futebol; se somarmos a estas as três atletas que mencionam o preconceito estar “em fase de transição”, teremos 10 respostas citando o preconceito. Entre as atletas maiores, o termo preconceito também é citado em mais da metade das respostas, num total de sete. E este é um discurso marcadamente ideológico, que ancora as falas das atletas, que mencionam que “ainda tem muito preconceito (...) principalmente dos homens (...) o futebol só não vai para frente por causa deste preconceito”.

Estas falas acabam por demonstrar o quanto as atletas se mostram conscientes dos tabus que envolvem a sua atividade, e da estigmatização daí decorrente – “tem muita gente falando que futebol é para homem. Tem umas que criticam, ah! Mulher jogando futebol? Com a mulher rola bastante preconceito, bem forte, não deixam de me enxergar como mulher mas tem o preconceito no futebol, confunde muito as coisas, por mulher jogar bola com outras do mesmo sexo, acham que gosta de alguém do mesmo sexo (...).”

Goffman (1963), em seu clássico trabalho sobre o *estigma*, escreve que a sociedade categoriza as pessoas e os atributos que seriam naturais a cada um dos membros destas categorias – e que os círculos sociais criam expectativas sobre quais pessoas se encaixariam em cada uma destas categorias, sendo, portanto portadoras destas qualidades.

Desta forma, o preconceito que as atletas enxergam sobre si é a forma delas manifestarem a estigmatização de mulheres que não se encaixam nos tradicionais atributos de sua categoria, dentre eles o gosto pelo futebol, que é pretensamente reservado aos homens (“Mulher jogando futebol?” falam as atletas, reproduzindo frase que devem ter ouvidos inúmeras vezes na vida); em nosso país, as peladas,

como são conhecidos os jogos recreativos, são retratadas por Bellos (2003, p. 152) como um evento de homens: “Para os homens e garotos (os filhos podem ir, mas não as mulheres e filhas) essas peladas funcionam para cimentar os laços sociais”. As mulheres, percebendo que invadem um mundo masculino e que o estigma de “mulheres duvidosas” recai fortemente sobre as atletas, especialmente as de futebol, tentam claramente defender a sua paixão e amor pela sua atividade, ao mesmo tempo em que defendem a sua identidade feminina, afirmando que fora do campo, são mulheres “normais, como todas as outras”.

Em pesquisa anterior (KNIJNIK e SIMÕES, 2000), eu já percebia isso junto às atletas de handebol da elite do esporte no Brasil – aquelas que disputam as maiores competições nacionais, tais como Copa do Brasil, Liga Nacional, entre outras. A maior parte destas moças manifestava claramente um conflito entre a sua imagem corporal de atletas – fortes, altas, com membros potentes, pernas e braços grossos – com a imagem idealizada de mulheres que a sociedade esperava delas – frágeis, pequenas, com membros, mãos e pés pequenos, de baixa estatura – e que elas haviam também introjetado. Ou seja, ser mulher “normal, como todas as outras” ainda é conflitante e contraditório, no imaginário social e das próprias atletas, com a postura de uma mulher esportista.

Estes dados são confirmados por pesquisas internacionais, que revelaram, por exemplo, que mulheres *bodybuilders*, as quais aparentemente transgridem as normas de feminilidade demonstrando musculatura e força, são de fato, em suas competições, julgadas de acordo com a sua beleza e outros componentes heterossexuais, como serem atraentes (OBEL, 1996). Já entrevistas realizadas por Young (1997) com atletas canadenses de halterofilismo, rúgbi e artes marciais, mostraram que ao mesmo tempo em que estas moças descobriam jeitos de se manterem no esporte, estavam ativamente preocupadas em reconstruírem um comportamento feminino adequado.

Desta forma, ao terem escutado a vida inteira que “futebol não é para mulher”, as atletas se vêem sempre confrontadas com um discurso o qual revela que existe, aprioristicamente, um pensamento para excluí-las da atividade, uma forma estigmatizante e geradora de preconceitos contra elas e o seu gosto pelo futebol. Ou seja, o que estes discursos revelam é a aguda percepção das atletas que os “outros”,

possuem um grande estereótipo em relação à mulher futebolista, e que a atividade em si está marcada para ser território dos homens – e a mulher que joga não seria uma “mulher de verdade”³⁹.

Para Goffman (1963, p. 13),

o termo estigma (...) é usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos. Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto ele não é, em si mesmo, nem honroso nem desonroso.

No entanto, a palavra dita e reafirmada pelas atletas é *preconceito*: é sobre isto que elas falam e é disto que elas se queixam, a carga de preconceito existente sobre elas, em virtude de sua prática esportiva.

Para Arendt (1981) os preconceitos são operações do pensamento sem as quais nenhum ser humano vive, pois é impossível fazer juízos de valor o tempo todo sobre todos os fatos do mundo⁴⁰. Ou seja, para a autora, o preconceito (ou o “pré-conceito”) não chega ao nível do juízo, está aquém da reflexão e da crítica. Arendt (1981) comenta que há preconceitos válidos, por não se imbuírem de significados de valor, ou de verdade, mas serem pensamentos “pré-críticos”, necessários ao uso no cotidiano. O preconceito que, na visão da autora, seria “inválido”, é aquele que se emprega como juízo de valor, e que é instrumentado como forma de opressão política, de dividir e antagonizar pessoas, colocando-as em campos opostos, em grupos de dominadores e dominados. Em suma, para a autora o pré-conceito aparentemente necessário ao viver cotidiano, quando instrumentalizado politicamente, se transforma em ideologia repleta de juízos de valor preconceituosos, calcados em estereótipos que apontam para os bons de um lado, em oposição aos maus de outro.

³⁹ Os argelinos possuem a expressão “garçon manqué” (“menino em que falta algo”, numa tradução livre) para se dirigir às meninas que jogam futebol.

⁴⁰ Conforme Macedo (2001), preconceitos, na teoria piagetiana, seriam as *noções* das coisas, idéias gerais, fantasias, para atribuirmos significados: noções são superficiais e precárias, mas podem, quando aprofundadas, levar à formação do *conceito* das coisas.

O estereótipo, por sua vez, é aquela ação do pensamento que, nos dizeres de Crockik (1997, p. 19),

(...) são produzidos e fomentados por uma cultura, que pede por definições precisas através de suas diversas agências: família, escola, meios de comunicação de massa,etc, nas quais a dúvida, como inimiga da ação, deve ser eliminada do pensamento, e a certeza, perante a eficácia da ação, deve tomar o lugar da verdade que aquela ação aponta – o controle, quer o da natureza, quer o dos homens, para melhor poder administrá-los.

Para Adorno (1973, p. 175) o grande ‘truque’ de quem fomenta o estereótipo enquanto forma de ideologia fomentadora de preconceitos é criar clichês, subdividindo o mundo em “(...) ovelhas brancas e ovelhas negras, os bons, a cujo grupo se pertence, e os maus (...).” Reforçando este ponto, Crockik (1997) critica o pensamento já previamente categorizado, que impede que o indivíduo tenha a experiência da reflexão, que certamente suscita ansiedade e angústia, mas que em contrapartida oferece a possibilidade de crescimento autônomo. Para o autor,

o pensamento através de clichês – que fragmenta o mundo em bom e mau, perfeito e imperfeito, útil e inútil – provém da própria realidade que se organiza de forma binária, classificatória, esquemática (CROCHIK, 1997, p. 20)

Desta forma, o preconceito ao qual se referem incisivamente as futebolistas, e que certamente as dificulta e as impede de evoluir (elas comentam que “tem muito preconceito (...) *atrapalha muito*, porque tem muita mulher jogando, tem umas que cortam o cabelo do jeito delas, é o estilo, a vida que ela escolheu de ter o cabelo curto, é andar que nem homem”), é destinado às atletas em geral, mas em especial àquelas masculinizadas, que representam pessoas que desafiam a compreensão da realidade, não se encaixando em definições apriorísticas, sendo assim estereotipadas, pois não se consegue absorvê-las em um campo mental que necessita de oposições

bipolares que não deixem espaço para ambigüidades, que precisa de certezas (no lugar de verdades) e de controle (no lugar de dúvidas). Na fala das próprias atletas, “porque as pessoas vêem uma coisa sendo que não é”.

Para Crochik (1997, p. 18), o preconceito individual “(...) diz respeito a um mecanismo desenvolvido pelo indivíduo para poder se defender de ameaças imaginárias (...)” – neste caso, a “ameaça” seria dada por aquela atleta que não se comporta como uma mulher “autêntica”, conforme padrões pré – estabelecidos os quais são desafiados pelas atletas - primeiramente por jogarem futebol, “que não é serviço de mulher”, e em segundo lugar, mas não menos importante, pelo fato de não exacerbarem a sua feminilidade, ao contrário, muitas vezes escondê-la atrás de cabelos curtos, calções e camisetas largos.

Escreve-se aqui propositadamente a palavra “esconder”, pois uma das representações que novamente aparece nesta questão diz respeito à idéia, muito propalada e já discutida no âmbito da questão 2 destas entrevistas, da simbiose que se quer realizar no pensamento social, entre o *gênero* – “(...) a criação inteiramente social de idéias sobre os símbolos, normas, atitudes e identidades relacionados aos homens e às mulheres” (KNIJNIK e SOUZA, 2004, p. 197) –o *sexo* e a *sexualidade*.

Este ponto está aqui expresso em uma das categorias que sobressai no discurso das atletas mais novas, ancorando ideologicamente, e que se traduz na categoria “C” das ancoragens destas, denominada “Identidade de gênero colada na identidade sexual”, na qual as atletas expressam as idéias de que “tem preconceito no futebol de quem joga tem preferência pelo mesmo sexo... que toda mulher é meio macha, meio não sei o quê”.

Este é um tema recorrente no futebol “feminino”, e não apenas no Brasil. Scraton et al (1999), no já citado estudo efetivado entre mulheres futebolistas de quatro países europeus (Noruega, Espanha, Alemanha e Inglaterra), levantam em suas entrevistas diversos depoimentos de atletas que se referiam a si mesmas como “tomboys”, isto é “meninas levadas e masculinizadas” (WEBSTER’S, 1996). Para as autoras, estas falas mostravam o quanto as jogadoras se distanciavam de uma autodefinição próxima do feminino convencional. As atletas, indicando e dizendo que agiam como garotos, ou homens, acabavam por reforçar os estereótipos – e, por

consequente, os preconceitos – que agem contra elas mesmas, na medida em que dão abrigo

(...) às concepções naturalizantes das dualidades entre esporte masculino/ esporte feminino, e mesmo entre masculinidade/feminilidade, reduzindo, pois construtos sociais e culturais em fatos meramente biológicos. (SCRATON et al, 1999, p. 105).

Para estas atletas, o fato de serem semelhantes, pelo menos em nível performático, a garotos, ou mesmo a homens, não causava nenhum conflito nelas como mulheres; ao contrário, segundo Scraton et al (1999), elas enxergavam estes aspectos como algo positivo em sua identidade, pois elas se identificavam com as características ditas masculinas, especialmente aquelas que se mostram mais necessárias e recorrentes nos campos esportivos, como a agressividade, competitividade, agitação física, impetuosidade, entre outras.

Estas mulheres falavam abertamente de suas lutas, na infância, em relação aos ‘ideais’ esperados de feminilidade impostos sobre elas. Algumas comentaram como gostariam de ser como os meninos, ou mesmo meninos de fato. Outras usavam roupas de meninos, e se sentiam orgulhosas de serem identificadas como tal. (SCRATON et al, 1999, p. 105).

Desta forma, se existe o preconceito aberto contra as mulheres que se identificam com formações sociais que na nossa cultura são nitidamente definidas como masculinas – o caso do futebol - não se pode deixar de lado a existência, na conformação da identidade pessoal, de

(...) uma plethora de desejos, impulsos e fantasias que derivam da história específica do desenvolvimento e das múltiplas

identificações de cada indivíduo. (PERSON, 1998, p. 178). Contra o que parece ser uma “expressão de gênero categórica e dicotomizada, existe em cada pessoa um complicado interjogo de múltiplas camadas de fantasias e identificações, algumas ‘femininas’, algumas ‘masculinas’”. (DAHL⁴¹, 1993, apud, PERSON, 1998, p. 178).

Assim, há diversos níveis para aquilo que Person (1998) denomina de identificação “cross – gender”, ou intergênero, isto é, uma excessiva identificação com o gênero oposto e seu modo de ser. A autora distingue as identificações masculinas que geram autodúvidas na própria condição feminina, daquelas outras que, em mulheres, não afetam diretamente a feminilidade – nos dados aqui expostos, isto fica claro quando as atletas, ao se darem conta deste conflito entre suas aparências e o seu esporte predileto, manifestam este combate, comentando os choques entre as concepções de gênero dominantes e a mulher que joga: “Mulher jogando futebol? *Não deixam de me enxergar como mulher*, mas tem o preconceito no futebol (...”).

Estas últimas podem assumir identificações satisfatórias e sem conflitos com as figuras masculinas importantes no processo de socialização, tais como pais e irmãos – e aqui há de se lembrar, como surge na questão 1 a respeito do histórico das atletas no futebol, da importância de meninos, irmãos e pais na infância das futebolistas, seja reprimindo o desejo pelo jogo, ou ao contrário, as incentivando, jogando com elas, ensinando, fazendo daquela menina “o filho que não teve”. A autora comenta que

Estas identificações são facilmente observáveis em muitas mulheres que alcançam grandes realizações e que ficam irritadas, justificadamente, com os preconceitos culturais a respeito de suas realizações e por serem rotuladas como excessivamente masculinas. (PERSON, 1998, p. 168-9).

⁴¹ DAHL, E. K. Play and the construction of Gender in the Oedipal Child. In: SOLNIT, A. J.; COHEN, D. J.; NEUBAUER, P. B. (eds.). *The Many Meanings of Play: A Psychoanalytic perspective*. New haven, Yale University Press, p. 117-134.

Realmente, algo que não surge nas entrevistas, mas que posso afirmar por lembrar da coleta de dados e do rosto e do “jeitão” de muitas das atletas que contribuíram com este estudo, prestando o seu depoimento, é que as falas mais contundentes contra o preconceito existente sobre as mulheres futebolistas, e mesmo aquelas que tocaram levemente na questão do homossexualismo no meio futebolístico feminino, provieram de mulheres que não seriam facilmente rotuláveis como masculinas, caso não estivessem vestindo calções e chuteiras, e não se encontrassem num campo de futebol. Aquelas cuja aparência já era mais estereotipada em termos de serem marcadas como masculinas – cabelos curinhos, rostos mais agressivos, andar inflexível, bermudas grandes e chinelo, voz mais grossa – raramente protestavam com a mesma veemência contra o preconceito sobre elas, tampouco mencionavam o estereótipo vinculado à homossexualidade.

Para Person (1998), estas identificações mais extremas com o gênero oposto podem engendrar graves distúrbios intergêneros, entre os quais a autora relaciona o de lésbicas muito masculinizadas, ou mesmo entre transexuais femininos. O fato, contudo, é que Person (1998, p. 190), por meio de seus relatos e estudos clínicos, pretende mostrar que “(...) as identificações *masculinas significativas* ocorrem em mulheres heterossexuais e não apenas em mulheres homossexuais” (grifo nosso).

Na verdade, isto remete a um ponto fundamental para a compreensão do ambiente do futebol “feminino”: há mulheres que se identificam com a modalidade, que é tida como masculina, e não são homossexuais, como declaram as atletas (“as pessoas pensam assim, só porque você está neste meio, você também é, e não é bem por aí. Têm muitas que não são”); no entanto, se há transgressão no fato de se ocuparem espaços historicamente masculinos, como é o futebol, também há sujeição aos valores da masculinidade/feminilidade dominantes.

Por um lado, existe uma espécie de submissão das próprias atletas, que incorporam ou então se submetem a estes valores. Os dados coletados por Scraton et al (1999) junto às futebolistas européias confirmam que muitas vezes elas se identificam com os modelos masculinos, e mesmo, ao se definirem como meninos (“I was like a tomboy”), se opõem à feminilidade, e dão valor àquilo que é considerado poderoso, isto é, ser masculino. Conforme as autoras,

Ainda assim, este ato de se definirem com meninos valoriza a masculinidade, garotos e homens, - isso não transforma as relações de gênero existentes. A linguagem que estas mulheres usam para comunicar suas experiências não deixa dúvidas sobre as suas percepções de masculinidade, e sua visão que homens e garotos são dominantes e possuem maior valor. (SCRATON et al, 1999, p. 105).

No entanto, há também por parte de poderosos dirigentes do futebol, no mundo todo, uma política homofóbica orquestrada. Menesson e Clément (2003), ao estudarem o homossexualismo no futebol feminino na França, relataram um caso em que alguns dirigentes, durante uma certa temporada, promoveram um tipo de “limpeza” (“cleaned up”, termo empregado pelos próprios dirigentes) em seu clube, forçando os técnicos a não mais recrutarem atletas que fossem “suspeitas” de homossexualismo, e mesmo forçando a demissão – por meio de comentários jocosos repetidos, e mesmo em virtude de decisões esportivas injustas, como deixar as melhores na reserva, ou tirá-las do jogo mesmo que estivessem atuando bem – daquelas que declaradamente assumissem a sua condição homossexual. Os autores declaram que

Os dirigentes tentaram muitas estratégias para promover a heterossexualidade: organizaram ‘girl days’, com a obrigação de se vestir blusinhas e saias pequenas assim que as atletas saíssem dos vestiários, ou mesmo através de incentivos para se passar mais tempo com rapazes (o presidente do clube propôs pagar as despesas de viagem do primeiro namorado a acompanhar uma jogadora para um jogo em outra cidade) (MENESSON ET CLÉMENT, 2003, p. 317).

No futebol “feminino” do Brasil, poderosos dirigentes da Federação Paulista de Futebol, ao organizarem competições de mulheres, também tentaram impor a sua

concepção sobre modelos heterossexuais femininos, criando regulamentos que reforçavam e adaptavam-se aos estereótipos dominantes. Estudei isto em um campeonato organizado pela Federação Paulista de Futebol em 2001 (KNIJNIK e VASCONCELLOS, 2003), no qual só se permitia o ingresso de atletas com cabelos compridos, rostos bonitos e jovens – a fim de realizar aquilo que os dirigentes à época proclamavam que seria um campeonato bom e bonito, que uniria o “futebol à feminilidade”.

As atletas que jogaram este Campeonato Paulista de 2004 vêm confirmando esta percepção, ao afirmarem que há equipes exigindo uma certa imagem de suas atletas, independentemente de sua qualidade técnica: “tem time que não quer jogadora de cabelo curto, se você tiver cabelo curto, eles não te aceitam”. Em conversas não gravadas, e mesmo em registros informais durante a observação de campo, estas apreensões se solidificaram, pois algumas atletas confirmaram que a imagem das atletas precisaria mudar, ser mais feminina e palatável, os “bermudões” criavam uma impressão ruim para o futebol.

Não se deve esquecer, todavia, que há um discurso que procura ditar normas ou mesmo comentar as opções sexuais e o homossexualismo presente nas equipes femininas de futebol. Prática reconhecida por todos os que militam no esporte de mulheres, mas que permanece obscura e velada, aparentemente é ela que impulsiona a estigmatização e o preconceito da atividade, uma vez que todas as atletas acabam sendo colocadas “no mesmo barco”; isto é, jogar futebol é coisa de homem, as atletas têm cabelos curtos, andam de forma dura, logo não são mulheres, são “sapatões”, uma mulher que queria ser homem, “maria-joão” entre outros epítetos desqualificadores.

E neste processo de desqualificação das atletas, o corpo e os estereótipos das mulheres que jogam futebol não é esquecido, nem pelo olhar dos “outros”, tampouco pelas próprias atletas, que declararam que “ter o cabelo curto e andar que nem homem, atrapalha o futebol feminino”. Isto mostra que os tradicionais símbolos da homossexualidade feminina estão impregnados no corpo das atletas.

Segundo Weeks (1999), este corpo não pode ser simplesmente esquecido. Há diferenças corporais, e estas proporcionam distintas experiências de dor e prazer. Porém, o uso e o controle deste corpo, as normas de sua utilização, o estabelecimento

do “correto” (e do “errado”) das práticas corporais – e do comportamento sexual como uma das mais essenciais destas – tudo isto está diretamente relacionado à própria história do corpo, não do corpo individual, mas sim de como este foi e é visto historicamente, por aqueles que detêm o poder de ditar regras de boa conduta para conviver com o corpo. Desta “classe” de poderosos, emergem os médicos (e correlatos), padres, governantes e todos aqueles a quem se delega o poder de lançarem os paradigmas de comportamento humano saudável – o que passa indubitavelmente pelo comportamento corporal.

Desta forma, as atletas homossexuais também são parte integrante deste complexo jogo social que valoriza certos comportamentos sexuais, em detrimento de outras, que são atiradas para o fundo do poço da desvalorização e desaprovação do modo de vida – e consequente desvalorização das atitudes e práticas esportivas de quem, supostamente, adota um outro estilo de vida sexual e afetiva que não o “correto” e paradigmático.

Sendo assim, investigar o futebol “feminino” é discutir, mesmo que ainda não em caráter profundo, o homossexualismo aí presente - e que uma das categorias provenientes dos discursos das atletas revela. O preconceito social contra as futebolistas espreita na verdade esta área, e se utiliza a colagem, a sobreposição entre gênero e sexualidade para se reforçar, porquanto, de acordo com as atletas, o estigma do lesbianismo no futebol é muito grande, atravanca o desenvolvimento do futebol, (“o futebol só não vai para a frente por causa deste preconceito, porque as pessoas vêem uma coisa sendo que não é. Vêem e já ficam falando, e não é por aí”); Por outro lado, e isto é patente e fica claro no próprio comentário das atletas (“o preconceito das pessoas é assim, porque no futebol muitas são lésbicas (...)”), no futebol existem lésbicas, e estas não são poucas. E não somente no Brasil isto é percebido.

Menesson e Clément (2003) ao estudarem aquilo que na França é considerado o “arquétipo” do esporte feminino tido como masculinizado – o futebol – registraram que mesmo neste contexto ainda se mantém uma série de aparências e discursos, que não demonstram, para aqueles não-iniciados, a existência de uma estrutura na qual a homossexualidade joga um papel central. Para os autores, a atmosfera homofóbica construída ao redor do futebol “feminino” favorece o surgimento de comportamentos

e práticas homossexuais, que acabam por se tornar os princípios balizadores daquelas comunidades.

Já Scraton et al (1999), perceberam que as atletas européias de uma forma geral, ao se desenvolverem e adentrarem na idade adulta, possuem muito mais dificuldades e problemas para estabelecerem uma identidade de gênero em conformidade com padrões da maioria. Assim sendo, como elas não conseguem se conformar ou se adaptar a padrões ideais de gênero que foram construídos para uma classe média branca, e a sua atratividade heterossexual estereotipada, e levando-se em conta que

(...) as ambigüidades e tensões para as futebolistas em relação a sua atividade física , o lesbianismo e a homofobia continuam persistindo tanto dentro como fora do ambiente esportivo, o futebol parece ser o espaço que pode providenciar uma relativa segurança, um espaço dividido por lésbicas mas que também pode produzir uma hiperfeminilidade como uma estratégia de resistência e de negociação com a homofobia (SCRATON et al, p. 105/6).

Person (1998) também enxerga a possibilidade da hiperfeminilização ser um artifício das mulheres que se identificam com algo considerado cultural e socialmente extremamente masculino, no sentido de negociarem a sua própria feminilidade, continuando desta forma sendo aceitas tanto no grupo de origem, como na própria sociedade. A atleta comenta que “alguns amigos falam que eu não tenho jeito de jogar bola. Porque eu sou muito feminina, sempre uso sainha”. No entanto, é interessante notar que para entrar no mundo do futebol, e disputar com afinco, é preciso se opor às feminilidades de “mocinhas” é preciso “ser macho” para dividir a bola e jogar futebol.

Percebe-se, pois, a partir do discurso do preconceito, da homossexualidade e também da hiperfeminilidade, que a construção de identidades de gênero, no interior do futebol “feminino”, passa pela questão do homossexualismo, sem, contudo se deter ali, criando por si um estigma que de fato é dúvida, pois há mulheres heterossexuais com aparência masculina neste meio, assim como há as

hiperfemininas na aparência, mas que também são envolvidas em práticas homossexuais.

Por fim, nesta pergunta ainda há um ponto digno de registro: 4 atletas das mais velhas, e nada menos que onze das mais novas, num total de 15 (quase a metade da amostra), fizeram questão de aqui ressaltar que a família sempre foi seu alicerce, que sempre contaram com esta para seguir rumo aos seus objetivos esportivos dentro do futebol. Isto mostra que há mulheres praticando futebol, este esporte “de homens”, e conseguindo encontrar aí um equilíbrio, um espaço menos conflitivo onde podem se desenvolver atlética e pessoalmente; no DSC desta categoria, que coloca que possui o apoio necessário, é dito que “O que é muito importante é o apoio dentro de casa (...) o pessoal gosta, não só a minha mãe, meus tios, meus irmãos, é uma certa idolatria por eles não chegarem onde estou”.

Isto certamente é fundamental para qualquer esportista. Andersonn e Andersonn (2000), dois psicólogos norte-americanos que trabalham com crianças e adolescentes que praticam esportes competitivos, escreveram um livro muito interessante, cujo título traduzido é “Você ainda irá me amar se eu perder?”. Neste texto - cuja tese central é defender o quanto o esporte infanto-juvenil, quando vivenciado em um ambiente saudável e não ultracompetitivo, mas educativo e familiar, pode ser uma ferramenta essencial para o desenvolvimento da autoconfiança e auto-estima dos envolvidos - os autores relatam inúmeras oficinas com atletas de diversas modalidades que eles empreenderam.

A tônica destas vivências muitas vezes girava sobre o grau de atuação que os filhos e filhas gostariam que seus pais tivessem em relação a sua participação nos esportes. Os autores comentam casos de atletas que, em virtude da pressão paterna por resultados e vitórias, chegavam a ter crises de ansiedade minutos antes de competições, muitos deles vomitando nos momentos anteriores a estas. Mas também descrevem casos daqueles atletas que jamais foram apoiados, ou sequer visitados por seus pais em competições. Os autores concluem o quanto seria necessário que os pais pudessem apoiar e participar da vida esportiva de seus filhos, sabendo que ganhar ou perder é parte do esporte, é algo absolutamente natural neste contexto, é impossível ganhar todas. Mas que o essencial, do ponto de vista da criança e do jovem que

competem, é ter o apoio da família, e compartilhar com aqueles que são a sua base emocional, estes momentos muitas vezes tensos, mas cruciais em sua vida.

E as atletas aqui entrevistadas colocam isto de forma clara. Em uma das categorias de seus discursos (categoria B, com 26,67% das respostas), as mais velhas manifestam a sua satisfação e contentamento com o envolvimento de seus familiares em sua vida esportiva, dizendo que “Minha mãe sempre me apoiou, ela é daquela que fala ‘você faz o que acha e o que você realmente gosta, de coração, não tem porque não fazer’. Ela sempre me apoiou, meus familiares também, todo mundo dá total apoio. Meu pai adora que eu jogue futebol, primeiro que o esporte faz bem para a saúde, meu pai sempre me incentivou, até hoje incentiva, se puder estar nas cidades comigo, ele vai”.

As mais novas confirmam esta importância da família, em 42,31% de suas respostas, ao dizerem que “o que é muito importante, é o apoio dentro de casa. O pessoal sempre me apoiou muito na minha família, porque meu pai sempre teve o sonho de ser jogador (...). Eles torcem bastante por mim, sempre estão ligando para saber os resultados dos jogos, como que eu estou, estão sempre me acompanhando. A minha mãe me apóia muito, ela corre comigo para lá e para cá, tem jogo, tem treino ela está lá. E sempre me incentivando, sempre apoiou, nunca discriminou nada”.

Andersonn e Andersonn (2000) ainda colocam que a presença e o apoio dos pais, sem grandes cobranças, é sempre sentida de maneira muito especial pelos filhos:

Certa feita, um técnico de natação nos comentou que seus atletas, aos 10 anos, quando terminavam a prova, olhavam para o cronômetro e depois para os pais na arquibancada; e que aos 20 anos, já nadadores experientes, encerravam uma prova, olhavam o cronômetro e... para os pais na arquibancada! (ANDERSONN e ANDERSONN, 2000, p. 25).

Lucato, Knijnik, Rodrigues, Peixoto e Simões (2001), ao estudarem as opiniões de pais, no interior do Estado de São Paulo, sobre a participação de seus filhos em esportes escolares, descobriram que os pais acreditam que o esporte pode ajudar na socialização de seus filhos, deixando-os mais cooperativos; por outro lado, esses dados também indicaram que muitos pais vêem que o lado negativo do esporte é o excesso de cobranças por vitórias por parte dos professores de educação física e técnicos, e que ficam muito desgostosos em relação à frustração que seus filhos sentem após as derrotas.

Simões, Bohme e Lucato (1999), ao pesquisarem pais e mães de crianças esportistas, registraram que os pais, depois de determinada idade, costumam apoiar mais seus filhos homens do que suas filhas, no que tange a prática de esportes e atividades físicas.

Entretanto, Dowling (2000) relata que, atualmente, para inúmeras garotas, seus pais são seus primeiros técnicos, as encorajam a correrem riscos físicos, e a aprenderem a confiar em si mesmas. A autora conta diversas histórias nas quais o pai não teve receio de encorajar suas filhas, tampouco de treiná-la tanto ou mais intensamente que muitos garotos da sua idade.

Numa destas histórias, Dowling (2000) descreve que o pai de uma menina de 10 anos chamada *Illa Borders* – o qual também era jogador de um pequeno clube –, perguntou se ela iria se comportar quando eles fossem ao estádio assistir as finais de uma liga muito importante de beisebol. Ela não somente atendeu prontamente, mas também adorou o jogo, e seu pai, ao perceber o seu interesse por beisebol, começou a treiná-la todo o final de semana, das 7h00 às 22h00.

Na vida desta atleta, isso teve um peso formidável, naquilo que Dowling (2000) chamou de “fator papai”, ou seja, um pai muito participante e que pensava na evolução e no desenvolvimento que posteriormente, a filha dele teria caso não deixasse de lado o esporte e a atividade física – este pai percebia que, para ela se desenvolver no beisebol, devia dar a ela o mesmo tipo de treinamento que daria para um filho homem, ou seja, fortalecê-la nos ombros e braços. O “fator papai” neste caso influenciou decisivamente a carreira da filha, que aos catorze anos já era uma jogadora semiprofissional, jogando e vencendo muitos homens. Para Dowling (2000),

Pais profissionais no esporte não ficam cegos ao trabalho atlético que é necessário para suas garotas. Eles sabem que habilidades podem ser desenvolvidas, e que elas terão um grande retorno, qual seja: destreza, orgulho e alegria. Para Ila, o retorno veio de forma muito maior, e por meio de coisas que ninguém jamais havia imaginado. Aos doze anos, ela já se defrontava com batedores de dezoito anos em jogos, e superava a todos. (DOWLING, 2000, p. 99).

Certamente, como relatam as futebolistas, aquelas que buscam um caminho novo por meio do esporte, sobretudo daquelas modalidades estereotipadas como masculinas, e têm a felicidade de se encontrarem num ambiente em que familiares, amigos, colegas e mesmo patrões as apóiam e ajudam nesta difícil carreira esportiva, vivem esta decisão de modo mais saudável e com menos conflitos.

5.2.4 Pergunta 4 - *Por que nas camisetas, agasalhos, material que as jogadoras usam vem sempre escrito futebol "feminino" e não apenas futebol, uma vez que é o mesmo jogo, 11 x 11, as mesmas regras e o mesmo campo?*

5.2.4.1 Pergunta 4 – Resultados (16-21 anos)

A) Resumo e categorias das Idéias Centrais

RESUMO DAS IDÉIAS CENTRAIS (16 A 21 ANOS)

4 - Por que nas camisetas, agasalhos, material que as jogadoras usam vem sempre escrito futebol "feminino" e não apenas futebol, uma vez que é o mesmo jogo, 11 x 11, as mesmas regras e o mesmo campo?

Expressões Chave		Idéia Central	
Mônica	Acho que é para diferenciar.	Acho que é para diferenciar.	A
Nair	Para diferenciar um pouco, para mostrar que é futebol feminino que não é só futebol masculino.	Para diferenciar um pouco, para mostrar que é futebol feminino.	A
Rute	Para identificar, porque eles não estão acostumados a ver futebol feminino, tem que estar sempre colocando senão não vão achar que é futebol feminino.	Para identificar, porque eles não estão acostumados a ver futebol feminino.	A
Sara	Para ter uma certa distinção, para distinguir melhor. Eles colocam feminino que é para dar o toque afeminado.	Para distinguir melhor. Eles colocam feminino que é para dar o toque afeminado.	A
Alice	Ah! Porque eu acho que é futebol feminino, acho que para identificar, o futebol mesmo.	Acho que para identificar, o futebol mesmo.	A

Bruna	Porque é menina, o grupo feminino, como o pessoal vê o futebol, eles falam que futebol é masculino, então por isso vem "futebol feminino" para avisar, então a gente escreve mesmo para falar.	Porque é menina, por isso vem "futebol feminino" para avisar.	A
Célia	Porque se você me ver com um agasalho só de futebol, e for perguntar, não é agasalho meu, é do meu irmão, é do clube. Então tem que mostrar o que a menina pratica, eu acho que ainda tem que ser dito.	Tem que mostrar o que a menina pratica.	A
Dulce	Teve um ano que o nosso time não tinha escrito futebol feminino, tinha só o agasalho. Então, chegaram uns caras perguntando se éramos o time de GRD. Foi um lance meio engraçado por não ter futebol feminino então, acho que é por causa disso, é sempre bom ter um destaque a mais, identificar.	É sempre bom ter um destaque a mais, identificar.	A
Eva	Porque já tem os homens! "Futebol", se você está na rua e só estiver escrito futebol, não vão falar assim: aquela menina joga. Tem que por futebol feminino, aí irão falar que aquela menina joga realmente!	Tem que por futebol feminino, aí irão falar aquela menina joga realmente!	A
Fátima	Acho que por enquanto deve colocar futebol feminino para identificar, mas depois deste campeonato, quando o futebol se difundir mais, acho que não precisa colocar nome.	Deve colocar futebol feminino para identificar.	A
Geni	Por mim tem que ser futebol feminino porque tem que ser único, entendeu?	Por mim tem que ser futebol feminino porque tem que ser único.	A
Hilda	Ah! Eu acho que isso é mesmo para identificar, porque o futebol é só coisa de homem, então é para gente identificar mesmo como o futebol feminino; é uma marca pra gente dizer "estamos aí" .	É uma marca pra gente dizer "estamos aí" .	A
Ivone	Para destacar, que são das mulheres, porque fala de futebol já pensa em homens.	Para destacar, que são das mulheres.	A
Lúcia	Para destacar mais, por serem as meninas que estão jogando. Porque no futebol masculino já fala futebol, o povo já leva mais para o masculino, não coloca o	Para destacar mais, por serem as meninas que estão jogando.	A

	feminino, porque o feminino nunca é valorizado.		
Juçara	Até porque o futebol deixa a gente com um corpo um pouco masculinizado, e também porque tem algumas meninas que acham que vão virar homens.	O futebol deixa a gente com um corpo um pouco masculinizado.	B
Mônica	Porque com a discriminação e tudo...	Porque com a discriminação e tudo...	C
Paula	Eu penso que é pela discriminação. Muitas pessoas pensam....que nem eu te falei, que futebol não é para mulher, futebol é para homem.	Eu penso que é pela discriminação.	C
Tais	Também pelo preconceito que ainda existe, que é o homem que joga futebol.	Preconceito contra a mulher no futebol.	C
Vanda	Porque ainda há um pouco de preconceito. Porque futebol masculino era só para ser futebol masculino, não tinha que ter futebol feminino, acho que a sociedade não está aceitando de uma forma legal. Há campeonatos mas para eles é mais divulgado, há essa diferença, há um preconceito ainda.	Porque ainda há um pouco de preconceito.	C
Dulce	Não sei, porque também tem muito preconceito, talvez seja por causa disso.	Porque tem muito preconceito.	C
Fátima	Tem que colocar porque o pessoal vê muito o futebol só como masculino, porque menina não pode jogar futebol.	Menina não pode jogar futebol.	C
Juçara	É um preconceito, porque as pessoas acham que futebol é coisa de homem.	É um preconceito, porque as pessoas acham que futebol é coisa de homem.	C
Keila	É por causa do preconceito mesmo. Acho que pelo fato do futebol ser criado para o homem, é por isso que está escrito futebol feminino.	É por causa do preconceito mesmo.	C
Tais	Porque a mulher é diferente do homem, querendo ou não a parte física, emocional também, a mulher é mais delicada.	Porque a mulher é diferente do homem, a mulher é mais delicada.	D

		delicada.	
Vanda	Acho que é assim, tem futebol masculino e eles jogam o que eles sabem, futebol feminino é um pouco diferenciado. Vai assistir um jogo de futebol feminino para você ver, porque há diferença, futebol feminino joga de tal forma e é totalmente diferente do futebol masculino. É o mesmo esporte sim, mas, há um tempo a menos, há 40 minutos para a gente e 45 minutos para eles.	Futebol feminino joga de tal forma e é totalmente diferente do futebol masculino.	D
Geni	Homens jogam futebol do jeito deles, são 45 minutos para eles, eles ganham o que ganham, tem o que tem, a estrutura do clube masculino. O feminino está começando agora a deslanchar e principalmente, para acabar com essa diferença.	Homens jogam futebol do jeito deles, são 45 minutos para eles, eles ganham o que ganham, tem o que tem. O feminino está começando agora a deslanchar.	D
Zélia	Eu acho que futebol feminino não é uma onda na cidade, lá tem outras modalidades tudo assim, escrito assim e futebol feminino para a gente é normal.	Lá na cidade tem outras modalidades tudo assim, escrito assim.	E

CATEGORIAS DAS IDÉIAS CENTRAIS DA PERGUNTA 4 (16 A 21 ANOS)

A - CRIAÇÃO DA IDENTIDADE DA MODALIDADE NA VERSÃO FEMININA

B - CONFLITO DE GÊNERO

C - PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO

D - HOMEM JOGA DE UM JEITO, MULHER DE OUTRO

E - SEMPRE FOI ASSIM EM TODOS OS ESPORTES

B) Resultados quantitativos (percentuais por categoria e gráfico ilustrativo) das Idéias Centrais

RESULTADOS QUANTITATIVOS DAS IDÉIAS CENTRAIS (16 A 21 ANOS)

4 - Por que nas camisetas, agasalhos, material que as jogadoras usam vem sempre escrito futebol "feminino" e não apenas futebol, uma vez que é o mesmo jogo, 11 x 11, as mesmas regras e o mesmo campo?

A - CRIAÇÃO DA IDENTIDADE DA MODALIDADE NA VERSÃO FEMININA	14	51,85 %
B - CONFLITO DE GÊNERO	1	3,70 %
C - PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO	8	29,63 %
D - HOMEM JOGA DE UM JEITO, MULHER DE OUTRO	3	11,11 %
E - SEMPRE FOI ASSIM EM TODOS OS ESPORTES	1	3,70 %
TOTAL DE RESPOSTAS DA PERGUNTA	27	

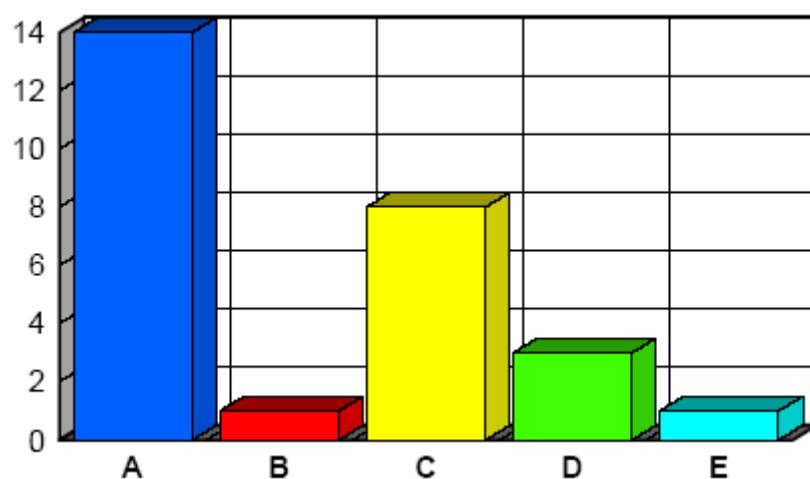


FIGURA 12 – Resultados quantitativos das Idéias Centrais da Pergunta 4 (16 a 21 anos)

C) Discurso do sujeito coletivo das categorias formadas pelas Idéias Centrais

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DAS IDÉIAS CENTRAIS (16 A 21 ANOS)

4 - Por que nas camisetas, agasalhos, material que as jogadoras usam vem sempre escrito futebol "feminino" e não apenas futebol, uma vez que é o mesmo jogo, 11 x 11, as mesmas regras e o mesmo campo?

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA A - CRIAÇÃO DA IDENTIDADE DA MODALIDADE NA VERSÃO FEMININA

Ah! Eu acho que isso é mesmo, para identificar, porque o futebol é só coisa de homem, já tem os homens! Se você me ver com um agasalho só de futebol, e for perguntar, não é agasalho meu, é do meu irmão, é do clube. Então tem que mostrar o que a menina pratica, "futebol", se você está na rua e só estiver escrito futebol, não vão falar assim: aquela menina joga. Tem que por futebol feminino, aí irão falar aquela menina joga realmente. Por isso vem "futebol feminino" para avisar, para identificar o grupo feminino, é uma marca pra gente dizer "estamos aí", para diferenciar um pouco, para mostrar que é futebol feminino, que não é só futebol masculino.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA B – CONFLITO DE GÊNERO

Até porque o futebol deixa a gente com um corpo um pouco masculinizado, e também porque tem alguma meninas que acham que vão virar homens.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA C – PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO

Tem que colocar porque o pessoal vê muito o futebol só como masculino, porque menina não pode jogar futebol, tem muito preconceito, é por causa do preconceito mesmo, é pela discriminação. Acho que pelo fato do futebol ser criado para o homem, é por isso que está escrito futebol feminino. Porque futebol masculino era só para ser futebol masculino, não tinha que ter futebol feminino, acho que a sociedade não está aceitando de uma forma legal. Há campeonatos, mas para eles é mais divulgado, há essa diferença, há um preconceito ainda, que é o homem que joga futebol.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA D – HOMEM JOGA DE UM JEITO, MULHER DE OUTRO

Porque a mulher é diferente do homem, querendo ou não a parte física, emocional também, a mulher é mais delicada, futebol feminino é um pouco diferenciado. Homens jogam futebol do jeito deles, tem futebol masculino e eles jogam o que eles sabem, Vai assistir um jogo de futebol feminino para você ver, porque há diferença, futebol feminino joga de tal forma e é totalmente diferente do futebol masculino.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA E – SEMPRE FOI ASSIM EM TODOS OS ESPORTES

Eu acho que futebol feminino não é uma onda na cidade, lá tem outras modalidades tudo assim, escrito assim e futebol feminino para a gente é normal.

QUADRO 27 – DSC das Idéias Centrais da pergunta 4 (16 a 21 anos)

D) Resumo e categorias das Ancoragens

RESUMO DAS ANCORAGENS (16 A 21 ANOS)

4 - Por que nas camisetas, agasalhos, material que as jogadoras usam vem sempre escrito futebol "feminino" e não apenas futebol, uma vez que é o mesmo jogo, 11 x 11, as mesmas regras e o mesmo campo?

	Expressões Chave	Ancoragem	
Célia	Se você me ver com um agasalho só de futebol, e for perguntar, não é agasalho meu, é do meu irmão, é do clube. Então tem que mostrar o que a menina pratica. Espero que mais para frente não precise ser dito, ver alguém com agasalho e é isso que pratica, futebol, não é masculino, não é o do irmão, do clube nada disso.	Se você me ver com um agasalho só de futebol, e for perguntar, não é agasalho meu, é do meu irmão, é do clube.	A
Dulce	Teve um ano que o time nosso não tinha escrito futebol feminino. Então, chegaram uns caras perguntando se éramos o time de GRD. Acho que é por causa disso, é sempre bom ter um destaque a mais, identificar.	É sempre bom ter um destaque a mais, identificar.	A
Eva	Porque já tem os homens! "Futebol" você se está na rua e só estiver escrito futebol, não vai falar assim: aquela menina joga. Tem que por futebol feminino, aí irão falar aquela menina joga realmente! Futebol está em toda camiseta, é voltado mais para homem.	Tem que por futebol feminino, aí irão falar aquela menina joga realmente! Futebol está em toda camiseta, é voltado mais para homem.	A
Hilda	É mesmo para identificar, porque o futebol é só coisa de homem, então é para gente identificar mesmo como o futebol feminino; é uma marca pra gente dizer "estamos aí" e até, porque quando o pessoal ver já conseguirá identificar que não é apenas de um time qualquer, mas do nosso time.	É uma marca pra gente dizer "estamos aí" e quando o pessoal ver já conseguirá identificar que não é apenas de um time qualquer, mas do nosso time.	A
Ivone	Porque agora na verdade já está destacando o futebol feminino, para destacar melhor e dizer que são das mulheres.	Para destacar melhor e dizer que são das mulheres.	A
Lúcia	Por isso, mesmo que já colocam detalhado futebol feminino, porque no masculino você	Por isso, mesmo que já colocam detalhado	A

	não precisa nem colocar. Você fala futebol eles já vão olhar na televisão, que é para ver o masculino. O futebol já envolve o homem e não a menina.	futebol feminino, porque no masculino você não precisa nem colocar.	
Tais	Porque a mulher é diferente do homem, se você não falar com jeito com ela, ela já leva para o outro lado, uma chora, outra já fica um pouco mais sentimental. O homem já tem aquela postura de durão, eu acho que separam por aí.	Porque a mulher é diferente do homem, se você não falar com jeito com ela, já fica um pouco mais sentimental. O homem já tem aquela postura de durão.	B
Vanda	Futebol feminino é um pouco diferenciado . Há diferença, futebol feminino joga de tal forma e é totalmente diferente do futebol masculino.	Futebol feminino joga de tal forma e é totalmente diferente do futebol masculino.	B
Lúcia	O futebol já envolve o homem e não a menina, e é o mesmo talento que o dos homens, só que eles tem mais força do que as meninas, simplesmente isso.	É o mesmo talento que o dos homens, só que eles tem mais força do que as meninas.	B
Geni	Homens jogam futebol do jeito deles, são 45 minutos para eles, eles ganham o que ganham, tem o que tem, a estrutura do clube masculino. O feminino está começando agora a deslanchar e principalmente, para acabar com essa diferença.	Homens jogam futebol do jeito deles, são 45 minutos para eles, eles ganham o que ganham, tem o que tem. O feminino está começando agora a deslanchar.	B

CATEGORIAS DAS ANCORAGENS DA PERGUNTA 4 (16 A 21 ANOS)

A - IDENTIDADE DA MULHER NO FUTEBOL

B - DIFERENÇAS ENTRE HOMEM E MULHER NO FUTEBOL

QUADRO 28 – Resumo e categorias das Ancoragens da pergunta 4 (16 a 21 anos)

E) Resultados quantitativos (percentuais por categoria e gráfico ilustrativo) das Ancoragens

RESULTADOS QUANTITATIVOS DAS ANCORAGENS (16 A 21 ANOS)

4 - Por que nas camisetas, agasalhos, material que as jogadoras usam vem sempre escrito futebol "feminino" e não apenas futebol, uma vez que é o mesmo jogo, 11 x 11, as mesmas regras e o mesmo campo?

A - IDENTIDADE DA MULHER NO FUTEBOL	6	60,00%
--	---	--------

B - DIFERENÇAS ENTRE HOMEM E MULHER NO FUTEBOL	4	40,00%
---	---	--------

TOTAL DE RESPOSTAS DA PERGUNTA	10
---------------------------------------	-----------

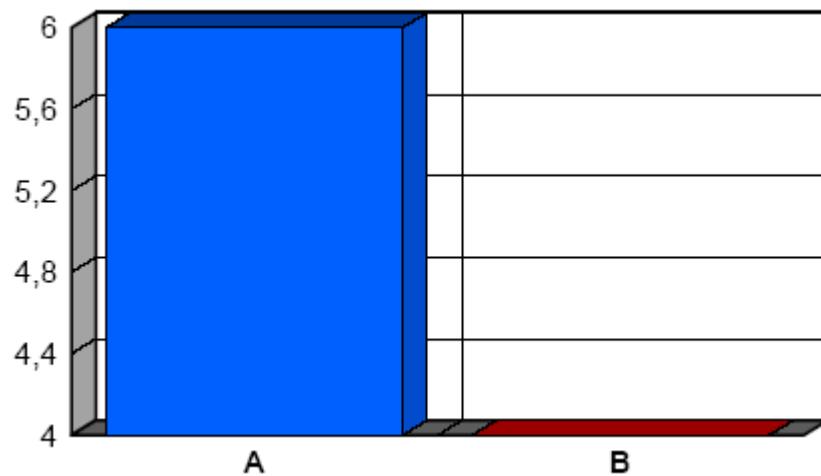


FIGURA 13 – Resultados quantitativos das Ancoragens da Pergunta 4 (16 a 21 anos)

F) Discurso do sujeito coletivo das categorias formadas pelas Ancoragens

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DAS ANCORAGENS (16 A 21 ANOS)

4 - Por que nas camisetas, agasalhos, material que as jogadoras usam vem sempre escrito futebol "feminino" e não apenas futebol, uma vez que é o mesmo jogo, 11 x 11, as mesmas regras e o mesmo campo?

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA A – IDENTIDADE DA MULHER NO FUTEBOL

É mesmo para identificar, porque o futebol é só coisa de homem, então é para gente identificar mesmo como o futebol feminino; é uma marca pra gente dizer "estamos aí" e até, porque quando o pessoal ver já conseguirá identificar que não é apenas de um time qualquer, mas do nosso time. Se você me ver com um agasalho só de futebol, e for perguntar, não é agasalho meu, é do meu irmão, é do clube. Então tem que mostrar o que a menina pratica. Espero que mais para frente não precise ser dito, ver alguém com agasalho e é isso que pratica, futebol, não é masculino, não é o do irmão, do clube, nada disso. Mas hoje você se está na rua e só estiver escrito futebol, não vão falar assim: aquela menina joga. Tem que por futebol feminino, aí irão falar aquela menina joga realmente! Futebol está em toda camiseta, é voltado mais para homem, e é sempre bom ter um destaque a mais, identificar, porque no masculino você não precisa nem colocar. Você fala futebol eles já vão olhar na televisão, que é para ver o masculino. O futebol já envolve o homem e não a menina.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA B – DIFERENÇAS ENTRE HOMEM E MULHER NO FUTEBOL

Homens jogam futebol do jeito deles, eles tem mais força do que as meninas, futebol feminino é um pouco diferenciado. Há diferença, futebol feminino joga de tal forma e é totalmente diferente do futebol masculino, e a mulher é diferente do homem, se você não falar com jeito com ela, ela já leva para o outro lado, uma chora, outra já fica um pouco mais sentimental. O homem já tem aquela postura de durão, eu acho que separam por aí.

QUADRO 29 – DSC das Ancoragens da pergunta 4 (16 a 21 anos)

5.2.4.2 Pergunta 4 – Resultados (22 – 27 anos)

A) Resumo e categorias das Idéias Centrais

RESUMO DAS IDÉIAS CENTRAIS (22 A 27 ANOS)

4 - Por que nas camisetas, agasalhos, material que as jogadoras usam vem sempre escrito futebol "feminino" e não apenas futebol, uma vez que é o mesmo jogo, 11 x 11, as mesmas regras e o mesmo campo?

	Expressões Chave	Idéia Central	
Ana	Tem que colocar o futebol feminino para aparecer mais, então como se fosse um patrocinador, tem que aparecer mais, dar um destaque. Eles não aceitaram ainda, a maioria do povo, então é uma divulgação, tipo de um patrocinador do futebol feminino, porque eles falam: "Ah! Você joga o quê? Ah! Futebol". A pessoa nem acredita que você joga futebol, te questiona, " porque você não optou por outra coisa? ". A pessoa se intromete na sua vida ainda. Então eu acho que é uma divulgação, como se fosse um patrocinador. "Ah! Futebol feminino, ah o que você joga?"Pela camiseta já é uma identificação: futebol feminino.	Tem que colocar o futebol feminino para aparecer mais, então como se fosse um patrocinador, tem que aparecer mais, dar um destaque. Pela camiseta já é uma identificação: futebol feminino.	A
Bia	O pessoal começa a não saber distinguir essas coisas, por isso tem que mostrar sobre o esporte que é.	Por isso tem que mostrar sobre o esporte que é.	A
Deise	Claramente acho que é pra diferenciar, para identificar para as pessoas que existe futebol feminino, muita gente não sabe. Então, se você usa uma camiseta de futebol, não vão achar que é tua, que é da sua equipe, vão achar que você está usando de uma equipe masculina. Acho que é pra identificar mesmo, porque é desconhecido ainda para muita gente, não é uma coisa que todo mundo identifica, tem gente que não sabe.	Claramente acho que é pra diferenciar, para identificar para as pessoas que existe futebol feminino, muita gente não sabe.	A
Elza	Porque ? Porque é mulher. Não é porque é futebol que tem que ser masculinizado. É	Porque é mulher. É futebol. É diferente,	A

	futebol, e o povo tem que enfiar na cabeça e olhar, tem que parar para ver feminino que é diferente. É diferente, é gostoso de ver e tem a mesma emoção que o masculino. O povo tem que enxergar que é feminino mas não tem nada a ver, e que é diferente é a força física deles, mas claro, nós também temos a nossa força física.	é gostoso de ver e tem a mesma emoção que o masculino. Nós também temos a nossa força física.	
Flávia	Acho que a gente tem que provar que tem futebol feminino, e você escrever futebol feminino também é mostrar que eu sou mulher e jogo futebol.	Tem que provar que tem futebol feminino, e escrever futebol feminino é mostrar que eu sou mulher e jogo futebol.	A
Gabi	Então, é bom para divulgar isso também tem gente que não presta atenção, não gosta de futebol, vê na camisa da menina futebol feminino, ela joga futebol feminino, tem gente que para e pensa que é interessante. É legal isso. Então tem que ter o futebol feminino para você e para outros também. Eu acho legal, eu gosto de andar com camisa escrita futebol feminino, eu gosto de chamar atenção assim. Nossa, olha, eles dizem, essa menina joga futebol feminino!	É bom para divulgar, é legal isso. Eu gosto de andar com camisa escrita futebol feminino, eu gosto de chamar atenção assim.	A
Helen	Por outro lado tem que colocar futebol feminino para mostrar mesmo que é o futebol feminino.	Tem que colocar futebol feminino para mostrar mesmo que é o futebol feminino.	A
Iara	O fato de ser futebol feminino e só para definir uma categoria.	Só para definir uma categoria.	A
Kelly	Eu acho que é mais um símbolo, é mais para diferenciar mesmo, mostrar que é o feminino que está jogando. E também acho que seria legal estar mudando o padrão dos uniformes, as medidas e fazer uma coisa bem mais feminina mesmo.	Eu acho que é mais um símbolo, é mais para diferenciar mesmo, mostrar que é o feminino que está jogando.	A
Laura	Para diferenciar um pouco, é mais apertadinho.	Para diferenciar um pouco.	A
Bia	Porque eu acho que tem uma coisa hoje que muitas mulheres, por não terem essa abertura	Tem muitas mulheres, por não	B

	por jogarem futebol feminino, elas aparentemente querem se mostrar como homens e aí o pessoal começa a não saber distinguir essas coisas.	terem essa abertura por jogarem futebol feminino, elas aparentemente querem se mostrar como homens.	
Iara	Acho que só se define sendo uma categoria diferente, quando as pessoas vêm de fora elas não imaginam que tipo de mulher joga futebol.	Quando as pessoas vêm de fora elas não imaginam que tipo de mulher joga futebol.	B
Miriam	Já para mostrar que são mulheres, são femininas, meio que dizendo não só futebol mas também definindo o sexo.	Já para mostrar que são mulheres, são femininas, dizendo não só futebol mas também definindo o sexo.	B
Carla	Acho que futebol é o mesmo, só que tem masculino e feminino. Eu não sei. Como eu posso responder essa pergunta... Eu não sei te responder.	Eu não sei te responder.	C
Julia	Nunca reparei e o porque eu não sei.	Nunca reparei e o porque eu não sei.	C
Helen	Porque a gente vive num país que é muito preconceituoso, e principalmente no nosso esporte, se a gente não colocar futebol feminino acho que piora ainda.	Porque a gente vive num país que é muito preconceituoso, e se a gente não colocar futebol feminino acho que piora ainda.	D
Kelly	Eu acho que é mais um símbolo. Porque já tem todo um problema de preconceito, tem toda uma coisa que envolve o futebol feminino.	Porque já tem todo um problema de preconceito, tem toda uma coisa que envolve o futebol feminino.	D

CATEGORIAS DAS IDÉIAS CENTRAIS DA PERGUNTA 4 (16 A 21 ANOS)

- A - CRIAÇÃO DA IDENTIDADE DA MODALIDADE NA VERSÃO FEMININA**
- B - CONFLITO DE GÊNERO**
- C - NÃO TEM IDÉIA**
- D - CRIAÇÃO DA IDENTIDADE PARA LUTAR CONTRA O PRECONCEITO**

QUADRO 30 – Resumo e categorias das Idéias Centrais da pergunta 4 (22 a 27 anos)

B) Resultados quantitativos (percentuais por categoria e gráfico ilustrativo) das Idéias Centrais

RESULTADOS QUANTITATIVOS DAS IDÉIAS CENTRAIS (22 A 27 ANOS)

4 - Por que nas camisetas, agasalhos, material que as jogadoras usam vem sempre escrito futebol "feminino" e não apenas futebol, uma vez que é o mesmo jogo, 11 x 11, as mesmas regras e o mesmo campo?

A - CRIAÇÃO DA IDENTIDADE DA MODALIDADE NA VERSÃO FEMININA	10	58,82 %
B - CONFLITO DE GÊNERO	3	17,65 %
C - NÃO TEM IDÉIA	2	11,76 %
D - CRIAÇÃO DA IDENTIDADE PARA LUTAR CONTRA O PRECONCEITO	2	11,76 %
TOTAL DE RESPOSTAS DA PERGUNTA		17

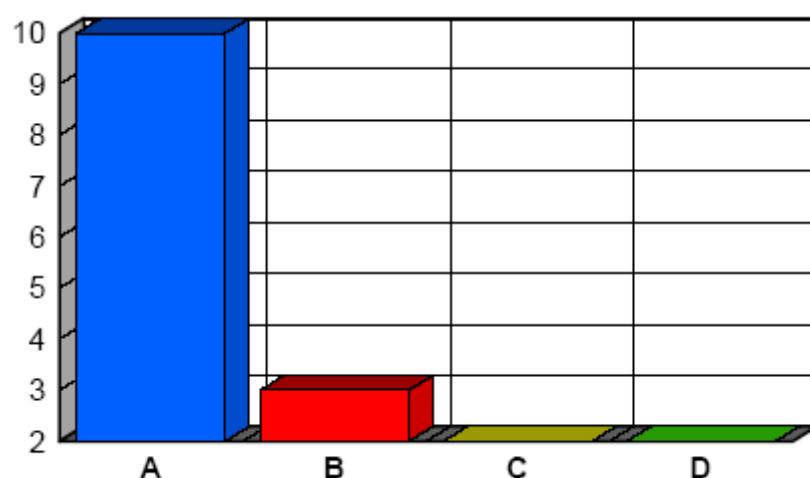


FIGURA 14 – Resultados quantitativos das Idéias Centrais da Pergunta 4 (22 a 27 anos)

C) Discurso do sujeito coletivo das categorias formadas pelas Idéias Centrais

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DAS IDÉIAS CENTRAIS (22 A 27 ANOS)

4 - Por que nas camisetas, agasalhos, material que as jogadoras usam vem sempre escrito futebol "feminino" e não apenas futebol, uma vez que é o mesmo jogo, 11 x 11, as mesmas regras e o mesmo campo?

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA A - CRIAÇÃO DA IDENTIDADE DA MODALIDADE NA VERSÃO FEMININA

Claramente acho que é pra diferenciar, para identificar para as pessoas que existe futebol feminino, muita gente não sabe. Tem que colocar o futebol feminino para aparecer mais, então é como se fosse um patrocinador, tem que aparecer mais, dar um destaque, é uma divulgação, tipo de um patrocinador do futebol feminino, pela camiseta já é uma identificação: futebol feminino. Se você usa uma camiseta de futebol, não vão achar que é tua, que é da sua equipe, vão achar que você está usando de uma equipe masculina. E a gente tem que provar que tem futebol feminino, e você escrever futebol feminino também é mostrar que eu sou mulher e jogo futebol. Não é porque é futebol que tem que ser masculinizado. É futebol, e o povo tem que enfiar na cabeça e olhar, tem que parar para ver feminino que é diferente. É diferente, é gostoso de ver e tem a mesma emoção que o masculino. O povo tem que enxergar que é feminino mas não tem nada a ver, e que é diferente a força física deles, mas claro nós também temos a nossa força física. Também tem gente que não presta atenção, não gosta de futebol, vê na camisa da menina futebol feminino, ela joga futebol feminino, tem gente que para e pensa que é interessante. É legal isso. Então tem que ter o futebol feminino para você e para outros também. Eu acho legal, eu gosto de andar com camisa escrito futebol feminino, eu gosto de chamar atenção assim. Nossa, olha, eles dizem, essa menina joga futebol feminino!

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA B – CONFLITO DE GÊNERO

Porque eu acho que hoje muitas mulheres, por não terem essa abertura por jogarem futebol feminino, elas aparentemente querem se mostrar como homens, e quando as pessoas vêm de fora elas não imaginam que tipo de mulher joga futebol, e já para mostrar que são mulheres, são femininas, meio que dizendo não só futebol mas também definindo o sexo.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA C - NÃO TEM IDÉIA

Nunca reparei, acho que futebol é o mesmo, só que tem masculino e feminino. Eu não sei. Como eu posso responder essa pergunta... Eu não sei te responder

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA D - - CRIAÇÃO DA IDENTIDADE PARA LUTAR CONTRA O PRECONCEITO

Eu acho que é mais um símbolo Porque a gente vive num país que é muito preconceituoso, tem toda uma coisa que envolve o futebol feminino, e se a gente não colocar futebol feminino acho que piora ainda.

QUADRO 31 – DSC das Idéias Centrais da pergunta 4 (22 a 27 anos)

D) Resumo e categorias das Ancoragens

RESUMO DAS ANCORAGENS (22 A 27 ANOS)

4 - Por que nas camisetas, agasalhos, material que as jogadoras usam vem sempre escrito futebol "feminino" e não apenas futebol, uma vez que é o mesmo jogo, 11 x 11, as mesmas regras e o mesmo campo?

	Expressões Chave	Ancoragem	
Deise	Se você usa uma camiseta de futebol, não vão achar que é tua, que é da sua equipe, vão achar que você está usando de uma equipe masculina.	Se você usa uma camiseta de futebol, não vão achar que é tua.	A
Gabi	Se alguém estiver vendo uma camisa de uma menina escrito futebol deve achar que alguém da família dela joga, ou ela gosta de futebol, entendeu? Se você sair só com a camisa de futebol vão achar ela gosta de futebol, o namorado dela joga futebol, o irmão dela joga futebol, não vão entender. Então tem que ter o futebol feminino para você e para outros também.	Se alguém estiver vendo uma camisa de uma menina escrito futebol deve achar que alguém da família dela joga, ou ela gosta de futebol, não vão entender.	A
Kelly	Seria legal estar mudando o padrão dos uniformes, as medidas e fazer uma coisa bem mais feminina mesmo.	Seria legal estar mudando o padrão dos uniformes, as medidas e fazer uma coisa bem mais feminina mesmo.	A
Miriam	Já para mostrar que são mulheres, são femininas.	Já para mostrar que são mulheres, são femininas.	A

CATEGORIAS DAS ANCORAGENS DA PERGUNTA 4 (22 A 27 ANOS)**A - IDENTIDADE DA MULHER NO FUTEBOL**

QUADRO 32 – Resumo e categorias das Ancoragens da pergunta 4 (22 a 27 anos)

E) Resultados quantitativos (percentuais por categoria e gráfico ilustrativo) das Ancoragens

RESULTADOS QUANTITATIVOS DAS ANCORAGENS (22 A 27 ANOS)

4 - Por que nas camisetas, agasalhos, material que as jogadoras usam vem sempre escrito futebol "feminino" e não apenas futebol, uma vez que é o mesmo jogo, 11 x 11, as mesmas regras e o mesmo campo?

A - IDENTIDADE DA MULHER NO FUTEBOL	4	100,00%
-------------------------------------	---	---------

TOTAL DE RESPOSTAS DA PERGUNTA	4
--------------------------------	---

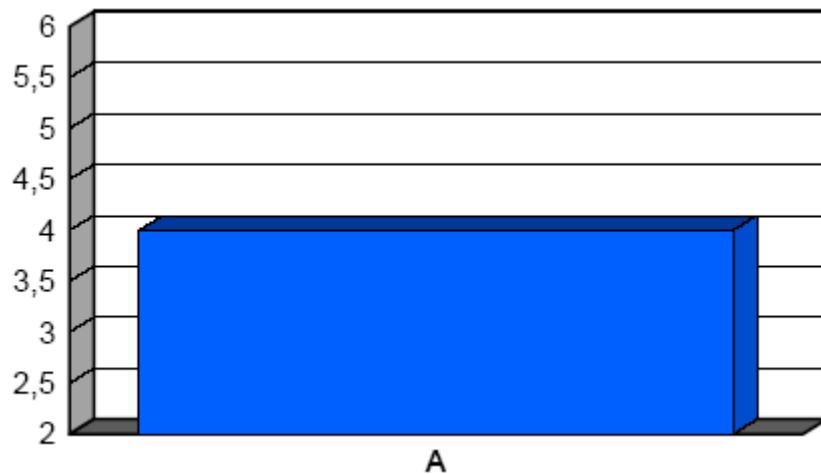


FIGURA 15 – Resultados quantitativos das Ancoragens da Pergunta 4 (22 a 27 anos)

F) Discurso do sujeito coletivo das categorias formadas pelas Ancoragens

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DAS ANCORAGENS (22 A 27 ANOS)

4 - Por que nas camisetas, agasalhos, material que as jogadoras usam vem sempre escrito futebol "feminino" e não apenas futebol, uma vez que é o mesmo jogo, 11 x 11, as mesmas regras e o mesmo campo?

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA A –IDENTIDADE DA MULHER NO FUTEBOL

Para mostrar que são mulheres, são femininas. Se você usa uma camiseta de futebol, não vão achar que é tua, que é da sua equipe, vão achar que você está usando de uma equipe masculina. Então tem que ter o futebol feminino para você e para outros também, e você sair só com a camisa de futebol vão achar ela gosta de futebol, o namorado dela joga futebol, o irmão dela joga futebol, não vão entender.

QUADRO 33 – DSC das Ancoragens da pergunta 4 (22 a 27 anos)

5.2.4.3 Pergunta 4 – Discussão

*E no final, a verdade, irmão,
É que as mulheres,A cada dia
que passa, mais e mais estão
Presas à liberação.
(Millôr Fernandes)*

Saber os motivos que levam as pessoas a colocarem a palavra “feminino” ao lado do nome de uma modalidade – tema da questão 4 – é uma antiga inquietação minha. Na década de 1980, eu vi ‘pipocarem’ diversas camisetas de esporte, todas floridas, coloridas ou com simbologias que remetiam ao feminino, às quais inevitavelmente se agregava o adjetivo, ou seja, nelas, ao lado dos desenhos e bordados, fatalmente vinha a inscrição “handebol feminino”, “basquete feminino”, e assim por diante.

A minha questão em face disso sempre foi de ordem gramatical, pois ao se adjetivar o esporte com o “feminino” ao lado do substantivo, eu argumentava que isto seria a criação de uma nova modalidade, com supostas novas regras, e não somente o mesmo jogo, porém jogado por mulheres. Vejamos: se no lugar de “feminino” ao lado de futebol, puséssemos o adjetivo “americano”, aí sim teríamos outro esporte, o *futebol americano*, um dos esportes mais populares nos Estados Unidos, o conhecido *football* (aliás, ícone da masculinidade hegemônica), muitas vezes retratado no cinema de *Hollywood* (quem não se lembra de *Al Pacino* comandando sua equipe em “Um Domingo Qualquer”?) no qual dezenas de homens se digladiam para avançarem jardas no campo adversário; porém, se adjetivarmos o futebol como “brasileiro”, pensaremos numa restrição geográfica, mas também num jeito de jogar, alegre e malemolente, num futebol que é mundialmente conhecido pela sua camisa amarela e por ser pentacampeão do mundo; já ao escrevermos “alemão” ao lado de futebol, seremos remetidos a um futebol conhecido pela sua força física e extrema aplicação tática.

Desta forma, e munido desta idéia, questionei diversos dirigentes, sugerindo a alteração de nomes de campeonatos, por exemplo, de Liga Nacional de Handebol

Feminino, propus que se passasse a se chamar Liga Nacional Feminina de Handebol – uma vez que o feminino em questão não era o handebol, e sim a Liga jogada por mulheres; raciocínio idêntico empreguei, com êxito, para convencer os dirigentes da Secretaria Estadual de Esportes a mudarem o nome do evento de futebol, passando de Campeonato Paulista de Futebol Feminino para Campeonato Paulista Feminino de Futebol.

É claro que por trás da questão gramatical, havia da minha parte um ponto ideológico: tentar fazer que o esporte feminino fosse reconhecido enquanto tal.

E é também deste modo que as atletas raciocinaram, ao afirmarem a necessidade da palavra “feminino”⁴² ao lado do termo futebol. Para uma grande parte delas (de um total de 44 respostas, 24 fazem desta a sua idéia central) deve-se colocar o adjetivo por uma questão de *identidade* da modalidade. O DSC das mais novas é bem claro: “Ah! Eu acho que isso é mesmo para identificar, porque o futebol é só coisa de homem (...). Tem que por futebol feminino (...) para identificar o grupo feminino, é uma marca para a gente dizer ‘estamos aí’, para diferenciar um pouco”.

As mais velhas reforçam este ponto da *identidade*, ao afirmarem, em seu DSC desta categoria que “Claramente acho que é para diferenciar, para identificar para as pessoas que existe futebol feminino, muita gente não sabe. (...) Se você usar uma camiseta de futebol, não vão achar que é tua, que é da sua equipe, vão achar que você está usando de uma equipe masculina. E a gente tem que provar que tem futebol feminino, e você escrever futebol feminino também é mostrar que eu sou mulher e jogo futebol”.

Ou seja, para elas o ponto central é criar uma *identidade* desta comunidade de mulheres (ou de “meninas”, como muitos se referem a atletas de qualquer esporte) que jogam futebol – a ancoragem ideológica em relação à identidade, presente nestes discursos, é patente; nos DSC das ancoragens, as mais velhas afirmam que “(...) pela camiseta já é uma identificação: futebol feminino. Se você usa uma camisa de futebol, não vão achar que é tua, que é da sua equipe, vão achar que você está usando de uma equipe masculina. E a gente tem que provar que tem futebol feminino”.

⁴² Prudhomme-Poncet (2003), em seu texto sobre a história das mulheres no futebol francês, também usa o termo *fémimin* sempre entre aspas.

Estes discursos conseguem mostrar, inicialmente, o potencial que o esporte tem de prover a construção de uma *identidade* própria e, no caso do futebol feminino, de uma forma muito peculiar, e diferenciada de outras identidades que possam até fazer as mesmas coisas, mas não são idênticas a elas (“É futebol, e o povo tem que enfiar na cabeça e olhar, tem que parar para ver feminino que é diferente. É diferente, é gostoso de ver e tem a mesma emoção que o masculino”, falam as atletas).

Segundo Castells (1999), a criação de uma identidade comunitária passa pela constituição e pelo compartilhamento de significados culturais comuns. Castells comprehende identidade como

O processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual (is) prevalece(m) sobre outras fontes de significado. (CASTELLS, 1999, p. 22).

Castells (1999) apõe que no mundo em rede da sociedade atual, a busca por uma identidade comunal torna-se essencial inclusive na estruturação da auto-identidade⁴³. As futebolistas identificam-se plenamente com sua atividade, e com certeza montam grupos das “meninas do futebol”, com características de verdadeiras comunidades das quais participam apenas aquelas que possuem o linguajar, os interesses, gostos e os códigos comuns a esta. Ou seja, convivem com esta pluralidade de modos de vida, e com os diversos papéis que podem assumir na

⁴³ Esta proposição se justifica, pois autores como Berger, Berger e Kellner (1983, p. 169), vêm refletindo que a característica das civilizações modernas é a “pluralidade dos modos de vida”, pois “(...) durante a maior parte da história da humanidade, os indivíduos viveram dentro de um modo de vida relativamente unificado”. Para os autores, as características da sociedade atual, urbana e moderna, aliadas à aceleração dos meios de comunicação de massa, favorecem que os indivíduos exerçam diversos papéis, de acordo com o contexto em que se encontram. Conforme Berger, Berger e Kellner (1983), nas sociedades antigas a ordem de significados era única e permanentemente ligada à religião, e, onde quer que a pessoa estivesse - fosse no trabalho, nas festividades, na política ou mesmo na família - esta ordem se mantinha inalterada, a menos que o indivíduo deixasse fisicamente a sua sociedade. Já atualmente, segundo os autores, “a situação típica do indivíduo que pertence a sociedade moderna é totalmente diversa. Os diversos setores da vida cotidiana colocam o homem de hoje em relação com um mundo de significados e de experiências extremamente diversos e mesmo discrepantes entre si. A vida moderna é altamente segmentada e é importante compreender que esta segmentação (ou, como preferimos definir, esta pluralização) não se manifesta somente em níveis sociais da conduta, mas dá origem a novas manifestações também em nível da consciência (BERGER, BERGER E KELLNER, 1983, p. 170).

sociedade moderna, formando uma comunidade que as ajuda a construir a sua própria identidade. Para Castells (1999), aliás, a criação de identidades é algo diferenciado que a execução de papéis, pois se estes últimos são criados e desfeitos em torno de funções específicas,

(...) as identidades organizam significados. (...) Defino significado como a identificação simbólica, por parte de um ator social, da finalidade da ação praticada por tal ator. Proponho também a idéia de que, para a maioria dos atores sociais na sociedade em rede (...) o significado organiza-se em torno de uma identidade primária (uma identidade que estrutura as demais) auto – sustentável ao longo do tempo e do espaço (CASTELLS, 1999, p. 23).

O DSC das mais novas revela o quanto estas atletas se identificam não somente com o fato de jogarem futebol, mas sim por serem mulheres que praticam esta modalidade, tão enraizada em nossa cultura como um símbolo masculino. “Então tem que mostrar que a menina pratica ‘futebol’, se você está na rua e só estiver escrito futebol não vão falar assim; aquela menina joga. Tem que por futebol feminino, aí irão falar, aquela menina joga realmente, por isso vem ‘futebol feminino’”.

Nas mais velhas isto aparece também enquanto forma de desafio, ou seja, elas dão valor ao fato de poderem se contrapor às normas de gênero estabelecidas. O DSC da categoria das identidades deixa isto bem claro:

“Também tem gente que não presta atenção, não gosta de futebol, vê na camisa da menina futebol feminino, ela joga futebol feminino, tem gente que pára e pensa que é interessante, É legal isso. Então tem que ter o futebol feminino para você e para outros também. Eu acho legal, *eu gosto de andar com camisa escrito futebol feminino, eu gosto de chamar atenção assim*. Nossa, olha, *eles dizem*, essa menina joga futebol feminino!”.

Castells (1999) enxergou que havia no processo de construção social de identidades três formas distintas destas se efetivarem, uma vez que os contextos sociais são marcados por diferentes relações de poder. O autor denominou umas de

identidades legitimadoras (em conformidade com as instituições dominantes), outras de *identidades de projeto* (que buscam redefinir toda a estrutura social), e ainda o terceiro tipo de identidades, chamada de *identidades de resistência*, as quais indubitavelmente se relacionam com o caso das “comunidades de mulheres futebolistas”, que gostam de chamar a atenção pelo fato de serem mulheres e jogarem futebol, uma conduta “proibida” socialmente.

O autor definiu as *identidades de resistência* como aquelas

Criadas por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade, ou mesmo opostos a estes últimos (...) (CASTELLS, 1999, p. 24).

Para Vianna (1999, p. 56), a criação desta identidade de resistência, oposta a dos opressores, “(...) só se torna possível quando se constrói uma identidade coletiva: um nós capaz de se definir e de se contrapor ao outro”.

A autora, entretanto, ao discutir a ocupação, por parte das mulheres, de espaços públicos historicamente destinados aos homens, questiona a afirmação superficial que isto seriam “(...) indícios de bravura e postura crítica das mulheres” (Vianna, 1999, p. 34). Na verdade, ela propõe que se discuta, em todos os espaços que tradicionalmente eram marcados por serem exclusivamente de homens ou de mulheres, a criação de novos significados masculinos e femininos, conforme os contextos e a evolução histórica.

Em estudo anterior sobre mulheres que jogam futebol (KNIJNIK e VASCONCELLOS, 2003), nos apoiamos em alguns referenciais teóricos para mostrar o quanto, no caso do futebol brasileiro, o que aparentava ser uma ocupação e uma construção feminina, muitas vezes era uma profunda identificação com aquilo que, para as mulheres, era tido como poderoso e socialmente valorizado, ou seja, os valores masculinos simbolicamente representados pelo futebol.

O referencial psicanalítico por nós empregado naquele estudo (a autora DIO BLEICHMAR, 1988), nos mostrava o quanto a aspiração feminina por aquilo que é valorizado no masculino se inscreve na mente da menina em crescimento, e que, simbolicamente, ela deseja ter acesso àquilo que é valorizado na sociedade, e esta valorização ela vê apenas no universo masculino. Já os argumentos de nosso referencial sociológico daquela mesma pesquisa (o sociólogo francês BOURDIEU, 1999), nos faziam afirmar que o masculino possui esta importância em virtude de seus símbolos estarem de tal forma construídos, se entranharem e agirem a tal ponto nas estruturas do inconsciente, que aparecem como condições “naturais” de supremacia e superioridade, e não como formações históricas e sociais, forjadas no interior de sociedades dominadas, pensadas e orquestradas pelos homens. Deste modo, concluímos que

(...) ao desejar muito o futebol, jogo enraizado como masculino na cultura brasileira, a menina estaria, na verdade, procurando dominar aquilo que é masculino, pois *isto sim* tem valor social, e não as suas qualidades femininas (KNIJNIK e VASCONCELLOS, 2003, p. 85).

Mennesson (2000), em sua tese de doutoramento dedicada a mulheres que viviam no mundo dos esportes tradicionalmente povoados por homens (como futebol, halterofilismo e boxe), concluiu que, como regra geral, a maioria das jogadoras de futebol possuía aquilo que ela chamou de “tendências reversas de gênero”, o que, em conjunto com o prolongado tempo de imersão no meio do futebol feminino, favoreceria posições críticas em relação às normas de gênero dominantes.

Entretanto, enquanto alguns trechos dos DSC da categoria das identidades no futebol reforçam estes pontos, outros trechos já revelam novos significados, indo de encontro com nossas análises anteriores, e mesmo partindo para a direção daquilo que Vianna (1999) coloca como uma necessidade de toda pesquisa que trata da questão das novas conformações, na perspectiva de homens e mulheres, dos espaços públicos: para a autora, é preciso avaliar continuamente os novos significados femininos e masculinos, que não são dados *a priori*, mas sim estão estreitamente

vinculados às conjunturas em que ocorrem, e estão em constante construção, sofrendo mutações em cada contexto sócio – histórico. É sob esta ótica renovada que podemos analisar alguns DSC que as atletas de futebol aqui produziram, ainda se remetendo às próprias identidades.

Por um lado, permanece a necessidade de se romper com o masculino, o que mostra a presença marcante desse masculino no interior do futebol feminino, mesmo quando não há nenhum homem “por perto”. As mais velhas ancoram este discurso, ao dizerem que se escreve futebol feminino “para mostrar que são mulheres, que são femininas. Se você usa uma camiseta de futebol, não vão achar que é tua, que é da sua equipe, vão achar que você está usando de uma equipe masculina. Então, tem que ter o futebol feminino para você e para outros também, e você sair só com a camisa de futebol vão achar que ela gosta de futebol, o namorado dela joga futebol, o irmão dela joga futebol, não vão entender”.

No entanto, algumas rupturas e um discurso diferenciado começam a aparecer. As menores salientam que ainda é necessária esta identificação, mas que pode deixar de ser: “Se você me ver como um agasalho só de futebol, e for perguntar, não é agasalho meu, é do meu irmão, é do clube. Então tem que mostrar o que a menina pratica. *Espero que mais pra frente não precise ser dito*, ver alguém com agasalho e é isso que pratica, futebol, não é masculino, não é do irmão, do clube, nada disso”. Ou seja, já existe a perspectiva de que o futebol possa se integrar na cultura como algo desvinculado de um gênero, e aberto para todos.

O discurso que segue, entretanto, é aquele que mais se contrapõe aos dados anteriormente coletados, seja em nossas pesquisas ou mesmo na literatura. As atletas mais velhas, em determinado momento de seu DSC sobre a identidade, afirmam que “Não é porque é futebol que tem que ser masculinizado. É futebol, e o povo tem que enfiar na cabeça e olhar, tem que parar *para ver feminino que é diferente. É diferente, é gostoso de ver* e tem a mesma emoção que o masculino. O povo tem que enxergar que é feminino mas não tem nada a ver, e que é diferente a força física deles, mas claro, *nós também temos a nossa força física*”.

Este discurso, apesar da necessidade de ainda se comparar e se contrapor ao masculino, já traz um elemento novo: a crença e a afirmação categórica que o futebol feminino é diferente, tem uma “cara” só sua, de mais ninguém, não precisa ser

comparado a nada - e que nem por isso é chato, mas sim é gostoso de se ver, de se jogar, pois possui uma força própria que não pode ser relacionada ao homem, pois é algo distinto, com *identidade própria*.

Ao longo deste trabalho, sobretudo nas observações de campo, pude observar que esta consciência de “algo novo” surgindo no futebol de mulheres vem crescendo, se formando lentamente. Voltarei a este ponto mais tarde.

Por hora, pretendo abordar as outras categorias de discursos que apareceram a partir da questão aqui em discussão, as razões de se escrever futebol “feminino”, e não somente “futebol” nas roupas das jogadoras.

Novamente, a problemática do preconceito surgiu. Oito, dentre 27 idéias centrais das respostas das mais novas, comentam sobre o preconceito e a discriminação que ainda sofrem as jogadoras de futebol, e vêem nisso a razão de se colocar o adjetivo feminino: “Tem que colocar porque o pessoal vê muito o futebol só como masculino, porque menina não pode jogar futebol tem muito preconceito, é só por causa do preconceito mesmo, é pela discriminação. Acho que pelo fato do futebol ser criado para o homem, porque futebol masculino era só para ser futebol masculino, não tinha que ter futebol feminino, acho que a sociedade não está aceitando de uma forma legal”.

Já as atletas mais velhas acham que é preciso colocar o feminino ao lado do futebol, para se criarem símbolos de resistência: “Eu acho que é mais um símbolo. Porque a gente vive num país que é muito preconceituoso, tem toda uma coisa que envolve o futebol feminino, e se a gente não colocar futebol feminino acho que piora ainda”.

Apesar de já ter discutido em questões anteriores a problemática do preconceito e da discriminação no futebol feminino, pelo fato dela se repetir diversas vezes, penso que alguns aspectos podem ser rediscutidos sob novas perspectivas. Afirmo isso também embasado no raciocínio de Gomes, Silva e Queirós (2004), para quem a área do esporte, por sua história ligada inexoravelmente ao mundo masculino, não construiu modelos para lidar com as diferenças entre as pessoas, incluindo aí a dificuldade em lidar com as diferenças de gênero. Para as autoras, esta dificuldade é por si só preconceituosa e fomenta estereótipos. Assim, ao refletirem em outro texto sobre a equidade no esporte e na educação física, Gomes, Silva e

Queirós (2000) se questionam sobre como estas duas áreas do conhecimento e de intervenção na sociedade orientam seu pensamento e, sobretudo suas práticas ao final do século XX e início do XXI.

Desta maneira, ampliar a discussão sobre o preconceito e a discriminação dos diferentes no esporte e na educação física é sempre útil e premente, haja vista a ausência desta problematização no histórico da pesquisa e da atuação das áreas, e também as insistentes falas das atletas, que sempre retornam a estes pontos.

Segundo Crochik (1997), o preconceito cultural é constituído e objetiva o controle do desconhecido, e todo o temor que ele provoca. As atletas percebem isso, pois afirmam que “não tinha que ter o futebol feminino, era só para ter futebol masculino”. Ou seja, o futebol de homens é algo que já está estabelecido, para que as mulheres vão jogar futebol? Mas as mulheres também se dão conta que se não organizarem os próprios símbolos, se não se identificarem, “(...) se não colocar futebol feminino acho que piora ainda”.

Nesta frase, elas percebem o quanto o preconceito gera submissão para elas, as coisas podem piorar se elas não produzirem seus símbolos, mesmo que mínimos, como o caso de escrever “feminino” em todos os seus materiais. E Crochik (1997) é taxativo ao afirmar que

o preconceito se remete à dominação, e quando é o caso, à proposta de eliminação do desconhecido para se manter aquilo que já é conhecido. É reação às mudanças, quer individuais, quer sociais (...)” (CROCHIK, 1997, p. 101).

Para o autor, a face viva e manifesta do preconceito é a discriminação, ou seja, a privação de direitos de alguém, em virtude de suas diferenças que são estereotipadas e colocadas sob um pré-julgamento preconceituoso. Não se quer propor aqui, contudo, a eliminação das diferenças, sob o discurso da igualdade de direitos; pretendo sim expandir o pensamento sobre a possibilidade da convivência das diferenças, num clima de respeito a elas, com pleno reconhecimento dos direitos dos diferentes.

Aliás, um dos comentários mais preciosos sobre esta questão veio do sociólogo português Boaventura de Sousa Santos, para quem “devemos lutar pela igualdade sempre que a diferença nos inferioriza, mas devemos lutar pela diferença sempre que a igualdade nos descaracteriza” (SANTOS, 2003, p. 432). A igualdade de direitos não pode nunca esconder as diferenças entre as pessoas, pois se vive num mundo plural e diverso; o importante é se perceber que, ao sentirem-se reiteradamente vítimas de preconceito, e serem discriminadas, as futebolistas estão chamando a atenção para um problema histórico de direitos humanos de ordem cultural em nosso país, que condena a sua participação em uma atividade essencial para a brasiliade, que é o futebol.

E questões de direitos culturais cada vez mais têm sido a tônica de debates em todos os cantos do mundo. Alain Touraine (2004), ao comentar a querela da proibição do uso de símbolos religiosos (véus, *quipot*, cruzes grandes, entre outros) por alunos e alunas do sistema de ensino público francês, percebeu que inicialmente houve uma surpresa muito grande, tanto na França como em todas as partes do mundo, com a grande celeuma que esta interdição causou, pois se tratava de algo absolutamente restrito, onde não estava em jogo nenhuma grande crise política ou social; mais ainda, pois, até aquele momento, apenas três alunas haviam sido expulsas de seus colégios, pois, sendo muçulmanas, insistiam em usarem véus cobrindo o rosto. No entanto, o autor aponta que estas questões, de direitos culturais, cada vez mais serão essenciais num mundo que precisa conviver com o enorme pluralismo cultural existente entre as comunidades, sem, no entanto cair num comunitarismo que separaria todos os povos entre si. Para o autor

Em quase todos os países do mundo, a questão dos direitos culturais é colocada no centro da vida social; uma questão que envolve o direito que cada um tem de ser reconhecido pela sociedade não apenas como cidadão ou trabalhador, mas também como portador de uma cultura, isto é, de uma língua ou de uma religião, tanto quanto de um sistema de parentesco ou de costumes alimentares (TOURAIN, 2004, p. 10).

Byrnes (1989) ao escrever sobre o trabalho em diversos países ao redor do mundo para que a CEDAW fosse aceita, ou mesmo para que se retirassem as inúmeras ressalvas antepostas a ela, é claro ao afirmar que a Convenção é um instrumento para que se reconheça tanto as especificidades das mulheres em cada contexto histórico, quanto para que sejam respeitados os seus direitos universais. Ele afirma que

Em suma, a Convenção reflete a visão de que as mulheres são titulares de todos os direitos e oportunidades que os homens podem exercer; adicionalmente, as habilidades e necessidades que decorrem de diferenças biológicas entre os gêneros devem também ser reconhecidas e ajustadas, mas sem eliminar da titularidade das mulheres a igualdade de direitos e oportunidades. (BYRNES, 1989, p. 208).

Deste modo, mais uma vez percebe-se aqui que o preconceito contra a futebolista vai na contramão de seus direitos culturais enquanto brasileiras e pessoas humanas, de terem uma participação ativa na vida esportiva. Uma participação que pode ser diferenciada, e certamente o é, que possui as suas próprias características e que está construindo a sua identidade, mas que merece ser respeitada, sem que se neguem as particularidades da mulher futebolista.

Por fim, ainda nesta pergunta, vale destacar alguns conflitos de gênero que também apareceram nas representações das atletas, principalmente nas falas das mais velhas. Ao responderem os porquês, no seu ponto de vista, de se escrever “futebol feminino”, elas afirmam, em seu DSC que “eu acho que hoje muitas mulheres, por não terem essa abertura por jogarem futebol feminino, elas aparentemente querem se mostrar como homens, e quando as pessoas vêm de fora, elas não imaginam que tipo de mulher joga futebol (...”).

Dunning e Maguire (1997), dois dos primeiros sociólogos a discutirem e a refletirem no esporte enquanto uns dos espaços privilegiados para a configuração de gêneros na contemporaneidade, ressaltam e enfatizam o quanto este é

(...) um lugar importante para a construção de ser e das identidades sexuais, como um lugar de vida social no interior do qual e a respeito do qual desenrolam-se atualmente numerosas lutas significativas centradas no pertencimento sexual. (DUNNING e MAGUIRE, 1997, p. 322).

Relativamente ao futebol de mulheres, Mennesson e Clément (2003) chamaram a sua atmosfera de um espaço de homosocialização feminina, devido ao intenso e profundo convívio que ocorre, em largo espaço de tempo, apenas entre mulheres. As atletas se referem ao “tipo de mulher que joga futebol”, talvez na tentativa de explicar que há várias mulheres, e que nem todas seriam “deste tipo” – aquele tipo condenável, as homossexuais. O convívio entre “mulheres que querem se mostrar como homens” - além de acentuar mais uma vez a capacidade do esporte em formar e constituir identidades, muitas vezes não são correspondentes às normas de gênero vigentes na sociedade – comprova também aquilo que afirmaram Mennesson e Clément (2003), ao escreverem que existiria, possivelmente, algo em comum entre mulheres que buscam atividades esportivas que, de acordo com as regras e símbolos sociais atuantes na sociedade, são notoriamente identificadas como masculinas. Como querem os autores

Pode-se assumir genericamente que a busca de uma jogadora por um mundo de esportes de equipe tradicionalmente masculinos não é completamente fortuita, considerando o desvio simbólico e as violações que esta busca sugere. Freqüentemente, a socialização dos times femininos, e o *status* ambíguo da futebolista no mundo dos esportes organizados interferem na construção da identidade de gênero e da identidade sexual. (MENNESSON e CLÉMENT, 2003, p. 314).

Estes possíveis conflitos de gênero, e também de identidade de práticas sexuais, sempre volta à tona nas discussões a respeito do futebol feminino – e auxilia

a criar as identidades das atletas, bem como da própria modalidade, que acaba por gerar imagens que fortalecem preconceitos, ao invés de ajudar a derrubá-los.

No histórico tradicional do futebol, os seus contextos sociais em que foi criado e onde ainda hoje é praticado, são masculinos e preconceituosos. No próprio contexto educacional, o preconceito em torno da modalidade é grande. Gomes, Silva e Queirós (2004) afirmam que

Os preconceitos e os pré-conceitos na Educação Física e no desporto são castradores na construção de feminilidades e de masculinidades, incutindo sutilmente, por meio do currículo (explícito, nulo e oculto), a idéia de uma imagem hegemônica masculina, expressa num padrão ‘legítimo’ de masculinidade. Mas se o padrão único é discriminatório para as meninas, também não é verdadeiro para os meninos, dado que não existe um modelo invariante, universal, de gênero masculino. A masculinidade hegemônica constrói-se não só em oposição à feminilidade, como também em oposição a outras possibilidades de masculinidade (GOMES, SILVA E QUEIRÓS, 2004, p. 177).

O mundo dos esportes, tradicionalmente masculinizado hegemonicamente, ainda tem muito receio de aceitar as novas expressões de feminilidades e masculinidades que cotidianamente aí se criam, como demonstram os conflitos de gênero aqui expressos nos DSC das atletas mais novas: “Até porque o futebol deixa a gente com um corpo um pouco masculinizado, e também porque tem algumas meninas que acham que vão virar homens”.

Vejamos a seguir como se manifestam as atletas, que vivem num mundo “criado para homens”, a respeito dos possíveis fatores ligados ao *stress* que esta prática competitiva, que “não era para ser delas”, provoca.

5.2.5 Pergunta 5 – *Quais as situações mais stressantes que você já viveu no futebol?*

5.2.5.1 Pergunta 5 – Resultados (16-21 anos)

A) Resumo e categorias das Idéias Centrais

RESUMO DAS IDÉIAS CENTRAIS (16 A 21 ANOS)

5 - Quais as situações mais stressantes que você já viveu no futebol?

Expressões Chave		Idéia Central	
Paula	Até na minha família eu brigava. Não, eu quero jogar, eu quero jogar.	Até na minha família eu brigava. Não, eu quero jogar, eu quero jogar.	A
Hilda	Em casa é que é mesmo a cobrança, o pessoal de casa fala assim, às vezes, falam que tem que arrumar um emprego tem que arrumar isso, futebol não dá. Isso é uma cobrança que estressa um pouco, e aí é aonde que eu te falei, que a gente sai pra procurar emprego e se realmente conseguir um...	Em casa é que é mesmo a cobrança, o pessoal de casa fala assim, que tem que arrumar um emprego que futebol não dá.	A
Lúcia	Eu chegava em casa e o marido da minha irmã falava assim para mim: "Você não está em lugar nenhum menina, para de ficar jogando, você é uma bosta". A minha mãe chegava e falava um monte de coisas. Você ia querer escutar a sua mãe falar assim: "pô, filha vamos lá, você vai conseguir", e eu nunca escutei ela falando isso. Minha mãe não foi assistir nenhum jogo meu. Então, aquilo para mim dói, eu queria que ela me visse pelo menos uma vez jogar.	Minha mãe não foi assistir nenhum jogo meu. Então, aquilo para mim dói, eu queria que ela me visse pelo menos uma vez jogar.	A
Ivone	Estressante é quando a gente está contundida e precisa jogar, tem que ganhar força maior que a contusão.	Estressante é quando a gente está contundida e precisa	B

	a contusão.	jogar.	
Bruna	No começo quando eu jogava o pessoal falava "ah, bando de sapatão" e não é isso, as meninas no futebol feminino, elas são femininas, não é porque a gente joga bola que a gente vai ser homem.	No começo quando eu jogava o pessoal falava "ah, bando de sapatão" e não é isso, não é porque a gente joga bola que a gente vai ser homem.	C
Rute	Acho que mais no começo que eu me senti mais constrangida pelo que as pessoas falavam "molequinho fazendo futebol".	As pessoas falavam "molequinho fazendo futebol"	C
Sara	Acho que a maioria do futebol, o mais estressante mesmo é o preconceito, preconceito é com o que a gente se estressa.	O mais estressante mesmo é o preconceito	C
Zélia	Acho que o preconceito, o futebol hoje ainda está muito devagar, o preconceito hoje em dia é muito grande ainda. Tem pessoas que não investem, acho que por ser futebol, acho que é muito preconceito.	O preconceito hoje em dia é muito grande ainda.	C
Alice	Eu sou muito nervosa e teve um campeonato que a gente participou, que o técnico me perguntou se eu tinha condições de jogar e eu disse para não me colocar que eu não estava muito confiante em mim. É um medo de entrar jogando, eu vejo o time adversário assim: nossa, esse time joga muito, eu não sei se eu vou ter cabeça para jogar.	É um medo de entrar jogando, não sei se eu vou ter cabeça para jogar.	D
Vanda	Eu acho que ainda é a torcida que não reconhece, acho que a gente está dando o máximo de si e as pessoas gritam "ah! perna de pau!" e palavrões, isso chateia mesmo! Porque a gente está ali dando o máximo e não há reconhecimento. O que falta para não estressar, para não mais haver chateação é reconhecimento, acho que é isso que deixa a gente mais pra baixo. Com certeza rola estresse com a torcida.	Eu acho que ainda é a torcida que não reconhece, acho que a gente está dando o máximo de si e as pessoas gritam "ah! perna de pau!" e palavrões.	E
Célia	As situações mais estressantes que passei foram dentro dos grupos. Estresse de briga por posição, estresse de intriga de um com outro, ou quando chega uma pessoa diferente, não é	As situações mais estressantes que passei foram dentro dos grupos.	F

	bem recebida, isso gera um estresse.	dos grupos.	
Dulce	Única coisa que tem uma hora que estressa é a cobrança e a convivência em grupo.	Tem uma hora que estressa é a convivência em grupo.	F
Hilda	O que, às vezes, acontece e que estressa, são aquelas que têm rivalidades uma entre outras e muitas vezes aquelas picuinhas, uma querendo tirar o tapete da outra. Porque isso afeta o grupo e gera a desunião, e sem a união em campo você não rende nada.	O que estressa, é aquelas que, têm rivalidades uma entre outras e muitas vezes aquelas picuinhas, uma querendo tirar o tapete da outra.	F
Paula	Com colegas de equipe, quando ocorre desunião. Em time pequeno quando eu comecei e joguei teve muita briga.	Com colegas de equipe, quando ocorre desunião.	F
Tais	Eu não suporto a pessoa que está no time com má vontade e não correr atrás, não se dedicar. Isso é uma coisa que me frustra, uma pessoa que não queira a mesma coisa que as outras, que não treina para aquilo, que está ali por estar, para estar fora de casa, com mais amigas, e não se dedica.	Eu não suporto a pessoa que está no time com má vontade e não correr atrás, não se dedicar. Isso é uma coisa que me frustra, uma pessoa que não queira a mesma coisa que as outras	F
Lúcia	Outra coisa que eu também passei foi no ano passado em Botucatu, eu saí de lá foi por causa disso. Tinha uma menina que gostava muito de mim e eu não gostava dela, eu sempre neguei. Eu tinha muito medo e ela falava em se matar, tinha uma ponte lá e ela falava que iria pular da ponte e eu ficava indignada com aquilo, eu não queria isso pra mim. Até hoje eu não quero isso pra mim, acho que tem opção mas sabe quando não vai aquilo, não é pra você. Daí ela falava que ia se matar e sempre ficava chorando, aconteceu um monte de coisas, e aquilo ia me prejudicando e eu não conseguia jogar, ficava com aquilo na cabeça, ô eu tinha 15 anos e ela tinha 20. Uma vez ela ficou trancada lá em cima, bebendo remédio, chorando e eu indignada, só sei que eu dei um murro na	No ano passado em Botucatu, eu saí de lá foi por causa disso. Tinha uma menina que gostava muito de mim e eu não gostava dela, eu sempre neguei, eu não queria isso pra mim. Até hoje eu não quero isso pra mim, Daí ela falava que ia se matar e sempre ficava chorando, e aquilo ia me prejudicando e eu não conseguia jogar, ô eu tinha 15	G

	coisa de vidro, abri e tirei-a lá de dentro, para mim acho que foi mais marcante.	anos e ela tinha 20.	
Keila	A dificuldade tem todo dia, no meu caso sou de família humilde ter que ir a pé para o treino, ter que voltar a pé, às vezes ir sem comer, sair muito cedo para poder chegar no horário, acho que é bem estressante.	Ter que ir a pé para o treino, ter que voltar a pé, às vezes ir sem comer.	H
Lúcia	No dia do meu aniversário do ano passado, que eu pedi dinheiro para o meu técnico, eram R\$ 15,00 a passagem para ir para Piracicaba, e a gente ganhava R\$ 30,00 por jogo. Só que neste tempo, ele não estava dando dinheiro para ninguém. Daí, eu pedi para ele e ele falou que iria me dar, liguei para minha mãe e ela falou que iria convidar um monte de gente e que iria fazer uma festinha para mim. Chegou no dia ele não me deu o dinheiro, eu liguei pra minha mãe chorando, falei, pôxa por causa de quinze reais! E eu também não tinha dinheiro e eu ia ligar para a minha mãe, para pedir dinheiro para ir embora, aquilo para mim foi demais.	No dia do meu aniversário eu pedi dinheiro para o meu técnico, eram R\$ 15,00 a passagem para ir para Piracicaba, e a gente ganhava R\$ 30,00 por jogo. E ele falou que iria me dar, liguei para minha mãe e ela falou que iria fazer uma festinha para mim. Chegou no dia ele não me deu o dinheiro.	H
Eva	Eu estou tendo muita dificuldade aqui no time, eu estou tendo muita pressão e viver com pressão não dá certo. Eu não consigo jogar porque tem muita pressão em cima de mim. A pior coisa é jogar com gente que fica ali o tempo todo do seu lado só falando com você.	Eu não consigo jogar porque tem muita pressão em cima de mim.	I
Fátima	É do técnico mesmo em cima pra ganhar o jogo, que é normal e sempre tem.	É do técnico mesmo em cima pra ganhar o jogo.	I
Geni	A mais estressante é quando é final de campeonato ou uma semifinal que você tem cobrança de diretoria, você tem cobrança de técnico, cobrança de torcida, cobrança de pai e mãe, está todo mundo ali em cima, do próprio time, uma cobrando a outra, eu acho que isso começa a rolar um estresse natural que dá um nervoso, dá uma aflição porque você está numa ansiedade de querer jogar, está na ansiedade de querer ganhar correndo atrás daquilo, está todo mundo em cima querendo	A mais estressante é quando é final de campeonato ou uma semifinal que você tem cobrança de diretoria, você tem cobrança de técnico, cobrança de torcida, cobrança de pai e mãe, está todo mundo ali em cima.	I

	jogar uma responsabilidade para você.	mundo ali em cima.	
Juçara	O nosso técnico é uma pessoa que gosta sempre de melhorar, mas a maneira dele falar, ele fala alto, acaba se estressando, não chega a xingar, mas às vezes o tom de voz que ele usa, a gente ainda não está preparada para entender o que ele quer. E acaba a gente respondendo e acaba ficando um clima chato, e isto vira uma coisa estressante.	O nosso técnico é uma pessoa que gosta sempre de melhorar, mas a maneira dele falar, ele fala alto, não chega a xingar, mas às vezes o tom de voz que ele usa, a gente ainda não está preparada para entender o que ele quer.	I

CATEGORIAS DAS IDÉIAS CENTRAIS DA PERGUNTA 5 (16 A 21 ANOS)

- A - FALTA DE APOIO FAMILIAR GERA STRESS
- B - PROBLEMAS FÍSICOS GERAM STRESS
- C - PRECONCEITO GERA STRESS
- D - FALTA DE AUTOCONFIANÇA GERA STRESS
- E - TORCIDA NÃO RECONHECER GERA STRESS
- F - DIFICULDADE DE CONVIVÊNCIA EM GRUPO GERA STRESS
- G - ASSÉDIO HOMOSEXUAL GERA STRESS
- H - DIFICULDADES MATERIAIS GERAM STRESS
- I - PRESSÃO E COBRANÇA POR RESULTADOS GERAM STRESS

QUADRO 34 – Resumo e categorias das Idéias Centrais da pergunta 5 (16 a 21 anos)

B) Resultados quantitativos (percentuais por categoria e gráfico ilustrativo) das Idéias Centrais

RESULTADOS QUANTITATIVOS DAS IDÉIAS CENTRAIS (16 A 21 ANOS)

5 - Quais as situações mais stressantes que você já viveu no futebol?

A - FALTA DE APOIO FAMILIAR GERA STRESS	3	13,64 %
B - PROBLEMAS FÍSICOS GERAM STRESS	1	4,55 %
C - PRECONCEITO GERA STRESS	4	18,18 %
D - FALTA DE AUTOCONFIANÇA GERA STRESS	1	4,55 %
E - TORCIDA NÃO RECONHECER GERA STRESS	1	4,55 %
F - DIFICULDADE DE CONVIVÊNCIA EM GRUPO GERA STRESS	5	22,73 %
G - ASSÉDIO HOMOSSEXUAL GERA STRESS	1	4,55 %
H - DIFICULDADES MATERIAIS GERAM STRESS	2	9,09 %
I - PRESSÃO E COBRANÇA POR RESULTADOS GERAM STRESS	4	18,18 %

TOTAL DE RESPOSTAS DA PERGUNTA **22**

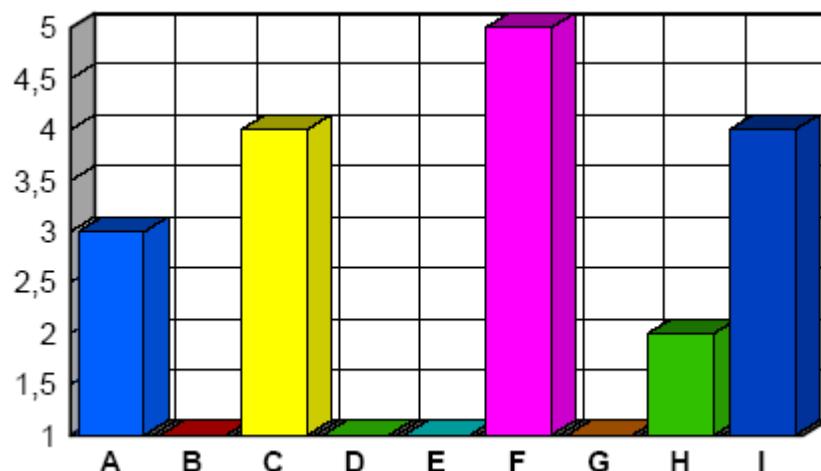


FIGURA 16 – Resultados quantitativos das Idéias Centrais da Pergunta 5 (16 a 21 anos)

C) Discurso do sujeito coletivo das categorias formadas pelas Idéias Centrais

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DAS IDÉIAS CENTRAIS (16 A 21 ANOS)

5 - Quais as situações mais stressantes que você já viveu no futebol?

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA A - FALTA DE APOIO FAMILIAR GERA STRESS

O pessoal de casa fala que tem que arrumar um emprego, isso é uma cobrança que às vezes estressa, na minha família eu brigava. A minha mãe chegava e falava um monte de coisas, você ia querer escutar a sua mãe falar assim: "pô filha vamos lá, você vai conseguir", e eu nunca a escutei falando isso. Ela nunca foi assistir a um jogo meu. Então, para mim dói, eu queria que ela me visse jogar pelo menos uma vez.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA B – PROBLEMAS FÍSICOS GERAM STRESS

Estressante quando a gente está contundida e precisa jogar, tem que ganhar força maior que a contusão.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA C – PRECONCEITO GERA STRESS

Acho que no futebol o mais estressante mesmo é o preconceito, preconceito é com o que a gente se estressa. O preconceito hoje em dia é muito grande ainda. Tem pessoas que não investem, acho que é muito preconceito, no começo quando eu jogava o pessoal falava "ah, bando de sapatão", as pessoas falavam "molequinho fazendo futebol", e não é isso, as meninas no futebol feminino, elas são femininas, não é porque a gente joga bola que a gente vai ser homem.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA D – FALTA DE AUTOCONFIANÇA GERA STRESS

Eu sou muito nervosa e teve um campeonato que a gente participou, que o técnico me perguntou se eu tinha condições de jogar e eu disse para não me colocar que eu não estava muito confiante em mim, é um medo de entrar jogando, eu vejo o time adversário assim: nossa, esse time joga muito, eu não sei se eu vou ter cabeça para jogar.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA E – TORCIDA NÃO RECONHECER GERA STRESS

Eu acho que ainda é a torcida que não reconhece, a gente está dando o máximo de si e as pessoas gritam "ah! perna de pau!" e palavrões, isso chateia mesmo! O que falta para não estressar, para não mais haver chateação é reconhecimento, acho que é isso que deixa a gente mais pra baixo. Com certeza rola estresse com a torcida.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA F – DIFICULDADE DE CONVIVÊNCIA EM GRUPO GERA STRESS

As situações mais estressantes que passei foram dentro dos grupos, o que estressa é a cobrança e a convivência em grupo. Stress de briga por posição, stress de intriga de um com outro, ou quando chega uma pessoa diferente, não é bem recebida, isso gera um stress . Com colegas de equipe, quando ocorre desunião, estressa, são aquelas que têm rivalidades, e muitas vezes aquelas picuinhas, uma querendo tirar o tapete da outra. Isso afeta o grupo e gera a desunião, e sem a união em campo você não rende nada.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA G – ASSÉDIO HOMOSSEXUAL GERA STRESS

Outra coisa que eu passei foi no ano passado. Tinha uma menina que gostava muito de mim e eu não gostava dela, eu sempre neguei. Eu tinha muito medo e ela falava em se matar, tinha uma ponte lá e ela falava que iria pular de lá e eu ficava indignada com aquilo, acho que tem opção, mas sabe quando não vai aquilo, não é para você. Daí ela falava que ia se matar e sempre ficava chorando, aconteceu um monte de coisas, e aquilo ia me prejudicando e eu não conseguia jogar, ficava com aquilo na cabeça, eu tinha 15 anos e ela tinha 20. Uma vez ela ficou trancada lá em cima, bebendo remédio, chorando e eu indignada, só sei que eu dei um murro na coisa de vidro, abri e tirei-a lá de dentro, para mim acho que foi mais marcante.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA H – DIFICULDADES MATERIAIS GERAM STRESS

A dificuldade tem todo dia, no meu caso sou de família humilde ter que ir a pé para o treino, ter que voltar a pé, às vezes ir sem comer, sair muito cedo para poder chegar no horário, acho que foi bem estressante.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA I - PRESSÃO E COBRANÇA POR RESULTADOS GERAM STRESS

A mais estressante é quando é final de campeonato ou uma semifinal que você tem cobrança de diretoria, você tem cobrança de técnico, cobrança de torcida, cobrança de pai e mãe, está todo mundo ali em cima, do próprio time, eu não consigo jogar porque tem muita pressão em cima de mim. A pior coisa é jogar com gente que fica ali o tempo todo do seu lado só falando com você, uma cobrando a outra, eu acho que isso começa a rolar um estresse natural que dá um nervoso, dá uma aflição porque você está numa ansiedade de querer jogar, está na ansiedade de querer ganhar, está todo mundo em cima querendo jogar uma responsabilidade para você. O técnico em cima pra ganhar o jogo, o nosso técnico é uma pessoa que gosta sempre de melhorar, mas a maneira dele falar, ele fala alto, acaba se estressando, não chega a xingar, mas às vezes o tom de voz que ele usa, a gente ainda não está preparada para entender o que ele quer. E acaba a gente respondendo e acaba ficando um clima chato, e isto vira uma coisa estressante.

QUADRO 35 – DSC das Idéias Centrais da pergunta 5 (16 a 21 anos)

D) Resumo e categorias das Ancoragens

RESUMO DAS ANCORAGENS (16 A 21 ANOS)**5 - Quais as situações mais stressantes que você já viveu no futebol?**

	Expressões Chave	Ancoragem	
Bruna	O pessoal falava "ah, bando de sapatão" e não é isso, as meninas no futebol feminino elas são femininas, não é porque a gente joga bola que a gente vai ser homem.	As meninas no futebol feminino elas são femininas, não é porque a gente joga bola que a gente vai ser homem.	A
Rute	Acho que mais no começo que eu me senti mais constrangida pelo que as pessoas falavam "molequinho fazendo futebol"	As pessoas falavam: "molequinho fazendo futebol"	A
Sara	O preconceito é com o que a gente se estressa. Porque a gente vê bastante coisa que nos deixam chateadas, como palavras, gestos. Então são coisas que vão chateando, vão abatendo a gente.	O preconceito é com o que a gente se estressa. Porque a gente vê bastante coisa que nos deixam chateadas como palavras, gestos.	A
Zélia	O preconceito é muito grande ainda. Tem pessoas que não investem, acho que por ser futebol, acho que é muito preconceito	Tem pessoas que não investem, acho que por ser futebol, acho que é muito preconceito.	A
Hilda	Em casa é que é mesmo a cobrança, o pessoal de casa fala que tem que arrumar um emprego que futebol não dá.	O pessoal de casa fala que tem que arrumar um emprego que futebol não dá.	B
Lúcia	E eu chegava em casa e o marido da minha irmã falava assim para mim: "Você não está em lugar nenhum menina, para de ficar jogando, você é uma bosta". A minha mãe chegava e falava um monte de coisa. Minha mãe não foi assistir nenhum jogo meu. Então, aquilo para mim dói, eu queria que ela me visse pelo menos uma vez jogar	O marido da minha irmã falava assim para mim: "Você não está em lugar nenhum menina, para de ficar jogando, você é uma bosta". A minha	B

	visse pelo menos uma vez jogar	mãe chegava e falava um monte de coisas.	
Juçara	Acho que a maneira que as pessoas vêem o futebol feminino, elas agem como se fosse futebol masculino. O nosso técnico é uma pessoa que gosta sempre de melhorar, mas a maneira dele falar, ele fala alto, não chega a xingar, mas às vezes o tom de voz que ele usa, a gente ainda não está preparada para entender o que ele quer. Com certeza porque a mulher é mais sensível, tem TPM, é mais sensível que o homem, então as pessoas que lidam com futebol, o técnico, o massagista, deveriam ser mais sensíveis também, porque lidar com mulher não é fácil.	A mulher é mais sensível, tem TPM, é mais sensível que o homem, então as pessoas que lidam com futebol, o técnico, o massagista, deveriam ser mais sensíveis também, porque lidar com mulher não é fácil.	C

CATEGORIAS DAS ANCORAGENS DA PERGUNTA 5 (16 A 21 ANOS)

A - PRECONCEITO: FONTE DE STRESS

B - FAMÍLIA: FONTE DE STRESS

C - ESTEREÓTIPO DA FRAGILIDADE FEMININA COMO FONTE DE STRESS

QUADRO 36 – Resumo e categorias das Ancoragens da pergunta 5 (16 a 21 anos)

E) Resultados quantitativos (percentuais por categoria e gráfico ilustrativo) das Ancoragens

RESULTADOS QUANTITATIVOS DAS ANCORAÇÕES (16 A 21 ANOS)

5 - Quais as situações mais stressantes que você já viveu no futebol?

A - PRECONCEITO: FONTE DE STRESS	4	57,14 %
B - FAMÍLIA: FONTE DE STRESS	2	28,57 %
C - ESTEREÓTIPO DA FRAGILIDADE FEMININA COMO FONTE DE STRESS	1	14,29 %
TOTAL DE RESPOSTAS DA PERGUNTA	7	

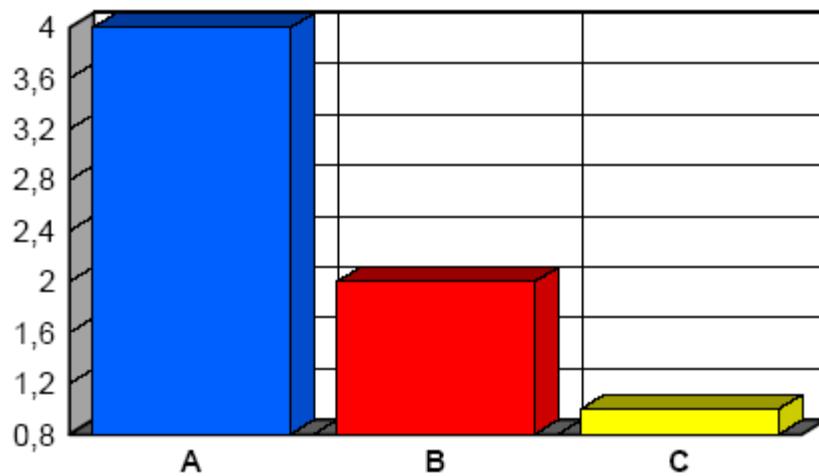


FIGURA 17 – Resultados quantitativos das Ancoragens da Pergunta 5 (16 a 21 anos)

F) Discurso do sujeito coletivo das categorias formadas pelas Ancoragens

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DAS ANCORAGENS (16 A 21 ANOS)

5 - Quais as situações mais stressantes que você já viveu no futebol?

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA A – PRECONCEITO: FONTE DE STRESS

O preconceito é com o que a gente se estressa, o preconceito é muito grande ainda, a gente vê bastante coisa que nos deixam chateadas, como palavras, gestos. O pessoal falava "ah, bando de sapatão" e não é isso, as meninas no futebol feminino elas são femininas, não é porque a gente joga bola que a gente vai ser homem, é muito preconceito.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA B – FAMÍLIA: FONTE DE STRESS

Em casa é que é mesmo a cobrança, o pessoal de casa fala que tem que arrumar um emprego, que futebol não dá. A minha mãe chegava e falava um monte de coisa, o marido da minha irmã falava assim para mim: "Você não está em lugar nenhum menina, para de ficar jogando, você é uma bosta".

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA C – ESTEREÓTIPO DA FRAGILIDADE FEMININA COMO FONTE DE STRESS

Acho que a maneira que as pessoas vêm o futebol feminino, elas agem como se fosse futebol masculino. O nosso técnico é uma pessoa que gosta sempre de melhorar, mas a maneira dele falar, ele fala alto, não chega a xingar, mas às vezes o tom de voz que ele usa. Com certeza porque a mulher tem TPM, é mais sensível que o homem, então as pessoas que lidam com futebol, o técnico, o massagista, deveriam ser mais sensíveis também, porque lidar com mulher não é fácil.

QUADRO 37 – DSC das Ancoragens da pergunta 5 (16 a 21 anos)

5.2.5.2 Pergunta 5 – Resultados (22-27 anos)

A) Resumo e categorias das Idéias Centrais

RESUMO DAS IDÉIAS CENTRAIS (22 A 27 ANOS)

5 - Quais as situações mais stressantes que você já viveu no futebol?

	Expressões Chave	Idéia Central	
Ana	Foi um ano em que eu parei de jogar bola, de tanto que eu gostava, que eu amava jogar futebol mas a minha família, meus pais, teve um ano que eles me prendiam, não deixavam mais. Os times me ligavam, e eles falavam que eu não ia, isso foi o que marcou mais na minha vida. Meu pai falava: "você não vai!" e eu ficava lutando contra ele.	Foi um ano em que eu parei de jogar bola. Meu pai falava: "você não vai!" e eu ficava lutando contra ele.	A
Bia	Acho que a mulher não agüenta a resistência, é um pouco mais fraca que o homem, então acho que a coisa mais estressante é não estar preparada num time, e jogar contra um adversário cujo time está muito mais preparado, então acho que tem um problema muscular, físico, de impacto, essas coisas me deixam estressada.	Acho que a mulher não agüenta a resistência, acho que tem um problema muscular, físico, de impacto, essas coisas me deixam estressada.	B
Iara	Acho que a parte mais estressante realmente é o cansaço físico. O que mais me estressa, além de final de campeonato, é o cansaço físico.	A parte mais estressante realmente é o cansaço físico.	B
Carla	Foi o que as pessoas falavam no começo, o preconceito era muito grande, as pessoas "tiravam", falavam, criticavam e isso foi me estressando. Falavam que o futebol não era para mulher, era para o homem, sei lá, que nem meu pai brigava muito comigo, porque o pessoal falava muito até que ele foi aceitando eu jogar e hoje ele me apóia e muito.	Falavam que o futebol não era para mulher, era para o homem, sei lá, que nem meu pai brigava muito comigo, porque o pessoal falava muito	C
Helen	Preconceito, acho que esse é o fundamental, acho que de 10 meninas que você perguntar todas vão falar preconceito.	Preconceito, acho que esse é o fundamental.	C

Deise	Geralmente quando você perde a oportunidade de ganhar um torneio, um campeonato. Qualquer derrota, hoje a gente esta vindo de uma derrota que pode de repente ter marcado a nossa saída do torneio, é terrível, é estressante. Toda vez que eu perco assim, eu penso em parar, porque é desumano como a gente fica mal sabe, se sente frustrado, incapaz, é terrível então, eu acho que derrota sempre é estressante.	Qualquer derrota é estressante. É desumano como a gente fica mal, se sente frustrado, incapaz, é terrível.	D
Elza	É você ter que mudar um resultado. De repente você toma um gol, você sente que o time fica um pouco abalado. É um desafio, aquilo ali é um desafio, você tentar reerguer o seu colega, incentivar a ir para cima e tentar mudar o quadro do jogo. É estressante, mas é uma das melhores coisas: tentar reverter e conseguir.	É você ter que mudar um resultado.	E
Flávia	A convivência em equipe, é difícil conviver com muitas meninas...	É difícil conviver com muitas meninas...	F
Miriam	Às vezes coisa de alojamento é meio estressante, muita mulher, cabeças diferentes, cada uma pensa de um jeito, tem um gênio totalmente diferente. Eu sou muito calma e convivo com meninas que são muito nervosas. Na casa onde eu moro tem um banheiro para 12 mulheres, às vezes isso é muito estressante.	Às vezes coisa de alojamento é meio estressante, muita mulher, cabeça diferente cada uma pensa de um jeito, tem um gênio totalmente diferente. Um banheiro para 12 mulheres, isso é muito estressante.	F
Gabi	Mas para mim, a situação mais estressante que eu já passei foi de não poder estar com as meninas treinando... Nos Jogos Abertos mesmo eu não pude ir, porque eu não estava treinando, não estava com o time. Então, para mim foi naquela semana foi a sensação pior que eu tive de todas, porque eu nunca fiquei fora, apesar de trabalhar, eu sempre estava no time, mas até entendo que tinha pessoas que estavam em melhores condições que eu. Para mim foi essa vez, foi muito estressante e eu	A situação mais estressante que eu já passei foi de não poder estar com as meninas treinando.	G

	não tinha cabeça para trabalhar enquanto elas jogavam lá.		
Julia	Falta de patrocínio e incentivo.	Falta de patrocínio.	H
Laura	Falta de patrocínio e de interesse, até dos participantes.	Falta de patrocínio.	H
Kelly	Nos jogos mais difíceis e importantes a pressão é maior, nós, por sermos mulheres, o psicológico é afetado mais facilmente porque somos mais sentimentais	Nos jogos mais difíceis e importantes a pressão é maior.	I

CATEGORIAS DAS IDÉIAS CENTRAIS DA PERGUNTA 5 (22 A 27 ANOS)

A - PROIBIÇÃO FAMILIAR GERA STRESS

B - PROBLEMAS FÍSICOS GERAM STRESS

C - PRECONCEITO GERA STRESS

D - DERROTA GERA STRESS

E - TER QUE REVERTER O RESULTADO GERA STRESS

F - A DIFICULDADE DE CONVIVÊNCIA EM GRUPO GERA STRESS

G - ELIMINAÇÃO DO GRUPO GERA STRESS

H - FALTA DE PATROCÍNIO GERA STRESS

I - A PRESSÃO DA COMPETIÇÃO GERA STRESS

QUADRO 38 – Resumo e categorias das Idéias Centrais da pergunta 5 (22 a 27 anos)

B) Resultados quantitativos (percentuais por categoria e gráfico ilustrativo) das Idéias Centrais

RESULTADOS QUANTITATIVOS DAS IDÉIAS CENTRAIS (22 A 27 ANOS)

5 - Quais as situações mais stressantes que você já viveu no futebol?

A - PROIBIÇÃO FAMILIAR GERA STRESS	1	7,69 %
B - PROBLEMAS FÍSICOS GERAM STRESS	2	15,38 %
C - PRECONCEITO GERA STRESS	2	15,38 %
D - DERROTA GERA STRESS	1	7,69 %
E - TER QUE REVERTER O RESULTADO GERA STRESS	1	7,69 %
F - A DIFICULDADE DE CONVIVÊNCIA EM GRUPO GERA STRESS	2	15,38 %
G - ELIMINAÇÃO DO GRUPO GERA STRESS	1	7,69 %
H - FALTA DE PATROCÍNIO GERA STRESS	2	15,38 %
I - A PRESSÃO DA COMPETIÇÃO GERA STRESS	1	7,69 %
TOTAL DE RESPOSTAS DA PERGUNTA	13	

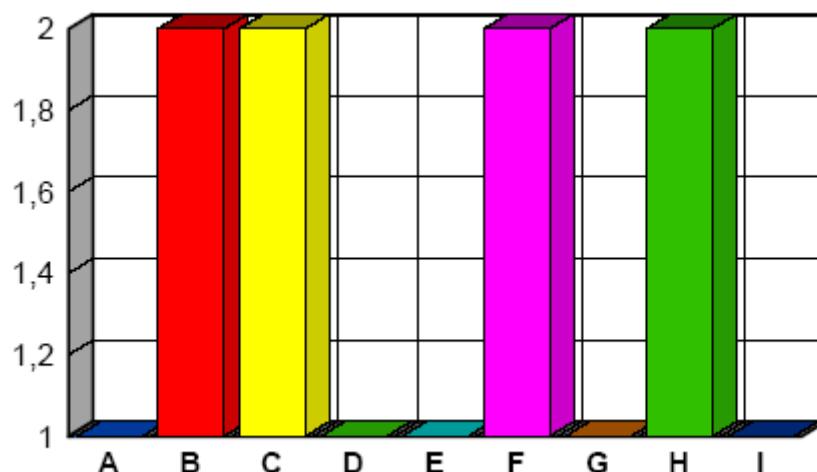


FIGURA 18 – Resultados quantitativos das Idéias Centrais da Pergunta 5 (22 a 27 anos)

C) Discurso do sujeito coletivo das categorias formadas pelas Idéias Centrais

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DAS IDÉIAS CENTRAIS (22 A 27 ANOS)

5 - Quais as situações mais stressantes que você já viveu no futebol?

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA A - PROIBIÇÃO FAMILIAR GERA STRESS

Foi um ano em que eu parei de jogar bola, de tanto que eu gostava, que eu amava jogar futebol mas a minha família, meus pais, teve um ano que eles me prendiam, não deixavam mais. Os times me ligavam, e eles falavam que eu não ia, isso foi o que marcou mais na minha vida. Meu pai falava: "você não vai!" e eu ficava lutando contra ele.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA B – PROBLEMAS FÍSICOS GERAM STRESS

Acho que a mulher não agüenta a resistência, é um pouco mais fraca que o homem, então a parte mais estressante realmente é o cansaço físico. O que mais me estressa, além de final de campeonato, é o cansaço físico, a coisa mais estressante é não estar preparada num time, e jogar contra um adversário cujo time está muito mais preparado, então acho que tem um problema muscular, físico, de impacto, essas coisas me deixam estressadas.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA C - PRECONCEITO GERA STRESS

Foi o que as pessoas falavam no começo, o preconceito era muito grande, as pessoas "tiravam", falavam, criticavam e isso foi me estressando. Falavam que o futebol não era para mulher, era para o homem. Preconceito, acho que esse é o fundamental, acho que de 10 meninas que você perguntar todas vão falar preconceito.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA D - DERROTA GERA STRESS

Geralmente quando você perde a oportunidade de ganhar um torneio, um campeonato. Qualquer derrota, hoje a gente esta vindo de uma derrota que pode de repente ter marcado a nossa saída do torneio é terrível, é estressante. Toda vez que eu perco assim, eu penso em parar, porque é desumano como a gente fica mal sabe, se sente frustrado, incapaz, é terrível então, eu acho que derrota sempre é estressante.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA E - TER QUE REVERTER O RESULTADO GERA STRESS

Você ter que mudar um resultado. De repente você toma um gol, você sente que o time fica um pouco abalado. É um desafio, você tentar reerguer o seu colega, incentivar a ir para cima e tentar mudar o quadro do jogo. É estressante, mas é uma das melhores coisas: tentar reverter e conseguir.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA F - A DIFICULDADE DE CONVIVÊNCIA EM GRUPO GERA STRESS

A convivência em equipe, é difícil conviver com muitas meninas...coisa de alojamento é meio estressante, muita mulher, cabeça diferente, cada uma pensa de um jeito, tem um gênio totalmente diferente. Na casa onde eu moro tem um banheiro para 12 mulheres, às vezes isso é muito estressante.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA G - ELIMINAÇÃO DO GRUPO GERA STRESS

Mas para mim, a situação mais estressante que eu já passei foi de não poder estar com as meninas treinando. Nos Jogos Abertos mesmo eu não pude ir, porque eu não estava treinando, não estava com o time. Então, para mim foi naquela semana, a sensação pior que eu tive de todas, porque eu nunca fiquei fora apesar de trabalhar, eu sempre estava no time, mas até entendo que tinha pessoas que estavam em melhores condições que eu. Para mim foi essa vez, foi muito estressante e eu não tinha cabeça para trabalhar enquanto elas jogavam lá.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA H - FALTA DE PATROCÍNIO GERA STRESS

Falta de patrocínio, incentivo e de interesse.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA I - A PRESSÃO DA COMPETIÇÃO GERA STRESS

Nos jogos mais difíceis e importantes a pressão é maior, nós, por sermos mulheres, o psicológico é afetado mais facilmente porque somos mais sentimentais

QUADRO 39 – DSC das Idéias Centrais da pergunta 5 (22 a 27 anos)

D) Resumo e categorias das Ancoragens

RESUMO DAS ANCORAGENS (22 A 27 ANOS)**5 - Quais as situações mais stressantes que você já viveu no futebol?**

	Expressões Chave	Ancoragem	
Carla	Foi o que as pessoas falavam no começo, o preconceito era muito grande, as pessoas "tiravam", falavam, criticavam e isso foi me estressando. Falavam que o futebol não era para mulher, era para o homem.	O preconceito era muito grande, as pessoas "tiravam", falavam, criticavam e isso foi me estressando.	A
Helen	Acho que de 10 meninas que você perguntar todas vão falar preconceito.	Acho que de 10 meninas que você perguntar todas vão falar preconceito.	A
Deise	Toda vez que eu perco assim, eu penso em parar, porque é desumano como a gente fica mal sabe, se sente frustrado, incapaz, é terrível, então, eu acho que derrota sempre é estressante.	Toda vez que eu perco assim, eu penso em parar, porque é desumano como a gente fica mal sabe, se sente frustrado, incapaz, é terrível.	B
Kelly	Principalmente em jogos mais difíceis e importantes a pressão é maior, nós, por sermos mulheres, o psicológico é afetado mais facilmente porque é mais sentimental, é mais sentimento que envolve, e a gente é bem mais frágil, No masculino, os meninos lidam com mais facilidade com determinados assuntos, as coisas são mais fáceis para eles, para nós não, pelo fato de ser mulher, então, a gente se abala mais.	Nós, por sermos mulheres, o psicológico é afetado mais facilmente porque é mais sentimental, é mais sentimento que envolve, e a gente é bem mais frágil, No masculino, os meninos lidam com mais facilidade com determinados assuntos.	C

CATEGORIAS DAS ANCORAÇÕES DA PERGUNTA 5 (22 A 27 ANOS)

A - PRECONCEITO: FONTE DE STRESS

B - DERROTA: FONTE DE STRESS

C - ESTEREÓTIPO DA FRAGILIDADE FEMININA COMO FONTE DE STRESS

QUADRO 40 – Resumo e categorias das Ancorações da pergunta 5 (22 a 27 anos)

E) Resultados quantitativos (percentuais por categoria e gráfico ilustrativo) das Ancoragens

RESULTADOS QUANTITATIVOS DAS ANCORAÇÕES (22 A 27 ANOS)

5 - Quais as situações mais stressantes que você já viveu no futebol?

A - PRECONCEITO: FONTE DE STRESS	2	50,00 %
---	---	---------

B - DERROTA: FONTE DE STRESS	1	25,00 %
-------------------------------------	---	---------

C - ESTEREÓTIPO DA FRAGILIDADE FEMININA COMO FONTE DE STRESS	1	25,00 %
---	---	---------

TOTAL DE RESPOSTAS DA PERGUNTA	4
---------------------------------------	----------

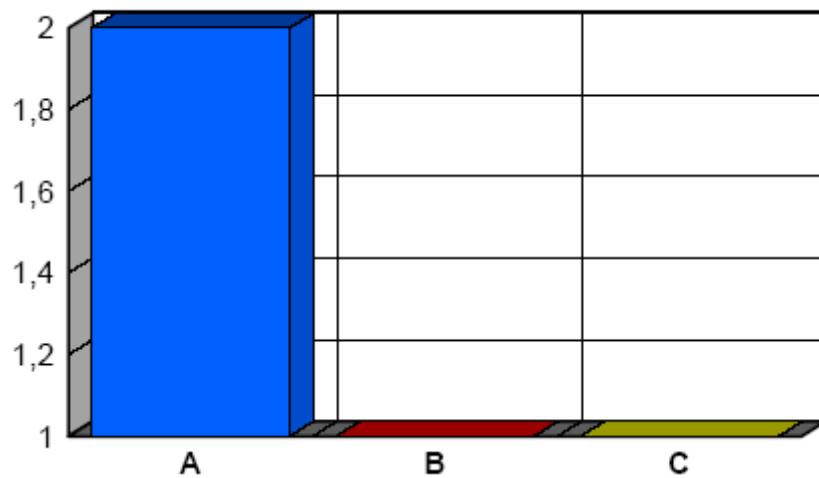


FIGURA 19 – Resultados quantitativos das Ancoragens da Pergunta 5 (22 a 27 anos)

F) Discurso do sujeito coletivo das categorias formadas pelas Ancoragens

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DAS ANCORAGENS (22 A 27 ANOS)

5 - Quais as situações mais stressantes que você já viveu no futebol?

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA A – PRECONCEITO: FONTE DE STRESS

Foi o que as pessoas falavam no começo, o preconceito era muito grande, as pessoas "tiravam", falavam, criticavam e isso foi me estressando. Falavam que o futebol não era para mulher, era para homem, todas que você perguntar vão falar preconceito.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA B – DERROTA: FONTE DE STRESS

Toda vez que eu perco assim, eu penso em parar, porque é desumano como a gente fica mal sabe, se sente frustrado, incapaz, é terrível, então, eu acho que derrota sempre é estressante.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA C – ESTEREÓTIPO DA FRAGILIDADE FEMININA COMO FONTE DE STRESS

Principalmente em jogos mais difíceis e importantes a pressão é maior, nós, por sermos mulheres, o psicológico é afetado mais facilmente porque é mais sentimental, é mais sentimento que envolve, e a gente é bem mais frágil, No masculino, os meninos lidam com mais facilidade com determinados assuntos, as coisas são mais fáceis para eles, para nós não, pelo fato de ser mulher,a gente se abala mais.

QUADRO 41 – DSC das Ancoragens da pergunta 5 (22 a 27 anos)

5.2.5.3 Pergunta 5 – Discussão

Quando o homem inventou a roda, logo Deus inventou o freio (Zeca Baleiro)

Esta questão trata sobre as situações que mais causaram *stress* às atletas, em seu ponto de vista, no interior do futebol. Se inicialmente tive dúvidas em utilizar o termo *stress* na pergunta (pensei inclusive em substitui-lo por “medo”, ou “nervosismo”), na prática este meu receio não se concretizou, não houve nenhuma atleta que não compreendesse imediatamente a pergunta. Já comentei este ponto anteriormente, ou seja, a popularização do uso deste termo.

E este uso comum do termo *stress* também foi apontado por um dos precursores de seu estudo. Selye (1982) já comentava que

Hoje em dia, todo mundo parece falar sobre *stress*. Ouve-se sobre este tópico não somente nas conversações diárias, mas também na televisão, no rádio, nos jornais e num número crescente de conferências, centros e cursos universitários dedicados ao *stress*. (SELYE, 1982, p. 7).

E as atletas, ao entenderem o termo e o interpretarem no interior do futebol a seu modo, formularam uma série de respostas cuja extensa categorização, inicialmente, permite que se comente que elas enxergam muitas ocorrências, isto é, que as jogadoras percebem uma grande variedade de situações que elas denominam de situações estressantes. Tanto as atletas mais velhas quanto as menores identificaram situações que acabaram por se encaixar em um grande número de categorias – *nove destas* foram criadas a partir de respostas cujas idéias centrais fossem semelhantes.

E dentre as atletas mais velhas, nenhuma das categorias ganhou destaque numérico, pois em meio as 13 respostas coletadas, as categorias com maior

quantidade de respostas não chegaram a suplantar duas respondentes, ou 15,38% - e foram respostas ligadas ao preconceito gerar stress, ou então a problemas físicos como causas de stress, ou mesmo problemas em grupo ou até falta de patrocínio.

Já entre as mais novas, que também tiveram uma gama de respostas bem diferenciadas, formando nove categorias a partir de suas idéias centrais semelhantes, de um total de 22 respostas, três apontaram a família como fonte de stress, quatro (ou 16,18%) trouxeram o preconceito como um *stressor*, outras quatro chamaram a atenção para a pressão e cobrança por resultados, sendo que a maior parte das respostas (cinco, ou 22,73%) alertou que o grupo é o grande causador de stress entre elas.

Para Selye (1982, p. 7, grifo do autor) – que define *stress* como “(...) o resultado não específico (isto é, comum) de qualquer demanda sobre o corpo, seja seu efeito mental ou somático” – este seria um resultado esperado, uma vez que o *stress* não pode ser apontado como tendo uma causa isolada.

Uma das primeiras coisas a se ter em mente sobre o stress é que uma variedade de situações diferenciadas – excitações emocionais, esforço, fadiga, medo, dor, concentração, humilhação, perda de sangue, ou mesmo um grande e inesperado sucesso – são capazes de produzir stress; portanto, nenhum único fator, isoladamente, pode ser apontado como causa deste tipo de reação (SELYE, 1982, p.7).

Para Vasconcellos (1992), o desequilíbrio psicofisiológico provocado pelo processo denominado de *stress*, depende fundamentalmente dos recursos que a pessoa possui para enfrentar cada situação, bem como da avaliação que a pessoa faz tanto das situações como de seus próprios recursos para enfrentá-las. Desta forma, para o autor, a maior parte das ocorrências não causa diretamente o stress, pois as pessoas aprendem a lidar com elas, a avaliá-las e a desenvolver estruturas que ajudarão na análise e nas respostas corporais e psicológicas apresentadas.

Deste modo, aquilo que pode ser algo terrivelmente estressante para uma das atletas (talvez a problemática do grupo, ou mesmo o assédio homossexual que

aparece em uma das respostas) é encarado naturalmente por outras – o que seria uma possível resposta para este grande número de categorias, que refletem uma ampla gama de possibilidades das pessoas vivenciarem o stress, e de outras nem se preocuparem aquilo que para algumas é um grave sofrimento.

E se esta enorme variedade de situações possivelmente causadoras de stress ocorre no cotidiano das pessoas, no esporte isto tem sido apontado com uma freqüência muito maior. De Rose Jr, professor da Escola de Educação Física e Esporte da USP, e uma das maiores autoridades no Brasil sobre stress esportivo, afirma que as relações entre esporte competitivo e stress “(...) tem sido alvo de inúmeras considerações e, cada vez mais, esse fator é fundamental para se entender determinados comportamentos que podem afetar o desempenho dos atletas“ (DE ROSE JR, 1998, p. 126).

Em estudos anteriores (DE ROSE JR, 1997) o autor já havia chegado a esta conclusão, ao afirmar que a convivência com altos níveis de stress é uma condição *sine qua non* para obtenção de êxito no esporte competitivo – ele chega a afiançar que os níveis de performance de um atleta são totalmente influenciados pela capacidade deste “(...) em lidar com o stress”. (DE ROSE JR, 1997, p. 13).

Para Samulski e Chagas (1996), a competição esportiva faz com que os atletas sofram uma série de demandas em aspectos vários – fisiológicos, cognitivos, comportamentais, entre outros – gerando graus variados de sobrecargas emocionais, e conseqüentes respostas.

Ao estudarem atletas de handebol de nível de seleção brasileira, De Rose Jr., Simões e Vasconcellos (1994) perceberam que este esporte - por possuir inúmeras variações, pelo seu dinamismo e mesmo pelas exigências a que são submetidos o atleta, em termos de atenção, participação integral e concentração total – favorece a gestação de situações que potencialmente seriam causadoras de stress. Para os autores,

Quando estes fatores são aliados à competição, eles então assumem uma proporção muito maior, pois passam a envolver valores que são fundamentais para os atletas: necessidade de vencer,

recompensas, “status” social, reconhecimento público, etc. (DE ROSE JR., SIMÕES E VASCONCELLOS, 1994, p. 31).

São estas as situações a que as atletas de futebol estão submetidas. Um jogo rápido, que se desenvolve em um campo grande, com 22 atletas correndo e se deslocando por vezes em alta velocidade, em meio a inúmeras mudanças de sentido e direção, e no qual as estratégias são combinadas e refeitas a todo o momento, apenas uma mudança de uma jogadora de lado de campo – passando da esquerda para a direita, por exemplo – já é uma situação que exige leitura atenta do jogo, capacidade de atenção e concentração que podem gerar stress. Some-se a isso, como comentado por De Rose Jr., Simões e Vasconcellos (1994) a questão da competição, e teremos situações propícias ao surgimento do stress.

Isto é percebido pelas atletas mais velhas, quando dizem que “nos jogos mais difíceis e importantes a pressão é maior, nós, por sermos mulheres, o psicológico é afetado mais facilmente, por que somos mais sentimentais”. Além da clara percepção que a dificuldade das competições gera um stress maior, aqui também temos um dos grandes mitos de gênero que Dowling (2000) sempre enfatizou, qual seja, o “mito da fragilidade feminina”, a sustentar que a mulher, devido a sua natureza biológica, seus hormônios, seria mais frágil, mais emotiva e em consequência mais sujeita ao stress.

Apesar de já haver comentado acima, que as pesquisas indicam que o *stress* tem afetado mais fortemente as mulheres, nada, contudo nos leva a afirmar peremptoriamente que isto é em virtude de sua condição biológica, mas sim muito mais pelas cobranças e pressões a que estas são submetidas em territórios que, na maior parte das vezes, historicamente foram consagrados aos homens, como o caso do futebol.

Outra questão levantada pelas mais velhas, ainda vinculada à problemática da competição, é o sentimento de *stress* em face de derrotas: “Toda vez que eu perco assim, eu penso em parar, porque é desumano como a gente fica mal, sabe, se sente frustrado, incapaz, é terrível então, eu acho que derrota é sempre estressante”.

De Rose Jr. et all (2004) registraram que, quando existem emoções internas que agem com muita força sobre o atleta, sem que este consiga controlá-las, pode

haver inclusive uma queda de rendimento. E concluem escrevendo que “(...) entre as pressões internas destacam-se: (...) expectativas de sucesso ou fracasso e percepções sobre as vitórias ou derrotas” (DE ROSE JR et all, p. 387).

De Rose Jr, Deschamps e Korsakas (1999), ao analisarem o fenômeno do *stress* em equipes de basquetebol de alto rendimento, perceberam que naquelas equipes estas situações estressantes poderiam ser divididas em gerais ou específicas, e dentro destas últimas, havia aquelas individuais e outras situacionais, que são as mais ligadas aos fatores do jogo em si, da preparação da equipe, da organização do evento e das pessoas importantes que presenciam a partida.

Dentre as situações específicas que geram maiores níveis de stress, as quais mais ficaram salientes na pesquisa destes autores, em relação aos aspectos situacionais, os atletas de basquetebol declararam que “os jogos decisivos são mais estressantes”; “que momentos decisivos de jogo são mais estressantes”; “perder jogos praticamente ganhos é muito estressante” (DE ROSE JR., DESCHAMPS e KORSAKAS, 1999, p. 222). Certamente que, se o esporte, conforme diversos estudos apontam, traz em si diversas e múltiplas situações favoráveis ao aparecimento de *stress*, o jogo (a competição ela mesma), segundo DE ROSE JR. et all (2004) é a situação em que o *stress* fica mais evidente, pois é o momento culminante, no interior do contexto competitivo, para o atleta demonstrar suas habilidades, independente do seu nível técnico, idade, sexo,etc.

Ainda em relação à competição em si, as atletas mais novas agregam ao peso da derrota, a pressão que as pessoas envolvidas na competição – como técnicos, dirigentes, entre outros, exercem sobre elas. Dentre 22 respostas, quatro delas (18,18%) foram incisivas ao afirmarem que a pressão dos outros em jogos decisivos é muito grande, produzindo o seguinte discurso: “A mais estressante é quando é final de campeonato ou uma semifinal que você tem cobrança da diretoria, você tem cobrança de técnico, cobrança de pai e mãe (...) eu não consigo jogar porque tem muita pressão em cima de mim. A pior coisa é jogar com gente que fica ali o tempo todo do seu lado só falando com você, uma cobrando a outra, eu acho que isso começa a rolar um stress natural que dá um nervoso, dá uma aflição (...”).

Estes dados caminham ao encontro daqueles que Noce e Samulski (2002) encontraram pesquisando atletas de voleibol de alto nível, especificamente os

atacantes, e os fatores que mais os estressavam em nível psíquico. Dentre as 18 situações que os autores descreveram como sendo estressantes para os e as voleibolistas, aquela que ficou em 4º lugar foi justamente “a pressão do técnico/ a cobrança excessiva”, sendo que os dados mostraram que esta situação é “(...) relativamente mais estressante para as mulheres” (NOCE e SAMULSKI, 2002, p. 121). Os autores escrevem que

Freqüentemente observa-se técnicos de equipes masculinas e femininas pressionando os atletas. Muitos adotam tal medida para “mexer” com o atleta, ou, cientificamente falando, para manipular os níveis de ativação dos mesmos. O fato é que nem sempre o atleta está preparado para tal comportamento do técnico, ou, então, a situação é que não pode favorecer tal atitude. (NOCE e SAMULSKI, 2002, p. 120)

Outro ponto levantado pelas atletas, tanto pelas mais novas (3 dentre 22 respostas, ou 16,18%) quanto pelas mais velhas (1 dentre 13 respostas, ou 7,69%) como fonte de stress foi a família, a falta de apoio no interior desta ou mesmo da proibição de jogar futebol. Esta questão da família é tão importante, que inclusive ancora o discurso das atletas mais novas: a família aparece em 02 dentre as 7 respostas que tinham conotação ideológica, isto é, 28,57% das ancoragens das atletas menores. Estas mais novas dizem que “Em casa é que é mesmo a cobrança, o pessoal fala que tem que arrumar um emprego, que futebol não dá. (...) O marido da minha irmã falava assim para mim:’Você não está em lugar nenhum menina, para de ficar jogando, você é uma bosta’”. As mais velhas citam a proibição de jogar: “Foi um ano que eu parei de jogar bola, de tanto que eu gostava (...), mas a minha família, meus pais, teve um ano que eles me prendiam, não deixavam mais (...) meu pai falava ‘você não vai!’”. As mais novas também reclamam da falta de apoio “A minha mãe nunca falou ‘pô, filha, vamos lá, você vai conseguir’(...). Ela nunca foi assistir a um jogo meu. Então, para mim, dói, eu queria que ela me visse jogar pelo menos uma vez.”

DE ROSE JR et all (2004), referindo-se a uma série de estudos sobre stress no esporte, e levantando todos os pontos centrais destes estudos, detectaram que uma das causas mais citadas enquanto fator estressante não – competitivo são “problemas familiares”. Os autores entendem que

Em estudos feitos com atletas de alto rendimento em diferentes modalidades como o atletismo, basquetebol, futebol, ginástica olímpica, handebol, luta olímpica, natação e patinação artística, entre outras, ficou evidente que as situações geradoras de “stress” estão relacionadas a dois fatores gerais: competitivos e extracompetitivos. Segundo vários autores as situações causadoras de stress são muito variadas e ocorrem indistintamente em diferentes modalidades esportivas. (DE ROSE JR et all, 2004, p. 387).

Os dados revelados pelos discursos das futebolistas aqui estudadas, conforme já mencionado anteriormente, também apontam para esta diversidade de fatores que potencialmente geram stress, que pertencem ao espectro do esporte, mas que estão vinculados por vezes direta, e outras vezes indiretamente, ao processo competitivo.

Se a família é um fator importante, já mencionado na discussão da questão 3 desta pesquisa, onde as atletas apontaram como é fundamental ter o apoio da família, seguramente conflitos ou mesmo a ausência da família em momentos centrais dentro do futebol será uma situação que, para muitas, ocasionará o *stress*.

Um dos discursos das atletas menores (1 entre as 22 respostas encontradas, ou 4,55%), que guarda relação com a das mais velhas (2 dentre 13 respostas, 15,38%) em relação a situações estressantes, é relativa aos problemas físicos que geram stress, sobretudo quando a atleta precisa jogar. As mais novas relacionam problemas físicos a contusões, ao dizerem que “estressante é quando a gente está contundida e precisa jogar”. Já as mais velhas questionam a falta de preparo físico, falando que “o que mais me estressa (...) é o cansaço físico, a coisa mais estressante é não estar preparada num time, e jogar contra um adversário cujo time está mais preparado,

então acho que tem um problema muscular, físico, de impacto, essas coisas me deixam estressadas”.

Em relação aos machucados, Abrahamson e Kaplan (2001), ao proporem um novo modelo ecossistêmico para o tratamento de atletas lesionados, analisam que, nos últimos anos, houve um aumento dos estudos relativos a relação destes com o stress, uma vez que as maiores descobertas que apareceram nas pesquisas que estudam a relação entre contusões físicas e stress sugerem que atletas com altos níveis de stress “(...) mais especificamente *distress*, são mais propensos a se machucarem (...) pois as relações entre stress e contusões esportivas são muito complexas e demandam, para sua compreensão, de uma plethora de idéias e filosofias (ABRAHAMSON E KAPLAN, 2001, p. 87). Os autores perceberam ainda que, uma vez a contusão instalada, o perfil psicológico do atleta – personalidade, histórico de estressores e recursos de *coping*, estados de ansiedade, tensão muscular, entre outros – deve ser levantado, pois é nesta hora em que o atleta se defronta com uma batalha biopsicossocial, tem que lidar com decisões difíceis e uma percepção muito freqüente que as consequências da lesão são imprevisíveis, o que acarreta uma elevação dos níveis de *stress*. (ABRAHAMSON E KAPLAN, 2001).

Segundo Soulard, Fournier, Arripe-Longueville e Fleurance (2001), que estudaram a percepção de suporte social entre os atletas de elite franceses que passaram por períodos lesões,

as contusões esportivas são situações altamente estressantes por diversas razões, especialmente porque elas forçam os atletas a: a) redefinirem seus papéis e sua auto-imagem; b) reconfigurar suas próprias habilidades; c) refazer planos presentes e futuros de carreira; d) superar decepções e frustrações, em virtude do decréscimo da autoconfiança e do desenvolvimento de pensamentos negativos (SOULARD, FOURNIER, ARRIPE-LONGUEVILLE e FLEURANCE, 2001, p. 85).

De Rose Jr., Deschamps e Korsakas (1999, p. 223), encontraram entre os basquetebolistas brasileiros, pontos relacionados ao stress das contusões,

especialmente quando há uma “desvalorização do jogador parado em função de contusão”, ou até a “falta de apoio ao jogador contundido”.

Por outro lado, as mais velhas, ao apontarem que a falta de preparo e mesmo o cansaço físico são situações estressantes, colocam um problema sempre apontado por atletas de rendimento. Quando estudaram os atletas da seleção brasileira de handebol que se preparavam para os Jogos Olímpicos de Barcelona, em 1992, jogadores que possuíam em média 12 anos de treinamento na modalidade, De Rose Jr., Simões e Vasconcellos (1994) se depararam com a mesma problemática, pois os atletas destacaram, dentre as diversas situações de stress diretamente relacionadas ao jogo, o “jogar em más condições físicas” como sendo a circunstância mais estressante. Caso o atleta não consiga se preparar de forma a enfrentar com sucesso as diversas demandas do jogo, sejam elas físicas, técnicas, táticas ou psicológicas, os autores perceberam que ele sofrerá uma variedade de consequências, como “(...) cansaço, irritação, descontrole emocional, etc.” (DE ROSE JR., SIMÕES E VASCONCELLOS, 1994, p. 35).

Em sua pesquisa com jogadores de basquetebol, De Rose Jr., Deschamps e Korsakas (1999), também relataram

uma outra fonte de “stress” relacionada ao fator “jogo”, denominada “estado físico”, que engloba situações como jogar fisicamente mal preparado ou contundido, também foram definidas como causadoras de “stress” (DE ROSE JR., DESCHAMPS E KORSAKAS, 1999, p. 226).

O grupo também foi apontado como um gerador de stress importante, ou seja, a dificuldade de conviver em grupo pesa, sobretudo para as atletas menores (05 dentre as 22 respostas, ou 22,73% delas menciona isto). As mais velhas também vêem no grupo uma fonte de stress, embora não tão acentuadamente em termos quantitativos (2 dentre as 13 respostas, ou 15,38%). As mais novas, provavelmente, enfrentam mais problemas com grupo até em virtude da idade, estarem aprendendo a conviver em equipe e longe da família, algo com que as mais velhas estão, em função mesmo do tempo de prática e da idade, um pouco mais acostumadas.

As menores se queixam das fofocas e rusgas entre as companheiras de equipe: “Com colegas de equipe, quando ocorre desunião, estressa, são aquelas que têm rivalidades, e muitas vezes aquelas picuinhas, uma querendo tirar o tapete da outra”. Já as mais velhas percebem que o cotidiano é muito desgastante, pois “é difícil conviver com muitas meninas... coisa de alojamento é meio estressante, muita mulher, cabeça diferente (...). Na casa onde eu moro tem um banheiro para 12 mulheres, às vezes isso é muito estressante”.

Dificuldades de convivência em grupo são absolutamente correntes em todos agrupamentos humanos, principalmente naqueles que, por força do trabalho, são obrigados a uma convivência intensa por longos períodos de tempo. Concentrações longas, muito tempo afastado da família, o cotidiano com pessoas com hábitos muito diferentes entre si, o espaço reduzido, a inexperiência, as disputas de posições, os pequenos sub-grupos que se estabelecem, tudo isso que faz parte do ambiente em que as atletas vivem diariamente, são situações potencialmente geradoras de stress.

Os estudos que aqui vêm sendo citados novamente trazem dados que estão em concordância com os discursos que as atletas produziram, sobre os fatores extracompetitivos que geram stress.

De Rose Jr., Deschamps e Korsakas (1999, p.223) descobriram, em meio aos atletas de basquetebol, diversos pontos relativos a problemas de convivência em grupo que poderiam com certeza ter sido citados pelas futebolistas; os autores se depararam com questões como “as vaidades pessoais que prejudicam o grupo”, e mesmo “a falta de integração do grupo”, as fofocas e a inveja, a deslealdade entre membros ou mesmo a disputa por status e poder dentro do grupo, e a “falta de respeito ao espaço e aos hábitos pessoais”.

Em pesquisa anterior com os atletas de handebol de selecionado nacional, ao estudar os estressores chamados de extracompetitivos, De Rose Jr., Simões e Vasconcellos (1993, p. 291) apontaram alguns como “muito tempo distante da família”, “período longo de preparação”, “condições inadequadas de alojamento e de alimentação” como sendo fatores altamente estressantes, o que novamente vai ao encontro dos discursos das atletas aqui estudadas.

Falta de dinheiro foi mais um ponto em comum que apareceu tanto no discurso das atletas mais novas (sintetizado na categoria H, “dificuldades materiais

geram stress”, que apresentou duas dentre as 22 respostas, ou 9,09%) quanto no das mais velhas (reunido na categoria H, “falta de patrocínio gera stress”, com também duas dentre 13 respostas, ou 15,38%).

As mais novas comentam que “a dificuldade tem todo dia (...) tem que ir a pé para o treino, tem que voltar a pé, às vezes ir sem comer, sair muito cedo para poder chegar no horário, acho que foi bem estressante”. Já as mais velhas, neste quesito, são sucintas: para elas, o que mais as estressa é a “falta de patrocínio e incentivo”.

Este ponto também ocorreu com os jogadores de basquetebol pesquisador por De Rose Jr., Deschamps e Korsakas (1999), que declararam ser uma grande fonte de stress as questões salariais, o futuro incerto das equipes, os atrasos de salários, as acomodações ruins, enfim, uma série de questões materiais que também os deixavam estressados.

Uma citação que apenas as mais novas fizeram foi sobre a questão da torcida ser geradora de *stress* (uma ou 4,55% das respostas falam sobre isso), a atleta reclama que “eu acho que ainda é a torcida que não reconhece, a gente está dando o máximo de si e as pessoas gritam ‘ah! Perna de pau!’ E palavrões, isso chateia mesmo! O que falta para não estressar, para não mais haver chateação e reconhecimento, acho que é isso que deixa a gente mais para baixo. Com certeza rola *stress* com a torcida”.

Certamente, a avaliação social tem um peso muito grande para os atletas, que afinal realizam uma atividade que é pública, e sobre a qual qualquer um, em princípio, pode assistir e dar a sua opinião, fazer a sua crítica, principalmente no futebol, em que temos mais de cem milhões de “técnicos” no país.

Os estudos com os atletas de basquetebol de alto nível confirmam que estes com cobranças externas, e por se sentirem obrigados a sempre ganharem os jogos. (DE ROSE JR., DESCHAMPS e KORSAKAS, 1999). De Rose Jr. et all (2004) também citam que as pressões externas que ocorrem no esporte competitivo podem se tornar numa ameaça ou mesmo fonte de insegurança para a auto-estima do atleta, levando-o a vivenciar situações de stress. Especificamente, os autores citam dentre as pressões externas, “(...) comportamento da torcida e crítica de companheiros de equipe”. (DE ROSE JR. et all, 2004, p. 387).

A problemática do assédio sexual dentro de uma equipe, mais especificamente, do assédio de uma atleta sobre outra, também é levantado por um discurso (4,55% das respostas) das mais novas. A atleta declara que havia uma outra que gostava dela, mas que ela não correspondia: “Eu tinha muito medo, ela falava em se matar, tinha uma ponte lá e ela falava que iria pular da ponte (...) ficava com aquilo na cabeça, eu tinha 15 anos e ela tinha 20. Uma vez ela ficou trancada lá em cima, bebendo remédio, chorando e eu indignada(...)”.

Menesson e Clément (2003), que estudaram a homossexualidade em meio aquilo que elas chamaram de homosocialização feminina no ambiente de equipes de futebol, perceberam que o comportamento sexual homossexual é um elemento-chave que estrutura a vida das equipes femininas, pois no interior destas são criados dois sub-grupos, um de ‘homos’ e outro de ‘heteros’, e que no cotidiano das equipes, em hotéis, restaurantes, e outros lugares, estes grupos ficam apartados entre si. No entanto, a existência de um relativo grau de tolerância em relação a diferentes comportamentos sexuais é visível no futebol feminino, e, segundo as autoras, “(...) contrasta profundamente com a brutal rejeição da homossexualidade no meio do futebol masculino e outros esportes coletivos” (MENESSON e CLÉMENT, 2003, p. 319).

No entanto, como relatam Cox e Thompson (2000), o mito da atleta lésbica ainda está fortemente presente no meio do futebol feminino, e é reforçado por um outro mito, que sustenta que as lésbicas são predadoras sexuais. Desta forma, uma das fontes de maior tensão e stress relatadas por muitas jogadoras entrevistadas pelas autoras, é o momento de ter um contato mais próximo com as outras jogadoras, sobretudo aquelas reconhecidamente homossexuais, como é o caso do banho após os jogos, nos vestiários. As autoras relatam que as atletas declaravam-se “apavoradas” com a possibilidade das lésbicas ficarem olhando para elas o tempo todo. Porém, como anotaram Cox e Thompson (2000), as lésbicas também estavam conscientes e amedrontadas com o fato das heterossexuais pensarem que elas poderiam estar as admirando com desejo sexual, e evitavam tomar banho defronte aquelas que não compartilhassem o mesmo comportamento sexual. Desta forma, segundo as autoras, ambos os grupos usavam estratégias para se manterem distantes, principalmente dentro dos vestiários.

Estas pesquisas mostram o quanto o homossexualismo, no meio do futebol feminino, é um ponto central, mas também gerador de stress. E este stress relacionado ao homossexualismo presente no futebol feminino, provavelmente interfere em um aspecto gerador de stress que foi citado tanto pelas mais novas quanto pelas mais velhas, e que mais uma vez surge neste trabalho: o preconceito.

O preconceito enquanto fonte de *stress* é citado em duas das 13 respostas das mais velhas (15,38%), e por quatro das 22 respostas das mais novas (18,18%), sendo assim, em ambas categorias de idade, a segunda maior categoria em termos quantitativos, só ficando abaixo das questões do stress referentes à convivência em grupo. As mais velhas colocam que “Foi o que as pessoas falavam no começo, o preconceito era muito grande, as pessoas ‘tiravam’, falavam, criticavam, e isso foi me estressando. (...) Preconceito, acho que esse é o fundamental acho que de dez meninas que você perguntar todas vão falar preconceito”. Já as menores, ao falarem sobre a estreita relação entre estes dois temas, dizem que “(...) o mais estressante mesmo é o preconceito, preconceito é com o que a gente se estressa. O preconceito hoje em dia é muito grande ainda. Tem pessoas que não investem, acho que é muito preconceito ainda, no começo quando eu jogava o pessoal falava ‘ah, bando de sapatão’”.

Entretanto, por ser um tema que favorece o surgimento de aspectos ideológicos a ele ligados, os dois grupos etários ancoram discursos sobre a relação entre o stress e enfoques preconceituosos. As mais velhas generalizam, ao dizerem que “Falavam que o futebol não era para mulher, era para homem, *todas* as que você perguntar vão falar preconceito”. Já as mais novas se queixam da identificação da atividade com a sua identidade de sexo e de gênero, ao ancorarem seu discurso falando que “(...) as meninas no futebol feminino são femininas, não é porque a gente joga bola que a gente vai ser homem, é muito preconceito”.

Retomando o texto de Crochik (1997), em sua ampla abordagem sobre o preconceito, nos revela que os estereótipos sobre os quais os preconceitos se calcam, não são apenas criados pelo indivíduo para se defender daquilo que para ele é ameaçador - o desconhecido - mas são frutos da própria cultura, que formula estereótipos que formarão preconceitos, aos quais o indivíduo deverá se adaptar, para participar deste mundo falsamente harmônico. Logo adiante, resgatando Freud o qual

comentava que, se a natureza humana propicia a hostilidade entre indivíduos e grupos, a cultura poderia ser uma fonte de conciliação entre as pessoas, ao sublimar estes sentimentos hostis. No entanto, Crochik (1997) anota, se da época de Freud para os dias de hoje as possibilidades de uma vida livre sem as amarras e normas sociais tão rígidas daqueles tempos aumentou, por outro lado

“(...) o número de regras e controles de comportamento não diminuiu, ao contrário, como vimos, a adesão do indivíduo à cultura para garantir a sua sobrevivência obriga-o a um abandono cada vez maior de seus desejos”. (CROCHIK, 1997, p. 119)

No entanto, esclarece o autor, a cultura da qual ele fala não é uma cultura que mereceu um aprofundamento e um estudo rigoroso, mas sim aquela que foi incorporada superficialmente, não permitindo que o indivíduo tivesse contato com a experiência e o conceito das coisas, permanecendo em um plano raso, sem ter condições de mediar a informação da cultura por meio de seu pensamento autônomo, criando assim uma série de preconceitos para lidar com as coisas da cultura social. O autor esclarece que

Do lado da cultura isto significa a sua banalização; do lado do indivíduo, o seu enfraquecimento. Ele incorpora diversas informações para estar ‘a par’ e não se tomado como ignorante, o que seria um golpe ao seu já fragilizado ego. (CROCHIK, 1997, p. 121).

Mais uma vez percebe-se aqui que o preconceito contra as futebolistas é embasado em noções e pré-conceitos que as desestimula e as enfraquece, ao mesmo tempo em que atenta contra a sua própria saúde emocional, criando situações de forte *stress*. Ao mesmo tempo, como pesquisaram Menesson e Clément (2003), o preconceito e a negação do valor do futebol feminino por grande parte da sociedade e, sobretudo do *establishment* esportivo, em conjunto com a ridicularização e o preconceito que as atletas sofrem por parte dos homens, aliados a uma vida passada

em contextos homosociais, tudo isso em conjunto favorece o envolvimento em práticas homossexuais – as quais, como mencionado anteriormente, são alvos de profundos preconceitos sociais, os quais, por sua vez, alimentam o *stress* psicológico vivido por estas atletas, o que, em uma análise como a que aqui se faz, calcada nos direitos humanos sociais e culturais, acaba por ser uma afronta a estes próprios direitos.

Sobre este ponto do direito humano à saúde, PITANGUY (2002) possui uma reflexão muito interessante e abrangente. Reconhecido peremptoriamente pela plataforma DHESC (Direitos Humanos Econômicos, Sociais e Culturais) como um direito humano, e definido pela Organização Mundial de Saúde como um estado que vai além da ausência de doença, mas contempla um completo bem – estar físico e mental do cidadão, o direito à saúde, para a autora, muitas vezes é violado quando, não obstante as condições de pobreza que dificultam a obtenção daquele estado de bem – estar já referido,

(...) as relações desiguais de poder e a *desvalorização cultural* que marcam a experiência existencial de determinados grupos sociais também afetam o seu estado de bem – estar, do mesmo modo constituindo uma violação de seu direito à saúde.
(PITANGUY, 2002, p. 115, grifo nosso).

Sendo assim, refletir sobre uma prática esportiva livre de preconceitos é também propor uma ampliação de direitos das atletas, uma vez que elas mesmas percebem e falam que o preconceito acaba por gerar um stress, incompatível com um estado emocional de bem estar, que é direito humano de todas e todos.

Este tópico da discussão do stress mostrou-se absolutamente de acordo com as próprias características deste fenômeno, que tanto no seu aspecto mais global da vida, quanto especificamente no interior do esporte, é algo que possui causas múltiplas e que tem várias facetas.

Vejamos no tópico a seguir o que as atletas estão falando sobre a própria competição que participaram, o Campeonato Paulista Feminino de Futebol de 2004.

5.2.6 Pergunta 6 - *Comente sobre o campeonato paulista de 2004.*

5.2.6.1 Pergunta 6 – Resultados (16-21 anos)

A) Resumo e categorias das Idéias Centrais

RESUMO DAS IDÉIAS CENTRAIS (16 A 21 ANOS)

6 - Comente sobre o campeonato paulista de 2004.

	Expressões Chave	Idéia Central	
Alice	Bom eu não participei dos outros que tiveram, mas eu acho que está bem organizado, todos os times são bons, não tem time ruim.	Está bem organizado, todos os times são bons.	A
Eva	É a primeira vez que eu estou vindo aqui. Eu estou achando muito interessante, muito organizado, a comida é muito <i>show</i> .	Eu estou achando muito interessante, muito organizado.	A
Rute	É das primeiras vezes que eu estou participando, um campeonato legal, eu gostei muito.	Um campeonato legal, eu gostei muito.	A
Vanda	Eu acho um campeonato muito forte, muito grande, são 32 equipes e é um superincentivo, é uma coisa maravilhosa que eles estão fazendo, e se derem continuidade é um destaque enorme para o futebol feminino. Isso incentiva muito o futebol feminino. Agora está sendo maravilhoso, você chegar e ver gente reconhecendo você, parar você na rua e falar assim "pô te vi na televisão!" Que maravilha, então, o campeonato paulista está sendo maravilhoso para cada uma de nós, está tendo divulgação, incentivo, garra, determinação está sendo tudo, com certeza motivação em dobro.	O campeonato paulista está sendo maravilhoso para cada uma de nós, está tendo divulgação, incentivo, garra, determinação está sendo tudo, com certeza motivação em dobro.	A
Dulce	Ele está sendo importante para o futebol feminino. Mas a gente esperava um pouquinho mais, uma organização	Ele está sendo importante para o futebol feminino. Mas	B

	melhorzinha, mas tudo bem.	a gente esperava um pouquinho mais, uma organização melhorzinha.	
Geni	Foi um início, foi um bom início, eu acho que para o começo está sendo meio corrido, ser a cada 15 em 15 dias, 3 dias seguidos, o certo seria ter uns dias corretos, ter um tempo de recuperação para todas as equipes, não só uma ou outra.	Foi um início, foi um bom início, eu acho que para o começo está sendo meio corrido.	B
Zélia	Acho que o campeonato paulista não tem time ruim e nem bobo, são times bons mesmos. Mas aconteceu assim muito rápido porque no ano que eu participei em 2000 e 2001 foi um campeonato paulista muito bem feito. Investiram, foi muito legal mesmo, agora esse está meio devagar.	O campeonato paulista não tem time ruim e nem bobo, são times bons mesmos. Mas aconteceu assim muito rápido e está meio devagar.	B
Nair	Está sendo bom, a organização que não é boa, mas vai evoluir, a gente espera.	Está sendo bom, a organização que não é boa.	B
Fátima	Eu acho que vai ser legal, para difundir mais o futebol feminino, para dar mais valor para a gente. Acho que se der certo vai ser legal, espero que dê certo.	Eu acho que vai ser legal, para difundir mais o futebol feminino, espero que dê certo.	C
Hilda	Olha a primeira fase para nós foi boa, todas nós fomos muito bem recebidas, foi ótimo lá. A estadia é muito boa, o pessoal aqui de Cotia é legal. Acho que isso é muito importante mesmo, está bem divulgado e é importante pra todas nós sermos um pouquinho reconhecidas, e para mim está bom. Acredito que nos próximos anos seja melhor um pouco.	Está bem divulgado e é importante pra todas nós sermos um pouquinho reconhecidas, e para mim está bom. Acredito que nos próximos anos seja melhor um pouco.	C
Ivone	Acho que é uma coisa que está dando certo. Agora que abriram o olho, acho que isto está ajudando muito as equipes do Interior, dando oportunidade para as equipes das universidades, acho que é isso aí, a tendência é crescer, e o pessoal esta adorando.	Acho que isto está ajudando muito as equipes do Interior, dando oportunidade para as equipes das universidades.	C
Juçara	Com certeza é a melhor oportunidade que o futebol feminino no Brasil já teve. A gente está começando a ter mídia, a chamar a	É uma porta que está se abrindo, e certamente virão	C

	atenção de patrocinadores, com certeza é uma porta que está se abrindo, e certamente virão outras.	outras.	
Keila	Eles estão vendo que a mulher também no futebol tem um grande futuro, que nem as garotas que foram a Atenas, trouxeram uma prata que na real era ouro, se não tivessem passado a mão era ouro mesmo.	A mulher também no futebol tem um grande futuro.	C
Lúcia	Acho que se não caminhar agora, o futebol feminino não vai mais para frente. Acho que se não for caminhar agora não caminha mais, porque as portas que estão abrindo é agora. Porque se você vai ganhar, que seja uma ajuda de custo ou uma faculdade, então tem que abrir mais as portas para o futebol feminino. Elas estão aí e se Deus quiser o Campeonato vai encarrilhar melhor e vai abrir portas melhores para o ano que vem. E agora acho que este campeonato vai ajudar, acho que será bacana e acho que vai ter que melhorar agora.	As portas que estão abrindo é agora.	C
Mônica	É um evento que vai repercutir bastante por causa do trabalho que elas fizeram na Olimpíada. Vai ser um passo grande, talvez até para o profissionalismo, que aí por cima começa a profissionalizar o futebol feminino.	Vai ser um passo grande, talvez até para o profissionalismo.	C
Nair	Está sendo bem legal este campeonato, está todo mundo do futebol mesmo, do feminino, porque está crescendo, vamos ver se cresce aqui agora no Brasil.	Está sendo bem legal este campeonato, porque está crescendo, vamos ver se cresce aqui agora no Brasil.	C
Paula	Eu gostei da idéia deles, porque assim acho que vai ajudar bastante a crescer o futebol, a partir do ano que vem eles já estão pensando em profissionalismo, então é uma ajuda assim que motiva as atletas, esse campeonato está servindo como uma motivação.	Eu gostei da idéia deles, porque assim acho que vai ajudar bastante a crescer o futebol.	C
Sara	Eu acho que tem tudo para dar certo, não só esse ano, mas o ano que vem e os outros e outros. Eu acho que eles estão vendo coisas muito amplas, para frente e esse aqui foi só o começo, pode ser muito bom, até que enfim estão investindo, acho que agora chegou a	Eu acho que eles estão vendo coisas muito amplas, para frente e esse aqui foi só o começo.	C

	hora.		
Tais	É um campeonato legal, que seja assim todos os anos. A coisa agora vai ser legal, como eles falaram que vão ter que ser federadas por um time masculino, então, vai ser uma coisa mais organizada. Acho que vai ser uma coisa mais bem visada e organizada.	Acho que vai ser uma coisa mais bem visada e organizada.	C
Zélia	O campeonato paulista é uma porta que abre para os times que tem muitas meninas boas e que eles não vêm, tem mais possibilidade de você ter portas para abrir, você tem que vir para fora para você conseguir alguma coisa.	O campeonato paulista é uma porta que abre para os times que tem muitas meninas boas e que eles não vêm.	C
Geni	Foi um bom início, foi um bom começo, eu acho que a secretaria de esportes deu esse incentivo para melhorar mesmo o futebol, para aos poucos ir crescendo e acho que daqui para frente é só melhorar cada vez mais e ter um apoio melhor.	Foi um bom início, foi um bom começo, para aos poucos ir crescendo e acho que daqui para frente é só melhorar cada vez mais e ter um apoio melhor.	C
Bruna	Eu acho que não está tão organizado quanto... as minhas colegas participaram dos outros do ano passado, eles falaram que foi bem mais organizado, esse aqui acho que porque foi muito em cima também	Eu acho que não está tão organizado quanto do ano passado.	D
Célia	Uma várzea. Teve um lance de uma jogadora, ela tomou uma bolada no rosto, afetou o olho, e ali estava o médico sem material nenhum pra trabalhar com ela. Inclusive o médico da organização do Paulista nem foi atender, quem atendeu foi o da equipe mesmo. Uma várzea, não tinha ambulância para levar ela para o hospital, o médico chegou atrasado... Teve um outro jogo do Botucatu, uma atleta se machucou no final e demoraram em entrar com a maca, ela caiu com tontura, o médico entrou mas não tinha um material na mão pra atender a atleta, ela precisou ir para o hospital e não tinha ambulância, ficamos esperando mais de 40 minutos a ambulância.	Uma várzea.	D

CATEGORIAS DAS IDÉIAS CENTRAIS DA PERGUNTA 6 (16 A 21 ANOS)

- A - ELOGIOS AO CAMPEONATO**
- B - ELOGIOS COM RESSALVAS**
- C - PORTAS QUE SE ABREM**
- D - CRÍTICAS AO CAMPEONATO**

QUADRO 42 – Resumo e categorias das Idéias Centrais da pergunta 6 (16 a 21 anos)

B) Resultados quantitativos (percentuais por categoria e gráfico ilustrativo) das Idéias Centrais

RESULTADOS QUANTITATIVOS DAS IDÉIAS CENTRAIS (16 A 21 ANOS)

6 - Comente sobre o campeonato paulista de 2004.

A - ELOGIOS AO CAMPEONATO	4	17,39 %
B - ELOGIOS COM RESSALVAS	4	17,39 %
C - PORTAS QUE SE ABREM	13	56,52 %
D - CRÍTICAS AO CAMPEONATO	2	8,70 %

TOTAL DE RESPOSTAS DA PERGUNTA	23
--------------------------------	-----------

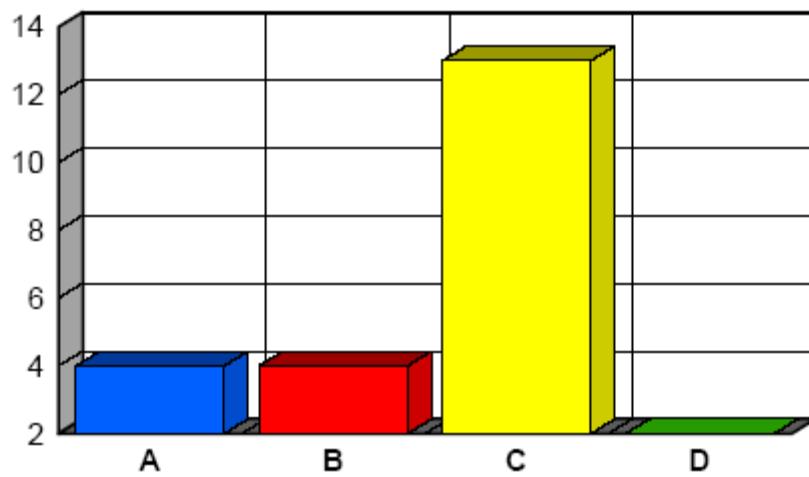


FIGURA 20 – Resultados quantitativos das Idéias Centrais da Pergunta 6 (16 a 21 anos)

C) Discurso do sujeito coletivo das categorias formadas pelas Idéias Centrais

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DAS IDÉIAS CENTRAIS (16 A 21 ANOS)

6 - Comente sobre o campeonato paulista de 2004.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA A - ELOGIOS AO CAMPEONATO

É das primeiras vezes que eu estou participando, eu não participei dos outros que tiveram, é um campeonato legal, muito interessante, muito organizado, a comida é muito *show*. E todos os times são bons, não tem time ruim, eu acho um campeonato muito forte, muito grande, são 32 equipes e é um superincentivo. É uma coisa maravilhosa que eles estão fazendo, e se derem continuidade é um destaque enorme para o futebol feminino. Isso incentiva muito o futebol feminino. Agora está sendo maravilhoso, você chegar e ver gente reconhecendo você, parar você na rua e falar assim "pô te vi na televisão!" Que maravilha, então, o campeonato paulista está sendo maravilhoso para cada uma de nós, está tendo divulgação, incentivo, garra, determinação está sendo tudo, com certeza motivação em dobro.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA B – ELOGIOS COM RESSALVAS

O campeonato paulista de 2004 foi um bom início, está sendo importante para o futebol feminino, a cada dia aparecem muitos times bons mesmos, acho que o campeonato paulista não tem time ruim e nem bobo, são times bons mesmos. Mas a gente esperava um pouquinho mais, aconteceu assim muito rápido, a organização não é boa, eu acho que para o começo está sendo meio corrido, ser a cada 15 em 15 dias, 3 dias seguidos, o certo seria ter uns dias corretos, ter um tempo de recuperação para todas as equipes, não só uma ou outra. Foi um início, está sendo bom, mas vai evoluir, a gente espera uma organização melhorzinha, mas tudo bem.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA C – PORTAS QUE SE ABREM

É um campeonato legal, o campeonato paulista é uma porta que abre para os times que tem muitas meninas boas e que eles não vêem, tem mais possibilidade de você ter portas para abrir. Eu acho legal, para difundir mais o futebol feminino, para dar mais valor para a gente. Acho que se der certo vai ser legal, espero que dê certo, é uma coisa que está dando certo. Acho que este campeonato vai ajudar, esse aqui foi só o começo, pode ser muito bom, até que enfim estão investindo, acho que agora chegou a hora. Agora que abriram o olho, acho que isto está ajudando muito as equipes do Interior, dando oportunidade para as equipes das universidades, acho que é isso aí, a tendência é crescer e o pessoal está adorando. Com certeza é a melhor oportunidade que o futebol feminino no Brasil já teve, a gente está começando a ter mídia, a chamar a atenção de patrocinadores, com certeza é uma porta que está se abrindo e certamente virão outras. Eles estão vendo, que a mulher também no futebol tem um grande futuro, que nem as garotas que foram a Atenas, trouxeram uma prata que na real era ouro, se não tivessem passado a mão era ouro mesmo. Acho que se não caminhar agora o futebol feminino não vai mais para frente, se não caminhar agora não caminha mais, porque as portas que estão abrindo é agora. Porque se você vai ganhar, que seja uma ajuda de custo ou uma faculdade, então tem que abrir mais as portas para o futebol feminino. Elas estão aí e se Deus quiser o Campeonato vai encarrilhar melhor e vai abrir portas melhores para o ano que vem, acho que será bacana e que nos próximos anos seja melhor um pouco. É um evento que vai repercutir bastante por causa do trabalho que elas fizeram na Olimpíada. Que repercutiu bastante e vai ser um passo grande, talvez até para o profissionalismo, que aí começa a profissionalizar o futebol feminino, a partir do ano que vem eles já estão pensando em profissionalismo, então é uma ajuda assim que motiva as atletas, esse campeonato está servindo como uma motivação. Acho que isso é muito importante mesmo, muito bom, está bem divulgado e é importante para todas nós sermos um pouquinho reconhecidas

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA D – CRÍTICAS AO CAMPEONATO

Uma várzea. As minhas colegas participaram dos outros do ano passado, eles falaram que foi bem mais organizado, esse aqui acho que porque foi muito em cima também. Teve um lance de uma jogadora, ela tomou uma bolada no rosto, afetou o olho e ali estava o médico sem material nenhum pra trabalhar com ela. Inclusive o médico da organização do Paulista nem foi atender, quem atendeu foi o da equipe mesmo. Uma várzea, não tinha ambulância para levar ela para o hospital, o médico chegou atrasado... Teve um outro jogo do Botucatu, uma atleta se machucou no final e demoraram em entrar com a maca, ela caiu com tontura, o médico entrou mas não tinha um material na mão para atender a atleta, ela precisou ir para o hospital e não tinha ambulância, ficamos esperando mais de 40 minutos a ambulância.

QUADRO 43 – DSC das Idéias Centrais da pergunta 6 (16 a 21 anos)

D) Resumo e categorias das Ancoragens

RESUMO DAS ANCORAGENS (16 A 21 ANOS)**6 - Comente sobre o campeonato paulista de 2004.**

	Expressões Chave	Ancoragem	
Juçara	Com certeza é a melhor oportunidade que o futebol feminino no Brasil já teve. É uma abertura muito grande. É uma porta que está se abrindo e certamente virão outras.	Com certeza é a melhor oportunidade que o futebol feminino no Brasil já teve.	A
Lúcia	Acho que se não caminhar agora o futebol feminino não vai mais para frente. Porque, acho que as meninas foram bem nas Olimpíadas, agora tem o Mundial vão disputar terceiro e quarto as meninas. Acho que se não for caminhar agora não caminha mais, porque as portas que estão abrindo é agora.	Acho que se não for caminhar agora não caminha mais, porque as portas que estão abrindo é agora.	A
Sara	Eu acho que eles estão vendo coisas muito amplas, para frente e esse aqui foi só o começo. Agora chegou a hora, não só dos dirigentes, comissão técnica, organizadores, das meninas também. Das meninas fazerem a sua parte e procurarem treinar e visar o futebol feminino, agora é hora de mostrar a força do futebol feminino brasileiro.	Agora é hora de mostrar a força do futebol feminino brasileiro.	A
Vanda	Eu acho um campeonato muito forte, muito grande, são 32 equipes e é um superincentivo, é uma coisa maravilhosa que eles estão fazendo, e se derem continuidade é um destaque enorme para o futebol feminino. O campeonato paulista está sendo maravilhoso para cada uma de nós, está tendo divulgação, incentivo, garra, determinação está sendo tudo, com certeza motivação em dobro.	Eu acho um campeonato muito forte, muito grande, é uma coisa maravilhosa que eles estão fazendo, e se derem continuidade é um destaque enorme para o futebol feminino.	A

CATEGORIAS DAS ANCORAGENS DA PERGUNTA 6 (16 A 21 ANOS)

A - MELHOR OPORTUNIDADE DO FUTEBOL FEMININO

QUADRO 44 – Resumo e categorias das Ancoragens da pergunta 6 (16 a 21 anos)

E) Resultados quantitativos (percentuais por categoria e gráfico ilustrativo) das Ancoragens

RESULTADOS QUANTITATIVOS DAS ANCORAÇÕES (16 A 21 ANOS)

6 - Comente sobre o campeonato paulista de 2004.

A - MELHOR OPORTUNIDADE DO FUTEBOL FEMININO 4 100,00%

TOTAL DE RESPOSTAS DA PERGUNTA 4

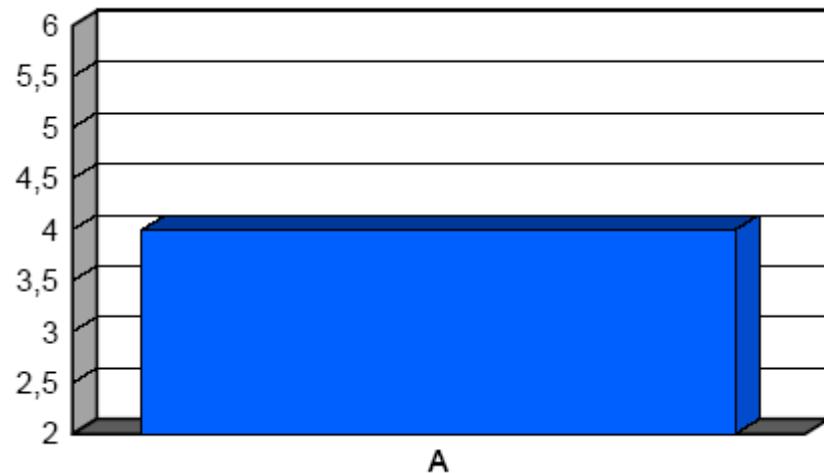


FIGURA 21 – Resultados quantitativos das Ancoragens da Pergunta 6 (16 a 21 anos)

F) Discurso do sujeito coletivo das categorias formadas pelas Ancoragens

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DAS ANCORAGENS (16 A 21 ANOS)

6 - Comente sobre o campeonato paulista de 2004.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA A – MELHOR OPORTUNIDADE DO FUTEBOL FEMININO

O campeonato paulista está sendo maravilhoso para cada uma de nós, acho que se não caminhar agora o futebol feminino não vai mais para frente, porque as portas que estão abrindo é agora. Agora chegou a hora, não só dos dirigentes, comissão técnica, organizadores, das meninas também. Das meninas fazerem a sua parte e procurarem treinar e visar o futebol feminino, agora é hora de mostrar a força do futebol feminino brasileiro. Com certeza é a melhor oportunidade que o futebol feminino no Brasil já teve. É uma abertura muito grande. É uma porta que está se abrindo e certamente virão outras. Porque, acho que as meninas foram bem nas Olimpíadas, agora tem o Mundial vão disputar terceiro e quarto, é um superincentivo, é uma coisa maravilhosa que eles estão fazendo, e se derem continuidade é um destaque enorme para o futebol feminino.

QUADRO 45 – DSC das Ancoragens da pergunta 6 (16 a 21 anos)

5.2.6.2 Pergunta 6 – Resultados (22 –27 anos)

A) Resumo e categorias das Idéias Centrais

RESUMO DAS IDÉIAS CENTRAIS (22 A 27 ANOS)

6 - Comente sobre o campeonato paulista de 2004.

	Expressões Chave	Idéia Central	
Carla	Ah! Eu estou achando legal, foi uma coisa que eles fizeram, que estava precisando, apesar do futebol feminino não ser muito divulgado. Agora acho que vai para frente com a CBF apoiando, acho que o ano que vem vai melhorar bastante.	Ah! Eu estou achando legal, foi uma coisa que eles fizeram, que estava precisando.	A
Flávia	Acho que é um campeonato de equipes muito fortes, e mostra que o futebol tem como ir para frente e que a gente tem que lutar, realmente continuar. Eu estou muito feliz em estar aqui, realmente é um sonho participar de um campeonato como esse com organização. Quando eu era pequena não tinha nada disso, acho que hoje é um sonho meu.	Eu estou muito feliz em estar aqui, realmente é um sonho participar de um campeonato como esse com organização.	A
Helen	Eu acho bom, na verdade foi bom que eles estão tentando fazer crescer, acho que é por aí, acho que tinha que dar um começo. Acho que futebol tinha que ser assim, do jeito que está sendo esse campeonato paulista tinha que vir. Acho que foi bom porque é um começo, um pontapé inicial, para que isso não caia e fique só no papel tem que ter a prática.	Acho que foi bom porque é um começo, um pontapé inicial, para que isso não caia e fique só no papel tem que ter a prática.	A
Laura	Está sendo bacana, corrido mas bacana.	Está sendo bacana	A
Bia	Ah o campeonato foi bom acontecer. O último campeonato foi em 2001, e não teve nada neste meio tempo, e só que eu acho que faltou um pouquinho de organização, porque jogar três dias seguidos é muito estressante pra todo mundo, todo mundo acaba se desgastando. Também jogar 40x40...Diminuíram 5 minutos, mas jogar no sol do meio dia, ou jogar a tarde é	Ah o campeonato foi bom acontecer. só que eu acho que faltou um pouquinho de organização.	B

	que é um desgaste muito grande. Mas eu acho que é muito bom e se eles levarem a sério, o ano que vem seguir como estão planejando acho que vai ser uma coisa muito boa para o futebol feminino.		
Deise	Acho que todo incentivo é válido. Foi de uma forma não muito pensada e talvez até desorganizada, eu digo não no sentido de organização aqui, da estrutura do local mas, assim do tempo com certeza é um campeonato corrido, existe até a possibilidade do time que chegar a final e vencer, não sido o melhor time na competição. Porque você jogar três jogos e de repente o terceiro você pode continuar com a tua melhor equipe, ou às vezes alguém se machuca e não consegue jogar algumas horas depois... Mas eu acho que é válido pelo incentivo, alguma coisa tem que ser feita, é um passo inicial que eu acho importante.	Acho que todo incentivo é válido. Foi de uma forma não muito pensada e talvez até desorganizada.	B
Iara	Acho legal, acho uma iniciativa muito legal deles quererem fazer este campeonato. Porém, eu tenho grandes queixas em relação à organização na questão de ter 3 jogos seguidos, coisa que no masculino não existe. Já é difícil a mulher jogar, e ainda eles colocam esta etapa para a gente que é muito desgastante fisicamente. Esta é uma reclamação grande para este campeonato, mas a iniciativa é muito legal desde que a organização seja bem feita.	Acho uma iniciativa muito legal deles quererem fazer este campeonato. Porém, eu tenho grandes queixas em relação à organização.	B
Julia	O Campeonato Paulista de 2004 foi uma ajuda que a gente teve para ter campeonato, para mostrar que existe Futebol Feminino. Mas o campeonato foi muito "prejudicado" pelo fato de terem muitas equipes e um espaço muito curto para ser realizado, os jogos realizados nas Sextas, Sábados e Domingos, descansava durante a semana e se repetia a freqüência. As equipes não estavam preparadas para disputar um Campeonato neste ritmo.	O Campeonato foi uma ajuda para mostrar que existe Futebol Feminino. Mas foi muito "prejudicado" pelo fato de terem muitas equipes e um espaço muito curto para ser realizado.	B
Miriam	Já há bastante tempo eu tenho este sonho de jogar a paulistana. Eu me machuquei, mas joguei três jogos bem, apesar de ter sido meio corrido o campeonato... Está parecendo ser bem mais organizado que o carioca e eu já disputei quatro campeonatos cariocas, e aqui mesmo	Eu me machuquei, mas joguei três jogos bem, apesar de ter sido meio corrido o campeonato... aqui	B

	sendo rápido está parecendo ser bem mais organizado .	mesmo sendo rápido está parecendo ser bem mais organizado.	
Ana	Eu estou achando que de todos os campeonatos que nós participamos, esse é o melhor porque é nesse campeonato que a gente vai mostrar o nosso futebol, eu estou gostando muito desse campeonato, nunca participei de um campeonato desse, é o campeonato da minha vida. É uma oportunidade que a gente não teve lá atrás e está tendo agora.	De todos os campeonatos que nós participamos, esse é o melhor porque é nesse campeonato que a gente vai mostrar o nosso futebol. É uma oportunidade que a gente não teve lá atrás e está tendo agora.	C
Elza	Achei uma iniciativa muito boa. A gente não está acreditando até agora porque terminou os Jogos Abertos do Interior e achamos que íamos ficar paradas até acabar o ano, e de repente vem esse campeonato. A gente ficou muito feliz pois é uma vitrine para realmente ver os times que estão na ativa e como é que estão as coisas.	Achei uma iniciativa muito boa. A gente ficou muito feliz pois é uma vitrine.	C
Gabi	Esse ano está sendo um campeonato totalmente diferente, porque vários times estão tendo mais chances, não tem time bobo neste campeonato, são 32 equipes, e isso está ajudando muito e eu acho muito legal isso, porque estão dando chances, porque têm cidades aí com times bons, meninas boas e não tinham essas chances antes, não era qualquer time que podia disputar um paulista. Então, eu estou achando muito legal isso, e eu tenho certeza que vai crescer muito este campeonato paulista. Este ano está sendo assim, vamos ver como é que vai ser no ano que vem, mas eu acho que vai crescer muito. Este paulista está sendo realmente uma vitrine, principalmente para quem está começando.	Esse ano está sendo um campeonato diferente, e eu acho muito legal isso, porque têm cidades aí com times bons, meninas boas, vai crescer muito este campeonato paulista. Este paulista está sendo realmente uma vitrine.	C
Kelly	Ah! É interessante, acho que isso daí já deveria ter sido feito há mais tempo, porque é bom, porque têm muitos times e muitas meninas boas e, principalmente isso é uma oportunidade para o pessoal do interior, para eles verem o pessoal do interior, que tem muitas meninas boas. Acho que é de suma importância, é mais um estímulo para a gente querer treinar cada vez mais, jogar	É uma oportunidade para o pessoal do interior, é mais um estímulo para a gente querer treinar cada vez mais, e alcançar mesmo a	C

	cada vez mais e alcançar mesmo a meta, o nível de seleção.	meta, o nível de seleção.	
--	--	---------------------------	--

CATEGORIAS DAS IDÉIAS CENTRAIS DA PERGUNTA 6 (22 A 27 ANOS)

A - ELOGIOS AO CAMPEONATO

B - ELOGIOS COM RESSALVAS

C - PORTAS QUE SE ABREM

QUADRO 46 – Resumo e categorias das Idéias Centrais da pergunta 6 (22 a 27 anos)

B) Resultados quantitativos (percentuais por categoria e gráfico ilustrativo) das Idéias Centrais

RESULTADOS QUANTITATIVOS DAS IDÉIAS CENTRAIS (22 A 27 ANOS)

6 - Comente sobre o campeonato paulista de 2004.

A - ELOGIOS AO CAMPEONATO	4	30,77 %
B - ELOGIOS COM RESSALVAS	5	38,46 %
C - PORTAS QUE SE ABREM	4	30,77 %

TOTAL DE RESPOSTAS DA PERGUNTA	13
---------------------------------------	-----------

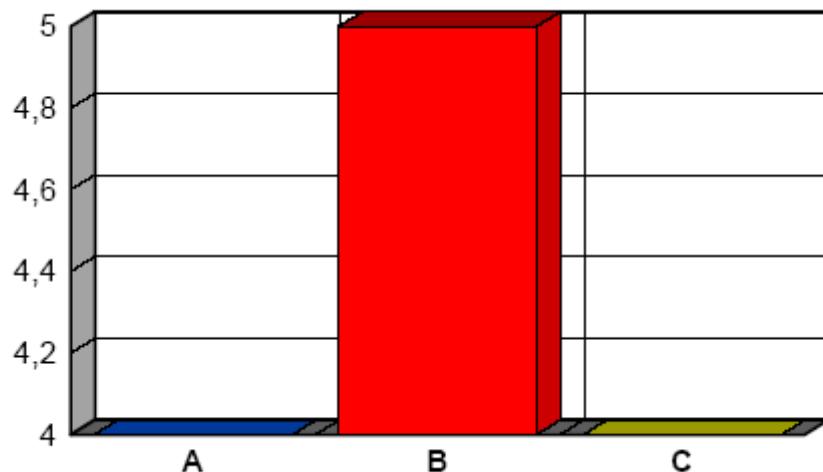


FIGURA 22 – Resultados quantitativos das Idéias Centrais da Pergunta 6 (22 a 27 anos)

C) Discurso do sujeito coletivo das categorias formadas pelas Idéias Centrais

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DAS IDÉIAS CENTRAIS (22 A 27 ANOS)

6 - Comente sobre o campeonato paulista de 2004.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA A - ELOGIOS AO CAMPEONATO

Ah! Eu estou achando legal, achei uma iniciativa muito boa. foi uma coisa que eles fizeram, que estava precisando, está sendo bacana, corrido mas bacana. Eu estou achando que de todos os campeonatos que nós participamos, esse é o melhor. A gente ficou muito feliz, a gente não está acreditando até agora porque terminou os Jogos Abertos do Interior e achamos que íamos ficar paradas até acabar o ano, e de repente vem esse campeonato, é um campeonato de equipes muito fortes e mostra que o futebol tem como ir para frente e que a gente tem que lutar, realmente continuar. Eu estou muito feliz em estar aqui, realmente é um sonho participar de um campeonato como esse com organização. Quando eu era pequena não tinha nada disso, acho que hoje é um sonho meu. É uma oportunidade que a gente não teve lá atrás e está tendo agora, acho que vai para frente com a CBF apoiando, acho que o ano que vem vai melhorar bastante. Eu tenho certeza que vai crescer muito este campeonato paulista, não tem time bobo neste campeonato, são 32 equipes, e isso está ajudando muito e eu acho muito legal isso, porque estão dando chances, porque têm cidades aí com times bons, meninas boas e não tinham essas chances antes, não era qualquer time que podia disputar um paulista.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA B – ELOGIOS COM RESSALVAS

Ah, o campeonato foi bom acontecer, acho que todo incentivo é válido, acho uma iniciativa muito legal deles quererem fazer este campeonato, o último campeonato foi em 2001, e não teve nada neste meio tempo. Só que eu acho que foi de uma forma não muito pensada e talvez até desorganizada, faltou um pouquinho de organização, porque jogar três dias seguidos é muito estressante pra todo mundo, todo mundo acaba se desgastando. Com certeza é um campeonato corrido, existe até a possibilidade do time que chegar a final e vencer de não sido o melhor time na competição. Porque você jogar três jogos e de repente o terceiro você pode continuar com a tua melhor equipe, ou às vezes alguém se machuca e não consegue jogar algumas horas depois... os jogos serem realizados nas Sextas, Sábados e Domingos, descansar durante a semana e repetir a freqüência. Também jogar 40x40... Diminuíram 5 minutos, mas jogar no sol do meio dia, ou jogar a tarde é que é um desgaste muito grande. Eu tenho grandes queixas em relação à organização na questão de ter 3 jogos seguidos, coisa que no masculino não existe. Já é difícil a mulher jogar e ainda eles colocam esta etapa para a gente que é muito desgastante fisicamente. Esta é uma reclamação grande para este campeonato, mas a iniciativa é muito legal desde que a organização seja bem feita, eu acho que é muito bom e se eles levarem a sério, o ano que vem seguir como estão planejando acho que vai ser uma coisa muito boa para o futebol feminino.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA C - PORTAS QUE SE ABREM

Eu nunca participei de um campeonato desse, é uma vitrine para realmente ver os times que estão na ativa e como é que estão as coisas. É o campeonato da minha vida, uma oportunidade que a gente não teve lá atrás e está tendo agora. Esse ano está sendo um campeonato totalmente diferente, porque vários times estão tendo mais chance,são 32 equipes. Eu estou achando que de todos os campeonatos que nós participamos, esse é o melhor porque é nesse campeonato que a gente vai mostrar o nosso futebol, eu estou gostando muito desse campeonato,achei uma iniciativa muito boa . A gente não está acreditando até agora, ficou muito feliz, porque terminou os Jogos Abertos do Interior e achamos que íamos ficar paradas até acabar o ano, e de repente vem esse campeonato, está sendo realmente uma vitrine, principalmente para quem está começando. Então, eu estou achando muito legal isso, e eu tenho certeza que vai crescer muito este campeonato paulista, já deveria ter sido feito há mais tempo, porque é bom, porque têm muitos times e muitas meninas boas e, principalmente isso é uma oportunidade para o pessoal do interior, para eles verem o pessoal do interior, que tem muitas meninas boas.

QUADRO 47 – DSC das Idéias Centrais da pergunta 6 (22 a 27 anos)

D) Resumo e categorias das Ancoragens

RESUMO DAS ANCORAGENS (22 A 27 ANOS)

6 - Comente sobre o campeonato paulista de 2004.

	Expressões Chave	Ancoragem	
Ana	Esse é o melhor e é agora que a gente tem que mostrar, porque quem sabe de repente o ano que vem a gente possa estar em uma seleção, porque é nesse campeonato que a gente vai mostrar o nosso futebol, vai ser o futuro de nossa vida, é que vai sair alguma coisa, então está sendo tudo para nós, Deus abriu as portas. Ele sempre está abrindo as portas para eu passar, é o campeonato da minha vida. É uma oportunidade que a gente não teve lá atrás e está tendo agora.	É nesse campeonato que a gente vai mostrar o nosso futebol, vai ser o futuro de nossa vida	A
Gabi	Eu estou achando muito legal isso, esse quadrangular que estão fazendo separado, muito legal. Estão dando muita oportunidade para os outros times também, e eu tenho certeza que vai crescer muito este campeonato paulista. Vai dar chance para muitas meninas que estão começando por aí, que têm chance de estourar, porque o Brasil tem muitas meninas boas espalhadas que a gente vai descobrir assim através dos campeonatos. Este paulista está sendo realmente uma vitrine, principalmente pra quem está começando.	Vai dar chance para muitas meninas que estão começando por aí, que têm chance de estourar. Este paulista está sendo realmente uma vitrine.	A
Kelly	Isso é uma oportunidade para o pessoal do interior, que tem muitas meninas boas. Eles não olham para esse lado, nunca mandam um olheiro, pensam que a força está só na Capital e não é, tem que tirar essa coisa que já está rotulada que só na Capital tem menina boa de bola, menina em nível de seleção. Acho que é de suma importância, isso daí já deveria ter sido feito há muito tempo, porque também já é mais um estímulo para a gente querer treinar cada vez mais, jogar cada vez mais e alcançar mesmo a meta, o nível de seleção.	Isso é uma oportunidade para o pessoal do interior. É mais um estímulo para a gente querer treinar cada vez mais, jogar cada vez mais e alcançar mesmo a meta, o nível de seleção.	A

CATEGORIAS DAS ANCORAÇÕES DA PERGUNTA 6 (22 A 27 ANOS)

A – CAMPEONATO: OPORTUNIDADE DA VIDA

QUADRO 48 – Resumo e categorias das Ancorações da pergunta 6 (22 a 27 anos)

E) Resultados quantitativos (percentuais por categoria e gráfico ilustrativo) das Ancoragens

RESULTADOS QUANTITATIVOS DAS ANCORAÇÕES (22 A 27 ANOS)

6 - Comente sobre o campeonato paulista de 2004.

A – CAMPEONATO: OPORTUNIDADE DA VIDA	3	100,00%
--------------------------------------	---	---------

TOTAL DE RESPOSTAS DA PERGUNTA	3
--------------------------------	---

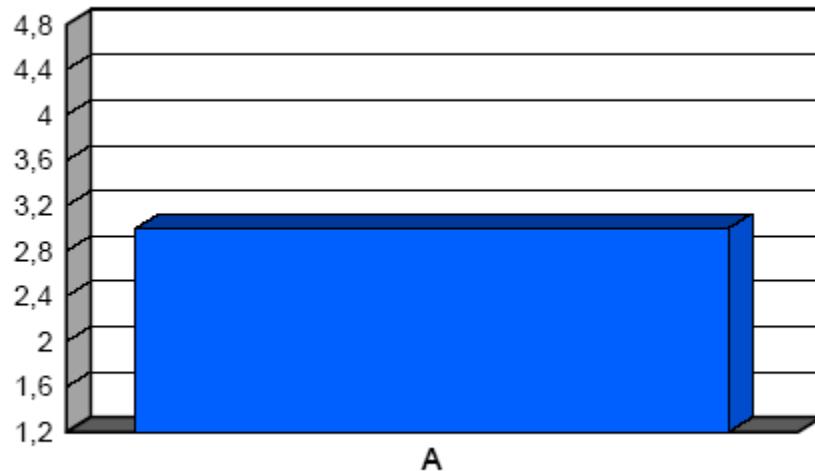


FIGURA 23 – Resultados quantitativos das Ancoragens da Pergunta 6 (22 a 27 anos)

F) Discurso do sujeito coletivo das categorias formadas pelas Ancoragens

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DAS ANCORAGENS (22 A 27 ANOS)

6 - Comente sobre o campeonato paulista de 2004.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA A – CAMPEONATO: OPORTUNIDADE DA VIDA

Eu estou achando muito legal isso, esse é o melhor e é agora que a gente tem que mostrar, porque isso é uma oportunidade para o pessoal do interior, que tem muitas meninas boas. Quem sabe de repente o ano que vem a gente possa estar em uma seleção. Porque é nesse campeonato que a gente vai mostrar o nosso futebol, vai ser o futuro de nossa vida, é que vai sair alguma coisa, então está sendo tudo para nós, vai dar chance para muitas meninas que estão começando por aí, que têm chance de estourar, porque o Brasil tem muitas meninas boas espalhadas que a gente vai descobrir assim, através dos campeonatos. Este paulista está sendo realmente uma vitrine, principalmente para quem está começando. Deus abriu as portas, então Ele sempre está abrindo as portas, é o campeonato da minha vida. É uma oportunidade que a gente não teve lá atrás e está tendo agora. Acho que é de suma importância, isso daí já deveria ter sido feito há muito tempo porque também já é mais um estímulo para a gente querer treinar cada vez mais, jogar cada vez mais e alcançar mesmo a meta, o nível de seleção.

QUADRO 49 – DSC das Ancoragens da pergunta 6 (22 a 27 anos)

5.2.6.3 Pergunta 6 - Discussão

A chuteira veste a meia que veste o pé descalço, o tapete da realeza é verde o gramado, olhando para a bola eu vejo o sol - está rolando agora uma partida de futebol! (Skank)

Esta foi uma pergunta para deixar as atletas se exporem, relativamente ao campeonato em que participavam. A idéia desta questão veio do fato que, no último campeonato paulista realizado (a já comentada Paulistana, em 2001, imersa em toda uma problemática de gênero e de discriminação), as atletas eram proibidas de fazer qualquer comentário sobre a competição: não satisfeitos em punirem individualmente qualquer uma que transgredisse esta censura, os dirigentes da época ameaçavam sancionar a própria equipe daquela atleta. Conforme relato de Knijnik e Vasconcellos (2003)

as atletas que participaram da *Paulistana* foram proibidas, por força de regulamento, de “falar mal” publicamente da competição, podendo sofrer retaliações violentas, como expulsão do campeonato, além da perda de pontos de seu próprio time. (KNIJNIK e VASCONCELLOS, 2003 p. 85).

Desta forma, almejava-se com esta pergunta obter a impressão “quente”, vivida, de quem estava participando uma iniciativa importante e até histórica, pois o primeiro campeonato realizado após o maior resultado da modalidade, a prata nos Jogos Olímpicos de Atenas.

As idéias centrais das atletas, referentes a esta questão, praticamente não variaram entre os dois grupos, assim como as ancoragens, que foram idênticas. A única diferença que apareceu, foi um discurso emitido por duas respondentes das menores (duas entre 23 respostas, ou 8,70%), com críticas severas ao campeonato, chamando-o de “varzeano”, em virtude do atendimento médico precário. Estas

críticas, que mais se assemelham a lamúrias, parecem provenientes de atletas acostumadas a outras modalidades, ou mesmo a um tipo de tratamento diferenciado e mais elitizado em outros lugares que jogavam (somente campeonatos internos do próprio clube, ou mesmo em escolas particulares), e ainda não perceberam que a realidade do futebol feminino no estado é bem diferente, e que ainda não existem grandes recursos para dar um atendimento digno para as atletas, sobretudo no que se refere ao aspecto da saúde e integridade física destas.

As demais respostas, em ambas categorias, giraram em cima de três eixos de idéias centrais: o campeonato foi elogiado, algumas o fizeram com ressalvas, e por fim, aquelas atletas que viram no campeonato uma infinidade de “portas que se abrem” (foram 13 das respostas das menores, ou 56,62%, e 5 dentre 13 das mais velhas, ou 38,46%). Neste mesmo rumo, aquelas que ancoraram os seus discursos manifestaram inclusive que o campeonato era uma “grande oportunidade na vida”.

O que estes discursos possuem em comum é uma aparente ingenuidade, misturada com um desconhecimento da história do futebol feminino no Brasil. Este desconhecimento da história parece patente, pois as atletas comentam que “foi um bom início”, se esquecendo que o futebol feminino não começou agora no país, tampouco com esta “geração de prata”. Ao contrário, Salles, Silva e Costa relatam que as primeiras partidas de futebol feminino aconteceram no Brasil em praias cariocas, nos idos dos anos 1970, mais especificamente em 1975, e que os jogos começavam “(...) sempre tarde da noite, em função das jogadoras serem empregadas domésticas” (SALLES, SILVA e COSTA, 1996, p. 85).

Antes disso, contudo, Reis (1997) refere que, já ao final da década de 1950, no ano de 1959, uma delegação inglesa composta por duas equipes femininas (o Corintians e o Nomands) veio ao Brasil desafiar as jogadoras cariocas. Neste mesmo ano, segundo Reis (1997)

(...) vedetes cariocas (Conchita Mascarenhas, Iolanda, Janete, entre outras) e paulistas (Isa Rodrigues) se enfrentaram, em São Paulo (no Pacaembu) e no Rio de Janeiro (no Maracanã) para disputarem partidas de futebol (REIS, 1997, p. 42).

Claro que lutando contra ideais rígidos de masculinidade e feminilidade, e inclusive contra leis que proibiam a prática do futebol para as mulheres no Brasil, o desenvolvimento de equipes femininas de futebol seria mais lento. Cabe aqui relembrar que, em 1965, o antigo Conselho Nacional de Desportos enviou às entidades do esporte no país uma série de normas e recomendações, proibindo a prática de uma variedade de modalidades por mulheres, inclusive o futebol sob qualquer formato, fosse campo, salão, ou praia. E fez isso baseado em decreto-lei anterior (nº 3199, de 1941) que já vetava às mulheres a prática de esportes incompatíveis com a sua natureza feminina. (SALLES, SILVA e COSTA, 1996).

Entretanto, conforme narram estes autores, o futebol feminino foi se organizando, sendo que o primeiro clube a implantar esta modalidade no país, segundo Salles, Silva e Costa (1996) foi o Clube Federal, em 1977, no Leblon, no Rio de Janeiro. Porém, aquele que viria a fazer história, inclusive internacional, obtendo boas classificações em torneios no exterior, (e inclusive representando nosso país no I Campeonato Mundial de Futebol Feminino, ocorrido na China em 1991), foi o Esporte Clube Radar, fundado em 1982, e que, segundo os autores, foi resultado de uma “(...) fusão de outras equipes do futebol de praia, como American Denin e Belfort Roxo, entre outras” (SALLES, SILVA e COSTA, 1996, p. 87).

Assim, percebe-se que este campeonato pode ser um recomeço, como tantos outros que já houve, mas nunca “um início”, como querem as atletas.

Por outro lado, levanto a hipótese da ingenuidade pelo fato das atletas mencionarem que as portas irão se abrir porque agora “eles estão vendo que a mulher também no futebol tem um grande futuro (...”). Ora, quem seriam “eles”? O establishment do futebol? Os dirigentes que há poucos anos não queriam que jogadoras feias ou com cabelos curtos jogassem?

Na verdade, e apesar da grande repercussão da medalha de prata em Atenas, estes dirigentes de Federações e Confederações não se mobilizaram em nada, quando do retorno das medalhistas. Ao contrário, três semanas depois do final dos Jogos Olímpicos, houve um jogo da Seleção Brasileira Masculina em São Paulo, contra a Bolívia, válido pelas eliminatórias da Copa do Mundo da Alemanha (2006). Na preliminar, foi anunciado que haveria um jogo feminino. O mundo do futebol feminino se agitou, “eles” iriam mostrar a equipe para o Brasil todo, entregar as

faixas, alguma homenagem...A partida realizada foi o velho e “manjado” jogo entre modelos, mulheres que jamais jogaram, de futebol não entendem nada, são chamarizes estéticos.

E este descaso dos dirigentes ocorre em todas as partes do mundo. Mennesson e Clément (2003) analisaram que as diversas federações esportivas da França (as de basquetebol, de voleibol, de handebol, por exemplo) se sentiram impelidas a abrirem as suas portas à “feminização” do esporte, em virtude das grandes transformações sociais ocorridas naquele país na década de 1970. Já isso não ocorreu com a Federação de Futebol, que continua a responder lentamente às tentativas de mudança e adaptação. Segundo as autoras

Este estado de coisas sugere que a feminização do futebol não era o objetivo político de parte da Federação Francesa, mas ao contrário, o resultado de enormes pressões da Europa e do establishment do futebol internacional (MENNESSON e CLEMENT, 2003, p. 313).

Prudhomme-Poncet (2003) explica que a Federação Francesa de Futebol reconheceu a prática do futebol feminino somente em março de 1970, e este reconhecimento veio, por um lado, em razão da crescente pressão da realidade, mas, sobretudo, em função do “(...) medo de que se construísse uma organização autônoma” (PRUDHOMME-PONCET, 2003, p. 20). E dentro desta Federação, o futebol feminino virou um apêndice orgânico, de caráter secundário, uma espécie de comissão sem grande autonomia.

Breuil (2004) argüiu que, em face de diversas mudanças propostas para o futebol pelas entidades internacionais como a FIFA, sobretudo o crescimento do futebol de mulheres, os dirigentes de diversas instituições futebolísticas, a fim de defenderem os seus “filhotes”, erigiram verdadeiros “bastiões de masculinidade”, em suas entidades, evitando a entrada de mulheres e mesmo fazendo campanhas contra a presença delas no futebol.

Um destes bastiões certamente é o mundo futebolístico da Grã-Bretanha, sobretudo os seus órgãos diretivos. Giulianotti (2002) descreve como, na década de

1970, o futebol foi se popularizando entre mulheres naquele país, chegando a ter vinte e cinco mil atletas registradas em um crescente número de ligas femininas. Algumas equipes, como o *Dick Kerr Ladies XI* fez inúmeras excursões internacionais, tendo sido vistas, somente na Inglaterra, por 900.000 pessoas em 67 partidas. No entanto, segundo o autor, as autoridades do futebol viram isso como uma grande ameaça ao futebol masculino, e a Associação de Futebol da Inglaterra tornou o futebol feminino proscrito, inclusive orientando os clubes a ela filiados a não cederem espaço para a prática feminina. Em 1978, esta Associação obteve uma grande vitória nos tribunais, quando o juiz Lorde *Denning* apoiou-a na tentativa de excluir as mulheres dos clubes de futebol. Estes atos representaram uma grande derrota para o futebol feminino inglês, que até hoje não conseguiu se recuperar.

Dunning e Maguire (1997), confirmam estas afirmações, ao escreverem que

Na Grã-Bretanha esse aviltamento simbólico das mulheres no contexto esportivo, que poderia ser considerado como uma forma de violência simbólica, ocorre por detrás das portas fechadas da Rugby Union, mas de forma mais aberta na associação de soccer (DUNNING e MAGUIRE, 1997, p. 343)

E os autores relatam diversos casos em que a violência contra a mulher no futebol é explicitada em versos, em canções, ou mesmo em atitudes – como colocar as mulheres para assistirem jogos em lugares desprivilegiados nos estádios, em que não haja cadeiras, de onde mal se veja o jogo, ou mesmo onde chova, para que elas sofram e nunca mais queiram retornar - e até mesmo o fato delas “(...) serem proibidas de ingressarem na sala do conselho da maioria dos clubes profissionais, mesmo sendo parentes ou amigas de membros deste conselho” (DUNNING e MAGUIRE, 1997, p. 344).

E se comento estes fatos aqui é porque as atletas brasileiras jogadoras deste Campeonato Paulista de 2004, absolutamente maravilhadas que algo está sendo feito, nem cogitam a refletir sobre quem está fazendo, ou mesmo seus interesses. E esta é uma realidade, não houve nem há uma mobilização do establishment futebolístico para este campeonato paulista - apesar dos reiterados compromissos que os dirigentes

da Confederação Brasileira de Futebol verbalizaram para as olímpicas, e mesmo com todas as expectativas geradas por Galvão Bueno, que incitou dirigentes e mesmo fez muitas promessas a elas nas transmissões da Globo durante os Jogos de Atenas. O fato, contudo, é que a Federação Paulista de Futebol não colocou nenhum real neste campeonato, apenas entrou com seu nome e indicando a arbitragem - a qual recebia, entretanto, pela Secretaria de Esportes, Juventude e Lazer do Estado de São Paulo, que pagou, aliás, todas as outras despesas do campeonato.

Coube a um homem bancar o incentivo ao futebol feminino, o sr. Lars Grael (secretário estadual de Esportes) alguém totalmente fora do establishment do futebol brasileiro, que se manteve firme na atitude de apoiar as atletas e criar para elas a vitrine, como muitas dizem, ou mesmo uma grande multiplicidade de perspectivas (portas) se abrindo no meio esportivo.

Desta forma, se a felicidade das atletas em enxergarem a sua “grande oportunidade da vida” tem a sua validade e até um suporte político, por meio deste secretário de estado, elas precisam estar atentas e continuar batalhando para manter e ampliar seus espaços, pois, conforme Dunning e Maguire (1997),

desde o início as mulheres tiveram de lutar com firmeza para tomar pé no mundo do esporte e assim mesmo seu status, embora não gravemente ameaçado, continua marginal, como mostra a hierarquia prestigiosa dos esportes ainda dominados pelos homens, a cobertura ainda pequena dos esportes femininos pela mídia, os prêmios de pouco valor que os grandes esportistas recebem em comparação com os dos homens (...) (DUNNING e MAGUIRE, 1997, p. 339).

Ou seja, este discurso de exuberância e de felicidade das atletas, se por um lado possui respaldo na nova realidade que se avizinha, por outro precisaria ser mais cauteloso – como aquelas que “elogiam com ressalvas” (quatro das 23 respostas das mais novas, ou 17,89%, e 5 dentre as 13 respostas das mais velhas, ou 38,46%). Estas se colocam com um pé no chão, ao afirmarem que para um início está bom, “(...), mas vai evoluir, a gente espera uma organizaçãozinha melhorzinha”, ou então

que “(...) se eles levarem a sério, o ano que vem seguir como estão planejando, acho que vai ser uma coisa muito boa para o futebol feminino”. Nestas falas, entretanto, percebe-se que ainda as atletas esperam por “eles” para fazerem as coisas, dificilmente elas se proporia a fazer algo com suas próprias mãos.

Na verdade, esta expectativa que “eles” ajam em nome delas, e por elas, ou o que chamei anteriormente de “ingenuidade”, possui raízes em dois pontos que se entrelaçam: inicialmente, no histórico do esporte de mulheres no Brasil, o que se tem notícia é de uma emancipação silenciosa, marginal, carente de lutas por direitos, naquilo que Mourão (1998) descreve como a ausência de “(...) confronto explícito, de luta territorial, e sim um processo lento de infiltração (...)” (MOURÃO, 1998, p. 9). Conforme a autora, a autonomia esportiva da mulher brasileira se desenrola lentamente, e

(...) conta com o apoio velado ou aberto dos homens mais esclarecidos na nossa sociedade, mas com um controle normativo que insere a mulher nesta prática sem possibilitar-lhe uma emancipação para a prática de atividades físico-desportivas (MOURÃO, 1998, p. 9).

Com certeza um destes “homens mais esclarecidos” é o secretário estadual Lars Grael, que já foi atleta olímpico e possui a sensibilidade para perceber as dificuldades e até o desespero de atletas que não conseguem se desenvolver em suas práticas por total falta de amparo, mesmo que a modalidade conquiste inclusive medalhas olímpicas para o país.

Em relação a esta questão, pode-se afirmar também, em segundo lugar, que não existe na atitude destas atletas – e isto se mostra claro por meio do discurso que “eles” fizeram ou ainda não fizeram direito – nenhuma postura feminista, tampouco uma consciênciade luta para se transformar as hierarquias patriarcas. Estas atletas, como já afirmado anteriormente, estão limitadas ao questionamento das normas de gênero, ao ato de se rebelarem contra os padrões rígidos que regem a hierarquia genereficada da sociedade, e o fazem muitas vezes motivadas por infâncias vividas entre homens e meninos, pais e irmãos – como apontado na discussão da resposta 1.

Esta falta de consciência sobre poder se inserir num quadro maior de lutas por igualdade encontra um paralelo com o estudo de Wedgwood (2004) – que pesquisou um time de garotas australianas que praticava o futebol⁴⁴ daquele país.

Nesta pesquisa, entre diversas conclusões, a autora afirma que mais do que feministas subversivas, as garotas jogadoras do “futebol australiano” seriam “rebeldes de gênero”, isto é, explicitamente por meio de sua prática esportiva estariam se contrapondo às formas convencionais de feminilidade. No entanto, nenhuma destas atletas, naquela pesquisa, segundo a autora, “(...) era consciente de tentar determinar e lutar contra a ordem patriarcal de gênero através do jogo de futebol , ou por nenhum outro meio” (WEDGWOOD, 2004, p. 151).

Ou seja, de fato o que as atletas pretendem é realizar o seu esporte da melhor forma possível, e que novas portas se abram, sempre com a ajuda de algum salvador. Questionando normas de gênero de forma individual, encontrando um espaço em que possam sentir-se relativamente mais livres para expressar seu modo de ser, mas ainda não refletindo sobre as estruturas de poder que as torna prisioneiras de uma hierarquia binária e rígida de modos de ser e expressar suas identidades de gênero, isto é, de se exprimir a si mesmas.

⁴⁴ Conhecido como *Australian Rules Football*, um jogo que seria um meio – termo entre o rúgbi e o que conhecemos como futebol americano

5.2.7 Pergunta 7 - *Quais as perspectivas do futebol de mulheres no Brasil nos próximos dois anos, após a conquista da medalha de prata em Atenas?*

5.2.7.1 Pergunta 7 – Resultados (16-21 anos)

A) Resumo e categorias das Idéias Centrais

RESUMO DAS IDÉIAS CENTRAIS (16 A 21 ANOS)

7 - Quais as perspectivas do futebol de mulheres no Brasil nos próximos dois anos, após a conquista da medalha de prata em Atenas?

	Expressões Chave	Idéia Central	
Alice	Eu espero que agora com a seleção tendo alcançado o segundo lugar, eles vejam o futebol feminino, porque é muito desvalorizado o feminino e tem que ter uma valorização. Agora as meninas ganharam lá nas Olimpíadas, então tem que ver, não só elas como a gente também, querendo no futuro erguer a gente também.	Agora as meninas ganharam lá nas Olimpíadas, então tem que ver, não só elas como a gente também, querendo no futuro erguer a gente também.	A
Bruna	Eu acho que daqui para frente vai ser melhor por causa dessa medalha, eu acho que vai ter bastante patrocínio sim com esse campeonato.	Eu acho que daqui para frente vai ser melhor por causa dessa medalha.	A
Dulce	Tomara que melhore bastante, é o que a gente está esperando, porque eu te falei, não tem apoio nenhum. É complicado, a gente espera que realmente se valorize mais o futebol feminino, porque tem muitas meninas que sabem jogar por aí.	Tomara que melhore bastante, é o que a gente está esperando.	A
Eva	Eu acho que vai melhorar muito o futebol, vai ter mais reconhecimento.	Eu acho que vai melhorar muito o futebol, vai ter mais reconhecimento.	A
Geni	Acho que, desde Atenas, eles viram que tem muita mulher com talento, tem muita menina hoje que não está jogando nem no Brasil, já está jogando fora. Mas eu acho que daqui a 2	Acho que, desde Atenas, eles viram que tem muita mulher com talento, que já está	A

	<p>anos vai ter um apoio bem maior, eu acho que vai ter mais campeonatos, vão ser bem mais organizados, vão ser bem montados, ser bem estruturados, acho que daqui a uns 2 anos a gente vai ter um nível de campeonato brasileiro, onde todos os times vão estar bem estruturados, terão um apoio legal da prefeitura, do próprio estado e quem sabe até montar um brasileiro de seleções. Porque tem muita menina aqui no estado de São Paulo e no estado do Rio de Janeiro que joga muito e são capazes de estar numa seleção paulista, seleção carioca.</p>	<p>jogando fora. Acho que daqui a 2 anos vai ter um apoio bem maior, eu acho que vai ter mais campeonatos, vão ser bem mais organizados, vão ser bem montados, ser bem estruturados...</p>	
Hilda	<p>Eu acredito que sim, que a gente já está vendo um pouco de resultado agora só pelo fato de ter este campeonato. Com certeza as meninas fizeram um bom papel lá e isso já está refletindo aqui. Isso está estimulando as meninas que gostam de jogar a ir atrás e jogar mesmo, e os times estarem batalhando. Com certeza vai ser muito melhor.</p>	<p>Com certeza as meninas fizeram um bom papel lá e isso já está refletindo aqui. Com certeza vai ser muito melhor.</p>	A
Ivone	<p>Acho que a tendência é só crescer, é isto que a gente quer. Que cresça, para isso nós temos que trabalhar bastante jogando futebol.</p>	<p>Acho que a tendência é só crescer.</p>	A
Juçara	<p>A expectativa minha como atleta, e conversando com as outras, é que isso tenda a crescer, que eles possam ter uma seleção permanente, que não se reúna só em época de campeonatos mundiais. Que incentive outras equipes menores a entrar nos campeonatos para mostrar que nós temos atletas.</p>	<p>A expectativa minha como atleta é que isso tenda a crescer, que eles possam ter uma seleção permanente que não se reúna só em época de campeonatos mundiais.</p>	A
Keila	<p>Só sei que vai melhorar muito, eu tenho a esperança que melhore muito ainda.</p>	<p>Eu tenho a esperança que melhore muito ainda.</p>	A
Paula	<p>Eu acho que ficou mais reconhecido. Muitas pessoas que assistiram as Olimpíadas não sabiam que tinha uma seleção de futebol feminino, então deu uma apresentação do futebol feminino, e muita gente que era contra e ficava com um pé atrás, agora já está aceitando mais, apoiando mais.</p>	<p>Eu acho que ficou mais reconhecido. Muita gente que era contra e ficava com um pé atrás, agora já está aceitando mais, apoiando mais.</p>	A

Sara	Abriu essa porta que é o paulista o que ninguém esperava e está tão comentado e é patrocinado pela Federação masculina. De certa forma a gente tem que agradecer às meninas da seleção por abrirem essa porta para a gente, não só para a gente, como para elas também, porque muitas delas também estão participando. Essa medalha de prata chegou em boa hora.	Abriu essa porta que é o paulista o que ninguém esperava e está tão comentado. Essa medalha de prata chegou em boa hora.	A
Tais	Nossa, tomara que mude muita coisa, apesar de que muitas meninas que estavam lá, que ganharam à medalha de prata, estão sem clube ainda. É uma coisa triste de se ver, eles não dão muito valor mas eu tenho a esperança que isso possa mudar sim.	Tomara que mude muita coisa, eu tenho a esperança que isso possa mudar sim.	A
Vanda	Com certeza as meninas foram para lá e fizeram um ótimo papel, e desde que elas foram para lá e trouxeram a medalha de prata para nós, estão surgindo campeonatos. Acho que vai ser maravilhoso ver daqui a dois anos o futebol feminino passando como passa o futebol masculino na televisão. A gente torce para que isso dê certo, para que esse campeonato, e os campeonatos que venham agora, venham para realmente empurrar mesmo. É o reconhecimento, daqui a dois anos a gente torce pra que esteja ainda muito melhor, se Deus quiser vai estar, e a gente vai estar aí, tendo uma divulgação tremenda, a gente só torce pra que isso dê certo e para que isso aconteça.	Acho que vai ser maravilhoso ver daqui a dois anos o futebol feminino passando como passa o futebol masculino na televisão. A gente torce pra que isso dê certo.	A
Zélia	Como eu acabei de falar, a perspectiva é muito grande por as meninas terem sido vice-campeãs das Olimpíadas, e com certeza irão aparecer muitos apoios, eu espero que apareçam muitos apoios, porque tem muito time bom que se tivesse um pouquinho mais de apoio, eu acho que iria evoluir muito mais.	A perspectiva é muito grande por as meninas terem sido vice-campeãs das Olimpíadas, e com certeza irão aparecer muitos apoios.	A
Célia	Bem sincera, a minha expectativa é zero. Acho que vai continuar sendo isso, eu não sei se vai mudar disso não. Mas pelo o que estou vendo, teve esse campeonato de última hora, essa varzeazinha de última hora, mas aconteceu.	A minha expectativa é zero!	B

Fátima	Foi um salto para ajudar a melhorar, só que tem que começar e continuar, não adianta começar e depois, se o Brasil não for mais campeão, ou não for mais para as Olimpíadas, depois parar. Tem que ser um processo contínuo.	É foi um salto para ajudar a melhorar, só que tem que começar e continuar. Tem que ser um processo contínuo.	C
Lúcia	Eu acho que o ano que vem eles vão fazer este campeonato. Também no ano que vem, acho que vai ter o Sul-americano de futebol feminino, vai ter algum campeonato e acho que vão passar na TV alguns campeonatos que tiver. Estão pensando em fazer o Brasileiro, se passar na televisão e se eles virem que é um futebol bonito, eles vão querer valorizar e manter o futebol feminino. Acho que se a gente fizer uma boa campanha, mostrar para eles que a gente é capaz, que a gente também sabe jogar futebol, eles dão uma chance para a gente. Acho que tudo depende das meninas, de todas as atletas que forem jogar, de todas as jogadoras de mostrarem os seus papéis para o Brasil todo, que o futebol feminino é capaz.	Acho que tudo depende das meninas, de todas as atletas que foram jogar, de todas as jogadoras de mostrarem os seus papéis para o Brasil todo, que o futebol feminino é capaz.	C
Mônica	Talvez consiga, porque muita gente que nem sabia sobre o futebol feminino, estão enxergando, estão vendo que está indo para frente, estão batalhando e talvez decidam ajudar.	Talvez consiga...	C
Nair	Daqui a 2 anos a gente não sabe, espero que evolua bastante para poder ter um futuro o futebol feminino aqui no Brasil, porque as meninas gostam de jogar, não tem esse negócio de não querer, e tem meninas para jogar, é só o futebol evoluir para ter campeonato feminino mesmo.	Daqui a 2 anos a gente não sabe, espero que evolua bastante para poder ter um futuro o futebol feminino aqui no Brasil.	C
Rute	Ainda falta muito para isso realmente ajudar, mas com essa medalha talvez melhore um pouco mais.	Ainda falta muito para isso realmente ajudar, mas com essa medalha talvez melhore um pouco mais.	C

CATEGORIAS DAS IDÉIAS CENTRAIS DA PERGUNTA 7 (16 A 21 ANOS)

A - A PRATA TROUXE ESPERANÇA

B - DESESPERANÇA

C - ESPERANÇA RETICENTE

QUADRO 50 – Resumo e categorias das Idéias Centrais da pergunta 7 (16 a 21 anos)

B) Resultados quantitativos (percentuais por categoria e gráfico ilustrativo) das Idéias Centrais

RESULTADOS QUANTITATIVOS DAS IDÉIAS CENTRAIS (16 A 21 ANOS)

7 - Quais as perspectivas do futebol de mulheres no Brasil nos próximos dois anos, após a conquista da medalha de prata em Atenas?

A - A PRATA TROUXE ESPERANÇA	14	70,00 %
-------------------------------------	-----------	----------------

B – DESESPERANÇA	1	5,00 %
-------------------------	----------	---------------

C - ESPERANÇA RETICENTE	5	25,00 %
--------------------------------	----------	----------------

TOTAL DE RESPOSTAS DA PERGUNTA	20
---------------------------------------	-----------

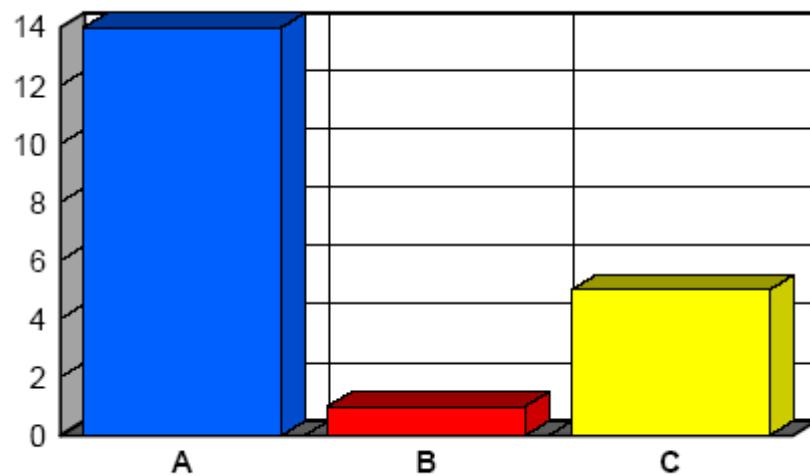


FIGURA 24 – Resultados quantitativos das Idéias Centrais da Pergunta 7 (16 a 21 anos)

C) Discurso do sujeito coletivo das categorias formadas pelas Idéias Centrais

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DAS IDÉIAS CENTRAIS (16 A 21 ANOS)

7 - Quais as perspectivas do futebol de mulheres no Brasil nos próximos dois anos, após a conquista da medalha de prata em Atenas?

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA A - A PRATA TROUXE ESPERANÇA

A perspectiva é muito grande, por as meninas terem sido vice-campeãs das Olimpíadas, desde que elas foram para lá e trouxeram a medalha de prata para nós, estão surgindo campeonatos. De certa forma a gente tem que agradecer às meninas da seleção por abrir essa porta para a gente, essa medalha de prata chegou em boa hora. Eu acho que ficou mais reconhecido. Muitas pessoas que assistiram as Olimpíadas não sabiam que tinha uma seleção de futebol feminino, então deu uma apresentação do futebol feminino e muita gente que era contra e ficava com um pé atrás, agora já está aceitando mais, apoiando mais. A gente já está vendo um pouco de resultado agora só pelo fato de ter este campeonato. Com certeza as meninas fizeram um bom papel lá e isso já está refletindo aqui. Com certeza vai ser muito melhor, desde Atenas, eles viram que tem muita mulher com talento, tem muita menina hoje que não está jogando nem no Brasil, já está jogando fora, Mas eu acho que daqui a 2 anos vai ter um apoio bem maior, eu acho que vai ter mais campeonatos, vão ser bem mais organizados, vão ser bem montados, ser bem estruturados, acho que daqui uns 2 anos a gente vai ter um nível de campeonato brasileiro, onde todos os times vão estar bem estruturados, por causa dessa medalha, eu acho que vai ter bastante patrocínio. Acho que vai ser maravilhoso ver daqui a dois anos o futebol feminino passando como passa o futebol masculino na televisão, e se Deus quiser vai estar, e a gente vai estar aí, tendo uma divulgação tremenda, a gente só torce pra que isso dê certo e para que isso aconteça.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA B – DESESPERANÇA

Bem sincera, a minha expectativa é zero. Acho que vai continuar sendo isso, eu não sei se vai mudar disso não. Mas pelo o que estou vendo, teve esse campeonato de última hora, essa varzeazinha de última hora, mas aconteceu.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA C – ESPERANÇA RETICENTE

Daqui a 2 anos a gente não sabe, estão batalhando e talvez decidam ajudar. Com essa medalha talvez melhore um pouco mais, foi um salto para ajudar a melhorar, só que tem que começar e continuar, não adianta começar e depois, se o Brasil não for mais campeão, ou não for mais para as Olimpíadas, depois parar. Tem que ser um processo contínuo, espero que evolua bastante para poder ter um futuro o futebol feminino aqui no Brasil, porque as meninas gostam de jogar, não tem esse negócio de não querer, e tem meninas para jogar, é só o futebol evoluir para ter campeonato feminino mesmo. Eu acho que ano que vem eles vão fazer este campeonato. Também no ano que vem, acho que vai ter o Sul-americano de futebol feminino e acho que vai passar na TV . Estão pensando em fazer o Brasileiro, se passar na televisão e se eles virem que é um futebol bonito, eles vão querer valorizar e manter o futebol feminino. Acho que se a gente fizer uma boa campanha, mostrar para eles que a gente é capaz, que a gente também sabe jogar futebol, eles dão uma chance para a gente. Acho que tudo depende das meninas, de todas as atletas que foram jogar, de todas as jogadoras de mostrarem os seus papéis para o Brasil todo, que o futebol feminino é capaz.

QUADRO 51 – DSC das Idéias Centrais da pergunta 7 (16 a 21 anos)

D) Resumo e categorias das Ancoragens, E) Resultados quantitativos (percentuais por categoria e gráfico ilustrativo) das Ancoragens e F) Discurso do sujeito coletivo das categorias formadas pelas Ancoragens

Nesta questão, as atletas desta faixa etária não apresentaram Ancoragens em seus discursos.

5.2.7.2 Pergunta 7 – Resultados (22-27 anos)

A) Resumo e categorias das Idéias Centrais

RESUMO DAS IDÉIAS CENTRAIS (22 A 27 ANOS)

7 - Quais as perspectivas do futebol de mulheres no Brasil nos próximos dois anos, após a conquista da medalha de prata em Atenas?

	Expressões Chave	Idéia Central	
Bia	Acho que a medalha de prata de Atenas foi muito boa, e principalmente porque o masculino não foi, então os olhos todos estavam voltados para o feminino. Mas acho que isso é uma prova de que com pouca estrutura que elas tiveram foram prata, se investir um pouco mais pode ser ouro o ano que vem ou nas próximas Olimpíadas.	Acho que a medalha de prata de Atenas foi muito boa.	A
Carla	Eu acho que as coisas vão mudar bastante. Acho que eles vão apoiar mais o futebol feminino. Já começaram esse ano, espero que eles apóiem mais no próximo ano, acho que vai ser tudo, se não for dessa vez acho que não vai mais.	Eu acho que as coisas vão mudar bastante. Acho que eles vão apoiar mais o futebol feminino. Já começaram esse ano.	A
Deise	Eu sou otimista e vejo que foi um grande passo para a gente, não foi uma coisa esporádica, quem acompanhou o torneio olímpico, viu que a mulher aqui no Brasil também joga futebol, e tão bem quanto os homens. E eles vão ter que dar uma resposta, politicamente dizendo ou fazendo alguma coisa.	Eu sou otimista e vejo que foi um grande passo para a gente.	A
Elza	Eu acredito que vai melhorar, afinal não é possível uma coisa dessas. O povo vai dar mais valor. Têm pessoas que não gostam de futebol, não dão bola, mas vão acabar entendendo que o futebol feminino está aí, que têm as meninhas que estão começando e se Deus quiser eu vou ver o futebol crescer. Quando a gente gosta do que faz, ama o que faz, a gente torce para que ver o futebol	Eu acredito que vai melhorar, afinal não é possível uma coisa dessas. O povo vai dar mais valor.	A

	feminino mais estruturado.		
Gabi	<p>Eu acho que essa foi a porta que começou a se abrir para a gente. Porque até então, nas Olimpíadas anteriores, as meninas não tinham estrutura alguma, Mas agora que elas puderam mostrar o trabalho técnico delas, da comissão que o Brasil tem chance de ganhar. Eu acho que essa medalha foi muito importante, se fosse de ouro seria mais, mas acho que a de prata serviu para mostrar que a gente chegou na final de um Campeonato, de uma Olimpíada. Acho que foi uma porta que se abriu mesmo e com certeza vai melhorar muito a partir daí e principalmente, para quem está começando.</p>	<p>Acho que foi uma porta que se abriu mesmo e com certeza vai melhorar muito a partir daí e principalmente, para quem está começando.</p>	A
Helen	<p>Eu acho que o futebol feminino mostrou que tem capacidade de ir muito mais além, porque mesmo sem apoio, que o futebol feminino não tem, conquistar essa medalha de prata já é muita coisa, é muito importante. Porque daqui a dois anos ou daqui a quatro, eu quero, e todo mundo espera que as pessoas possam olhar e dar muito mais valor e valorizar o futebol feminino, é o que todo mundo quer.</p>	<p>Porque daqui a dois anos ou daqui a quatro, eu quero, e todo mundo espera que as pessoas possam olhar e valorizar o futebol feminino.</p>	A
Julia	<p>As perspectivas são enormes, agora que as meninas chegaram próximas do ouro, já se sabe que elas podem conseguir o ouro.</p>	<p>As perspectivas são enormes.</p>	A
Laura	<p>Agora vai para frente, junto ao Campeonato Paulista.</p>	<p>Agora vai para frente.</p>	A
Ana	<p>Às vezes a gente conversa entre a gente e eu pergunto para as jogadoras que passaram pela seleção, e o ano que vem? Como é que vai ser? Para ver se dá uma animada na gente que está começando agora, pois a gente é novata e algumas dizem que vai melhorar e outras dizem que não vai melhorar e isso vai desanimando a gente. Já faz dez anos que eu estou no mundo do futebol e até agora não virou nada, a gente vai desanimando. Porque o nosso sonho é estar no estrangeiro ou na seleção brasileira, que é para ser alguém na vida. Igual o Galvão Bueno falou, que a prata ia dar uma força para o futebol feminino, mas até agora nada, então não estão divulgando nada, não está sendo feito nada, e a gente vai desanimando.</p>	<p>O Galvão Bueno falou que a prata ia dar uma força para o futebol feminino, mas até agora nada, então não estão divulgando nada, não está sendo feito nada, e a gente vai desanimando.</p>	B

	desanimando, porque a idade está estourando e a gente não sabe fazer nada, só sabe jogar bola, 25 anos e aí vai fazer o que, se só sabe jogar bola? Você quer ter uma família também, então acaba ficando por aí, eu vou tentar até o ano que vem, se não der certo eu vou parar por aí, porque a gente vai desanimando.		
Iara	No momento que o Brasil ganhou a medalha, logo em seguida todo mundo ficou empolgado. Mas eu não tenho grandes perspectivas não, o futebol feminino no Brasil é uma coisa complicada de se desenvolver justamente pela tradição muito grande do masculino e mesmo que o pessoal se empolgue pela conquista, mas acho que depois de um tempo acaba esfriando, então as minhas expectativas não são as melhores não.	As minhas expectativas não são as melhores não.	B
Kelly	O que as meninas fizeram lá foi uma coisa muito bacana, muito legal, chegaram, ninguém acreditava no futebol feminino e elas foram lá e mostraram o contrário. Mas infelizmente no Brasil não tem como, tanto que a maioria das jogadoras está saindo para fora, porque lá dá, eles investem realmente no futebol feminino, dão assistência e no Brasil ainda é bem fraco.	Infelizmente no Brasil não tem como.	B
Flávia	Essa medalha é um grande passo, mas eu acho que nos próximos dois anos ainda vai ser devagar. O futebol feminino ainda é muito novo, mas eu acho que a gente tem que lutar para as próximas gerações que vierem, conseguir isso impondo respeito, mostrando também que o futebol feminino tem que ter o seu lugar. Daqui a dois anos vai ter melhorado, tem que evoluir mais ainda. Acho que nunca vai ser o esporte valorizado que a gente quer que seja, eu acho que ainda é um pouco complicado, ainda é novo o esporte.	Essa medalha é um grande passo, mas eu acho que nos próximos dois anos ainda vai ser devagar.	C
Miriam	Eu gostaria que melhorasse bastante, que os clubes ajudassem e os patrocinadores também chegassem junto. Não é para mim, que daqui um tempo já estou parando de jogar futebol, mas, sobretudo para as meninas que estão vindo ainda pegar o filé mignon, que a gente só roeu o osso o tempo todo.	Eu gostaria que melhorasse bastante.	C

CATEGORIAS DAS IDÉIAS CENTRAIS DA PERGUNTA 7 (22 A 27 ANOS)

A - A PRATA TROUXE ESPERANÇA

B - DESESPERANÇA

C - ESPERANÇA RETICENTE

QUADRO 52 – Resumo e categorias das Idéias Centrais da pergunta 7 (22 a 27 anos)

B) Resultados quantitativos (percentuais por categoria e gráfico ilustrativo) das Idéias Centrais

RESULTADOS QUANTITATIVOS DAS IDÉIAS CENTRAIS (22 A 27 ANOS)

7 - Quais as perspectivas do futebol de mulheres no Brasil nos próximos dois anos, após a conquista da medalha de prata em Atenas?

A - A PRATA TROUXE ESPERANÇA	8	61,54 %
-------------------------------------	---	---------

B – DESESPERANÇA	3	23,08 %
-------------------------	---	---------

C - ESPERANÇA RETICENTE	2	15,38 %
--------------------------------	---	---------

TOTAL DE RESPOSTAS DA PERGUNTA	13
---------------------------------------	-----------

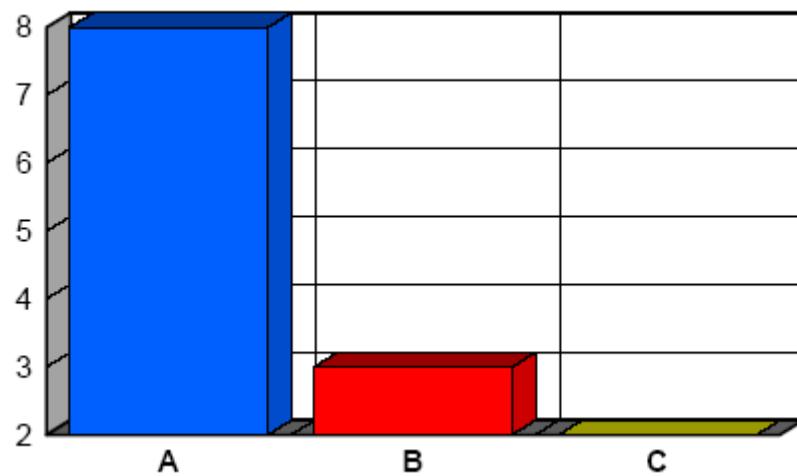


FIGURA 25 – Resultados quantitativos das Idéias Centrais da Pergunta 7 (22 a 27 anos)

C) Discurso do sujeito coletivo das categorias formadas pelas Idéias Centrais

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DAS IDÉIAS CENTRAIS (22 A 27 ANOS)

7 - Quais as perspectivas do futebol de mulheres no Brasil nos próximos dois anos, após a conquista da medalha de prata em Atenas?

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA A - A PRATA TROUXE ESPERANÇA

Eu sou otimista e vejo que foi um grande passo para a gente. As perspectivas são enormes, agora que as meninas chegaram próximas do ouro, já se sabe que elas podem conseguir o ouro. Agora vai para frente, não foi uma coisa esporádica, quem acompanhou o torneio olímpico viu que a mulher aqui no Brasil também joga futebol, e tão bem quanto os homens. Acho que a medalha de prata de Atenas foi muito boa, e principalmente porque o masculino não foi, e então os olhos todos estavam voltados para o feminino. Mas acho que isso é uma prova de que com pouca estrutura que elas tiveram foram prata, se investir um pouco mais pode ser ouro nas próximas Olimpíadas. Eu acho que essa foi a porta que começou a se abrir para a gente. Porque até então, nas Olimpíadas anteriores, as meninas não tinham estrutura alguma, Mas agora que elas puderam mostrar o trabalho técnico delas, da comissão lá, que o Brasil tem chance de ganhar. E eu acho que essa medalha foi muito importante, porque mesmo sem apoio, que o futebol feminino não tem, conquistar essa medalha de prata já é muita coisa, é muito importante. Se fosse de ouro seria mais, mas acho que a de prata serviu para mostrar que a gente chegou na final de um Campeonato, de uma Olimpíada. Acho que foi uma porta que se abriu mesmo, eles vão ter que dar uma resposta politicamente dizendo ou fazendo alguma coisa. Com certeza vai melhorar muito a partir daí. Eu acho que as coisas vão mudar bastante, acho que eles vão apoiar mais o futebol feminino. Já começaram esse ano, espero que eles apóiem mais no próximo ano, se não for dessa vez acho que não vai mais, afinal não é possível uma coisa dessas. O povo vai dar mais valor, vão acabar entendendo que o futebol feminino está aí, que têm as meninhas que estão começando e se Deus quiser eu vou ver o futebol crescer. Daqui a dois ou quatro anos, eu quero, e todo mundo espera que as pessoas possam olhar e dar muito mais valor ao futebol feminino, é o que todo mundo quer. Quando a gente gosta do que faz, ama o que faz, a gente torce para ver o futebol feminino mais estruturado.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA B – DESESPERANÇA

O que as meninas fizeram lá foi uma coisa muito bacana, muito legal, chegaram, ninguém acreditava no futebol feminino e elas foram lá e mostraram o contrário. No momento que o Brasil ganhou a medalha, logo em seguida todo mundo ficou empolgado, o Galvão Bueno falou que a prata ia dar uma força para o futebol feminino, mas até agora nada. Não estão divulgando nada, não está sendo feito nada. Infelizmente no Brasil não tem como, eu não tenho grandes perspectivas não, o futebol feminino no Brasil é uma coisa complicada de se desenvolver, justamente pela tradição muito grande do masculino, e mesmo que o pessoal se empolgue pela conquista, acho que depois de um tempo acaba esfriando, então as minhas expectativas não são as melhores não, tanto que a maioria das jogadoras está saindo para fora, porque lá dá, eles investem realmente no futebol feminino, dão assistência e no Brasil ainda é bem fraco. Às vezes a gente conversa entre a gente e eu pergunto para as jogadoras que passaram pela seleção, e o ano que vem? Como é que vai ser? Para ver se dá uma animada na gente que está começando agora, pois a gente é novata e algumas dizem que vai melhorar, e outras dizem que não vai melhorar e isso vai desanimando a gente. Já faz dez anos que eu estou no mundo do futebol e até agora não virou nada, a gente vai desanimando. Porque o nosso sonho é estar no estrangeiro ou na seleção brasileira, que é para ser alguém na vida, porque a idade está estourando e a gente não sabe fazer nada, só sabe jogar bola, 25 anos e aí vai fazer o que se só sabe jogar bola? Você quer ter uma família também, então acaba ficando por aí, eu vou tentar até o ano que vem, se não der certo eu vou parar por aí, porque a gente vai desanimando.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA C - ESPERANÇA RETICENTE

Falando no geral eu gostaria que melhorasse bastante, que os clubes ajudassem e os patrocinadores também chegassem junto. Essa medalha é um grande passo, mas eu acho que nos próximos dois anos ainda vai ser devagar. Acho que nunca vai ser o esporte valorizado que a gente quer que seja, eu acho que ainda é um pouco complicado, ainda é novo o esporte, o futebol feminino ainda é muito novo, mas eu acho que a gente tem que lutar para as próximas gerações que vierem, não é para mim, que daqui um tempo já estou parando de jogar futebol, mas, sobretudo para as meninas que estão vindo ainda pegar de repente o filé mignon que a gente só roeu o osso o tempo todo.

D) Resumo e categorias das Ancoragens

RESUMO DAS ANCORAGENS (22 A 27 ANOS)

7 - Quais as perspectivas do futebol de mulheres no Brasil nos próximos dois anos, após a conquista da medalha de prata em Atenas?

	Expressões Chave	Ancoragem	
Ana	Já faz dez anos que eu estou no mundo do futebol e até agora não virou nada e então a gente vai desanimando porque o nosso sonho é estar no estrangeiro ou na seleção brasileira, que é para ser alguém na vida, porque se a gente optou por isso, a gente quer ser alguém na vida. Igual o Galvão Bueno falou, que a prata ia dar uma força para o futebol feminino, mas até agora nada, não estão divulgando nada, não está sendo feito nada, e a gente vai desanimando. Porque a idade está estourando e a gente não sabe fazer nada, só sabe jogar bola, 25 anos e aí vai fazer o que se só sabe jogar bola? Você quer ter uma família também, então acaba ficando por aí, eu vou tentar até o ano que vem, se não der certo eu vou parar, porque a gente vai desanimando.	Já faz dez anos que eu estou no mundo do futebol e até agora não virou nada e então a gente vai desanimando porque a idade está estourando e a gente não sabe fazer nada, só sabe jogar bola.	A

CATEGORIAS DAS ANCORAGENS DA PERGUNTA 7 (22 A 27 ANOS)

A – DESÂNIMO COM O FUTEBOL

QUADRO 54 – Resumo e categorias das Ancoragens da pergunta 7 (22 a 27 anos)

E) Resultados quantitativos (percentuais por categoria e gráfico ilustrativo) das Ancoragens

RESULTADOS QUANTITATIVOS DAS ANCORAÇÕES (22 A 27 ANOS)

7 - Quais as perspectivas do futebol de mulheres no Brasil nos próximos dois anos, após a conquista da medalha de prata em Atenas?

A – DESÂNIMO COM O FUTEBOL	1	100,00%
-----------------------------------	---	---------

TOTAL DE RESPOSTAS DA PERGUNTA	1
---------------------------------------	----------

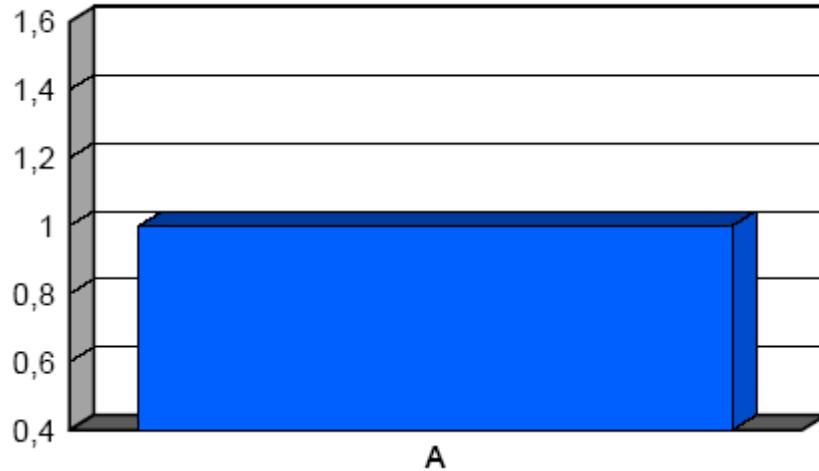


FIGURA 26 – Resultados quantitativos das Ancoragens da Pergunta 7 (22 a 27 anos)

F) Discurso do sujeito coletivo das categorias formadas pelas Ancoragens

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DAS ANCORAGENS (22 A 27 ANOS)

7 - Quais as perspectivas do futebol de mulheres no Brasil nos próximos dois anos, após a conquista da medalha de prata em Atenas?

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA A – DESÂNIMO COM O FUTEBOL

Já faz dez anos que eu estou no mundo do futebol e até agora não virou nada e então a gente vai desanimando, porque o nosso sonho é estar no estrangeiro ou na seleção brasileira, que é para ser alguém na vida. O Galvão Bueno falou que a prata ia dar uma força para o futebol feminino, mas até agora nada, não estão divulgando nada, não está sendo feito nada, e a gente vai desanimando. Porque a idade está estourando e a gente não sabe fazer nada, só sabe jogar bola, 25 anos e aí vai fazer o que se só sabe jogar bola? Você quer ter uma família também, então acaba ficando por aí, eu vou tentar até o ano que vem, se não der certo eu vou parar, porque a gente vai desanimando.

QUADRO 55 – DSC das Ancoragens da pergunta 7 (22 a 27 anos)

5.2.7.3 Pergunta 7 – Discussão

*Perder é uma forma de aprender.
E ganhar, uma forma de se
esquecer o que se aprendeu
(Carlos Drummond de Andrade)*

Esta pergunta tencionava descobrir o que as atletas estavam planejando e sonhando, a partir da famosa medalha de prata em Atenas/2004.

Esta medalha na verdade foi um marco para todos os que acompanham o futebol “feminino” no Brasil; a partir desta data, o Brasil passou a ser uma realidade na cena internacional do futebol feminino, e uma equipe respeitada, saindo assim da figura daquele competidor que é sempre uma “promessa”, quase vai ganhar, mas nunca chega a se efetivar, pois a nossa seleção feminina sucessivamente ficava com a quarta colocação nas competições internacionais - nunca ganhando uma medalha, e ficando com a aura de perdedora, pois se entre o primeiro, o segundo e o terceiro colocados de um torneio existe uma pequena distância, o que separa o quarto posicionado do terceiro é um verdadeiro abismo.

Assim, a esperança no retorno era grande. Até porque a preparação havia sido diferenciada, foram seis meses de concentração no centro de treinamentos da Confederação Brasileira de Futebol, em Teresópolis; o técnico chamado foi alguém de renome no futebol masculino⁴⁵; e as atletas de seleção com que conversei durante a fase de observação desta pesquisa, relataram que elas sempre se reuniam,

⁴⁵ René Simões, técnico de equipes masculinas de grandes clubes brasileiros e de seleções de outros países da América Latina, foi um profissional que aos poucos passou a respeitar, e ganhou a admiração de todas as atletas que compunham a equipe brasileira. Conversando com algumas, na primeira fase desta pesquisa, percebi o quanto o trabalho desta comissão por ele liderada foi produtivo, e como eles passaram a ter uma confiança crescente e recíproca, tendo o técnico realmente percebido que, segundo as atletas, a história delas “era triste, mas importante”, e conseguido resgatar a auto-estima destas moças, motivando-as para chegarem à final olímpica. Uma delas me mostrou um texto que o técnico havia escrito e entregado às jogadoras, no momento do embarque para a competição, que se chamava “Futebol Feminino: quebrando barreiras e vencendo preconceitos”, e que contava a história de uma menina que desde criança era apaixonada por uma bola, havia brigado com o mundo inteiro em virtude desta paixão, e que agora rumava para a Europa em busca da premiação deste relacionamento de uma vida inteira.

momentos antes de todas as partidas em Atenas, e lembravam de todas que estavam no Brasil, à espera de uma oportunidade, dizendo que também jogavam por elas.

Deste modo, percebe-se que a ansiedade com o que aconteceria com o futebol feminino a partir desta conquista, e logo após que as atletas voltaram da Grécia, era imensa. Um verdadeiro arsenal foi prometido para as atletas, seja nos bastidores, por dirigentes de entidades futebolísticas, ou mesmo em cadeia nacional, na TV Globo, pelo locutor oficial dos esportes, Galvão Bueno. Assim, a perspectiva desta pergunta era de que as atletas se posicionassem sobre suas reais expectativas a partir desta conquista tão desejada e comentada.

As categorias de discurso das mais novas são idênticas as das mais velhas, ou seja, há as esperançosas, que acreditam que agora tudo vai melhorar, a partir da medalha de prata; há aquelas que têm esperança, no entanto ainda estão reticentes, e aquelas totalmente desesperançosas, que acham que nada vai mudar. O que se modifica entre os dois blocos etários é a quantidade de respondentes em cada questão. As mais novas, por exemplo, se mostraram as mais otimistas e esperançosas (70% de suas respostas revelam este sentimento, sendo que 61,54% das mais velhas também têm esperanças de melhorias).

O discurso esperançoso e otimista das mais novas revela um ponto muito importante: ao falarem que o futebol feminino ficará mais conhecido no país, a própria seleção ficará mais conhecida, elas revelam também que poderá haver uma diminuição do preconceito que recai sobre as futebolistas, pois dizem literalmente que “(...) muita gente que era contra e ficava com um pé atrás, agora já está aceitando mais, apoiando mais”. Isto vai ao encontro do que já aparece nesta pesquisa, no interior dos Resultados e da Discussão da questão 4, ou seja, que existe uma expectativa que novas configurações de gênero sejam desenhadas a partir da entrada e do desenvolvimento do futebol das mulheres no Brasil; este discurso também reforça a tese de Vianna (1999), já aqui apontada anteriormente, da necessidade da contínua reavaliação destas conformações, uma vez que as relações de gênero na sociedade – e no esporte não seria diferente – sofrem constantes transformações a partir e mesmo dentro dos fatos sociais. Certamente, esta prata foi um fato sócio-esportivo de grande relevância, que provocou rupturas e avanços na percepção social sobre as futebolistas.

Assim, percebe-se que o futebol de mulheres não é somente um espaço de preconceitos, gerador de estereótipos e de discriminações contra estas, mas também um criador de ressignificações de conteúdos de gênero que perpassam a nossa sociedade. Pode-se fazer assim um paralelo com aquilo que Vianna e Ridenti (1998) analisam na escola, apontando que se, por um lado, este significativo espaço social recria em suas práticas preconceitos de gênero, ao mesmo tempo

(...) também prepara as garotas/mulheres para posições mais competitivas no mercado de trabalho, bem como estimula garotos/homens para assumirem funções de provedores de cuidado.
 (VIANNA e RIDENTI, 1998, p. 103)

No lado das mais velhas, o discurso esperançoso revela três aspectos: o primeiro deles vem confirmar a tese que aqui se defende, isto é, que o futebol é uma atividade quase que mundialmente vinculada ao homem e a valores masculinos, e que este masculino está presente mesmo quando se discute futebol feminino. Ou não seria este o caso quando escutamos as atletas falarem que “agora vai para frente, não foi uma coisa esporádica, quem acompanhou o torneio olímpico, viu que a mulher aqui no Brasil também joga futebol, e *tão bem quanto os homens*. Acho que a medalha de prata de Atenas foi muito boa, e *principalmente porque o masculino não foi*, e então os olhos todos estavam voltados para o feminino” (grifo nosso).

Com esta fala as atletas revelam uma certa subordinação ao futebol masculino, e precisam necessariamente se comparar com este para mostrarem o seu valor, pois socialmente o masculino é muito mais valorizado.

Outro tópico importante que surge neste discurso, e que nos remete ao mesmo tempo à discussão feita na pergunta 6, quando se pensou sobre a passividade das atletas ao esperarem do *establishment* futebolístico as respostas para suas inquietações e frustrações atléticas. As atletas comentam que a medalha de prata “(...) foi uma porta que se abriu, eles vão ter que dar uma resposta politicamente dizendo ou fazendo alguma coisa. Com certeza vai melhorar muito a partir daí. Eu acho que eles vão apoiar mais o futebol feminino”.

O “eles” retorna aqui fortemente, de novo destacando que as atletas ainda esperam dos dirigentes de futebol uma atitude em relação a elas, sem perceber que o esforço para o crescimento do futebol feminino está longe das entidades futebolísticas oficiais, as quais, como demonstraram Breuil (2004), Dunning e Maguire (1997) e mesmo Mennesson e Clément (2003), não estão inquietas com as mulheres no futebol, ou melhor, estão sim preocupadas, mas somente em impedir o crescimento destas na modalidade, enquanto potencial prejuízo para os homens neste “bastião da masculinidade”.

Ainda no discurso esperançoso das mais velhas, há de se ressaltar que elas também novamente resvalam na questão do preconceito, ao dizerem que “o povo vai dar mais valor, vão acabar entendendo que o futebol feminino está aí (...)”. Ou seja, elas ainda estão clamando pela compreensão “do povo”, das pessoas, pela diminuição do preconceito e pela sua aceitação na sociedade, sem nenhuma discriminação, apenas pelo fato de gostarem de algo que está relacionado ao mundo masculino, como se valores masculinos estivessem associados somente aos homens, e os femininos apenas às mulheres (VIANNA e RIDENTI, 1998).

Esta questão também traz aquelas que não possuem esperança, uma dentre todas as mais novas (5% das respostas) que possui “expectativa zero”. Já entre as mais velhas, é maior o número daquelas que não tem esperança, são 3 das 13 respostas (23,08%), que dizem “eu não tenho grandes perspectivas não”, e sobretudo pelo fato de que o masculino ainda é muito tradicional no Brasil. Assim, mais uma vez elas se comparam ao masculino, como se o único jeito do futebol feminino dar certo aqui fosse se transformando, tal qual o masculino, numa espécie de *commodity* do mercado global (SUGDEN e TOMLINSON, 1998), isto é, um produto da indústria de entretenimento com clubes inclusive tendo ações no mercado financeiro, com negociações de direitos de televisão que alcançam bilhões de dólares, ou mesmo comercialização de jogadores com valores milionários.

Estas atletas não vislumbram a possibilidade de que o futebol de mulheres possa ser vivenciado com outros valores, tanto no plano financeiro como no ético e moral: um futebol, como um jogo que é mundialmente jogado (o “jogo do povo”, como querem Sugden e Tomlinson, 1998), e enquanto prática esportiva saudável, que não tenha a necessidade de ser extremamente competitiva, e que não precise ser

forçado a encampar também valores masculinos – força, violência, rudeza – apesar de sua “feminização” (HENRY e COMEAUX, 1999).

Por fim, ainda nesta questão, há aquelas, nos dois grupos etários, que se mostram reticentes, mas com esperança. Porém, não querem sair comemorando já, acham que o caminho é longo, desconfiam das promessas fáceis. As mais novas percebem que não adianta este “oba-oba” feito pela Globo, ou apenas um campeonato na “onda” da medalha de prata, elas querem “um processo contínuo”; mas também, e aqui o discurso muda em relação ao “eles”, isto é, a esperar que alguém do establishment futebolístico faça algo: essas não, acreditam que a força está com elas próprias: “tudo depende das meninas , de todas as atletas que foram jogar, todas as jogadoras de mostrarem os seus papéis para o Brasil todo, que o futebol feminino é capaz”.

Ao mesmo tempo, porém, aqui há um retorno ao sempre presente futebol masculino, quando elas colocam que devem “mostrar para eles que a gente é capaz, que a gente também sabe jogar futebol, eles dão uma chance para a gente”. Em primeiro lugar, as mulheres acreditam que elas também podem fazer algo que é em princípio creditado e facultado somente aos homens, o que nos remete àquelas motivações para as mulheres procurarem esportes, discutidas por Dunning e Maguire (1997), das quais aqui destacamos a terceira, ou seja,

o desejo de ser iguais aos homens como consequência de frustrações ressentidas no passado motivadas por restrições e por limitações vinculadas aos papéis femininos (DUNNING e MAGUIRE,1997, p. 340).

Mais interessante é que as mulheres ainda pensam que, ao fazerem algo “masculino” bem feito, serão apoiadas pelos próprios homens, mesmo invadindo o já citado e mencionado “bastião da masculinidade”, como denominado por Dunning e Maguire (1997).

Isto revela novamente que as atletas de futebol não têm acesso ainda a informações que as levem a terem uma consciência que as ajude a entender, e a

questionar, o arcabouço de poder que está por trás da hierarquização binária e rígida de gêneros em nossa sociedade, o qual é exposto de forma tão nítida no esporte, sobretudo no futebol. As futebolistas brasileiras tampouco estão lutando contra estes poderes estabelecidos, como o fizeram, no início do século XX, as inglesas que lutavam pelo direito de voto para as mulheres –as *suffragettes*.

Conforme relatam Dunning e Maguire (1997), as *suffragettes*, percebendo que era no esporte que se encontravam as forças mais contrárias a que suas vozes fossem ouvidas, ao longo do ano de 1913 atacaram violentamente alvos deste esporte masculino e chauvinista, danificando campos e queimando prédios de dezenas de clubes de golfe, de *cricket* e de futebol. Àquela época, segundo os autores

o esporte não só serviu de alvo para o protesto das feministas, como também um número restrito, mas crescente, de mulheres se levantou, ao mesmo tempo, contra a idéia de que ele era uma área legitimamente reservada apenas aos homens. (DUNNING e MAGUIRE, 1997, p. 342)

Decididamente, não é o caso das atletas brasileiras, que se assemelham muito mais as já citadas escolares australianas jogadoras de “australian rules football”, pesquisadas por Wedgwood (2004), quem relata que estas atletas não tinham nenhuma possibilidade de terem acesso a uma postura crítica que as levasse a entender as relações de gênero na sociedade, tampouco se identificariam como feministas, ou mesmo jamais se engajariam num feminismo ativo. Até porque, segundo a autora, elas se sentiam muito desconfortáveis em face desta palavra, imaginando um punhado de mulheres “raivas e histéricas, hippies radicais” As atletas australianas - assim como as brasileiras, de acordo com a minha análise - não “(...) tem consciência de estarem resistindo à dominação masculina através do jogo de futebol”. (WEDGWOOD, 2004, p. 152).

5.2.8 Pergunta 8 - *Futebol misto: Você jogaria uma competição na qual homens e mulheres jogassem futebol juntos, em times com 5 homens, 5 mulheres, e o goleiro livre, de qualquer sexo?*

5.2.8.1 Pergunta 8 – Resultados (16-21 anos)

A) Resumo e categorias das Idéias Centrais

RESUMO DAS IDÉIAS CENTRAIS (16 A 21 ANOS)

8 - Futebol misto: Você jogaria uma competição na qual homens e mulheres jogassem futebol juntos, em times com 5 homens, 5 mulheres, e o goleiro livre, de qualquer sexo?

	Expressões Chave	Idéia Central	
Geni	O homem e a mulher têm um metabolismo diferente, o homem no jogo ele é mais grosso, se a gente for jogar uma pelada com um carinha assim, algum homem e você começa a dar olé, eles já batem, eles não admitem. Para um campeonato não acharia legal.	Se a gente for jogar uma pelada com um carinha assim, algum homem e você começa a dar olé eles já batem, eles não admitem.	A
Juçara	Acho que não daria certo, tem aquele lado que homem não gosta de perder para mulher, não gosta de levar um olé de mulher, isso é uma coisa que existe que os homens não aceitam.	Acho que não daria certo, homem não gosta de perder para mulher, não gosta de levar um olé de mulher.	A
Keila	Acho que não tem nada ver, dizem que a mulher é um sexo frágil e viraria bagunça misturar mulher com o homem, eles são um pouco brutos.	Dizem que a mulher é um sexo frágil e viraria bagunça misturar mulher com o homem, eles são um pouco brutos.	A
Paula	Ah! eu não concordaria. É que quando eu jogava entre eles, tinha muitos rapazes que não respeitavam, acabavam machucando as	Eles falavam que mulher não deveria jogar futebol, então	A

	meninas e até mesmo as meninas machucando eles, porque não respeitavam. Eles falavam que mulher não deveria jogar futebol, então eles queriam humilhar, machucar... Até eu mesma fui machucada.	eles queriam humilhar, machucar.	
Zélia	Para um campeonato, tem muito homem que não admite levar um chapéu, um gol de perna, não admite. Nessa parte acho que tinha que separar, porque tem homem que... eles não aceitam e acabam machucando mesmo. Agora mulher com mulher chega junto, mas é mulher, agora homem não, machuca mesmo.	Tem muito homem que não admite levar um chapéu, um gol de perna, eles não aceitam e acabam machucando mesmo.	A
Lúcia	Ia ser legal assim. Só que os homens sempre vão ganhar, porque eles são mais fortes, não adianta chegar e dar um jogo de corpo num homem e ele fazer o mesmo com a gente. Mas, tem muitas meninas que jogam muito melhor do que muitos meninos. As meninas vão perder na força, porque o homem já é de natureza um ser mais forte, o chute dele é mais forte do que o da menina, por mais que você faça musculação, essa é a tendência, por ser homem. Ia ser bacana jogar assim, mas acho que também eles não aceitariam perder, se você fizer gol e sair ganhando eles dariam no meio, fariam faltas se você chegar a driblar uma menina é diferente do que você chegar num homem, você chegar no osso pra dar uma pancada e chegar em uma menina, você estoura o tornozelo dela na primeira, isso é que é difícil. Acho que ia ser difícil pela força, do resto colocar a bola no chão - ia ser beleza daí.	Ia ser legal assim. As meninas vão perder na força, porque o homem já é de natureza um ser mais forte, o chute dele é mais forte do que o da menina acho que também eles não aceitariam perder, se você fizer gol e sair ganhando eles dariam no meio.	B
Alice	Acho que não daria certo. Porque a mulher tem um ritmo muito diferente de um homem. Homem tem mais velocidade e mais força, mulher não, é menos resistente e o homem é mais experiente.	Acho que não daria certo. Homem tem mais velocidade e mais força, mulher não, é menos resistente e o homem é mais experiente.	C
Bruna	Eu acho que não daria certo por causa das condições físicas. Homem é mais forte que a mulher, então acho que não, é melhor futebol feminino e futebol masculino dividido.	Não daria certo. Homem é mais forte que a mulher.	C

Célia	Eu não acho válido, não. Homem tem muito mais força, muito mais velocidade, apesar de serem duas equipes iguais, mesmo nível, eu não sou muito a favor. Cada um tem que ter seu espaço.	Eu não acho válido, não. Homem tem muito mais força, muito mais velocidade.	C
Dulce	Eu não gostaria de disputar este campeonato não, porque há uma diferença física entre o homem e a mulher. Homem, vamos dizer que é um pouquinho mais bruto.	Eu não gostaria de disputar este campeonato não, porque há uma diferença física entre o homem e a mulher.	C
Eva	Não dá certo não. Machucaria a gente, o homem tem mais velocidade que a gente.	Não dá certo não, o homem tem mais velocidade que a gente.	C
Fátima	Ah! Eu acho que não, porque a força do homem é muito diferente da mulher. Não daria certo.	Acho que não, porque a força do homem é muito diferente da mulher.	C
Geni	O homem e a mulher têm um metabolismo diferente, o homem no jogo ele é mais grosso. Para um campeonato, eu não acharia legal, acho que eles lá e a gente aqui, jogando o nosso futebol e eles jogando o deles. Porque é completamente diferente o metabolismo, você tem uma preparação diferente, o homem você pode exigir mais que ele agüenta, a mulher já é diferente, o próprio emocional já é bem diferente.	Para um campeonato, eu não acharia legal, porque é completamente diferente o metabolismo, você tem uma preparação diferente, o homem você pode exigir mais que ele agüenta.	C
Hilda	Eu acho que não se deve misturar não, só menina com menina e homem com homem, por causa da força física. Imagina, um cara vai dividir com a menina, o cara é muito mais forte, lógico, isso é comprovado. Aí poderia até machucar.	Eu acho que não se deve misturar não, imagina um cara vai dividir com a menina, o cara é muito mais forte, lógico.	C
Ivone	Eu não acho legal, porque o futebol é um esporte que tem muito contato físico e os homens são bem mais fortes que as mulheres. Eu acho que isso geraria muitas contusões e eu não acho legal não.	Eu não acho legal porque o futebol é um esporte que tem muito contato físico e os homens são bem mais fortes que as mulheres.	C

Juçara	Eu não concordo, porque mesmo que a gente treine, que a gente lute, o homem tem mais força física, homem é mais forte que a mulher, ficaria desequilibrado.	Eu não concordo porque mesmo que a gente treine, que a gente lute, o homem tem mais força física, homem é mais forte que a mulher, ficaria desequilibrado.	C
Nair	Acho que ia ser bem legal, eu estou acostumada a jogar com menino. Jogo na escola, jogo sempre misto, acho bem legal. Eles têm um pouco de medo de acertar a menina, mas se fosse no campeonato acho que iriam com a mesma garra pegar a bola.	Acho que ia ser bem legal, eu estou acostumada a jogar com menino.	D
Rute	Ah, eu acho que seria legal, eu acho muito interessante isso, de jogar homem com mulher e ainda mais que os homens respeitam muito quando jogam misto, eles respeitam bastante, é um futebol bem mais tranquilo.	Seria legal, jogar homem com mulher, os homens respeitam muito quando jogam misto, é um futebol bem mais tranquilo.	D
Tais	Acharia até legal, eu não sei como iria ficar na parte do vestiário, mas acharia legal até. Acharia até bacana, legal de se ver, as mudanças fisiológicas que existem. Eu gostaria de jogar em uma competição dessas.	Eu gostaria de jogar em uma competição dessas.	D
Zélia	Eu gosto de jogar com homem. Agora depende da mulher, eu gostaria de jogar com homem sim, eu adoro jogar com homem, lá na minha cidade eu jogo com os caras, eu não estou nem aí, tem as vezes que você cai e os caras metem o pé, mas eu acho que é coisa do jogo mesmo.	Eu gosto de jogar com homem.	D
Mônica	Eu não acharia legal porque é diferente homem de mulher, é diferente.	Eu não acharia legal porque é diferente homem de mulher.	E
Paula	Mas eu acho que tem muita mulher que joga melhor do que homem, eu acho que não seria o caso de desigualdade, seria o caso de respeito, se houver respeito entre as equipes tudo bem, eu acho que não teria problema.	Se houver respeito entre as equipes tudo bem, eu acho que não teria problema.	F
Sara	Eu acho que seria uma boa, principalmente pelo preconceito também, seria uma boa não	Seria uma boa, principalmente pelo	G

	só para a gente como para eles também, convivendo com o nosso dia a dia, e a gente convivendo com o dia a dia deles, seria uma boa.	preconceito, eles convivendo com o nosso dia a dia, e a gente convivendo com o dia a dia deles.	
Vanda	Eu acho que talvez até de certo, não sei porque o futebol feminino a gente olha as meninas, tem uma forma de jogar totalmente diferente, eu não sei porque ainda há um machismo. Os homens podem até criticar na hora, "ah toca essa bola direito", não sei se daria tão certo não, mas quem sabe poderia tentar, não sei, acho que fica meio no ar esta pergunta, não sei, talvez sim, não sei, fica meio no ar.	Não sei, talvez sim, não sei, fica meio no ar.	H

CATEGORIAS DAS IDÉIAS CENTRAIS DA PERGUNTA 8 (16 A 21 ANOS)

A - REPRESENTAÇÕES DE MASCULINIDADE HEGÊMONICA IMPEDEM O JOGO

B - JOGARIA APESAR DAS DIFERENÇAS BIOLÓGICAS E DE GÊNERO

C - AS DIFERENÇAS BIOLÓGICAS IMPEDEM O JOGO

D - JOGARIA COM GOSTO

E - NÃO JOGARIA PELAS DIFERENÇAS

F - JOGARIA SE HOUVESSE RESPEITO

G - JOGARIA, ÓTIMA TROCA DE EXPERIÊNCIAS DE DIVERSIDADE

H - NÃO SABE SE JOGARIA

QUADRO 56 – Resumo e categorias das Idéias Centrais da pergunta 8 (16 a 21 anos)

B) Resultados quantitativos (percentuais por categoria e gráfico ilustrativo) das Idéias Centrais

RESULTADOS QUANTITATIVOS DAS IDÉIAS CENTRAIS (16 A 21 ANOS)

8 - Futebol misto: Você jogaria uma competição na qual homens e mulheres jogassem futebol juntos, em times com 5 homens, 5 mulheres, e o goleiro livre, de qualquer sexo?

A - REPRESENTAÇÕES DE MASCULINIDADE HEGÊMONICA IMPEDEM O JOGO	5	20,83 %
B - JOGARIA APESAR DAS DIFERENÇAS BIOLÓGICAS E DE GÊNERO	1	4,17 %
C - AS DIFERENÇAS BIOLÓGICAS IMPEDEM O JOGO	10	41,67 %
D - JOGARIA COM GOSTO	4	16,67 %
E - NÃO JOGARIA PELAS DIFERENÇAS	1	4,17 %
F - JOGARIA SE HOUVESSE RESPEITO	1	4,17 %
G - JOGARIA, ÓTIMA TROCA DE EXPERIÊNCIAS DE DIVERSIDADE	1	4,17 %
H - NÃO SABE SE JOGARIA	1	4,17 %

TOTAL DE RESPOSTAS DA PERGUNTA 24

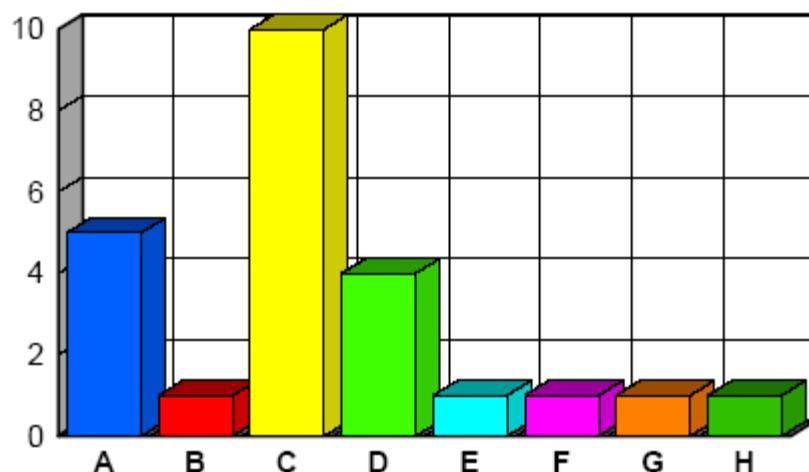


FIGURA 27 – Resultados quantitativos das Idéias Centrais da Pergunta 8 (16 a 21 anos)

C) Discurso do sujeito coletivo das categorias formadas pelas Idéias Centrais

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DAS IDÉIAS CENTRAIS (16 A 21 ANOS)

8 - Futebol misto: Você jogaria uma competição na qual homens e mulheres jogassem futebol juntos, em times com 5 homens, 5 mulheres, e o goleiro livre, de qualquer sexo?

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA A - REPRESENTAÇÕES DE MASCULINIDADE HEGÊMONICA IMPEDEM O JOGO

Ah! eu não concordaria, acho que não tem nada a ver, viraria bagunça. Tem muito homem que não admite levar um chapéu, um gol de perna, não admite, nessa parte acho que tinha que separar, porque tem homem que... Eles não aceitam e acabam machucando mesmo, você começa a dar olé eles já batem, eles não admitem. É que quando eu jogava entre eles, tinha muitos rapazes que não respeitavam, acabavam machucando as meninas e até mesmo as meninas machucando eles, porque não respeitavam. Eles falavam que mulher não deveria jogar futebol, então eles queriam humilhar, machucar... até eu mesma fui machucada sabe. É que tem aquele lado que homem não gosta de perder para mulher, não gosta de levar um olé de mulher, isso é uma coisa que existe que os homens não aceitam, para um campeonato não acharia legal.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA B – JOGARIA APESAR DAS DIFERENÇAS BIOLÓGICAS E DE GÊNERO

Ia ser legal assim. Só que os homens sempre vão ganhar, porque eles são mais fortes, não adianta chegar e dar um jogo de corpo num homem e ele fazer o mesmo com a gente. Mas tem muitas meninas que jogam muito melhor do que muitos meninos. As meninas vão perder na força, porque o homem já é de natureza um ser mais forte, o chute dele é mais forte do que o da menina, por mais que você faça musculação essa é a tendência, por ser homem. Ia ser bacana jogar assim, mas acho que também eles não aceitariam perder, se você fizer gol e sair ganhando eles dariam no meio, fariam faltas se você chegar a driblar uma menina é diferente do que você chegar num homem.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA C – AS DIFERENÇAS BIOLÓGICAS IMPEDEM O JOGO

Eu não acho válido não, eu não gostaria de disputar este campeonato, não, eu acho que não daria certo por causa das condições físicas, porque há uma diferença física entre o homem e mulher. Homem é mais forte que a mulher, tem muito mais força; homem tem mais velocidade, a mulher tem um ritmo muito diferente de um homem, o homem tem muito mais velocidade que a gente. É completamente diferente o metabolismo, você tem uma preparação diferente, o homem você pode exigir mais que ele agüenta, a mulher já é diferente, o próprio emocional já é bem diferente. Acho que eles lá e a gente aqui, jogando o nosso futebol e eles jogando o deles porque homem, vamos dizer, é um pouquinho mais bruto, futebol é um esporte que tem muito contato físico, o homem no jogo ele é mais grosso, acho que isso geraria muitas contusões. Imagina um cara vai dividir com a menina, o cara é muito mais forte, lógico, isso é comprovado, aí poderia até machucar. Apesar de serem duas equipes iguais, mesmo nível, eu não sou muito a favor, cada um tem que ter seu espaço, para um campeonato não acharia legal, não se deve misturar não, só menina com menina e homem com homem.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA D – JOGARIA COM GOSTO

Acho que ia ser bem legal, eu acho muito interessante isso, acharia até bacana, legal de se ver, eu gosto de jogar com homem, eu adoro jogar com homem. Eu jogo na escola, jogo sempre misto. Acho bem legal, de jogar homem com mulher e ainda mais que os homens respeitam muito quando jogam misto, eles respeitam bastante, é um futebol bem mais tranquilo, eles tem um pouco de medo de acertar a menina, mas se fosse no campeonato acho que iriam com a mesma garra pegar a bola. Eu não sei como iria ficar na parte do vestiário, mas acharia legal até, lá na minha cidade eu jogo com os caras, eu não estou nem aí, tem as vezes que você cai e os caras metem o pé, mas eu acho que é coisa do jogo mesmo. Eu gostaria de jogar em uma competição dessas.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA E – NÃO JOGARIA PELAS DIFERENÇAS

Eu não acharia legal porque é diferente homem de mulher, é diferente.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA F – JOGARIA SE HOUVESSE RESPEITO

Eu acho que tem muita mulher que joga melhor do que homem, eu acho que não seria o caso de desigualdade, seria o caso de respeito, se houver respeito entre as equipes tudo bem, eu acho que não teria problema.

**DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA G – JOGARIA,
ÓTIMA TROCA DE EXPERIÊNCIAS DE DIVERSIDADE**

Eu acho que seria uma boa, principalmente pelo preconceito também, seria uma boa não só para a gente como para eles também, convivendo com o nosso dia a dia e a gente convivendo com o dia a dia deles, seria uma boa.

**DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA H – NÃO SABE SE
JOGARIA**

Eu acho que talvez até dê certo, não sei porque o futebol feminino a gente olha as meninas, tem uma forma de jogar totalmente diferente, eu não sei porque ainda há um machismo. Os homens podem até criticar na hora, "ah toca essa bola direito", não sei se daria tão certo não, mas quem sabe poderia tentar, não sei, acho que fica meio no ar esta pergunta, não sei, talvez sim, não sei, fica meio no ar.

QUADRO 57 – DSC das Idéias Centrais da pergunta 8 (16 a 21 anos)

D) Resumo e categorias das Ancoragens

RESUMO DAS ANCORAGENS (16 A 21 ANOS)

8 - Futebol misto: Você jogaria uma competição na qual homens e mulheres jogassem futebol juntos, em times com 5 homens, 5 mulheres, e o goleiro livre, de qualquer sexo?

Expressões Chave		Ancoragem	
Geni	O homem no jogo ele é mais grosso, se a gente for jogar uma pelada com um carinha assim, algum homem, você começa a dar olé e eles já batem, eles não admitem.	Se a gente for jogar uma pelada com um carinha assim, algum homem, você começa a dar olé e eles já batem, eles não admitem.	A
Juçara	Homem não gosta de perder para mulher, não gosta de levar um olé de mulher, isso é uma coisa que existe que os homens não aceitam.	Homem não gosta de perder para mulher, não gosta de levar um olé de mulher.	A
Lúcia	Eles não aceitariam perder, se você fizer gol e sair ganhando eles dariam no meio, fariam faltas. Se você chegar a driblar uma menina é diferente do que você chegar num homem.	Eles não aceitariam perder, se você fizer gol e sair ganhando eles dariam no meio.	A
Paula	É que quando eu jogava entre eles, muitos rapazes não respeitavam, acabavam machucando as meninas. Eles falavam que mulher não deveria jogar futebol, então eles queriam humilhar, machucar.	Eles falavam que mulher não deveria jogar futebol, então eles queriam humilhar, machucar.	A
Zélia	Tem muito homem que não admite levar um chapéu, um gol de perna, não admite, eles não aceitam e acabam machucando mesmo. Agora, mulher com mulher chega junto, mas é mulher, agora homem não, machuca mesmo.	Tem muito homem que não admite levar um chapéu, um gol de perna, não admite, eles não aceitam e acabam machucando mesmo.	A
Alice	Homem tem mais velocidade e mais força, mulher não, é menos resistente e o homem é mais experiente, não que a gente não seja mas que homem é mais resistente, a resistência é diferente de homem para mulher.	Homem tem mais velocidade e mais força, mulher não. A resistência é diferente de homem para mulher.	B

Bruna	Não daria certo por causa das condições físicas. Homem é mais forte que a mulher.	Homem é mais forte que a mulher.	B
Célia	Homem tem muito mais força, muito mais velocidade.	Homem tem muito mais força, muito mais velocidade.	B
Dulce	Há uma diferença física entre o homem e mulher. Homem vamos dizer que é um pouquinho mais bruto.	Homem vamos dizer que é um pouquinho mais bruto.	B
Fátima	A força do homem é muito diferente da mulher.	A força do homem é muito diferente da mulher.	B
Hilda	Imagina um cara vai dividir com a menina o cara é muito mais forte, lógico, isso é comprovado aí poderia até machucar.	O cara é muito mais forte, lógico, isso é comprovado.	B
Ivone	Os homens são bem mais fortes que as mulheres e eu acho que isso geraria muitas contusões.	Os homens são bem mais fortes que as mulheres e eu acho que isso geraria muitas contusões.	B
Juçara	Mesmo que a gente treine, que a gente lute, o homem tem mais força física, homem é mais forte que a mulher, ficaria desequilibrado.	Mesmo que a gente treine, que a gente lute, homem é mais forte que a mulher, ficaria desequilibrado.	B
Lúcia	Só que os homens sempre vão ganhar, porque eles são mais fortes. As meninas vão perder na força, porque o homem já é de natureza um ser mais forte, o chute dele é mais forte do que o da menina, por mais que você faça musculação, essa é a tendência, por ser homem.	O homem já é de natureza um ser mais forte, o chute dele é mais forte do que o da menina, por mais que você faça musculação, essa é a tendência.	B
Sara	Eu acho que seria uma boa, principalmente pelo preconceito, eles convivendo com o nosso dia a dia, e a gente convivendo com o dia a dia deles.	Eu acho que seria uma boa, principalmente pelo preconceito, eles convivendo com o nosso dia a dia, e a gente convivendo com o dia a dia deles.	C

CATEGORIAS DAS ANCORAÇÕES DA PERGUNTA 8 (16 A 21 ANOS)

A - MASCULINIDADE HEGEMÔNICA E VIOLENTA EXPRESSA NO FUTEBOL

B - A MULHER É MAIS FRACA

C - A CONVIVÊNCIA AJUDA VENCER O PRECONCEITO

QUADRO 58 – Resumo e categorias das Ancorações da pergunta 8 (16 a 21 anos)

E) Resultados quantitativos (percentuais por categoria e gráfico ilustrativo) das Ancoragens

RESULTADOS QUANTITATIVOS DAS ANCORAÇÕES (16 A 21 ANOS)

8 - Futebol misto: Você jogaria uma competição na qual homens e mulheres jogassem futebol juntos, em times com 5 homens, 5 mulheres, e o goleiro livre, de qualquer sexo?

**A - MASCULINIDADE HEGEMÔNICA E VIOLENTA
EXPRESSA NO FUTEBOL**

5 33,33%

B - A MULHER É MAIS FRACA

9 60,00%

C - A CONVIVÊNCIA AJUDA VENCER O PRECONCEITO

1 6,67 %

TOTAL DE RESPOSTAS DA PERGUNTA

15

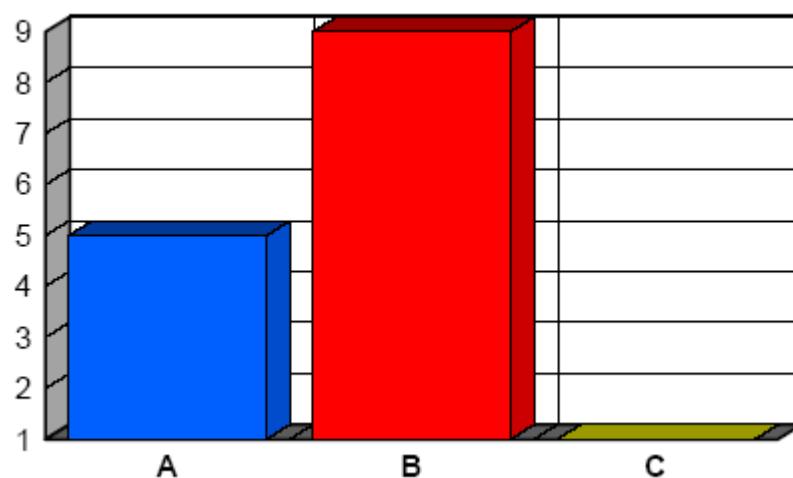


FIGURA 28 – Resultados quantitativos das Ancoragens da Pergunta 8 (16 a 21 anos)

F) Discurso do sujeito coletivo das categorias formadas pelas Ancoragens

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DAS ANCORAGENS (16 A 21 ANOS)

8 - Futebol misto: Você jogaria uma competição na qual homens e mulheres jogassem futebol juntos, em times com 5 homens, 5 mulheres, e o goleiro livre, de qualquer sexo?

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA A –MASCULINIDADE HEGEMÔNICA E VIOLENTA EXPRESSA NO FUTEBOL

Eles não aceitariam perder, se você fizer gol e sair ganhando, eles dariam no meio, fariam faltas. Se você chegar e driblar uma menina é diferente do que você chegar num homem, eles já batem, eles não admitem. Homem não gosta de perder para mulher, eles não aceitam e acabam machucando mesmo.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA B – A MULHER É MAIS FRACA

Não daria certo por causa das condições físicas, a força do homem é muito diferente da mulher, os homens são bem mais fortes que as mulheres, as meninas vão perder na força, porque o homem já é de natureza um ser mais forte, o chute dele é mais forte do que o da menina, ficaria desequilibrado.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA C – A CONVIVÊNCIA AJUDA VENCER O PRECONCEITO

Eu acho que seria uma boa, principalmente pelo preconceito, eles convivendo com o nosso dia a dia, e a gente convivendo com o dia a dia deles.

QUADRO 59 – DSC das Ancoragens da pergunta 8 (16 a 21 anos)

5.2.8.2 Pergunta 8 – Resultados (22-27 anos)

A) Resumo e categorias das Idéias Centrais

RESUMO DAS IDÉIAS CENTRAIS (22 A 27 ANOS)

8 - Futebol misto: Você jogaria uma competição na qual homens e mulheres jogassem futebol juntos, em times com 5 homens, 5 mulheres, e o goleiro livre, de qualquer sexo?

	Expressões Chave	Idéia Central	
Ana	Ah! Não ia dar certo não. Porque a maioria dos homens não gosta de tomar olé de mulher, toma uma finta, não gostam, então eles já pegam, já querem bater. Porque tem muita mulher que é melhor que homem, não sei se você sabe, tem muita mulher melhor que homem, dá show, dá chapéu, tudo que se imagina, ela faz. Então não daria certo porque eles já iam querer bater.	Ah! Não ia dar certo não. Porque a maioria dos homens não gosta de tomar olé de mulher.	A
Bia	Eu acho que não teria problema nenhum. Se todos os jogadores estiverem cientes e não os homens aproveitarem porque a mulher é mais fraca, se o homem tiver medo de dividir porque é mulher... porque são estruturas físicas diferentes, não tem jeito, homem com a mesma idade que a mulher tem uma estrutura física mais forte, então ele é diferente. Acho que vale a pena tentar para ver o que acontece.	Se todos os jogadores tiverem cientes e não os homens aproveitarem porque a mulher é mais fraca. Acho que vale a pena tentar para ver o que acontece.	B
Carla	Acho que ia ser a mesma coisa, sempre o homem mais forte, completamente diferente da mulher. Eu jogaria porque eu já estou acostumada a jogar no meio dos moleques, treinar. A gente pega mais experiência, se bem que a gente corre o risco de se machucar mais, porque os homens são mais duros, mas a gente arrisca mesmo assim.	Eu jogaria porque eu já estou acostumada a jogar no meio dos moleques, se bem que a gente corre o risco de se machucar mais, porque os homens são mais duros.	B
Deise	Eu acho que não é possível, não dá para comparar. O futebol é um esporte de força e explosão, porque dado o tamanho do campo, a força física conta muito e isso não tem como a	Eu acho que não é possível, não dá para comparar a força física conta muito e	C

	mulher fazer, ela é mais fraca que o homem, isso é biológico, não tem e não há o que discutir. A mulher pode chegar bem próxima, mas não vai conseguir se equivaler ao homem. Dizem que no futuro, as pessoas acreditam que a mulher pode, mas hoje não. Mas tecnicamente a mulher pode ser tão habilidosa quanto o homem isso eu não tenho dúvida.	isso não tem como a mulher fazer, ela é mais fraca que o homem.	
Julia	Não concordo em jogar mulher e homem junto, o corpo e a resistência são diferentes e iria apagar a imagem tanto do futebol masculino quanto a do feminino.	Não concordo em jogar mulher e homem junto, o corpo e a resistência são diferentes.	C
Laura	Não acho certo, o homem é muito mais forte que a mulher.	Não acho certo, o homem é muito mais forte que a mulher.	C
Miriam	Às vezes jogo algumas peladinhas, jogamos meio misturados, mas acho que jogo oficial, profissional, acho que não daria certo não. Homem tem muito mais força física que a mulher, mais explosão, mais agilidade, mais habilidade.	Acho que não daria certo não. Homem tem muito mais força física que a mulher, mais explosão, mais agilidade, mais habilidade.	C
Elza	Nossa... ia ser muito legal, eu adoraria ver um futebol misto, ia ser interessante.	Eu adoraria, ia ser interessante.	D
Kelly	É interessante, eu sempre joguei com os meninos.,Nós mesmas, a gente treina com os meninos, para exigir mesmo da gente, assim é super normal e super natural, porque eles respeitam também e na hora que é para chegar junto, eles chegam.	É interessante, eu sempre joguei com os meninos.	D
Elza	Ia ser interessante, porque uma mulher com um preparo físico bom não deixa tanto a desejar não.	Uma mulher com um preparo físico bom não deixa tanto a desejar não.	E
Flávia	Eu acho que ainda é difícil, como todo esporte tem uma diferença principalmente uma diferença física. Acho que seria interessante mas não é exatamente isso que eu imagino para o futebol. Acho que tem que ser realmente com suas determinadas diferenças, mas com qualidade dos dois lados. Homens e	Homens e mulheres sempre terão suas diferenças, mas cada um pode mostrar seu melhor dentro de campo, em separado.	F

	mulheres sempre terão suas diferenças, mas cada um pode mostrar seu melhor dentro de campo, em separado.	separado.	
Helen	Eu não acho que é legal não, você não vê um time misto no vôlei, porque teria que ter no futebol? Acho que não, como tem apoio no futebol masculino, tem que ter apoio no futebol feminino, acho que é assim que tem que ser, não tem que misturar as coisas.	Eu não acho que é legal não, como tem apoio no futebol masculino, tem que ter apoio no futebol feminino.	F
Gabi	Eu acho que não ia dar certo não, acho que não iria ser a mesma disputa. Eles não iriam querer dividir a bola com as mulheres, porque iam ficar com dó. Acho que não ia dar certo não, porque o homem tem o futebol diferente, a mulher tem outro estilo. Não é a mesma coisa, não é o mesmo futebol. Acho que os homens iriam tirar o pé, iriam deixar as mulheres fazerem gols, deixar passar e não é bem por aí, acho que não iria dar certo não.	Eu acho que não ia dar certo não, acho que não iria ser a mesma disputa. Eles não iriam querer dividir a bola com as mulheres, porque iam ficar com dó.	G
Iara	Eu acho que as mulheres levariam muito a sério, para elas seria super interessante, mas os homens não, com certeza para eles não passaria de uma brincadeira.	Eu acho que para as mulheres seria super interessante, mas os homens não, não passaria de uma brincadeira.	G

CATEGORIAS DAS IDÉIAS CENTRAIS DA PERGUNTA 8 (22 A 27 ANOS)

- A - REPRESENTAÇÕES DE MASCULINIDADE HEGÊMONICA IMPEDEM O JOGO**
- B - JOGARIA APESAR DAS DIFERENÇAS BIOLÓGICAS E DE GÊNERO**
- C - AS DIFERENÇAS BIOLÓGICAS IMPEDEM O JOGO**
- D - JOGARIA COM GOSTO**
- E - O TREINAMENTO DIMINUI AS DIFERENÇAS BIOLÓGICAS**
- F - RESPEITO ÀS DIFERENÇAS EM JOGOS SEPARADOS**
- G - AUSÊNCIA DE COMPETITIVIDADE DEVIDO A SUPOSTA SUPERIORIDADE MASCULINA**

QUADRO 60 – Resumo e categorias das Idéias Centrais da pergunta 8 (22 a 27 anos)

B) Resultados quantitativos (percentuais por categoria e gráfico ilustrativo) das Idéias Centrais

RESULTADOS QUANTITATIVOS DAS IDÉIAS CENTRAIS (22 A 27 ANOS)

8 - Futebol misto: Você jogaria uma competição na qual homens e mulheres jogassem futebol juntos, em times com 5 homens, 5 mulheres, e o goleiro livre, de qualquer sexo?

A - REPRESENTAÇÕES DE MASCULINIDADE HEGÊMONICA IMPEDEM O JOGO	1	7,14 %
B - JOGARIA APESAR DAS DIFERENÇAS BIOLÓGICAS E DE GÊNERO	2	14,29 %
C - AS DIFERENÇAS BIOLÓGICAS IMPEDEM O JOGO	4	28,57 %
D - JOGARIA COM GOSTO	2	14,29 %
E - O TREINAMENTO DIMINUI AS DIFERENÇAS BIOLÓGICAS	1	7,14 %
F - RESPEITO ÀS DIFERENÇAS EM JOGOS SEPARADOS	2	14,29 %
G - AUSÊNCIA DE COMPETITIVIDADE DEVIDO A SUPOSTA SUPERIORIDADE MASCULINA	2	14,29 %
TOTAL DE RESPOSTAS DA PERGUNTA	14	

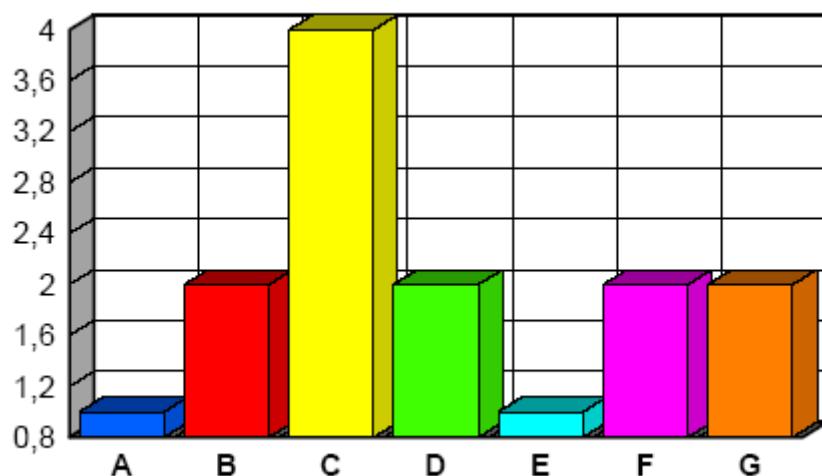


FIGURA 29 – Resultados quantitativos das Idéias Centrais da Pergunta 8 (22 a 27 anos)

C) Discurso do sujeito coletivo das categorias formadas pelas Idéias Centrais

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DAS IDÉIAS CENTRAIS (22 A 27 ANOS)

8 - Futebol misto: Você jogaria uma competição na qual homens e mulheres jogassem futebol juntos, em times com 5 homens, 5 mulheres, e o goleiro livre, de qualquer sexo?

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA A - REPRESENTAÇÕES DE MASCULINIDADE HEGÊMONICA IMPEDEM O JOGO

Ah! Não ia dar certo não. Porque a maioria dos homens não gosta de tomar olé de mulher, toma uma finta, não gostam então eles já pegam, já querem bater, porque tem muita mulher que é melhor que homem, não sei se você sabe, tem muita mulher melhor que homem, dá show, dá chapéu, tudo que se imagina, ela faz. Então não daria certo porque eles já iam querer bater.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA B – JOGARIA APESAR DAS DIFERENÇAS BIOLÓGICAS E DE GÊNERO

Eu jogaria, eu acho que não teria problema nenhum porque eu já estou acostumada a jogar no meio dos moleques, treinar. A gente pega mais experiência, se bem que a gente corre o risco de se machucar mais, porque os homens são mais duros, mas a gente arrisca mesmo assim. Se todos os jogadores estiverem cientes e não os homens aproveitarem porque a mulher é mais fraca, se o homem tiver medo de dividir porque é mulher... porque são estruturas físicas diferentes, sempre o homem mais forte, completamente diferente da mulher, não tem jeito, homem com a mesma idade que a mulher tem uma estrutura física mais forte, então ele é diferente. Acho que vale a pena tentar para ver o que acontece.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA C - AS DIFERENÇAS BIOLÓGICAS IMPEDEM O JOGO

Não concordo em jogar mulher e homem juntos, eu acho que não é possível, não dá para comparar. Às vezes jogo algumas peladinhas, jogamos meio misturados, mas acho que jogo oficial, profissional, acho que não daria certo não. O futebol é um esporte de força e explosão, porque dado o tamanho do campo, a força física conta muito e isso não tem como a mulher fazer, o corpo e a resistência são diferentes, homem tem muito mais força física que a mulher, mais explosão, mais agilidade, mais habilidade. Ela é mais fraca que o homem, isso é biológico, não tem e não há o que discutir. A mulher pode chegar bem próxima, mas não vai conseguir se equivaler ao homem. Dizem que no futuro, as pessoas acreditam que a mulher pode, mas hoje não. Mas tecnicamente a mulher pode ser tão habilidosa quanto o homem isso eu não tenho dúvida.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA D - JOGARIA COM GOSTO

É interessante, eu sempre joguei com os meninos, ia ser muito legal, a gente treina com os meninos, para exigir mesmo da gente, assim é super normal e super natural, porque eles respeitam também e na hora que é para chegar junto eles chegam. Eu adoraria ver um futebol misto, ia ser interessante.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA E - O TREINAMENTO DIMINUI AS DIFERENÇAS BIOLÓGICAS

Ia ser interessante, porque uma mulher com um preparo físico bom não deixa tanto a desejar não.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA F - RESPEITO ÀS DIFERENÇAS EM JOGOS SEPARADOS

Não sei. Eu não acho que é legal não, não é exatamente isso que eu imagino para o futebol. Você não vê um time misto no vôlei, porque teria que ter no futebol? Homens e mulheres sempre terão suas diferenças, mas cada um pode mostrar seu melhor dentro de campo, em separado. Como todo esporte tem uma diferença, principalmente uma diferença física, acho que tem que ser realmente com suas determinadas diferenças, mas com qualidade dos dois lados. Como tem apoio no futebol masculino, tem que ter apoio no futebol feminino, acho que é assim que tem que ser, não tem que misturar as coisas.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA G - AUSÊNCIA DE COMPETITIVIDADE DEVIDO A SUPOSTA SUPERIORIDADE MASCULINA

Eu acho que não ia dar certo não, acho que não iria ser a mesma disputa, eles não iriam querer dividir a bola com as mulheres, porque iam ficar com dó. As mulheres levariam muito a sério, para elas seria super interessante, mas os homens não levariam muito a sério, com certeza para eles não passaria de uma brincadeira. Os homens iriam tirar o pé, iriam deixar as mulheres fazerem gols, deixar passar e não é bem por aí, acho que não iria dar certo não.

QUADRO 61 – DSC das Idéias Centrais da pergunta 8 (22 a 27 anos)

D) Resumo e categorias das Ancoragens

RESUMO DAS ANCORAGENS (22 A 27 ANOS)

8 - Futebol misto: Você jogaria uma competição na qual homens e mulheres jogassem futebol juntos, em times com 5 homens, 5 mulheres, e o goleiro livre, de qualquer sexo?

	Expressões Chave	Ancoragem	
Ana	Ah! Não ia dar certo não. Porque a maioria dos homens não gosta de tomar olé de mulher, toma uma finta, não gostam, então eles já pegam, já querem bater, não é por aí, já levam por outro lado: "Ah! Vou levar olé de mulher". Quer ser machista. Então não daria certo porque eles já iam querer bater, toma um olé, perde, daí os outros vão tirar sarro, daí já fica nervoso todo mundo, daí já quer dar pancada... Na minha opinião não dá certo, isso ai não.	Então não daria certo porque eles já iam querer bater, fica nervoso todo mundo, daí já quer dar pancada...	A
Bia	Não teria problema nenhum. Se todos os jogadores estiverem cientes e não os homens aproveitarem porque a mulher é mais fraca, se o homem tiver medo de dividir porque é mulher... porque são estruturas físicas diferentes, não tem jeito, homem com a mesma idade que a mulher tem uma estrutura física mais forte, então ele é diferente.	A mulher é mais fraca, são estruturas físicas diferentes.	B
Carla	Acho que ia ser a mesma coisa, sempre o homem mais forte, completamente diferente da mulher. A gente pega mais experiência, se bem que a gente corre o risco de se machucar mais, porque os homens são mais duros, mas a gente arrisca mesmo assim.	Sempre o homem mais forte, completamente diferente da mulher.	B
Deise	A força física conta muito e isso não tem como a mulher fazer, ela é mais fraca que o homem, isso é biológico, não tem e não há o que discutir. A mulher pode chegar bem próxima, mas não vai conseguir se equivaler ao homem. Dizem que no futuro, as pessoas acreditam que a mulher pode, mas hoje não.	A mulher é mais fraca que o homem, isso é biológico, não tem e não há o que discutir.	B
Laura	O homem é muito mais forte que a mulher.	O homem é muito mais forte que a	B

		mulher.	
Miriam	Acho que não daria certo não. Homem tem muito mais força física que a mulher, mais explosão, mais agilidade, mais habilidade.	Homem tem muito mais força física.	B
Flávia	Acho que tem que ser realmente com suas determinadas diferenças, mas com qualidade dos dois lados como é hoje um jogo de tênis de qualidade, um jogo de vôlei de qualidade. Homens e mulheres sempre terão suas diferenças, mas cada um pode mostrar seu melhor dentro de campo, em separado.	Acho que tem que ser realmente com suas determinadas diferenças, mas com qualidade dos dois lados.	C
Gabi	Eu acho que não iria ser a mesma disputa, eles não iriam querer dividir a bola com as mulheres, porque iam ficar com dó, porque o homem tem o futebol diferente, a mulher tem outro estilo. Não é a mesma coisa, não é o mesmo futebol então, acho que não ia dar certo não. Acho que os homens iriam tirar o pé, iriam deixar as mulheres fazerem gols, deixar passar e não é bem por aí, acho que não iria dar certo não.	Eu acho que não iria ser a mesma disputa, eles não iriam querer dividir a bola com as mulheres, porque iam ficar com dó.	D

CATEGORIAS DAS ANCORAÇÕES DA PERGUNTA 8 (22 A 27 ANOS)

A - MASCULINIDADE HEGEMÔNICA E VIOLENTA EXPRESSA NO FUTEBOL

B - A MULHER É MAIS FRACA

C - VALORIZAR AS DIFERENÇAS

D - HOMENS TERIAM PENA DAS MULHERES

QUADRO 62 – Resumo e categorias das Ancorações da pergunta 8 (22 a 27 anos)

E) Resultados quantitativos (percentuais por categoria e gráfico ilustrativo) das Ancoragens

RESULTADOS QUANTITATIVOS DAS ANCORAÇÕES (22 A 27 ANOS)

8 - Futebol misto: Você jogaria uma competição na qual homens e mulheres jogassem futebol juntos, em times com 5 homens, 5 mulheres, e o goleiro livre, de qualquer sexo?

A - MASCULINIDADE HEGEMÔNICA E VIOLENTA EXPRESSA NO FUTEBOL	1	12,50%
B - A MULHER É MAIS FRACA	5	62,50%
C - VALORIZAR AS DIFERENÇAS	1	12,50 %
D - HOMENS TERIAM PENA DAS MULHERES	1	12,50 %
TOTAL DE RESPOSTAS DA PERGUNTA		8

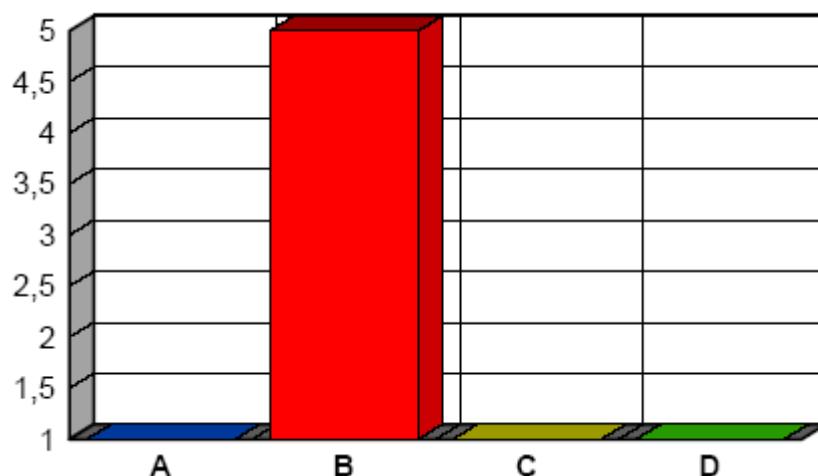


FIGURA 30 – Resultados quantitativos das Ancoragens da Pergunta 8 (22 a 27 anos)

F) Discurso do sujeito coletivo das categorias formadas pelas Ancoragens

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DAS ANCORAGENS (22 A 27 ANOS)

8 - Futebol misto: Você jogaria uma competição na qual homens e mulheres jogassem futebol juntos, em times com 5 homens, 5 mulheres, e o goleiro livre, de qualquer sexo?

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA A – MASCULINIDADE HEGEMÔNICA E VIOLENTA EXPRESSA NO FUTEBOL

Na minha opinião, não dá certo, isso ai não. Não dá certo, porque a maioria dos homens não gosta de tomar olé de mulher, toma uma finta, não gostam, então eles já pegam, já querem bater, não é por aí, já levam por outro lado: "Ah! Vou levar olé de mulher". Quer ser machista. Então não daria certo porque eles já iam querer bater, toma um olé, perde, daí os outros vão tirar sarro, daí já fica nervoso todo mundo, daí já quer dar pancada...

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA B – A MULHER É MAIS FRACA

Acho que ia ser a mesma coisa, sempre o homem mais forte, completamente diferente da mulher. A gente pega mais experiência, se bem que a gente corre o risco de se machucar mais, porque os homens são mais duros, porque a mulher é mais fraca, porque são estruturas físicas diferentes, não tem jeito, homem com a mesma idade que a mulher tem uma estrutura física mais forte, então ele é diferente. A força física conta muito e isso não tem como a mulher fazer, ela é mais fraca que o homem, isso é biológico, não tem e não há o que discutir. A mulher pode chegar bem próxima, mas não vai conseguir se equivaler ao homem. Dizem que no futuro, as pessoas acreditam que a mulher pode, mas hoje não. O homem é muito mais forte que a mulher, tem muito mais força física que a mulher, mais explosão, mais agilidade, mais habilidade.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA C – VALORIZAR AS DIFERENÇAS

Acho que tem que ser realmente com suas determinadas diferenças, mas com qualidade dos dois lados, como é hoje um jogo de tênis de qualidade, um jogo de vôlei de qualidade. Homens e mulheres sempre terão suas diferenças, mas cada um pode mostrar seu melhor dentro de campo, em separado.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA D - HOMENS TERIAM PENA DAS MULHERES

Eu acho que não iria ser a mesma disputa, eles não iriam querer dividir a bola com as mulheres, porque iam ficar com dó, não é o mesmo futebol então, acho que não ia dar certo não. Acho que os homens iriam tirar o pé, iriam deixar as mulheres fazerem gols.

QUADRO 63 – DSC das Ancoragens da pergunta 8 (22 a 27 anos)

5.2.8.3 Pergunta 8 – Discussão

Que diferença da mulher o homem tem, espera aí que eu vou dizer meu bem, é que o homem tem cabelo no peito, tem o queixo cabeludo e a mulher não tem...

mulher tem duas pernas, tem dois braços uma boca, e tem muita inteligência... o bicho homem, também tem do mesmo jeito, se for reparar direito, tem pouquinha diferença (Luiz Gonzaga)

Esta pergunta, sobre um hipotético torneio formado por equipes mistas, surgiu de uma tentativa frustrada de pesquisa de campo, que tentei realizar ainda no programa de doutoramento. Resumidamente, a idéia daquela pesquisa era realizar um torneio de futebol entre equipes masculinas e femininas, competindo entre si por um troféu e diversas premiações, enquanto eu faria uma série de observações e medidas.

Contudo, por diversas razões, este estudo não progrediu: não obtive apoio financeiro, os campos de futebol que estariam disponíveis para a empreitada acabaram por se revelar inviáveis, e, sobretudo, não encontrei equipes dispostas a participar da pesquisa, em nenhum dos dois sexos, fossem equipes masculinas ou femininas. Com um calendário repleto de torneios e competições, os dirigentes de equipes não quiseram comprometer suas equipes e atletas com um novo torneio, sobrecarregando seus cronogramas com algo sem valor oficial algum, que não era promovido por nenhuma entidade oficial. Cheguei a agendar jogos e conseguir uma estrutura diminuta para a realização do torneio, fazendo até um jogo-piloto em um campo com dimensões menores, e com menos jogadores em cada equipe, mas o projeto não foi adiante por falta de apoio geral.

No entanto, restou a curiosidade sobre como seria esta competição mista, e o que as atletas pensariam dela. Afinal, é muito comum equipes masculinas e femininas, de diversas modalidades, se defrontarem em jogos-treino, em amistosos, ou mesmo em situações de simples treinamento, no qual jogadores ou jogadoras do outro sexo completam as equipes, até por ausência de atletas em número suficiente.

Em situações de lazer, também não é incomum mulheres jogando em meio a homens, seja futebol, basquete, handebol, vôlei, ou outras modalidades.

Quando eu era treinador de handebol, realizei dezenas de treinamentos desta forma, fosse por necessidade (faltava gente, precisava completar as equipes com outras pessoas que soubessem jogar) ou até por questões técnico-táticas, a fim de treinar uma determinada equipe. No início da década de 1990, a treinadora de uma das melhores equipes femininas de handebol do Brasil me procurou, querendo promover um jogo-treino contra minha equipe juvenil masculina, pois ela precisava treinar para um campeonato internacional, e não encontrava mais em São Paulo equipes a sua altura. Lembro-me que fizemos o treino, e as pessoas que passavam ao largo, dirigentes do clube que assistiam ao jogo, me ironizaram muito por aquela iniciativa. Esta treinadora, entretanto, que inclusive já dirigi a seleção brasileira feminina de handebol, ao final do jogo agradeceu muito, dizendo que os rapazes “haviam sido muito gentis e legais com elas”. Como técnico, também achei o jogo muito valioso para a preparação da minha equipe. Como já disse, muitas equipes de mulheres colocam em sua programação de treinos, amistosos contra times masculinos, muitas vezes estes últimos possuindo idade inferior as primeiras, jogando mulheres adultas contra rapazes juvenis, por exemplo.

No entanto, uma competição com times que possuíssem atletas de sexos “misturados” seria algo inédito, mas que possuiria paralelos na história dos projetos de futebol. Breuil (2004) e Prudhomme-Poncet (2003) relatam o plano do jornalista e jogador de futebol, Gabriel Hanot, que na França do início do século XX, propôs a organização de um torneio com equipes compostas por quatro homens, jogadores veteranos, e sete mulheres, com a finalidade de “(...) melhorar a técnica das jogadoras, e garantir a consolidação do futebol feminino, instalando-o definitivamente no quadro das atividades esportivas” (BREUIL, 2004, p. 24). Já para Prudhomme-Poncet, a idéia do capitão da seleção francesa e redator-chefe do jornal *Miroir des Sports* foi o “(...) projeto mais audacioso na formação de equipes mistas, por permitir que as garotas adquirissem o senso tático prático do jogo” (PRUDHOMME-PONCET, 2004, p. 21). Entretanto, como ambos historiadores concordam, este projeto não saiu do papel, e assim como o meu, não se concretizou.

Mesmo com a não-efetivação do projeto “futebol misto”, esta pergunta vem ao encontro dos objetivos desta pesquisa, pois a idéia de um “jogo misto” pode trazer à tona uma plethora muito grande de representações de gênero, arraigadas em conceitos tradicionais de fragilidade feminina, ou de superioridade física masculina, ou mesmo representações que tragam novas visões e possibilidades de feminilidades e masculinidades.

Os resultados confirmaram que esta questão teria uma diversidade de opiniões e representações ao redor dela, o que mostra claramente a multiplicidade de visões e valores existentes sobre homens e mulheres praticando esportes. As atletas mais novas produziram oito categorias diferentes a partir das idéias centrais de seus discursos – sendo que a maior parte destas (16 dentre 24 respostas, ou 66,67%) traduz as idéias de quem não concorda ou não participaria do jogo, sendo que somente 5 delas 24 (ou 20,84%) dizem que jogariam com certeza. Esta também foi uma questão que apresentou muitas ancoragens (15) entre as atletas mais novas, ou seja, é uma pergunta que motiva as pessoas a moverem as suas ideologias, que embasam as suas posições contrárias ou favoráveis ao jogo – a maior parte das ancoragens (14, ou 93,33% daquelas que se manifestaram ideologicamente) é usada por aquelas que defendem a não realização do jogo.

Já dentre as atletas mais velhas, a diversidade de respostas também foi grande, formando 7 categorias de discursos a partir das idéias centrais destes, e com uma variação de opiniões bem grande. Mesmo dentre as que não concordariam com o jogo (que somadas são 9 dentre 14 respondentes, ou 64,29%), há posições bem diferenciadas, desde as que apresentam idéias mais “tradicionais” que traduzem as diferenças biológicas, como aquelas que se propõe a respeitar as diferenças, mas com cada um dos sexos fazendo o seu jogo. E também entre as mais velhas as posições se manifestam com força, e são sustentadas por diversas formas de ideologias que as ancoram, pois oito dentre as 13 respondentes manifestou de alguma forma uma ideologização desta questão.

Uma das categorias que foi comum a ambas as idades aqui estudadas, com 5 respondentes entre as mais novas e 1 entre as mais velhas, é a categoria denominada “representações de masculinidade hegemônica impedem o jogo”. Pelos perfis desenhados neste discurso, os homens jamais poderiam jogar contra as mulheres,

pois se tornariam extremamente violentos ao perderem, ou simplesmente ao levarem um drible das mulheres. As mais novas dizem que “tem muito homem que não aceita levar um chapéu, um gol de perna, não admite, nessa parte acho que tinha que separar (...). Eles não aceitam e acabam machucando mesmo, você começa a dar olé e eles já batem, eles não admitem. (...) É que tem aquele lado que homem não gosta de perder para mulher, ele não gosta de levar um olé de mulher, isso é uma coisa que existe que os homens não aceitam (...).” Já as mais velhas complementam que “não ia dar certo, não, porque a maioria dos homens não gosta de tomar olé de mulher, tomar uma finta, não gostam então eles já pegam, já querem bater (...).” Além disso, elas ancoraram este discurso, reafirmando que “não daria certo porque eles já iam querer bater”, enquanto as mais novas concordam, ao discursarem que “se você fizer gol e sair ganhando eles dariam no meio, fariam faltas (...).”

Esta pergunta também me fez descobrir que existem organizações que promovem campeonatos mistos de futebol em diversos países, mas que este fenômeno é algo tipicamente norte-americano, jogado em mais de 14 estados e com mais de duas dezenas de ligas através dos Estados Unidos, jogando aquilo que lá eles chamam de “coed soccer”. Henry e Comeaux (1999), ao estudarem uma destas ligas, descobriram que, em seu interior, algumas regras foram adaptadas para tornar o jogo mais igualitário, dentre as quais destaco: um máximo de cinco homens por equipe, sem contar o goleiro (coincidentemente, número igual ao aqui proposto na pergunta 8); e gol de mulher vale dois pontos, enquanto o de homem vale apenas 1. Outras regras adaptadas foram a proibição total do “carrinho” e do jogo de corpo, no sentido de limitar o jogo físico e a violência, e um limite máximo de três gols por jogador em cada jogo.

Os autores perceberam, contudo, que apesar da adaptação das regras, aproximadamente 80% dos gols era feito por homens, e que em todas as equipes, o artilheiro sempre era um homem. Resumidamente, para os autores, apesar dos ajustes formais envolvidos no jogo, que limitam o jogo dos homens e suas vantagens físicas, e dão compensações vantajosas às mulheres, as regras adaptadas “(...) não atingiram plenamente a promessa do igualitarismo contida no formato ‘coed’” (HENRY e COMEAUX, 1999, p. 281).

Contrariamente porém ao previsto pelas atletas brasileiras em um possível jogo misto, no formato *coed* norte – americano, segundo relatam Henry e Comeaux (1999),

(...) é esperado que os homens controlem a sua agressividade, enquanto que as mulheres sejam mais agressivas: uma mulher ficou muito satisfeita quando, durante um treinamento, seus colegas de equipe a elogiaram por sua agressividade. (HENRY e COMEAUX, 1999, p. 282).

Interessante notar que a problemática da violência no futebol envolve também as representações simbólicas sobre a sua prática, pois se no Brasil ele pode ser considerado um jogo extremamente violento, no qual os homens podem expressar esta violência, segundo os próprios discursos das futebolistas, nos Estados Unidos ele é visto como um jogo de classe média branca, e por isso mesmo menos violento, não necessitando de grandes habilidades tampouco de um físico avantajado – ou seja, acabou se tornando um ótimo e aceitável esporte para mulheres, não constituindo nenhuma ameaça às outras modalidades que representam simbolicamente a masculinidade hegemônica violenta naquele país: o futebol americano e o basquete, estes sim construídos para ‘atletas de primeira linha’, e jogados por negros, fisicamente avantajados, provenientes dos guetos socialmente desfavorecidos (HENRI e COMEAUX, 1999).

A tese de representações distintas sobre a violência do futebol também se reforça quando Dunning e Maguire (1997) estudam e analisam as origens dos esportes modernos na Inglaterra do final do século XIX. Naquela época, segundo estes autores, os pais de classes médias e altas enviavam seus filhos às escolas com o intuito de que estes, por meio dos esportes e jogos, aprendessem a virilidade e se tornassem independentes. No entanto, com o desenvolvimento da sociedade industrial, as rivalidades entre escolas de aristocracias distintas, tais como *Eton* e *Rugby*, se manifestavam em diversos pontos, dentre os quais e especialmente, o esporte e os jogos entre meninos. Assim, quando os alunos de *Rugby* começaram a se tornar famosos em virtude do novo jogo criado em sua escola – e que é a base do

rúgbi jogado na atualidade - os estudantes de *Eton* passaram a praticar o futebol com regras opostas e menos violentas – lançando as bases para o *soccer* atual. Para os autores, o que estava em jogo neste processo, além da concorrência entre as escolas, eram

ideais divergentes acerca do comportamento de um *gentleman*, e também ideais divergentes acerca do grau de violência e de agressão masculinas socialmente desejável e aceitável no esporte. (...) mais precisamente, os partidários do rúgbi tinham uma concepção tradicional da virilidade que fazia realçar a coragem e a força física, enquanto que os defensores do novo soccer eram a favor de uma virilidade mais contida e mais civilizada. (DUNNING e MAGUIRE, 1997, p. 331).

O futebol passou a ser, na época, apresentado inclusive em sermões dominicais nas igrejas, como um exemplo de esporte que requeria virtudes morais como amabilidade, bom humor, lealdade e controle da mente sobre o corpo, momento em que se condenavam as condutas violentas e faltosas. Entretanto, conforme Dunning e Maguire (1997), ao cair cada vez mais no gosto popular, se tornando o “esporte do povo” na Inglaterra, estas virtudes advindas daquilo que era chamado de “lazer racional” passaram a ser descartadas pelo crescente número de jogadores e espectadores da classe operária, que eram adeptos a

(...) normas tradicionais de masculinidade e se identificava bem mais com os valores locais que exigiam a vitória a todo custo, do que com as noções de *fair play* da classe média. (DUNNING e MAGUIRE, 1997, p. 331).

As reflexões e dados dos dois estudos citados neste tópico apóiam a idéia de que, apesar da visão de uma grande parte das atletas futebolistas brasileiras sobre a masculinidade se resumirem a um pensamento que só concebe os homens como realizadores e construtores de uma espécie de masculinidade, aquela que se quer

hegemônica e portanto violenta, é possível se distinguir diversos tipos de configurações desta masculinidade, que promovam outras formas de interação entre homens e mulheres. Como os próprios exemplos acima demonstram, gênero é uma configuração sócio-histórica, e como tal pode ser modificada, ampliada, reestruturada – e o esporte tem sido um *locus* privilegiado destas configurações ao longo de sua história. Connell (1995), em seus estudos sobre homens e masculinidades, afirma que de fato esta é um conceito plural,

(...) pois diferentes masculinidades são produzidas no mesmo contexto social; as relações de gênero incluem relações entre homens, relações de dominação, marginalização e cumplicidade. Uma determinada forma hegemônica de masculinidade tem outras masculinidades agrupadas em torno dela. (CONNELL, 1995, p. 189).

Já Carvalho (1998), em estudo sobre homens que trabalham como professores primários – e que, portanto, estão constantemente “se digladiando com questões de gênero”, por atuarem em um campo socialmente desvalorizado e identificado com a feminilidade – concorda com Connell (1995) ao colocar que as representações de gênero são historicamente construídas. A autora demonstra que a masculinidade hegemônica é uma dentre diversas formas de se mostrar masculino, certamente muito valorizada culturalmente e sustentada por uma complexa rede de poder institucional. No entanto, a autora garante, ela não corresponde linearmente à experiência vivida de todos os homens, não podendo ser tida como o padrão único a ser seguido,

mas antes um consenso permanentemente contestado e contestável, uma relação historicamente móvel e provisória. A hegemonia de uma certa configuração de masculinidade significa a manutenção da ordem de gênero e a consequente predominância de uma certa configuração de feminilidade. (CARVALHO, 1998, p. 410).

Para a autora, em face destas prescrições rígidas, enrijecedoras e bipolares, deve-se tentar desenvolver uma atitude que transforme e ressignifique, ao mesmo tempo em que possa provocar rupturas ou, contrariamente, permitir “(...) a continuidade e a legitimação das idéias predominantes” (CARVALHO, 1998, p. 410).

Estas atletas, que não vêem outra possibilidade que a dos homens serem violentos no jogo, não aceitarem perder e que as machucariam – a ancoragem delas reforça este ponto, pois aí afirmam que “eles não aceitam e acabam machucando mesmo” - certamente possuem dificuldades de romper com o pensamento bipolar que coloca a violência como a única ação do homem em face de disputas com as mulheres, bem como a passividade como a única possibilidade para as mulheres perante a violência masculina.

Este pensamento está em conformidade, apesar dos argumentos serem diferenciados, com o das atletas que não jogariam o jogo misto, em ambos grupos etários, por causa das enormes diferenças biológicas existentes entre homens e mulheres: a maioria simples das mais novas (10 entre 24 respostas, ou 41,67%) manifesta esta segunda opinião, dizendo que “(...) não daria certo por causa das condições físicas, porque há uma diferença física entre homem e a mulher. Homem é mais forte que a mulher, tem muito mais força, mais velocidade (...) é completamente diferente o metabolismo (...) o homem você pode exigir mais que ele agüenta, a mulher já é diferente, o próprio emocional já é bem diferente”. Dentre as mais velhas, também a maioria simples expressa este pensamento (4 dentre 14 respostas, ou 28,57%), discursando que “o futebol é um esporte de força e explosão, dado o tamanho do campo, a força física conta muito e isso não tem como a mulher fazer, o corpo e a resistência são diferentes, homem tem muito mais força física que a mulher, mais explosão, mais agilidade, mais habilidade. Ela é mais fraca que o homem, isso é biológico, não tem e não há o que discutir”.

O determinismo biológico é a marca destes discursos, que permanecem majoritários entre as representações das atletas: nem “há o que discutir”, elas afirmam, os “homens são mais fortes”.

Interessante notar, contudo, o quanto o argumento da força naturalmente superior dos homens pode ser relativizado quando empregada em outros contextos.

No já referido estudo de Altmann (2002), no qual a autora pesquisou as relações que meninos e meninas estabelecem na escola em torno do futebol, ela percebeu que meninos e meninas praticavam em conjunto uma série de atividades físicas, independentemente das habilidades aí envolvidas. Assim,

durante os Jogos Olímpicos Escolares, meninos e meninas jogaram vôlei, queimada e cabo-de-guerra em equipes mistas, porém futebol, em separado. Quando meninos e meninas eram perguntados se gostavam de fazer aulas de Educação Física juntos, as respostas variavam entre afirmativas e negativas mas independente disso, as dificuldades e o desgosto de jogar futebol juntos apareciam em destaque. Para Davison, o problema residia no fato de os meninos serem mais violentos. (ALTMANN, 2002, p. 90).

Note-se que até o cabo-de-guerra, atividade em que dois grupos tentam puxar uma corda em direções opostas, e que envolve muita força, os meninos e meninas puderam jogar juntos, exceto o futebol, mostrando que a própria aplicação da força é percebida de forma diferente conforme o contexto em que ela ocorre.

Há autores inclusive que discutem o quanto a força é, ela mesma, uma construção cultural. Para Dowling (2000), a fraqueza feminina é aprendida desde o berço, sendo que meninas sempre tiveram reforço positivo ao fazerem atividades mais passivas, como brincarem de bonecas, pintarem ou mesmo a assistirem televisão, ao passo que os pais manifestam reações negativas quando meninas correm, pulam ou escalam morros e montanhas. Como as reações para os garotos são exatamente opostas, a autora se pergunta como podemos nos surpreender se, aos dois anos e meio, os garotos tiverem uma performance melhor em força do que as meninas. A autora vai além, ao afirmar que, se as garotas não têm as mesmas oportunidades de brincarem e jogarem, jamais desenvolverão o mesmo senso de autoconfiança nestas atividades, pois força e agilidade evoluem ao se fazerem coisas e atividades que exigem estas capacidades.

Muitas garotas recebem a mensagem muito cedo que a competência atlética não é esperada delas. Elas não se sentem fisicamente competentes para começar a experienciar habilidades físicas, e se alguém tenta convencê-las do contrário, elas assumem que a sua fraqueza é inata. Meninos são mais fortes, mais ágeis, mais dotados atleticamente. É ‘natural’ – apenas mais uma diferença entre meninos e meninas (DOWLING, 2000, p. 52)

Young (1998), em um estudo original e muito citado (“arremessando como uma garota”, em tradução livre), no qual ela discute como as mulheres corporificam as noções de fragilidade corporal, mostrou que existem geralmente três formas típicas das mulheres corporificarem as suas experiências físicas. Dentre elas, o modo que dá título ao seu artigo, ou seja, ao fazer uma determinada habilidade, a mulher ao invés de usar o seu corpo todo na tarefa, emprega somente aquela parte do corpo estritamente necessária à realização daquela tarefa. Assim, ao arremessar uma bola – que é um movimento no qual o corpo todo deve se fazer presente, pois a torção da coluna, a colocação dos ombros lateralmente, o posicionamento de ambos os braços e mesmo a utilização de todas as alavancas do membro superior definem a potência deste arremesso – a garota emprega somente o braço, não gerando o torque necessário para um arremesso potente; Young (1998) também afirma que as mulheres geralmente pensam que são incapazes de fazerem tarefas até bem fáceis mas que envolvem força, como carregar alguns objetos pesados, e se subestimam quanto ao seu verdadeiro potencial físico para realizar tais tarefas, fazendo menos esforço do que são capazes, cumprindo aquilo que elas mesmas traçaram para si, ou seja, a incapacidade, uma “profecia auto-realizada” de seres inferiores, que não conseguem.

Ao apontarem com intensidade estas diferenças, colocando a força como um quesito essencial e central para o futebol, e simultaneamente inatingível por parte das mulheres, este discurso reforça uma diferença que dá suporte a uma hierarquia entre o “sexo frágil” e seu oponente, o “sexo forte”. (As atletas ancoram seu pensamento, ao dizerem que o jogo misto “ia ser a mesma coisa, sempre o homem mais forte,

completamente diferente da mulher”, ou “o homem já é de natureza um ser mais forte, o chute dele é mais forte”).

Não quero aqui minimizar as diferenças, tampouco negá-las. Connell (1995) acredita que a biologia é parte integrante do discurso sobre o gênero, pois este se dá e se dirige a pessoas adultas com corpos masculinos ou femininos. Para o autor,

Não devemos temer a biologia, nem devemos ser tão refinados ou engenhosos em nossa teorização de gênero que não tenhamos lugar para corpos suados. O gênero é, nos mais amplos termos, a forma pela qual as capacidades reprodutivas e as diferenças sexuais dos corpos humanos são trazidas para a prática social e tornadas partes do processo histórico. No gênero, a prática social se dirige aos corpos. (CONNELL, 1995, p. 188/9)

Sendo assim, e como já foi dito ao longo deste trabalho, as diferenças biológicas entre corpos masculinos e femininos (assim como tantas outras entre corpos do mesmo sexo) são inegáveis, bem vindas e visíveis. O que não se deve, contudo, é em nome delas criar desigualdades, ou mesmo esquecer as desigualdades já criadas a partir das diferenças inatas.

Todavia, são estas mulheres e homens que jogam futebol – e estes foram criados e educados de forma a possuírem consciências que opõem de forma binária e hierarquizante homens e mulheres a partir de suas capacidades físicas socialmente construídas, com base em determinada biologia. Assim, conforme Henry e Comeaux (1999), o *coed soccer* é uma oportunidade para que homens e mulheres revejam seus posicionamentos sobre as diferenças, percebendo que ao lado das biológicas, existem aquelas que se devem a fatores culturais. E que se nesta modalidade também se esperam homens com um tamanho maior, mais velocidade e mesmo mais agressividade, estes geralmente se surpreendem ao se defrontarem com determinadas mulheres muito habilidosas, que os desafiam constantemente durante o jogo, muitas vezes com sucesso.

Por outro lado, é possível encontrarmos estudos em que as mulheres, se inicialmente se sentiam fragilizadas e receosas de disputarem esportes de contato

físico, aos poucos foram ganhando autoconfiança em seu corpo, sentindo-se cada vez mais fortes fisicamente, com poder de realizarem este contato físico e mesmo derrubarem ou barrarem com seu tronco as adversárias, caso necessário. Isto ocorreu com as estudantes australianas adolescentes observadas por Wedgwood (2004), que aos poucos, ao se integrarem no programa de treinamento de futebol americano com regras australianas, foram gostando da “(...) liberdade física e do poder que elas experimentavam através do emprego de seu corpo todo no jogo” (WEDGWOOD, 2004, p. 152), passando a acreditar que poderiam se opor, barrar e mesmo derrubar adversárias de um jeito tão forte, ou mesmo com mais força que os rapazes – e tendo prazer corporal com esta liberdade e força física adquiridas no treinamento.

Deste modo, se há representações que consideram impossível as mulheres serem iguais aos homens no quesito força, o que as rebaixaria hierarquicamente em relação a estes no futebol, nesta questão aparece um novo discurso, de atletas que “jogariam com gosto”, tanto entre as mais novas (nas quais este discurso representa 16,67% das respostas, ou quatro respondentes), quanto entre as mais velhas (nas quais esta idéia representa 14,29% ou duas das respondentes). As mais novas comentam que “acharia legal de se ver, eu gosto de jogar com homem, eu adoro jogar com homem. Eu jogo na escola, jogo sempre misto acho bem legal, de jogar homem com mulher e ainda mais que os homens respeitam muito quando jogam misto, eles respeitam bastante, é um futebol bem mais tranquilo,eles tem um pouco de medo de acertar a menina, mas se fosse no campeonato, acho que iriam com a mesma garra pegar a bola”. Já as mais velhas representam esta situação de forma semelhante, ao dizerem que “ia ser super legal, a gente treina com os meninos, para exigir mesmo da gente, assim é super normal e super natural, porque eles respeitam também e na hora que é para chegar junto eles chegam.”

Duas idéias chamam a atenção aqui nestes discursos. A primeira delas, é que ambos falam que os homens “respeitam” quando jogam entre mulheres (há uma outra categoria entre as mais novas na qual elas comentam que só jogariam com os homens se “houvesse respeito”). Isto parece ser tirado do discurso sobre o *coed soccer* norte-americano, no qual regras e mesmo os acertos e negociações informais entre os atletas fazem com que o respeito esteja presente, bem como a ausência de contato físico mais perigoso esteja controlada. Se no lado das regras formais, por

exemplo, o carrinho foi totalmente banido deste jogo, por ser considerada uma das mais perigosas e violentas jogadas do futebol, existe também o aspecto que Henry e Comeaux (1999) chamaram de “arranjos informais” para que o jogo se desenvolva. Entre a organização das posições e jogadas das equipes, os autores destacam que muitos homens praticam esta modalidade sem se mobilizarem tanto fisicamente, disputando um nível mais baixo de competição, ao mesmo tempo em que praticam exercícios físicos e se divertem, encontrando amigos e brincando como na infância.

Outro aspecto que se destaca neste discurso é que as mulheres seriam mais exigidas ao jogarem com homens, aprendendo com estes. Isto também fica claro no *coed soccer*, no qual, além de se criarem oportunidades raras para mulheres jogarem futebol devido a ausência de ligas exclusivamente femininas, o fato de disputarem entre homens faz com que, ao mesmo tempo em que estes joguem de forma mais suave, o que as permite participar ativamente, estas joguem no seu limite máximo. Como escrevem Henri e Comeaux (1999, p. 285), “os jogadores homens gostam do jogo pelo seu engajamento limitado, ao passo que as mulheres focam o desafio físico que este representa”.

Interessante notar que um discurso complementar ao do “jogaria com gosto” é aquele que, mesmo aparecendo somente uma vez e entre as mais velhas, enfatiza que “uma mulher bem treinada, com um bom preparo físico, não deixa tanto a desejar, não”. Ou seja, aqui as mulheres já se reconhecem enquanto portadoras de uma força física que pode agüentar desafios, e que, para além das diferenças biológicas, há o construto de um corpo por meios culturais, isto é, pelo treinamento. E que qualquer corpo, quando bem preparado, pode enfrentar desafios físicos pesados.

Este discurso reforça as afirmações de Dowling (2000) que revisando inúmeros estudos sobre treinamento de capacidades e habilidades físicas em meninos e meninas, concluiu que

ao comparar as capacidades físicas de homens e mulheres, levar em conta apenas uma variável – a quantidade de prática – pode ser fundamental. O que aparece como diferença entre as habilidades de meninos e meninas freqüentemente não é mais do que uma diferença de treino. (DOWLING, 2000, p. 66).

De forma semelhante, Wedgwood (2004) registrou que a corporeidade das adolescentes que buscam um esporte como o futebol americano com regras australianas, totalmente dominado por homens, é de fato construída por diversos meios, e não pode ser explicada levando-se em consideração apenas um fator. Ao mesmo tempo em que com o treinamento muitas atletas foram ganhando mais confiança, força e poder corporal, no sentido de se atracarem ou derrubarem as adversárias, declarando que se sentiam mais fortes que muitos garotos, e por vezes exclamando que “fomos homens no campo!”, muitas gostavam e apresentavam uma corporeidade extremamente feminina fora do campo. Desta forma, a autora cunhou o termo *bi-gendered*, e conclui que

as futebolistas adolescentes possuem uma complexa identidade na qual coexistem elementos masculinos e femininos, e o termo corporeidade *bi-gendered*, acentua estas tensões e contradições que são experienciadas e corporificadas pelas adolescentes (WEDGWOOD, 2004, p. 155).

Esta expressão pareceu cunhada também para explicar o discurso que as futebolistas brasileiras produzem, ao falar que “uma mulher bem treinada não deixa tanto a desejar”, isto é, atua como um homem, ou compete em pé de igualdade contra eles, sem deixar de ser mulher em virtude disso,

A questão das diferenças biológicas também aparece entre algumas jogadoras de futebol que jogariam a competição mista, mesmo se dando conta e enfatizando as defasagens biológicas e de gênero. Ainda assim, segundo elas, valeria a pena arriscar, mesmo sabendo de antemão que “os homens vão sempre ganhar, porque eles são mais fortes (...) Mas têm muitas meninas que jogam melhor do que muitos meninos. (...) Ia ser bacana jogar assim, mas acho que também eles não aceitariam perder, se você fizer gol e sair ganhando eles dariam no meio”, dizem as mais novas. As mais velhas, que também produziram um discurso semelhante, acreditam que poderiam jogar, mas correndo o risco de se machucar, e que “são estruturas

diferentes, sempre o homem mais forte, completamente diferente da mulher, não tem jeito (...), acho que vale a pena tentar para ver o que acontece”.

Este discurso, apesar de amplamente contraditório, pois revela que as mulheres jogariam apesar de enxergarem uma injustiça e até um risco, continua a reconhecer a inevitabilidade da fraqueza feminina em face do poder masculino, o que, segundo esta fala, não teria jeito, pois seria natural. Tal como coloca Dowling (2000, p. 74), (...) as diferenças são vistas como biológicas, logo são inevitáveis e imutáveis”. Entretanto, como quer a autora, mulheres e garotas bem treinadas atingem picos de força iguais ou mesmo maiores que homens e meninos.

Outro discurso que aparece em meio às atletas mais velhas é aquele que coloca a falta de graça do jogo, pois não haveria competitividade devido ao desinteresse masculino pela partida (são duas respondentes, ou 14,29% das mais velhas que declararam que “eles não iam querer dividir, iam ficar com dó. As mulheres levariam muito a sério, para elas seria super interessante, mas os homens não levariam muito a sério, com certeza para eles não passaria de uma brincadeira”).

Anne Barroy (2004), professora de educação física e esportes na França, ao escrever para um dossiê especial sobre as atividades esportivas mistas na escola francesa, declara que ensinar o voleibol para que meninos e meninas joguem juntos é ensinar o respeito pelo outro, e isto é o mais difícil,

pois eles têm objetivos opostos; se os meninos querem jogar a bola o mais longe possível, mostrando força e rapidez, e muitas vezes perdendo os pontos, já elas querem se livrar da bola de qualquer jeito, têm medo da bola, não se mexem para pegá-la. Desta forma, tornar o jogo mais lento, graças às garotas, pode ser útil para eles aprenderem a manter a bola em jogo; para elas, todavia, o importante seria jogar com os meninos, pois se as deixarmos entre elas, não irão progredir, ao contrário, elas terão tendência a regredir (BARROY, 2004, p. 18).

É sobre isto que o discurso desta categoria fala, ou seja, que as mulheres precisam jogar com os homens, apesar destes naturalmente serem diferentes e mais

fortes e melhores, pois no esporte elas somente progredirão se tiverem mais e melhores experiências. Assim, apesar de concordarem com os aspectos ditos naturais – que muitas vezes podem ser modificados pelo treinamento, mostrando que não são tão “naturais” assim – as atletas que professam estas idéias também acreditam que o formato *coed* pode ser muito útil para as mulheres, avançando em direção a uma proposta diferenciada de esporte integrado, a qual, se ainda não é usual no Brasil, já foi proposta há quase um século pelo francês Gabriel Hanot (BREUIL, 2004; PRUDHOMME-PONCET, 2003), e é muito praticada pelo mundo, especialmente nos Estados Unidos.

Como coloca uma estudante francesa de 14 anos, em depoimento ao já citado dossiê sobre a “mixité”⁴⁶ nas atividades físicas e esportivas

É o ambiente da “mixité” que me agrada, o contato com os rapazes. A gente aprende a se conhecer, e como os meninos são geralmente melhores nos esportes, eles podem nos ajudar a progredir. Isto permite também de se abrir para aqueles com quem não conversaríamos nunca em outras situações normais⁴⁷.

Assim, se nestas categorias já há um notável progresso em direção a propostas nas quais exista o intercâmbio entre homens e mulheres nos campos de futebol, apesar das dificuldades que as diferenças enxergadas pelas atletas possam trazer, é nas próximas categorias de idéias centrais que se encontram, pelo lado das mais novas, as representações mais avançadas na direção de uma maior integração entre os sexos no esporte, e por consequência, na criação de novas configurações de gênero. Ao se colocar no interior de uma categoria que acredita que o jogo seria uma ótima troca de experiências de diversidade (1 resposta entre 24, ou 4,17%), o discurso desta atleta acredita que “seria uma boa, principalmente pelo preconceito, seria uma boa não só para a gente como para eles também, convivendo com o nosso dia a dia e a gente convivendo com o dia a dia deles”.

⁴⁶ O termo mixité é muito mais usado na França do que o seu sinônimo “coéducation” (que em português se traduz por “coeducação”), segundo a historiadora do esporte Laurence Prudhomme-Poncet (informação obtida em diálogo via internet, outubro de 2005)

Na concepção dela, a melhor arma contra o preconceito seria o conhecimento mútuo, que pode ser aprendido e aprofundado no campo esportivo, a partir da convivência que aí se desenrola. E este discurso parece reconhecer o quanto a o conhecimento e o diálogo podem ser fortes armas no combate aos preconceitos, e o quanto se necessita de um ambiente de tolerância para que as pessoas se respeitem mais.

Realmente, em meio às novas formas de convivência humana, nem sempre pacíficas e harmoniosas, mas muitas vezes conflituosas e violentas, torna-se fundamental o desenvolvimento do aprendizado da vida em conjunto.

No prefácio do relatório da Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI para a UNESCO, Delors (2001) foi enfático ao colocar, entre os quatro pilares do aprendizado que sustentariam esta educação do futuro, o último como o “aprender a viver junto”. E o autor justifica isto ao escrever que

(...) a modificação profunda nos quadros tradicionais da existência humana, coloca-nos perante o dever de compreender melhor o outro, de compreender melhor o mundo. Exigências de compreensão mútua, de entreajuda pacífica e, por que não, de harmonia são, precisamente, os valores de que o mundo mais carece. (DELORS , 2001, p. 19)

Ou como diz Morin (2001, p. 17), no seu texto sobre o “sextº saber para a educação do futuro”⁴⁸, uma das tarefas vitais desta educação é por no centro de suas preocupações e ações a questão da compreensão mútua entre os seres humanos, quer estes sejam próximos ou estranhos. Para ele, isto é “(...) vital para que as relações humanas saiam de seu estado bárbaro de incompreensão”.

E o esporte, sobretudo o futebol, por seu alto valor simbólico em nossa sociedade, pode ser um catalisador neste processo, como bem ressalta o discurso da

⁴⁷ Depoimento de Laureen ao dossiê especial “la mixité en question” - *Contre-Pied – EPS, Sports, Cultures*, n15, oct/2004, p. 19

⁴⁸ São sete os saberes propostos pelo filósofo, necessários à educação do futuro.

atleta, que propõe a convivência cotidiana entre atletas diferentes, como arma para superar os preconceitos que nascem do desconhecimento.

Crochik (1997) é bem enfático quanto ao papel que o esporte pode representar na superação dos preconceitos, ou, ao contrário, na aceitação e reafirmação destes. Retomando idéias de Adorno, quando este coloca que a hierarquia é uma das bases sobre a qual a personalidade autoritária se apóia, para a partir daí gerar distinções que levem ao preconceito, ele relembra que o filósofo também chamava a atenção para as hierarquias que poderiam surgir nas atividades de Educação Física, a partir de níveis de habilidades diferenciadas entre os alunos.

Crochik (1997) por sua vez, reforça que o esporte coletivo pode ser um importante espaço e o momento ideal para o estabelecimento de relações que promovam o companheirismo entre membros de uma equipe, bem como o respeito mútuo entre equipes adversárias, e o desenvolvimento de sentimentos de solidariedade. Na visão do autor, somente estes pontos deveriam fazer com que o esporte fosse facultado a todas as pessoas, e não somente para aqueles que demonstrassem habilidades especiais. Ele chama a atenção também para o fato de que os professores e treinadores deveriam ser formados para dar atenção principalmente para aqueles que tivessem maior dificuldades em realizar práticas esportivas, pois assim estes também seriam beneficiados pelas virtudes que o autor credita ao esporte, e que favoreceriam o surgimento de laços de solidariedade social, favorecendo assim a convivência mútua, ampliando a compreensão entre os seres humanos, diminuindo assim o preconceito. Para o autor

evidentemente, sem este tipo de trabalho, a prática do esporte segue a regra social geral: os melhores devem vencer, assim como só se deve ter consideração por aqueles que contam, ou seja, os vencedores. Fica claro, assim, o quanto uma atividade cotidiana pode colaborar com a exclusão dos que são considerados menos aptos, e o quanto pode agir em sentido contrário (CROCHIK, 1997, p. 146/7).

Se esta não é uma idéia nova, a saber, que o esporte pode favorecer o contato entre as pessoas, surgindo daí um ambiente mais harmônico e tolerante, ela ainda carece de uma política firme que a coloque em prática. O discurso desta atleta, que ancora inclusive esta fala acreditando que “a convivência supera o preconceito”, parece vislumbrar uma nova saída quando pensa em competições no formato *coed*, ou na *mixité*, como dizem os franceses; ou então o denominado esporte integrado, no conceito de Connell (1995), que propõe que as práticas progressistas ocorram mesmo em ambientes rígidos e hierarquicamente estruturados – no caso do gênero, hierarquizados em termos de patriarcado e dos valores da masculinidade hegemônica. Não que este autor enxergue que com estas práticas se atinja imediatamente os objetivos de um mundo menos desigual, mas sim que elas podem criar símbolos que sejam fortes o suficiente para prefigurar “(..) ao menos, amostras do paraíso, ao menos fragmentos de justiça, aqui e agora” (CONNELL, 1995, p. 204).

Também não se pode afirmar ao certo que o formato coeducativo no futebol seja a “salvação da pátria”, ou a chegada da igualdade entre os sexos no interior do esporte. Ao contrário, no *coed soccer* norte-americano estudado por Henry e Comeaux (1999), o igualitarismo ainda não se encontra totalmente implementado, há desigualdades profundas, e o futebol segue sendo dominado pelos homens, que continuam predominando tecnicamente - mas esta modalidade possui uma ideologia que, em conjunto com o seu instrumental, coloca a discussão das desigualdades na ordem do dia. E se a modalidade ainda não superou diversas disparidades existentes entre seus participantes, por outro lado a sua racionalização e seu instrumental asseguram uma integração maior entre os sexos. Porém, conforme Henry e Comeaux (1999), o principal no esporte não é atingir de imediato a igualdade, mas sim colocá-la em questão:

O *coed soccer* norte – americano é um jogo igualitário não porque trata homens e mulheres igualmente, mas porque é o *locus* onde a equidade é negociada. A experiência *coed* é uma constante negociação das relações entre diversão e competição, jogo masculino e participação feminina, dominação física e influência intelectual. A coexistências de vários atributos no jogo é negociada

na liga, nos times e ao nível dos indivíduos. (HENRY e COMEAUX, 1999, p. 287).

Desta forma, como quer Connell (1995), o grande desafio para se reconfigurar e se construir uma maior igualdade entre os gêneros, passa sobretudo pela tarefa educativa. “A maior parte deste trabalho é sobretudo educacional. Ele envolve tentar reformular o conhecimento, expandir a compreensão e criar novas capacidades para a prática” (CONNELL, 1995, p. 204). E é neste ponto que as idéias das “três Paulas portuguesas”, Gomes, Silva e Queirós (2004) podem ampliar as propostas de práticas coeducativas.

As autoras, ao discutirem a renovação das práticas pedagógicas na educação física e na educação esportiva, propõem que, no interior da educação, não se escamoteiem as questões de gênero, mas sim que estas apareçam claramente no currículo. E pensam que o esporte tem e comporta enormes e valorosas possibilidades educativas, especialmente algumas modalidades que possuem um forte peso social e econômico, dentre elas o futebol. E é por meio deste que as autoras se arriscam a sugerir práticas pedagógicas que sejam úteis para uma possível mudança nas relações injustas e desiguais entre os gêneros.

E elas pensam que o futebol deve ser trabalhado em formato coeducativo exatamente por suas características, dentre as quais (GOMES, SILVA e QUEIRÓS, 2004, p. 185):

- a) ser fortemente vinculado ao masculino;
- b) sua importância e significado mundial ser enorme;
- c) o futebol é, na opinião das alunas, um esporte que as discrimina mais que os outros, sendo que muitas meninas gostariam de praticá-lo;
- d) o futebol é fácil de se compreender e jogar, suas regras são simples, não precisa de grandes instalações tampouco de um tipo físico especial, alto ou muito forte.

Assim, pensam as autoras, o futebol deverá ser proposto como uma experiência de cidadania, divertida, alegre, mas que co-responsabilize a todos, meninos e meninas, hábeis e inábeis, a desenvolverem o jogo, a criarem novas regras, a vivenciarem situações de conflito e as resolverem, a se envolverem no processo, e a descobrirem novos valores – amizade, diálogo, respeito às diferenças, partilhar dúvidas, muito “(...) além do ganhar e perder” (GOMES, SILVA e QUEIRÓS, 2004, p. 187).

Assim, o hipotético jogo misto aqui idealizado para a reflexão das atletas poderia um dia ser vivenciado e jogado como uma proposta de se pensar numa convivência mais harmônica e tolerante, inclusive entre os sexos, que valorize a todos e não somente alguns, no mundo esportivo e na sociedade como um todo.

5.2.9 Pergunta 9 - *Você aconselharia uma menina entre 10-12 anos que está escolhendo um esporte, a praticar futebol ou a optar por outra modalidade? Por quê?*

5.2.9.1 Pergunta 9 – Resultados (16-21 anos)

A) Resumo e categorias das Idéias Centrais

RESUMO DAS IDÉIAS CENTRAIS (16 A 21 ANOS)

9 - Você aconselharia uma menina entre 10-12 anos que está escolhendo um esporte, a praticar futebol ou a optar por outra modalidade? Por quê?

	Expressões Chave	Idéia Central	
Alice	O futebol você tem ter cabeça para freqüentar, porque o futebol feminino no Brasil, está muito desvalorizado, agora que as meninas ganharam as Olimpíadas é que esta subindo, antes era muito desvalorizado, agora que esta começando a crescer, aparecendo esses campeonatos.	O futebol você tem ter cabeça para freqüentar, porque o futebol feminino no Brasil, está muito desvalorizado.	A
Alice	Segue o que você gostar. Eu falaria para ela escolher o que ela quisesse, vai em frente segue o seu esporte.	Eu falaria para ela escolher o que ela quisesse.	B
Bruna	Eu daria o palpite para escolher o futebol sim porque, na minha opinião acho muito divertido, eu gosto muito de jogar e é um esporte saudável, que ajuda muito, no futebol feminino você aprende muito por causa das dificuldades que existem.	Na minha opinião acho muito divertido, eu gosto muito de jogar e é um esporte saudável, que ajuda muito.	C
Célia	Eu pelo futebol sou apaixonada, indicaria com certeza. É muito bom o espírito de equipe que tem no esporte, isso é o que vale a pena.	Eu pelo futebol sou apaixonada, indicaria com certeza.	C
Dulce	Qualquer esporte é bom e faz bem para qualquer um, e o futebol eu aconselharia porque é um esporte muito gostoso de praticar.	O futebol eu aconselharia porque é um esporte muito gostoso de praticar.	C

Fátima	Ah! Eu acho que sim, aconselharia sim, se ela se identificasse mais com o futebol com certeza eu falaria para ela continuar, não tiraria ela do futebol. Jamais eu diria não escolha o futebol, escolha outra opção, eu falaria que sim.	Se ela se identificasse mais com o futebol com certeza eu falaria para ela continuar.	C
Geni	No meu caso, eu jogo futebol porque é um esporte que eu gosto, que eu amo e que hoje profissionalmente eu não me vejo fazendo outra coisa. Eu aconselharia porque é um esporte saudável, é um esporte que você com dedicação tendo responsabilidade, você levando a sério, você pode muito bem seguir uma carreira, mas isso é lógico se a pessoa gostar.	Eu aconselharia porque é um esporte saudável, é um esporte que você com dedicação tendo responsabilidade, você levando a sério, você pode muito bem seguir uma carreira.	C
Hilda	Eu recomendaria, porque o futebol como qualquer outra modalidade é importante também, é gostoso de praticar.	Eu recomendaria, porque o futebol como qualquer outra modalidade é importante também, é gostoso de praticar.	C
Ivone	Eu apoiaria sim. Se ela gosta tem que ir para frente, seguir porque agora que o futebol feminino está dando certas as coisas, estão mudando, acho que ela tem que fazer o que ela gosta.	Eu apoiaria sim. Se ela gosta tem que ir para frente.	C
Keila	Com certeza eu aconselharia e muito ainda, porque é uma coisa legal, e o futebol feminino vem crescendo a cada dia e está conquistando o seu espaço.	Com certeza eu aconselharia e muito ainda, porque é uma coisa legal.	C
Nair	Com certeza, futebol é tudo de bom mesmo, tem que jogar mesmo.	Com certeza, futebol é tudo de bom mesmo, tem que jogar mesmo.	C
Paula	Se fosse realmente isso que ela quisesse eu daria o maior apoio, eu aconselharia a jogar futebol que é uma coisa que eu gosto, que eu jogo, e agora depois das olimpíadas e dos campeonatos que estão tendo, eu acho que vai ajudar bastante.	Eu aconselharia a jogar futebol que é uma coisa que eu gosto, que eu jogo.	C
Sara	Acho uma coisa super saudável, eu diria para ela jogar futebol, porque hoje em dia está crescendo, hoje em dia parece que vai	Acho uma coisa super saudável, eu diria para ela jogar futebol, uma	C

	engrenar tudo naturalmente, então sim, ajudaria numa boa a ela seguir também a sua carreira.	porque hoje em dia está crescendo.	
Tais	Eu indicaria, se ela gostasse de fazer futebol eu iria dar o maior incentivo mesmo, porque adoro e é isso que eu amo fazer e, até mesmo minha filha se ela quiser jogar um dia eu vou levar para jogar.	Eu indicaria, se ela gostasse de fazer futebol eu iria dar o maior incentivo mesmo.	C
Vanda	As minhas amigas falam que o esporte é legal. Eu acho que se você gosta de jogar, você nasce com isso, você nasce com um dom, se você gosta de fazer, vá em frente. Eu falo, vamos lá, faz um teste, se você se sair bem, acho que você nasceu com isso, você vai dar continuidade.	Eu acho que se você gosta de jogar, você nasce com isso, você nasce com um dom, se você gosta de fazer, vá em frente.	C
Zélia	Eu conheço meninas novas que, até quando eu vejo que jogam bem eu chamo elas para jogar no nosso time porque eu acho que elas tem habilidade com a bola. Se elas continuarem nesse esporte, vai dar certo.	Quando eu vejo que jogam bem eu chamo elas para jogar no nosso time. Se elas continuarem nesse esporte, vai dar certo.	C
Lúcia	Olha! Eu sempre falo para as minhas amigas que se eu tivesse uma filha, eu não gostaria que ela jogasse bola. Porque é muito triste, que quando você fica falando dá até vontade de chorar, é porque eu já passei por tanta coisa que chegou um dia que eu não tinha nem o que comer, você acha que eu vou querer isso para uma filha minha. Você acha que eu quero que ela passe por humilhação, fome, até discriminação. Porque você é menina, e na escola, menina jogando bola, já falavam é sapatão.	Olha! Eu sempre falo para as minhas amigas que se eu tivesse uma filha, eu não gostaria que ela jogasse bola. Porque é muito triste. Você acha que eu quero que ela passe por humilhação, fome, até discriminação.	D
Juçara	Olha, se ela fosse seguir isso com intenção de ganhar dinheiro, de poder, eu não aconselharia no momento porque acho que o futebol feminino não é rentável de se fazer. Mas se ela gosta, e se ela vai fazer para ter uma boa saúde, se for por prazer e para conhecer pessoas, para praticar, eu aconselharia, porque o futebol dá oportunidade de conhecer muitos lugares e muitas pessoas.	Olha, se ela fosse seguir isso com intenção de ganhar dinheiro, de poder, eu não aconselharia. Mas se ela gosta, e se ela vai fazer para ter uma boa saúde, se for por prazer e para conhecer pessoas, para praticar, eu aconselharia.	E

Fátima	Primeiro a gente teria que ver, ela teria que estar passando por todas as modalidades. Aí ela teria que ver a que ela se identificou mais.	Ela teria que estar passando por todas as modalidades. Aí ela teria que ver a que ela se identificou mais.	F
Geni	Na minha opinião, eu que fiz isso, eu pratiquei vários esportes, fui fazer natação, depois que eu me encaixei no futebol, eu acho que a pessoa tem que passar por várias coisas, experimentar vários esportes para ver no que ela se encaixa.	A pessoa tem que passar por várias coisas, experimentar vários esportes para ver no que ela se encaixa.	F
Rute	Não, eu acho que não iria induzir a praticar a esse esporte, eu iria mostrar todos os esportes para ver no qual ela se sentiria melhor. Porque se for no basquete, vôlei essas coisas aí, aí ela é quem sabe.	Eu iria mostrar todos os esportes para ver no qual ela se sentiria melhor.	F
Eva	Eu falaria para a pessoa jogar Vôlei, que tem mais valor, mas, se a pessoa quer o futebol eu não posso fazer nada. Mas eu optaria pelo Vôlei que tem mais valor, o Vôlei tem mais valor que o futebol.	Eu falaria para a pessoa jogar Vôlei, que tem mais valor.	G
Mônica	Acho que não, porque o futebol é muito difícil, esses times de interior têm muito pouco apoio, muito pouco patrocínio, elas não vão ter futuro, no vôlei elas vão ter mais futuro do que no futebol.	Acho que não, porque o futebol é muito difícil, têm muito pouco apoio, muito pouco patrocínio, no vôlei elas vão ter mais futuro do que no futebol.	G

CATEGORIAS DAS IDÉIAS CENTRAIS DA PERGUNTA 9 (16 A 21 ANOS)

A - ALERTA PARA AS DIFÍCULDADES DO FUTEBOL

B - OPÇÃO INDIVIDUAL

C - APOIO À PRÁTICA DO FUTEBOL

D - NÃO INDICARIA

E - APOIO COM RESSALVAS

F - DEVE CONHECER VÁRIAS MODALIDADES

G - INDICARIA UM ESPORTE MAIS VALORIZADO

QUADRO 64 – Resumo e categorias das Idéias Centrais da pergunta 9 (16 a 21 anos)

B) Resultados quantitativos (percentuais por categoria e gráfico ilustrativo) das Idéias Centrais

RESULTADOS QUANTITATIVOS DAS IDÉIAS CENTRAIS (16 A 21 ANOS)

9 - Você aconselharia uma menina entre 10-12 anos que está escolhendo um esporte, a praticar futebol ou a optar por outra modalidade? Por quê?

A - ALERTA PARA AS DIFICULDADES DO FUTEBOL	1	4,35 %
B - OPÇÃO INDIVIDUAL	1	4,35 %
C - APOIO À PRÁTICA DO FUTEBOL	14	60,87 %
D - NÃO INDICARIA	1	4,35 %
E - APOIO COM RESSALVAS	1	4,35 %
F - DEVE CONHECER VÁRIAS MODALIDADES	3	13,04 %
G - INDICARIA UM ESPORTE MAIS VALORIZADO	2	8,70 %
TOTAL DE RESPOSTAS DA PERGUNTA	23	

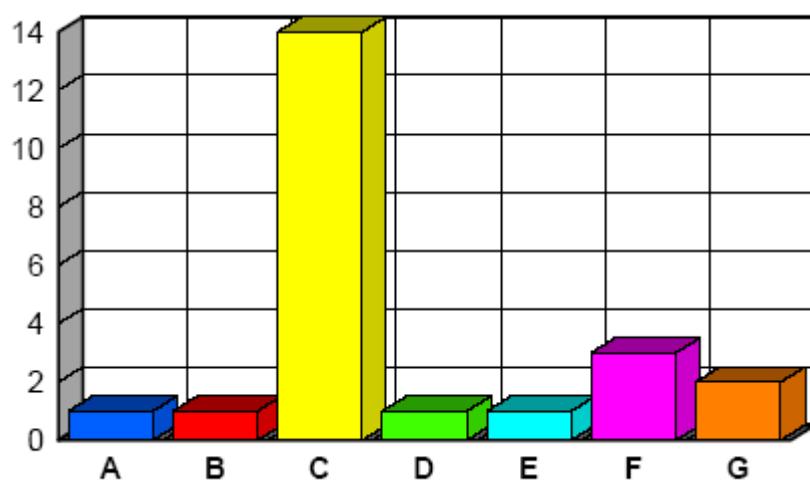


FIGURA 31 – Resultados quantitativos das Idéias Centrais da Pergunta 9 (16 a 21 anos)

C) Discurso do sujeito coletivo das categorias formadas pelas Idéias Centrais

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DAS IDÉIAS CENTRAIS (16 A 21 ANOS)

9 - Você aconselharia uma menina entre 10-12 anos que está escolhendo um esporte, a praticar futebol ou a optar por outra modalidade? Por quê?

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA A - ALERTA PARA AS DIFICULDADES DO FUTEBOL

O futebol você tem ter cabeça para freqüentar, porque o futebol feminino no Brasil, está muito desvalorizado, agora que as meninas ganharam as Olimpíadas é que está subindo, antes era muito desvalorizado.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA B - OPÇÃO INDIVIDUAL

Segue o que você gostar. Eu falaria para ela escolher o que ela quisesse, vai em frente segue o seu esporte.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA C - APOIO À PRÁTICA DO FUTEBOL

Com certeza eu aconselharia, futebol é tudo de bom mesmo, se fosse realmente isso que ela quisesse eu daria o maior apoio. Eu sou apaixonada pelo futebol, é um esporte saudável, acho muito divertido, é gostoso de praticar, eu gosto muito de jogar, é muito bom o espírito de equipe que tem no esporte, isso é o que vale a pena, e o futebol feminino vem crescendo a cada dia e está conquistando o seu espaço. Eu conheço meninas novas que, até quando eu vejo que jogam bem eu chamo elas para jogar no nosso time porque eu acho que elas tem habilidade com a bola, até mesmo minha filha se ela quiser jogar um dia eu vou levar para jogar.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA D – NÃO INDICARIA

Olha! Eu sempre falo para as minhas amigas que se eu tivesse uma filha, eu não gostaria que ela jogasse bola. Porque eu já passei por tanta coisa que chegou um dia que eu não tinha nem o que comer, você acha que eu vou querer isso para uma filha minha? Você acha que eu quero que ela passe por humilhação, fome, até discriminação? Porque você é menina, e na escola, menina jogando bola, já falam que é sapatão.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA E – APOIO COM RESSALVAS

Olha, se ela fosse seguir isso com intenção de ganhar dinheiro, de poder, eu não aconselharia no momento porque acho que o futebol feminino não é rentável de se fazer. Mas se ela gosta, e se ela vai fazer para ter uma boa saúde, se for por prazer e para conhecer pessoas, para praticar, eu aconselharia, porque o futebol dá oportunidade de conhecer muitos lugares e muitas pessoas

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA F – DEVE CONHECER VÁRIAS MODALIDADES

Não, eu acho que não iria induzir a praticar esse esporte, eu iria mostrar todos os esportes para ver no qual ela se sentiria melhor, ela teria que passar por todas as modalidades. Eu fiz isso, eu pratiquei vários esportes, fui fazer natação, depois que eu me encaixei no futebol, eu acho que a pessoa tem que passar por várias coisas, basquete, vôlei essas coisas, experimentar vários esportes para ver no que ela se encaixa, ver no que ela se identificou mais.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA G – INDICARIA UM ESPORTE MAIS VALORIZADO

Se a pessoa quer o futebol eu não posso fazer nada, mas eu falaria para a pessoa jogar vôlei, que tem mais valor que o futebol, no vôlei elas vão ter mais futuro do que no futebol.

QUADRO 65 – DSC das Idéias Centrais da pergunta 9 (16 a 21 anos)

D) Resumo e categorias das Ancoragens

RESUMO DAS ANCORAGENS (16 A 21 ANOS)

9 - Você aconselharia uma menina entre 10-12 anos que está escolhendo um esporte, a praticar futebol ou a optar por outra modalidade? Por quê?

	Expressões Chave	Ancoragem	
Lúcia	Se eu tivesse uma filha, eu não gostaria que ela jogasse bola. Você acha que eu quero que ela passe por humilhação, fome, até discriminação. Na escola, menina jogando bola, já falavam é sapatão, menina jogando bola, credo! porque é só homem que joga, antes era assim.	Se eu tivesse uma filha, eu não gostaria que ela jogasse bola. Você acha que eu quero que ela passe por humilhação, fome, até discriminação. Na escola, menina jogando bola, já falavam é sapatão.	A
Eva	Eu optaria pelo Vôlei que tem mais valor, o Vôlei tem mais valor que o futebol.	O Vôlei tem mais valor que o futebol.	B
Mônica	Acho que não, porque o futebol é muito difícil, esses times de interior têm muito pouco apoio, muito pouco patrocínio, elas não vão ter futuro, no vôlei não, elas vão ter mais futuro do que no futebol.	No vôlei elas vão ter mais futuro do que no futebol.	B
Vanda	Eu acho que se você gosta de jogar, você nasce com isso, você nasce com um dom, cada um nasce com um dom, lógico, se você gosta de fazer vá em frente.	Cada um nasce com um dom, lógico.	C
Zélia	Agora se eu vejo uma amiga que não tem nenhum pouco a manha e o dom, eu aconselharia ela a fazer outro esporte.	Se eu vejo uma amiga que não tem nenhum pouco a manha e o dom, eu aconselharia ela a fazer outro esporte.	C

CATEGORIAS DAS ANCORAÇÕES DA PERGUNTA 9 (16 A 21 ANOS)

A - BARREIRAS E PRECONCEITOS NO FUTEBOL FEMININO

B - EXISTÊNCIA DE ESPORTES MAIS VALORIZADOS

C - NASCEU COM O DOM, DEVE JOGAR

QUADRO 66 – Resumo e categorias das Ancorações da pergunta 9 (16 a 21 anos)

E) Resultados quantitativos (percentuais por categoria e gráfico ilustrativo) das Ancoragens

RESULTADOS QUANTITATIVOS DAS ANCORAÇÕES (16 A 21 ANOS)

9 - Você aconselharia uma menina entre 10-12 anos que está escolhendo um esporte, a praticar futebol ou a optar por outra modalidade? Por quê?

A - BARREIRAS E PRECONCEITOS NO FUTEBOL FEMININO 1 20,00%

B - EXISTÊNCIA DE ESPORTES MAIS VALORIZADOS 2 40,00

C - NASCEU COM O DOM, DEVE JOGAR 2 40,00%

TOTAL DE RESPOSTAS DA PERGUNTA **5**

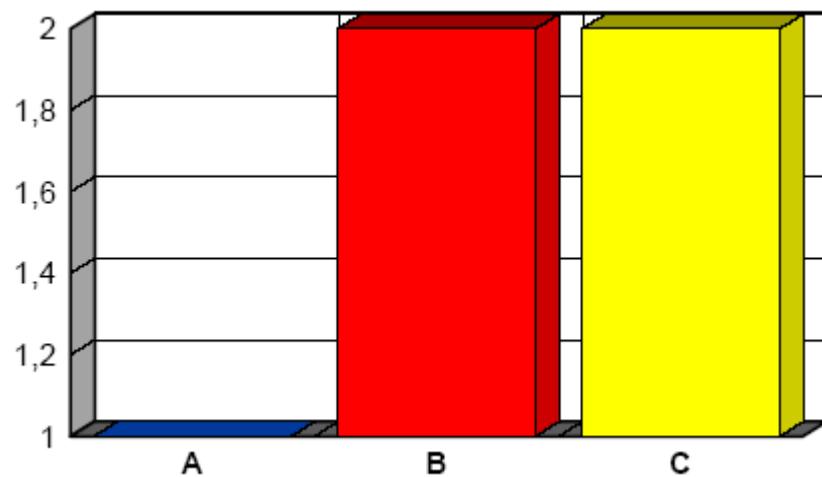


FIGURA 32 – Resultados quantitativos das Ancoragens da Pergunta 9 (16 a 21 anos)

F) Discurso do sujeito coletivo das categorias formadas pelas Ancoragens

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DAS ANCORAÇÕES (16 A 21 ANOS)

9 - Você aconselharia uma menina entre 10-12 anos que está escolhendo um esporte, a praticar futebol ou a optar por outra modalidade? Por quê?

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA A – BARREIRAS E PRECONCEITOS NO FUTEBOL FEMININO

Se eu tivesse uma filha, eu não gostaria que ela jogasse bola. Você acha que eu quero que ela passe por humilhação, fome, até discriminação. Na escola, menina jogando bola, já falavam é sapatão, menina jogando bola, credo!

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA B – EXISTÊNCIA DE ESPORTES MAIS VALORIZADOS

Acho que não, porque o futebol é muito difícil, esses times de interior têm muito pouco apoio, muito pouco patrocínio, eu optaria pelo vôlei que tem mais valor que o futebol, no vôlei elas vão ter mais futuro do que no futebol.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA C – NASCEU COM O DOM, DEVE JOGAR

Eu acho que cada um nasce com um dom, se você nasce com isso, se você gosta de fazer vá em frente, agora se eu vejo uma amiga que não tem nenhum pouco a manha e o dom, eu aconselharia ela a fazer outro esporte.

QUADRO 67 – DSC das Ancoragens da pergunta 9 (16 a 21 anos)

5.2.9.2 Pergunta 9 – Resultados (22-27 anos)

A) Resumo e categorias das Idéias Centrais

RESUMO DAS IDÉIAS CENTRAIS (22 A 27 ANOS)

9 - Você aconselharia uma menina entre 10-12 anos que está escolhendo um esporte, a praticar futebol ou a optar por outra modalidade? Por quê?

	Expressões Chave	Idéia Central	
Ana	<p>Na minha opinião se ela se interessar por futebol, eu vou dar a maior força para ela, aí eu vou falar as consequências que ela vai ter, os desafios, então o que eu falaria para ela do fundo do coração dela, se é isso que ela quer é para ela ir a luta, que ela vai conseguir. Ela vai ter que começar pela família dela, se a família não está junto dela, imagine os outros, o povo, então ela tem que lutar contra todos menos contra Deus, se ela colocar o coração dela na mão de Deus, ela vai chegar lá, se ela não for forte e conseguir superar as barreiras, ela não vai ser uma jogadora não.</p>	<p>Na minha opinião se ela se interessar por futebol, eu vou dar a maior força para ela, aí eu vou falar as consequências que ela vai ter, os desafios.</p>	A
Bia	<p>Se ela gosta, ela tem que praticar. Ela tem que ter na cabeça que talvez ela não consiga profissionalismo nisso, ela tem que jogar por prazer, hoje infelizmente futebol no Brasil você não pode ter uma certeza de que vai conseguir algum tipo de carreira.</p>	<p>Se ela gosta, ela tem que praticar. Ela tem que ter na cabeça que talvez ela não consiga profissionalismo nisso.</p>	A
Gabi	<p>Eu acho assim, aconselharia se ela estivesse a fim mesmo, não se ela fosse escolher o futebol ou escolher um esporte, chegar e dizer: ah! faça futebol, não sei é muito difícil vai depender da pessoa mas, eu daria a maior força e o maior apoio, dicas principalmente, daria algumas dicas e com certeza eu iria apoiar.</p>	<p>Daria algumas dicas e com certeza eu iria apoiar.</p>	A
Carla	<p>Eu acho que vem de cada um fazer o que gosta, eu optei pelo futebol, mas tem o vôlei, tem o basquete, tanto faz. Não adianta eu falar para ela fazer futebol, que não vai estar sendo <u>dela não vai ser legal então tem que vir dela</u></p>	<p>Eu acho que vem de cada um fazer o que gosta.</p>	B

	dela, não vai ser legal, então tem que vir dela.		
Deise	Eu acho que é inclinação natural que se ela quiser jogar com certeza eu vou incentivar, se ela quiser Ballet, se quiser Vôlei eu acho que tem que deixar ela optar, dar as opções e ela optar e se quiser futebol, porque não futebol?	Se ela quiser jogar com certeza eu vou incentivar, se ela quiser Ballet, se quiser Vôlei eu acho que tem que deixar ela optar.	B
Elza	Eu daria o maior apoio com certeza. Hoje em dia já têm muitas meninhas que estão jogando, estão aí. Se ela gosta do que faz, tem que seguir, tem que enfrentar o preconceito, tem que "meter as caras".	Eu daria o maior apoio com certeza. Se ela gosta do que faz, tem que seguir, tem que enfrentar o preconceito, tem que "meter as caras".	C
Flávia	Sem dúvida! Jogar futebol é tão bom quanto qualquer outro esporte, a não ser assim como futuro, como profissão realmente no Brasil não é ainda um bom lugar para o feminino. Como esporte sem dúvida nenhuma eu aconselharia sim.	Sem dúvida! Jogar futebol é tão bom quanto qualquer outro esporte. Como esporte sem dúvida nenhuma eu aconselharia sim.	C
Helen	Eu aconselharia, acho que futebol é um esporte como outro qualquer e é bom para o corpo, é bom para a mente, é bom pra você. É um esporte completo, é um esporte bonito, então eu aconselharia qualquer uma amiga minha de 10, 11 até de 20 a jogar futebol.	Eu aconselharia, acho que futebol é um esporte como outro qualquer e é bom para o corpo, é bom para a mente, é um esporte completo, é um esporte bonito.	C
Iara	Com certeza indicaria, se é o esporte que ela gosta eu não teria a menor dúvida que ela tem que seguir o que ela gosta de fazer.	Com certeza indicaria.	C
Julia	Aconselharia, mas ela tem que fazer pelo prazer de jogar e não obrigada pelos seus pais. se ela se sente à vontade jogando futebol, tem que ir em frente.	Aconselharia.	C
Laura	Não, indicaria outra modalidade.	Não, indicaria outra modalidade.	D
Miriam	Depende muito, acho que é um problema também, você tem dois irmãos, ver brincando	Depende muito, acho que é um	E

	é diferente, mas eu aconselharia, sim o futebol ou outro esporte.	problema também, você tem dois irmãos, ver brincando é diferente, mas eu aconselharia.	
Kelly	Eu até aconselharia fazer porque eu gosto, mas o preconceito ainda é muito grande. Então, tem uma série de coisas que envolvem isso, a pessoa vai sofrer muita pressão, é muita intriga, muita coisa que não tem, e só quem está dentro sabe ver e diferenciar.	Eu até aconselharia fazer porque eu gosto, mas o preconceito ainda é muito grande.	E

CATEGORIAS DAS IDÉIAS CENTRAIS DA PERGUNTA 9 (22 A 27 ANOS)

A - APOIO COM CONSELHOS

B - OPÇÃO INDIVIDUAL

C - APOIO À PRÁTICA DO FUTEBOL

D - NÃO INDICARIA

E - APOIO COM RESSALVAS

QUADRO 68 – Resumo e categorias das Idéias Centrais da pergunta 9 (22 a 27 anos)

B) Resultados quantitativos (percentuais por categoria e gráfico ilustrativo) das Idéias Centrais

RESULTADOS QUANTITATIVOS DAS IDÉIAS CENTRAIS (22 A 27 ANOS)

9 - Você aconselharia uma menina entre 10-12 anos que está escolhendo um esporte, a praticar futebol ou a optar por outra modalidade? Por quê?

A - APOIO COM CONSELHOS	3	23,08 %
B - OPÇÃO INDIVIDUAL	2	15,38 %
C - APOIO À PRÁTICA DO FUTEBOL	5	38,46 %
D - NÃO INDICARIA	1	7,69 %
E - APOIO COM RESSALVAS	2	15,38 %
 TOTAL DE RESPOSTAS DA PERGUNTA	 13	

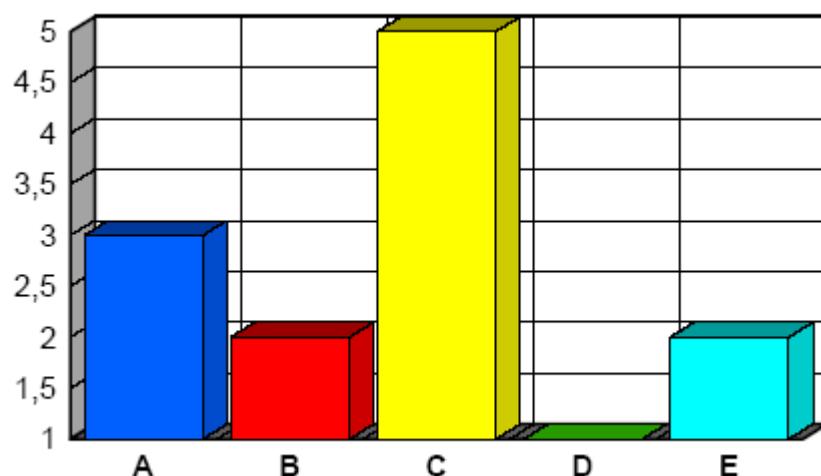


FIGURA 33 – Resultados quantitativos das Idéias Centrais da Pergunta 9 (22 a 27 anos)

C) Discurso do sujeito coletivo das categorias formadas pelas Idéias Centrais

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DAS IDÉIAS CENTRAIS (22 A 27 ANOS)

9 - Você aconselharia uma menina entre 10-12 anos que está escolhendo um esporte, a praticar futebol ou a optar por outra modalidade? Por quê?

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA A - APOIO COM CONSELHOS

Na minha opinião, se ela gosta ela tem que praticar, se ela se interessar por futebol, eu vou dar a maior força para ela, aconselharia se ela estivesse a fim mesmo, eu daria a maior força e o maior apoio, dicas principalmente, daria algumas dicas e com certeza eu iria apoiar. Eu iria falar das consequências que ela teria, os desafios, ela tem que ter na cabeça que talvez ela não consiga profissionalismo nisso, ela tem que jogar por prazer, hoje infelizmente futebol no Brasil você não pode ter uma certeza de que vai conseguir algum tipo de carreira. Então o que eu falaria para ela do fundo do coração dela, se é isso que ela quer é para ela ir a luta, que ela vai conseguir. Ela vai ter que começar pela família dela, se a família não está junto dela, imagine os outros, o povo, então ela tem que lutar contra todos menos contra Deus, se ela colocar o coração dela na mão de Deus, ela vai chegar lá, se ela não for forte e conseguir superar as barreiras, ela não vai ser uma jogadora não.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA B – OPÇÃO INDIVIDUAL

Eu acho que vem de cada um fazer o que gosta, eu optei pelo futebol, mas tem o vôlei, tem o basquete, tanto faz. Não adianta eu falar para ela fazer futebol, que não vai estar sendo dela, não vai ser legal, então tem que vir dela, se ela quiser Ballet, se quiser Vôlei, eu acho que tem que deixar ela optar, dar as opções e ela optar e se quiser futebol, porque não futebol?

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA C - APOIO À PRÁTICA DO FUTEBOL

Sem dúvida! Com certeza indicaria, jogar futebol é tão bom quanto qualquer outro esporte, futebol é um esporte como outro qualquer, e é bom para o corpo, é bom para a mente, é bom pra você. É um esporte completo, é um esporte bonito, então eu aconselharia qualquer uma amiga minha de 10, 11 até de 20 a jogar futebol, mas ela tem que fazer pelo prazer de jogar e não obrigada pelos seus pais, se ela se sente à vontade jogando futebol, tem que ir em frente. Como esporte sem dúvida nenhuma eu aconselharia sim.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA D - NÃO INDICARIA

Não, indicaria outra modalidade.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA E - APOIO COM RESSALVAS

Depende muito, acho que é um problema também, você tem dois irmãos, ver brincando é diferente, mas eu aconselharia, sim o futebol ou outro esporte. Eu até aconselharia fazer porque eu gosto, mas o preconceito ainda é muito grande. Então, tem uma série de coisas que envolvem isso, a pessoa vai sofrer muita pressão, é muita intriga, muita coisa que não tem, e só quem está dentro sabe ver e diferenciar.

QUADRO 69 – DSC das Idéias Centrais da pergunta 9 (22 a 27 anos)

D) Resumo e categorias das Ancoragens

RESUMO DAS ANCORAGENS (22 A 27 ANOS)

9 - Você aconselharia uma menina entre 10-12 anos que está escolhendo um esporte, a praticar futebol ou a optar por outra modalidade? Por quê?

	Expressões Chave	Ancoragem	
Ana	Vou falar as consequências que ela vai ter, os desafios, ela vai ter muitas barreiras no caminho dela, eu vou dar muitos conselhos para ela: As barreiras são do preconceito, a família, Meu pai sempre pensou que eu ia ser bailarina, nunca pensou que ia jogar futebol, nunca passou pela cabeça dele, então eu tive muitos problemas em casa com o meu pai e não com a minha mãe. Os pais dela não vão querer isso para a sua filha por causa dos preconceitos, o preconceito confunde muito a cabeça dos pais, se a família não está junto dela, imagine os outros, o povo, então ela tem que lutar contra todos menos contra Deus, se ela não for forte e conseguir superar as barreiras, ela não vai ser uma jogadora não.	Vou falar as consequências que ela vai ter, os desafios, ela vai ter muitas barreiras no caminho dela. As barreiras são do preconceito, a família...	A
Kelly	O preconceito ainda é muito grande. Então, tem uma série de coisas que envolvem isso, a pessoa vai sofrer muita pressão, é muita intriga, muita coisa que não tem, e só quem está dentro sabe ver e diferenciar.	O preconceito ainda é muito grande, a pessoa vai sofrer muita pressão, é muita intriga.	A

CATEGORIAS DAS ANCORAGENS DA PERGUNTA 9 (22 A 27 ANOS)

A - ALERTA SOBRE PRECONCEITOS E BARREIRAS

QUADRO 70 – Resumo e categorias das Ancoragens da pergunta 9 (22 a 27 anos)

E) Resultados quantitativos (percentuais por categoria e gráfico ilustrativo) das Ancoragens

RESULTADOS QUANTITATIVOS DAS ANCORAÇÕES (22 A 27 ANOS)

9 - Você aconselharia uma menina entre 10-12 anos que está escolhendo um esporte, a praticar futebol ou a optar por outra modalidade? Por quê?

A - ALERTA SOBRE PRECONCEITOS E BARREIRAS	2	100,00%
--	---	---------

TOTAL DE RESPOSTAS DA PERGUNTA	2
---------------------------------------	----------

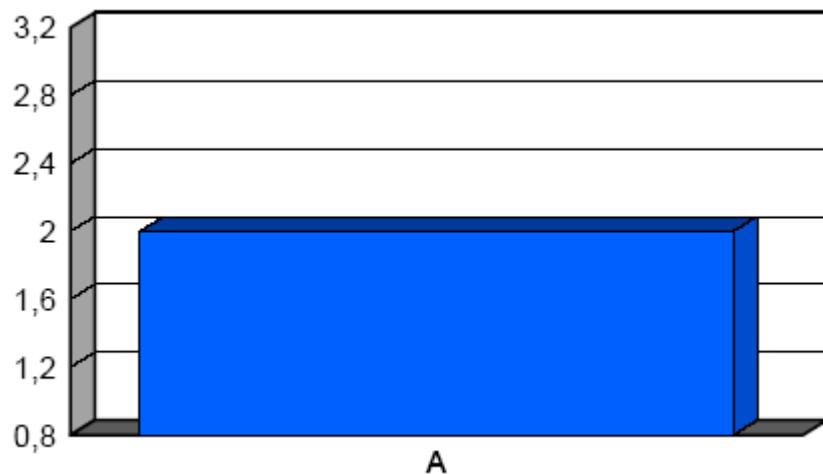


FIGURA 34 – Resultados quantitativos das Ancoragens da Pergunta 9 (22 a 27 anos)

F) Discurso do sujeito coletivo das categorias formadas pelas Ancoragens

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DAS ANCORAÇÕES (22 A 27 ANOS)

9 - Você aconselharia uma menina entre 10-12 anos que está escolhendo um esporte, a praticar futebol ou a optar por outra modalidade? Por quê?

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DA CATEGORIA A – ALERTA SOBRE PRECONCEITOS E BARREIRAS

Vou falar as consequências que ela vai ter, os desafios, ela vai ter muitas barreiras no caminho dela, eu vou dar muitos conselhos para ela. O preconceito ainda é muito grande. Então, tem uma série de coisas que envolvem isso, a pessoa vai sofrer muita pressão, é muita intriga, muita coisa que não tem, e só quem está dentro sabe ver e diferenciar. As barreiras são do preconceito, a família, Meu pai sempre pensou que eu ia ser bailarina, nunca pensou que ia jogar futebol, nunca passou pela cabeça dele, então eu tive muitos problemas em casa com o meu pai e não com a minha mãe. Os pais dela não vão querer isso para a sua filha por causa dos preconceitos, o preconceito confunde muito a cabeça dos pais, se a família não está junto dela, imagine os outros, o povo, então ela tem que lutar contra todos menos contra Deus, se ela não for forte e conseguir superar as barreiras, ela não vai ser uma jogadora não.

QUADRO 71 – DSC das Ancoragens da pergunta 9 (22 a 27 anos)

5.2.9.3 Pergunta 9 – Discussão

Penso morrer pelo meu time, se ele perder, que dor, imenso crime, posso chorar se ele não ganhar, mas se ele ganha, não adianta, não há garganta, que não para de berrar (Skank)

“Que coisa linda, é uma partida de futebol!”, canta o grupo Skank, e parecem repetir as atletas aqui entrevistadas. Esta é a emoção que ressalta desta pergunta, na qual eu pretendia saber se as jogadoras, mesmo passando por enormes dificuldades, obstáculos e toda a sorte de preconceitos, ainda assim indicariam a prática da modalidade para uma garota, ainda púbere, entre 10 e 12 anos.,

E a resposta veio com força. Das atletas mais novas, a maioria absoluta (14 delas, ou 60,87% das respostas) indicaria e apoiaria a prática do futebol, sendo que algumas também indicariam, mas colocando alguns alertas e ressalvas – se somarmos estas categorias com a “vencedora absoluta”, teremos 16 atletas mais novas, entre 23 respostas, que indicariam o jogo de futebol para uma garota iniciante.

Entre as mais velhas, se a maioria não é incondicional, mesmo assim há um destaque para aquelas que apoiariam a prática, com cinco respostas nesta categoria (38,46%); caso acrescentemos a estas aquelas que apoiariam com certas ressalvas (2) ou mesmo aquelas que dariam conselhos antes (3), teremos sim uma maioria absoluta apoiando a prática por meninas bem mais novas (10 entre 13 respostas que apoiariam, um total de 76,92%).

Ou seja, as atletas gostam de praticar, amam a sua prática, recomendam para qualquer uma. As mais novas dizem: “Com certeza eu aconselharia, futebol é tudo de bom mesmo, se fosse realmente isso que ela quisesse, eu daria o maior apoio. Eu sou apaixonada pelo futebol, é um esporte saudável, acho muito divertido, é gostoso de praticar, eu gosto muito de jogar, é muito bom o espírito de equipe que tem no esporte, isso é o que vale a pena.” As mais velhas não deixam por menos, e exclamam: “Sem dúvida! Com certeza indicaria (...) futebol é um esporte completo, é

um esporte bonito, é bom para o corpo, é bom para a mente, é bom para você. É um esporte bonito, então eu aconselharia qualquer amiga de 10, 11, até de 20 a jogar futebol, mas ela tem que fazer pelo prazer de jogar (...)"". Certamente, alguém com a missão de vender o futebol em um lugar no qual ele fosse desconhecido não faria uma propaganda tão boa, as atletas são absolutamente maravilhadas pelo que fazem.

E não é para menos, pois este realmente é o que os ingleses consideraram como “o jogo do povo”. Para Aquino (2002), o futebol pode ser considerado o jogo mais popular do mundo, pois são tantos os seus adeptos e aficionados, sejam eles mulheres, crianças, homens, velhos, moços, gente de todo o tipo e idades, que seu número somado “(...) ultrapassa a soma total dos envolvidos com as demais competições esportivas existentes no mundo” (AQUINO, 2002, p. 11). E o autor acrescenta relatando que “(...) existem mais países filiados à FIFA (Federação Internacional de Futebol Associado) do que associados à Organização das Nações Unidas (ONU)” (AQUINO, 2002, p. 11).

Um jogo associado a feitos épicos, e que marca momentos trágicos da história brasileira, como a derrota na final da Copa do Mundo de 1950, frente ao Uruguai em pleno Maracanã, naquilo que Nelson Rodrigues denominou de “Hiroshima brasileira”. Outro episódio histórico marcante foi a morte de 44 pessoas, mais o ferimento de cerca de 1.800 torcedores, nas comemorações do retorno da seleção brasileira da Suécia, em 1958, com a primeira conquista de um título mundial (AQUINO, 2002).

São tantos feitos que marcaram a nossa história, são tantos torcedores, são tantas paixões, são tantos os corações pintados com as cores de clubes - e é tanto futebol jogado por esse país afora, que seria inconcebível, inimaginável, que metade da nossa população, as mulheres, não se envolvessem, e de forma apaixonada, com a modalidade.

Uma modalidade que, se não nasceu no Brasil, aqui pode crescer e se desenvolver, pois “a terra é plana e chã – excelente para a prática do futebol”, falava o cronista esportivo nos anos 1940 (citado por TOLEDO, 2000), brincando com a carta de Pero Vaz Caminha, fundadora da nação. A paráfrase do cronista, entretanto, deixa entrever de forma significativa que o futebol é considerado por muitos um elemento que, se não está no descobrimento do Brasil formalmente, faz

parte de sua constituição como nacionalidade. Este é o grande mito futebolístico brasileiro, o “país do futebol”, onde as regras e fundamentos inventados na Inglaterra tiveram espaço e encontraram ares ideais para crescer.

Reconhecido no domínio público – inclusive por outros povos – como uma manifestação cultural que revela nosso jeito, malícia, alegria ou ginga, o futebol protagonizou os contornos de um processo de identificação, construído e engendrado por esses diferentes agentes sociais em interação. (TOLEDO, 2000, p. 8).

“Sou apaixonada pelo futebol!” declaram as garotas. Um marco na identidade nacional, parece ser impossível ficar indiferente a este jogo. Mesmo aquelas que acham que tem que ser uma “opção individual” (2 ou 15,98% das mais velhas pensam desta forma), e que devem ser apresentadas diversas opções de escolha a garotas com esta idade, se perguntam, “se ela quiser futebol, porque não futebol?”. Ou seja, porque não praticar o futebol, neste país em que este esporte se inscreve na alma e no corpo de milhões de brasileiros, e onde ele é

mais do que um mero espetáculo consumível, o futebol consiste num fato da sociedade, linguagem franca de domínio público, dos fundamentos às representações coletivas, que reencanta a dimensão da vida cotidiana através de sua estética singular. (TOLEDO, 2000, p. 69).

No entanto, o futebol não é vivenciado tampouco visto pelos diferentes grupos sociais brasileiros da mesma forma. Para Toledo (2000, p.8), os investimentos simbólicos dos distintos grupos étnicos, ou classes sociais no futebol “(...) nem sempre convergiram para conferir um significado único ao esporte”. É isto que ocorre no futebol feminino, o grupo de mulheres futebolistas possui representações simbólicas próprias sobre o futebol, as quais interferem diretamente naquilo que elas dariam como alerta para garotas que estão iniciando. “Conselhos”, 3 das 13 respostas das mais velhas pretendem passar algo de sua experiência, avisar aquelas que estão

começando, “eu daria a maior força e o maior apoio, dicas principalmente, daria algumas dicas (...) falaria das consequências, os desafios (...) ela vai ter que começar pela família, se a família não está junto dela, imagine os outros, o povo, então, ela tem que lutar contra todos menos contra Deus (...), se ela não for forte e não conseguir superar as barreiras, não vai ser uma jogadora não”.

Quais são estas barreiras interpostas à vida de uma atleta de futebol? Seria tão difícil assim? As atletas aqui novamente se ressentem, e apõe ressalvas ao apoio ao futebol (2 das mais velhas, ou 15,38%), aconselhando as atletas a fazerem, pois elas gostam “mas o preconceito é ainda muito grande”. E este preconceito é realçado por uma das atletas menores, que é firme ao dizer que “se eu tivesse uma filha, eu não gostaria que ela jogasse bola (...) você ache que eu quero que ela passe por discriminação? Porque você é menina, e na escola, menina jogando bola, já falam que é sapatão”.

Aqui está o ponto, que ressurge fortemente ancorado nesta questão. O preconceito e a discriminação que envolvem as mulheres que jogam futebol, pois este é totalmente associado simbolicamente ao mundo masculino, e as representações operam de um jeito que novamente ajudam a colar a sexualidade de alguém, a sua identidade de gênero, ou mesmo a uma atividade vinculada mais fortemente a um dos gêneros.

No entanto, este tipo de preconceito e discriminação parece ser transnacional, ocorrendo nos Estados Unidos, na França, na Austrália e até na Nova Zelândia, conforme os estudos aqui apontados. Já relatei anteriormente a pesquisa de Mennesson e Clément (2003) com futebolistas francesas, país em que ocorreu um caso de um clube que inclusive excluiu de seus quadros todas as atletas suspeitas de atividades homossexuais, independentemente de sua qualidade técnica.

Discutindo as múltiplas formas de incorporar e corporificar a experiência atlética, a das mulheres esportistas como um todo e especificamente a das mulheres no futebol, Cox e Thompson (2000) perceberam que o discurso da heterossexualidade é fortemente presente e influente na composição dos corpos das atletas. Este discurso se mostra contraditório, pois se ele prega um corpo fraco e passivo para as mulheres, se choca com o discurso esportivo que conclama os corpos a serem fortes e poderosos. Desta forma, estes discursos acabam sempre por

questionar se as mulheres esportistas são, de fato, “mulheres”. Para as autoras, as atletas que saem das regras de feminilidade, usando cabelos curtos e tendo corpos muito atléticos, são permanentemente, de forma aberta ou clandestina, provocadas quanto a sua sexualidade.

A homofobia nos esportes reflete não somente o medo da sexualidade das mulheres, mas também o medo da perda do controle masculino sobre esta sexualidade, colocando assim em perigo o balanço de poder nas relações de gênero (COX e THOMPSON, 2003, p. 8)

Sendo assim, as atletas, para compensarem o seu visual “não-feminino” em decorrência das necessidades atléticas que transformam seu corpo, empregam símbolos de heterossexualidade, “(...) tendo cabelos compridos e se vestindo de um jeito feminino fora dos campos esportivos, sobretudo quando vão falar com a mídia” (COX e THOMPSON, 2003, p. 8).

Rubin (1989) demonstrou também o quanto as homossexuais femininas, as lésbicas, sofrem uma opressão dupla, tanto por serem mulheres, mas também por serem sancionadas socialmente (assim como os gays masculinos, travestis, prostitutas) em decorrência de sua sexualidade desviante da norma padrão.

Este preconceito duplo, pelo fato de serem mulheres praticantes de um esporte associado ao masculino, e também por serem estigmatizadas como lésbicas, fora da norma padrão, é sentido pelas atletas, que acusam este preconceito, alertando uma suposta iniciante na modalidade, ou mesmo fazendo com que elas afastem da prática uma hipotética filha. Os grupos tidos como “cools” socialmente, os que seguem as normas de gênero tão rigidamente impostas – maquiagem e vestidos para as moças, força e brutalidade para os rapazes – não apenas se mostram no alto da pirâmide da hierarquia de gênero, mas também se ocupam em “(...) policiar as normas de gênero e marginalizar os infratores” (WEDGWOOD, 2004, p. 157). O estudo de Cox e Thompson comprovou que

a construção mitológica da atleta lésbica ainda está profundamente imersa no futebol feminino. Muitas jogadoras declararam que a sua introdução ao mundo do futebol incluiu alertas sobre o lesbianismo. (COX e THOMPSON, 2003, p. 15).

Assim, percebe-se o quanto o mito da homossexualidade permanece presente, uma vez que a masculinidade hegemônica, perdendo espaço em outros pontos da vida social, certamente se apegará mais ao seu bastião, o esporte, tentando evitar que este seja infiltrado por novas formas de gêneros que contradigam e contestem a ordem hierárquica já estabelecida, marginalizando quem ousar questionar esta regra.

Goellner (2000) ressalta que este ponto comentando que há mulheres que participam do futebol se enquadrando a padrões masculinos, tanto de um lado da balança (masculinizarem-se), quanto do outro (se hiperfeminilizarem). Já, nos dizeres da autora,

Outras, no caminho inverso, no e pelo futebol, reafirmam a sua feminilidade e sua identidade, exibem sua beleza e buscam nesta prática esportiva saúde e qualidade de vida. Questionam a hegemonia esportiva masculina, historicamente construída e culturalmente assimilada, enfrentam os preconceitos e também as formas de poder subjacentes a eles. (GOELLNER, 2000, p. 90).

Pelo crescente número de atletas, sobretudo de mais novas, jogadoras adolescentes com no máximo 21 anos, que se mantêm ativa e animada com a prática, pensando inclusive em indicá-la para amigas menores (“eu conheço meninas mais novas que quando eu vejo que jogam bem, eu chamo para jogar no nosso time porque eu acho que elas têm habilidade com a bola, até mesmo minha filha se ela quiser jogar um dia eu vou levar para jogar”) ou mesmo para suas filhas, percebe-se que há muitas resistindo no futebol, fazendo com que este se torne um verdadeiro

mar de contradições, de um lado mostrando resistências quanto a se feminilizar, e de outro encampando as mulheres e com elas novas formas de identidade de gênero, criadas e transformadas cotidianamente nos campos de futebol do país.

6. CONCLUSÕES

*A besteira é querer concluir
(Flaubert)*

Preconceito. Esta é a palavra que parece estar na mente das atletas, e que salta de suas bocas, quando instadas a falarem sobre suas vivências no futebol. Preconceito vivido na época em que eram crianças jogando bola nas ruas; preconceito na família, nos amigos, na comunidade e na escola. Preconceito a partir de imagens estereotipadas do futebol, preconceitos que geram discriminações, atacando a dignidade das atletas e ferindo seus direitos essenciais, inclusive inscritos em declarações de direitos humanos aprovadas mundialmente e ratificadas pelo Brasil.

O dado do preconceito contra as mulheres que jogam futebol não é uma novidade, tampouco chega a ser surpreendente. Diversos estudos revisados nesta pesquisa, realizados nos últimos 10 anos, inclusive de minha própria autoria, já demonstraram isso. O diferencial que aqui pude apontar, em primeiro lugar, foi relativo tanto à quantidade de atletas falando sobre esta temática, bem como a profundidade, clareza e intensidade com que esta questão aparece, com discursos firmes e conscientes nesta direção. Com a coleta e a análise destes discursos, pude cumprir com o primeiro objetivo deste estudo, estudando as representações sociais das futebolistas sobre sua prática, examinadas a partir das relações e antagonismos de gênero presentes no imaginário social, refletido nas falas das atletas.

O ineditismo aqui presente também é relativo às associações e conexões aqui feitas, conjugando preconceito com stress negativo – o que não foi encontrado em nenhum outro trabalho deste período; estudar essa relação também se constituía num dos objetivos deste trabalho, que creio ter cumprido a contento.

Outro aspecto inovador que percebo nesta tese foi colocar a temática do preconceito e da discriminação no futebol feminino, dentro do quadro do movimento de direitos humanos econômicos e sócio-culturais, mostrando a importância destas situações serem descritas à exaustão enquanto componentes fundamentais das relações de gênero desiguais em nossa sociedade.

O preconceito, como mostram nossos dados, aparece “desde o início”, revelando que “masculinos e femininos no futebol” existem desde a infância das jogadoras. A atividade já é fortemente genereficada, e estas oposições dos gêneros competem entre si no interior do futebol, gerando exclusão e discriminação. De um lado, de acordo com os dados, meninas encontram dificuldades de jogarem, são excluídas do jogo ou estereotipadas como homossexuais, desde o começo de seu contato com o futebol, que é sempre colocado como “coisa de homem”; de outro, os meninos tendem a se comportar como donos da atividade, assumindo um papel hegemônico e por vezes violento contra as meninas, e não conseguindo “relaxar” para praticarem futebol com elas, pois “precisam” ser os melhores, e devem cumprir à risca o seu papel de gênero no interior do futebol, mostrando por meio do jogo toda a sua masculinidade.

Isso me lembra de um grande amigo, excelente jogador de futebol, pai de um garoto de 11 anos, e que mora no interior de Pernambuco, local no qual as concepções machistas são extremamente arraigadas. Certa noite ele me telefonou, agoniado, e desabafou: “acho que meu filho é gay”. O tempo passou, ambos conversaram, e o garoto fez a seguinte declaração para o pai: “não é porque eu não gosto de jogar futebol que eu sou gay”. Ou seja, para ser homem “com H” em nosso país, jogar futebol é uma condição *sine qua non*.

Aprisionados em uma ordem de gênero estreita e excludente, meninos e meninas enxergam a atividade pelo prisma masculino: os uniformes, as habilidades, chutar uma bola parece ser exclusivamente algo de homem. Em virtude desta rigidez que pesa sobre e na atividade, é exatamente nela que muitas meninas começam uma “carreira” de questionamentos da ordem de gênero instituída, a qual resulta numa crescente identificação com o mundo masculino e consequentemente, com o futebol, símbolo central da masculinidade em nossa cultura, jogo que, segundo os depoimentos, as atletas somente conseguiam praticar na rua entre os meninos.

Assim, uma primeira conclusão possível de se chegar neste trabalho é que, caso se abrissem mais as fronteiras do futebol nas escolas e nos programas esportivos voltados para a infância e a puberdade, favorecendo a vivência da modalidade para meninas e meninos igualmente, ou mesmo para ambos em conjunto, certamente seriam maiores as chances da diminuição do preconceito, e do futebol pertencer a todos, e não apenas ao mundo masculino.

Quando menciono aqui “todos”, procuro ressaltar algo que ao longo desta pesquisa, sobretudo nas respostas à segunda questão da entrevista (“como você se enxerga sendo mulher e futebolista”), foi ficando cada vez mais claro: não existe um futebol “feminino”, ou melhor, inexiste “a mulher futebolista brasileira”; o que sim existe é uma *diversidade de possibilidades de ser mulher* e ao mesmo tempo jogar futebol, ou seja, uma grande variedade de vivências do feminino também no interior do futebol. Desta forma, quando se estigmatiza a atividade a tal ponto que ela passa a gerar uma enormidade de preconceitos contra as suas praticantes, isto acaba por reforçar uma única forma de feminilidade possível no futebol, dificultando a elaboração de identidades próprias - o que por outro lado fortalece identidades comunitárias no interior do futebol, as quais são por sua vez estereotipadas, gerando novos preconceitos. Contrariamente a esta idéia de unicidade da mulher futebolista, que é rotulada e parece existir socialmente tendo apenas uma única e inevitável forma de ser no mundo, o que se mostrou aqui foi a existência de uma ampla gama de mulheres que elaboram e realizam uma vasta diversidade de modos de ser e viver o futebol, seu corpo e sua identidade de gênero no interior do esporte.

Novamente, comprova-se a tese central deste trabalho, qual seja, a presença de femininos e masculinos no futebol, com avanços em busca de novas formas de feminilidade, por vezes transgressoras das normas ditadas pela conduta social, e severamente patrulhadas pelas polícias de gênero; mas também a existência de feminilidades que procuram se guiar pelas normas, andando ou procurando se encaixar dentro das fronteiras estabelecidas para cada gênero, criticando fortemente as próprias companheiras que vivem além destas.

Interessante notar que o discurso das futebolistas, independentemente de sua diversidade enquanto mulheres, é pleno de amor pelo futebol. Elas reforçam constantemente este gosto, esta paixão pela modalidade “número 1” do Brasil – e

certamente é isso que as faz lutar pelo seu direito de praticá-la, e de serem felizes assim fazendo. Outra vez, a busca por oportunidades igualitárias para a prática do futebol, desde a infância passando por todas as etapas da vida, se constitui em uma premissa fundamental para quem acredita no esporte como um grande fator catalisador de vários projetos de felicidade pessoal e comunitária. Assim, este trabalho mostra que assegurar o direito de sua prática, batalhar contra a discriminação que permanece forte neste meio, e nas representações sobre ele, significa favorecer a construção de uma sociedade mais justa e que acolha toda a diversidade nela existente como forma de engrandecimento social.

Certamente esta diversidade do meio social passa pela aceitação dos diversos corpos, frutos de identidades e vivências variadas, e que vão se construindo ao longo da vida das pessoas. Como o esporte atua fortemente nesta construção corporal, é nele que surgem grandes expectativas sobre os formatos dos corpos, que aí ganham presença material substancial. Como os dados aqui analisados comprovaram, ainda é difícil para uma mulher conviver com o seu corpo atlético.

Confirmando resultados que apresentei anteriormente em meu primeiro livro (Knijnik, 2003), as mulheres futebolistas ainda procuram se “refeminizar” para se adequar às expectativas sociais sobre seus corpos. Desta forma, aquelas que mantém aparências e corpos em padrões tradicionalmente, ou ao menos razoavelmente aceitos socialmente, não são presas tão fáceis dos preconceitos – o que demonstra claramente que a vigilância sobre o corpo, no meio esportivo, permanece grande. Para as atletas, fica claro que aquelas que não submetem seus corpos e sua sexualidade aos desejos masculinos, sendo mais preocupadas em jogarem futebol do que usarem calções pequenos, ou mesmo camisetas que deixem as barrigas de fora, são as maiores vítimas de preconceito.

Muitas delas, principalmente por suas características mais identificadas com garotos, são as que mais sofrem com estes rótulos. O que os depoimentos mostraram é que há o constante controle social sobre os corpos das atletas, e um preconceito que varia de escala, mas permanece existente, sobre aquelas que se apresentam com um corpo mais masculinizado, e que se recusam portanto a aceitarem que o meio social controle o seu corpo – se negando assim a entrarem no jogo fácil da sedução para conquistarem favores de técnicos, dirigentes, árbitros e do mundo masculino que

dirige e comanda o futebol. O corpo com signos heterossexuais de feminilidade passa a ser um imperativo; quando estes não são mostrados de maneira clara, ou então quando são questionados, o corpo passa a ser o diferente, o desconhecido, gerando medo que é combatido na forma de preconceito.

As atletas que se preocupam mais com o jogo em si, e menos em manter uma forma mais próxima à feminilidade dominante, acabam por questionar, conscientemente ou não, este *status quo* corporal. Apontam assim muitas vezes para uma verdade, mostrando que as aparências podem enganar, pois nem tudo é o que parece, e nem precisa parecer para ser. Criando algo novo em termos corporais, elas ao mesmo tempo se mantêm percorrendo novamente o campo minado da identificação automática que a representação da sociedade realiza entre a atividade futebolística, o corpo e a sexualidade, como se fosse apenas o fator esporte que levasse alguém a definir a sua opção sexual.

Além disso, o corpo que não se mostra disposto a apresentar uma sexualidade heterossexual, e sobretudo aquele que mostra claramente a sua opção sexual homossexual, sofre o preconceito pois o masculino predominante no futebol, e os próprios controles sociais de gênero e sexualidade, não aceitam alguém que se rebela contra estes domínios, e que não possa ser passível de uma possível investida sexual.

Na própria literatura aqui investigada, averiguou-se que há vários fatores para que mulheres, no interior do futebol, façam uma opção pelo homossexualismo, e que esta não é feita somente pelo fato de se jogar futebol: existe a identificação com o masculino e uma tendência a se questionar os valores femininos hegemônicos, aos quais se somam as pressões e preconceitos de fora, o próprio ambiente e até uma curiosidade de experimentação da parte de meninas e moças. Com certeza, entretanto, esta opção irá gerar sobre a atleta uma discriminação muito forte, o que fará com que ela se apegue ainda mais ao seu grupo esportivo. Este preconceito, e consequente discriminação, que também ocorrem internacionalmente, promovem no futebol feminino brasileiro um verdadeiro ‘divisor de águas identitário’, o qual deixa suas marcas no próprio corpo das atletas: de um lado, aquelas que se assumem e se masculinizam, “virando homens” na aparência e no juízo social; de outro, aquelas que se hiperfeminizam para fugirem de qualquer forma de estigma e discriminação,

muitas vezes escondendo atrás desta aparência os próprios desejos e vivências homossexuais.

O preconceito aqui demonstrado, que se corporifica, ou tem no corpo um de seus principais ingredientes para se manifestar, muitas vezes altera os estados emocionais das atletas, provocando nelas, como ficou comprovado nos seus discursos, uma série de situações distressantes, que atentam contra a própria saúde das futebolistas – outra violação aos seus direitos básicos.

Claro que este preconceito não é algo imutável, mas sim, como muitos dados sugeriram, está em constante mudança, e se mostra menos ou mais presente sob determinadas condições sócio-históricas. Por outro lado, os dados apresentam claramente que as mulheres no esporte, principalmente aquelas que praticam modalidades dominadas por homens - ou simbolicamente atreladas ao mundo masculino, como é o futebol - continuam sofrendo com estes preconceitos e discriminações: as suas práticas estão envoltas no estigma da homossexualidade - e uma vez que o rótulo, o estereótipo está grudado na pessoa ou naquele campo social (no caso, o futebol feminino), ele dificilmente será retirado.

Não se pode negar que muitas pesquisas aqui citadas (PERSON, 1998; DUNNING e MAGUIRE, 1997; MENESSON e CLEMENT, 1999; WEDGWOOD, 2004), e mesmo alguns dados deste trabalho, apontam que muitas mulheres possuem identificações masculinas, mas que estas correntemente independem de suas preferências sexuais. O esporte, e aqui particularmente o futebol, como um símbolo cultural de maior importância em nossa sociedade, seduz as pessoas, e faz com que muitas garotas queiram praticá-lo a fim de experimentar as vantagens que vêm os homens retirando desta prática: desde benefícios físicos, com aumento do poder do corpo e da saúde; mais autoconfiança e crescimento da auto-estima, e maior sociabilidade; também há aquelas que declaravam que se sentiam meninos, pois se gostavam de tudo o que eles faziam na infância, e como as meninas não podiam, era melhor se tornar um deles. Na vida adulta, então, porque não praticar aquilo que lhes foi negado na infância, sobreponjando assim as limitações impostas por sua condição feminina? Isto não significa necessariamente que a pessoa fez uma opção sexual diferente, mas sim que se identificou com uma atividade que encanta tanto por si mesma, mas também por ser um símbolo poderoso do mundo masculino dominante.

Entretanto, ao buscarem ou se identificarem com coisas do mundo masculino, as atletas esbarram no grande preconceito: em nossa sociedade, a heterossexualidade parece ser compulsória. Não basta às jogadoras serem mulheres; parodiando o ditado sobre a mulher de César (a quem não bastava ser honesta, precisava aparentar e deixar transparente sua “honestidade”), as jogadoras devem se assemelhar a um tipo de mulher – de acordo com uma determinada norma de feminilidade, que exclui outras possibilidades de ser mulher, mesmo no século XXI. Esta ‘obrigatoriedade’ de ser mulher heterosexual de um determinado jeito ocorre pois a homossexualidade é o “crime” a ser perseguido, julgado e condenado, ou então camouflado. É aqui que o preconceito contra a homossexualidade (seja esta real ou apenas um julgamento a partir de aparências e gostos) ganha toda a sua força enquanto fundador de dois mundos dentro do futebol feminino, criados a partir de estereótipos corporais que não necessariamente correspondem à realidade: o mundo das lésbicas e o das “mulheres de verdade”, apesar de jogarem futebol.

Nesta pesquisa mesmo, por meio do roteiro de perguntas, eu quis evitar a questão da sexualidade, pois inicialmente eu pensava que o meu tema era gênero, não devia confundi-los, e mesmo tinha um certo receio de entrar numa seara para mim desconhecida, o universo homossexual feminino. Entretanto, no decorrer do trabalho, percebi que este assunto era inevitável, e as próprias atletas o traziam à tona, uma vez que as pressões externas, as ironias, as censuras, a polícia do gênero e do sexo, e a própria criação de sub-grupos de acordo com a orientação sexual das atletas, dentro das equipes de futebol, fazem com que esta temática seja muito importante neste campo.

De fato, percebi que a homossexualidade, no futebol feminino, organiza a vida das equipes e das atletas, não somente na formação de grupos e subgrupos ‘héteros’ ou ‘homos’, mas também porque as atletas sofrem constantes coações no sentido de manter a aparência normatizada como a mais adequada a uma mulher, isto é, a aparência da feminilidade tradicional. Desta forma, a homossexualidade estrutura a vida das equipes e do futebol feminino também de fora, pois a atleta que “parece homem” (mesmo se declarando heterosexual, ou tendo atitudes fora do campo absolutamente condizentes com o universo feminino dominante, como pintar as unhas, sair para dançar, cuidar dos filhos ou sobrinhos) está, de acordo com vários

depoimentos e conversas com jogadoras e dirigentes, ‘atrapalhando’ o futebol feminino, dificultando o seu crescimento. Esta visão que deseja e mesmo promove uma adequação às normas de heterossexualidade e de gênero feminino, acredita que assim fazendo limpará o futebol feminino de seus rótulos históricos, deixando-o mais palatável à mídia e ao dinheiro dos patrocinadores. Para aqueles que pensam que um determinado corpo, ou certa atitude “atrapalham” o futebol, dificultando a conquista dos tão sonhados apoios financeiros, qualquer leve ruptura das configurações de gênero predominantes (ou hegemônicas) no interior do futebol feminino acaba por ser vetada, estigmatizada, estereotipada e discriminada. Deve-se conformar às normas de gênero para que o dinheiro – valor supremo – apareça, e assim as atletas devem deixar os cabelos crescerem, entre outras atitudes que provem ao mundo que ali estão mulheres que jogam, nada de sapatonas.

É aqui que percebo que está morando o grande preconceito, e onde se armam as constantes discriminações contra o futebol feminino, pois as atletas consideradas masculinizadas estão colocando em xeque a ordem de gênero estabelecida, e os modelos tradicionais de ser homem ou mulher, confundindo e ampliando as fronteiras: barrar estas atletas – como alguns clubes já fazem, segundo depoimentos de alguns de seus técnicos e mesmo das atletas – ou exigir que as jogadoras usem cabelos compridos – como foi visto que aqui no Brasil, assim como no exterior, tem ocorrido – é um modo de se esconder aquilo que seria uma opção sexual inadequada, pois atrapalha no “visual” do futebol, inclusive na conquista de patrocínios e espaço na mídia.

Pergunto-me o que ocorre com garota que se sente bem de outro modo, com cabelos curtos, ou que se sente atraente deste jeito, até em virtude de uma possível opção sexual, mas não exclusivamente por isso? Aqui está se tratando de gente jovem, que quer – ou precisa – se sentir bem com sua aparência, que gostaria de ser bonita! Também poderíamos perguntar o que os patrocinadores achavam quando o Rivaldo, jogador pentacampeão no Japão pelo Brasil, conhecido pela sua feiúra, entrava em campo. Certamente, eles queriam os gols do jogador, não o seu belo rosto...

Já as mulheres devem se conformar com uma objetificação ostensiva dos seus corpos, para que possam praticar o seu adorado futebol. Assim, por detrás da busca de um espetáculo pretensamente mais bonito e agradável aos olhos dos torcedores e da

mídia, o que parece que se procura é novamente a interferência, o controle e o domínio sobre o corpo e a sexualidade destas mulheres atletas. Aquelas que não se encaixam nos estereótipos podem ser perigosas exatamente por terem uma sexualidade que não se interessa tampouco toma parte nos jogos de assédio que, conforme conversas colhidas na fase de observação desta pesquisa, está muito presente no ambiente do futebol – das “meninas” que saem com os técnicos, àquelas que namoram entre si e pressionam para que suas namoradas joguem, até aquelas que se recusam a flertar com dirigentes ou jogadoras poderosas, e ficam à margem dos esquemas e do campo.

Estes dados sobre a objetificação do corpo feminino, transformado sempre em objeto para deleite e prazer masculino, controlado e com pouca autonomia, acabaram por corroborar – de forma mais aprofundada, admito – com aqueles que surgiram no meu mestrado, e também em outros estudos internacionais (COX e THOMPSON, 2003): as atletas devem viver a difícil e por vezes dolorida contradição de serem másculas para jogarem seu esporte – ou seja, braços, tronco e pernas fortes, entre outras qualidades físicas -, e simultaneamente serem femininas o suficiente para agradarem a “polícia de gênero e do sexo” que está sempre atuante, fomentando preconceitos e aproveitando-se destes para vetar, barrar, excluir, discriminhar.

Inclusive em função deste preconceito, pude concluir aqui que as atletas do futebol feminino muitas vezes constroem uma identidade de resistência no interior da modalidade e de seus grupos, gerando espaços e abrindo fronteiras para que novas identidades de gênero possam se afirmar. Por meio destes focos de resistência, elas criam símbolos que se mostram fundamentais numa sociedade de espetáculo como a nossa, na qual as imagens que percorrem o globo de forma instantânea ajudam a formar e a transformar consciências – o que certamente é prioritário para que as mudanças na sociedade possam efetivamente acontecer. Estes símbolos e imagens têm a direção certa, ou seja, apontar que podemos abrir as mentes para mostrar que o futebol não é apenas masculino, mas como dito anteriormente, pode ser de e para todos, fazendo com que mais meninas e meninos possam incorporá-lo em seu universo cultural e corporal, construindo novas possibilidades para que esta atividade maravilhosa não seja mais uma a castrar tipos de masculinidades ou de feminilidades que não se “adequem” a sua prática, ou que seriam “avessas” ao verdadeiro futebol. Na verdade, como se comprova aqui, deve-se sim construir uma diversidade de

práticas futebolísticas para todas as pessoas poderem usufruir as características únicas desta modalidade.

Neste doutorado – e no futebol, que é um símbolo de nosso país, com sua força cultural que sequer precisa ser ratificada – ficou claro que existe um processo controlador e rígido que exige que as normas de gênero sejam seguidas à risca, estrita e estreitamente – e que este processo inclui plasmar gênero e sexualidade como se fossem uma coisa só. As atletas estão constantemente renegociando a própria feminilidade, por meio de seu corpo e de suas atitudes, criando novas identidades, uma vez que jogar futebol ainda não é visto como uma atividade “natural” para a mulher brasileira.

Por outro lado, o objetivo deste trabalho - que era discutir as relações de gênero no futebol, a partir das representações sociais das futebolistas que hoje estão em campo no Estado de São Paulo – acabou se cumprindo e se fortalecendo por favorecer que se desvelassem novas configurações que as atletas declararam acreditar possíveis de serem desenhadas num futuro próximo. Elas adoram jogar futebol, estão confiantes que as coisas podem mudar a partir de sua próprias vitórias, muitas já contam com o fundamental e imprescindível apoio da família para sua carreira esportiva (especialmente quando aparece o “fator papai” já antes comentado), vencendo assim barreiras dentro das próprias casas, superando os preconceitos na medida em que acreditam e são felizes com a sua prática – afinal, como diz a música, “quem não sonhou fazer um gol, quem não quis ser jogador de futebol”?

Ou seja, apesar do universo controlador das normas de gênero, que denominei de “polícia do gênero e da sexualidade”, aqui também aparece um fato novo, que pode ser revolucionário para as mudanças das mentalidades que se fazem necessárias na questão do gênero na sociedade como um todo, e no esporte em particular: ao ampliar seus espaços, lutar e conquistar o direito de jogar futebol – insisto, símbolo formador e catalisador do sentimento de nacionalidade brasileira – as atletas futebolistas avançam no sentido de elaborar (e este trabalho ajuda a compreender esta elaboração e as reconfigurações que se fazem neste sentido) os novos sentidos e as novas práticas de gênero no Brasil contemporâneo, do século XXI, práticas estas que se constroem de formas múltiplas e plurais, e que tentam superar as dificuldades impostas pelas representações bipolares que colocam em oposição o masculino e o feminino. Uma

atleta no futebol é algo ambíguo, que pressupõe uma série de combinações entre desejos e expectativas masculinas e femininas, que por ora transparecem mais de um lado, ora de outro, mas sobretudo em combinações múltiplas. Assim, me parece que foi atingido o outro objetivo deste projeto, que é o de tocar as consciências, vencendo e superando preconceitos muito arraigados, no sentido de transformar mentalidades, processo este que tem se mostrado um dos aspectos mais difíceis na ampliação dos direitos humanos.

Vale notar que o alargamento das consciências muitas vezes necessita de um empurrão, o qual, no caso aqui estudado, o Campeonato Paulista Feminino de Futebol de 2004 foi dado por alguém de fora do *establishment* futebolístico, o secretário de esportes Lars Grael. Com certeza este impulso não viria se este dirigente e atleta olímpico não fosse alguém disposto a romper com as barreiras existentes dentro mesmo do comando do futebol paulista e brasileiro e, a partir de sua própria sensibilidade e abertura, se dedicasse a alavancar as atividades de uma modalidade na qual o Brasil é vice-campeão olímpico. Também noto aqui a ausência das feministas em projetos esportivos, parece que o esporte está distante de políticas públicas para mulheres, como se esquecessem, inicialmente da própria CEDAW – que indica esta possibilidade –, mas depois do próprio potencial e importância da atividade no sentido de ajudar meninas e meninos a construírem seus corpos, a se tornarem mais autoconfiantes e elevarem a sua auto-estima.

A partir deste novo impulso que surgiu para as mulheres jogarem futebol, e também da própria medalha de prata alcançada em Atenas, gerou-se um clima otimista que favorece as transformações das relações de gênero no futebol – o que mostra que este não é somente um local para gestação de preconceitos e estereótipos, mas também para ressignificações da própria cultura de gêneros no esporte.

Propor novas formas de se jogar futebol, seja misto, somente entre meninas ou entre garotos; sobretudo, encará-lo cada vez mais não apenas como uma atividade de homens, favorece sobremaneira não somente as meninas, que terão mais oportunidades de prática, mas também os garotos, que não se sentirão tão pressionados a serem os melhores, e possam aprender novas formas de conviver com as meninas jogando futebol, este jogo maravilhoso, o esporte do povo, a modalidade mais praticada no mundo. Jogar juntos o futebol pressupõe novas atitudes, e traz à tona a

discussão sobre as diferenças, favorecendo a reflexão e o diálogo, questionando os determinismos biológicos, construindo espaços de respeito e tolerância, e mostrando que o esporte é sim, um fator de mudança e não somente de conservação das normas culturais vigentes. Ou seja, o futebol pode vir a ter uma nova cara, e pode ser empregado, usando-se a força que ele tem em nossa sociedade, para se promover o diálogo entre os diferentes, lutando contra o preconceito, alargando as consciências desde a educação infantil, e se educando para que se percebam e se questionem as normas de gênero, buscando uma interação maior e mais igualitária entre meninos e meninas, o que favorecerá certamente ambos os sexos, ampliando as possibilidades de umas mas também de outros, educados não mais para serem super – homens, mas sim para se construírem enquanto seres humanos, sensíveis e solidários.

O *futebol feminino*, que em princípio eu negava por pensar que só havia um futebol, jogado por pessoas diferentes mas sempre com a mesma regra e com os mesmos significados, na verdade está sendo criado, e esta tese acaba por demonstrar isso: não há apenas um futebol, mas múltiplos e variados “futebóis”, e o *feminino* aqui deve ser escrito não para justificar preconceitos, mas sim como um projeto de justiça social, ou para demonstrar que é possível se criar um universo futebolístico e social diferenciado daquele futebol já conhecido – e que acomoda e solidifica preconceitos e desigualdades - com novos valores sempre em modificação, valores de respeito e cooperação, mais do que de competitividade e mercantilismo.

“Femininos e masculinos no futebol brasileiro” não são contraditórios: ao contrário, o que se mostrou aqui é que existem diversos femininos e vários masculinos convivendo ao mesmo tempo dentro – e ao redor – do campo de futebol, e que estes podem se complementar para criar um ambiente novo, de mais respeito e de integração social, e não de desarmonia ou de discriminação, gerando assim aquilo que Paulo Freire chamaria de o “inédito viável”, e que pode ser viabilizado concretamente nos campos de futebol, este que é um dos veículos com maior poder na formação e na consolidação da subjetividade e das identidades pessoais, onde o gênero tem um peso essencial.

O último objetivo deste trabalho era o de provocar a tomada de consciência por parte de formuladores de políticas públicas em relação aos programas educativos não-sexistas, integrando-se ao “Projeto do Milênio” da ONU. Um objetivo ambicioso, com

certeza, mas que pode ser cumprido na medida em que acredito que a revelação das realidades em que vivem as mulheres no futebol, e a discussão destas idéias, têm um peso muito forte – e creio nisto exatamente por concordar com o professor e filósofo letão, Isaiah Berlin, quem, ao citar o poeta alemão Heine, alertava a todos que nunca desprezassem a força das idéias, pois “(...) os conceitos filosóficos nutridos na quietude do escritório de um professor poderiam destruir uma civilização” (BERLIN, 2005,p. 9).

No caso aqui estudado, a única “destruição” a que almejei foi a dos preconceitos. No restante, o objetivo não foi o de destruir, mas sim contribuir com um processo de tomada de consciência e de transformação, que ao meu ver já avança em diversos sentidos, seja com os apoios que as mulheres têm conquistado para continuarem praticando futebol; seja nas próprias conquistas delas em competições internacionais; seja nos espaços co-educativos na prática futebolística que vêm sendo criados; seja também com este projeto de doutorado, que contribui para recolocar em pauta o futebol enquanto expressão cultural, multifacetada, plena de símbolos variados numa nação que é múltipla. Deve-se ter clareza, entretanto, que este é um processo marcado por recuos e avanços, mas certamente que passa por ações educativas no interior da educação esportiva, as quais, pela sua própria natureza pressupõem, anteriormente, o esclarecimento de todos para a elaboração de planejamentos educacionais coerentes, consistentes e conscientes, que auxiliem na construção de um futuro no qual meninas e meninos, homens e mulheres, e todos os seres humanos possam aproveitar da vida o que ela tem de melhor, pois certamente este melhor tem componentes femininos e masculinos que se completam, como no futebol.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAHAMSON, E. D.; KAPLAN, R. Toward an Ecosystemic model of self-empowerment, stress and injury in sport. In: WORLD CONGRESS OF SPORT PSYCHOLOGY, 10. Skiathos, 2001. *Program & Proceedings*. Skiathos, International Society of Sport Psychology, 2001. V. 1 . p. 87-8
- ADORNO, T. W. Preconceito. In: HORKHEIMER, M.; ADORNO, T.W. *Temas básicos da sociologia*. São Paulo, Cultrix Editora, 1973, p. 173 – 183.
- AGUIAR, F. Notas sobre o futebol como situação dramática. In: BOSI, A. (org). *Cultura Brasileira: Temas e situações*. São Paulo, Ática, 1987, p. 151-66.
- ALTMANN,H. Meninas e meninos jogando futebol. *Verso & Reverso*, Ano XVI, 34, jan/jun, 2002, p89-100.
- _____ *Rompendo fronteiras de gênero*: Marias (e) homens na educação física. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.
- ANDERSONN, C.; ANDERSONN, B. *Will you still love me if I don't win? A guide for parents of young athletes*. Dallas, Taylor Publishing Company, 2000.
- ANSHEL, M. H. Toward validation of a model for coping with acute stress in sport. *International Journal of Sport Psychology*, Rome, v. 21, 1990, p. 58-83,
- AQUINO, R.S.L. *Futebol, uma paixão nacional*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2002.
- ARENKT, H. *On revolution*. New York, Viking Press, 1965.
- _____. *A condição humana*. São Paulo, Edusp, 1981.

ASCHER, N. Talentos masculinos e femininos. *Folha de São Paulo*, 31 de janeiro de 2005, p. E8.

AUAD, D. Educação para a democracia e co-educação: apontamentos a partir da categoria gênero. *Revista USP*, São Paulo, n.56, dezembro/fevereiro 2002/03, p. 136-43.

_____. *Feminismo: que história é essa?* Rio de Janeiro, DP&A,2003.

BARROY, A. Le respect des élèves entre eux, condition indispensable? *Contre Pied*, EPS, Sports, Culture, dossier “La mixité en question”, n. 15, octubre/ 2004 p.18-19.

BELLE, D. The stress of caring: women as providers of social support. In: GOLDBERGER, L.; BREZNITZ, S. (eds.). *Handbook of stress: theoretical and clinical aspects*. New York, The Free Press, 1982, p.497-505.

BELLOS, A. *Futebol: the Brazilian way of life*. London, Bloomsbury, 2002.

BERGER, P.; BERGER, B.; KELLNER, H. La pluralizzazione dei mondi della vita. In: SCIOLA, L. (org). *Identitá*. Percorsi di analisi in sociologia. Torino, Rosenberg e Sellier, 1983, p. 169-184.

BERGER, P.; LUCKMANN, T. *A construção social da realidade*. Petrópolis, Vozes, 1976.

BERLIN, I. *A força das idéias*. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.

BION, W. *Elementos de psicanálise*. Rio de Janeiro, Zahar, 1966.

BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1999.

BREUIL, X. Sport et Mixité: Le cas du football en occident (1916-1986). *Mémoires* du 11ème Carrefour d’Histoire du Sport – Sport et Genre. Centre de Recherche et d’Innovation sur le Sport, Université Claude-Bernard Lyon 1, Lyon, 2004, p. 24.

BYRNES, A. The ‘other’ human rights treaty body: the work of the Committee on the Elimination of Discrimination against Women. *Yale Journal of International Law*, v. 14, 1989, p.1

CALÇADE, P. Prefácio. In: SIMÕES, A C. & KNIJNIK, J.D. (orgs). *O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho*. São Paulo, Aleph, 2004, p13-14.

CALLEJA, C. C. Devem as mulheres praticar o judô? As “tigrinhas” às vezes embaraçam os rapazes. *Esporte e Educação*, São Paulo, v. 2 (8), 16-17, junho de 1970.

CARVALHO, M.P. Vozes masculinas numa profissão feminina. *Estudos Feministas*, v.3 (2), 1998, 406-22.

CASTELLS, M. *O poder da identidade*. (vol II). São Paulo, Paz e Terra, 1999.

CONNEL, R.W. Políticas de masculinidade. *Educação & Realidade*, 20 (2), jul-dez/1995, p. 185-206.

CONVENÇÃO SOBRE A ELIMINAÇÃO DE TODAS AS FORMAS DE DISCRIMINAÇÃO CONTRA A MULHER (ONU, 1981).

COUTO, J.G. A bola fora de Lima Barreto. *Folha de São Paulo*, 05 de fevereiro de 2005, p.D3.

COX,B.; THOMPSON, S. Multiple Bodies: Sportswomen, Soccer and Sexuality. *International Review for the Sociology of Sport*. 35/1,2000, p. 5-20

DARIDO, S. C. Futebol feminino no Brasil: do seu início à prática pedagógica. *Motriz*, Rio Claro, abr-ago 2002, v. 8 (2), p. 43-9.

DE ROSE JR, D.; SATO, C. T.;SELINGARDI, D.; BITTENCOURT, E;L.; BARROS, J. ;FERREIRA, M.C.M. Situações de jogo como fontes de “stress” em modalidades esportivas coletivas. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, 18 (4), , outubro/dezembro, 2004, p. 385-95.

DE ROSE JR, D. Sintomas de stress no esporte infanto-juvenil. *Treinamento Desportivo*, v. 2, n.3, 1997, p. 12-20.

_____. Lista de sintomas de stress pré-competitivo infanto-juvenil: elaboração e validação de um instrumento. *Revista Paulista de Educação Física*, São Paulo,12 (2), jul/dez. 1998, p. 126-33.

DE ROSE JR. D; SIMÕES A. C.; VASCONCELLOS, E. G. Situações de jogo causadoras de “stress” no handebol de alto nível. *Revista Paulista de Educação Física*, São Paulo, 8 (1), jan/jun. 1994, p.30-37.

_____. Percepção subjetiva dos níveis de stress e desempenho de atletas da seleção brasileira de handebol. In: WORLD CONGRESS OF SPORT

- PSYCHOLOGY, 8, Lisboa. *Actas/Proceedings*, Lisboa, International Society of Sport Psychology, 1993, p. 289-92.
- DE ROSE JR., D; DESCHAMPS, S; KORSAKAS, P. Situações causadoras de “stress” no basquetebol de alto rendimento: fatores competitivos. *Revista Paulista de Educação Física*, jul/dez. 1999, p. 217-29.
- DELORS et al. *Educação: um tesouro a descobrir*. Brasília, DF: MEC: UNESCO, 2001.
- DIO BLEICHMAR, E. *O feminismo espontâneo da histeria: estudos dos transtornos narcisistas da feminilidade*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1988.
- DOWLING, C. *The Frailty Myth: Women approaching Physical Equality*. New York, Random House, 2000.
- DUBAR, C. *A socialização: construção das identidades sociais e profissionais*. Porto, Porto Editora, 1997.
- DUNNING, E. Sports as a Male Preserve: notes on the social sources of masculinity and its transformations. In: ELIAS, N; DUNNING.E (eds). *Quest for Excitement: sport and leisure in the civilizing process*. Oxford, Basil Blackwell, 1986, 52-87.
- DUNNING, E.; MAGUIRE,J. As relações entre os sexos no esporte. *Estudos Feministas*, 2, 1997, p. 321-48.
- DURKHEIM, E. *Sociologia e filosofia*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1970.
- FAUSTO-STERLING, A. *Myths of gender: biological theories about women and men*. BasicBooks, New York, 1992.
- _____ Dualismos em duelo. *Cadernos Pagu*, 17/18, 2001/02, p. 9-79.
- FARIA JR, A. G. Futebol, questões de gênero e co-educação: algumas considerações didáticas sob enfoque multicultural. *Pesquisa de campo. Revista do núcleo de sociologia do futebol da UERJ*, nº 2 (especial Futebol e cultura brasileira), 1995, 17-39.
- FRASER, N. Políticas feministas na era do reconhecimento: uma abordagem bidimensional da justiça de gênero. In: BRUSCHINI, C.; UNBEHAUM, S. (orgs). *Gênero, democracia e sociedade brasileira*. São Paulo, FCC, Ed. 34, 2002, p.59-78.

- GIACOMOZZI, A. I. ; BRIGIDO, V. C. Eu confio no meu marido: estudo da representação social de mulheres com parceiro fixo sobre prevenção da AIDS. *Psicologia: Teoria e Prática*, v. 1(1), jan/jun 1999, p. 31-44.
- GOELLNER, S. V. Pode a mulher praticar futebol? In: CARRANO, P. C. R. *Futebol: paixão e política*. Rio de Janeiro, DP&A, 2000, p. 79-93.
- GOFFMAN, E. *Stigma – notes on the management of spoiled identity*. New Jersey, PRENTICE - HALL, 1963.
- GOMES, P; SILVA, P.; QUEIRÓS,P. Para uma estrutura pedagógica renovada, promotora da co-educação no desporto. In: SIMÕES, A.C. ; KNIJNIK, J. D. *O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho*. São Paulo, Aleph, 2004, p. 173- 189.
- _____. *Equidade na Educação: Educação Física e Desporto na Escola*. Queijas, Editora da Associação Portuguesa a Mulher e o Desporto, 2000.
- GRENFELL, C.; RINEHART, R. Skating on thin ice – Human Rights in Youth Figure Skating. *International Review for the Sociology of Sport*, 38 (1), 2003, p. 79-97.
- HEILBORN, M. L. De que gênero estamos falando? *Sexualidade, gênero e sociedade*, 1 (2), Rio de Janeiro, dezembro/1994, p.1-8.
- HENRY, J.M.; COMEAUX,H.P. Gender Egalitarianism in Coed Sport: A Case Study of American Soccer. *International Review for the Sociology of Sport*, 34(3), 1999, p. 277-90.
- HULT, J.S. The story of women's athletics: manipulating a dream. 1890 - 1985. In: In: COSTA, M.; GUTHRIE, S., (eds). *Women and sport: interdisciplinary perspectives*. Champaign, Human Kinetics, 1994. p.83-106.
- JELIN, E. Mulheres e direitos humanos. *Estudos Feministas*, 1, 1º semestre de 1994, 117- 48.
- KNIJNIK, J. D. *Ser é ser percebido: uma radiografia da imagem corporal das atletas de handebol de alto nível no Brasil*. Dissertação (mestrado). Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, 2001, 109 págs.

- _____. *A mulher brasileira e o esporte: seu corpo, sua história.* São Paulo, editora Mackenzie, 2003.
- KNIJNIK, J. D.; SIMÕES, A C.. Ser é ser percebido:uma radiografia da imagem corporal das atletas de handebol de alto nível no Brasil. *Revista Paulista de Educação Física*, 14(2), julho/dezembro, 2000,p.196-213.
- KNIJNIK, J.D.; VASCONCELLOS, E.G. Sem impedimento: o coração aberto das mulheres que calçam chuteiras no Brasil. In: COZAC, J.R.L. (org). *Com a cabeça na ponta da chuteira: ensaios sobre a psicologia do Esporte.* São Paulo, Annablume, 2003a, p. 73-89.
- _____. Mulheres na área no país do futebol: perigo de gol. In: SIMÕES, A. C. (org.). *Mulher e Esporte: mitos e verdades.* São Paulo, Editora Manole, 2003b, p. 165-74.
- KNIJNIK, J. D; SOUZA, J.S.S. Diferentes e desiguais: relações de gênero na mídia esportiva brasileira. In: SIMÕES, A.C. ; KNIJNIK, J. D.(orgs) *O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho.* São Paulo, Aleph, 2004, p. 191- 212.
- KNIJNIK, J. D; CRUZ, L. O. Mulheres ao mar: surfe e identidades femininas em transição. In: SIMÕES, A. C. ; KNIJNIK, J. D. (orgs) *O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho.* São Paulo, Aleph, 2004, 253-76.
- LAZARUS, R.S.; FOLKMAN, S. *Stress, appraisal and coping.* New York, Publishing Co. 1984.
- LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A . M. C.. Os novos instrumentos no contexto da pesquisa qualitativa. In: LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. C; TEIXEIRA, J.J.V. (orgs). *O discurso do sujeito coletivo: uma nova abordagem metodológica em pesquisa qualitativa.* Caxias do Sul, EDUCS, 2000,p. 11-35.
- _____. *O discurso do sujeito coletivo: teoria e prática.* Universidade de São Paulo, Faculdade de Saúde Pública, Apostilas do Programa de Verão, 2002.

- LOURO, G.L. Por que estudar gênero na era dos *cyborgs*? In: FONSECA, T.M.G.; FRANCISCO, D.J. (orgs.) *Formas de ser e habitar a contemporaneidade*. Porto Alegre, Ed. Universidade/UFRGS, 2000, p. 121-36.
- _____. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós- estruturalista*. Petrópolis, Vozes, 1997.
- _____. Nas redes do conceito de gênero. In: LOPES, M.J.; MEYER, D.; WALDOW, V (orgs.) *Gênero e Saúde*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996, p. 12 – 19.
- LUCATO, S.; KNIJNIK, J.D.; RODRIGUES, A.A. ; PEIXOTO, SIMOES, A . C. Initiation And Practical School Sporting And Psicossocial-Cultural Dimensions In The Perception Of The Parents In: WORLD CONGRESS OF SPORT PSYCHOLOGY, 10. Skiathos, 2001. *Program & Proceedings*. Skiathos, International Society of Sport Psychology, 2001. V.4, p.124-126.
- MACEDO, L. Fundamentos para uma educação inclusiva. *Psicologia da Educação*, São Paulo, 13, 2º sem./ 2001, p. 29-51.
- MAUSS, M. *Sociologia e antropologia*. São Paulo, EPU/EDUSP, 1974. v.2.
- MENNESSON,C. *Des femmes au monde des hommes: La construction de l'identité des femmes investies dans un sport "masculin": Étude compare du football, dês boxes poings-pieds et de l'haltérophilie*. Doctorat en sociologie, Université Paris V – René Descartes, 2000.
- MENNESSON, C.; CLÉMENT, J.P. Homosociability and Homosexuality; the Case of Soccer Played by Women. *International Review for the Sociology of Sport*, 38(3), 2003, p. 311-330.
- MICHEL, T. *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. São Paulo, Polis, 1980.
- MILAN, B. *O país da bola*. Rio de Janeiro, Record, 1998.
- MOLINA NETO, V. Etnografia: uma opção metodológica para alguns problemas de investigação no âmbito da Educação Física. In: MOLINA NETO, V. ; TRIVINOS, A. N.S. *A pesquisa Qualitativa na Educação Física: alternativas metodológicas*. Porto Alegre, UFRGS/Sulina, 2004, p. 107-139.

- MOORE, H. Compreendendo sexo e gênero. In: INGOLD, T. *Companion Encyclopedia of Anthropology*. London, Routledge, 1997. (tradução para fins didáticos).
- MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo, Cortez, 2001.
- MOSCOVICI, S. A representação social da psicanálise. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- _____. On social representation. In: FORGAS, J. P. (orgs). *Social cognition*. London, Academic Press, 1985.
- MOURÃO, L. *A representação social da mulher brasileira na atividade físico-desportiva: da segregação à democratização*. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro, 1998, 308 págs.
- NICHOLSON, L. Interpretando o gênero. *Estudos Feministas*, 2000, 9-41.
- NOCE, F.; SAMULSKI, D. Análise do estresse psíquico em atacantes no voleibol de alto nível. *Revista Paulista de Educação Física*, 16 (2), jul/dez. 2002, p. 113-29.
- OBEL, C. Collapsing Gender in Competitive Bodybuilding: Researching Contradictions and Ambiguity in Sport. *International Review for the Sociology of Sport*, 31, 1996, p. 185-201.
- PAIVA, V. *Evas, Maria, Liliths e as voltas do feminino*. São Paulo, Brasiliense, 1996.
- PEARLIN, L. The social context of stress. In: GOLDBERGER, L.; BREZNITZ,S. (eds.). *Handbook of stress: theoretical and clinical aspects*. New York, The Free Press, 1982, p.367-79.
- PERSON, E. Alguns mistérios sobre gênero: repensando identificações masculinas em mulheres heterossexuais. *Revista de Psicanálise*, V (2), setembro de 1998, 173-93.
- PITANGUY, J. Gênero, cidadania e direitos humanos. In: BRUSCHINI, C.; UNBEHAUM, S. (orgs). *Gênero, democracia e sociedade brasileira*. São Paulo, FCC, Ed. 34, 2002, p. 109-19.
- POINCARE, H. *Science and Method*. New York, Dover Publications, 1952.

- PRUDHOMME-PONCET, L. Mixité et non-mixité: L'exemple du football féminin. *Clio, Histoire, Femmes et Sociétés*, 18 (special coéducation et mixité), Toulouse, 2003, p. 167 - 175.
- QUALIQUANTISOFT, software desenvolvido por Sales e Pascoal Informática, São Paulo, 2004.
- RUBIN, G. Reflexionando sobre el sexo: notas para una teoría radical de la sexualidad. In: VANCE,C. S. *Placer y peligro: Explorando la sexualidad femenina*. Madrid, Editora Revolución, 1989, p. 113-190.
- SALLES, J.G.C.; SILVA,M.C.P.; COSTA, M.M. A mulher e o futebol – significados históricos. In: VOTRE, S. (org). *A representação social da mulher na educação física e no esporte*. Rio de Janeiro, Editoria Central da Universidade Gama Filho, 1996, p. 79-94.
- SCRATON, S.; FASTING, K.; PFISTER, G.; BUNUEL, A. It's still a man's game? The Experiences of Top-Level European Women Footballers. *International Review for the Sociology of Sport*, 34 (2), 1999, 99-111.
- SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, 20 (2), jul/dez, 1995, p. 71-99.
- SELYE, H. *Stress*. New York, Lippincott Company, 1974
- SHEARD,K; DUNNING,E. The Rugby Football Club as a Type of Male Preserve: some sociological notes. *International Review for the Sociology of Sport*, 5, 1973, p. 5-24.
- SIMÕES, A.C.; BOHME,M.T.S.; LUCATO, S. A participação dos pais na vida esportiva dos filhos. *Revista Paulista de Educação Física* 13(1), 1999, p. 34-45.
- SOULARD, A.; FOURNIER, J.; ARRIBE-LONGUEVILLE, F. e FLEURANCE, P. Perceptions of Social Support Among Injured French Elite Players. In: WORLD CONGRESS OF SPORT PSYCHOLOGY, 10. Skiathos, 2001. *Program & Proceedings*. Skiathos, International Society of Sport Psychology, 2001, V. 1, p.85-6.
- SPINK, M.J.P. O conceito de representação social na abordagem psicossocial. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 9 (3), jul/set. 1993, p.300-8.

- TIBA, I. *Adolescência, o despertar do sexo: guia para entender o desenvolvimento sexual e afetivo nas novas gerações*. São Paulo, Gente, 1994.
- TILLY, L. Gênero, História das Mulheres e História Social. *Cadernos Pagu* (3), 1994, p29-62.
- TOLEDO, L. H. *No país do futebol*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2000.
- TOLEDO, R.C. Aviso aos incautos: o Brasil continua. *Revista Veja*, 6 de novembro de 2002, p.134.
- TOURAINE, A. O véu e a lei. Caderno Mais! *Folha de São Paulo*, 11 de janeiro de 2004, p. 10-11.
- VANCE, C. A antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico. *PHYSIS-Revista de Saúde Coletiva*, v. 5 (1), 1995, p. 7-31.
- VASCONCELLOS, E. G. O modelo psiconeuroimunológico do Stress. In: SERGER, L. (org). *Psicologia e odontologia: uma abordagem integradora*. São Paulo, Santos Livraria e Editora, 1998, p. 135-159.
- _____. O stress da atleta yangin. II Fórum de debates sobre mulher e esporte - mitos e verdades. Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo. *Anais*. São Paulo, LAPSE/GEPSE, 2002, p. 97-104.
- VIANNA, C. *Os nós do “nós”*: crise e perspectivas da ação docente em São Paulo. São Paulo, Xamã, 1999.
- VIANNA, C.; RIDENTI, S. Relações de gênero na escola: das diferenças ao preconceito. In: AQUINO, J.G. (org.) *Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo, Summus Editorial, 1998, p. 93-105.
- WEDGWOOD, N. Kicking Like a Boy: Schoolgirl Australian Rules Football and bi-Gendered Female Embodiment. *Sociology of Sport Journal*, 21, 2004, p. 140-162.
- WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, G. L. (org). *O corpo educado*. Belo Horizonte, Autêntica, 1999, p. 37-82.
- WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, Vozes, 2000, p. 7-72.

YOUNG, I.M. Situated bodies:Throwing like a girl. In: Welton, D. (ed.) *Body and flesh: A philosophical reader*. Oxford, Blackwell, 1998, p. 259-73.

YOUNG, K. Women, Sport and Physicality. *International Review for the Sociology of Sport*, 32 (3), 1997, p. 297-305.

ANEXOS

ANEXO I – Roteiro da entrevista estruturada (feminino)

- 1 – Conte um pouco da sua história no futebol, como iniciou e atualmente
- 2 – Como você se enxerga sendo mulher e futebolista?
- 3 – Como os outros a enxergam sendo mulher e futebolista?
- 4 – Por que nas camisetas, agasalhos, material que as jogadoras usam vem sempre escrito futebol “feminino” e não apenas futebol, uma vez que é o mesmo jogo, 11 x 11, as mesmas regras e o mesmo campo?
- 5 – Você aconselharia uma menina entre 10-12 anos que está escolhendo um esporte, a praticar futebol ou a optar por outra modalidade? Por quê?
- 6 – Quais as situações mais stressantes que você já viveu no futebol?
- 7 – Comente sobre o campeonato paulista de 2004.
- 8 – Quais as perspectivas do futebol de mulheres no Brasil nos próximos dois anos, após a conquista da medalha de prata em Atenas?
- 9 - Futebol misto : Você jogaria uma competição na qual homens e mulheres jogassem futebol juntos, em times com 5 homens, 5 mulheres, e o goleiro livre, de qualquer sexo?

ANEXO II – Transcrição integral das entrevistas com atletas de 16 a 21 anos

ENTREVISTA COM ALICE – 16 ANOS

1 - Eu jogava futsal e daí o técnico lá do meu bairro formou um time e a gente participou de um campeonato. A gente foi jogar na região mesmo de São José, e o técnico de outro time me viu jogar e me chamou para jogar futsal no time dele; eu fui tudo bem, aí o ano passado, eles formaram um time de futebol de São José, fizeram um peneirão para escolher e chamaram todo mundo que jogavam futebol para formar a equipe de futebol feminino de São José. Até então eu não tinha experiência em futebol de campo, daí eu falei, tudo bem eu vou fazer esse peneirão; então eu consegui passar entre 50 meninas. Então, o ano passado fomos campeãs nos Jogos Regionais, ficamos em sexto nos Abertos. Esse ano ganhamos os Regionais novamente e ficamos em segundo nos Abertos Estamos agora participando do Paulista e esperamos chegar em quarto lugar, se não der tudo bem. (**J= como vc começou a jogar futsal?**) Eu comecei na escola, jogando campeonato interclasse em escola. Eu sempre gostei de futebol. Eu jogava basquete, vôlei, aí eu pensei, vou ficar em futebol que é isso que eu quero, daí meus pais também me incentivam e levam, vêm jogos da gente, é muito bom sabe. Eu gosto de viajar com as meninas, é uma união o time, é muito bom.

2 - Mulher e futebol... tem um preconceito sobre a gente... eu sei porque a mulher jogando futebol? Eu acho que não tem importância se você é mulher, tem que ser outro esporte? Eu acho diferente, cada um tem o seu gosto, eu gosto de jogar futebol. Eu não fico: a mulher que não joga futebol é isso. Para mim é normal, eu me cuido, essas coisas não tem nada a ver.

3- Olha, tem umas que criticam, ah! Mulher jogando futebol? Daí eu falo nada a ver, é a mesma coisa que homem, só que diferente um pouco, homem tem mais ritmo de jogo, habilidade, agora mulher não, mulher já é mais centrada, calma e é assim.

4 - Ah! Porque eu acho que é futebol feminino, eu não sei porque eles colocam, acho que para identificar, o futebol mesmo.

5- Eu sou muito nervosa e falei para o meu técnico. Teve um campeonato que a gente participou, foi os Abertos, que ele falou: “Camila você têm condições de jogar?” eu disse para não me colocar que eu não estou muito confiante em mim, não tenho muita confiança

em mim, é um medo de entrar jogando, se colocar eu no banco de reservas, deixar eu ver o jogo, aí você ode me colocar em campo. Meu negócio em campo é que eu sou muito nervosa para entrar jogando, eu vejo o time adversário assim: nossa, esse time joga muito, eu não sei se eu vou ter cabeça para jogar. Fora isso mais nada de balaio, só nervosismo, o emocional da gente.

6- Bom eu não participei dos outros que tiveram, mas eu acho que está bem organizado, todos os times são bons, não tem time ruim. A gente participou dos Regionais e Abertos. Os Abertos é mais forte, porque os regionais é da região. Os Abertos é mais forte e esses times que jogaram os Abertos é quase a maioria que veio disputar o Paulista. Então todos os times são bons e a gente tem que ter cabeça para não entrar de salto alto.

7- Bom eu espero que agora com a seleção tendo alcançado o segundo lugar, eles vejam o futebol feminino porque é muito desvalorizado o feminino, porque os meninos olham as meninas jogando e falam: "Nossa que futuro tem isso?" Mas tem que ter uma valorização do futebol feminino, eu fico irritada estressada porque falam do futebol feminino... E agora? Agora as meninas ganharam lá nas Olimpíadas, e então tem que ver, não só ver elas como a gente também, querendo no futuro erguer a gente também .

8 - Sinceramente não sei. Acho que não daria certo. Porque primeiramente mulher tem um ritmo muito diferente de um homem. Homem tem mais velocidade e mais força, mulher não, é menos resistente e o homem é mais experiente, não que a gente não seja mas que homem é mais resistente, a resistência é diferente de homem para mulher, agora misto assim não sei o que dá não. (**J= vc jogaria?**) Acho que não por causa da resistência e seria muito diferente jogar homem, mulher assim, seria muito diferente. (**J= mais alguma coisa sobre futebol?**) Só gostaria que eles valorizassem mais a gente, a imprensa, a FPF, olhasse mais o lado da gente, o futebol feminino.

9 - Não falaria futebol, segue o que você gostar, e o futebol você tem ter cabeça para freqüentar, porque o futebol feminino no Brasil, está muito desvalorizado, agora que as meninas ganharam as Olimpíadas é que esta subindo, antes era muito desvalorizado, agora que esta começando a crescer, aparecendo esses campeonatos, mas eu falaria para ela escolher o que ela quisesse, vai em frente segue o seu esporte.

ENTREVISTA COM BRUNA – 17 ANOS

1 - Comecei na escola, na 5^a série. Sempre teve campeonato escolar, daí o meu professor de educação física montou um time do bairro e eu comecei a jogar na cidade. O Marcio, técnico do São José, e o Alexandre, (eu também jogo futsal) me viram jogar e me convidaram para fazer parte da equipe.

2 - Olha, eu sou normal, me vejo normalmente, como se praticasse um esporte qualquer. É interessante porque eu pretendo jogar, ser convidada por uns times, mas agora, a gente jogar, mostrar o futebol para o pessoal ver que o futebol feminino não pega nada, que a gente pode conseguir tudo o que for possível e levantar o futebol feminino. Mas é futebol, e aqui, tem muito preconceito...

3 - Em casa, há brigas, meu pai e irmão pegam no meu pé...mas acabaram aceitando, mas é muita pressão em cima deles,também, meu tio fala muito, e ele mora ao lado de casa, comenta com os vizinhos, na tv sempre mostra o masculino, aí o pessoal pensa que futebol é coisa só para homem.

4 - Por que? É... acho que futebol feminino, porque é menina, o grupo feminino cara, como o pessoal vê o futebol, eles falam que futebol é masculino,então por isso vem “futebol feminino” para avisar, então a gente escreve mesmo para falar. O vôlei e o handebol, que você fala, são esportes mais divulgados na televisão, o futebol feminino não é tanto, é somente quando as meninas conseguem uma coisa mesmo como a medalha de prata, aí mostraram, mas não mostraram o que elas trabalharam antes.

5 - É que bem no começo quando eu jogava o pessoal falava “ah, bando de sapatão” e não é isso, as meninas no futebol feminino elas são femininas, não é porque a gente joga bola que a gente vai ser homem.

6 - Eu acho que não está tão organizado quanto... as minhas colegas participaram dos outros do ano passado, eles falaram que foi bem mais organizado, esse aqui acho que porque foi muito em cima também, porque as meninas ganharam lá em Atenas e queriam fazer o campeonato direto para dar algum resultado para falar que consolidou a vitória delas lá.

7 - Eu acho que daqui para frente vai ser melhor por causa dessa medalha e vai ter esse campeonato com atletas novas que tem muita gente com potencial que pode estar na seleção brasileira, eu acho que vai ter bastante patrocínio sim com esse campeonato.

8 - Eu acho que não daria certo. Eu sempre joguei com homem também para aprender a jogar futebol, tem que jogar com menino também, eu acho que não daria certo por causa das condições físicas. Homem é mais forte que a mulher, então acho que não, é melhor futebol feminino e futebol masculino dividido.

9 - Eu daria o palpite para escolher o futebol sim porque, na minha opinião acho muito divertido, eu gosto muito de jogar e é um esporte saudável, que ajuda muito, se você não está aqui porque escolheu outro esporte é uma opção sua, mas no futebol feminino você aprende muito por causa das dificuldades que existem.

ENTREVISTA COM CÉLIA – 21 ANOS

1 - Eu iniciei no meu condomínio, e até engraçado porque minha irmã me levava para jogar, jogava com os meus primos, com os moleque do condomínio, cresci jogando com homens dentro do condomínio, e quando eu treinava sempre treinei com homem, como no primeiro clube que joguei que foi o Saad. E fui levada por um técnico que me conheceu lá dentro do condomínio também.

2 - Bela pergunta. Acho que no futebol algumas pessoas perdem muito a feminilidade com o futebol. Eu não, eu me enxergo bem mulher, ao contrário de algumas...

3- Com a mulher rola bastante preconceito, bem forte, não deixam de me enxergar como mulher mas tem o preconceito no futebol de quem joga e de que tem preferência pelo mesmo sexo...Não é todo mundo que tem, eu acho bem injusto julgar isso mas rola bastante acho que é essa a visão que as pessoas tem de fora.

4- É real isso, uma boa observação mas porque se você me ver com um agasalho só de futebol, e for perguntar, não é agasalho meu, é do meu irmão, é do clube. Então tem que mostrar o que a menina pratica, eu acho que ainda tem que ser dito. Espero que mais para frente não precise ser dito, ver alguém com agasalho e é isso que pratica, futebol, não é masculino, não é o do irmão, do clube nada disso.

5 - As situações mais estressantes que passei foram dentro dos grupos. Estresse de briga por posição, estresse de intriga de um com outro, ou quando chega uma pessoa diferente, não é bem recebida, isso gera um estresse, um clima ruim na equipe. Acho que o maior estresse

que eu passei foi dessa forma, iniciar numa equipe e ser tratada do tipo o que você está fazendo aqui?

6 - Uma várzea. Aliás, hoje eu tive uma discussão bem forte, pois teve um lance da Josefina, ela tomou uma bolada no rosto, afetou o olho e ali estava o médico sem material nenhum pra trabalhar com ela. Inclusive o médico da organização do Paulista nem foi atender, quem atendeu foi o da equipe mesmo. Na hora de sair o médico teve que ir junto com ela, não pode iniciar o nosso jogo porque não tinha médico. O nosso jogo atrasou mais ou menos 40 minutos, uma várzea, não tinha ambulância para levar ela para o hospital, o médico chegou atrasado...Teve um outro jogo do Botucatu, uma atleta se machucou no final e demoraram em entrar com a maca, ela caiu com tontura, o médico entrou mas não tinha um material na mão pra atender a atleta, ela precisou ir para o hospital e não tinha ambulância, ficamos esperando mais de 40 minutos a ambulância.

7- Bem sincera, a minha expectativa é zero. Acho que vai continuar sendo isso, eu não sei se vai mudar disso não. Mas pelo o que estou vendo, teve esse campeonato de última hora, essa varzeazinha de ultima hora, mas aconteceu. Botaram o nome de Paulistana selecionaram as melhores 20 equipes para fazer um campeonato de nível. Espero que não pare, que nem antes que teve o primeiro por causa do BUM que deu o feminino. Agora o futebol feminino tem boas equipes, com nível bom, boas atletas, que tem pouco tempo de treinamento, apesar de ser ainda um esporte amador, não ter todo um incentivo. Depois daquele BUM anterior, parou tudo, aí veio essa medalha, falaram, repetiram, daí fizeram esse campeonato, agora espero que no ano que vem se dê seqüência, mas eu particularmente tenho uma expectativa zero.

8 - Em termos de treinamento, cresci jogando com homens, eu acho sensacional, acho perfeito, mas eu acho que para um campeonato, uma competição mista, eu não acho válido não. São duas coisas, homem tem muito mais força, muito mais velocidade, apesar de serem duas equipes iguais, mesmo nível, eu não sou muito a favor. Acho que a mulher tem que jogar entre si, homem tem que jogar no campeonato dele, como são todos os campeonatos. Não é porque é futebol feminino que vai ter que arrumar um outro esquema do futebol. Para ter o futebol feminino a gente mistura com o homem. Acho que não, que cada um tem que ter seu espaço.

9 - Além do futebol, jogo handebol, eu aconselharia os dois. Eu pelo futebol sou apaixonada, iniciei no handebol, mas indicaria com certeza. É muito bom o espírito de equipe que tem no esporte, isso é o que vale a pena.

ENTREVISTA COM DULCE – 21 ANOS

1 - Bem, eu comecei jogando em Lorena, comecei como quase todas as meninas no meio dos homens e da molecada. Comecei a disputar campeonatos na cidade e a partir daí, comecei a disputar jogos regionais, abertos pela cidade, aí esse é o primeiro ano meu que eu estou no São José, que eu vim através de um convite do professor.

2- Normal, para mim é só um esporte, não tem mais nada.

3- Minha mãe não gosta muito, me manda procurar outra coisa. Meu pai já ele me incentivava mais, mas como ele viu que futebol feminino hoje tem pouco apoio, sempre teve pouco apoio, então, ele começou a falar para eu procurar outra coisa, não viver só em função do futebol. Mas, eles torcem bastante por mim, sempre estão ligando para saber os resultados dos jogos, como que eu estou, estão sempre me acompanhando.

4- Não sei, porque também tem muito preconceito então, talvez seja por causa disso. Teve um ano que eu estava jogando por Guará e a gente estava disputando os jogos abertos, e o time nosso não tinha escrito futebol feminino, tinha só o agasalho. Então, chegaram uns caras perguntando se éramos o time de GRD. Foi um lance meio engraçado por não ter futebol feminino então, acho que é por causa disso, é sempre bom ter um destaque a mais, identificar.

5 - Única coisa estressante que tem uma hora que estressa é a cobrança e a convivência em grupo. Então, se tem que saber lidar, de vez em quando dá uma estressadinha, mas a gente tenta aliviar tudo com jeitinho. .

6 - Ele está sendo importante para o futebol feminino. Mas a gente esperava um pouquinho mais, uma organização melhorzinha, mas tudo bem.

7 - Tomara que melhore bastante, é o que a gente está esperando, porque eu te falei, não tem apoio nenhum. Muitas meninas jogam futebol e trabalham, tem casos no nosso time de atletas que não vieram por causa de serviço, não dá para largar o serviço e vir em uma

competição que não está te dando nada. É complicado, a gente espera que realmente se valorize mais o futebol feminino porque tem muitas meninas que sabem jogar por ai.

8 - Ah! Eu não gostaria de disputar este campeonato não, porque há uma diferença física entre o homem e mulher. Homem vamos dizer que é um pouquinho mais bruto, acho que não é aconselhável não, não gostaria da idéia, não.

9 - Qualquer esporte é bom e faz bem para qualquer um, e o futebol eu aconselharia porque é um esporte muito gostoso de praticar.

ENTREVISTA COM EVA – 19 ANOS

1 - Desde pequena, com os meus 11 anos comecei no time das meninas lá de Batatais, me chamaram para jogar. Depois eu fui subindo, subindo, fui para Ribeirão Preto com 15 anos, e depois, eu vim para São José, já são oito anos nesta vida.

2 - Ah! Eu nunca imaginava que iria ter futebol feminino, apesar de ter muito preconceito, mas, eu enxergo normal.

3- Legal também, eles dão apoio, dão tudo para mim graças a Deus, as meninas me deram apoio para vir até aqui, eu tenho muito apoio, eles não falam nada não, sobre preconceito, eles dão mais apoio.

4- Ah! Porque já tem os homens! “Futebol” você se está na rua e só estiver escrito futebol, não vai falar assim: aquela menina joga. Tem que por futebol feminino, aí irão falar aquela menina joga realmente! Futebol está em toda camiseta, é voltado mais para homem aí põe futebol feminino, para verem realmente que a “gente joga”, os outros olham para a roupa e vê a camiseta escrita futebol feminino.

5 - Eu estou tendo muita dificuldade aqui no time, eu estou tendo muita pressão e viver com pressão não dá certo. Aqui no time eu estou vivendo com muita pressão, não está dando certo, eu não consigo jogar porque tem muita pressão em cima de mim. A pior coisa é a pressão, é a pior coisa, não consigo fazer nada. A pior coisa é jogar com gente que fica ali o tempo todo do seu lado só falando com você, a mesma coisa “pressão”. Eu estou vivendo isso agora, eu não estou nem agüentando, não estou agüentando mesmo.

6 - Olha, é a primeira vez que eu estou jogando o Campeonato Paulista, porque na minha região lá para Ribeirão e Batatais, ninguém nunca entrou. É a primeira vez que eu estou vindo aqui. Eu estou achando muito interessante, ah! é porque é a primeira vez eu não sei como explicar, porque é a primeira vez e eu estou achando muito interessante, muito organizado, as comidas é muito show.

7 - Eu acho que vai melhorar muito o futebol, vai ter mais reconhecimento..

8 - Não dá certo não” Machucaria a gente, apesar de que a gente treina com homens mas, eu acho que não dá certo não. Assim, misto não agora se for pra jogar contra tudo bem, mais misto assim o homem tem mais velocidade que a gente, agora o contra até que dá, agora junto não.

9 - Assim, eu já joguei Vôlei, eu optaria sim para a pessoa jogar Vôlei, que tem mais valor, mas, se a pessoa quer o futebol eu não posso fazer nada. Mas eu optaria pelo Vôlei que tem mais valor, o Vôlei tem mais valor que o futebol.

ENTREVISTA COM FÁTIMA – 21 ANOS

1- Iniciei porque na rua de casa onde eu morava só tinha menino, e não tinha menina para brincar. Então eu sempre estava no meio dos meninos jogando bola. No Palestra, um clube lá de São José do Rio Preto. Eu comecei no futebol de salão, aí eu fui jogar aí eu fiquei bastante tempo lá, a gente disputava os campeonatos que tinham lá dentro só da cidade, depois começamos a disputar os da região aí depois do Palestra eu fui para o América também de salão joguei um tempo lá. Depois, fiquei dois anos parada, só trabalhando fora dessa área, totalmente fora. Então o Chicão me convidou para jogar no time, ia ganhar bolsa da faculdade também , uniu o útil ao agradável, comecei a jogar salão mas, aí fui pro campo também.

2- Ah! Normal eu acho super legal.

3- O pessoal sempre me apoiou muito na minha família, porque meu pai sempre teve o sonho de ser jogador e não foi, meu irmão ama jogar bola quer ser jogador e todo mundo sempre me apoiou. Só o meu namorado que não gostava muito, mas, agora ele está apoiando porque ele viu que não ia ter jeito, agora ele está apoiando.

4- Olha, eu não sei porque. Hoje em dia tem que colocar porque o povo, o pessoal vê muito o futebol só como masculino, ah, porque menina não pode jogar futebol, não sei o que, acho que não tem disso, entendeu? Então acho que por enquanto deve colocar futebol feminino para identificar, mas, acho que depois igual o campeonato que a gente está vendo aí, para fazer com que ele se difunda mais o futebol, acho que não precisa colocar nome.

5 - Não nunca passei não. Só assim, a mais que a gente tem é do técnico mesmo em cima pra ganhar o jogo, que é normal e sempre tem.

6 - Eu acho que vai ser legal, foi o que eu te falei, para estar difundindo mais o futebol feminino, para dar mais valor para a gente, porque sempre o futebol masculino, masculino os homens ganham milhões e as mulheres passam fome. Acho que se der certo vai ser legal, espero que dê certo.

7 - É foi um salto para ajudar a melhorar, só que tem que começar e continuar, não adianta começar e depois, se o Brasil não for mais campeão, ou não for mais para as Olimpíadas, depois parar. Tem que ser um processo contínuo.

8 - Ah! Eu acho que não, porque a força do homem é muito diferente da mulher, não daria certo não, só se fosse homem marcando homem e mulher marcando mulher, porque senão não dá não.

9 - Ah! Eu acho que sim, aconselharia sim. Primeiro a gente teria que ver, ela teria que estar passando por todas as modalidades. Aí ela teria que ver a que ela se identificou mais, se ela se identificasse mais com o futebol com certeza eu falaria para ela continuar, não tiraria ela do futebol. Jamais eu diria não escolha o futebol, escolha outra opção, eu falaria que sim.

ENTREVISTA COM GENI – 16 ANOS

1 - Comecei com 10 anos mais ou menos em São José mesmo, jogando salão, era uma equipe adulta e só tinha eu que era mais nova, então nos campeonatos que entrava eu não tinha oportunidade de jogar porque era mais nova, então eu poderia apanhar. Aos 11 anos eu mudei de time, eu jogava na defesa da GM, aí fui para um clube, para o Tênis Clube e nisso eu comecei a jogar com meninos da minha idade, a disputar campeonatos da minha categoria e desse ano para frente eu comecei a jogar só salão. Algum tempo depois, o meu técnico saiu desse clube e montou um time independente que era o nome da loja do pai dele, que se

chama “Buzzy Esporte” e começou a uns 3 anos atrás e até hoje estou jogando com ele, nesse time “Buzzy Esporte”, jogo salão e desde o ano passado estou jogando campo em São José também.

2 - Eu no futebol, eu tenho um objetivo de seguir uma carreira, eu sei que hoje com inicio desse campeonato vai melhorar muita coisa, principalmente o apoio das prefeituras e dos próprios estados, vão criar os seus próprios campeonatos.

3 - Mas o que é muito importante é o apoio dentro de casa, a minha mãe me apóia muito, ela corre comigo para lá e para cá, tem jogo tem treino ela está lá, e sempre me incentivando. Acho isso importante porque você não se perde, pois você está querendo traçar um objetivo, seguir um caminho e tem uma pessoa ali te guiando, não deixando você se dispersar e fazer alguma coisa ruim e eu estou seguindo. Eu acho que quando se tem um apoio você faz com mais empenho e principalmente quando você faz o que você gosta que é o mais importante

4 - Na minha opinião, futebol o pessoal já discrimina muito por ser assim, futebol masculino e futebol feminino então fica uma coisa meio que diferenciada, por mim tem que ser futebol feminino porque tem que ser único, entendeu? Homens jogam futebol do jeito deles, são 45 minutos para eles, eles ganham o que ganham, tem o que tem, a estrutura do clube masculino. O feminino está começando agora a deslanchar e principalmente, para acabar com essa diferença, ser um esporte único como futebol feminino, futebol feminino; futsal masculino, futsal feminino, basquete e outras modalidades.

5 - A mais estressante é quando é final de campeonato ou uma semifinal que você tem cobrança de diretoria, você tem cobrança de técnico, cobrança de torcida, cobrança de pai e mãe, está todo mundo ali em cima, do próprio time, uma cobrando a outra, eu acho que isso começa a rolar um estresse natural que dá um nervoso, dá uma aflição porque você está numa ansiedade de querer jogar, está na ansiedade de querer ganhar correndo atrás daquilo, esta todo mundo em cima querendo jogar uma responsabilidade para você e acho que isso começa a dar um nervoso, mas depois que passa também e você consegue atingir o seu objetivo até relaxa, até fica melhor.

6 - Foi um início, foi um bom início, eu acho que para o começo está sendo meio corrido, ser a cada 15 em 15 dias, 3 dias seguidos, o certo seria ter uns dias corretos, ter um tempo de recuperação para todas as equipes, não só uma ou outra. Mas eu acho que foi um bom começo, eu acho que a secretaria de esportes deu esse incentivo para melhorar mesmo o

futebol, para aos poucos ir crescendo e acho que daqui para frente é só melhorar cada vez mais e ter um apoio melhor.

7 - Acho que, desde Atenas, eles viram que tem muita mulher com talento, tem muita menina hoje que não está jogando nem no Brasil, já está jogando fora, como acontece no masculino, muita gente se destaca aqui e vai jogar fora. Hoje tem muitas meninas que estão jogando fora do país e eles viram que o futebol feminino no Brasil está crescendo e tem nível como os Estados Unidos, o Canadá que são países tradicionais, Alemanha, Suíça, Mas eu acho que daqui há 2 anos vai ter um apoio bem maior, eu acho que vai ter mais campeonatos, vão ser bem mais organizados, vão ser bem montados, ser bem estruturados, acho que daqui uns 2 anos a gente vai ter um nível de campeonato brasileiro, onde todos os times vão estar bem estruturados, terão um apoio legal da prefeitura, do próprio estado e quem sabe até montar um brasileiro de seleções porque tem muita menina aqui no estado de São Paulo e no estado do Rio de Janeiro que joga muito e são capazes de estar numa seleção paulista, seleção carioca.

8 - Eu acho que seria interessante, seria uma experiência diferente, mas é meio estranho porque cada... o homem e a mulher tem um metabolismo diferente, o homem no jogo ele é mais grosso. Até a gente que for jogar uma pelada com um carinha assim, algum homem, você começa a dar olé eles já batem, eles não admitem, mas acho que seria uma experiência diferente. Lógico que para um campeonato não acharia legal, acho que eles lá e a gente aqui, jogando o nosso futebol e eles jogando o deles porque, como eu falei, é completamente diferente o metabolismo, você tem uma preparação diferente, o homem você pode exigir mais que ele agüenta, a mulher já é diferente, o próprio emocional já é bem diferente. Mas eu acho que em relação a jogar um futebol misto, acho que só se fizesse assim, as estrelas de Real Madrid, da seleção brasileira e pegar essas meninas daqui da seleção e as próprias meninas de time, acho que seria legal para um amistoso, para uma festa, não para disputar um campeonato.

9 - Na minha opinião, eu que fiz isso, eu pratiquei vários esportes, então eu comecei lutando, fui fazer natação, depois que eu me encaixei no futebol, eu acho que a pessoa tem que passar por várias coisas, experimentar vários esportes para ver no que ela se encaixa. Mas no meu caso, eu jogo futebol porque é um esporte que eu gosto, que eu amo e que hoje profissionalmente eu não me vejo fazendo outra coisa. Eu aconselharia porque é um esporte saudável, é um esporte que você com dedicação tendo responsabilidade, você levando a sério, você pode muito bem seguir uma carreira, mas isso é lógico se a pessoa gostar, senão

ela pode optar por outros esportes, mas eu aconselharia a ela 1º praticar uma natação ou uma outra coisa para ver no que ela se encaixa melhor.

ENTREVISTA COM HILDA – 21 ANOS

1- Eu comecei a jogar mesmo foi com 12 anos lá na cidade que eu moro em São José, lá têm centros comunitários em todos os bairros aí, eu comecei a jogar salão em um time lá do Jardim Morumbi de São José, aí vieram os campeonatos, jogando os campeonatos de bairro mesmo, jogos de inter-centro, de escolas; depois eu entrei no time de São José, na época a gente treinava no time do Teatro 1; fiquei lá um tempo aí fui jogando em outros times. Faz três anos que eu estou neste time que a gente está agora que é o time de São José dos Campos. A gente começou em um time de salão chamado Buzo e este time existe até hoje, só que ele foi dividido em todas as categorias de salão, e eu esse ano eu estava no time principal, mas como o principal não tem tanto campeonato aí todas as meninas do principal ficaram no time de campo mesmo, e vieram algumas do Juvenil para se juntar ao pessoal do campo. E hoje em dia para nós a estrutura está bem melhor do que quando a gente começou, mal tinha as coisas; porque acho que o futebol feminino está crescendo principalmente, com essa vitória das meninas que tiveram nas Olimpíadas. Eu acho que isso foi um grande marco para o futebol feminino e para nós também; com certeza está crescendo, na cidade a gente já é um pouco mais conhecida e o pessoal fala, que nem nos jogos regionais nós ficamos em primeiro lugar pelo segundo ano consecutivo então, somos bi nos jogos regionais e os meninos não fizeram uma boa campanha neste último ano e nos abertos também a gente ficou em segundo lugar, isso também para nós foi muito importante, desta forma mesmo é que a gente está aqui hoje participando do campeonato, o pessoal da Secretaria e da Prefeitura estão nos apoiando bastante.

2- Para mim eu penso assim, eu jogo porque infelizmente no futebol é a gente que não têm aquele apoio devido. Eu acho que deveria ter tipo um salário, um negócio assim, pra gente se manter só com o futebol então, eu pelo menos procuro um serviço, eu no momento não estou trabalhando, faço um bico aqui outro ali, mas, não estou trabalhando. Então conforme coincide eu jogo entendeu e, se eu estou procurando serviço e de repente eu consigo eu vou ter que largar o futebol e eu amo de paixão jogar futebol e eu gosto mesmo só que este é o grande problema. A gente tem o Bolsa Auxílio que ajuda um pouquinho, só que não é o suficiente pra gente ficar só com o futebol. E no entanto, têm várias meninas que trabalham e que não puderam estar aqui hoje porque estão trabalhando aí é mais complicado.

3- Bom, na minha família o pessoal todo apóia eles gostam, a gente têm uma família muito grande então, os meus irmãos todos gostam. Eu tenho um irmão que mora em São José do Rio Preto e outro que mora em São Paulo, eles sempre estão ligando e perguntando como é que tá e como estão os jogos, tudo, e o pessoal de casa me apóia bastante, sim, o pessoal até gosta , falam “nossa que legal que você joga em um time”, as vezes, sai na imprensa, sai no jornal alguma coisa assim e é importante, isso é legal e o pessoal gosta.

4- Ah! Eu acho que isso é mesmo para identificar, porque o futebol é só coisa de homem, aí as meninas colocam porque têm vários times que saem escrito no agasalho futebol e o nome do time e tal e o masculino também, então é para gente identificar mesmo como o futebol feminino; é uma marca pra gente dizer “estamos aí” e até, às vezes, a gente coloca o nome embaixo da cidade, isso é interessante e é importante sim, porque aonde o pessoal vê já consegue identificar que não é apenas de um time, para mostrar que a gente está ali. Porque têm o pessoal que vende o uniforme escrito futebol e o nome do time embaixo e pode masculino entendeu, aí por exemplo, a gente não estará usando do nosso time entendeu, estaria usando de qualquer outro time.

5 - Em casa é que é mesmo a cobrança, o pessoal de casa fala assim, às vezes, falam que tem que arrumar um emprego tem que arrumar isso, futebol não dá, isso é uma cobrança que até, às vezes, estressa um pouco e aí é aonde que eu te falei, que a gente sai pra procurar emprego e se realmente conseguir um...Outra coisa que me estressa é um time que deixa de lado um pouco o dentro da equipe o que, às vezes, acontece e que estressa, é aquelas que, têm rivalidades uma entre outras e muitas vezes aquelas picuinhas, vamos dizer uma fala isso a outra fala aquilo, um querendo tirar o tapete do outro e isso está em vários times e o nosso, às vezes, começa e ontem mesmo a gente fez uma reunião entre a nossa equipe e todas as meninas e a comissão técnica; depois que terminou a reunião, a gente fez uma reunião só entre as meninas pra gente pode conversar sobre isso mesmo e ter a união em grupo. Porque isso afeta o grupo e gera a desunião e sem a união em campo você não rende nada, ontem mesmo a gente comprovou isso, o time não jogou bem e não estava bem, ontem a gente conversou pra caramba e acho que faltou um pouquinho de união, um pouco mais de garra e de vontade, então a gente conversou pra poder organizar isso, e acredito que com certeza hoje vai ser melhor e essa união, às vezes, gera a derrota com certeza.

6 - Olha a primeira fase foi lá em São José dos Campos, pra nós foi boa, todas nós fomos muito bem recebidas foi ótimo lá, a estadia é muito boa o pessoal aqui de Cotia é legal. Agora é moda geral e acho que isso é muito importante mesmo, muito bom divulgaram está

bem divulgado e é importante pra todas nós sermos um pouquinho reconhecidas, e pra mim está bom acredito, que nos próximos anos seja melhor um pouco.

7 - Olha eu acredito que sim, que a gente já está vendo um pouco de resultado, agora só pelo fato de ter este campeonato eu acho que também focaram um pouco lá da vitória das meninas em Atenas, é importantíssimo pra nós e com certeza as meninas fizeram um bom papel lá e isso já está refletindo aqui. Acredito, aí que o pessoal está falando que no ano que vem vai ter Série A e B e que nem os times que estão agora na segunda fase não são todos que irão participar da primeira fase do ano que vem da Série A no caso então com certeza isso aí está estimulando até mais as meninas que gostam de jogar a ir atrás e jogar mesmo e os times estarem mais batalhando mesmo porque se for ver nos jogos regionais têm times bons mas também, têm aqueles times que só fazem um catado das meninas e vão pros jogos disputar pra não ficar sem ninguém para disputar os jogos e com esta estimativa assim com certeza vai ser muito melhor os times vão batalhar mais pra poder se empenhar mais e as meninas treinarem mais e jogarem melhor.

8 - Uma parte é boa, outra parte eu acho que não é bom. É bom porque se você for ver o jogo dos homens é mais aberto, mas com certeza vai modificando um pouco, porque os homens eles jogam mais abertos e também têm a força física, seria um jogo mais bonito. Mas eu acho que não se deve misturar não, só menina com menina e homem com homem por causa da força física, imagina um cara vai dividir com a menina o cara é muito mais forte lógico, isso é comprovado aí poderia até machucar, por isso é que eu acho que tem que ser menina com menina e menino com menino.

9 - Eu recomendaria, porque o futebol ele como qualquer outra modalidade é importante também, é gostoso de praticar; aí vai da menina se ela sente um pouquinho de vontade, pois vá e pratique. No nosso time de salão nós temos meninas de 10 e 12 anos que treinam lá, ou seja, é até melhor porque daqui a 10 anos se têm time até mesmo de seleção, se a gente for ver vai trabalhando as meninas, a partir daí, o elas vão crescendo e está composto o time assim.

ENTREVISTA COM IVONE – 19 ANOS

1 - Eu jogava futsal ai cheguei dei um toque para o professor para ele ver que eu queria prosseguir nesta carreira, para jogar na equipe dele. Então, ele gostou do meu futebol e me

levou para o time de campo dele, e eu continuo aqui, já fazem cinco anos e estou gostando, é realmente o que eu quero pra mim .

2 - Normal, sem preconceito nenhum. Eu acho que é um esporte e a mulher tem o direito de praticar o esporte que gosta e ser feliz da maneira que quer.

3 - Eu tenho uma visão normal também, porque como eu já disse futebol é um esporte, se você gosta de praticar, tem que praticar. Não vejo preconceito nenhum, quer dizer na verdade tem um certo preconceito, o futebol é um esporte na verdade muito estúpido, dizem que para homem, mas acho que as mulheres estão ai pra mostrar que o futebol não é só para os homens e sim para as mulheres também.

4 - Para destacar, que são das mulheres,porque fala de futebol já pensa em homens porque agora na verdade já está destacando o futebol feminino, para destacar melhor e dizer que são das mulheres

5 - Estressante quando a gente está contundida e precisa jogar, tem que ganhar força maior que a contusão.

6 - O campeonato paulista começou com 32 equipes na primeira fase, e só classificaram 16 na segunda fase, e irão classificar 8 na próxima. Sobrarão quatro, dos quais sairão os dois finalistas. Acho que foi uma coisa que está dando certo. Agora que abriram o olho acho que isto esta ajudando muito as equipes do Interior, dando oportunidade para as equipes das universidades, acho que é isso ai a tendência é crescer e o pessoal esta adorando. É bom porque esta sendo mais reconhecido, dando valor para as mulheres que lutam por este esporte que não é nem um pouco reconhecido.

7 - Acho que a tendência é só crescer, é isto que a gente quer. Que cresça para isso nós temos que trabalhar bastante jogando futebol.

8 - Eu não acho legal porque o futebol é um esporte que tem muito contato físico e os homens são bem mais fortes que as mulheres e eu acho que isso geraria muitas contusões e eu não acho legal não.

9 - Eu apoiaria sim. Se ela gosta tem que ir para frente, seguir porque agora que o futebol feminino está dando certas as coisas, estão mudando, acho que ela tem que fazer o que ela gosta.

ENTREVISTA COM JUÇARA – 21 ANOS

1 - A minha vida toda de carreira de futebol que eu tive foi no Botucatu mesmo, eu comecei a jogar aqui aos 15 anos e antes disso só jogava salão na minha cidade, e ia disputar joguinhos escolares e campeonatinhos regionais .

2 - Até pelo machismo da nossa sociedade mas eu encaro numa boa até porque uma paixão a gente tem de correr atrás de um sonho. Isto é o principal, correr atrás de um sonho. O restante a gente deixa de lado. Meu sonho mesmo é poder ver o futebol feminino profissionalizado, poder ver as minhas companheiras, e as futuras meninas que estão vindo por ai, poder chegar um dia e ser profissional, ter uma carteira poder mostrar , eu tenho uma profissão de atleta.

3 - Olha, eu já sofri muito preconceito, mas hoje em dia graças a Deus isso está mudando, até mesmo graças à seleção feminina que foi medalha de prata nas Olimpíadas. Isso tem mudado um pouco a cabeça das pessoas, hoje elas vêem o esporte como uma coisa benéfica para a saúde, mas o preconceito sempre existe em qualquer profissão, qualquer lugar que a gente vá.

4 - É um preconceito a principio porque as pessoas acham que futebol é coisa de homem, isso está sendo quebrado ou até porque o futebol deixa a gente com um corpo um pouco masculinizado, e também porque tem alguma meninas que acham que vão virar homens, tem algumas que não sabem definir o futebol como esporte bom para a saúde e acabam misturando.

5 - É um pouco estressante o nosso técnico agüentar, ele é o único técnico que eu já tive em termos profissionais, mas acho que a maneira que as pessoas vêem o futebol feminino, elas agem como se fosse futebol masculino. O nosso técnico é uma pessoa que gosta sempre de melhorar, mas a maneira dele falar, ele fala alto, acaba se estressando, não chega a xingar, mas às vezes o tom de voz que ele usa, a gente ainda não está preparada para entender o que ele quer. E acaba a gente respondendo e acaba ficando um clima chato, e isto vira uma coisa

estressante. Com certeza ate porque a mulher é mais sensível, tem TPM, é mais sensível que o homem, então as pessoas que lidam com futebol, o técnico, o massagista, deveriam ser mais sensíveis também, porque lidar com mulher não é fácil.

6 - Com certeza é a melhor oportunidade que o futebol feminino no Brasil já teve. Porque fazer parte de um campeonato que a federação esta proporcionando para a gente, é uma abertura muito grande. A gente está começando a ter mídia, a chamar a atenção de patrocinadores, a nossa equipe do Botucatu. E também sabemos que outras equipes estão sendo favorecidas por isso, com certeza é uma porta que está se abrindo e certamente virão outras.

7 - A expectativa minha como atleta, e conversando com as outras, é que isso tenda a crescer que eles possam ter um seleção permanente que não se reúna só em época de campeonatos mundiais. Que incentive outras equipes menores a entrar nos campeonatos para mostrar que nós temos atletas, pois tem muitas jogadoras da seleção agora que já estavam antes, já fizeram seu nome, sendo que nós temos jogadores capazes de se manter no mesmo nível que eles, e ninguém sabe que tem que, ficam no interior porque não tem muita mídia, não conhecem estas jogadoras, elas ficam escondidas.

8 - Eu não concordo porque mesmo que a gente treine, que a gente lute, o homem tem mais força física, homem é mais forte que a mulher, ficaria desequilibrado. Acho que não daria certo, a principio pela força física mas também tem aquele lado que homem não gosta de perder para mulher, não gosta de levar um olé de mulher, isso é uma coisa que existe que os homens não aceitam.

9 - Olha, se ela fosse seguir isso com intenção de ganhar dinheiro, de poder, eu não aconselharia no momento porque acho que o futebol feminino não é rentável de se fazer. Mas se ela gosta, e se ela vai fazer para ter uma boa saúde, se for por prazer e para conhecer pessoas, para praticar, eu aconselharia, porque o futebol dá oportunidade de conhecer muitos lugares e muitas pessoas.

ENTREVISTA COM KEILA – 21 ANOS

1 - Eu comecei a jogar bola com 13 anos já no meio da molecada, só eu de menina mesmo numa escolinha. Só que quando o professor me viu jogando, me levou para um clube

mesmo, para você ter uma idéia, aos 14 anos eu já era titular numa equipe que vocês até devem conhecer, São José do Rio Preto. Era titular do time deles no meio das meninas todas experientes, todas com 17 na época, 17 e 18 anos, e eu no meio delas. Era meio estranho, mas foi bom e hoje é o meu trabalho, dependo disso, eu ajudo a minha mãe e a minha irmã, nós já não temos pai mais e através deste dinheiro, desta ajuda de custo que eu tenho no futebol feminino, que eu ajudo a minha mãe. Vou conseguir a minha faculdade também, eles dão bolsa, estou terminando o 3º colegial, e vou ingressar na faculdade de Educação Física.

2 - Para mim é uma coisa normal, todo mundo me olhando, é o que eu gosto de fazer e o que eu pretendo fazer. Não sei amanhã, pode acabar tudo isso, mas sempre vai estar na minha vida no que eu faço. Sendo sincera, eu não sei fazer outra coisa a não ser jogar bola.

3 - Ai que está, tem preconceito, muito preconceito. Tem muita gente falando que futebol é para homem, e com isso tem outras pessoas que também confundem muito as coisas, por mulher jogar bola com outras do mesmo sexo, acha que possa gostar de alguém do mesmo sexo, acho que misturam muito as coisas.

4 - É por causa do preconceito mesmo. Acho que pelo fato do futebol ser criado para o homem, tem uma pessoa que vê assim uma mulher jogando bola, mas o futebol é para o homem, é por isso que está escrito futebol feminino.

5 - A dificuldade tem todo dia, no meu caso sou de família humilde ter que ir a pé para o treino, tem que voltar a pé, às vezes ir sem comer, sair muito cedo para poder chegar no horário, acho que foi bem estressante.

6 - Isso daí é uma coisa que juntou a federação e a secretaria de esporte e lazer e montaram. Eles estão vendendo, que a mulher também no futebol tem um grande futuro que nem as garotas que foram a Atenas, trouxeram uma prata que na real era ouro, se não tivessem passado a mão era ouro mesmo.

7 - Só sei que vai melhorar muito, eu tenho a esperança que melhore muito ainda.

8 - Acho que não tem nada ver, dizem que a mulher é um sexo frágil e viraria bagunça, misturar mulher com o homem, eles são um pouco brutos. Não daria futebol misto, não.

9 - Com certeza eu aconselharia e muito ainda, porque é uma coisa legal, e o futebol feminino vem crescendo a cada dia e está conquistando o seu espaço. E está crescendo a cada dia, e com certeza eu aconselharia mesmo a praticar o esporte futebol.

ENTREVISTA COM LÚCIA – 17 ANOS

1 - Eu comecei em um campeonatinho da escola. Minha mãe não aceitava, mas, eu brigava e comecei a jogar, eu tinha uns 12 anos. Aí eu comecei a correr atrás, daí os técnicos iam me buscar, eu não tinha condições de ir, às vezes eu treinava a pé, era uma hora e meia de caminhada para ir para o treino, depois eu chegava, voltava e andava outra hora e meia e ia pra escola, era muito corrido. Daí eu comecei falar para os técnicos que ia poder treinar, e eles começaram a me dar passe e dinheiro, eles começaram a me ajudar, porque a minha mãe não me ajudava, porque ela não tinha condição. Nessa época, eu fiz um teste no Guarani e passei, foi com 14 anos, era parceria com Americana no futsal, e fui para Americana, fiquei um tempo lá, só que eu gostava mais de campo e não tinha objetivo de ficar mesmo no salão. Então, eu fui para Botucatu, tinha uma amiga minha que jogava lá e ela me chamou, fui lá, passei e fiquei lá em Botucatu o ano passado inteiro. Mas aconteceram algumas coisas, e conheci a Elaine lá de Marilia, me chamou para ir para Marilia e eu fui, estou gostando. Lá é um time bom, um time muito unido, que acho que também isso vale, como você fica em alojamento, fica longe de seus pais e de tudo, então vale estar ali, porque você gosta, tem que ter um amor pelo time para você ficar mesmo lutando pelos seus objetivos. Acho que é muito difícil ficar jogando longe dos pais, passando por dificuldades, às vezes, você fica sem dinheiro, com saudades da mãe, fica doente tem que ter alguma coisa a mais para te incentivar, para você ficar em algum lugar.

2 - Nossa às vezes, eu me enxergo, eu luto muito, penso que você é aquilo que você deseja ser. Acho que se eu desejo ser uma boa jogadora, basta-me crer e lutar, me aperfeiçoar nos meus erros. Outra coisa que eu acho é que eu sou muito carente, quero ter uma pessoa sempre ao meu lado, porque eu tinha a minha mãe em casa, que me dava muito carinho e eu sou uma pessoa muito brincalhona, mas, às vezes, sou uma pessoa muito triste sabe, tudo que me acontece fico lembrando, às vezes, eu choro.

3 - Ah! Alguns amigos falam que eu não tenho nem jeito de jogar bola. Porque eu sou muito feminina, sempre uso sainha assim, mas, muitas pessoas falam que eu sou muito divertida. Mas às vezes, eu estou triste, que eu acho que é mais fácil ajudar as suas amigas e companheiras que jogam bola, do que você ajudar a si mesmo. Sempre estou lá, procurando

ajudar, dando conselhos, dizendo, vamos acreditar, não desistam, vocês são capazes, e eu mesmo, às vezes, fico pensando em parar de jogar bola, não aguento mais, é tanta dificuldade que você está passando, que tem hora que você fala não, eu vou embora, não dá mais, aguentar isso, duas semanas atrás eu queria ir embora mas aí eu falo não. Eu penso tudo isso que eu passei até hoje, por nada, para desistir, não vou desistir, vou continuar, vou batalhar. Que nem eu falo para a minha mãe, enquanto, eu tiver pernas eu vou lutar e vou tentar alcançar os meus objetivos, eu já passei por muita coisa, já passei fome, passei humilhação, chegou no dia do meu aniversario do ano passado, meu técnico me humilha, fala um monte de coisas, depois pediu desculpas e eu idiota voltei lá, aconteceu muita coisa, cantada de técnico. O futebol feminino é muito sujo, é difícil, tem que ter cabeça, porque senão, se você for caindo nas ondinhas de técnicos, ou de menino, de tudo, você para de jogar bola, você não continua não, tem que ter muita cabeça. Tem que cada vez mais tentar melhorar, seus objetivos, se você estiver de titular ou reserva, para você tentar conseguir o seu objetivo maior, se Deus quiser, um time melhor te chamar, uma convocação para seleção, só depende da gente mais ninguém.

Em relação ao futebol sujo, eu quis dizer porque em muitos times existe muita malandragem, se você chega no time, tem menina que não vai com a sua cara, você não fica no time. Tem menina que quando você vai em algum time e o técnico te dá cantada e você não quer sair com ele, é um exemplo que aconteceu comigo, ele começa a te cortar, você pode estar treinando bem, mas, ele não te põe pra jogar. Tem muita coisa que envolve que tem hora que você fala, vou parar e vou desistir de jogar bola, já aconteceu várias coisas comigo que eu estava pensando em parar esse ano mesmo. Porque eu estava treinando e estava bem sabe, você está melhor e todo mundo chega assim e fala, porque a gente faz muito coletivo em Marilia, e o técnico chega e fala, você está bem, todo mundo falava que você estava bem, sábado e domingo eu ia correr, chegou um dia falei “pôxa eu era titular”. Chegou na hora, ele me sacou, aquela coisa de você falar nossa, de parar, como eu estava bem e o que adianta você correr, treinar e se esforçar e o técnico não me por, tem coisas por trás. Depois eu chorei, conversei com as meninas e falei um monte. Teve um jogo neste campeonato que eu arranquei a chuteira e tudo no banco, falei que eu ia embora, falei um monte pra ele e estou lá e quero ver até aonde vai dar.

4 - Para destacar mais, por serem as meninas que estão jogando. Porque no futebol masculino já fala futebol, o povo já leva mais para o masculino, não coloca o feminino, porque o feminino nunca é valorizado. Por isso, mesmo que já colocam detalhado futebol feminino, porque no masculino você não precisa nem colocar. Você fala futebol eles já vão

olhar na televisão, que é para ver o masculino. O futebol já envolve o homem e não a menina, agora é que está começando a pesquisar sobre o futebol feminino, ai eles valorizam o futebol feminino. Porque eles falam futebol, já vê vai lá pra televisão para ver os meninos, agora o feminino eles já pensam as meninas que vão jogar. Tem pessoas que falam que só tem sapatão, por exemplo, não é isso que as pessoas falam, não vêm o que é o futebol feminino, o que as garotas passam para estarem lá jogando, as dificuldades, e é o mesmo talento que o dos homens, só que eles tem mais força do que as meninas, simplesmente isso, acho que talento, cada um tem o seu dom quando nasce.

5 - O ano passado eu saí de Botucatu, e a minha mãe sabia e eu nunca fui de ficar pedindo dinheiro para a minha mãe. E eu chegava em casa e escutava assim, o marido da minha irmã falava assim para mim: "Você não está em lugar nenhum menina, para de ficar jogando, você é uma bosta". A minha mãe chegava e falava um monte de coisa, você ia querer escutar a sua mãe falar assim: pô filha vamos lá, você vai conseguir e eu nunca escutei ela falando isso. Minha mãe, nem em jogo quando eu ficava em Piracicaba, ela não foi assistir um jogo meu. Então, aquilo para mim dói, eu queria que ela me visse pelo menos uma vez jogar, só depois que as pessoas começaram a ver que eu jogava bem e falaram para o meu pai, que agora ele está começando a me incentivar um pouco, e já faz dois anos. E também, no dia do meu aniversário do ano passado, que eu pedi dinheiro para o meu técnico, eram R\$ 15,00 a passagem para ir para Piracicaba, e a gente ganhava R\$ 30,00 por jogo. Só que neste tempo, ele não estava dando dinheiro para ninguém. Daí, eu pedi para ele e ele falou que iria me dar, liguei para minha mãe e ela falou que iria convidar um monte de gente e que iria fazer uma festinha para mim. Chegou no dia ele não me deu o dinheiro, eu liguei pra minha mãe e desci para casa chorando. Uma menina do time falou para mim, porque você está chorando? Ai eu falei que era porque o Edson havia prometido que iria me dar o dinheiro e não deu. Depois, ela chegou na orelha dele com outra conversa. Ele chegou e parou o carro, porque ele levava as meninas de carro embora, me humilhou e falou, imagina tudo que você não queria escutar no dia do seu aniversário, que eu era criança e que não adiantava lidar com menina nova no time, falou que eu jogava bem mas que enfim, falou um monte, por causa de quinze reais. Aquilo para mim foi, cheguei a chorar e falei pôxa por causa de quinze reais e eu também não tinha dinheiro e eu ia ligar para a minha mãe, para pedir dinheiro para ir embora, aquilo para mim foi demais. Eu escutei tudo, até hoje eu lembro ele falando tudo que eu não queria escutar no dia do meu aniversário e, eu fui mesmo assim depois, eu emprestei dinheiro, ele me humilhou depois, ligou em casa me pedindo desculpas mas aquilo para mim foi humilhante. Outra coisa que eu também passei foi no ano passado em Botucatu, eu saí de lá foi por causa disso. Tinha uma menina que gostava muito de mim e eu não gostava dela, eu

sempre neguei sabe. Eu tinha muito medo e ela falava em se matar, tinha uma ponte lá e ela falava que iria pular da ponte e eu ficava indignada com aquilo sabe, eu não queria isso pra mim. Até hoje eu não quero isso pra mim, acho que tem opção mas sabe quando não vai aquilo, não é pra você. Daí ela falava que ia se matar e sempre ficava chorando, aconteceu um monte de coisas, e aquilo ia me prejudicando e eu não conseguia jogar, ficava com aquilo na cabeça, pô eu tinha 15 anos. Você ser novinha, agora eu tenho 17 anos, a menina querendo se matar e você pôxa, ela tinha 20 anos, agora ela deve estar jogando em Araraquara. Uma vez ela ficou trancada lá em cima, bebendo remédio, chorando e eu indignada sabe, só sei que eu dei um murro na coisa de vidro, abri e tirei-a lá de dentro, para mim acho que foi mais marcante, porque eu nunca tinha passado por isso, só sai de casa, a menina começar a gostar de mim e acontecer tudo isso, é tudo muito marcante pra mim.

6 - Ah! Eu achei, até estava em um congresso quando teve o lançamento. Acho que se não caminhar agora o futebol feminino não vai mais para frente. Porque, acho que as meninas foram bem nas Olimpíadas, agora tem o Mundial vão disputar terceiro e quarto as meninas. Acho que se não for caminhar agora não caminha mais, porque as portas que estão abrindo é agora. Porque todo o ano só tem Jogos Regionais e Jogos Abertos, você não vai jogar pelo dinheiro e sim porque você gosta. Porque se você só vai ganhar ou que seja uma ajuda de custo ou uma faculdade, então tem que abrir mais as portas para o futebol feminino. Tantas garotas que buscam e se dedicam, que nem no futebol masculino porque que eles tem, e o feminino não. Porque eles não mandam pelo menos um pouquinho, para ajudar as meninas. A gente também corre atrás e busca, porque só o masculino tem tudo e a gente não tem nada. Acho que agora a gente tem que fazer um bom papel, não só a nossa equipe como todas as outras e mostrar que as mulheres também sabem jogar. Elas estão aí e que se Deus quiser o Campeonato vai encarrilhar melhor e vai abrir portas melhores para o ano que vem.

Agora, vai ter este Campeonato Paulista o ano que vem no final do ano, acho que se Deus quiser pelo menos, as equipes vão dar um pouquinho mais de valor para o futebol feminino, que seja. Parece que no ano que vem eles vão soltar R\$ 600 mil para o futebol feminino, que sejam dados R\$ 50 mil para cada time, para que eles dêem uma ajuda de custo para as meninas, pra elas terem um incentivo melhor. Porque, você joga e não tem nada, você sempre tem que ficar dependendo dos seus pais, tem que jogar por causa da faculdade, porque senão eu vou ter 30 anos e falar joguei, fiz tudo o que eu queria e o que eu mais gostava era de jogar futebol e agora o que é que eu tenho e o que eu sou. Chega uma hora que suas pernas não vão dar mais para jogar então, acho que eles têm que valorizar, tem que ajudar a gente porque, é uma vida dura tanto para a gente quanto para o masculino. E agora acho que este campeonato vai ajudar, se Deus quiser eles prometeram que iam fazer este e

fizeram. Agora falaram que quem classificasse iria para a primeira divisão ano que vem, vai ter primeira e segunda divisões, acho que será bacana e acho que vai ter que melhorar agora.

7 - Eu acho que o ano que vem eles vão fazer este campeonato, se Deus quiser o futebol feminino fizer uma boa campanha. Também no ano que vem, acho que vai ter o Sul-americano de futebol feminino vai ter algum campeonato e acho que vai passar na TV alguns campeonatos que tiver. Estão pensando em fazer o Brasileiro mais não sei se eles vão fazer mesmo, não sei se foi o meu técnico que comentou com a gente, se vão passar na televisão e se eles virem que é uma campanha e é um futebol bonito, eles vão querer valorizar e manter o futebol feminino. Agora, se for só aquele futebol de rua, eles não vão querer manter, o futebol brasileiro eles querem futebol arte, graça, meninas driblando, chutes bonitos e times com bons toques de bola. Acho que se a gente fizer uma boa campanha, mostrar para eles que a gente é capaz, que a gente também sabe jogar futebol eles dão uma chance para a gente. Acho que tudo depende das meninas, de todas as atletas que foram jogar, de todas as jogadoras de mostrarem os seus papéis para o Brasil todo, que o futebol feminino é capaz. As meninas chegaram lá sem clube, imagina você tendo um mercado, ganhando alguma coisa pra jogar, pela seleção ou mesmo pelo clube. A gente não ganha nada e todo mundo corre atrás, a maioria que foi pra seleção e estão neste mundial tudo de times de base, dão exemplo não tem nome e não tem nada e, foram lá e correram atrás. Agora se você tiver uma coisa melhor, um campeonato para divulgar melhor, eu acho que vai ser legal e vai ser bom para a gente e para quem for assistir a gente jogar. Acho que vai ter este campeonato, vai ter agora a gente tem que fazer uma boa campanha, para ter mais vezes e o futebol feminino evoluir cada vez mais e se Deus quiser um dia chegar pelo menos perto do masculino. Tendo uniformes, jogando no campo do masculino, times grandes como o São Paulo e Corinthians formam-se para que as meninas de fora também, poderem jogar no Brasil. Porque se jogam lá fora é por causa da necessidade, você acha que elas não querem ficar perto de seus pais aqui, ganhando que seja menos, mas perto deles, do que você estar lá do outro lado e não está vendo o que está acontecendo com a sua mãe. O meu maior medo é estar jogando bola e receber uma notícia, de que aconteceu algo com a minha mãe, acaba comigo. Daí você pensa, fiquei jogando e poderia estar lá em casa com a minha mãe agora, tudo o que eu perdi por causa da bola. Daí você fala e eles ainda não valorizam a gente, ai é quando você cai e chora, é complicado.

8 - Ia ser legal assim, dependendo do nível das meninas. A gente treina com os meninos, às vezes, a gente ganha e perde. A gente tem lá faixa de 17 a 24 anos que é a Elaine e a Soró que tem 34 anos, e ela só vai em dia de jogo. A gente ganha dos meninos só que os homens

sempre vão ganhar, porque eles são mais fortes, não adianta chegar e dar um jogo de corpo num homem e ele fazer o mesmo com a gente. Você vê e é bem diferente, o chute do homem, ele vai dar um chute, mas, tem muitas meninas que jogam muito melhor do que muitos meninos de corpo, tem até goleira que tem muita técnica, como tem no masculino. Acho que vai ficar meio a meio mais a força, as meninas vão perder na força, porque o homem já é de natureza um ser mais forte, o chute dele é mais forte do que o da menina, por mais que você faça musculação alguma coisa mais ele é tendência por ser homem. Ia dar uma pelada legal, ia ser bacana jogar assim, mas acho que também eles não aceitariam perder, se você fizer gol e sair ganhando eles dariam no meio, fariam faltas se você chegar a driblar uma menina é diferente do que você chegar num homem, você chegar no osso pra dar uma pancada e chegar em uma menina, você estoura o tornozelo dela na primeira isso é que é difícil. Acho que ia ser difícil pela força, do resto colocar a bola no chão ia ser beleza daí.

9 - Olha! Eu sempre falo para as minhas amigas que se eu tivesse uma filha, eu não gostaria que ela jogasse bola. Porque é muito triste, que quando você fica falando dá até vontade de chorar, é porque eu já passei por tanta coisa que chegou um dia que eu não tinha nem o que comer, você acha que eu vou querer isso para uma filha minha. Se Deus quiser, ela, por exemplo, fosse passar pela mesma coisa que eu, você acha que eu quero que ela passe por humilhação, fome, até discriminação. Porque você é menina, quando eu era mais nova e jogava entre os meninos, porque eu jogava futebol. Na escola, menina jogando bola, já falavam é sapatão, menina jogando bola, credo! Você acha, professora, olha eu queria jogar com os meninos e eles não deixavam, a sua filha joga futebol, era aquilo, porque é só homem que joga, antes era assim, minha mãe você acha que ela queria, ela falava não filha vai fazer outra coisa, vai fazer uma Ginástica Olímpica. Não adiantava, quando você quer uma coisa e você tem um objetivo, independente do que seja, para homem ou para mulher, você vai buscar é aquilo que eu estou fazendo e vou agüentando, eu tenho apenas 17 anos ainda. Penso em desistir, mas acho que eu ainda sou nova, acho que tudo que eu estou passando vai servir mais para frente como experiência para mim. Às vezes chegam algumas meninas novas no alojamento, podem ser mais velhas do que eu, tem uma amiga minha de 19 anos que veio para o alojamento, mas ela é sem experiência, novinha e não sabe o que é falsidade, o que as meninas falam, o que rola. Eu tento falar, eu sempre falo, faz dois anos que eu moro em alojamento, antes as meninas falavam e não adiantava, eu aprendi quebrando a cara. Daí, eu penso que não vai adiantar eu falar para elas, elas vão ter que passar por isso, pra elas aprenderem senão não adianta você ficar falando, tem que passar por tudo. Você não pode ser muito boca aberta, por exemplo, se você falar alguma coisa chega uma menina ali para te sujar, vai lá e chega de outro modo na orelha do técnico, às vezes, você pode ser cortada ou

pode ser mandada embora do time por uma simples coisa que você fala. O futebol envolve muita coisa, às vezes, a gente chega no alojamento e chora.

ENTREVISTA COM MÔNICA – 16 ANOS

1 - Comecei como toda menina, sempre joguei na rua com os moleques, aí tive a oportunidade de jogar no time da minha cidade, uma menina me chamou e eu fui jogar. Desde pequena uma moça me viu jogando, me chamou para jogar em Gárzea, eu fui e fiquei 2 anos lá, depois fui para Bauru e agora estou há 3 anos no Marília.

2 - Para mim é uma maneira de viver, porque a gente vive para isso, só pensando nisso, acorda e vai treinar e vai dormir.

3- Na minha família tem pessoas que apóiam bastante, meu pai e minha mãe sempre acreditaram em mim, tanto é que meu pai me apóia desde os 7 anos para jogar bola. Sempre apoiaram e também tem pessoas mais velhas, pessoal que joga futebol há 20 anos, está dando uns toques para mim e sempre está me ajudando, acho isso importante para caramba.

4 - Acho que, para diferenciar, porque com a descriminação e tudo...

5 – Não sei

6 - É um evento que vai repercutir bastante por causa do trabalho que elas fizeram na Olimpíada. Que repercutiu bastante e vai ser um passo grande, talvez até para o profissionalismo, que aí por cima começa a profissionalizar o futebol feminino.

7 - Talvez consiga, porque muita gente que nem sabia sobre o futebol feminino, estão enxergando, estão vendo que está indo para frente, estão batalhando e talvez decidam ajudar.

8 - Eu não acharia legal porque é diferente homem de mulher, é diferente.

9 -Acho que não, porque o futebol é muito difícil, esses times de interior têm muito pouco apoio, muito pouco patrocínio, elas não vão ter futuro, no vôlei não, elas vão ter mais futuro do que no futebol.

ENTREVISTA COM NAIR – 16 ANOS

1 - Comecei jogando no Pinheiros, tinha 8 anos. Comecei com uma brincadeira e aos poucos fui evoluindo e querendo jogar mais a sério, e hoje em dia ainda estou no Pinheiros competindo a sério.

2 - Sei lá, é diferente, mulher não é muito bem recebida no futebol. Mas não tem essa, acho que futebol é para todo mundo, os outros acham que tem aquele negócio, a mulher joga futebol...Mas não tem essa não, é para todo mundo.

3 - Acho que eles pensam que não é um esporte para mulher mesmo, que toda mulher que joga futebol é meio macha, meio não sei o que, acham que é mais para homem.

4 - Acho que de repente para diferenciar um pouco, para mostrar que é futebol feminino que não é só futebol masculino.

5 - Não são tantas, comecei faz pouco tempo com elas pelo menos a jogar mesmo faz pouco tempo, então não tem muito.

6 - Está sendo bem legal este campeonato, está todo mundo do futebol mesmo, do feminino, porque está crescendo, vamos ver se cresce aqui agora no Brasil. Está sendo bom, a organização que não é boa mas vai evoluir a gente espera.

7 - Olha daqui a 2 anos a gente não sabe, espero que evolua bastante para poder ter um futuro o futebol feminino aqui no Brasil, porque as meninas gostam de jogar, não tem esse negocio de não querer, e tem meninas para jogar, é só o futebol evoluir para ter campeonato feminino mesmo.

8 - Acho que ia ser bem legal, eu estou acostumada a jogar com menino, jogo na escola jogo sempre misto acho bem legal. Eles tem um pouco de medo de acertar a menina mas se fosse no campeonato acho que iriam com a mesma garra pegar a bola.

9 - Com certeza, futebol é tudo de bom mesmo, tem que jogar mesmo.

ENTREVISTA COM PAULA – 17 ANOS

1 - Eu sou do Rio Grande do Sul, eu comecei jogando no colégio. No sul eu nunca joguei em clube. Eu jogava só torneio com times que nós montávamos mesmo, aí uma goleira, a Kelly goleira da Seleção sub 19, ela me viu jogar, porque eu jogo salão, daí ela falou: "Olha estamos precisando de goleira em Marília para futebol de salão. Você quer ir para Marília?" Daí eu conversei com a minha mãe, com a minha família, eles concordaram e agora eu estou jogando, desde a metade desse ano. Eu estou começando a treinar campo também, já estou a um mês treinando. Ainda sou inexperiente no campo, mas quem sabe no futuro possa melhorar.

2 - Ah! Como eu posso explicar! Eu amo jogar futebol, sempre joguei desde pequena, sempre vi meu irmão jogar, meu pai... Nunca tive muito apoio mas sempre lutei por isso, eu amo jogar futebol.

3 - Agora que eu consegui vir para Marília, ser titular, as pessoas começaram a me apoiar mais, no começo assim eu não tinha apoio, mas os meus amigos, a minha família mesmo nunca me apoiou. Não gostavam muito, diziam que futebol não é coisa para mulher, mulher não deve jogar futebol, o meu irmão me apoiava, mas minha mãe não e minha vó também, uma pessoa mais de idade, não era muito a favor, mas agora sim elas estão torcendo por mim e me ajudando.

4 - Eu penso que é pela discriminação. Muitas pessoas pensam....que nem eu te falei, que futebol não é para mulher, futebol é para homem, alguma coisa desse tipo.

5 - com colegas de equipe, quando ocorre desunião. Com minha equipe não é o caso assim, mas em time pequeno quando eu comecei e joguei teve muita briga porque: "ah! eu não vou jogar porque minha família nunca vai aceitar, eles vão brigar". Até na minha família eu brigava. Não eu quero jogar, eu quero jogar, mas no mais assim foi tranquilo, não houve mais estresse.

6 - Eu gostei da idéia deles, porque assim acho que vai ajudar bastante a crescer o futebol, a partir do ano que vem eles já estão pensando em profissionalismo, então é uma ajuda assim que motiva as atletas, porque muitas vezes as meninas de Marília mesmo jogavam uma vez no ano, que seria os abertos ou regionais e agora tendo esse campeonato está servindo como uma motivação.

7 - Eu acho assim que ficou mais reconhecido, em Marília mesmo eu falo assim: ah eu jogo futebol, as pessoas respondem: “ ah eu nem sabia que tinha futebol feminino em Marília” né! Muitas pessoas que assistiram as Olimpíadas não sabiam que tinha uma seleção de futebol feminino, então deu uma apresentação do futebol feminino para as pessoas porque assim muita gente que era meio contra ficava com um pé atrás, agora já estão aceitando mais, apoiando mais.

8 - Ah! Essa questão eu não sei responder, porque futebol misto, eu acho que até um tempo atrás a gente jogava torneios pequenos e tinha futebol misto, mas eu acho que não é necessário, eu não concordaria. Não sei porque, mas acho que cada um deveria jogar com a sua... com o seu... como eu poderia dizer mulher contra mulher, homem contra homem. É que quando eu jogava entre eles, tinha muitos rapazes que não respeitavam, acabavam machucando as meninas e até mesmo as meninas machucando eles, porque não respeitavam. Eles falavam que mulher não deveria jogar futebol, então eles queriam humilhar, machucar...até eu mesma fui machucada sabe. Mas eu acho que tem muita mulher que joga melhor do que homem, eu acho que não seria o caso de desigualdade, seria o caso de respeito, se houver respeito entre as equipes tudo bem, eu acho que não teria problema. Quando eu jogava com meninos, tinha duas meninas que quebravam eles, também, eu não sei qual era das meninas que não jogavam muito bem assim, então via que os rapazes jogavam melhor e não aceitavam! Acho que era das duas partes assim! Tinha...eu por exemplo jogava melhor que alguns meninos e eles não aceitavam isso, então se houver respeito, acho que não tem problema.

9 - Primeiro de tudo se ela gosta de jogar futebol, porque tem tanta gente que joga voleibol e detesta futebol, eu conheço várias pessoas, se fosse realmente isso que ela quisesse eu daria o maior apoio, se ela quisesse outra modalidade também apoiaria, mas eu aconselharia a jogar futebol que é uma coisa que eu gosto, que eu jogo, e agora depois das olimpíadas e dos campeonatos que estão tendo, eu acho que vai ajudar bastante.

ENTREVISTA COM RUTE – 17 ANOS

1 - Começou na escola, comecei a treinar, participar de campeonato da escola, depois comecei a treinar no clube, muito tempo depois, em 2000, acho que o meu primeiro clube foi o Internacional, fui contratada pelo Marilia e estou aqui agora

2 - Me sinto bem praticando esse esporte, faz muito bem para mim

3 - Minha família sempre me apoiou, minha mãe meu irmão, ninguém me criticou, foi tudo bem.

4 - Para identificar, porque eles não estão acostumados a ver futebol feminino, tem que estar sempre colocando senão não vão achar que é futebol feminino ou coisa assim.

5 - Acho que mais no começo que eu me senti mais constrangida pelo que as pessoas falavam “molequinho fazendo futebol”, mas com o tempo a gente vai acostumando, vai vendo que não é esse mal e as pessoas mudando na forma de pensar.

6 - É das primeiras vezes que eu estou participando, um campeonato legal, uma medalha de prata, o time feminino poderia ter se esforçado mais, eu gostei muito

7 - Acho que assim, ainda falta muito para isso realmente ajudar, mas com essa medalha talvez melhore um pouco mais, mas sem querer proteger mas a gente tem que se ajudar para melhorar

8- Ah, eu acho que seria legal, eu acho muito interessante isso, de jogar homem com mulher e ainda mais que os homens respeitam muito quando jogam misto, eles respeitam bastante, é um futebol bem mais tranqüílo.

9 - Não, eu acho que não iria induzir a praticar a esse esporte, eu iria mostrar todos os esportes para ver no qual ela se sentiria melhor. Porque se ela se sentir bem no futebol eu posso ajudar ela a melhorar sempre, mas se for no basquete, vôlei essas coisas aí, aí ela é quem sabe.

ENTREVISTA COM SARA – 21 ANOS

1 - Bom, eu não imaginava chegar aqui onde estou agora, falando a verdade para você, eu não imaginava. No começo, eu levava mais como brincadeira, uma vontade que eu tinha, jogava bola, mas não levava tão a sério. Hoje em dia já não, a gente vê que o nível está bem elevado, que a gente tem sempre que estar procurando a melhora, sempre estar se superando. Eu comecei mesmo porque só tinha irmão, só tenho irmãos homens, então eu não tinha com quem brincar, não tinha, então a gente sempre brincava de futebol. E sempre fui, ia ali e

brincava na rua, jogava bola na educação física, então foi indo e comecei mesmo quando um colega falou, Michele vou te levar lá no campo, aí eu comecei a jogar lá.

2 - Eu me sinto muito bem.

3 - Como na minha casa a minha família me trata como uma pessoa normal, até tem uma certa idolatria por mim, pelo o que eu faço, não só a minha mãe, meus tios, meus irmãos, é uma certa idolatria por eles não chegarem onde estou. Acho que na sociedade o tema está mais aceito, mas antes era barra meio pesada, mas hoje em dia se encara com naturalidade.

4 - Eu não sei te falar o porque, num mundo pequeno fica assim meio complicado. Eu acho que é para ter uma certa distinção, para distinguir melhor. Aí já coloca aquele certo machismo, futebol, eles colocam feminino que é para dar o toque afeminado.

5 - Acho que a maioria do futebol o mais estressante mesmo é o preconceito, preconceito é com o que a gente se estressa. Porque dentro a gente vê que, claro tem sempre aqueles amigos que dizem ser seus amigos, mas tudo por trás, a gente não vê nada, mas fora a gente vê bastante coisa que deixa chateada por palavras, gestos. Então são coisas que vão chateando, vão abatendo a gente, e eu acho que se é alguma coisa que a gente gosta e quer mesmo tem que encarar tudo numa boa.

6 - É como eu te falei, é o 1º paulista que eu disputei, para mim está sendo novo e eu acho que tem tudo para dar certo, não só esse ano, mas o ano que vem e os outros e outros. Eu acho que eles estão vendo coisas muito amplas, para frente e esse aqui foi só o começo, pode estar muito bom, está sendo investido, até que enfim está sendo investido e acho que agora chegou a hora, não só dos dirigentes, comissão técnica, organizadores, das meninas também. Das meninas fazerem a sua parte e procurarem treinar e visar o futebol feminino, agora é hora de mostrar a força do futebol feminino brasileiro.

7 - Abriu essa porta que é o paulista o que ninguém esperava e ser tão comentado e ser patrocinado pela Federação masculina, então ninguém esperava isso. De certa forma a gente tem que agradecer às meninas da seleção por abrir essa porta para a gente, não só para a gente como para elas também porque muitas delas também estão participando. Essa medalha de prata chegou em boa hora, e em boa visão também quem sabe na próxima olimpíada trazer o ouro, porque não? Sendo que temos bastante talento espalhado agora nesses gramados.

8 - Acho que seria uma boa, ainda mais a gente, geralmente futebol de campo você nunca acha 2 times completos, você sempre tem que estar fazendo um coletivo com os meninos. Eu acho que seria uma boa, principalmente pelo preconceito também, seria uma boa não só para a gente como para eles também, convivendo com nosso dia a dia e a gente convivendo com o dia a dia deles, seria uma boa.

9 - Olha, eu naturalmente, não por gostar, acho uma coisa assim super saudável, eu, se é uma amiga minha, eu diria para ela jogar futebol, uma porque hoje em dia está crescendo, hoje em dia parece que vai engrenar tudo naturalmente, acho que está crescendo, então optaria sim, ajudaria numa boa a ela seguir também a sua carreira.

ENTREVISTA COM TAIS – 21 ANOS

1- Comecei jogando em Dracena-SP, eu moro em Dracena, eu tinha 13 anos, e fui jogar em Três Lagoas-MG. Também tinha um time lá, depois eu voltei para Dracena, onde eu jogava só nos finais de semana. Então, o time de Marilia foi a um torneio no qual o Dracena estava, e o técnico que é o atual, gostou e pediu para que eu e mais quatro meninas fizéssemos um teste, nós fomos fazer o teste, ele gostou, e nós fomos para lá. Nestes oito anos, eu já fui para São José do Rio Preto-SP, lá joguei a Paulistana de 99, fui pra Garça - SP onde fiquei um ano e voltei para Marilia onde estou a quatro anos agora.

2- Ah! Vejo-me uma mulher normal, uma mulher que gosta apenas do esporte, mas, todas as regras de sempre da mulher e me vejo também, uma pessoa mais humana, não só mais jogadora nem mulher. Eu acho que a mulher é independente do ser humano, tem que ter a liberdade de fazer o que quiser, o que gosta, eu me sinto bem jogando, adoro, amo mesmo. Estou na Faculdade de Educação Física e pretendo permanecer lá, pode ser não jogando mas por dentro do futebol em algum aspecto.

3- Minha família sempre apoiou, minha mãe é que me levava para jogar, sempre apoiou nunca discriminou nada. Tem sempre os leigos que não conhecem muito bem o futebol, que falam que isso não é coisa pra mulher, mas no mais assim é tranquilo, o povo da faculdade também adora, acham legal, bacana, vão assistir os jogos. Os leigos que não conhecem muito, é que deveriam parar de falar coisas que eles não conhecem e, primeiro procurar e ver o que é o futebol feminino, para depois poderem criticar ou falar alguma coisa. Porque muita gente fala sem conhecer, falam que mulher não joga, que isso não é um serviço de mulher, que jamais uma mulher vai jogar igual a um homem, e isso não é verdade, a gente tem

provado aí que mulheres, como por exemplo, a Marta que a compararam com jogadores do Brasil, aquela Prince da Alemanha também, então é uma coisa que já vem de preconceito mesmo, essa não é a realidade e muitos que não conhecem falam o que querem, sem conhecer mesmo.

4- Porque a mulher é diferente do homem, querendo ou não a parte física, emocional também, a mulher é mais delicada. Se você não falar com jeito com ela, ela já leva para o outro lado, uma chora, outra já fica um pouco mais sentimental. O homem já tem aquela postura de durão, eu acho que separam por aí. Também pelo preconceito que ainda existe, que é o homem que joga futebol.

5 - Eu sou uma pessoa mais tranquila, que aceita perder só que eu não suporto a pessoa que está no time com má vontade e não correr atrás, não se dedicar. Isso é uma coisa que me frustra, a todo o momento na equipe onde eu passo, que tiver uma pessoa que não queira a mesma coisa que as outras, que não treina para aquilo, que está ali por estar, por estar fora de casa, com mais amigas, e não se dedica. Porque o futebol já é difícil, nós mesmos que podemos mudar a cara dele, e a gente só conta com a nossa vontade mesmo.

6 - É um campeonato legal, que seja assim todos os anos, após os jogos abertos não tem nada, todos os times ficam parados, só treinando, aquela coisa chata. É uma coisa legal até deles separarem a primeira e a segunda divisão. Pois, este campeonato começou com 32 equipes, onde as 16 melhores colocadas, serão as primeiras no ano que vem e as outras 16 ficarão para a segunda divisão. A coisa agora vai ser legal, como eles falaram que vão ter que ser federadas por um time masculino então, vai ser uma coisa mais organizada, por exemplo, nós teremos que ser federadas pelo Mac mesmo, mandar jogo lá com o nome do Mac, porque o nosso nome mesmo é Céu (que é a Secretaria de Esportes que toma conta). Acho que vai ser uma coisa mais bem visada e organizada.

7 - Nossa, tomara que mude muita coisa, apesar de que não por ser a medalha de prata e muitas meninas que estavam lá, que ganharam à medalha de prata e estão sem clube ainda. É uma coisa triste de se ver, uma ou outra sai para fora, outras estão jogando em São Bernardo, eles não dão muito valor mas eu tenho a esperança que isso possa mudar sim.

8 - Acharia até legal, eu não sei como iria ficar na parte do vestiário, mas acharia legal até. Porque, tinha que ser uma regra única, onde todos teriam que ter cinco homens e cinco mulheres, acharia até bacana, legal de se ver, as mudanças fisiológicas que existem. Eu

gostaria de jogar em uma competição dessas, eu sempre joguei, eu comecei a jogar futebol com os meus irmãos, um jogou em time de Jundiaí por quatro anos o outro jogava lá em Dracena com o Renato que inclusive, está na seleção hoje. Eles que me levaram a jogar então, sempre joguei no meio dos meninos, onde não tinha time feminino ainda, ai depois que começaram a ter e ai eu entrei em uma escolinha feminina. Mas, acharia bacana, é uma idéia de se pensar sim.

9 - Eu indicaria até mesmo, falando como daqui alguns anos como professora, o que ela gostaria de fazer, se ela gostasse de fazer futebol eu iria dar o maior incentivo mesmo, porque adoro e é isso que eu amo fazer e, até mesmo minha filha se ela quiser jogar um dia eu vou levar para jogar.

ENTREVISTA COM VANDA – 19 ANOS

1- Eu comecei mais ou menos aos 8 anos de idade, a gente sempre começa jogando em rua, porque o futebol feminino não é tão reconhecido assim, e naquela época ainda muito menos. Agora com esse Campeonato Paulista muita coisa vai mudar, acho que já está sendo um pouco mais reconhecido. Então, eu comecei jogando com molecada na rua, e eu jogava em Jacareí na cidade onde eu moro. Fui jogando campeonatos, disputei campeonatos regionais, muitos outros campeonatos e me destaquei muito mais quando eu vim, fiz um teste no São José, passei estou até hoje, acho que foi isso, foi um pouco em Jacareí, acabei me destacando mais no São Jose..

2- Eu me enxergo assim, acho que é a coisa melhor que eu sei fazer, futebol pra mim acho que é tudo no meu ponto de vista, acho que é a única coisa que eu sei fazer de melhor. Já tentei trabalhar, mas eu não consegui relacionar as duas coisas, por falta de tempo mesmo. A minha opção foi jogar futebol e acho que é o que melhor eu sei fazer. Já perdi várias chances de jogar em lugar melhor, em São Paulo, e acho que minha opção foi essa.

3- A família acho que é a família que eu pedi a Deus, porque sempre me apóiam, eles não podem estar junto comigo em todos os jogos mas, onde eles podem ir eles estão lá me apoiando me ajudando. Acho que esse é o apoio fundamental, se a família apóia acho que é o começo de tudo, você vai para frente cada vez mais, se você tem um incentivo maior que é da família acho que tudo há de dar certo.

4 - Acho que é assim, tem futebol masculino e eles jogam o que eles sabem, futebol

feminino é um pouco diferenciado porque ainda há um pouco de preconceito. Porque futebol masculino era só para ser futebol masculino, não tinha que ter futebol feminino, acho que a sociedade não está aceitando de uma forma legal, então é para diferenciar mesmo o futebol feminino. Vai assistir um jogo de futebol feminino para você ver, porque há diferença, porque há um destaque de futebol feminino em cada uniforme. Já que pode destacar é para ser único mesmo, futebol feminino joga de tal forma e é totalmente diferente do futebol masculino. É o mesmo esporte sim, mas, há um tempo a menos, há 40 minutos para a gente e 45 minutos para eles, Há campeonatos mas para eles é mais divulgado, há essa diferença, há um preconceito ainda então, vamos divulgar, já que pode divulgar futebol feminino, vamos divulgar futebol feminino.

5 - Eu acho que ainda é a torcida que não reconhece, acho que a gente está dando o máximo de si e as pessoas gritam “ah! perna de pau!” e palavrões, isso não é estressante só que chateia, chateia mesmo! Porque a gente está ali dando o máximo e não há reconhecimento. O que falta para não estressar, para não mais haver chateação é reconhecimento, acho que é isso que deixa a gente mais pra baixo. Com certeza rola estresse com a torcida. Em qualquer ambiente acho que rola um estresse mas, principalmente no futebol feminino, eu acho que a gente é muito unida, são mulheres que tentam entender uma a outra, se rola um discussão ali com certeza eu possa chegar em você e falar. Há um estresse mas conversamos e resolvemos tudo, não há continuidade, não há cara feia, não vai ter mais, a briga foi coisa dentro de campo, foi coisa de futebol e vai morrer ali, não vai haver mais.

6 - Ah! Com certeza, porque eu acho um campeonato muito forte, muito grande, são 32 equipes que estavam disputando, algumas já foram eliminadas e é um puta incentivo é uma coisa maravilhosa que eles estão fazendo, e se derem continuidade é um destaque enorme para o futebol feminino. Isso incentiva muito o futebol feminino, porque a gente vê que antes eram campeonatos de bairros, de estados mas não tão divulgados como estão sendo hoje. Engraçado que eu estou dando entrevista para você e antes não existia isso, reportagem sobre futebol feminino, não havia destaque, e para a gente agora está sendo maravilhoso, de você chegar e ver gente reconhecendo você, parar você na rua e falar assim “pô te vi na televisão!” Que maravilha, então, o futebol feminino o paulista hoje, o campeonato paulista está sendo maravilhoso para cada uma de nós, está tendo divulgação, incentivo, garra, determinação está sendo tudo, com certeza motivação em dobro.

7 - Com certeza as meninas foram para lá e fizeram um ótimo papel, e desde que elas foram para lá e trouxeram a medalha de prata para nós, ndo estão surgindo campeonatos, o

Campeonato Paulista surgiu e com certeza, daqui a dois anos a gente vai ser espelho para as próximas que irão vir. As mais novas que estão aí batalhando, porque a gente está batalhando hoje e daqui a dois anos com certeza, elas vão estar no nosso lugar até fazendo o melhor de si, para gente acho que vai ser maravilhoso, ver daqui a dois anos, o futebol feminino passando como passa o futebol masculino na televisão. O jogo, todo mundo estar assistindo a gente torce pra que isso dê certo, para que esse campeonato, e os campeonatos que venham agora, venham para realmente empurrar mesmo, falar futebol feminino é um esporte para ser reconhecido e que muitas meninas praticam. São 32 times num Campeonato Paulista, é maravilhoso isso. É o reconhecimento, é uma força de vontade uma garra de cada uma delas, então, com certeza daqui a dois anos a gente torce pra que esteja ainda muito melhor, se Deus quiser vai estar, e a gente vai estar aí sabe, sendo uma divulgação tremenda e uma divulgação maior ainda, a gente só torce pra que isso dê certo e para que isso aconteça.

8 - Eu acho que talvez até de certo, não sei porque o futebol feminino a gente olha as meninas, tem uma forma de jogar totalmente diferente, eu não sei porque ainda há um machismo. Os homens podem até criticar na hora, “ah toca essa bola direito”, há certa pressão não sei se daria tão certo não, mas quem sabe poderia tentar, não sei, acho que fica meio no ar esta pergunta, porque como eles fizeram uns testes para ver menina jogando, porque não fazer teste misto, fazer homem e mulher jogando, está lá com um campeonato junto talvez, um time se destacaria mais que os outros, não sei, talvez sim, não sei, fica meio no ar.

9 - Eu sempre converso com as minhas amigas, as minhas amigas falam que o esporte é legal. Eu acho que se você gosta de jogar, você nasce com isso, você nasce com um dom, cada um nasce com um dom lógico, se você gosta de fazer vá em frente. Eu falo, vamos se você gostaria de ir fazer um teste, vamos lá faz um teste, se você se sair bem, acho que você nasceu com isso, você vai dar continuidade. Se você pode levar a sério, levar em frente vamos embora, agora se você nasce com um dom de Vôlei vai, eu incentivaria sim.

ENTREVISTA COM ZÉLIA – 21 ANOS

1 - Eu comecei em centro comunitário, joguei também na escola. Já participei de muitos campeonatos, já fui para fora, já participei de seletiva, foi em 2000, 2001 a paulistana, joguei para o time de Taubaté e joguei pela minha cidade e já joguei em vários times e atualmente estou jogando no time de São José dos Campos

2 - Como eu me enxergo? Eu jogo futebol porque eu gosto muito de jogar futebol e eu sei que o futebol hoje ainda não é aquele futebol bem divulgado, mas eu jogo futebol porque eu gosto mesmo e pretendo um dia, tenho um objetivo de estar em um time.

3 - A minha família, todos me apóiam, tem jogo eles sempre perguntam, “ah você ganhou?” “como que foi?” Eles sempre me apóiam, sempre tem aquela frase também, “ah, futebol não dá futuro”, mas eu tenho no coração para jogar e ter um objetivo, se eu não conseguir esse objetivo eu quero praticar. É bom para a gente também, você fazer alguma coisa para não ficar pensando em outras coisas, e eu jogo futebol para isso, para ter um objetivo, mas para eu jogar, para não ficar fazendo outras bobeiras, porque hoje em dia você praticando algum esporte, você esquece. Tem tanta gente que usa droga, que faz coisa errada, eu acho que se estivesse praticando um esporte esqueceria um pouco isso.

4 - Eu acho que futebol feminino não é uma onda na cidade, lá tem outras modalidades tudo assim, escrito assim e futebol feminino para a gente é normal.

5 - Acho que o preconceito, o futebol hoje ainda está muito devagar. Mesmo as meninas terem ganhado prata na olimpíada, acho que ainda vai demorar um pouquinho para ter aquele futebol, as pessoas falarem “nossa, futebol feminino, como está bem”, hoje em dia não tem isso, o preconceito hoje em dia é muito grande ainda. Tem pessoas que não investem, acho que por ser futebol, acho que é muito preconceito, daqui a alguns anos, espero, que vá melhorar, mas por enquanto... As meninas terem ganhado a prata nas olimpíadas que está abrindo uma portinha, ainda tem mais coisas que vão acontecer.

6 - O campeonato paulista de 2004, cada dia aparecem muitos times bons mesmos, acho que o campeonato paulista não tem time ruim e nem bobo, são times bons mesmos. Mas eu acho que, como eu fiquei sabendo que o campeonato paulista, aconteceu assim muito rápido o campeonato paulista, porque no ano que eu participei em 2000 e 2001 foi um campeonato paulista muito bem feito. Investiram, foi muito legal mesmo, agora esse está meio devagar, o campeonato paulista por eles terem falado que foi uma coisa muito em cima, mas os times, o nosso time também veio, não é bobo. Eu acho que o campeonato paulista é uma porta que abre para os times que tem muitas meninas boas e que eles não vêm, as meninas que tem em São José, é um lugar lá, fechado e em São Paulo já tem mais possibilidade de você ter portas para abrir, agora em São José não, em São José você tem que vir para fora para você conseguir alguma coisa.

7 - Como eu acabei de falar, a perspectiva é muito grande por as meninas terem sido vice-campeãs das olimpíadas, e com certeza irão aparecer muitos apoios, eu espero que apareçam muitos apoios, porque tem muito time bom que se tivesse um pouquinho mais de apoio, eu acho que iria evoluir muito mais. O nosso time é um time bom, eu acho que se a gente levar a sério mesmo, a gente está levando há 2 anos, daqui 2 anos vai melhorar muito, como o nosso time e como os outros que estão aqui, eu acho que precisa um pouquinho mais de apoio, uma pessoa lá para ajudar a crescer. Eu acho que se você tiver motivação no mesmo time, se não tiver motivação não vai a lugar nenhum.

8 - Eu acho que depende de cada um, porque eu mesma comecei a jogar com homem e eu gosto de jogar com homem. Agora depende da mulher, eu gostaria de jogar com homem sim, eu adoro jogar com homem, lá na minha cidade eu jogo com os caras, eu não estou nem aí, tem as vezes que você cai e os caras metem o pé, mas eu acho que é coisa do jogo mesmo. Agora, para campeonato tem muito homem que não admite levar um chapéu, um gol de perna, não admite, nessa parte acho que tinha que separar, porque tem homem que... eles não aceitam e acabam machucando mesmo. Agora mulher com mulher chega junto, mas é mulher, agora homem não, machuca mesmo. Agora eu na minha cabeça eu jogo com homem, não estou nem aí

9 - Eu conheço meninas novas que, até quando eu vejo que jogam bem eu chamo elas para jogar no nosso time porque eu acho que elas tem habilidade com a bola. Se elas continuarem nesse esporte, vai dar certo. Agora se eu vejo uma amiga que não tem nenhum pouco a manha e o dom, eu aconselharia ela a fazer outro esporte, mas a maioria das meninas dessa idade que eu vejo, joga bola, já joga desde pequeninha, então eu aconselharia a jogar sim.

ANEXO III – Transcrição integral das entrevistas com atletas de 22 a 27 anos

ENTREVISTA COM ANA – 23 ANOS

1 - Eu comecei com 14 anos, meu primeiro time foi a Matonense. A Matonense foi o melhor time da região, aí eu vim parar aqui, foi através dos Jogos Abertos do Interior em Barretos esse ano. Eu estava jogando por Ribeirão e o técnico, o treinador de Rio Preto me viu jogando e queria que eu viesse jogar aqui, e hoje eu estou aqui ajudando o treinador e a equipeAntes eu jogava pelada, assim com a molecada na escola, na rua, participava de campeonato de salão, sempre joguei no meio de meninos, aí meu irmão jogava na Matonense, ele falou que tinha uma irmã que jogava e me levou lá para fazer um teste, passei e fiquei 5 anos na Matonense; depois passei por vários times: Catanduva, Mato Grosso , disputei um brasileiro por Mato Grosso em Paranabaiba, e depois passei por Rio Preto, Catanduva, Paranabaiba, no Mato Grosso passei por várias equipes.

2 - Meio diferente porque as mulheres... é um dom , um dom que Deus deu para gente, cada um tem um Dom e o que ele me deu foi o futebol. Eu me vejo feliz no futebol, aprendi muita coisa que eu não sabia, a vida também ensina muita coisa, e aprendi muito no futebol e eu estou muito feliz, me vejo muito feliz no futebol e pretendo jogar até a idade não dar mais, a hora em que as pernas não derem mais eu vou parar, caso contrário eu vou continuar...Eu me

vejo muito feliz no futebol, eu gosto de fazer o que eu faço de paixão, se eu não gostasse, não estaria aqui.

3 - Ah! É muito preconceito, às vezes influi na família também, muitos dos meus tios não apoiavam, eles falavam: “A sua filha poderia fazer balé, jogar vôlei, mas justo futebol?” Inclusive a minha mãe falava: “Mas foi o que ela escolheu! É o destino!” o que os outros escolhem a gente não tem que se intrometer e as pessoas tem muito preconceito. Ficam falando muita coisa. É que nem diz o ditado: Tem que cuidar da vida deles e não da nossa. Se as pessoas cuidassem da própria vida não teria preconceito que tem hoje, é o que eu penso. (**J= o que as pessoas falam em geral assim?**) As pessoas criticam muito, em vez de ajudar, colocam você mais para baixo, teve um tempo que eu pensei até em parar, pois estava demais, estava pesando no meu futebol, estava pensando até em parar por causa dos preconceitos das pessoas. (**J=...sobre aquilo que você não queria falar pode falar...**) O preconceito das pessoas é assim, porque no futebol muitas são lésbicas, então as pessoas pensam assim, só porque você está no meio, você também é, e não é bem por aí. Têm muitas que não são e não é a toa que eu não queria nem falar sobre o assunto, mas como você falou que vai ficar gravado, e as pessoas, como é que eu posso explicar... têm muito preconceito, futebol é só pra homem, não é bem por aí. O mundo inteiro está jogando, as meninas estão jogando. O futebol só não vai pra frente por causa desse preconceito, porque as pessoas vêem uma coisa sendo que não é. Vêem e já ficam falando, então não é por ai. (**J= você acha que é isso que atrapalha o futebol?**) Ah! Atrapalha muito, porque tem muita mulher jogando, tem umas que cortam o cabelo do jeito delas, é o estilo, a vida que ela escolheu de ter o cabelo curto, e andar que nem homem, e é isso que atrapalha o futebol feminino, atrapalha muito isso aí. No Brasil atrapalha, no estrangeiro não, mas aqui no Brasil atrapalha muito isso aí. Eu penso isso. É o que está matando, as aparências enganam, o mundo está perdido, você sabe disso, você está rodando aí, você sabe, é o que cada uma escolheu para si, ninguém tem que criticar, ninguém tem que prejudicar. Deus que é Deus não julga, quem somos nós para julgarmos o próximo? Nós não somos nada, não é verdade, não somos nada, é a vida que elas escolheram pra elas, cada um escolhe o caminho que quer. Deus nos deu dois caminhos. O caminho certo e o caminho ruim, agora se você quiser seguir o caminho ruim, é o caminho que você escolheu pra você, eu penso isso aí. Agora deu uma maneirada, deu uma caída, porque tem time que não quer jogadora de cabelo curto, se você tiver cabelo curto, eles não te aceitam, inclusive o nosso treinador, ele exige muito, ele acha bonito uma pessoa de cabelo comprido, quem tem cabelo curto também joga, mas ele prefere quem tem cabelo comprido.

4 - Porque ...é um exemplo: porque é assim, eles...é assim, porque eles não aceitavam ainda, eles não caíram na real ainda, então tem que botar futebol feminino, porque eles não estão acreditando ainda que o futebol feminino está bem divulgado. Já divulgou bastante, então tem que colocar o futebol feminino para aparecer mais, então como se fosse um patrocinador, tem que aparecer mais, dar um destaque, diz que você joga futebol feminino, então eu acho que é isso, eles não aceitaram ainda. (**J= eles quem ?**) A maioria do povo, então é uma divulgação, tipo de um patrocinador do futebol feminino, porque eles falam: “Ah! Você joga o que?” Ah! Futebol a pessoa nem acredita que você joga futebol, te questiona, “ porque você não optou por outra coisa? ”. A pessoa se intromete na sua vida ainda. Eu escolhi futebol porque Deus me deu o dom eu gosto do que eu faço, eu gosto de jogar futebol, então eu acho que é uma divulgação, como se fosse um patrocinador. Ah! Futebol feminino, ah o que você joga? pela camiseta já é uma identificação: Futebol feminino.

5- As situações mais estressantes, foi em um ano que eu parei de jogar bola, de tanto que eu gostava, que eu amava jogar futebol e as coisas que aconteceram dentro do futebol, que eu achei que marcaram mais foi a minha família, meus pais, teve um ano que eles me prendiam, não deixavam mais. Os times me ligavam, e eles falavam que eu não ia, isso foi o que marcou mais na minha vida. Meu pai falava: “você não vai!” e eu ficava lutando contra ele e aí eu pensava, eu não posso ficar lutando contra ele, porque pai e mãe querem o melhor para o filho e tinha hora que eu pensava, eles não podem ficar me prendendo de uma coisa que eu gosto, daí teve uma época em que eu fiquei um ano sem jogar bola, fiquei parada, já tinha me prejudicado, não queria mais saber de bola, e como eu fiquei um ano parada, mas jogando pelada, não conseguia ficar fora disso, já tinha acostumada, daí eu voltei.

6 - Eu estou achando que de todos os campeonatos que nós participamos, esse é o melhor e é agora que a gente tem que mostrar, porque quem sabe de repente o ano que vem a gente possa estar em uma seleção, porque é nesse campeonato que a gente vai mostrar o nosso futebol, vai ser o futuro de nossa vida, é que vai sair alguma coisa, então eu estou achando, eu estou gostando muito desse campeonato, nunca participei de um campeonato desse, então está sendo tudo para nós, inclusive por coincidência eu resolvi jogar os abertos, eu estava parada nos regionais. Daí nos abertos eu vim parar aqui, então quem diria que eu vinha para esse campeonato. Deus abriu as portas, então ele sempre esta abrindo as portas para eu passar, é o campeonato da minha vida. É uma oportunidade que a gente não teve lá atrás e está tendo agora, é o que eu estou achando desse campeonato.

7 - Às vezes a gente conversa entre a gente e eu pergunto para as jogadoras que passaram pela seleção, e o ano que vem? Como é que vai ser? Para ver se dá uma animada na gente que esta começando agora, pois a gente é novata e algumas dizem que vai melhorar e outras dizem que não vai melhorar e isso vai desanimando a gente. Já faz dez anos que eu estou no mundo do futebol e até agora não virou nada e então a gente vai desanimando porque o nosso sonho é estar no estrangeiro ou na seleção brasileira, que é para ser alguém na vida, porque se a gente optou por isso, a gente quer ser alguém na vida, às vezes a gente pensa assim, esse campeonato está sendo bom, e a gente não sabe o ano que vem como vai ser, porque igual o Galvão Bueno falou, que a prata ia dar uma força para o futebol feminino, mas até agora nada, então não estão divulgando nada, não está sendo feito nada, e a gente vai desanimando, porque a idade está estourando e a gente não sabe fazer nada, só sabe jogar bola, 25 anos e aí vai fazer o que se só sabe jogar bola? Você quer ter uma família também, então acaba ficando por aí, eu vou tentar até o ano que vem, se não der certo eu vou parar por aí, na minha opinião, porque a gente vai desanimando. (**J= tem jogadoras da seleção no seu time?**) Tem a Soró, já passou pela seleção. Ela está no Marília, tem 30 e poucos anos, eu converso muito com ela, inclusive eu conheci ela através dos jogos abertos, eu aprendi muito com ela. Ela foi minha técnica, ela me ensinou muito, ela já é velha, nós somos novatas, então para essas coisas da vida ela fala: “vocês vão ter muitas barreiras na sua vida”. Geralmente as mais velhas gostam de pisar nas mais novas, que é assim, o mundo de hoje é assim, então eu aprendi muito com ela, eu converso muito com ela, inclusive eu perguntei ontem pra ela: E aí Soró como é que vai ser o ano que vem, com esse negócio de duas divisões? Nunca teve Segunda divisão no futebol feminino. Ela disse que acha que não vai virar nada, porque ela não sabe se os times vão querer disputar a Segunda divisão, então ela não sabe, nem ela sabe o que vai acontecer. Eu pergunto muito para ela, você vai desanimando, então eu só vou tentar até o ano que vem, senão der nada no futebol, eu vou optar por outra coisa, inclusive pelo futebol eu quero começar a fazer faculdade. O ano que vem eu quero começar a faculdade de fisioterapia, pelo futebol ainda vou tirar alguma coisa. Estou pretendendo educação física, que já estou na área, ou fisioterapia. Então pelo futebol a gente tem que buscar o nosso espaço, com o futebol eu quero fazer a minha faculdade. Pelo futebol eu conheci a maior parte do mundo, Santos, Rio, então tudo foi o futebol, só tenho a agradecer ao futebol, senão fosse o futebol eu ia estar lá na minha cidade trabalhando de empregada doméstica, então tenho que agradecer, dobrar o meu joelho no chão e agradecer por eu estar aqui hoje e falando aqui com você, e agradecer a Deus porque sem ele eu não teria chegado a lugar nenhum.

8 - Ah! Não ia dar certo não. Porque a maioria dos homens não gosta de tomar olé de mulher, toma uma finta, não gostam então eles já pegam, já querem bater, não é por aí, já

levam por outro lado: “Ah! Vou levar olé de mulher”. Quer ser machista e não é por aí, então se você vai dar uma *caneta*, porque tem muita mulher que é melhor que homem, não sei se você sabe, tem muita mulher melhor que homem, dá show, dá chapéu, tudo que se imagina ela faz. Então não daria certo porque eles já iam querer bater, então acho que não ia dar certo, é uma competição, é um lazer, você está ali para se divertir, então toma um olé, perde, daí os outros, vão tirar sarro, daí já fica nervoso todo mundo, daí já quer dar pancada... Na minha opinião não dá certo, isso ai não. Não dá certo, estava jogando uma pelada, daí dei uma caneta no moleque, e ele já veio e me quebrou as duas pernas, e eu fiquei dois meses sem conversar com ele, porque era uma brincadeira e ele foi lá e quebrou as minhas duas pernas, então eu já passei por isso e te falo que não dá certo, não dá mesmo.

9 - Na minha opinião se ela se interessar por futebol, daí eu vou dar a maior força para ela, aí eu vou falar as consequências que ela vai ter, os desafios, ela vai ter muitas barreiras no caminho dela, eu vou dar muitos conselhos para ela. Se você escolher o futebol, vou te ajudar muito vou falar para você, você não vai se arrepender: você vai ter muitas barreiras pela frente, vai ter que superar tudo isso, assim como todos aqui, estão superando até hoje, todas superam, todas tem problemas, então o que eu falaria para ela do fundo do coração dela, se é isso que ela quer então é para ela ir a luta, que ela vai conseguir. Se for isso que ela quer, vou dar a maior força sempre, sempre para frente, nunca para trás, sempre andando para frente na minha opinião. (**J= Quais as barreiras que você citou?**) As barreiras são do preconceito, a família, que nem minha família no começo quando eu falei que ia jogar futebol, eu fui criada no meio de homem, com mais 3 irmãos, eu era a única menina. Então meu pai sempre pensou que eu ia ser bailarina, nunca pensou que ia jogar futebol, nunca passou pela cabeça dele, então eu tive muitos problemas em casa com o meu pai e não com a minha mãe. Como o meu irmão jogava, era jogador, ele me deu a maior força, o meu irmão, pelo meu pai eu não estaria no mundo da bola não, hoje ele já se conformou, pois ele viu que não tinha jeito, até me apóia, não da forma como eu merecia ser apoiada, mas me apóia, entendeu? Os pais dela não vão querer isso para a sua filha por causa dos preconceitos, é que nem eu falo, o preconceito confunde muito a cabeça dos pais, então pelo meu pai eu não estaria aqui não, então eu lutei contra tudo isso, então o que eu falo para ela, é que ela vai ter que começar pela família dela, se a família não está junto dela, imagine os outros, o povo, então ela tem que lutar contra todos menos contra Deus, se ela quer colocar no coração dela, na mão de Deus, ela vai chegar lá, caso contrário ela não vai chegar mesmo, se ela não for forte e conseguir superar as barreiras, que ela vai ter na vida dela, ela não vai ser uma jogadora não.

ENTREVISTA COM BIA – 22 ANOS

1 - Comecei com 9, 10, 12 anos na escolinha do Rivelino e no colégio, depois fui para a escolinha do Rivelino e depois comecei jogar mais sério no clube Pinheiros, isto já faz 10 anos, acho que foi em 1995.

2 - Futebol eu tenho no sangue desde criança, e é difícil, no começo é muito difícil a mulher jogar futebol.

3 - Hoje está bem melhor, mas tem um certo preconceito, tipo “futebol é coisa de homem, mulher não tem resistência para agüentar”, mas acho que agora vai mudar um pouco a opinião em relação a isso.

4- Porque eu acho que tem uma coisa hoje que muitas mulheres, por não terem essa abertura por jogarem futebol feminino, elas aparentemente querem se mostrar como homens e aí o pessoal começa a não saber distinguir essas coisas, por isso tem que mostrar sobre que esporte que é.

5 - Acho que a mulher não agüenta a resistência, é um pouco mais fraca que o homem, então acho que a coisa mais estressante é não estar preparada num time, e jogar contra um adversário cujo time está muito mais preparado, então acho que tem um problema muscular, físico de impacto, essas coisas me deixam estressadas.

6 - Ah o campeonato foi bom acontecer. O último campeonato foi em 2001, e não teve nada neste meio tempo, e só que eu acho que faltou um pouquinho de organização, porque jogar três dias seguidos é muito estressante pra todo mundo, todo mundo acaba se desgastando. Também jogar 40x40...Diminuíram 5 minutos, mas jogar no sol do meio dia, ou jogar a tarde é que é um desgaste muito grande. Mas eu acho que é muito bom e se eles levarem a sério, o ano que vem seguir como estão planejando acho que vais ser uma coisa muito boa para o futebol feminino.

7 - É o futebol feminino tem um problema que é difícil conseguir patrocínio e nada no Brasil não acontece se não tiver patrocínio, porque você tem uma estrutura de outras equipes. Acho que a medalha de prata de Atenas foi muito boa, e principalmente porque o masculino não foi, e então os olhos todos estavam voltados para o feminino. Mas acho que isso é uma prova de que com pouca estrutura que elas tiveram foram prata, se investir um pouco mais

pode ser ouro o ano que vem ou nas próximas Olimpíadas. Eu acho que eles têm que levar a sério para seguir um campeonato, criar um cronograma de campeonato sério durante um ano, e daí dá pra fazer campeonatos Paulistas, Brasileiros, Estadual o que for.

8 - Ah eu acho que não teria problema nenhum. Se todos os jogadores tiverem cientes e não os homens aproveitarem porque a mulher é mais fraca, se o homem tiver medo de dividir porque é mulher... porque são estruturas físicas diferentes, não tem jeito, homem ele com a mesma idade que a mulher ele tem uma estrutura física mais forte, então ele é diferente acho que vale a pena tentar para ver o que acontece.

9 - Se ela gosta ela tem que praticar. Ela tem que ter na cabeça que talvez ela não consiga profissionalismo nisso, ela tem que jogar por prazer, hoje infelizmente futebol no Brasil você não pode ter uma certeza de que vai conseguir algum tipo de carreira.

ENTREVISTA COM BIA – 22 ANOS

1 - Comecei com 9, 10, 12 anos na escolinha do Rivelino e no colégio, depois fui para a escolinha do Rivelino e depois comecei jogar mais sério no clube Pinheiros, isto já faz 10 anos, acho que foi em 1995.

2 - Futebol eu tenho no sangue desde criança, e é difícil, no começo é muito difícil a mulher jogar futebol.

3 - Hoje está bem melhor, mas tem um certo preconceito, tipo “futebol é coisa de homem, mulher não tem resistência para agüentar”, mas acho que agora vai mudar um pouco a opinião em relação a isso.

4- Porque eu acho que tem uma coisa hoje que muitas mulheres, por não terem essa abertura por jogarem futebol feminino, elas aparentemente querem se mostrar como homens e aí o pessoal começa a não saber distinguir essas coisas, por isso tem que mostrar sobre que esporte que é.

5 - Acho que a mulher não agüenta a resistência, é um pouco mais fraca que o homem, então acho que a coisa mais estressante é não estar preparada num time, e jogar contra um adversário cujo time está muito mais preparado, então acho que tem um problema muscular, físico de impacto, essas coisas me deixam estressadas.

6 - Ah o campeonato foi bom acontecer. O último campeonato foi em 2001, e não teve nada neste meio tempo, e só que eu acho que faltou um pouquinho de organização, porque jogar três dias seguidos é muito estressante pra todo mundo, todo mundo acaba se desgastando. Também jogar 40x40...Diminuíram 5 minutos, mas jogar no sol do meio dia, ou jogar a tarde é que é um desgaste muito grande. Mas eu acho que é muito bom e se eles levarem a sério, o ano que vem seguir como estão planejando acho que vais ser uma coisa muito boa para o futebol feminino.

7 - É o futebol feminino tem um problema que é difícil conseguir patrocínio e nada no Brasil não acontece se não tiver patrocínio, porque você tem uma estrutura de outras equipes. Acho que a medalha de prata de Atenas foi muito boa, e principalmente porque o masculino não foi, e então os olhos todos estavam voltados para o feminino. Mas acho que isso é uma prova de que com pouca estrutura que elas tiveram foram prata, se investir um pouco mais pode ser ouro o ano que vem ou nas próximas Olimpíadas. Eu acho que eles têm que levar a sério para seguir um campeonato, criar um cronograma de campeonato sério durante um ano, e daí dá pra fazer campeonatos Paulistas, Brasileiros, Estadual o que for.

8 - Ah eu acho que não teria problema nenhum. Se todos os jogadores tiverem cientes e não os homens aproveitarem porque a mulher é mais fraca, se o homem tiver medo de dividir porque é mulher... porque são estruturas físicas diferentes, não tem jeito, homem ele com a mesma idade que a mulher ele tem uma estrutura física mais forte, então ele é diferente acho que vale a pena tentar para ver o que acontece.

9 - Se ela gosta ela tem que praticar. Ela tem que ter na cabeça que talvez ela não consiga profissionalismo nisso, ela tem que jogar por prazer, hoje infelizmente futebol no Brasil você não pode ter uma certeza de que vai conseguir algum tipo de carreira.

ENTREVISTA COM DEISE – 24 ANOS

1 - Na escola eu jogava basquete e futebol. Eu queria ser a Paula do Basquete, tinha uma coisa assim ah! Era eu queria jogar igual à Paula joga basquete. Mas era uma coisa que parece que caiu assim, não era aquilo. Eu tentava, cheguei a jogar na categoria Infanto de basquete, mas, em um dado momento eu olhei e pensei que eu poderia fazer isso a vida inteira que eu não vou sair disso. Aí no futebol as coisas já foram acontecendo muito rapidamente. Três meses depois que eu coloquei pela primeira vez a chuteira no pé eu estava no time do São Paulo, vendo aquelas jogadoras que na época eram as melhores, eu não era

ninguém lá, era um teste, mas estava podendo viver ou observar como é que era realmente o futebol feminino.

A primeira equipe pela qual eu joguei foi a USP, jogando a Paulistana de 1998. Comecei vindo fazer um teste aqui em São Paulo, no time do São Paulo que na época em 1998 era um time muito bom e, através de um empresário, brincando lá na cidade que não tinha time feminino me trouxe para fazer um teste. Neste teste eu nunca tinha jogado em uma equipe feminina até então, o meu esporte era o basquete, não tinha nada a ver, ele viu e falou ... “*Pôxa, se fosse para eu pegar você hoje, você não teria condição de estar no meu time, mas, como você nunca jogou a gente acha que você tem um potencial e pode melhorar*”. Foi assim que eu comecei a jogar, aí eu treinei um período neste time do São Paulo, fiquei quarenta dias lá e depois disso quando foi para começar o campeonato eles enxugaram o time, então, quem não ia participar do campeonato eles dispensaram, mas, eles acabaram encaixando as meninas em outras equipes. Foi o meu caso, eles me encaixaram na USP. Eu comecei a jogar futebol, o meu primeiro campeonato foi a Paulistana de 1998 pela equipe da USP, que foi uma equipe bem fraca. Depois de lá eu passei por algumas equipes, joguei pela Matonense, e de lá eu fui para a Portuguesa onde, eu disputei o Campeonato Brasileiro que foi o último que teve, que nós ganhamos. E depois deste ano eu fui para a Matonense novamente, e de lá eu fui para o Marília para começar a faculdade em 2001 e estou até agora (2004). O que me prendeu lá todo esse tempo mesmo foi a faculdade, a princípio não era prioridade, mas, depois foi extremamente necessário que eu terminasse, agora eu estou terminando.

2 - Ah! Eu já tive problemas. De inicio assim principalmente, porque eu não tive contato desde criança sabe, quando eu entrei que eu fui para o esporte, eu já tinha 17 quase 18 anos então, era um baque, porque não era nada do que eu até então vivenciara. Eu jogava basquete, as pessoas são totalmente diferentes, os grupos, você deve entender bem disso, muda muito, é bem diferente. Eu tinha até um certo preconceito, porque a gente vê homem jogando na TV, e a gente compara então, eu tinha preconceito com o fato de a mulher jogar pior. Eu olhava as mulheres jogando, eu jogava ainda pior que elas...Hoje mudou, vejo que sou uma defensora da mulher poder jogar futebol, pode jogar e fazer o que quiser, porque não vai deixar de ser mulher só porque pratica um esporte, mas ela vai jogar contra outras mulheres, não é um esporte como qualquer outro. O baque de jogar futebol está relacionado ao fato das mulheres que jogam futebol serem mais duras, mais firmes, então, eu achava que queriam e pareciam com os homens, isto a princípio, hoje eu vejo naturalmente.

3 - Nossa! Isso não é tão natural, não é totalmente natural. Eu percebo que as pessoas que convivem no meio do esporte, claro aceitam. Mas você fala para uma pessoa principalmente, de certa idade, que você joga futebol, ela vai te olhar e perguntar de novo, não vai compreender de imediato,e porque não é ainda tão natural, eu acho que é isso.

4 - Isso é interessante, porque não é uma coisa só com o futebol feminino, apesar de não estar escrito mas, também quando vão citar, eles colocam o nome das jogadoras (nomes de mulheres) e colocam futebol feminino. Eu percebo que assim, talvez acho que no Voleibol que não têm muito isso, mas, tem Basquete feminino é uma pergunta interessante mesmo, porque todas as equipes colocam lá futebol feminino é até hoje eu não tinha parado para pensar isso, não sei te responder não. Ah! Claramente acho que é pra diferenciar, porque para identificar para as pessoas que existe futebol feminino, muita gente não sabe. Na minha cidade, em Marília, por exemplo, onde eu moro agora têm pessoas que não sabem que existe time de futebol. Então, se você usa uma camiseta de futebol, não vão achar que é tua, que é da sua equipe, vão achar que você está usando de uma equipe masculina. Acho que é para identificar mesmo, porque é desconhecido ainda para muita gente, não é uma coisa que todo mundo identifica, tem gente que não sabe. Essa medalha de prata ajudou a divulgar muito, mas tem gente que não sabe.

5 - Nossa! Teve algumas assim, mas é, geralmente quando você perde a oportunidade de ganhar um torneio, um campeonato. Teve mais de uma, a mais recente, por exemplo, foi nós termos perdido na semifinal para uma equipe que veio daqui de São Paulo, uma equipe tipo alugada, nós temos o time o ano todo, a prefeitura mantém o time, o secretário de esportes apóia a equipe, contando com que a gente ganhasse como sempre acaba acontecendo. Eram os Jogos Regionais, o campeonato regional que dá direito a disputar os Jogos Abertos do Interior e, nós perdemos a semifinal. Foi realmente frustrante porque o trabalho quase de um ano todo, e que se perde é desesperador, mas, qualquer derrota, hoje a gente está vindo de uma derrota que pode de repente ter marcado a nossa saída do torneio é terrível, é estressante. Até comentei com as meninas que toda vez que eu perco assim, eu penso em parar, porque é desumano como a gente fica mal sabe, se sente frustrado, incapaz é terrível então, eu acho que derrota sempre é estressante. E tive problema também, quando fiz uma cirurgia no joelho mas, que não é tão estressante foi um momento difícil mas, que não é tão estressante quanto você falhar, tipo eu falhei não é só no esporte, qualquer pessoa pode falhar (ela citou isso porque neste dia o time perdeu o jogo no último minuto).

6 - Acho que todo incentivo é válido. Eu já vi muitas coisas e pessoas até se sacrificando, o próprio secretário de esportes de Marília, eu acho que todo o incentivo é necessário, porque a gente precisa desse espaço. Foi de uma forma não muito pensada e talvez até desorganizada, eu digo não no sentido de organização aqui, da estrutura do local mas, assim do tempo com certeza é um campeonato corrido, existe até a possibilidade do time que chegar a final e vencer de não sido o melhor time na competição. Porque você jogar três jogos e de repente o terceiro você pode continuar com a tua melhor equipe, ou às vezes alguém se machuca e não consegue jogar algumas horas depois... Mas eu acho que é válido pelo incentivo, alguma coisa tem que ser feita é um passo inicial que eu acho importante.

7 - Eu sou otimista e vejo que foi assim, um grande passo para a gente, e que com certeza eles vão ter que dar alguma resposta. Não foi qualquer coisa assim, não foi uma coisa esporádica, não realmente quem acompanhou o torneio olímpico, mobilizou mesmo, viu que a mulher aqui no Brasil também joga futebol, e tão bem quanto os homens. E eles vão ter que dar uma resposta politicamente dizendo ou fazendo alguma coisa. Acho que este campeonato é uma resposta disso, pôxa ele existe, está aí, na verdade foi uma benção para o futebol feminino, na situação que se encontrava, o que vier vai ser lucro e eu acho que vai melhorar sim.

8 - Ah! Eu acho que não é possível, não dá para comparar. O futebol é um esporte de força e explosão, isso acontece com times masculinos, por exemplo, uma equipe forte fisicamente e uma equipe que é técnica, e de repente a com mais força física consegue se sobressair, porque dado o tamanho do campo, a força física conta muito e isso não tem como a mulher fazer, ela é mais fraca que o homem, isso é biológico, não tem e não há o que discutir. Acho que pelo fato de isso já ser uma coisa que não tem como mudar é biológico, a mulher pode chegar bem próxima, ela pode, mas não vai conseguir se equivaler ao homem. Dizem que no futuro, eu até estava lendo, as pessoas acreditam que a mulher pode, mas hoje não. Mas tecnicamente a mulher pode ser tão habilidosa quanto o homem isso eu não tenho dúvida.

9 - Eu estou me formando em Educação Física agora, então, com certeza eu ainda vou ver muito isso, eu acho que é inclinação natural que se ela quiser jogar com certeza eu vou incentivar, se ela quiser Ballet, se quiser Vôlei eu acho que tem que deixar ela optar, dar as opções e ela optar e se quiser futebol, porque não futebol? É saudável, pôxa eu penso assim, quem nunca jogou futebol, mulher que nunca jogou futebol poderia entender, às vezes, porque o namorado troca ela para ir a uma partida no final de semana. Porque é gostoso

demais, a emoção do gol aquela coisa que tem no futebol. Então, para que negar isso a outras mulheres que tenham vontade de saber como é que é? Eu incentivaria sim.

ENTREVISTA COM ELZA – 27 ANOS

1.Comecei com 8 anos de idade com os moleques na rua, meus coleguinhas. A gente brincava de esconde-esconde, pega-pega e tal, aí inventaram de jogar futebol e me convidaram, eu fiz o gol e gostei. Então resolvi que eu queria jogar futebol e graças a Deus estou lutando. O futebol feminino é realmente muito difícil, mas é aquela coisa: quando você gosta do que faz, você esquece das dificuldades e procura sempre estar seguindo .

2.Acho que é um esporte coletivo onde, geralmente, as mulheres sabem que quando tem união, uma entende a outra. Como é coletivo tem que ser aquela força. Coitado do técnico, porque imagina 22 TPMS... ele tem que ser bem forte assim neste lado, mas a gente se dá bem. É bom. Nada a ver, é como um outro qualquer.

3. Hoje qualquer um vê que ainda tem aquele preconceito todo... mulher jogando futebol! Sempre vai ter, mas eu acho que a gente está conseguindo mudar este quadro, está mostrando que é um esporte coletivo como qualquer outro e que a gente consegue fazer lances muito legais pra as pessoas que vão assistir e geralmente gostam. E estamos aí, estamos lutando.

4 - Porque ? Porque é mulher. Não é porque é futebol que tem que ser masculinizado, Não sei, é o que somos, mulheres, e estamos aí lutando.É futebol, e o povo tem que enfiar na cabeça e olhar, tem que parar para ver feminino que é diferente. É diferente, é gostoso de ver e tem a mesma emoção que o masculino. O povo tem que enxergar que é feminino mas não tem nada a ver, e que é diferente a força física deles, mas claro nós também temos a nossa força física.

5 - É você ter que mudar um resultado. De repente você toma um gol, você sente que o time fica um pouco abalado. É um desafio, aquilo ali é um desafio, você tentar reerguer o seu colega, incentivar a ir para cima e tentar mudar o quadro do jogo. É estressante, mas é uma das melhores coisas: tentar reverter e conseguir.

6 - Achei uma iniciativa muito boa. A gente não está acreditando até agora porque terminou os Jogos Abertos do Interior e achamos que íamos ficar paradas até acabar o ano, e de repente vem esse campeonato. A gente ficou muito feliz pois é uma vitrine para realmente

ver os times que estão na ativa e como é que estão as coisas. As pessoas geralmente sabem que tem um time, só que não acompanham, e reunir todos esses times fica bem mais fácil do povo olhar.

7 - Eu acredito que vai melhorar afinal não é possível uma coisa dessas. O povo vai dar mais valor. Têm pessoas que não gostam de futebol, não dão bola, mas vão acabar entendendo que o futebol feminino está aí, que têm as meninhas que estão começando e se Deus quiser eu vou ver o futebol crescer. O futebol feminino nunca vai chegar ao estado do masculino, com certeza isso aí gente tem ciência. Mas quando a gente gosta do que faz, ama o que faz, a gente torce para que ver o futebol feminino mais estruturado.

8 - Cinco homens? O técnico ia ter uma dor de cabeça danada! Ele ia ter encaixar muito bem as teclas. Mas na minha opinião era colocar as melhores, o que ele acharia o máximo colocar junto com os caras. Logicamente precisaria um preparador específico muito bom para as meninas e para eles. Nossa... ia ser muito legal, eu adoraria ver um futebol misto, ia ser interessante, porque uma mulher com um preparo físico bom não deixa tanto a desejar não.

9 - Com certeza vai muito da vontade dela, se ela gosta do que faz, tem mais que seguir adiante. Eu daria o maior apoio com certeza. Hoje em dia já têm muitas meninhas que estão jogando, estão aí. Se ela gosta do que faz, tem que seguir, tem que enfrentar o preconceito, tem que “meter as caras”.

ENTREVISTA COM FLAVIA – 26 ANOS

1 - Comecei com 15 anos numa escolinha de futebol do Rivelino e jogo no clube Pinheiros desde aquele momento, joguei na faculdade, tive bolsa pra jogar, joguei na pós-graduação e hoje estou somente no clube Pinheiros.

2 - Eu acho muito legal fazer um esporte que tem um grande preconceito, pois assim eu me sinto bem em falar que eu jogo futebol e mostrar que mulher também pode jogar futebol.

3 – Num primeiro momento sempre houve muito preconceito, mas hoje as pessoas torcem, gostam, entendem e me apóiam. Mas sempre no primeiro momento rola um preconceito, achar que mulher não vai jogar, mas no final a gente mostra o que é e faz.

4 - Acho que a gente tem que provar que tem futebol feminino, e você escrever futebol feminino também é mostrar que eu sou mulher e jogo futebol. Não adianta você estar com um agasalho e todo mundo achar que você joga vôlei, basquete, handebol e menos futebol então a gente quer escrever futebol feminino.

5 - Acho que a convivência em equipe, é difícil conviver com muitas meninas...

6 - Acho que é um campeonato de equipes muito fortes e mostra que o futebol tem como ir para frente e que a gente tem que lutar, realmente continuar. Eu estou muito feliz em estar aqui, realmente é um sonho participar de um campeonato como esse com organização. Quando eu era pequena não tinha nada disso, acho que hoje é um sonho meu.

7 - Acho que é muito cedo para os próximos dois anos eu não acho que é acho que já evoluiu, estamos evoluindo, com essa medalha é um grande passo, mas eu acho que nos próximos dois anos ainda vai ser devagar. O futebol feminino ainda é muito novo, mas eu acho que a gente tem que lutar para as próximas gerações que vierem, conseguir isso impõe respeito, mostrando também que o futebol feminino tem que ter o seu lugar. Daqui a dois anos vai ter melhorado, tem que evoluir mais ainda. Acho que nunca vai ser o esporte valorizado que a gente quer que seja, eu acho que ainda é um pouco complicado ainda é novo o esporte.

8 - Não sei. Eu acho que ainda é um pouco difícil, como todo esporte tem uma diferença principalmente uma diferença física. Acho que seria interessante mas não é exatamente isso que eu imagino para o futebol. Acho que tem que ser realmente com suas determinadas diferenças, mas com qualidade dos dois lados como é hoje um jogo de tênis de qualidade, um jogo de vôlei de qualidade. Homens e mulheres sempre terão suas diferenças, mas cada um pode mostrar seu melhor dentro de campo, em separado.

9 - Sem dúvida! Jogar futebol é tão bom quanto qualquer outro esporte, a não ser assim como futuro, como profissão realmente no Brasil não é ainda um bom lugar para o feminino. Como esporte sem dúvida nenhuma eu aconselharia sim.

ENTREVISTA COM GABI – 27 ANOS

1 - Futebol eu comecei brincando na rua e na escola, mas na verdade, o esporte que eu comecei a praticar mesmo foi o vôlei. Depois eu percebi que não tinha altura e eu já gostava

de futebol, já brincava, aí montamos um time lá em Jacareí, mas era um time de final de semana, não tinha estrutura nenhuma, não tinha área, não tinha nada, juntava uma “galera” e íamos jogar, só se encontrava mesmo em dia de jogo, era uma farra na verdade. Na época eu era a mais nova do time, eu tinha 16 anos, para mim era tudo novidade. Porque até então, eu nem sabia que existia campeonato feminino, para mim era só ali na rua mesmo, se hoje já não é tão divulgado, antes era bem menos. Comecei assim, encontrava uma turminha e íamos jogar, e eu ficava meio perdida, eu não conseguia me soltar, eu jogava, sabia jogar mas não sabia nada de posição ainda. O que eu gostava era de fazer gol, desde o começo, foi assim e eu não mudei de posição, eu sempre gostei de fazer gols. Eu nem sabia as posições direito, depois foi ficando uma coisa mais séria, arrumei um time de Jacareí, começamos a treinar, aí desde lá até agora eu não parei, sempre joguei em time que era tudo certinho, era treino de final de semana. Sempre com dificuldade, nunca foi fácil, quando eu comecei eu só estudava então, eu jogava quando dava e estudava. Nem trabalhava ainda, hoje é bem mais difícil, pois mesmo eu estou em um time, mas, eu não treino junto com as meninas, para mim é mais difícil, eu saio do serviço e tenho que correr, o meu treino é separado delas, porque eu trabalho o dia inteiro e só posso treinar à noite e elas treinam durante a tarde. É bem mais difícil, mas o técnico Marcio confia na gente, conversa, fala, dá chance. E atualmente as coisas melhoraram bem de quando eu comecei até agora, mais nunca foi fácil, aconteceu muita coisa, muito preconceito sabe quando eu comecei mesmo era assim, o pessoal falava: ah! Ela joga futebol! Pronto já sabe, já olhava com outros olhos, era bem complicado na época.

2 - Desde pequena eu já gostava, para mim era uma coisa normal. No entanto, no meu bairro a única mulher que jogava era eu, e eu achava uma coisa normal, eu entrava e brincava com os meninos, eu achava normal. Mas depois quando você começa a conhecer o povo que trabalha no futebol feminino...Hoje eu vejo que é uma coisa diferente é um dom na verdade, porque acho que apesar de que para mim futebol não é coisa de homem, futebol é para quem sabe, hoje futebol é para quem sabe e não é mais coisa de homem. Mas eu me sinto assim privilegiada, porque é uma coisa que nem todas as mulheres têm, não é um dom que todas têm, principalmente por ser mulher e ser um esporte mais masculino do que feminino... Na verdade, eu me sinto privilegiada, acho que o futebol feminino agora está crescendo mais e tal, muitas meninas novas estão jogando bem, antigamente não, eram algumas só e hoje são muitas que jogam de igual pra igual então, eu me vejo assim me sinto privilegiada.

3- Lá onde eu moro, eu moro lá desde pequena, sempre onde eu passo, principalmente, agora que o nosso time passa o resultado na televisão, o pessoal adora. Quando eu jogava com os

homens lá do meu bairro todo mundo ia assistir, dava apoio, minha família maravilhosa dá apoio total, eles não podem acompanhar, difícil alguém da minha casa assistir um jogo meu muito difícil, porque eu moro em Jacareí e jogo pelo São José, então às vezes, é longe, hoje é aqui em Cotia. Eles dão o maior apoio, minha mãe, meu pai adora que eu jogue futebol, primeiro que o esporte faz bem para a saúde, na minha família, que é enorme, eu sou a única que pratica esporte. Bem, tem a minha irmã que faz também, ela faz Lambaeróbica, só que agora ela já parou também, mas assim esporte mesmo eu sou a única então, eles dão o maior apoio, só que eles não podem acompanhar, mas dão a maior força, tudo que eu precisar, sabe nunca me negaram nada, eu tenho apoio dos meus patrões também, porque eu trabalho hoje e eles me deixaram vir até aqui, eles gostam e acham legal, por ter mulher na minha loja que joga futebol como não vão deixar, eu tenho um apoio legal.

4- Ah! Acho que é uma coisa assim que se alguém estiver vendo uma camisa de uma menina escrito futebol deve achar que alguém da família dela joga, ou ela gosta de futebol, entendeu? Então, é bom para divulgar isso também tem gente que não presta atenção, não gosta de futebol, vê na camisa da menina futebol feminino, ela joga futebol feminino, tem gente que para e pensa que é interessante. É legal isso, mas, se você sair só com a camisa de futebol vão achar ela gosta de futebol, o namorado dela joga futebol, o irmão dela joga futebol, não vão entender. Então tem que ter o futebol feminino para você e para outros também, para as companheiras dos outros times também. Eu acho legal, eu gosto de andar com camisa escrito futebol feminino, eu gosto de chamar atenção assim. Nossa olha, eles dizem, essa menina joga futebol feminino! Muito difícil alguém ler e falar: nossa credo, que horror, existem pessoas que pensam assim, mas, a maioria não, acha legal, acham interessante.

5 - Eu já passei por muita coisa estressante sabe, mas, às vezes, a gente pensa assim: "ah! Não eu vou parar de jogar!". Eu vou, mas não dá, é uma coisa que está no sangue já e você pode passar por estresse, mas não para. Mas para mim, as situações mais estressantes que eu já passei foi de não poder estar com as meninas treinando, isso para mim... Nos Jogos Abertos mesmo eu não pude ir, porque eu não estava treinando não estava com o time assim então, para mim quando as meninas estavam nos Jogos Abertos eu não conseguia trabalhar, eu estava trabalhando, mas, para mim foi uma semana horrível para mim, porque eu sei que, no entanto, o professor Marcio ele chegou para mim depois e falou: Olha você não está indo agora porque você não teve tempo e não está tão integrada no time como as outras. Então, para mim foi naquela semana foi a sensação pior que eu tive de todas, porque eu nunca fiquei fora apesar de trabalhar, eu sempre estava no time, mas até entendo que tinha pessoas

que estavam em melhores condições que eu. Para mim foi essa vez, foi muito estressante e eu não tinha cabeça para trabalhar enquanto elas jogavam lá.

6 - Sinceramente, eu disputei dois campeonatos paulistas, mas, na época eu disputei por Taubaté eles foram convidados. Esse ano está sendo um campeonato totalmente diferente, porque vários times estão tendo mais chances, não tem time bobo neste campeonato, são 32 equipes, e isso está ajudando muito e eu acho muito legal isso, porque estão dando chances, porque têm cidades aí com times bons, meninas boas e não tinham essas chances antes, não era qualquer time que podia disputar um paulista. Então, eu estou achando muito legal isso, esse quadrangular que estão fazendo separado, muito legal estão dando muita oportunidade para os outros times também, e eu tenho certeza que vai crescer muito este campeonato paulista. Este ano está sendo assim, vamos ver como é que vai ser no ano que vem, mas eu acho que vai crescer muito, vai dar chance para muitas meninas que estão começando por aí, que têm chance de estourar, porque o Brasil tem muitas meninas boas espalhadas que a gente vai descobrir assim através dos campeonatos. Este paulista está sendo realmente uma vitrine, principalmente pra quem está começando.

7 - Eu acho que essa foi a porta que começou a se abrir para a gente. Porque até então, nas Olimpíadas anteriores, as meninas não tinham estrutura alguma, não era culpa delas, tinha jogadoras, mas não tinha estrutura, não tinham tempo certo de treinamento, elas se reuniam de última hora... Na verdade o Brasil nunca foi assim, um país para dar total força para o futebol feminino. Mas agora que elas puderam mostrar o trabalho técnico delas, da comissão lá, que o Brasil tem chance de ganhar. Infelizmente, naquele jogo da final mesmo, elas tiveram uma deceção, porque foi pênalti e eles não deram, mas abriu realmente, e acho que este Paulista até abriu a cabeça das pessoas para ver que o futebol feminino no Brasil tem chance de crescer e muito. E eu acho que essa medalha foi muito importante, se fosse de ouro seria mais, mas acho que a de prata serviu para mostrar que a gente chegou na final de um Campeonato, de uma Olimpíada, não é fácil, fora do Brasil tem muito campeonato europeu, e todo mundo sabe que tem muitas meninas que jogam mesmo, jogam melhor que homem até. Nos Estados Unidos, por exemplo, o futebol feminino lá é mais bem visto do que o masculino. Assim, eu acho que foi uma porta que se abriu mesmo e com certeza vai melhorar muito a partir daí e principalmente, para quem está começando.

8 - Ah eu não sei, particularmente eu acho que não ia dar certo não, porque primeiro os homens...Eu acho que não iria ser a mesma disputa, eles não iriam querer dividir a bola com as mulheres, tem homem que sim, outros que não, que não iriam gostar de disputar bola com

mulher, porque ia ficar com dó, não sei, eu nunca tinha parado para pensar nisso. Você me pegou de surpresa, eu acho que não ia dar certo não, porque o homem tem o futebol diferente, tem uma coisa assim diferente da mulher, a mulher tem outro estilo. Não é a mesma coisa, não é o mesmo futebol então, acho que não ia dar certo não. Acho que os homens iriam tirar o pé, iriam deixar as mulheres fazerem gols, deixar passar e não é bem por aí, acho que não iria dar certo não.

9 - Eu acho assim, aconselharia se ela estivesse a fim mesmo, não se ela fosse escolher o futebol ou escolher um esporte, chegar e dizer: ah! faça futebol, não sei é muito difícil vai depender da pessoa mas, se ela vamos supor chegassem e perguntassem para mim o que você acha optaria pelo futebol eu iria dar o maior apoio, o maior incentivo principalmente, agora para uma menina de 10 e 12 anos tem mais chances de crescer agora do que quando eu tinha 10 e 12 anos na época então, eu daria a maior força e o maior apoio, dicas principalmente, daria algumas dicas e com certeza eu iria apoiar.

ENTREVISTA COM HELEN – 27 ANOS

1 - Desde pequena eu jogava futebol, eu sempre tive apoio da minha família, eu acho que sou uma sortuda, eu nunca tive algum problema com a minha família por jogar futebol, então desde pequeninha eu jogava. Agora, praticar futebol, competir, só comecei há 6 anos lá em São José onde eu jogava futsal e continuo até hoje.

2 - Eu acho que é normal, acho que você pode levar as duas coisas normalmente, eu jogo futebol porque é um esporte legal, acho que é um esporte bonito, bom para o corpo, eu gosto de praticar e ao mesmo tempo nada me impede de ser mulher, nada me impede de cuidar de mim, cuidar da minha beleza, acho que uma coisa é uma coisa e outra coisa é outra coisa.

3 - Já os demais, eu não ligo, podem falar o que quiserem, em casa me apóiam, o resto eu não preciso.

4 - Acho que é justamente isso, futebol feminino, porque a gente vive num país que é muito preconceituoso e principalmente no nosso esporte se a gente não colocar futebol feminino acho que piora ainda. Por outro lado tem que colocar futebol feminino para mostrar mesmo que é o futebol feminino, porque, não sei, tem que ser, não sei como falar.

5 - Preconceito, acho que esse é o fundamental, acho que de 10 meninas que você perguntar todas vão falar preconceito.

6 - Eu acho bom, na verdade foi bom que eles mais uma vez estão dando essa... Tentando fazer crescer, acho que é por aí, acho que tinha que dar um começo acho que futebol tinha que ser assim, do jeito que está sendo esse campeonato paulista tinha que vir. Eu fui na abertura e vi o que o secretário de esportes falou, a idéia que ele tem para o futebol feminino no estado de São Paulo, ele deixou bem claro que esse ano ainda seria amador, mas que para o ano que vem ele quer que isso se transforme em um campeonato profissional. Mas acho que foi bom porque é um começo, teve um começo, teve um pontapé inicial, para que isso não caia e fique só no papel tem que ter a prática.

7 - Eu acho que o futebol feminino mostrou que tem capacidade de ir muito mais além, porque mesmo sem apoio, que o futebol feminino não tem, conquistar essa medalha de prata já é muita coisa, é muito importante. Porque daqui a dois anos ou daqui a quatro, eu quero, e todo mundo espera que as pessoas possam olhar e dar muito mais valor e valorizar o futebol feminino, é o que todo mundo quer.

8 - Eu não acho que é legal não, é igual o que a gente estava falando no exemplo agora do vôlei, você não vê um time misto no vôlei, porque teria que ter no futebol? Acho que não, como tem apoio no futebol masculino, tem que ter apoio no futebol feminino, acho que é assim que tem que ser, não tem que misturar as coisas, acho que tem que dar o apoio sim.

9 - Eu aconselharia, acho que sim, como eu falei, acho que futebol é um esporte como outro qualquer e é bom para o corpo, é bom para a mente, é bom pra você. Acho que é um esporte completo, é um esporte bonito, então eu aconselharia qualquer uma amiga minha de 10,11 até de 20 a jogar futebol.

ENTREVISTA COM IARA – 25 ANOS

1 - Comecei jogar futebol meio tarde, eu tinha já uns 17 anos pra 18 anos, comecei no Pinheiros mesmo quando começou a ter futebol feminino, nunca joguei pela faculdade. Minha experiência é no Pinheiros desde 1995.

2 - Eu acho interessante. Acho que todo mundo vê como sendo uma coisa diferente acho que é um desafio para a gente jogar futebol e ser mulher ao mesmo tempo, num país que ainda tem muito preconceito, de que o lugar no campo é dos homens e não das mulheres.

3 - Ainda tem muito preconceito, aos poucos vai melhorando, mas ainda existe muito preconceito, principalmente dos homens. As mulheres geralmente incentivam, os homens não tanto.

4 - Acho que só se define sendo uma categoria diferente, não sei se isso é uma coisa tão marcante assim. Geralmente quando as pessoas vêm de fora elas não imaginam que tipo de mulher joga futebol, mas o fato de ser futebol feminino e só para definir uma categoria.

5- Acho que a parte mais estressante realmente é o cansaço físico. A gente está vendo isso agora. O que mais me estressa, além de final de campeonatos, é o cansaço físico.

6- Acho que as perspectivas são boas, no momento que o Brasil ganhou a medalha, logo em seguida todo mundo ficou empolgado. Querem criar campeonatos novos e tentam inovar, surgem mais coisas para incentivar o futebol. Mas eu não tenho grandes perspectivas não, o futebol feminino no Brasil é uma coisa complicada de se desenvolver justamente pela tradição muito grande do masculino e mesmo que o pessoal se empolga pela conquista, mas acho que depois de um tempo acaba esfriando, então as minhas expectativas não são as melhores não.

7- Acho legal, acho uma iniciativa muito legal deles quererem fazer este campeonato. Porém, eu tenho grandes queixas em relação à organização na questão de ter 3 jogos seguidos, coisa que no masculino não existe. Já é difícil a mulher jogar e ainda eles colocam esta etapa para a gente que é muito desgastante fisicamente. Esta é uma reclamação grande para este campeonato, mas a iniciativa é muito legal desde que a organização seja bem feita.

8- Eu acho que as mulheres levariam muito a sério, para elas seria super interessante, elas ficariam super empolgadas mas os homens não levariam muito a sério, com certeza para eles não passaria de uma brincadeira.

9- Com certeza indicaria, se é o esporte que ela gosta eu não teria a menor dúvida que ela tem que seguir o que ela gosta de fazer.

ENTREVISTA COM JULIA – 22 ANOS

1- Iniciei em 1998, em escola de futebol feminino, logo depois fiz teste e olheiros me indicaram para o São Paulo, onde me firmei. Então joguei no Juventus, Nacional e Portuguesa em São Paulo, Internacional de Porto Alegre e atualmente estou a dois anos no São Bernardo. Participei também da Seleção Brasileira, Principal e Sub 25.

2– Eu me vejo normalmente, apesar de saber que o espaço conquistado pela mulher no futebol é muito pequeno ainda.

3- A mulher hoje em dia, demorou muito para conquistar seu espaço no futebol, o respeito das pessoas, pois era muito criticada, que o lugar da mulher era na cozinha, lavando roupa. E hoje a mulher está provando o contrário, pois a mulher já tem um espaço dentro do futebol e ainda pode fazer e conquistar muitas coisas.

4- Nunca reparei e o porque eu não sei.

5- Falta de patrocínio e incentivo.

6- O Campeonato Paulista de 2004 foi uma ajuda que a gente teve para ter campeonato, para mostrar que existe Futebol Feminino. Mas o campeonato foi muito “prejudicado” pelo fato de terem muitas equipes e um espaço muito curto para ser realizado, os jogos eram realizados nas Sextas, Sábados e Domingos, descansava durante a semana e se repetia a freqüência. As equipes não estavam preparadas para disputar um Campeonato neste ritmo.

7- As perspectivas são enormes, agora que as meninas chegaram próximas do ouro, já se sabe que elas podem conseguir o ouro, apesar de terem sido prejudicadas mais pela arbitragem que pelo futebol.

8- Não concordo em jogar mulher e homem junto, o corpo e a resistência são diferentes e iria apagar a imagem tanto do futebol Masculino quanto a do Feminino, uma ou outra apresentaria um bom futebol e daria seqüência a sua carreira.

9- Aconselharia, mas ela tem que fazer pelo prazer de jogar e não obrigada pelos seus pais. Muitas vezes os pais colocam a filha no Ballet e esta tem que ser a melhor bailarina, mas a opção dela é jogar futebol, e se ela se sente à vontade jogando futebol, tem que ir em frente.

ENTREVISTA COM KELLY – 23 ANOS

1- Começou como brincadeira de criança na rua com os meninos, eu jogava assim, brincava com eles. Depois eu fui para o Colégio e entrei no time da escola, desde então eu comecei a jogar, daí o professor teve o interesse maior e ele me indicou para um time de salão, então eu comecei a jogar salão na minha cidade que é Botucatu e depois, eu fui para um time de campo. Desde então eu estou jogando.

2- Acho uma coisa natural, mas que a sociedade ainda discrimina muito. É natural porque hoje a busca está aumentando cada vez mais. O exemplo são as meninas que foram para as Olimpíadas, foram super bem lá, e servem de modelo. Porque o masculino teria a obrigação entre aspas de estar lá, e foram as meninas que levaram, foram lá e demonstraram a força que tem mesmo o futebol feminino.

3- A minha mãe sempre apoiou, ela é daquela que fala “você faz o que você acha e o que você realmente gosta, se você gosta de coração não tem porque não fazer”. Ela sempre me apoiou, meus familiares também, só a minha cunhada que é meio do contra, mas, todo mundo entende, porque eu moro fora já há dois anos, todo mundo dá total apoio, tanto que as minhas sobrinhas já falam que estão querendo e que vão jogar também.

4- Eu acho que é mais um símbolo, não que eu ache que é mais indicado ou correto assim, mas é mais para diferenciar mesmo, mostrar que é o feminino que está jogando. Porque já tem todo um problema de preconceito, tem toda uma coisa que envolve o futebol feminino, e é legal assim e também acho que seria legal estar mudando o padrão dos uniformes, as medidas e fazer uma coisa bem mais feminina mesmo.

5- Principalmente em jogos mais difíceis e importantes a pressão é maior, nós, por sermos mulheres, o psicológico é afetado mais facilmente porque é mais sentimental, é mais sentimento que envolve, e a gente é bem mais frágil, No masculino, os meninos lidam com mais facilidade com determinados assuntos, as coisas são mais fáceis para eles, para nós não, pelo fato de ser mulher, então, a gente se abala mais. Mas daí quando a gente entra em campo tem que separar tudo, deixar lá fora tudo que você tiver passando.

6 - Ah! É interessante, acho que isso daí já deveria ter sido feito há mais tempo, porque é bom, porque têm muitos times e muitas meninas boas e, principalmente isso é uma

oportunidade para o pessoal do interior, para eles verem o pessoal do interior, que tem muitas meninas boas. Eles não olham para esse lado, nunca mandam um olheiro, pensam que a força está só na Capital e não é, tem que tirar essa coisa que já está rotulada que só na Capital tem menina boa de bola, menina em nível de seleção. Acho que é de suma importância, isso daí já deveria ter sido feito há muito tempo porque também já é mais um estímulo para a gente querer treinar cada vez mais, jogar cada vez mais e alcançar mesmo a meta, o nível de seleção.

7 - O que as meninas fizeram lá foi uma coisa muito bacana, muito legal, chegaram, todo mundo desacreditou, ninguém acreditava e não botava fé no futebol feminino e elas foram lá e mostraram o contrário. Mas infelizmente no Brasil não tem como, tanto que a maioria das jogadoras está saindo para fora, porque lá dá, eles investem realmente no futebol feminino, dão assistência e no Brasil ainda é bem fraco.

8 - Ah! É interessante, eu sempre joguei com os meninos, nós mesmas, a gente treina com os meninos, para exigir mesmo da gente, assim é super normal e super natural porque eles respeitam também e na hora que é para chegar junto eles chegam. Eles não querem e não admitem perder para nós, e em todos os coletivos eles perdem e daí, eles ficam ferrados com a gente porque em todos os coletivos a gente ganha, às vezes, eles estão ganhando a gente vai lá e empata e vira o jogo, eles ficam mordidos mesmos mas, eles não aceitam não, eles respeitam, mas na hora que tem que chegar eles chegam.

9 - Eu até aconselharia fazer porque eu gosto, mas o preconceito ainda é muito grande. Então, tem uma série de coisas que envolvem isso, a pessoa vai sofrer muita pressão, é muita intriga, muita coisa que não tem, e só quem está dentro sabe ver e diferenciar. Mas para minha sobrinha mesmo que fala que vai jogar, as minhas duas sobrinhas, o que eu puder dar de apoio pra elas eu vou dar, mas, têm outras modalidades interessantes, eu já joguei de tudo, parei no futebol porque eu realmente gosto, me chamou mais a atenção, eu já joguei de tudo sem problemas.

ENTREVISTA COM LAURA – 24 ANOS

1- Já joguei pelo Santos, em Minas Gerais, pela Seleção Brasileira e atualmente estou em São Bernardo.

2- Para mim não existe isso, é tudo igual.

3- Para mim não existe isso, é tudo igual.

4- Para diferenciar um pouco, é mais apertadinho.

5- Falta de patrocínio e de interesse, até dos participantes.

6- Está sendo bacana, corrido mas bacana.

7- Agora vai para frente, junto ao Campeonato Paulista.

8- Não acho certo, o homem é muito mais forte que a mulher.

9- Não, indicaria outra modalidade.

ENTREVISTA COM MIRIAM – 25 ANOS

1- Comecei mais ou menos com 15 anos jogando futsal num time de um clubinho perto da minha casa. Fiz um teste, passei, e depois comecei a jogar futebol de campo, joguei pelo Botafogo do Rio de Janeiro, e também pelo Barra de Teresópolis, fomos campeãs cariocas em cima do Vasco, joguei com a Graziela que jogou na seleção brasileira e ela me convidou para jogar no time do Botucatu e hoje graças a Deus estou disputando a paulistana

2- É meio difícil, todo mundo fala que futebol é para homem. Eu gosto, desde pequena eu jogo e meu pai sempre me incentivou, até hoje incentiva, se puder estar nas cidades comigo ele vai. Minha mãe também, minha família toda incentiva. Agora, é ruim ficar longe da família, sou do Rio, hoje estou em São Paulo, amanhã posso estar no Sul...Sempre tentando o melhor, claro que estou com 25 anos, já não tenho mais esperança nenhuma e nem quero, mas de repente chegar a seleção.

3- Aí é o tal do preconceito, futebol é para homem, mulher tem que guiar um fogão, arrumar a casa, aquele coisa meio machista que os homens fazem. Mas depois das Olimpíadas e algumas coisas atrás que aconteceram, deu para perceber que futebol também é para mulher tanto no salão quanto no campo.

4. Já para mostrar que são mulheres, são femininas, meio que dizendo não só futebol mas também definindo o sexo.

5- Às vezes coisa de alojamento é meio estressante, muita mulher, cabeça diferente cada uma pensa de um jeito tem um gênio totalmente diferente. Eu sou muito calma e convivo com meninas que são muito nervosas.Um banheiro para 12 mulheres, na casa onde eu moro tem um banheiro para 12 mulheres, às vezes isso é muito estressante. Também é estressante querer que o futebol melhore, melhore e melhore e nunca melhora, fica meio difícil.

6- Já há bastante tempo eu tenho este sonho de jogar a paulistana, e esse ano graças a Deus e a oportunidade que o professor está me dando, e a Graziela que me convidou para vir jogar, eu consegui. Eu me machuquei, mas joguei três jogos bem, apesar de ter sido meio corrido o campeonato...Está parecendo ser bem mais organizado que o carioca e eu já disputei quatro campeonatos cariocas, e aqui mesmo sendo rápido está parecendo ser bem mais organizado .

7- Falando no geral eu gostaria que melhorasse bastante, que os clubes ajudassem e os patrocinadores também chegassem junto. Não é para mim, que daqui um tempo já estou parando de jogar futebol, mas, sobretudo para as meninas que estão vindo ainda pegar de repente o filé mignon que a gente só roeu o osso o tempo todo.

8- Às vezes jogo algumas peladinhas, jogamos meio misturados, mas acho que jogo oficial, profissional, acho que não daria certo não. Homem tem muito mais força física que a mulher, mais explosão, mais agilidade, mais habilidade, essas coisas todas, então homem com homem e mulher com mulher.

9- Depende muito, acho que é um problema também, você tem dois irmãos, ver brincando é diferente, mas eu aconselharia, sim o futebol ou outro esporte.